OS

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES.

I.

OS

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES.

I.

L'histoire n'a point de partie plus agréable et plus instructive que la vie particulière des grands et vertueux personnages qui ont fait figure distinguée sur le théâtre du monde.

VICTOR COUSIN.

PARIZ. — NA IMPRENSA DE HENRIQUE PLON, IMPRESSOR DO IMPERADOR,
rua Garancière, 8.

OS

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES

POR

J. M. PEREIRA DA SILVA.

1-2

TOMO PRIMEIRO.

PARIZ

LIVRARIA DE A. FRANCK, RUA DE RICHELIEU, Nº 67. | LIVRARIA DE GUILLAUMIN ET Cᵉ RUA DE RICHELIEU, Nº 14.

1858

Á

S. M. O SENHOR DOM PEDRO II,

IMPERADOR DO BRAZIL.

PREFACIO.

No anno de 1847 publicámos no Rio de Janeiro o Plutarco Brazileiro. O acolhimento que teve do publico, e o facto de haver-se esgotado quasi inteiramente a primeira edição, da qual entretanto se extrahira grande copia de exemplares, moveram-nos a dar á luz uma segunda edição correcta e muito mais augmentada. Para melhor levar a effeito semelhante designio attendemos ás analyses e criticas judiciosas, que tiveram a bondade de dirigir-nos varios distinctos escriptores. Não passáva de um ensaio aquella obra, e carecia realmente de desenvolvimentos mais amplos, de mais profundos estudos, e de mais acuradas pesquisas sobre a historia e a litteratura do nosso paiz.

Entregamo-nos com toda a dedicação a este trabalho. Tomou porém proporções tão vastas, e recebeu melhoramentos tão consideraveis, que pode-se dizer que adquirio physionomia de novidade. Julgámos assim conveniente preferir áquelle primeiro titulo outro mais regular e adaptado, e que mais propriamente o caracterisásse.

Conservámos a formula biographica por que havia merecido geral approvação; seguimos porém nas biographias a ordem chronologica, que harmonisáva melhor com o desenvolvimento historico que n'ellas admittimos, e que nos parece dar-lhes um verdadeiro realce.

A mais tempo que desejaramos continuar a offerecer ao publico o tributo e homenagem de trabalhos litterarios que costumavamos prestar-lhe, e que tão benevolamente elle recebia. No espaço porém que decorre depois da ultima publicação que effectuámos, tantos acontecimentos embargaram ou modificáram a nossa existencia e intenções, que força foi deixar passar o tempo, e esperar occasião mais azada.

Arrancou-nos a politica ao descanso feliz das lettras para nos atirar nas luctas do parlamento e nas fadigas da administração publica.

Como o viajor que regressa para o seu lar, e volve para os seus antigos costumes, abraçámos de novo a carreira litteraria, entregamo-nos a ella de corpo e alma, e esquecemos as tormentas e procellas que por tanto tempo nos molestaram.

Oxalá obtenhamos do publico o acolhimento e indulgencia que soia dispensar-nos!

Pariz, 1 de janeiro de 1858.

EXTRACTOS

DE ALGUMAS ANALYSES QUE SE FIZERAM AO PLUTARCO BRAZILEIRO.

O Plutarco Brazileiro é um monumento triunfal; é uma obra de longo folego, que ganhará de dia em dia novas perfeições, novos tóques de remate com o andar dos annos, com a colheita dos factos, com o engrandecimento do numero, e com a perfeição e a madureza que o tempo estampa em todos os trabalhos historicos. Este livro brindado ás lettras do paiz terá longa duração, e augura ao seu auctor uma nomeada duradoura, si elle durante a sua vida o for retocando, e ampliando como convêm : um erro estampado é um veneno que se lança á posteridade; é um ponto falso de projecção no perimetro da historia; e toda a humanidade é desviada da senda da verdade, logo que os idealistas ou historiadores falsificam os acontecimentos.

ARAUJO PORTO-ALEGRE.

A ordem chronologica, estylo mais grave, e menos espirito de nacionalismo nas comparações dos nossos poetas com os poetas estrangeiros, talvêz dêssem ao Plutarco Brazileiro um merecimento de mais. Entretanto, ainda quando esta

simples observação se resolvesse em uma censura, nem por isso o magnifico livro do senhor doutor Pereira da Silva seria menos digno de aceitação e elogios.

J. J. da Rocha.

É o Plutarco Brazileiro uma das obras litterarias e historicas mais importantes da epocha : mas á respeito do plano geral, parêce-me que melhor adaptáda seria ás biographias a ordem chronologica.

Ferdinand Denis.

O Plutarco Brazileiro é um trabalho que honra á seu auctor : tem os dous requisitos essenciáes, grande licção historica e critica apurada : si alguma cousa ha á extranhar n'elle, é talvêz o excessivo colorido do estylo : sua animação e vivacidade passa muitas vêzes á ser poesia apaixonada.

F. Octavianno.

O Plutarco Brazileiro, escripto em uma linguagem fluida e eloquente, é um ricco e precioso thesouro de erudição e talento : o auctor com a mais profunda e inteira consciencia falla da litteratura e da historia : contorna com mão de mestre o vulto

das personagens, e reveste-as com uma roupagem classica e brilhante : si fôr admittido em uma nova ediçaõ, que de certo terá, o sistema chronologico nas biographias, o nome do escriptor benemerito ficará ligado á patria, como o busto de Pombal ao grande pedestal da estatua de Dom José I° de Portugal.

RODRIGO PONTES.

INTRODUCÇÃO.

É novo, e muito novo o Brazil. Deve-se ao accáso o seu descobrimento. Navegava para as Indias Pedro Alvares Cabral, com o fim de proseguir na empresa que encetára Vasco da Gama, na sua famosa viagem de 1497 e 1498, quando, arredando-se das calmarias da costa da Africa, e tomando ao largo para o Oeste, avistou, no dia 22 de abril de 1500, uma terra desconhecida, e della se apossou, em nome d'ElRei Dom Manuel de Portugal.

Deu-lhe o feliz descobridor o nome de Vera Cruz, que se trocou posteriormente pelo do Brazil, por que é hoje o paiz geralmente conhecido.

Conta assim actualmente tres seculos e pouco mais de meio de existencia.

Hordas de selvagens, inimigas umas das outras, si bem que procedendo quasi todas do mesmo tronco; fallando differentes dialectos ainda que em geral derivados da mesma origem; bravios, ferozes e errantes uns, devorando os inimigos que apanhavam nas correrias e guerras, e até seus pro-

prios amigos e parentes, logo que se finavam : tranquillos e mansos outros, praticando o cultivo das terras, e formando accampamentos ou aldeias, que pouco tempo duravam; dirigidos por chefes que escolhiam, ou entregues á providencia; pela maior parte tribus nomades, sem a mais pequena ideia de religião, de sociedade, e nem de familia; erão estes os habitantes da terra que á Cabral deparou a fortuna, para que um nome honroso ganhásse na historia.

Questionna-se sobre a litteratura que poderiam possuir os indigenas do Brazil, e o gráu de civilisação á que teriam attingido.

Curioso é de certo semelhante estudo : para uma historia geral do paiz deve constituir o necessario prefacio. A base porém d'ella é o descobrimento, a posse, a colonisação, as instituições, e a civilisação, que introduzio o povo conquistador na terra da qual se apossára.

Sumio-se grande copia dos indigenas nos desertos interiores, preferindo a liberdade e independencia no meio das florestas á uma liga com os Portuguezes, por meio de aldeiamentos, e adopção de novos usos e de uma religião que não concebiam. Trucidaram-se outros nas proprias luctas civis, nas guerras e emboscadas contra os invasores, e no captiveiro, á que eram arrastrados muitas vêzes, e no qual facilmente se finavam.

Aquelles, que se uniram lealmente, desappare-

ceram no seio da raça conquistadora, e perderam as tradições e costumes de seus antepassados.

Não somos dominados pelo espirito dos que tomam as dôres pelos gentios, e a defesa de sua causa contra os Portuguezes.

É poetica de certo a existencia nomade d'esses desgraçados, que nasciam, viviam, e morriam, de tudo descuidados; dormindo ao balanço da rede que penduravam da primeira arvore que lhes deparava o accaso, ou amarrada na enfumaçada taba (1); comendo o que a sorte da caça lhes offerecia em caminho; usando de burlescas solemnidades para, no meio de festins e dansas, devorar os prisioneiros que logravam nos combates ou emboscadas; reunindo-se á sombra da palmeira, ao murmurio da cascata, ao sibillar do vento pelas folhas das arvores, para ouvir o ruido dos chocalhos, que formava agreste concerto com os canticos tradicionáes, que echoavam os seus anciões.

Para nós, porém, lucraram os gentios que se cathequisáram e se civilisáram : é nossa sympathia antes pelo povo conquistador, do qual principalmente descendem os Brazileiros, do que pelas tribus selvagens que habitavam o paiz na epocha do seu descobrimento.

Achou-se Portugal ao mesmo tempo senhor e possuidor dos immensos territorios do Brazil, da Asia e da Africa, que os seus prestimosos navegantes haviam descoberto.

Constituiam os Portuguezes o povo menos numeroso, e o mais heroico e aventureiro da epocha. Em menos de meio seculo avassalaram a melhor parte da Asia, quasi metade d'Africa, grande copia de ilhas espalhadas por todos os mares, e a mais bella e vasta porção da America meridional.

Tinham infelizmente muito por que dividir a sua attenção, e qualquer que fosse o valor e denodo dos seus militares, a audacia e arrojo dos seus marinheiros, e a pericia e ambição dos seus chefes; qualquer que fosse o nome e gloria que haviam já adquirido, no mundo inteiro, e que os fazia gerálmente temer por terra e por mar, não podiam olhar com attenção egual, e tratar, com o mesmo cuidado, á tantos continentes que lhes foram cabendo pela sorte das armas, e pela fortuna espontanea do accaso.

Mereceu-lhes a Asia, e com razão lhes devia merecer mais acurado empenho : havia na Asia civilisação, riqueza, industria, sociedade, povo, e governo; nem os grupos de pretos nomades da Africa, e nem as hordas de gentios errantes da America, tinham direito de concorrer com a Asia para lograr da metropole commum identicos cuidados.

Nos gloriosos combates d'Asia illustravam-se os guerreiros portuguezes : encontravam emfrente á si Turcos, Arabes, e Egypcios, que acudiam em soccorro dos indigenas. Conquistavam cidades como

Goa, Malacca, Damão e Meliapor. Venciam os reis de Ormuz, Melinde, Achem, Cambaia e Mombáça; levantavam as fortalezas de Calicut, Granganor, Diu, e Ternate; creavam importantes arsenáes; exercitavam suas esquadras e seus marinheiros; monopolisavam o commercio das fabricas de alcatifas da Persia, e de sedas da China; apoderavam-se da prata do Japão, do cravo das Molucas, da pimenta e gengibre de Malabar, da camphora de Borneo, do ambar das Maldivas, dos rubins do Pegú, das tecas e couramas de Cochim, das perolas e aljofaras de Manar, dos diamantes de Mussulapatão, e da canella do Ceilão; enriqueciam Lisboa e a Europa, e faziam da capital do pequeno reino da Lusitania o emporio mercantil do mundo, feixando as portas da navegação do Oriente a Genova, a Veneza, e ao Egypto.

Apenas appresentava-lhes a America um paiz novo, proprio para tudo que d'elle exigissem o trabalho e a industria do homem; povoado de barbaros, que se não battiam em combates francos e leaes; que unicamente soïam fazer trahições, e armar ciladas, por que não podiam resistir com suas flechas e tacapes (2) á espingarda e á baionnetta dos Europeos : eram os conquistadores obrigados a levantar casas, crear povoações, plantar a terra, e emfim tudo crear, e tudo fazer de novo, sem que de seus feitos, quaesquer que fossem, renome ou gloria alguma lhes proviesse.

Não admira assim que ficásse o Brazil esquecido por mais de trinta annos, depois do seu descobrimento, aportando apenas aqui ou ali, n'esta ou n'aquella enseada, um ou outro navegador que ou vinha de proposito explorar as suas costas, como Christovam Jacques, Gonsalo Coelho, Martim Affonso de Sousa, e Americo Vespuccio; ou as avistava seguindo viagem para a Asia, como Affonso de Albuquerque, Tristão da Cunha, e João da Nova; ou alguns aventureiros, como Jorge Lopes Bixorda e Fernão Lopes, que buscavam o tracto do páu brazil, de que abundava o paiz, e fôra o primeiro genero de escambo e commercio que se praticou nas suas plagas.

Nem justamente podemos antepôr aos Portuguezes o comportamento da Hespanha em relação ás suas conquistas do Perú, Mexico e Guatimala, que tratava por outra maneira.

Além de que encontrou a Hespanha povos mais civilizados nos Aztecas do Mexico, nos Incas do Perú, nos Araucanos do Chile, e nos habitantes dos territorios incluidos entre o rio Orinoco, e o imperio de Montezuma; deparou com cidades como Mexico, Cuzco, Tlascala, e Quito, e com monumentos como Mitla, Palenque, Uxmal, Pachacamac e Chapoltepec; e descobrio riquezas immensas de ouro, prata, e pedras preciosas, que para ella equivalliam á fortuna que tirava Portugal das suas possessões da Asia; accrêsce que não tinha

a Hespanha conquistas tão espalhadas pelo mundo como o pequeno reino dos nossos antepassados.

Sómente depois de alargado e firmado o seu poderio na Asia com as victorias de mil importantes cidades, e com o governo de homens eminentes, como Dom Francisco de Almeida e Affonso de Albuquerque, é que começou ElRei Dom João III a cuidar no Brazil, e commetteu a sua colonisação á alguns velhos guerreiros e servidores, com os quaes repartio as suas terras, como em donatarias, concedendo-lhes cartas, foráes e previlegios, que lhes asseguravam hereditarios feudos nesta nova parte do mundo, tomando assim verdadeira posse d'ella contra as tentativas da Hespanha, que já a havia feito visitar por alguns dos seus navegantes, e anciava annexa-las ás colonias que formára na America.

Começáram os donatarios a povoar o continente Brazilico : Martim Affonso de Sousa, Duarte de Albuquerque Coelho, Vasco Fernandez Coutinho, Francisco Pereira Coutinho, e varios outros, fundáram cidades nas melhores enseadas, aqui Sam Vicente, adiante Victoria e Porto Seguro, acolá Ilheos e Bahia, e mais além Olinda, e á proporção que se forão entranhando pelo interior, levantáram e formáram engenhos de cana e assucar, arraiaes e povoações, com o fim de segurar e firmar o seu dominio.

Tiveram que sustentar luctas e luctas renhidas não sómente contra os gentios, senão tambem contra

os Francezes, e outros povos europeos, que lhes invejavam a conquista, e procuravam arrancar-lha derramando corsarios por todos os mares limitrophes.

Apesar dos esforços dos donatarios, não andaram as cousas á contento do soberano; não tinhão elles bastantes forças, e nem dispunham de meios sufficientes para se sustentar, e fazer prosperar os seus estabelecimentos. Em 1549 julgou ElRei conveniente chamar tudo á Corôa, indemnizando os proprietarios, abolindo as donatarias, e creando um governo seu em todo o paiz, com a centralisação da acção e unidade da administração publica nas mãos e attribuições de Thomé de Sousa, nomeado primeiro capitão e governador geral do Brazil.

Tornou-se capital do novo estado a cidade da Bahia : para o Brazil corriam e emigravam então os Portuguezes, não atraz de ouro ou pedras preciosas, por que sómente mais de um seculo depois é que se descobriram as riquissimas minas que encerra o seu solo (3), e sim no intuito de commerciar no algodão, páu Brazil, ambar, canafistula, ipecacuanha, copahiba, e outras producções naturaes do paiz; ou de conseguir sesmarias de terras, cultivar a cana, e fabricar o assucar, industria que se aclimatou perfeitamente, e com espantosa celeridade se propagou por quasi todo o continente Brazilico.

Era n'essa epocha immensa a pobreza em Portugal, e a população superior a que podia conter e

manter o territorio por mais fertil que fosse. Em vêz de quebrar arnezes, e trocar vidas com infieis nos campos de Tunes, Fez, Marrocos, e Trudante, melhor lhes ia parecendo, e na verdade mais acertado era, mudar de terra, e procurar novas plagas, e novos climas, aonde vivessem á sombra das mesmas leis, fallando a mesma lingua, e obedecendo ao mesmo soberano.

Seriam porem ineficazes os meios da força applicados aos indigenas e escassa a tendencia da emigração dos Europeos, si não estivesse a epocha eivada do espirito e enthusiasmo religioso; continha Portugal grande copia de conventos, aonde se apinhavam sujeitos, que na vida solitaria de claustro procurávam devoções misticas, e estudos theologicos; esmeravam-se os reis em favorecer e dotar estes estabelescimentos, por que guardavam a sciencia, apurávam a religião, e davam ao mundo os sabios, e á elles os conselheiros e confessores.

Dos claustros partio a voz de marcha para o Brazil. Com os religiosos, que contavam conseguir por entre o gentio vasta sementeira para o catholicismo, e que de antemão se alegravam de chamar á luz da razão, e ao gremio da Igreja, tantas almas perdidas, seguiram muitas familias, que arrastava um semelhante exemplo.

Mais ou menos concorreram quasi todas as ordens monasticas para os trabalhos da cathequisação dos indigenas do Brazil.

Primáram porem entre ellas os socios da Companhia de Jesus. Impossivel é descrever os feitos memoraveis e milagrosos mesmo, que no Brazil praticáram os Jesuitas.

Battiam-se e affugentavam-se as hordas de tribus barbaras, que pareciam sumir-se, mas que reappareciam repentinamente, á um grito de guerra solto nos bosques; levantavam-se casas, ou arraiaes, que eram inopinadamente reduzidos á cinzas por uma annuvião de selvagens, que os assaltavam, e que comsigo carregavam os prisioneiros, para os comer e devorar nas suas festas.

Nada havia de estavel e seguro qualquer que fosse a força physica; nada se firmaria, á não apparecerem os admiraveis filhos de santo Ignacio, que se devotavam aos perigos, aos martyrios, e á morte, com o semblante risonho, tranquillo o espirito, evangelica resignação, e sobrenatural coragem.

Abria-se com a espada o caminho das brenhas; atravessavam-se com a lança as alcantiladas montanhas; venciam-se á força as torrentes e os caudalosos rios; e ahi, para plantar a Cruz do Calvario, apparecia sempre um Jesuita, e so a victoria da palavra, e da persuasão que lhes era exclusiva, tinha mais valor para firmar a conquista mesmo material, do que os triumphos dos soldados, manobrando o gladio, e dardejando a morte.

Consistiram seus primeiros trabalhos em accommodar os gentios com os Portuguezes, em chama-

los á paz e concordia; para conseguir este resultado atiravam-se audaces no meio dos desertos; avançavam inermes para as tribus anthropophagas; pregavam-lhes a religião; incitavam-lhes os brios; e foram alguns atravessados pelas settas mortiferas; outros soffreram martyrios desusados; lográram porem muitos a victoria espantosa de converter essa infeliz gentilidade, e a fortuna de voltar para o meio dos Portuguezes, accompanhados de multidão de gentios, que ao Padre obedeciam, como si fôra um Deus, e que á sua voz formaram aldeias, trabalhando com os missionarios na edificação das casas e da igreja, ganhando-se assim para a sociedade, e para o catholicismo.

Que palavras podem glorificar o sacrificio do Jesuita missionario, que gasta a sua vida na aspereza das brenhas, de pé no chão, dormindo sobre a terra, sustentando-se com raizes e fructas silvestres, correndo de tribu em tribu de barbaros, exposta continuadamente a vida; ou expira emfim nas torturas do supplicio sem espectadores, sem applausos, obscuro, e isolado; e tudo para remir da condemnação eterna alguns selvagens desconhecidos, chama-los á obediencia dos reis europeos, e augmentar os estados e o dominio d'estes?

E apóz a cathequisação, que trabalhos com os indigenas, e que luctas com os proprios Portuguezes! A quelles serviam de medicos do corpo e d'alma, de pais e de protectores; d'estes comba-

tiam os vicios, os crimes, e as tentativas de reduzir á escravidão os gentios, que encontravam e apanhavam, entretendo assim o odio da raça, e conservando a guerra ceifadora e mortifera. Eram os padres com suas proprias mãos que derribavam e carregavam aos hombros as arvores que affeiçoavam; amassavam e collocavam a taipa, e construiam a igreja, dando por este modo a todos, que os viam e admiravam, o exemplo do trabalho e da resignação. A pericia das armas, a audacia das invasores, a tactica dos Europeos, ganhavam terras, edificavam povoações, estabelesciam o dominio do seu soberano; a brandura e a eloquencia dos religiosos, a sanctidade da vida, que professavam, as cathequisações que conseguiam, o zelo, a devoção, e os exemplos que praticavam, conciliavam os gentios com os Portuguezes, e faziam abraçar a sancta religião de Christo por numero immenso de infelizes, que antes a não conheciam, segurando assim a posse do paiz que haviam os Portuguezes conquistado.

Foram os mais affamados missionarios do Instituto de santo Ignacio na India o Padre Francisco Xavier, ao depois canonizado pela Igreja Romana; e no Brazil, os padres Manuel da Nobrega e José de Anchietta : são estes os vultos de mais colossáes proporções que figuram no edificio da Companhia, na qual todavia rivalisavam todos os irmãos em dedicações, prestimo, e sacrificios.

O grande apostolo das Indias extasiou com suas

exquisitas virtudes, suas acções portentosas, e suas victorias immensas, as Indias, Moçambique, Zocotora, Coromandel, Meliapor, Moluccas, Melinde, Ceylão, Ternate e Japão; ás portas da China, diante de Sacham, findou seus dias gloriosos, depois de converter setecentas mil almas, pobres e humildes, rajahs, principes, reis e imperadores, que todos o ouviam e attendiam, nas choças miseraveis do pariá, e nos palacios cosidos com ouro, e brilhantes de pedrarias.

Como São Francisco Xavier ganháram renome José de Anchietta e Manuel da Nobrega, pelas conquistas espirituáes, e sacrificios enormes, que praticaram em todo o continente americano do dominio portuguez. Foi Nobrega um heróe de virtudes selectas; mereceu Anchietta o titulo de apostolo do Brazil, e como o seu companheiro das Indias, deixou-nos escriptos litterarios de merecimento e valor, e morreu entre os infelizes que chamára á Igreja catholica e educára na religião christãn.

Que maiores vocações, que mais extraordinarias e sublimes abnegações se observam na historia antiga e moderna?

Pode-se asseverar, sem receio de contestação, que foram os Jesuitas as vedetas avançadas e sentinellas perdidas da milicia da religião e da civilisação em todos os descobrimentos dos Portuguezes. Para tudo tinham prestimo; commettiam sacrificios de vida, passavam transes amargurados nos desertos,

padeciam frios, fomes e somnos, com o fim de conseguir a unidade da fé, e a solidaridade moral das familias do genero humano, e arrebanhar os corpos e os espiritos dos gentios para as crenças e preceitos da Igreja catholica; trabalhavam com suas proprias mãos no estabelescimento das aldeias, ensinavam a todos, abrindo escolas e collegios, aonde apprendessem linguas, doutrina christãn, leitura, grammatica, e as mais noções primarias dos conhecimentos humanos; baptisavam, casavam, e celebravam os sacramentos divinos, pregando aos ignorantes, e illustrando-lhes a intelligencia; aconselhavam, protegiam, e moralisavam, pelo exemplo e pela acção; deffendiam e sustentavam a liberdade de todos, oppondo-se ás violencias, e fulminando os crimes e vicios que se impregnavam n'essa nova sociedade colonial, composta de elementos tão heterogeneos, que cumpria nivellar e regularisar.

Devem-se aos Jesuitas as primeiras escolas de instrucção que se estabeleceram no Brazil; foi obra d'elles o reconhecimento legal da liberdade dos gentios que proclamáram os monarchas portuguezes : conseguiram com os seus conselhos, as suas exhortações, e as denuncias, que davam á corôa, que se não manchassem os nomes dos chefes portuguezes com violencias, crimes e atrocidades, como as que commetteram contra os miseros indigenas da America Hespanhola os Bovadillas, Almagros, Pizarros, e Velasquez, de execravel memoria.

E prima ahi uma distincção notavel entre as duas nações conquistadoras : si apparêce entre os Portuguezes um Maciel Parente ou Pedro Coelho, que praticam arbitrariedades contra os Brazis do Norte, castiga-os a Corôa, e não passam elles de uma quasi imperceptivel excepção na ordem dos chefes portuguezes; em quanto que inventam os Castelhanos os mais descommunáes supplicios para se alagarém no sangue innocente dos Americanos, e extinguir-lhes a raça, não lhes bastando as caçadas por meio de cães de fila, e o exterminio no meio e fóra dos combates. Diversa é a historia da conquista do Brazil das chronicas sanguinarias do Perú, da Columbia, do Mexico, do Chile, e de Guatemala, aonde quasi nem-um effeito produziam as fulminações de Las Casas, e nem-uma influencia logravam os Jesuitas.

Si bem que decorreu o seculo XVI por entre os trabalhos materiáes de primeiro estabelescimento, e lidas de guerra continuadas contra povos originarios do paiz, e os povos europeos, que ambicionavam a conquista portugueza, notaveis já na historia se fizeram alguns homens nascidos no Brazil, como foram os guerreiros Jorge de Albuquerque Coelho, Dom Francisco Rolim de Moura, e Salvador Correia de Sá e Benavides, o historiador Manuel de Moraes e o poeta Bento Teixeira Pinto. Perdera entretanto Portugal, em 1580, a sua independencia, e accurvou-se ao sceptro e jugo de Felipe II da Hespanha : em quanto soffreu a mãi patria o duro cap-

tiveiro dos sessenta annos, padeceram todas as suas colonias, pelo abandono em que cahiram, começando a rehabilitar-se e a progredir depois que a Casa de Bragança se apossou da corôa e trono de Portugal, e encontrou n'as que ainda lhe restavam appoio e sympathia para o movimento revolucionario de 1640.

Foi de então em diante que as armas, as lettras, e as sciencias ganháram terreno no Brazil; verdade é que por vêzes estremecia o governo da metropole ao espectaculo que espontaneamente se desenvolvia na sua conquista, e oppunha aos seus progressos medidas impoliticas, como eram a do alvará de 27 novembro de 1662, que prohibia aos extrangeiros de navegar para o Brazil fôra das réaes armadas; a do alvará de 27 de novembro de 1684, que vedava entrada nos portos extrangeiros da Europa aos navios sahidos do Brazil; a da lei de 8 de fevereiro de 1711, que não admittia nas colonias negocio com extrangeiros; e a do decreto de 20 de fevereiro de 1711, que impunha fiança de cinco crusados á todo o extrangeiro que, mesmo nas frotas portuguezas, quisesse embarcar-se e fazer viagem para as possessões americanas.

Appresentam os annáes portuguezes do seculo XVII nomes de prégadores, guerreiros, poetas, litteratos, e politicos, que tiveram seu berço no Brazil, e que primarám na terra que produzira Camões, Corte-real, Ferreira, Vieira, Fernão-Mendes, João

de Barros, João de Castro, Mendes Pinto, Duarte Pacheco, e tantos outros homens de estado, navegantes, militares, jurisconsultos, e poetas, que não têm inveja a nem-uma nação do mundo mais populosa e ainda mais civilisada.

Percorram-se as paginas das chronicas coloniáes da Inglaterra, das possessões francezas, dos dominios hespanhões e hollandezes, e com excepção unica do Mexico e Perú, nem-uma colonia europea offereceu, logo ao principio uma tão rica e opulenta lista de seus naturáes, que se celebrisarão, como o conseguira o Brazil; e estas mesmas conquistas hespanholas da America, si bem que mais cedo comecem á produzir homens notaveis, pelo cuidado e cultivo que lhes deu a Mãi Patria, foram, do seculo XVII em diante, excedidas pelo Brazil, que tende á fulgurar com mais subido esplendor, mais puro, e maior brilho.

A eloquencia e a philosophia, tão realçadas pelo grande Antonio Vieira, que extasiava com sua magica palavra os habitadores de Portugal, de Roma e do Brazil, teve interpretes dignos do mestre, e que a aura aquecida do solo americano bafejára ao nascer: apóz as expressões de fogo que sahiam dos labios do Jesuita tão justamente celebrisado, merecem ainda attenção, e tem elevado preço, a sciencia e oratoria do Padre Manuel de Macedo, de Antonio de Sá, de Antonio Pereira, de Angelo dos Reis, de Frey Francisco Xavier de Santa Theresa, e de outros

tantos talentos brilhantes que não serão esquecidos pela posteridade, e formam parte da gloria litteraria do Brazil e de Portugal.

Nas sciencias historicas, moráes, e theologicas, notam-se com ufania Frei Vicente do Salvador, Sebastião da Rocha Pitta, Padre Prudencio do Amaral, e José Pereira de Santa Anna.

Durante o seu dominio no Norte do Brazil, estudáram os Hollandezes a historia natural; procuráram promover a instrucção, fundando a primeira officina typographica, que appareceu na terra de Santa Cruz; quando expellidos do territorio que tanto ambicionavam, e cuja conquista lhes arrancáram as victorias de André Vidal de Negreiros, de Mathias de Albuquerque, de João Fernandes Vieira e de Antonio Fellipe Camarão, um Brazileiro comsigo levaram para a Europa, Jacob de Andrade Vellosino, que lá ganhou nomeada como medico distincto e naturalista, digno discipulo de Pizon e Margraff, e si bem que longe da patria viveu e morreu, sem deixar-lhe uma saudade nas obras que escrevêra, não poderá ser nunca por ella esquecido.

Foi a poesia o ramo em que primaram, e primarão sempre os povos dos paizes aquecidos pelo sol dos tropicos, que parêce infiltrar na atmosphera inspiração de fogo. É a poesia uma fonte perenne de delicias, que brota no Brazil. Faz a natureza poetas aos Brazileiros, inspira-os ao balbuciar a primeira palavra; as arvores colossáes, e ao mesmo tempo

tão magestosas, as flores multiformes e perfumadas, que matizam os bosques e os campos; as aves de tão variadas côres, e tão exquisitos feitios; os rios, as cascatas, as montanhas, e os prados; e o mesmo limpido céo, que, como manto azul claro, os acoberta; a mesma atmosphera pura, suave, e doce, que lhes sorri desde a infancia, e alegre e prazenteira os vivifica, e ampara em todas as estações e tempos; e o oceano magestoso, que se estende pelas suas arenosas e alvadias praias, chora e brinca, gême, e folgueia; tudo emfim lhes aquêce a imaginação, lhes elêva o pensamento, lhes exalta o enthusiasmo, e lhes abre as azas aos vôos do espirito, soberbo filho do céo, que purifica e divinisa o homem.

O que pena é, e lamentamos de coração; o que não podêmos declarar sem sentimento profundo de dôr; é que os poetas colonos, em vêz de desprender suas vozes livres como a aragem folgazona do vento, em vez de largar os vôos á sua imaginação inspirada, como as cadeias ao prisioneiro, em vez de com o pensamento percorrer esse mundo novo, todo de grandeza e magestade, todo de imagens e de phantasia, esse mundo que o céo puro, como a pura virgem, abria aos olhos do filho do paiz; não passavam infelizmente de copistas imitadores dos vates lusitanos, e celebravam antes os amores cavalheirosos dos galhardos Portuguezes, seus combates e suas lidas de guerra em outras terras, do que as bellezas naturáes do Brazil, e os

factos immensos e memoraveis, que n'esta colonia se praticavam.

Entretanto as lidas e combates de guerra, que elles descantavam, os arnezes de ferro, os pesados e fortes escudos; os elmos e capacetes, rijos como o bronze, e sobre os quaes battiam emvão as espadas e as lanças, que se desfaziam em pedaços; as fermosas justas e torneios, que tanto enthusiasmavam então os filhos do Brazil, não pertenciam de certo á sua historia nacional; eram cousas d'elles conhecidas apenas pelas tradições e contos : e esqueciam os combates pittorescos das tribus dos gentios, as mães que fugiam aos inimigos, carregando ás costas a familia toda; as habitações frageis e moventes, que se erguiam por toda a parte, ao clarão dos astros, ao brilhantismo da lua, ás sombras da palmeira; os cocáres multicores, que denunciavam a destreza dos braços, e a flexibilidade dos arcos; suas vestes recamadas de pennas de mil passaros incognitos, que as flechas haviam derribado; as dansas extravagantes em torno de fogo, que os animava e inspirava; e a coragem socegada de homens, que vêm morrer a seu lado, ao som de um estoiro, que desconhecem, os pais, filhos e amigos, e sem esperança de victoria, e antes com intenção firme de preferir a morte ao captiveiro, avançando para ella, e entregando-se ás espingardas dos Portuguezes! Não haveriam n'este quadro mais inspiração, e muito mais poesia?

Infelizmente tambem de todo se perderam muitas obras, de que nos fallam alguns escriptores, e nomeadamente Diogo Barbosa Machado, na sua estimavel Bibliotheca lusitana, por que nunca permittio o Governo portuguez que funccionassem typographias no Brazil; e a unica que pelo meiado do seculo XVIII ousou estabelescer por sua conta no Rio de Janeiro um Antonio da Fonseca, protegido pelo governador Gomes Freire de Andrade, foi mandáda feixar, por ordem vinda da metropole, apenas lá lhe foi a noticia da sua fundação; e nem a nós chegaram, escapos de olvido, os nomes de todos os Brazileiros que se distinguiram, e que pelas imprensas da Mãi Patria não puderam legar aos posteros os seus escriptos.

Cumpre todavia reivindicar para gloria da patria nomes esquecidos até aqui, e que mereceram as honras e o respeito dos seus contemporaneos, e tem direitos perfeitos á estima dos seus vindouros.

Brilham na primeira linha dos poetas do seu seculo Bernardo Vieira Ravasco, Gregorio de Mattos Guerra, e seu irmão Eusebio de Mattos. Si bem que na segunda plana muitos outros apparecem que são dignos de recordação.

Foi, como é geralmente sabido, o seculo XVIII que deu maior desenvolvimento á civilisação do mundo, pelos conhecimentos encyclopedicos e o derramamento de instrucção, que praticou em todas as classes da sociedade : da França partia todo o

movimento para o resto da Europa, e para as demais nações do globo. Voltaire, Rousseau, Montesquieu, eram os astros brilhantes em torno dos quáes resplandeciam, como seus satellites, Hume, Robertson, Gibbon, Lessing, Wieland, d'Alembert, e Beccaria. Accompanhava Portugal a marcha com Antonio Diniz da Crúz e Silva, Pedro Antonio Correia Garção, Domingos dos Reis Guita, nascidos no seu solo, e Antonio José da Silva, José de Santa Rita Durão, José Basilio da Gama, Claudio Manuel da Costa, Antonio Pereira de Sousa Caldas, e outros homens notaveis, originarios do Brazil.

Seguiram os litteratos brazileiros as mesmas pissadas dos litteratos portuguezes; confundiam-se perfeitamente uns com outros, por que nada tinham de nacional afóra o nome, e o acáso de haverem no Brazil nascido. É fado que até este seculo que ora decorre, tendo o Brazil produzido tantos e tão grandes engenhos, á todos ou á quasi todos se pode dirigir a censura de serem imitadores dos escriptores europeos, e de se não entregarem ao livre vôo de sua romanesca imaginação.

Começava entretanto o Brazil a desenvolver-se e engrandecer-se. Já pesava a colonia na balança, e se avantajava em superioridade ás colonias da Asia, que desde 1580 foram decahindo e desapparecêndo, e ás da Africa, que nunca progrediram. Olhava Portugal para o Brazil, como a sua parte mais importante e necessaria: repetia-se na Europa o seu

nome, e aos antigos capitáes generáes succediam no governo vicereys, e abalisados estadistas, o que demonstra o cuidado que ia merecendo.

Embora fallassem os seus habitantes a mesma lingua, tivessem os mesmos habitos, e adoptassem os mesmos costumes; fossem todos, por assim dizer, da mesma familia, filhos unos dos outros, entrelaçados, unidos por sangue, parentescos e affins; como que todavia o seculo XVIII preparava a separação dos dous reinos; dizia-se já Brazileiro para especificar o Portuguez que nascêra na America.

Não escapou este facto notavel á Dom Luiz da Cunha, diplomata de Dom João V, e nem já anteriormente á elle deixara de ser advinhado por outros distinctos Portuguezes. Dom Pedro da Cunha aconselhou, no seculo XVI, ao pretendente Dom Antonio, que se passasse para o Brazil, creasse um imperio, fundasse a sua côrte no Rio de Janeiro, e d'ahi movesse e sustentasse a guerra contra Fellipe II da Hespanha; o padre Antonio Vieira insinuava, no tempo de Dom Pedro II, a transferencia da côrte para um centro dos Estados portuguezes como meio mais efficaz de oppôr barreiras á desmembração do reino. Pressentira tambem este acontecimento o marquez de Pombal, e tratava por isso ao Brazil no mesmo pé de egualdade que á Portugal; parêce mesmo que sua attenção se dirigia para a cidade de Belem no Pará como a futura séde da monarquia portugueza.

Cahem porem os homens e corre o destino por

cima de suas obras, sem que seja dado á mente humana descobrir e advinhar futuros.

E como olvidáram os nossos poetas e escriptores do seculo XVIII as côres e bellezas da Patria para descantarem côres e bellezas alheias? Como não exprimiam essa ideia ainda em embrião, e que começava já todavia á comprehender o povo do Brazil, como a sua regeneração politica, e a sua futura nacionalidade, quando durante o seculo varias tentativas de independencia nacional apparecêram de que apenas resultáram perseguições para os seus auctores?

Si por um lado temos queixas contra a maioria dos escriptores brazileiros, que só conheciam as aguas do Tejo, do Douro, do Minho, e do Mondego, e as pastoras da Beira, cobrindo tudo com imagens da mythologia grega, segundo o gosto classico do tempo, por outro lado cumpre tambem advertir que lá lhes escapam ás vêzes dos labios conticos nacionáes, como si foram relampagos, e são esses seus mais bellos, e seus mais sublimes canticos; é a reminiscencia do solo natal, que os persegue e angustia, e no meio de suas ficcões se lhes apresenta como phantasma, e lhes inspira um momento de desespêro, mas momento bello e poderoso.

A litteratura brazileira do seculo XVIII foi uma copia da portugueza, como já era esta uma copia da franceza : reconhecem-se porém, atravez do seu prisma, a sua nacionalidade, e a sua origem sagrada.

Em todos os conhecimentos humanos primaram os Brazileiros á par dos Portuguezes : nos escriptos, e em todos os feitos notaveis, uns e outros rivalisáram.

O padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, José Mariano da Conceição Velloso, Manuel de Arruda Camara, Alexandre Rodrigues Ferreira, Francisco de Mello Franco, João da Silva Feijó, Frey Leandro do Sacramento, Manuel Ferreira da Camara Bittancourt e Sá, José Bonifacio de Andrada Silva. e Antonio Nola, illustraram as sciencias naturáes, e contribuiram com seus escriptos importantes, e seus valiosos descobrimentos, para honra e renome seu, e da nação portugueza : pertenceu a maioria d'elles á Academia Real de Historia Portugueza, e á Academia Real de Sciencias de Lisboa, quando substituio áquella; publicaram ambos trabalhos interessantes por elles elaborados, e que se encontram nas collecções das memorias scientificas e litterarias d'esses dous estabelescimentos. Adquiriram brilho as sciencias sociáes e politicas, historicas, philosophicas e economicas, á apparição de Alexandre de Gusmão, João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho, Gaspar da Madre de Deus, Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Dom José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho, José de Souza Azevedo Araujo Pizarro, Manuel Ayres do Casal, José da Silva Lisboa e Antonio de Moraes e Silva.

Tocou a eloquencia a méta do seu apogeo com Antonio Pereira de Sousa Caldas, e Frey Francisco de São Carlos, dignos discipulos dos mais famosos Padres da Igreja.

Ainda não tinha apparecido Lamartine com seus canticos religiosos, seus hymnos de enthusiasmo, e seus suspiros de arrobo mystico, e já um poeta brazileiro, Antonio Pereira de Sousa Caldas, tangia essa corda da lyra moderna. Sua alma grande como o universo, sua imaginação vasta como o pensamento de Deus, e melancholica como o som da harpa no meio da escuridão das trevas, lhe haviam inspirado a poesia sublime do christianismo, e creado um mundo novo de ineffaveis delicias.

Ainda não tinha vindo electrizar os espiritos europeos em favor dos gentios da America o celebre romancista Fenimore Cooper, e já nos seus admiraveis poemas haviam José de Santa Rita Durão e José Basilio da Gama descantado os usos e costumes extraordinarios, a vida e curiosas aventuras dos gentios do Brazil, descortinando aos olhos de todos os combates que entre si travavam, e os que sustentáram contra os Portuguezes, que invadiam as terras por elles occupadas.

E muitos outros como Claudio Manuel da Costa, e Januario da Cunha Barbosa, ao passo que accompanhavam as inspirações dos poetas portuguezes da Arcadia, quasi que não se differençando de Antonio Diniz e de Garção, lá viam todavia luzir-lhes, como

um relampago, uma ideia nacional que se traduzia no poema *Nicterohy*, e no cantico do *Ribeirão do Carmo*.

Foram as possessões asiaticas que ao principio occupáram e absorveram toda a attenção de Portugal. D'ali tirava as maiores riquezas e a maior somma de gloria e de prosperidade. Com o governo dos Fellipes da Hespanha desappareceram de cima das fortalezas da Asia as glorias de Dom Francisco de Almeida, os monumentos de Affonso de Albuquerque, e os trophéos de Dom João de Castro, e de tantos outros illustres guerreiros, que estenderam bem longe o dominio e o nome do seu paiz. Restabelescida a independencia portugueza, nunca mais pode a nação reivindicar dos Hollandezes e outros povos o seu direito de primeiro conquistador e possuidor das Indias.

Durante o periodo de 1560 á 1640 atrasou-se e perdeu tambem muito o Brazil. Acclamado porém Dom João IV de Bragança, ergueu-se elle quasi que por si só; expellio do seu solo os Batavos invasores, e foi exclusivamente a colonia que alimentou a metropole até o momento feliz em que se emancipou e constituio-se imperio novo, collocando sobre o throno americano o filho mais velho do ramo varonil da Casa real de Bragança, e abrindo para si proprio um futuro novo, e uma nova gloria.

Foi durante o seculo XVIII que ao Brazil alguma attenção prestou Portugal; nada mais esperava dos seus antigos dominios da Asia; devia-lhe vir tudo da

America. Deu-lhe então excellentes governadores como Gomes Freire de Andrade, que realizou innumeros beneficios no Rio de Janeiro, em Minas, em São Paulo, e no Rio Grande do Sul; vice-reis prestimosos, com o marquez de Lavradio, e Luiz de Vasconcellos e Souza, que tratáram do cultivo do anil, do café, do canhamo, e da coxonilha, e coadjuvaram associações e individuos para o desenvolvimento da industria e das sciencias; logrou porém em compensação riquezas immensas e um vasto commercio, que assoberbou a metropole, e entre as nações mais importantes do globo lhe conservàva a primasia.

Nem sempre infelizmente praticáram os governos de Portugal o principio da egualdade na sua applicação a todos os territorios da Corôa lusitana. Um ou outro estadista, como o marquez de Pombal, que antevio o futuro, considerava as possessões americanas não como colonias, antes porém como partes integrantes da monarquia da Casa de Bragança. Iscados de injusto, e impolitico ciume, procuravam outros todavia obstar ao desenvolvimento natural do Brazil, ou prohibindo n'elle a fundação de officinas typographicas, quando á muito tempo as possuiam Gôa, Damão, Macáo e o Japão; ou restringindo o numero dos tribunáes superiores no judicario e no administrativo, e obrigando-o por este feitio á procurar todos os recursos no seio da metropole; ou extinguindo emfim todas as fabricas e manufácturas

de ouro, prata, sedas, linho e lãs, com o intento de previlegiar os seus estabelescimentos europeos (4).

Creava-se assim na colonia uma instinctiva tendencia para a emancipação : por vêzes se manifestou ella, realisando actos materiáes, que se malográram, por que tempo não era ainda de dividir-se e desmembrar-se a monarquia portugueza. Quando porém, fugindo da Europa, procurou no Brazil a côrte portugueza um refugio contra as pretenções de Napoleão Bonaparte, que accurvára os seus dominios europeos, mudaram-se de todo as scenas. Metropole tornou-se a antiga colonia. Da liberdade commercial, que concedeu o principe regente aos portos do Brazil, resultou uma independencia de facto, que o direito necessariamente teria de sanccionar. Com a residencia da soberana e da côrte no Rio de Janeiro, adquirio o paiz os costumes e a indole monarquica, que, na sua emancipação, conseguio conservar. Com as luzes e a civilisação, que se lhe internáram por todos os poros, almejou instituições livres, que realizou na sua independencia.

Sob novo aspecto resplandece no horisonte o seculo XIX. É para o Brazil a epocha da independencia e da liberdade. Entre as nações tomou logar, quebrando as cadeias coloniáes que o ligavam á metropole. A vélhas usanças, e a instituições antigas succederam ideias novas e de progresso. Vê por si, comprehende, e julga as cousas. Marcha, e avança com sũas proprias forças, e sente por todos os poros

espraiar-se-lhe a civilisação, que espontaneamente o exalta e engrandêce.

É o seculo da historia, da philosophia, da critica, e das sciencias sociáes e economicas: é a epocha do desenvolvimento material, e das artes; é tambem a era da poesia livre, que presta o seu colorido, a sua elevação, e a sua perspectiva á tudo quanto a rodeia, e se realiza no mundo.

Nascêmos com o seculo XIX, accompanhemo-lo na carreira extraordinaria, que leva, e que tanto o distingue dos seus antecessores.

NOTAS.

(1) Taba é a aldeia, que levantavam os gentios para os seus domicilios transitorios; de tres em tres annos, ou pouco mais, costumavam mudar de sitio, e estabelecer as tabas em outros logares.

(2) Tacape é a grande massa de páu, de que os gentios se serviam como arma, e que os Americanos do Norte chamavam tomahauk.

(3) O primeiro ouro que se extrahio do Brazil foi encontrado na provincia de São Paulo pelos annos de 1686 e 1689. Sómente em 1695 foi ao governador da provincia do Rio de Janeiro, Antonio Paes de Sande, appresentadas as primeiras amostras da provincia de Minas Geraes, que descobriram Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siquiera. As minas da Jaguára, de São Paulo, forneceram o primeiro ouro; as do Serro em Minas offereceram os primeiros diamantes em 1729.

(4) O alvará de 5 de janeiro de 1785 assignado por Martinho de Mello, ministro da rainha Dona Maria I, mandou extinguir no Brazil todas as fabricas de lães, linhos, etc., á pretexto de haver em Portugal eguaes estabelescimentos : parêce que se quiz imitar á Lord Chatham, que era de opinião que nas colonas inglesas da America se não devia permittir fabrica nem-uma.

OS

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES.

SECULO XVI.

I.

JOSÉ DE ANCHIETTA.

I.

No seio do Oceano Atlantico, mais proximas da Africa do que da America, correndo de 26 á 30 gráus de latitude Norte, existem disseminadas, e quasi que symetricamente collocadas, umas vinte ilhas, de todas as dimençôes, e da mais encantadora physionomia. Haviam já sido visitadas pelos Phenicios e Romanos, e perfeitamente conhecidas por Estacio Seboso e o rei Juba. Fazem d'ellas cumprida menção Plinio e Ptolomeu, dando-lhes o nome de Ilhas Afortunadas. Eram seus habitantes considerados descendentes dos Getulos et dos Libyos, que residiam nas costas da Africa, que lhes ficam fronteiras.

Desde que o Imperio Romano desmoronou-se, e desappareceu na noite da edade media, perdeu a Europa o conhecimento d'estas ilhas; decorreram seculos e seculos até que uns aventureiros castelhanos, pelo meiado do anno de 1395, as descubriram de novo. Dom Henrique III, rei então de Castella, denominou-as Canarias, e d'ellas fez doação a um barão da Normandia, chamado João de Béthencourt, para que as lograsse como feudo de sua monarchia.

Teve que sustentar João de Béthencourt continuas guerras contra os seus habitantes: cansado, e exhausto de forças, vendeu, pelos annos de 1416 a 1420, o direito e posse, que sobre ellas conseguira, a Dom Henrique de Viseu, infante de Portugal, e filho d'ElRei Dom João I. Seguiram-se luctas sanguinarias entre os novos conquistadores enviados pelo infante, e os indigenas, que se defendiam valorosamente: vencidos por fim estes completamente, foram compellidos á submetter-se; e o archipelago das Canarias tornou-se, durante o reinado de Dom Fernando e Dona Isabel, indisputavel possessão da corôa hespanhola.

É Teneriffa uma d'estas ilhas, a maior, a mais cultivada e a mais populosa. Distingue-se pela elevação do seu pico, que tem onze mil quatrocentos e vinte quatro pés acima do nivel do mar. A quarenta leguas de distancia, quando o horizonte está sereno e puro, e nem uma nuvem mancha a

claridade do dia, costumam descobrir os navegantes essa elevada montanha, de origem volcanica, que ergue magestosamente a sua cabeça, e some-a nas immensuraveis alturas aonde não alcança a vista humana.

Quando em 1516 tomou posse do throno das Hespanhas Dom Carlos de Gand, neto e successor de Dom Fernando e Dona Isabel, que foi eleito posteriormente imperador da Allemanha, e é conhecido na historia pelo nome de Carlos V, lavrou porfiada sedição em todo o reino que hesitava em aceita-lo como rei. Proscripto, e finando-se na miseria, acabou Ximenes, o cardeal ministro, que, durante o preterito reinado, tanto fizera sobresahir a gloria da Hespanha, quer animando Christovão Colombo nas suas brilhantes expedições, de que tantas vantagens provieram ao mundo, quer expellindo para sempre da Europa os cavalheirosos Arabes, com a reducção do seu ultimo reducto de Granada. Morreu no cadafalso João de Padilla, que á testa dos Communeros ousára attacar o novo monarcha, acabando assim com elle as franquezas de Castella, e a reunião das antigas cortes : emigrou da Hespanha grande parte da nobreza, refugiando-se nos estados visinhos.

Procurou asilo em Teneriffa um Anchietta, de linhagem pura de Guipuzcôa, e de sangue biscainho; pertencia aos communeros, e, como todos os seus companheiros, se exilava da patria. Ali

encontrou repoiso, estabeleceu-se, casou-se, e de suas passadas grandezas se foi pouco e pouco esquecendo; as saudades e memorias são verdadeiras flores, e, como as flores, desbotam-se e murcham.

Em 1533 nasceu José de Anchietta, fructo do matrimonio d'esse communero castelhano com uma indigena das Canarias.

Foi sua educação dirigida por seu pai; desde a infancia recebeu dos labios paternos a instrucção moral e religiosa, que um homem de bons costumes sôe dar, e que sabe receber um joven de indole pura; aprendeu a ler e a fallar a sua lingua, os rudimentos da lingua latina, as explicações da doutrina christã, e alguns visos longes de litteratura tanta quanta possuia um dos mais instruidos fidalgos castelhanos n'aquella celebrisada épocha do cavalherismo.

Revelou desde a infancia talentos brilhantes, e deu motivos ás mais lisongeiras esperanças: perspicaz e engenhoso, aprendia com rara facilidade, e comprehendia perfeitamente cousas que parecem apenas comprehensiveis em edades mais avançadas que a sua; realisava-se n'elle o pensamento philosophico de que o espirito divino dorme na planta, sonha no animal, e vive acordado no homem; sisudo e pensador, ao passo que estudava os livros escriptos pelos homens, folgava de procurar a solidão, de entranhar-se pelos penedos de sua ilha natal, e de abrir o livro da natureza, que contém

de certo muito mais sublimes paginas do que tudo o que é obra humana; ali os seus olhos encontravam o grande e admiravel panorama de um céo limpido e claro; um oceano vasto e magestoso, como a ideia da eternidade; e a terra que se sumia no meio d'elle como um atomo perdido no espaço.

Como não havia de harmonisar-se a sua alma com a natureza, si desde que lhe sôou aos ouvidos o primeiro som da harpa da vida, a grandeza das obras de Deus se lhe manifestou aos olhos? O céo, o mar, e a sua ilha natal pareciam-se tres irmãs, que docemente se abraçavam e se beijavam; ali deparava com todos os esplendores mysteriosos da magestade divina, desde a planta que vegeta, a flor que desabrocha, o fructo que cresce, o passarinho que gorgeia os seus amores, o rio que sáhe da terra, e ao mesmo tempo a rega, e fertilisa, a vaga que murmura sobre o rochedo, e a brisa que enverga os ramos das arvores, até o mais elevado phenomeno da vida.

Leu perfeitamente o velho communero no coração e na intelligencia de seu filho; conheceu a fortaleza de sua alma, e a transcendencia de seu engenho; e a tão preciosas qualidades tratou de dar o necessario desenvolvimento.

Já era então conhecida a universidade de Coimbra, que fôra fundada em Lisboa no anno de 1290 por ElRei Dom Diniz, e definitivamente fixada n'aquella cidade em 1537 por ElRei Dom João III, o qual, refor-

mando-a com novos estatutos, e dotando-a com o melhor pessoal e o mais habilitado do tempo, applicou-lhe rendas sufficientes para que rivalisasse na sciencia com as universidades de Salamanca e Alcala, que gozavam da mais vasta nomeada.

Na edade de quatorze annos foi José de Anchietta enviado por seu pai para a universidade de Coimbra á fim de cursar suas aulas. Nem-um estudante comportou-se melhor na sua vida escholastica : era a sua moral a mais elevada, os seus costumes os mais puros, e a sua religião a mais profunda e sincera; attrahiram-lhe os seus actos universitarios reputação e a estima de seus mestres : admiravam-se geralmente o som harmonioso de sua voz, a delicadeza de suas expressões, a agudeza de seus pensamentos, e a eloquencia de suas praticas.

Tiveram os Jesuitas noticia dos elevados talentos de José de Anchietta; o provincial Simão Rodrigues percebeu quanto ganharia o instituto com a acquisição de um estudante que tanto promettia. Folgava a Companhia de attrahir a seu gremio todas as intelligencias superiores; procurou logo o provincial e tratou de convence-lo que não podia seguir carreira que mais propria e gloriosa lhe fosse do que a da Companhia de Jesus.

Havia ella sido fundada em 1534 por Ignacio de Loyola, Hespanhol de tanto valor pessoal, como de subido engenho : em 27 de septembro de 1540, obtendo do papa Paulo III a bulla *Tangimini mili-*

tantis ecclesiæ, que sanccionava a sua instituição, deu-lhe o fundador a mais feliz e admiravel organisação : constituio-se a Companhia um governo proprio, funccionando espontaneamente : foi a sua séde, capital ou centro a cidade de Roma, residencia do geral, autoridade absoluta e illimitada : era o Pontifice romano o chefe da christandade; era o geral dos Jesuitas o chefe da Companhia : comprehendia a christandade a maior parte do mundo então conhecido; estendeu tambem a Companhia o seu poder e a sua influencia sobre a maior parte do globo, fundando institutos em Portugal, Allemanha, Hespanha, França e Paises Baixos, para o fim de defender o catholicismo contra a reacção protestante, que se levantava, e ia ganhando terreno; e enviando missões a Fez, ao Congo, a China, ao Japão, a Marrocos, e aos demais pontos do mundo que se descobria, no intuito de desenvolver a religião catholica, e augmentar-lhe os proselytos. Tinha o Papa o seu collegio de cardeaes; cercava-se o geral dos seus consultores. Dividia o Papa os seus dominios em arcebispados e bispados; fazia o geral de cada reino uma provincia, á testa de cada provincia collocava um chefe, com o nome de provincial, e que lhe era inteiramente subordinado; dividia-se ainda cada provincia em collegios com seus reitores, prestando obediencia ao provincial. Costumava o Papa mandar syndicar por emissarios de sua confiança os acontecimentos de sua grei,

e o comportamento de seus prelados; nomeava tambem o geral, e quando lhe convinha, padres visitadores, que viajavam o mundo, e lhe participavam todos os progressos da Companhia. Forão n'essa epocha o Papa e o geral dos Jesuitas as maiores potestades da épocha, porque na sociedade preponderava o espirito religioso, como o elemento o mais efficaz d'ella, e ambos os chefes se mostravam movidos do mesmo interesse de sustenta-lo e propaga-lo.

Parêce que não teve infancia a Companhia de Jesus; sahio cheia de força e de vigor das mãos de Santo Ignacio, como sahio o homem das mãos do Creador: veio á tempo proprio para auxiliar a Santa Sé nas luctas que contra ella travára a heresia, e para firmar as conquistas que faziam os monarchas catholicos nas terras que descobriam: possuia em seu seio e chamava a si os maiores engenhos da epocha. Fundava collegios para a educação; abria aulas de instrucção primaria, secundaria e superior, quer para os membros da associação, quer tambem, e gratuitamente, para o povo; soccorria a todos os infelizes e necessitados; pregava por toda a parte obediencia ás autoridades, respeito á lei, amor á religião; pelas affeições, pelas sympathias e pela gratidão, fundava-se a reputação da Companhia, e estendia-se a sua influencia.

A Dom Manuel o Affortunado succedêra em 1522 no throno portuguez Dom João III; foi quem abrio á Companhia as portas de Portugal, e protegeu-a mais

do que qualquer outro monarcha da Europa; deu-lhe pensões do thesouro publico, casas gratuitas para residencia de seus socios, e sendo seu principal intuito obter sujeitos capazes de derramar o conhecimento da religião catholica pelos paizes que os Portuguezes havião descoberto e conquistado, concedeu á Companhia ampla liberdade de enviar as suas missões, fundar os seus collegios, e dirigir o culto e a instrucção publica em todos os seus estados asiaticos, africanos e da America.

Era então a nação portugueza a mais pequena da Europa em territorio, uma porém das mais poderosas pelo seu commercio, navegação, riqueza e dominios coloniáes. Desde que emprehendeu expedições maritimas o infante Dom Henrique de Viseu, e já á sua custa, já á expensas do real erario, conseguiu descobrimentos importantissimos para a corôa e para o paiz; enthusiasmaram-se os Portuguezes por conquistas e viagens, e não contentes com o sorrir da victoria pelas terras dos Agarenos de Fez, Marrocos e Trudante, atiraram-se denodadamente aos mares, e d'entre elles, como feiticeiros, levantaram novos mundos até então ignorados.

Foram por elles encontradas as ilhas da Madeira, Porto-Seguro, Açôres, São Thomaz, Cabo-Verde e Annobom, toda a costa do Congo e Mina; muito além do cabo Bojador, dobrou Vasco da Gama o formidavel promontorio que Bartholomeu Dias avistára pela primeira vez, abrindo assim a seus

compatriotas espantados o immenso e colossal commercio da India. Para completar tão gloriosa collecção de riquezas admiraveis e novas, dotou ainda Pedro Alvares Cabral o seu paiz com o magnifico continente do Brazil, que ao 22 de abril de 1500 inesperadamente descobrira na derrota, que levāva para a India, procurando continuar as conquistas que aquelle feliz argonauta conseguira effeituar.

Por toda a parte tremulou victoriosa a bandeira portugueza; em Gôa, Sofala, Diú, Damão, Ceuta, Tangere, Ceylão, Alzira, Moçambique, Mascate, Melinda, Ormuz, Calicut, Malaca, Sumatra, Borneo, Timor e Java, ao apogeo de grandeza elevaram o nome e o dominio dos Portuguezes a pericia de Dom Affonso de Albuquerque, a ardideza de Dom Francisco de Almeida, e o valor denodado de Dom Duarte Pacheco.

E não importava que esses homens, em cujas veias parecia correr o sangue, e no espirito scintillar o fogo dos heróes de antigas eras, morressem quasi todos abandonados pela ingratidão, ou atirados na maior miseria; era então a terra de Portugal propria de grandes homens; appareciam novos para substituir aos antigos; como as phenix, renasciam heróes das cinzas de outros heróes; e si um ou outro, como Fernão de Magalhães, cansado de perseguições, corria a alistar-se sob estandartes de estranhos monarchas, sobravam os Fernãos Mendes Pinto, os Antonios Galvões, os Gonsalos Mendes Caçotos, os

Joãos de Castro, e os Luizes de Camões, para garantir a lealdade lusitana.

Brilhava e resplandecia por todo o mundo o nome da nação portugueza; e os Jesuitas que, desde sua apparição, tomaram parte indirecta, mas activa, nos negocios publicos, e movidos de zelo apostolico, ardiam de levar aos confins do universo a propagação do christianismo, incitavam ainda o monarcha e o povo para esses immensos descobrimentos, cuja historia conserva ainda nos nossos tempos tanto de poetico quanto de grandioso. Accompanhavam os Jesuitas todas as expedições maritimas, para fundarem ao pé da conquista da espada a conquista da religião.

Como poderia José de Anchietta, alma pura, religiosa, e enthusiastica, recusar-se a pertencer a uma Companhia cuja reputação crescia progressivamente, e cujo fim tão harmoniosamente lhe fallava ao coração? Os Jesuitas o procurarám; entregou-se á Companhia; exigiram-lhe o voto de castidade, deu-o sem a menor repugnancia; impuzeram-lhe o juramento de abandono do mundo e de fidelidade á instituição, prestou-o com toda a sinceridade de sua alma; foi em 1551, e na edade de desoito annos, que entrou José de Anchietta para a Companhia de Jesus, tomando gráu de noviço que era o primeiro do instituto.

Dando-se credito á chronica do padre Balthasar Telles (1), ás historias dos padres Simão de Vascon-

cellos (2), Eusebio de Nurembergue (3), Nicolau Orlandini (4) e Pedro Rodrigues (5), e á vida de José de Anchietta, que do latim de Sebastião Beretario trasladou em castelhano o padre Estevam de Paternina (6), um verdadeiro milagre de Deus foi que convenceu e inspirou o zelo e fervor religioso de José de Anchietta, em occasião em que, passeando pelas alegres margens do Mondego, dirigio seus passos para a igreja da Companhia de Jesus, e, perante seus altares, implorou humildemente que se lhe abrissem as portas d'ella, como as da graça divina, e da sua salvação.

II.

Abrio a Companhia de Jesus os seus thesouros litterarios ao noviço que anciava instruir-se; possuia ella então em Coimbra a casa do Santo Nome de Jesus, que lhe fôra doada em 1542, aonde estabelescêra classes de rhetorica, humanidades, lingua latina, theologia moral, explicação da esphera, e principios de mathematicas; dirigia, além d'isto, o collegio das artes e estudos menores, que lhe confiára ElRei Dom João III, destacando-o do governo da universidade. A eloquencia, a poesia, a historia, as linguas mortas e a theologia, tornou-se tudo em pouco tempo familiar a uma intelligencia tão perfeitamente organisada, como era a de José de Anchietta. Não se contentava porém a Companhia com

os dotes do espirito; queria obras tambem: tinha em seu seio sujeitos os mais instruidos da epocha; exigia que fossem ao mesmo tempo homens dé acção; precisava a Companhia de estender o seu poderio e a sua influencia, correspondendo ás vistas do seu fundador, levantando monumentos em todos os pontos do universo, e preparando homens para tudo, por que sabia applica-los conforme as aptidões e vocação que cada um manifestasse.

Fôra em 1541 enviado para a India o padre Francisco Xavier, que tão importante nomeada grangeou, e cuja vida resplandecente de gloriosos feitos escreveu eloquentemente o padre João de Lucena (7). Apenas centralisou ElRei em 1549 o governo do Brazil nas mãos de Thomé de Sousa, e para ali lhe ordenou seguisse viagem, expediu conjunctamente a Companhia os padres Manuel de Nobrega, João de Aspicuelta Navarro, Leonardo Nunes, Antonio Pires, e dous irmãos mais, para que fundássem collegios no novo dominio da Corôa portugueza, e admittissem no gremio da Igreja catholica os indigenas do paiz, que a bulla do papa Paulo III de 1537 declarára homens livres e racionaes (8). Seguiram áquelles obreiros alguns outros que aproveitando a companhia de Dom Pedro Sardinha, primeiro bispo nomeado para o Brazil, partiram para a Bahia no anno de 1550: eram os padres Affonso Braz, Salvador Rodriguez, Manuel de Paiva, e Francisco Pires.

Enthusiasmaram-se os Jesuitas com as noticias que do resultado d'estas expedições chegaram ao provincial de Portugal, e que por elle foram fielmente transmittidas ao geral da Companhia. Os feitos praticados por seus irmãos entre tribus nomades e errantes de gentios que habitavam o paiz; e os triumphos que alcançavam em prol da religião, attrahindo, com a influencia da palavra, e com a modestia de suas obras, a tantas ovelhas desgarradas do rebanho do verdadeiro Deus; incitavam os brios de ir para o Brazil, e provavam ao mesmo tempo a necessidade de dar-se á Companhia no novo mundo uma organisação mais regular e mais ampla.

Foi por Ignacio de Loyola declarado o Brazil provincia independente da provincia de Portugal, que bem importante já era, e que possuia além das casas do Santo Nome de Jesus de Coimbra, a do Espirito Santo de Evora, e as de Santo Antão e São Rôque de Lisboa, algumas diversas residencias nas cidades de Braga, Porto e Bragança, com já avultado numero de socios: foi nomeado o padre Manuel de Nobrega provincial do Brazil; e ordenou-se que partissem de Portugal e da Hespanha o maior numero possivel de Jesuitas para tão importante missão.

Em 1558 seguio viagem Dom Duarte da Costa, para substituir no governo do Brazil a Thomé de Sousa, que findára seu quatriennio, e se devia recolher a Portugal. Com o novo governador se embarcaram os jesuitas Luiz da Grã, Braz Lourenço,

Antonio Pires, e varios ainda no gráu de irmãos, entre os quaes se contava José de Anchietta, que, ardendo de ambição de passar-se ao Brazil, conseguira dos seus superiores realizar os seus desejos.

Importantes serviços havia Thomé de Sousa, primeiro governador do Brazil, e esforçado cavalleiro das guerras d'Africa e d'Asia, prestado á corôa durante a sua administração : quando, em 1549, chegou á Bahia, achava-se dividido o paiz em pequenos feudos, com o titulo de donatarias; pela maior parte, tinhão sido infelizes os donatarios; perderam uns todas as suas riquezas, outros a sua vida, procurando, no meio de bravias nações de gentios, formar estabelecimentos, que continua e desapiedadamente soffriam de atraiçoeiros combates, e inesperados assaltos dos indigenas : muitos nomes celebres da historia portugueza viram desapparêcer no Brazil a sua gloria, e murchar os seus loiros, tão valentemente colhidos nas guerras d'Asia e d'Africa. Morreram á frexadas Francisco Pereira Coutinho, donatario da Bahia, e Ayres da Cunha, de uma capitania do Norte. Pedro do Campo Tourinho, donatario do Porto Seguro; Vasco Fernandes Coutinho, do Espirito Sancto; Pedro Lopes de Sousa, de Itamaracá e Sancto Amaro; Pedro de Góes, de São Thomé; e João de Barros, do Maranhão, perderam toda a sua fortuna além de muita gente, com que procurâram colonisar as terras que lhes haviam sido concedidas. Martim Affonso de Sousa, donatario da capitania de

São Vicente, e Duarte Coelho da de Pernambuco, foram talvêz os unicos que tiraram proveitos das suas concessões, segurando o seu dominio no solo que lhes coube em partilha.

Eram pequenos estados, sem força para resistir ao crescido numero de gentios, distantes uns dos outros, zelosos uns dos outros, e não se podendo mesmo mutuamente soccorrer : foi lembrança feliz de Dom João III chamar estes feudos á corôa, indemnisando os seus proprietarios, ou successores; centralisar o governo de todo o immenso continente de Santa Cruz nas mãos de um só homem; e assim collocar-se directamento o throno á frente da colonisação do novo estado.

Achou Dom Duarte da Costa unidade e regularidade na administração; encontrou os gentios vizinhos accommodados, e em paz com os Portuguezes, e o governo habilitado para resistir aos attaques d'aquelles que lhe eram infensos; e o que é mais precioso para uma auctoridade, rodeiava-a immensa força moral, que a fazia respeitar de todas as nações brazilicas.

E não fôra este feliz resultado devido unicamente ao valor e á espada; si bem serviam ao governador os soldados e colonos, ganhando-lhe terrenos, e estendendo o seu dominio, os feitos dos padres dà Companhia de Jesus iguaes senão superiores vantagens traziam á corôa lusitana.

Viviam de esmolas os Jesuitas, vestiam-se de

~am descalços, ... Plauto, Teren-
com suas ... as composi-
que ... a inspi-
... res os
gavam se...
gratuitas de inst... m,
officios mechanicos; praticava...
...rurgia; e consolavam e soccorriam os
...lictos colonos nos seus transes amar-

...s nações indigenas erão os padres da Com-
...nia considerados eguáes aos anjos : salvavam
...s gentios, quando alguns Portuguezes os preten-
diam maltratar ou escravisar; atravessavam as vir-
gens mattas, aonde nem o sol nem a lua advinham
caminho; passavam caudalosos rios; iam pousar
nas suas tabas; serviam-se das suas inis (9); assis-
tiam ás suas festas, animadas pelo chocalho sonoro
das suas maraccas (10); praticavam com elles, es-
forçando-se d'este modo por arranca-los a seus bar-
baros costumes, e chama-los ao gremio da religião
catholica, e á união com os Portuguezes.

Dirigira-se Aspicuelta Navarro para o Porto Se-
guro, e lá conciliava os Tupininquins; chamava An-
tonio Pires em Pernambuco á união os sinceros
Taboyaras, os ferozes Caethés, e os valentes Pitta-
guarés da Parahyba; no Espirito Sancto reunia
Affonso Braz os Papanases aos seus compatriotas;
haviam-se estabelescido em São Vicente Leonardo

Nunes e Manoel de Paiva, empregando toda a sua actividade em abrandar os Carijós e Goyannases, vizinhos dos altivos Tamoyos do Rio de Janeiro; na Bahia, o proprio provincial, e os padres Francisco Pires e Luiz da Grã, muito tinham que fazer para conseguir tranquillisar as tribus tupinambás, que tantas queixas tinham dos Portuguezes.

E não era facil tarefa a de conseguir adormecer em animos incultos odios nascidos de affrontas que haviam recebido; tantos mais obstaculos encontravam os Jesuitas, quanto entre os Brazís gozavam os Portuguezes de pessima nomeada pelos seus feitos e traições.

Tinha José de Anchietta vinte annos quando abandonou a Europa, e se entregou de todo ao Brazil; até ali animava-o puro e religioso enthusiasmo; não conhecia gloria maior do que a de fallar ás convicções, e de propagar o christianismo; para consegui-la, tudo deixou; primeiramente trocou o mundo pela vida trabalhosa de jesuita; desamparou depois a terra civilisada da Europa pela terra inculta da America, o commercio dos homens industriosos e instruidos pela pratica de selvagens sem lei e sem Deus; e á seu paiz, á seus pais, á seus amigos, á sua ventura terrestre, á seu repoiso de corpo e de espirito, preferio o serviço de Deus, como objecto que para elle era de valor mais subido.

Quando a seus olhos curiosos descortinou o solo do Brazil todos os seus esplendores, e todos os

seus encantos, contam os historiadores, que se extasiara, e banhado em pranto agradecêra á Deus o haver-lhe concedido a graça de beijar uma terra virgem, á qual pudêsse dedicar todo o seu amor.

Poucos mezes demorou-se na Bahia : já na antiga capital do Brazil havia fundado a Companhia um seminario de instrucção primaria; obreiros intelligentes e decididos o dirigiam; julgou o provincial, que se achava então em São Vicente e ali havia estabelescido um collegio no anno de 1549, que aproveitaria melhor os talentos de José de Anchietta chamando-o para esta capitania, e incumbindo-lhe a tarefa de organisar outro seminario de instrucção mais para o interior das terras, para onde convergisse a população indigena que vivia dispersa e perdida no fundo dos bosques.

Bem tormentosa e difficil foi a sua viagem da Bahia para São Vicente; naufragou o navio nos Abrolhos; depois de inauditos padecimentos, salvaram-se no Espirito Sancto os navegantes; demoraram-se ahi até que outro navio os conduziu ao seu destino.

Chegado á São Vicente, tratou José de Anchietta de cumprir immediatamente a sua missão, correspondendo ás vistas do seu provincial; nos bellos e arejados campos de Piratininga, estendidos em algumas leguas de mares de fermosas planicies, povoados de copadas arvores, retalhados de rios os mais pitorescos, e distantes cerca de doze legas de São Vicente,

formou elle o terceiro collegio regular do Brazil, no anno de 1554; disse-se ahi a primeira missa á 25 de janeiro em que celebra a Igreja a conversão de São Paulo, e foi o logar consagrado ao apostolo d'este nome : ao lado do collegio ergueu-se o novo seminario de instrucção, com aulas de primeiras letras, de grammatica portugueza, das linguas castelhana, e latina, e de doutrina christãa, destinadas não sómente para colonos e mamelucos (11), senão tambem para os gentios que se cathequisassem, e aldeiassem.

Foi José de Anchietta um dos mestres e quasi que o unico; por falta de pessoas que regessem todas as aulas, encarregou-se de ensinar latim, castelhano e doutrina christãa; poucos mezes depois, conhecendo-se habilitado na lingua brazilica, a cujo estudo se déra com toda a força de sua intelligencia, e considerando-a indispensavel para o desempenho cabal de sua missão divina, abriu tambem esta aula. Era excessivo o trabalho; diariamente escrevia José de Anchietta quadernos nas quatro linguas, portugueza, castelhana, latina e brazilica, para mais facilmente levar á comprehensão de seus discipulos as licções que lhes dava; obrigava-os a estudar por estes quadernos, e assim, ao passo que suppria a falta que havia de livros, usava de methodo mais facil de ensino : começou então a escrever a sua grammatica da lingua brazilica, que si bem que curta é hoje ainda considerada a mais completa.

Para melhor fallar á imaginação dos seus discipu-

los, avivando-lhes a curiosidade, incitando-lhes o gosto, e desenvolvendo-lhes o espirito religioso, compunha versos e cantigas, alguns sobre objectos mundanos, tendo sempre por base um fundo de moral; inteiramente religiosos outros, pintando os mysterios do catholicismo; escreveu nas linguas brazilica e portugueza grande numero de dialogos, a que dava o titulo de comedias, e que fazia recitar ou representar nas vesperas do jubileu da festa de Jesus Christo, reunindo todo o povo para presenciar o espectaculo : estes dialogos pintavam a immoralidade e vicios d'aquelles habitantes, que não tinham querido até ali reformar os seus costumes, e cuja correcção pensava elle conseguir por este modo.

Pesando-os na balança da illustração moderna, de certo que outro não póde ser o seu merecimento afóra o fim religioso e moral a que se dirigiam; tendo-se porém em consideração não só a epocha, senão tambem o logar remoto em que foram escriptos, muito ha que admirar no engenho do seu auctor.

Havia sido imaginada a imprensa á pouco tempo : importou este invento em uma verdadeira revolução para os espiritos. Dissipáram-se as trevas, que cobriam o mundo : espalháram-se as obras antigas, tão preciosas sempre; leram-se as composições admiraveis dos Padres da Egreja, que no seu tempo haviam resplandecido com tamanho brilho : o que se havia escripto começou a tornar-se accessivel á todas as intelligencias, e não unicamente ás pessoas

ricas ou ás communidades, que a preço elevado d'ouro compravam as copias.

Foi no anno de 1470 que na cidade de Leiria se estabeleceu a primeira typographia de Portugal. Lisboa aceitou e admittio a imprensa em 1481, e Braga em 1484 : os Hebreus ao principio, depois os Allemáes e Italianos, do meiado do seculo XVI em diante, a propaláram e generalisáram, fundando em Coimbra, e outros logares, officinas identicas ás da capital do reino.

A civilisação aspirava raiar; tinha porém ainda muitas luctas á emprehender; cumpria-lhe internar-se no espirito religioso da epocha, e no cavalherismo dos costumes que predominavam, para conseguir por fim collocar-se á frente da sociedade, e então encaminha-la, e dirigi-la.

Quasi que ignorada era a arte dramatica, si bem que Juan de Encina e outros engenhos a cultivassem nas Hespanhas antes que lhe désse algum lustre em Portugal o celebre Gil Vicente. Foram publicadas as suas obras no anno de 1550, já morto elle, havendo até ali sido conhecidas pela só gente selecta da côrte de Dom Manuel. Antonio Ribeiro Chiado, Antonio Prestes, e Balthasar Dias, seguiram as suas pisadas, e os seus autos formáram o theatro portuguez até que Francisco de Sá de Miranda, Luiz de Camões e Antonio Ferreira appareceram, do meiado para o fim do seculo, offerecendo composições menos irregulares, mas que são reminiscencias das litte-

raturas grega e romana, imitações de Plauto, Terencio e Menandro, antes do que verdadeiras composições dramaticas, nas quáes livre deve ser a inspiração, livre o seu desenvolvimento, e livres os seus meios de acção.

E que se podia, em 1556, exigir de um homem, que deixou ainda moço Portugal, e n'esta terra do Brazil, cercado então de selvagens indigenas, e de colonos sem instrucção, existia no meio, por assim dizer, da barbaria? Procurou traçar esses dialogos, como meio de moralisar o povo; logrou o seu intento; e convêm declarar que muitos autos sagrados, que com applausos se representavam em algumas côrtes de principes e reis da Europa d'aquella epocha, eram inferiores aos dialogos de José de Anchietta.

Causavam profunda sensação sobre seus ouvintes; e continham sua originalidade, porque os autos que se representavam nas côrtes de França, de Hespanha e de Italia, tratavam unicamente de assumptos religiosos, emquanto que os dialogos de José de Anchietta confundiam o profano com o sagrado, e os actos da vida humana com os julgamentos da potestade divina.

É na actualidade difficil, senão impossivel, apreciar devidamente a vida de trabalhos á que se entregavam aquelles Jesuitas. « Desde janeiro até agora (escrevia José de Anchietta ao geral Ignacio de Loyola, em agosto de 1554) que aqui vivêmos, não menos de vinte pessoas, contando os meninos

cathecumenos, em uma pobre casinha, feita de madeira e barro, e coberta de palha, com uma esteira de canas por porta, a qual não chega a ter quatorze passos de cumprimento com dez de largura : este estreito logar serve de eschola, enfermaria, dormitorio, cosinha e refeitorio, e nem por isso cobiçamos habitação mais folgada e agazalhada, consolando-nos a ideia de que por nos remír N. S. Jesus Christo submetteu-se á maiores estreitezas e apertos, querendo nascer em um humilde presepio entre dous animáes, e soffrendo ser pregado em uma cruz (12). »

Foi immensa a fama que lhe resultou de seus trabalhos; não só o estimavam e respeitavam os Europeus; não só o veneravam os mamelucos; senão tambem deixavam os gentios as suas tabas e florestas, e corriam para ouvi-lo; e quantos prodigios, que chamam milagres as chronicas do tempo, praticou José de Anchietta por entre esses selvagens? Quantas vezes procurando-os em pessoa nos seus reconditos asylos, penetrando pelos bosques espessos, atravessando profundos rios, galgando serras inaccessiveis, e conversando com seus mossacaz (13), conseguia, pela sua eloquencia, convertelos á verdadeira religião, e chama-los á vida civil? Attestam as memorias do tempo os serviços que prestou, attrahindo em torno de Piratininga innumeros gentios, e plantando os seus arredores com differentes aldeias delles, que cathequisados se en-

tregavam confiadamente á vida civil e religiosa, e ao governo dos Padres da Companhia.

Com o tempo e a experiencia, conheceu José de Anchietta a necessidade de methodisar e uniformisar a cathequisação dos gentios; reunio em torno de si uma porção de discipulos, instruio-os, e á proporção que os foi conhecendo habilitados, animou-os, e incitou-os á entranhar-se pelo interior do paiz, procurando as nações as mais distantes, os Purys, os Guaranys e os Guaycurús, á fim de converte-las á sociedade e á religião : foi José de Anchietta o inventor do melhor systema de cathequisações. Não faremos aqui a historia detalhada d'ellas, por que merece especial estudo, e trabalho separado d'este. Foram infelicissimos alguns dos seus discipulos; morreram ás frexadas dos barbaros os irmãos Pedro Correia e João de Sousa; lográram muitos porém victorias e triumphos que espantam, trazendo apóz de si innumeros gentios que se convertiam á fé de Deus; victorias e triumphos que bem compensáram os seus maravilhosos trabalhos, e que são manifestos testemunhos do quanto era poderoso sobre os Jesuitas o enthusiastico desejo de propagar a religião, e de salvar as almas perdidas!

Lembrou-se tambem José de Anchietta de fundar um collegio, separado do seminario, aonde se recolhessem e se educassem os meninos gentios, que com bôas maneiras, e lisongeiras promessas, se obtivessem de seus pais : adquiriam-se assim para a

religião, e serviriam depois para coadjuvar as cathequisações de suas mesmas tribus; correspondeu satisfactoriamente o resultado aos desejos do fundador; augmentou-se muito o numero dos discipulos; foram em pouco tempo as cathequisações da capitania de São Vicente as mais importantes do Brazil, e serviram de exemplo para as que, em maior escala, praticáram posteriormente os Padres em todas as partes da America. Os primeiros Jesuitas que entráram no Rio da Prata para o fim de coadjuvar os Hespanhões nas suas conquistas partiram de Piratininga, mandados por José de Anchietta : formáram elles o viveiro de Cordova, Tucumãn e Paraguay, cujas missões são ainda actualmente tão celebrisadas, e cuja historia attráhe tanto interesse.

Com esforços inauditos conseguio assim José de Anchietta chamar á vida pacifica e social tantas tribus nomades e errantes; e aldeia-las em povoações, em torno de sua respectiva egreja, levando-as á adoptar a religião catholica, e á tornar-se industriosas e trabalhadoras, ligadas e relacionadas com os Portuguezes conquistadores do paiz.

III.

Um anno tinha apenas corrido depois da morte de Ignacio de Loyola, quando em 1557 terminou seus dias ElRei Dom João III : Dona Catharina de Aragão, como tutora de seu filho Dom Sebastião, tomou as redeas do governo de Portugal, e nomeou

terceiro governador do Brazil ao esforçado Portuguez Mem de Sá, irmão do poeta Francisco de Sá de Miranda, de linhagem pura e nobre, e de feitos conhecidos e illustrados em diversas guerras.

Foi Mem de Sá guerreiro de tempera antiga, valente nas armas, e sabio nos conselhos; estreiou a sua administração no Brazil unindo-se perfeitamente com os Jesuitas, cujos importantes serviços e valioso prestimo lhe coube apreciar; acabou com o terrivel abuso dos Portuguezes estabelecidos na Bahia, Porto Seguro, Ilheos, e outros logares, que á pretexto da sentença que declarára escrava a nação dos Caethés, pelo barbaro assassinato que, em 1556, nas margens do rio de São Miguel das Alagoas, haviam commettido na pessoa do primeiro bispo do Brazil, Dom Pedro Sardinha (14), confundiam de proposito os Caethés com as outras nações, e escravisavam a todas : protestáram os Jesuitas contra estes abusos, que alienavam as sympathias dos indigenas, e os tornavam de novamente inimigos dos Portuguezes, revivendo odios e guerras extinctas; empregáram todo o seu valimento para faze-los cessar; conseguiram de Mem de Sá uma ordem declarando os indigenas homens livres e eguáes, conciliando assim os gentios com os seus compatriotas, e desarmando sedições que a todo instante ameaçavam.

Em seguimento a esta ordem, tres outras publicou o governador, manifestando a harmonia existente entre o governo e os socios da Companhia;

uma prohibindo aos gentios comer carne humana, ainda mesmo a de seus inimigos, gosto com que muito folgavam algumas nações; prohibindo outra que houvessem guerras entre os indigenas, sem sua previa approvação; e a ultima determinandolhes que se ajuntassem, se aldeiassem regularmente, levantassem casas e egreja, e obedecessem em tudo aos Jesuitas.

Em Pernambuco, Ilheos, Espirito Sancto, São Vicente, Bahia, Porto Seguro e Piratininga haviam fundado já os Portuguezes importantes povoações : possuiam todas collegios dos Jesuitas com varias escholas; a dous d'elles, o da Bahia e Piratininga, estavam annexos seminarios de instrucção, não perfeitos, mas accommodados á epocha e ás circumstancias : em outros pontos de menos valia, em que se formáram as colonias europeas, creavam-se casas professas, que eram de escala inferior aos collegios, com aulas só de primeiras letras, de grammatica portugueza, e de lingua brazilica; em cada aldeia de gentios residia além d'isto um jesuita, que lhes servia de parocho, de medico, de juiz, e de mestre; dividiam-se ainda os Jesuitas em missionarios itinerantes, que atravessavam os desertos, expunham-se a mil perigos, e procuravam os gentios nos seus escondrijos, no intuito de os reunir aos Portuguezes, abandonando os seus barbaros costumes, abraçando a religião christãa, e vivendo em sociedade.

Começava a colonia á ser tão considerada, que algumas nações da Europa, ambiciosas de sua conquista, èntravam em relações com os gentios, e procuravam, attrahindo-os ao seu partido, encontrar n'elles, e dentro do proprio paiz, um apoio contra os Portuguezes : tomáram os Francezes a dianteira; destemidós Normandos atiráram-se aos mares, que denodadamente atravessavam, e em alguns pontos da Parahyba do Norte, e do Rio de Janeiro, ligando-se aos Pittaguares (15) e aos Tamoyos (16), tentáram fundar varios estabelecimentos. Avultava entre elles um huguenoto, Nicolau Villegaignon, que á testa de força franceza, aproveitando-se de não estar occupada toda a costa desde o rio Itabapuana (17) até as immediações de São Vicente, praticou com os Tamoyos, encetou com elles interessante commercio, e fundou uma fortaleza nas ilhas de Uruçumerim, na bahia do Rio de Janeiro, a qual guarda o seu nome ainda hoje (18).

Deliberou Mem de Sá expellir do solo brazileiro a todos estes invasores : armou navios, e ordenou-lhes que corressem a costa, e aprisionassem todos os barcos das outras nações que se encontrassem pelas suas proximidades : não lhe parecendo sufficientes estas providencias, concentrou forças bastantes de Portuguezes, Mamelucos, e Tupinambás da Bahia; com ellas se embarcou em 1560; aportou nos Ilheos, Porto Seguro, e Espirito Sancto; recebeu n'estes tres pontos novos auxilios, e dirigio-se

para o Rio de Janeiro com o fim de combater a Villegaignon e lança-lo para fóra do territorio brazileiro.

Não é logar aqui de narrar miudamente os acontecimentos e combates que sustentou o governador; acham-se elles descriptos na Chronica da Companhia de Jesus por Simão de Vasconcellos, na Historia do Brazil por Sebastião da Rocha Pitta, na Historia da guerra brazilica por Francisco de Brito Freire, no Orbe Seraphico de Frey Antonio de Sancta Maria Jaboatão, e na obra importante que na lingua latina escreveu José de Anchietta, com o titulo de *Feitos de Mem de Sá* (19), fonte primaria em que beberam os chronistas seus successores as melhores noções e esclarecimentos para a historia da conquista do Rio de Janeiro. Minuciaremos unicamente, que Mem de Sá derrotou os Francezes e Tamoyos colligados; incendiou-lhes o forte do seu chefe; obrigou os primeiros a abandonar o Rio de Janeiro, e fugir para a Europa, e aquelles que não puderam salvar-se, á entranhar-se com os seus alliados pelos bosques e florestas; e, caso inaudito, muitos Normandos desampharáram os usos sociáes, adoptáram a vida nomade dos Tamoyos, casáram-se com gentias, tomáram todos os seus costumes, até o de furar os beiços para n'elles introduzir pedaços de pedras e ferros, como praticavam os indigenas!

Para a Bahia regressou Mem de Sá victorioso. Constituiam os Tamoyos a tribu mais altiva e briosa da quantas habitavam o Brazil : as outras a respeita-

vam, e d'ella se temiam : parece mesmo que mais algumas noções sociáes tinham do que todas as do continente brazilico (20); viviam de perfeita paz com os Normandos, e se combinâram para resistir aos Portuguezes; enfurecidos com aquelle feito do governador, deliberáram guerreiar á estes em toda e qualquer parte em que os encontrassem; para isso aprestáram grandes canôas, e navegando pela costa sul do Rio de Janeiro, começáram á encommodar os estabelecimentos de São Vicente e Santo Amaro : divididos em bandos, poseram em alarma as aldeias dos Goyannases, seus visinhos, e alliados dos Portuguezes, destruiram-lhes as casas, queimaram-lhes as plantações, mataram-lhes os que encontraram, e commetteram atrozes barbaridades; ousáram mesmo approximar-se de Piratininga, e assalta-la com desusada furia.

Os colonos, os padres e gentios ficáram atterrados; salvou-os a coragem que manifestou e desenvolveu José de Anchietta em tão arriscada conjunctura; de homem de paz tornou-se chefe de guerra; reunio o povo; nomeiou capitão a Tiberyçá, gentio cathequisado e valente; animou-os á defensa de seus lares e de suas familias; em pessoa marchou com elles ao encontro dos seus inimigos; travou combate tão feliz que conseguiu derrotar os sitiadores e expelli-los para longe do territorio.

Conheceu porém que exposta estava a capitania a continuados encommodos e assaltos, em quanto

se não celebrassem pazes com nação tão guerreira como era a dos Tamoyos. Deliberou faze-las: procurou para esse fim ao provincial Manuel da Nobrega, que se achava em São Vicente, e com elle combinou um arriscado e audacioso plano, que deveria dar-lhe o resultado que ambicionava.

Partiram José de Anchietta e Manuel da Nobrega para as aldeias dos Tamoyos mais visinhos, e que eram sitas na enseada de Ubatuba. Que trabalhos não padeceram n'esta viagem? « Podiam fazer (diz o padre Simão de Vasconcellos) (21), podiam fazer como São Paulo uma perfeita ladainha de seus trabalhos, cansaços, fomes, sedes, calmas, frios, ingratidões, máos tratamentos, affrontas, traições e perigos de vida : o exemplo d'essa gloriosa missão de se metterem entre os barbaros inimigos, postos em armas, queixosos e irritados das injustiças e aggravos dos Portuguezes, é grande e maravilhoso. Que de vezes não estiveram a ponto de serem sacrificados aos dentes e gula dos barbaros? Que de vezes não sentiram o arco armado, e a massa do braço fero, sobre suas cabeças? »

Depois de grandes trabalhos e perigos que passáram os dous padres, no meio de tantos inimigos que lhes appareciam, e que a cada momento os pretendiam trucidar, e que conseguiram acalmar felizmente, foram levados á presença dos chefes Tamoyos. Travou-se entre elles extraordinaria lucta;

os Jesuitas pretendendo combinar pazes, e os gentios resistindo-lhes, e ameaçando-os. Chegáram por fim á um accordo amigavel. Assentou-se que Manuel da Nobrega partisse só para São Vicente, a fim de obter a approvação dos Portuguezes ás condições da paz combinadas durante esta sua residencia entre os Tamoyos, e que entre elles como refem ficasse José de Anchietta. Quem folheiar as diversas obras antigas que tratam da vida de José de Anchietta encontrará um sem numero de factos, que honrando o seu caracter e instrucção, passáram n'aquella epocha como milagres, augmentando-se por este modo a reputação de sancto de que gozava. Apparece um entre elles, que por sua singularidade cumpre minuciar.

Notáram os Tamoyos que não procurava mulheres durante todo o tempo que entre elles passava; escolheram uma que era sobre modo formosa, e lha offereceram. Qual não foi sua admiração, quando lhes declarou José de Anchietta o voto de castidade que fizera entrando para a Companhia de Jesus! Subiu de ponto a veneração que lhe consagravam, e o acreditáram de origem divina; aproveitou-se elle d'esta occurrencia para melhor conseguir a sua cathequisação; levantou uma capellinha no meio de um bosque coberto de elevadas palmeiras; para ahi os chamava; explicava-lhes os mysterios do christianismo, e procurava moralisalos e converte-los á religião : os Tamoyos no entre-

tanto, si bem o attendiam com admiração e respeito, não se deixáram cathequisar, tanto era o odio que nutriam contra os Portuguezes!

Foi durante esta residencia de alguns mezes entre os Tamoyos que encetou o poema latino que dedicou á Santissima Virgem. Não tendo papel, nem pennas, e tinta para escrever, passeava pelas lindas e alvadias praias, que se deslisam amorosamente a perder de vista; compunha os versos, escrevia-os na areia, e procurava-los decorar.

De São Vicente voltou Manuel da Nobrega com a aceitação das pazes; assim conciliados os Portuguezes e Tamoyos, havendo os dois jesuitas cumprido a sua missão, regressaram tranquillamente para os seus lares. José de Santa Rita Durão, no seu poema de *Caramurú*, reconta este factos em versos admiraveis:

São d'esta especie os operarios sanctos,
Que com fadiga dura, e intenção recta
Padecem pela fé trabalhos tantos:
O Nobrega famoso, o claro Anchietta,
Por meio de perigos e de espantos,
Sem temer do gentio a cruel setta,
Todo o vasto sertão tem penetrado,
E a fé com mil trabalhos propagado.

Muitos destes ali, velando pios,
Dentro ás tócas das arvores occultos,
Soffrem riscos, trabalhos, fomes, frios,
Sem receiar os barbaros insultos:
Penetram mattos, atravessam rios,
Buscando nos terrenos mais incultos,
Com immensa fadiga e pio ganho
Esse perdido misero rebanho.

Mais de um verás pela campanha vasta
Derramar pela fé ditoso sangue;
Quem morto ás chamas o gentio arrasta,
Quem deixa á setta com o tiro exangue:
Velos-has discorrer de casta em casta,
Onde o rudo pagão nas trevas langue;
E ao céo lucrando as miseraveis almas,
Carregados subir d'inclytas palmas.

Apenas restituido á sua querida Piratininga, tratou José de Anchietta de escrever o poema que compuzêra entre os Tamoyos, e que confiára á memoria. Composto em versos latinos, revela grande erudição dos autores classicos antigos, e ao mesmo tempo intelligencia da litteratura hebraica, e estudo dos padres da Egreja christã : é a dicção pura, correcta e elegante, e os pensamentos appropriados, engenhosos e poeticos : muito pécca porém o plano, porque consiste em dividir a obra pelos diversos passos da Mãe de Deus, desde a conceição até sua exaltação, formando como que uma collecção de hymnos ou cantatas, dedicado cada um á descripção do passo a que se refere. Não é o imaginação de Milton descrevendo as primeiras scenas da vida e os mysterios primordiáes da existencia; não é a sublimidade de Klopstock, que poetisou toda a existencia mundana do Filho de Deus, e a sua admiravel resurreição; é antes uma alma pura, profundamente religiosa, que se derrama em sonoros gorgeios em honra da Sanctissima Virgem, e, como musica dolorosa do coração, improvisa agradaveis versos, que valem o

que vale um lindo passarinho, ou uma bella noite matizada de fulgurantes estrellas.

Manifesta a dedicatoria as impressões e a occasião em que foi composto o poema, e torna-o mais precioso por isso mesmo.

En tibi quæ vovi, Mater Sanctissima, quondam
  Carmina, cum sævo cingerer hoste latus,
Dum mea Tamuyas præsentia mitigat hostes,
  Tractoque tranquillum pacis inermis opus:
Hic tua materno me gratia fovit amore,
  Te, corpus tutum, mensque regente fuit.
Sæpius optavi, Domino inspirante, dolores,
  Duraque cum ipso funere vincla pati.
At sunt passa tamen meritam mea vota repulsam,
  Scilicet heroas gloria tanta decet (22).

Depois da dedicatoria vem o exordio, que contém alguns lindos pensamentos.

Eloquar? an sileam, Sanctissima Mater Jesu?
  Non sileam? Laudes eloquar ante tuas?
Méns agitata piis stimulis hortatur amoris
  Ut dominæ cantem carmina pauca meæ.
Sed timet impura tua promere nomina lingua,
  Quæ sordet multis contemerata malis (23).

A conceição, o orto, a apresentação, a entrada no templo, a visitação, e o parto da Virgem, formam os primeiros canticos; e n'elles se nota a bellissima oração que dirige a Sanctissima Virgem á seu filho recemnascido.

O Deus omnipotens, vasti quem machina mundi
  Auctorem ac Dominum prædicat esse suum,

Cujus inaccessam tenet ingens gloria lucem,
  Cui velut innatus lumen amictus inest.
Quem nequit immenso comprendere corpore mundus
  Conclusit ventris te brevis arca mei.
Egressusque meæ tener e penetralibus alvi,
  In vili recubas, lux mea, nate, solo?
Nonne tua ingentem manus inclyta condidit orbem?
  Nonne polus Domino servit uterque tibi?
Cur tibi tam vilem nascenti deligis sedem
  Regia cur ortum non capit aula tuum?
Tu cœlum stellis, variis animalia villis.
  Induis et viridi gramine pingis agros (24).

Continúa o poeta os seus canticos á chegada dos Reis Magos, á purificação da Virgem, á sua fuga para o Egypto, e ao seu regresso para Israel, á morte de Jesus Christo, e á sua ressurreição: n'esta ultima parte a poesia melancolica transborda por todos os poros, e é realmente o mais bello cantico do poema: as lagrimas da Sanctissima Virgem arrastam todos os peitos á dôr que ella parece sentir: foi livre ahi o poeta, desdobrou o seu vôo religioso e enthusiastico, e deslisou versos ungidos de verdadeira poesia, e do mais delicado sentimento.

Mens mea, quid tanto torpes absorpta sopore?
  Quid stertis somno disidiosa gravi?
Necte cura movet lacrymabilis ulla parentis,
  Funera quæ Nati flet truculenta sui.
Viscera cui duræ tabescunt agra dolore,
  Vulnera dùm præsens quæ tulit ille videt.
In quocumque occulos converteris omnia Jesu
  Occurrent occulis sanguine plena tuis.
Respice, ut æterni prostrato ante ora Parentis
  Sanguineus toto corpore sudor abit.

Respice, ut immanis captum quasi turba latronem
Proterit, et laqueis colla, manusque ligat.
Respice, ut ante Annan sænus divina satelles
Duriter armata percutit ora manu (25).

Depois de pintar a exaltação da Sanctissima Virgem, termina Anchietta o seu poema com hymnos alegres em seu louvor, divididos pelas horas do dia, e que fazia cantar pelos gentios aldeiados, dentro da sua egreja, nas horas marcadas para as preces e orações. Deveria ser na verdade grandioso o espectaculo de reunir-se no templo todo o povo, ás matinas, ao meio dia, e ás ave-marias, e depois de exhorta-lo o sacerdote com conselhos e instrucção, para o encaminhar na verdadeira religião, desdobrarem todos de joelhos as suas diversas vozes, echoando ao mesmo tempo hymnos e preces, arrebatados de um sincero enthusiasmo, e respeito e temor de Deus!

Assim usavam os Jesuitas, e assim esclareciam e moralisavam o povo.

IV.

Corria o anno de 1565, quando em São Vicente surgiu a armada do capitão-mór Estacio de Sá, sobrinho do governador Mem de Sá, e que fôra enviado de Portugal pela rainha regente, para o fim de uma vez para sempre expellir das costas do Brazil os corsarios francezes, que de novo volvendo

ao Rio de Janeiro, continuavam á negociar com os Tamoyos, e incitar os seus odios contra os Portuguezes. Praticou Estacio de Sá com José de Anchietta, que era a pessoa de mais influencia, e de maior consideração na capitania. José de Anchietta convocou e reuniu o seu povo, escolheu cerca de oitocentos homens, que animou para a empreza do capitão-mór, e para que fosse mais efficaz e solido este auxilio, deliberou de acompanhar a Estacio de Sá, e servi-lo durante a sua expedição do Rio de Janeiro.

Partiu a armada de São Vicente, e chegou ao Rio de Janeiro, desembarcando a gente, que se estabeleceu no logar denominado hoje Praia Vermelha, entre o Pão do Assucar e Copa-Cabana; foram alli lançadas as primeiras edificações da cidade. Colligados os Francezes e Tamoyos attacáram o exercito do capitão-mór com todas as suas forças; a numero quadruplo de combatentes oppôz Estacio de Sá a pericia do chefe, e o enthusiasmo e valor dos soldados, animados continuamente pelas predicas, pelos conselhos, e pelas exhortações de José de Anchietta: tiveram os inimigos que retirar-se; não era todavia possivel ao capitão-mór collocar-se na offensiva, porque do lado de terra annuvião de gentios o esperava; do lado do mar, náus francezas, e grande copia de formidaveis canôas de guerra dos Tamoyos constantemente o incommodavam; tinha além d'isto que resistir a attaques que os inimigos dirigiam ás suas trincheiras, ora de dia, á luz clara, com leal-

dade; ora ás noites, ás vezes escuras e tempestuosas; de repente, ao grito de guerra solto á trahição, e no meio do descanso : tratáram o capitão-mór e José de Anchietta de não abandonar a empreza, e no entretanto de seguir este ultimo para a Bahia, á buscar auxilio do governador; porque sómente com elle se poderia terminar uma missão tão arriscada.

N'esta sua viagem á Bahia deixou José de Anchietta a classe de irmão, tomou ordens, e o gráu de sacerdote na Companhia de Jesus : tão perfeitamente desempenhou a sua missão, que, em janeiro de 1567, tinha já voltado ao Rio de Janeiro, trazendo em sua companhia o proprio governador, e grandes auxilios e reforços.

Foram crueis e longos estes combates dos Portuguezes com os Tamoyos; verdade é que decisivos: de uma vez para sempre se expelliram os Francezes do Rio de Janeiro; os Tamoyos porém não se quizeram conciliar; vencidos, entranháram-se pelas brenhas, levando suas mulheres e filhos, e nunca mais se soube de tão guerreira tribu : sem duvida encontráram no interior do paiz novas terras, aonde estabeleceram suas tabas e formáram nova patria; acostumados todavia á veneração do formidavel promontorio do Cabo-Frio, que era o seu sitio predilecto (26), e á magnifica bahia de Nictheroy, aonde folgavam atirar suas canôas; celebrar suas justas; e n'essas ilhas pittorescas, que, como ramos de flores, mati-

sam e abrilhantam a bahia, formar os seus jogos e as suas dansas, curtiram de certo duras e amargas saudades; foram os Arabes fugitivos de Granada, que ainda além do braço de mar que separa Africa de Hespanha, do seio dos desertos, para onde se recolheram, confiam sempre seus suspiros ao ar, para que o ar os transmitta ao Xenil, ao Alhambra, e ás torres do Generalife : talvêz que no sacrificio se engrandeceram e se eleváram as suas almas; e como novas descendencias e gerações se tem desenvolvido, sendo como é o arquivo de seus livros a estampa de suas memorias, de onde imprimem de pais a filhos os acontecimentos notaveis dos seculos passados; si ainda os acompanha no seu desterro a saudade dos paizes que seus pais possuiram, tão ricos e encantadores, a dourada physionomia da liberdade os ampara e sustenta ao menos nos bravios sertões, que não são conhecidos ainda pelas nações civilisadoras!

Fundou Estacio de Sá a cidade do Rio de Janeiro; mas sellou com o seu sangue e a sua morte a gloriosa conquista que conseguira; uma frexada de Tamoyo audaz, com seu dente envenenado, atravessou o corpo do herόe, ainda na força da edade, e no principio da sua carreira militar (27). Com o estabelecimento da cidade, levantou José de Anchietta casa e egreja para a Companhia de Jesus no cabeço do morro do Castello, fazendo-se auxiliar n'esta obra pelas esmolas e serviços do povo. Mandou vir alguns

padres para o Rio de Janeiro, e tendo-lhes dado suas instrucções, retirou-se para Piratininga, procurando descansar dos seus trabalhos. Não era porém ainda tempo de cessarem elles. No anno de 1569 foi nomeado reitor do collegio de São Vicente, cargo penoso e difficil, que de modo exemplar desempenhou todavia.

Em 1578 foi elevado ao cargo de provincial do Brazil.

Comprehendeu perfeitamente a importancia da sua nova missão; já não era o reitorado de um collegio, e ainda menos a direcção de um seminario, que lhe cabia; fôra-lhe confiado o governo supremo de sua ordem; não tinha que occupar-se unicamente com a cathequisação e civilisação de uma capitania; todo o territorio abraçado pelo Prata e pelo Amazonas estava incluido na immensa tarefa que se lhe dava; não eram só uma ou duas nações de gentios com quem tinha de tratar; eram milhares de diversos povos de differentes origens e costumes.

Si já respeitado era o nome que adquirira, habitando apenas na capitania de São Vicente; si lhe haviam grangeado os seus talentos extensa nomeada; si lhe proviera muita gloria dos seus trabalhos, quer como mestre e chefe de um systema regular de cathequisação de gentios, quer mesmo pelos seus proprios actos, atirando-se em pessoa no seio dos desertos, sem receio ou medo, confiando-se á hordas de selvagens e barbaros, e at-

trahindo á religião e á sociedade grande numero de gentios, que se deixavam arrastar e convencer por sua habilidosa eloquencia, e perfeitas virtudes, que reputação equivalia á sua, para gerencia de toda a Companhia?

Aceitou José de Anchietta o provincialado, e deu-se de coração ao desempenho dos seus novos deveres e obrigações.

Já no Brazil eram então os Jesuitas em subido numero. Além dos socios que de Portugal e Hespanha lhes vieram, attrahira a Companhia alguns noviços, formára irmãos, e ordenára padres; tinha em todas as cidades e povoações a sua casa, a sua egreja, e o seu seminario de instrucção; organisára em todas as capitanias differentes aldeias de gentios cathequisados, que lhe eram inteiramente subordinados.

Não se poupou José de Anchietta á trabalho nemum, que exigia o seu emprego de provincial: percorreu todas as capitanias, e todas as povoações; visitou e examinou os collegios dos padres e os seminarios de instrucção; deu-lhes nova organisação, reformando e amelhorando; applicou a todo o Brazil o seu systema de cathequisação dos gentios, formando em Pernambuco, Bahia, Espirito Sancto, e outros pontos que visitára, escolas de missionarios; por onde ia, prégava, aconselhava, e moralisava; por onde ia, corriam Portuguezes e gentios á lançar-se-lhe aos pés, acreditando-o mi-

lagroso; tanta bondade e tamanha actividade desenvolveu, que adoravam todos o seu nome; chamavam-no os gentios amarra-mãos (28), davam-lhe os Portuguezes o titulo de sancto.

Não lhe bastou ainda a immensidade d'estes trabalhos; sua devoção o levou á emprehender novos e mais extraordinarios; procurou em pessoa aquellas nações mais barbaras, com quem nunca os Portuguezes se poderam conciliar; embrenhou-se pelo interior das terras dos Tupinambás, procurou encontrar-se com os terriveis Aymorés (29), e com outras tribus não menos ferozes; appresentava-se desarmado perante ellas, fallava-lhes a linguagem da verdade e da religião, e conseguiu triumphos que verdadeiramente espantam! Quantas vidas salvou de prisioneiros que eram destinados ao terrivel sacrificio, ligados ao cepo cruel pela formidavel mussurána (30), e já sentindo refulgir sobre as suas cabeças a pesada tacápe!

Foi durante o seu provincialado que nos campos para sempre memoraveis de Alcacer-Quivir perdeu a monarquia portugueza o seu joven soberano, a flor de sua nobreza, o melhor do seu exercito, e a sua mesma independencia : das chronicas que tratam da vida de José de Anchietta, consta que na mesma noite de 4 de agosto de 1578, em que se completou a ruina de Portugal, e morreu ElRei Dom Sebastião, foi José de Anchietta assaltado de um sonho, em que todos os pormenores da terrivel car-

nificina de Alcacer-Quivir appareceram á sua imaginação, e se lhe pintáram sob as mesmas côres com que se realisáram (31)! Tão grande era o prestigio de que gozava, que, além de milagres, lhe attribuiam os contemporaneos visões e sonhos que lhe noticiavam o que se passáva, e até mesmo lhe faziam prever o futuro!

As melhores obras, e as instituições mais salutares do Brazil, que tiveram origem n'esses tempos, são ou creadas ou promovidas por elle; estreitamente ligado com o governador Luiz de Brito e Almeida, que succedêra á Mem de Sá, fallecido na cidade da Bahia no segundo quatriennio de sua administração, achou-se habilitado o provincial para emprehender melhoramentos efficazes e gloriosos para o paiz: foi quem idéou e lançou os primeiros alicerces do magestoso collegio dos Jesuitas da Bahia, que mereceu descripção desenvolvida de Gabriel Soares, no seu *Roteiro, ou Noticia do Brazil* (32), e que o padre Manuel Ayres dó Casal allega que estava já no seu tempo convertido em hospital da tropa, achando-se as salas ainda ornadas de muitos paineis, que representavam a vida de Santo Estanisláo de Kosca (33): foi quem mandou edificar e construir na mesma cidade a casa do Recreio dos Jesuitas, em um suburbio para o nascente, a qual, por ordem do governo portuguez, se transformou depois em hospital de Lazaros.

É devida tambem á José de Anchietta a egreja dos

Jesuitas do Rio de Janeiro, com seu outr'ora sumptuoso collegio da Companhia; como na Bahia, decahiu e perdeu a egreja o seu fausto : em hospital militar se converteu o collegio; teve egual sorte que a sua irmãe de Bahia a pittoresca casa de recreio, que José de Anchietta fizera edificar para os lados de São Christovam, emfrente de tantas esbeltas e viçosas ilhas, que matisam aquella parte interna da Bahia de Nictherohy.

Deve-lhe a provincia do Espirito Sancto a édificação, na sua capital, de um collegio de jesuitas vasto, espaçoso, e substituindo a antiga casa que escolhera o padre Affonso Braz para residir, e encetar a sua gloriosa missão de cathequisar os gentios d'aquella capitania: é actualmente a habitação dos presidentes da provincia.

E de quanto não é credor José de Anchietta da provincia de São Paulo, outr'ora capitania de São Vicente, aonde viveu os melhores annos de sua vida, e aonde imprimiu os seus primeiros trabalhos, e as suas fadigas primeiras? Não foi o creador do collegio de Piratininga, que é actualmente cidade episcopal, e a capital de toda a provincia? Amava-o como o seu filho querido, e durante o seu provincialado augmentou o collegio, enriqueceu-o, e tornou-o um dos mais importantes do Brazil.

Para apogeu de sua gloria, e prova de quanto foi incansavel em fazer bem ao paiz que adoptára, plantando n'elle obras de eterna duração, e creando

instituições importantes, que lhe deveriam dar os mais favoraveis resultados, ideou e fundou no anno de 1582, a Sancta Casa da Misericordia da cidade do Rio de Janeiro, que na actualidade é um dos mais importantes monumentos de philanthropia e beneficencia que possue o imperio.

Em 1585, cansado, e já na edade de 52 annos, pediu dispensa do cargo de provincial e a obteve do geral da companhia.

V.

Achando-se livre, e desembaraçado de trabalhos, retirou-se para o collegio do Rio de Janeiro, tencionando passar n'elle os seus ultimos dias de vida: bem debilitado estava já seu corpo; e que corpo humano resiste a tantas fadigas do espirito, e a tantos trabalhos materiáes? Empenhos porém dos seus companheiros o vieram ainda arrancar ao doirado repoiso que procurára; o collegio do Espirito Sancto que no seu provincialado mandára levantar de grandiosas proporções e gosto delicado, reclamava a sua presença, para a direcção dos obreiros e moralisação dos espiritos; deixou o Rio de Janeiro, e tomou a administração do collegio da Victoria.

Em quanto foi provincial tomára empenho pelo progresso de algumas aldeias de gentios Tupininquins, e Papanases, que estabelecêra na provincia do Espi-

rito Sancto. Tinha uma d'ellas o nome de Reritigbá, situada ao norte do rio Itabapuana, n'uma admiravel e extensa veiga, entrecortada de preguiçosas aguas, e rodeiada de oiteiros elevados, que em certas epochas do anno vestiam-se de flores amarellas, como o brilhar do ouro, e de ramos rouxos, como a côr da margarida : é o logar em que está hoje assentada a pittoresca villa de Benevente. Amava tanto José de Anchietta os seus ares puros e a sua deliciosa tranquillidade, que a escolheu para sua residencia, apenas terminou o tempo do seu reitorado do Espirito Sancto.

Pelos gentios do Brazil sacrificára a sua existencia e a sua vida; para moralisa-los, e trazê-los á religião catholica, deixára todos os bens do mundo : no meio dos gentios quiz ainda viver a derradeira parte da sua existencia, e descansadamente finalisar os seus dias.

No silencio e descanso da solidão escreveu uma obra extensa, a que deu o titulo de *Vidas dos religiosos da Companhia de Jesus*, cujo manuscripto se guarda na bibliotheca publica do Rio de Janeiro (34): tendo-o accompanhado na vida, e precedido no sepulchro, os padres Manuel da Nobrega, Luiz da Grã, José de Aspicuelta Navarro, Antonio Ignacio de Azevedo, Antonio Rodriguez e Ignacio de Tolosa, julgou José de Anchietta que era seu dever commemorar os feitos d'elles, e, bem assim, os feitos de outros não menos celebres Jesuitas, para assim

transmitti-los aos vindouros, servindo de exemplo a sua veneravel memoria.

Contém esta collecção de vidas dos Jesuitas illustres uma historia desenvolvida da Companhia de Jesus, e é a fiel narração de todos os successos do Brazil, das suas primeiras explorações, dos costumes, usos, e cathequisação dos seus indigenas. Constitúe com a obra que anteriormente escrevêra sobre os feitos de Mem de Sá as melhores fontes, de onde extrahiram os chronistas e historiadores antigos e modernos, grande copia de esclarecimentos e materiáes para a historia do Brazil.

Sua intelligencia incansavel deu vida tambem a uma dissertação sobre a historia natural do Brazil, a qual encerra tantas investigações curiosas e importantes e analyse tão substancial dos objectos que enumera, que em 1812 a publicou a Academia Real de Sciencias de Lisboa, e o celebre naturalista francez Augusto de Saint-Hilaire extasiou-se diante d'ella, e proclamou a José de Anchietta por um dos homens mais extraordinarios do seu seculo (35).

Avançava todavia a edade, e o corpo procurava repoiso na sepultura: não podendo ir mais pessoalmente á egreja desenvolver a sua maviosa eloquencia, e nem assistir ás festas, ás procissões, e aos canticos religiosos dos gentios, que rompiam com os primeiros arrebões da madrugada; escolheu como Job o seu leito e o seu quarto, e chamava para perto de si os indigenas á fim de com elles praticar ainda;

achava-se collocada a casa da sua residencia sobre um pequeno oiteiro, de onde descortinava a vista toda a campina e todo o arraial, e lá, ao longe, susurrando sempre, o mar que se desfazia em grossas ondas sobre a praia alvadia e immensa, que se sumia aos olhos.

Atirado no leito para se não levantar mais, deixava domitar sonhando o seu coração, como lago de vida, em que sua alma se espelhava; bebia pelos olhos e pelos ouvidos o silencio e a magnificencia da natureza, e o desdobrar dos vales alegres e cultivados, que lhe appareciam; e exaltava-se ainda com a presença do oceano, que, no limiar da vida, o saudára, e como seu fiel amigo parecia querer assistir á sua despedida do mundo.

Mal se divulgou a noticia de que se achava enfermo accudiram de toda a parte os padres da Companhia; no Rio de Janeiro, na Bahia, em São Vicente, e no Porto Seguro, se embarcava tambem grande copia de povo, que queria ver o sancto, obter uma reliquia d'elle, e receber a sua derradeira bençam; era tão grande o conceito de suas virtudes e saber, que acreditava-se geralmente que advinhava e prognosticava os mais pequenos acontecimentos do mundo.

Não póde a aldeia de Reritigbá conter o povo que para ella concorria; o que mais estimou elle ver em derredor de si, foram os seus antigos e amados discipulos, que como Elias formára com tanto

cuidado, e que como Eliseus rivalisavam já em feitos gloriosos com o seu mestre, na grande obra da cathequisação dos gentios.

Conservou constantemente o seu espirito livre, e o seu fallar rescendendo no mesmo fogo, e estylo mavioso; nada perdeu o semblante de sua amabilidade e alegria; não desmereceu a sua côr trigueira; não se abatteram os seus olhos azulados : e todavia essa familia de religiosos, que o cercava n'aquelle momento supremo, tinha talvêz mais ternura do que a propria familia natural; o membro, que perdia, contava ella encontra-lo ainda, porque confiava na vida eterna; havia lagrimas; parecia porém que todos aspiravam a felicidade do heróe christão, que se desapegava do mundo, e que os não deixava, mas que sómente precedia-os na eternidade.

Pedia José de Anchietta de quando em quando que lhe lessem um pouco das confissões de Santo Agostinho, e das obras de São Basilio; extasiava-se sempre que chegavam á pagina em que São Basilio exclama enthusiasmado :

« Como os que dormem em um navio são levados ao termo de sua derrota, tambem na carreira da vida somos todos arrastados continua e insensivelmente para o nosso fim derradeiro : estás á dormir, olha que o tempo te escapa; estás á velar e á meditar, menos te não escapará a vida; diante de tudo passarás, e tudo deixarás apóz ti. »

Haviam sido São Basilio e Santo Agostinho os

padres da Egreja cujas obras mais folgava de lêr e cujos feitos mais admirava : havia entre os primeiros apostolos do christianismo, e os Jesuitas, apostolos do Brazil, uma perfeita homogeneidade; prégavam aquelles no meio de barbaros, expostos continuamente ás perseguições e á morte, e, com firmeza inabalavel, oppunham constancia d'alma, consciencia pura, e fé na sua missão, á corrupção geral, que minava o mundo, que parecia então desabar com o tempo : atiravam-se estes nos desertos, sós e inermes; procuravam selvagens embrutecidos, arriscavam sangue e vida, despidos de quaesquer sombras de medo : si com eloquencia consummada prégavam os primeiros a necessidade de uma nova crença, que regenerasse o mundo, e fizesse desapparecer o polytheismo de terrestres simulacros, que phantasiára a imaginação dos antigos povos; não menos sabios e eloquentes os segundos, menos conhecidos porém, porque o theatro de suas acções foi mais pequeno, e a epocha em que figuráram muito diversa, praticáram feitos egualmente importantes, e obtiveram analogos triumphos, infiltrando em animos incultos convicções religiosas e sociáes, e arrancando da barbaria a homens que para sempre pareciam perdidos.

Folgava José de Anchietta de comparar os Padres da Egreja grega e latina, os Basilios, Agostinhos, Jeronymos, Athanasios, Gregorios, Ambrosios, Chrysostomos, Synesios, Hilarios e Paulinos, com os

missionarios da India e do Brazil, os Nobregas, Grãs, Navarros, Pires e Franciscos Xavier : animavam a uns e a outros o mesmo zelo apostolico, e o mesmo enthusiasmo religioso; uns regenerâram o mundo velho; creáram os outros um novo mundo (36).

Foi longa a sua molestia, e sensivel a decadencia do corpo que d'ella resultava; mas como a luz derradeira do sol, que dura mesmo depois que elle se esconde por detraz das altanadas serranias, ou se mergulha nas distantes vagas, só pouco e pouco, vagarosa, e compassadamente, foi a sua vida perdendo o brilho e a claridade; parece que com antecedencia previo o seu derradeiro momento, conservando o espirito sempre robusto e tão vigoroso como d'antes. Pode despedir-se dos amigos, dar a bençam aos fieis, e animal-os a continuar na senda das virtudes; feixou os olhos, e encostando aos labios o crucifixo do Redemptor, expirou no dia 9 de junho de 1597.

As costas carregáram os indigenas o seu corpo até a villa do Espirito Sancto, distante quinze leguas de Reritigbá, formando uma prestito funebre de mais de trezentos : depositáram-no na capella de São Thiago da egreja dos Jesuitas, d'onde alguns annos depois foi trasladado para a Bahia, e sepultado junto ao altar mór do magnifico templo do collegio da Companhia, segundo as ordens do geral Claudio de Aquaviva; para Roma foi remettida uma reliquia, no intuito de se encetar os processos da canoni-

sação, e ser pela Egreja declarado sancto; estes processos, por falta de proseguição porém, não poderam concluir-se ainda.

Asseveram os chronistas que era José de Anchietta de corpo pequeno e mirrado, de physionomia morena e agradavel; adquirira na mocidade o aspecto de um velho, com a deslocação de uma das vertebras, em occasião em que encetava no Brazil a sua gloriosa missão: tinha olhos vivos e perspicazes, e maneiras, e palavras, que lhe attrahiam geral veneração e respeito.

NOTAS.

(1) *Chronica da Companhia de Jesus*, por Balthazar Telles, provincial de Portugal, e chronista da ordem, tomo II.

(2) *Vida do veneravel padre José de Anchietta*, por Simão de Vasconcellos.

(3) *Varões illustres da Companhia de Jesus*, por Eusebio de Nurembergue.

(4) *Chronicas da Companhia de Jesus*, por Nicolau Orlandini.

(5) *Chronica da Companhia de Jesus*, por Pedro Rodrigues.

(6) *Vida de José de Anchietta*, por Estevam da Paternina.

(7) *Vida de São Francisco Xavier*, pelo padre João de Lucêna.

(8) Frei Agostinho de Avila, na sua *Historia do Mexico*, e o bispo de Chiapa, Dom Bartholomeu de Las Casas, nas suas obras transcrevem esta bulla.

(9) Redes de algodão.

(10) Instrumentos sonoros de que usavam os gentios de Brazil para as suas festas.

(11) Raça mestiça.

(12) Cartas de José de Anchietta ao geral da Companhia, publicada pelo Instituto historico e geographico do Brazil.

(13) Chefes das aldeias.

(14) Francisco de Britto Freire na sua obra da *Nova Lusitania, Historia da Guerra brazilica*, narra miudamente este facto, e transcreve os fundamentos da sentença que captivou os gentios, auctores de tão nefando assassinato.

(15) Nação que habitava na Parahyba do Norte.

(16) Nação que habitava desde o Cabo de São Thomé até as immediações de Ubatuba, ou Iperoig, na linguagem indigena.

(17) Limite entre a provincia do Rio de Janeiro e o Espirito Sancto

7.

(18) A capitania de Martim Affonso começando de São Vicente para o Norte devia encontrar com a de Pedro de Góes : esta se comprehendia entre o cabo de São Thomé, perto de Macahé, e o rio Itabapuana, terreno habitado pelos Goytacases, que destruiram completamente os estabelecimentos de Góes, e o obrigáram a abandonar a sua capitania, que foi então incorporada ás terras da Coróa. Os Francezes capitaneados por Villegaignon achando o Rio de Janeiro e Cabofrio em abandono, tentáram formar ali estabelecimentos, que os Portuguezes destruiram.

(19) *De rebus gestis Mem de Sá* (ms.), que parece que se acha na Bibliotheca publica do Rio de Janeiro.

(20) Varios escriptores, e denominadamente Gabriel Soares, Lery e Hans Stadt, especificam os Tamoyos do Rio de Janeiro como os menos selvagens dos gentios. O bello poema do senhor D. J. G. de Magalhães, intitulado *Confederação dos Tamoyos*, canta seus usos, seus costumes, sua vida, e seus combates, de modo a dar-lhes preferencia a todas as demais tribus que habitavam o Brazil.

(21) *Noticias curiosas e interessantes sobre as cousas do Brazil*, pelo padre Simão de Vasconcellos.

(22) Foi-nos mostrada uma traducção em versos portuguezes pela forma seguinte :

> Eis os versos que a vós, o Mãe Sanctissima,
> Votei outrora, em que me vi na ilharga
> De feroz inimigo circulado.
> Si pois minha presença abranda as hostes
> Dos Tamoyos, e inerme entre elles trato
> De paz mister tranquillo, a graça vossa
> Foi que alentou-me com materno affecto.
> Salvou meu corpo e alma o vosso amparo
> Inspirando-me Deus: ó quantas vezes
> Desejei em prisões crueis e dôres
> Soffrer morte de martyr! Mas meus votos
> O repudio tiveram merecido,
> Pois só cabe aós herées tamanha gloria.

(23) Fallarei ou guardarei silencio, Sanctissima Mãe de Jesus? — Cantarei teus louvores? — Agitada a mente de estimulos do teu amor,

exhorta-me e arrasta-me a tecer-te encomios; mas a lingua contaminada de tantas maculas recusa proferir teu sancto nome. »

(24) « Deus omnipotente, pela portentosa maquina do mundo apregoado seu auctor, e Supremo Arbitro, que com teus esplendores enriqueces o céo de ineffavel gloria, e que na extensão do universo não podes ser abrangido; como te quizeste encerrar no breve espaço do meu ventre, e sahindo d'elle, jazer reclinado na humilde terra, ó filho adorado, e luz de meus olhos? Não foram tuas mãos que formáram o espaçoso orbe? Não dominas tu de um a outro polo? Porque então escolheste templo tão humilde para tua morada? Tu, a quem os céos não podem conter, que povoas de lucidas estrellas o firmamento, que revestes os animáes, e aformoseas os prados e campinas de flores e verdura! »

(25) « Porque, minha alma, dormes preguiçosa grave somno? Nem te commove o cuidado da chorosa mãe, que pranteia a barbara morte de seu unico filho? Pedernáes entranhas se endurecem á dôr d'aquella que viu, presenciou e curou tantas chagas humanas: para qualquer parte que voltares a vista, verás com teus olhos tudo banhado com o precioso sangue de Jesus: vê como em presença da Sanctissima Virgem se acha postado o sacrosancto corpo lavado em sangue; olha como vai preso, como se fôra um ladrão e malfeitor, no meio da turba, atado com cordas ao pescoço e nas mãos; vê como diante de Anáz lhe fere a divina face a malvada quadrilha armada que o acompanha! »

(26) Francisco de Britto Freire e Simão de Vasconcellos asseveram que entre os gentios existia uma antiquissima tradição de haverem habitado em Cabo-Frio duas poderosas familias, trazidas por Tupá ou seu Deus, a fim de povoar a America: por isso era o promontorio de Cabo-Frio muito venerado entre elles, e especialmente pelos Tamoyos, do Rio de Janeiro.

(27) Perto do altar mór da igreja de São Sebastião do Castello, antiga sé da cidade de Rio de Janeiro, acha-se o tumulo de Estacio de Sá: pouco abaixo do altar mór da mesma egreja está enterrado Manuel da Nobrega, primeiro provincial dos Jesuitas no Brazil.

(28) Payé-Guassú.

(29) Ou Botocudos, como lhe chamavam os Portuguezes.

(30) Corda que amarra o prisioneiro, que deve morrer, para ser comido nos banquetes dos indigenas.

(31) Além de outros auctores, Sebastião da Rocha Pitta commemora este facto.

(32) Impressa no 3° vol. das *Noticias para a Historia e Geographia das Nações ultramarinas*, da Academia Real de Sciencias de Lisboa, em 1825. Contém os mais interessantes esclarecimentos sobre a historia e geographia do Brazil, e os primeiros estabelecimentos dos Portuguezes. Está hoje provado que esta obra, que por algum tempo passára por composição de Francisco da Cunha, é escripta por Gabriel Soares, que viajára o Brazil pelos ultimos annos do seculo XVI, segundo os luminosos descobrimentos do senhor F. A. Varnhagen.

(33) *Corographia brazilica*, tomo II.

(34) *Brasiliæ societatis historia et vita clarorum Patrum quæ in Brasilia vixerunt.*

(35) Saint-Hilaire, *Voyages au district des diamants et littoral du Brésil*, tome II, page 4. Estas cartas, com o titulo *Epistolæ quamplurimarum rerum naturalium, quæ S. Vicentii provinciam incolunt, sistens descriptionem*, etc., foram publicadas pela Academia Real de Sciencias de Lisboa em 1812 na sua magnifica collecção de Memorias para a Historia e Geographia das Nações ultramarinas, tomo I.

(36) Para plenamente se convencerem os leitores das grandiosas acções dos modernos missionarios, leiam a *Collecção de Cartas curiosas e edificantes dos Jesuitas*, que tem sido impressa nas linguas franceza, castelhana, italiana e portugueza : e as dos padres Manuel da Nobrega, Anchietta, Leonardo Pires, etc., que tem publicado a Revista do Instituto historico e geographico do Brazil.

II.

JORGE DE ALBUQUERQUE COELHO.

Em 23 de abril de 1539, e em Olinda de Pernambuco, nasceu Jorge de Albuquerque Coelho, filho de Duarte Coelho Pereira, e de Dom Brites de Albuquerque : era seu pai descendente da antiga linhagem portugueza dos Coelhos; pertencia sua mãe á familia illustre dos Albuquerques.

Militára valorosamente na India Duarte Coelho Pereira; assistira ao combate e tomada de Malácca, e regressára para a sua patria, em 1527, coberto de cicatrizes e de gloria. Para premio e recompensa de seus relevantes serviços, na distribuição que fez das terras do Brazil, o aquinhoou ElRei Dom João III com toda a costa comprehendida entre os rios São Francisco e Santa Cruz de Iguarassú, por carta de doação datada de 10 de abril de 1535, e foral de 24 de outubro do mesmo anno.

Como aos demais donatarios entre que se dividira o territorio do Brazil, era de sua obrigação

povoar, cultivar e estender para o interior a sua capitania, conquistando as terras de que se achavam os indigenas de posse; tinha o direito de nomear os officiáes de justiça, prover a todos os empregos, e usar das reáes regalias, com a excepção de condemnar á morte, cunhar moeda, e negociar em páu Brazil. Deveria tambem o donatario perseguir os corsarios, e pagar á Corôa um imposto annuo, como reconhecimento da real suzerania.

Esquipou uma frota Duarte Coelho, na qual se embarcou com sua mulher e parentes, deixando Lisboa, e levando para a colonisação do seu feudo grande copia de familias portuguezas, e todos os precisos utensis para as explorações, e o cultivo do terreno: estabeleceu a sua capital em um levantado outeiro, coberto de verduras, e de frondoso arvoredo, no centro de uma extensa e alvadia praia; Olinda foi o nome com que chamou a nova colonia, pela razão talvêz de achar muito linda a situação que havia escolhido.

Não lhe foi tão facil no emtanto sustentar-se no seu povoado, como ao principio lhe parecera: acommettiam-no constantemente os gentios Caethés e sempre com desusada furia: valiam aos companheiros de Duarte Coelho Pereira a tactica e pericia do chefe, e a resignação e obediencia dos subordinados. E apesar de Olinda cercar-se de muros de páu, que difficultosamente se transporiam; a todo o instante, e as mais das vezes inopinadamente se vinha

precipitar sobre os Portuguezes copia immensa de inimigos.

Pareceu ao começo sorrir a victoria aos gentios com o assedio que empregáram, prohibindo a entrada de mantimentos e aguada de que não era abastecida a povoação. Referem o abbade Barboza Machado (1), Frey Antonio de Santa Maria Jaboatão (2), e Frey Vicente do Salvador (3), que foram salvos os Portuguezes pelo engenho de um Vasco Fernandes de Lucena, que residia ha muitos annos entre os indigenas, o qual, tendo escapado de um naufragio, e adoptado a vida errante dos seus hospedes, soube ás gentias insinuar amores pelos Portuguezes, e ás escondidas e de noite, levavam ellas alimentos e vasos de agua aos sitiados de Olinda, passando-lhos pelos muros que lhes serviam de defensa.

Foram por fim derrotados os indigenas, e pode o donatario gozar livremente da capitania, e estabelecer povoações e engenhos em derredor de Olinda : para completar a sua obra, mandou por algum tempo cruzar varios navios pela costa da sua donataria, a fim de difficultar communicações entre os indigenas e Francezes, que começáram a entreter com elles relações intimas, cortando por este feitio todo e qualquer alimento de zizania e intriga : por modo, que já pela força das armas, já pelos meios de brandura, obrigou os gentios á paz, e á conciliação.

Por esse tempo lhe nasceram dous filhos, Duarte Coelho de Albuquerque, em 1537, e Jorge de Albu-

querque Coelho, na epocha que deixamos mencionada : foram ambos em tenra idade mandados para Portugal, a fim de serem educados nas cousas que faziam então a educação da sua nobilissima estirpe.

Falleceu em Olinda Duarte Coelho Pereira em 7 de agosto de 1554, tendo gozado da ventura de presenciar o prospero e crescente engrandecimento de seus dominios : tomou sua viuva o governo da capitania; mas debeis eram suas forças de mulher para as immensas difficuldades da administração : já mortificados pelos máus tratamentos dos Portuguezes durante a administração da regente, já desareciosos d'aquelles a quem faltava o valoroso chefe, tornáram-se inimigos de novo os Caethés; foi a guerra tão cruenta, que em eminente perigo se achou por vezes a capital; foi necessario mandar-se pedir soccorros da metropole.

Acompanhados de força que lhes prestou a regente Dona Catharina, que governava Portugal, na menoridade de seu filho Dom Sebastião, partiram de Lisboa, em 1558, Duarte de Albuquerque Coelho, e Jorge de Albuquerque Coelho, que eram ambos moços, briosos e destemidos : apoderára-se o terror dos espiritos de todos os habitadores de Olinda; era geral o desanimo. A seu irmão cedeu Duarte de Albuquerque o commando da força, porque os brios no peito do mais moço dos irmãos eram mais notaveis e apreciados; e não foi errada delibe-

ração do donatario, por que Jorge de Albuquerque Coelho não só desbaratou completamente as hordas dos audaciosos indigenas, senão tambem estendeu os dominios que pertenciam a seu irmão mais velho, por direito hereditario da fidalguia, muito além dos terrenos aonde chegára seu pai : entranhou-se pelos espessos sertões, subio por muitas legnas o fermoso rio São Francisco até quasi á famosa cascata de Paulo Affonso; reconheceu e apoderou-se das suas margens, e durante cinco annos de guerra, acoçou os gentios, derrotou-os sempre, e com triumphos tão assignalados, ao passo que os reduzio ao temor dos Portuguezes, firmou de uma vez para sempre a segurança e paz da capitania.

Regressou Jorge de Albuquerque para Lisboa no anno de 1565, deixando o novo donatario na posse tranquilla de seu feudo.

Tormentosissima porém foi a viagem. Encontrou, em meio do caminho, uma náu de corsarios francezes, que n'essa epocha assaltavam os mares. Após porfiada resistencia foi preciso ceder e entregar-se. Os Francezes tomáram conta da náu *Santo Antonio*, que era o nome da portugueza, e declaráram prisioneiros a tripulação e os passageiros.

Navegando ambas á vista, sobreveio uma temporal que as maltratou por muitos dias; a náu portugueza soffreu mais, por que mais velha e arruinada estava. Temendo perdê-la, tiráram-lhe os Francezes de bordo os seus homens, e os mais

preciosos objectos que encontráram, abandonando-a depois com toda a gente portugueza ao furor inclemente das ondas.

Por vêzes pareceu submergir-se a infeliz náu no profundo pélago : perdidos os mastros, e fazendo agua por varios logares, andou por muitos dias vagando á mercê dos mares depois ainda que serenou a procella : e para cumplemento de males a sede e a fome apertáram tanto os navegantes, que já se nutriam com os restos de panos velhos, e muitos d'elles se fináram á mingua.

Conta o poeta Bento Teixeira Pinto (4), que ia de passagem á bordo, que a constancia e o animo de Jorge de Albuquerque Coelho poupou mais lamentaveis desastres, já accalmando aquelles que desesperados tentavam matar-se, e já incitando os brios da tripulação, que quasi enlouquecida pretendia commetter barbaridades, e nem se queria empregar na manobra do navio.

Ouvio Deus as preces de tantos desgraçados, que, depois de crueis padecimentos, deram á costa nos baixios de Cascáes, é proximidades do Tejo, parecendo mais cadaveres do que homens vivos!

Chegado á Portugal, entregou-se Jorge de Albuquerque Coelho ao exercicio das armas, que era a profissão da nobreza : chegou ao posto de general : teve entradas no paço; fazia-se na côrte considerar tanto pelo seu valor, ardideza e sangue, como pela generosidade do seu caracter; pelo povo

grangeára sympathias pelas sua acções caritativas e briosos procedimentos.

Approximava-se então para Portugal uma crise memoravel e lugubre. O monarcha, a quem errada educação insinuára brios de procurar e affrontar perigos, e de perseguir a todos que não adoptavam e abraçavam o catholicismo, premeditou a conquista d'Africa, arrancando-a á crença do Profeta. Fizeram-se para a expedição os maiores preparativos; ardiam os nobres portuguezes de quebrar elmos de Agarenos, e de conquistar terras de infieis; deixou Duarte de Albuquerque Coelho a sua terra de Pernambuco, confiando a administração a seu tio Jeronymo de Albuquerque : unio-se á flor da fidalguia, que devia acompanhar a seu rei. Foi Jorge de Albuquerque Coelho nomeado enfermeiro mór do exercito, é commandante de uma columna de cavallaria, ás ordens immediatas de Dom Diogo de Souza.

Completos os preparativos, embarcou-se, em 1578, ElRei, a nobreza e o exercito; ficou Portugal entregue a cinco governadores, o arcebispo de Lisboa, Dom Jorge de Almeida, Pero de Alcaçova, Francisco de Sá, e Dom João Mascarenhas : depois de tormentosa viagem, aportou a frota em Tangere.

Não cabe aqui descrever miudamente todos os graves acontecimentos que tiveram logar n'esta expedição famosa, que acabou por um sanguinolento combate ás margens do rio Luco, e que causou a

ruina de uma das primeiras monarchias europeas; uma ou outra pequena circumstancia apenas relevaremos, para completar os successos da vida do illustre Brazileiro que figurou n'ella com tanto luzimento.

Teve logar a batalha no dia 4 de agosto de 1578 nos campos de Alcacer-Quivir, entre as tropas portuguezas e o exercito de Muley Moluco, rei de Fez, Marrocos e Trudante. Dardejava o sol tão abrasadores raios, que pareciam incendiar a terra: perdeu Dom Sebastião o cavallo que foi atravessado pela bala inimiga: em tão triste occurrencia em que ElRei, que era conhecido pela côr original de suas armas, correu imminente perigo de cahir nas mãos dos infieis, appareceu-lhe Jorge de Albuquerque gravemente ferido e ensanguentado, e lhe offereceu o seu proprio ginete: é este facto commemorado por todos os historiadores, e especialmente por Miguel Leitão de Andrade (5), e prova a grandeza d'alma e a rara fidelidade de Jorge de Albuquerque Coelho: foi-lhe prejudicial o sacrificio, porque brevemente um troço de inimigos attacando-o de novo deixou-o por morto no meio de uma porção de cadaveres, que juncáram o campo da batalha: e nem com elle se salvou o atrevido monarcha, que na lucta sanguinolenta perdeu a sua corôa, a sua vida, e a fortuna da sua patria.

Esclareceu o dia immediato um espectaculo mais luctuoso ainda: já não era um combate de dous

exercitos, em que se esvaïa a vida no meio dos peloiros, ao tinir das armas, e exaltados os espiritos de furor, vingança e enthusiasmo; estava o campo coberto de cadaveres; com sangue misturava o rio Luco as suas limpidas aguas; traspassava e infeccionava a atmosphera o fetido dos mortos; e sobre esses desgraçados restos atirava-se uma nuvem de salteadores, que rasgavam as vestes tepidas e humidas, roubavam a corpos inanimados os dinheiros e joias, que ainda guardavam, e carregavam no meio dos risos infames, desapiedadas e indecifraveis alegrias, os despojos que não a valentia e o ardor dos combates lhes trouxeram, mas que lhes conseguiram ás occultas a protervia e o crime.

Felizmente que faz a Providencia divina sahir ás vezes do cumulo de males venturas inauditas: como mortos jaziam muitos individuos, que ainda o não eram, e a esperança de maiores lucros animou a essas harpias, que esvoaçavam por cima dos cadaveres, a salvar-lhes a vida e tomar d'elles cuidado, para os venderem como escravos, apenas voltados ao gozo da saúde: foi Jorge de Albuquerque Coelho um dos infelizes, que do combate e das ancias já da morte passou para o captiveiro dos Mouros: que dôres crueis, não só as dôres moraes, que assaltavam-lhe o coração e a mente, como em turbilhão continuado, mas dôres physicas tambem que lhe resultavam das feridas que recebera! Foi para Fez conduzido em um carro. Soffreu longa e dolorosa operação nas pernas,

da qual resultou ficar d'ellas aleijado, e para poder sustentar-se, e andar de pé, vio-se obrigado á usar de muletas.

Que vida essa a do captiveiro! E que captiveiro o de Mouros! — Foi o theatro e a pedra de toque das grandes almas de toda aquella epocha, em que constante e mortifera lucta sustentavam os Portuguezes contra os seus visinhos Agarenos nas terras e dominios africanos, como que para assim vingar-se de haver sido Portugal uma das conquistas d'elles! Tantas vezes receberam os campos musulmanos copia immensa de cadaveres lusitanos, e cadaveres da flor do reino, da mais pura e antiga nobreza, e até de sangue regio! Talvêz que fosse menos infeliz o que encontrava a morte no seio da batalha, na ponta de gladio, no perpassar da bala, do que o prisioneiro que arrastou a sua existencia na miseria a mais cruel e amarga, e ao som de ferros que manietam pés e mãos, e que a cada instante lhe estão lembrando o estado de captiveiro! Some-se a vida no travar da lucta e do combate : si ha dôr, é instantanea; no captiveiro porém, além dos sofrimentos physicos, além das dôres que agitam o corpo, além do peso dos ferros, do apertar das algemas, do bater dos instrumentos do castigo; além da fome e da sede que vai calando e minando a existencia; sobem á imaginação e lhe fallam brios quebrados, orgulhos abatidos, glorias fanadas e futuro sem esperança! Erguem-se

fantasticas reminiscencias de heróes que ali se fináram, e cujo prototypo é, sem contestação alguma, o infante Dom Fernando, prisioneiro em 1438, e que preferio, martyr da sua patria, fenecer e morrer agrilhoado entre infieis a entregar-lhes Ceuta, conquistada pelos Portuguezes.

Com Jorge de Albuquerque Coelho foram captivos e martyres seu irmão Duarte de Alburquerque Coelho, Jeronymo Côrte-Real (6), Diogo Bernardes (7), Luiz Pereira Brandão (8), e varios outros Portuguezes illustres por sangue, por talentos ou pelas qualidades : receberam Fez e Marrocos um numero avultado de christãos, que a batalha de Alcacer-Quivir atirou nas prisões e no captiveiro.

Como viveu Jorge de Albuquerque Coelho durante o tempo da sua escravidão, que não durou menos de dous annos, diga-o a imaginação capaz de fantazia-lo : pesava-lhe de certo o defeito physico com que ficára marcado; mortificava-o o captiveiro que soffria; mas como poderia lembrar-se o desditoso, sem que aos olhos lhe saltassem as lagrimas, não só da vida alegre, feliz e venturosa, que passára, senão tambem do estado desgraçado a que estariam reduzidas a sua patria, e a donataria dos seus pais! que dôres o assaltariam quando se lembrasse que não poderia batter-se mais em campo raso com os seus inimigos, travar com elles luctas cavalheirosas, quebrar arnezes e ufanar-se com victorias e triumphos!

Dôr e afflicção egual que não tem nome no hymno

das dôres, mas que sobe á escala indifinivel! reminiscencias, que são duros e crueis sacrificios e que devem torturar o espirito, e completamente anniquila-lo! é a perda de toda a esperança, quer de salvar-se do captiveiro, e de gozar ainda da vida, quer de se prestar ao seu paiz, e de servi-lo dedicadamente! quanto soffreu sem duvida, na sua escravidão de Fez, o general Jorge de Albuquerque Coelho!

Com muitos dos seus companheiros de infortunio resgatado, á custa de pesadas sommas pecuniarias, que a caridade publica fornecia, e que conseguia esmolando a ordem religiosa para esse fim instituida, sommas com que se compravam aos Mouros os seus captivos; pode voltar por fim para Portugal e para o seio dos seus amigos e parentes.

Mas que differença em Portugal! Como estava mudado!

A Dom Sebastião succedêra no throno portuguez o sexagenario cardeal Dom Henrique, que expirou poucos mezes depois, deixando a corôa ambicionada por muitos pretendentes, dos quáes eram dous portuguezes, a duqueza de Bragança, e Dom Antonio, prior do Crato. Mandou Felipe II, rei da Hespanha, que o duque d'Alva á frente de um exercito se apoderasse de Portugal, e o unisse á corôa hespanhola; estremeceram os Portuguezes; ousáram poucos resistir ao poderoso monarcha; recolheu-se ao silencio a duqueza de Bragança; unico foi o prior do

Crato que pegou em armas, e chamou Portuguezes ao combate : contraria correu-lhe porém a sorte, e venceu Felipe II; todos os que nutrindo idéas ainda de independencia, e odio ao jugo hespanhol, contra elle se declararam, ou unindo-se ao prior do Crato, ou sem aceitar o governo de Dom Antonio, desejando para Portugal outro rei, que não fosse o monarcha castelhano, tiveram de resignar-se ao exilio, para escapar á prisão, ou á morte.

Havendo fallecido Duarte de Albuquerque Coelho durante o seu captiveiro na Africa, a seu irmão Jorge de Albuquerque veio a pertencer a capitania de Pernambuco na falta completa de descendentes directos, pelo direito hereditario : mas, com a sujeição de Portugal, ousáram assaltar os Hollandezes e Francezes as antigas possessões que tanto sangue haviam custado aos Portuguezes. Era Pernambuco uma das donatarias mais ferteis, e portanto das mais ambicionadas, e para ali convergiam aquelles povos as suas vistas, pretendendo conquista-la.

E que podia fazer Jorge de Albuquerque Coelho? Não lhe roubára a existencia a batalha de Alcacer-Quivir; deixára-o porém exhausto de fortuna e de meios para soccorrer a sua capitania, e inhabilitado de corpo para pessoalmente defende-la; e podia o filho de Duarte Coelho contentar-se com a sorte do invalido?

Para consolar-se, chamou em seu auxilio a intelligencia, e ella lhe não faltou : escreveu diversos tra-

tados moráes e politicos, e memorias importantes sobre as guerras do Brazil, durante as primeiras explorações; pelo juizo critico dos chronistas contemporaneos, ao passo que revelam estas memorias o apurado talento do seu auctor, offereciam para aquella epocha as mais perfeitas e verdadeiras noticias de estado de Pernambuco, e interessavam de bem perto aos estadistas portuguezes (9).

Ainda que Felipe II conhecia o quanto lhe era infenso o animo de Jorge de Albuquerque, que soffria de ver Portugal governado por monarchas estrangeiros, mostrou todavia grande apreço por suas memorias, e sollicitou do auctor que continuasse a escreve-las para gloria sua, e da nação portugueza: e querendo dar-lhe um testemunho mais elevado do seu apreço, offereceu-lhe enviar alguma força para Pernambuco, que sustentasse a sua capitania contra os attaques dos inimigos que a invadiam. Aceitou Jorge de Albuquerque este auxilio, e para o lograr mais efficaz, requereu, e obteve tambem, que com a força armada partissem religiosos menores de São Francisco, alguns carmelitas, e padres da Companhia de Jesus, certo de que mais perfeitamente se consolidariam os triumphos das armas com os auxilios da religião, que chamando tantos gentios perdidos ao gremio de sociedade, augmentaria o numero do seu povo, e o moralisaria com os exemplos de virtude e prédicas moráes e religiosas.

Já que por si mesmo não podia mais, atravessando

os caudalosos mares, tomar conta das redeas do governo, collocar-se á frente de seu povo, e conduzi-lo á victoria, como tão gloriosamente o fizera na sua mocidade; para engrandecimento e prosperidade da terra que o viu nascer, e que vinha doce e fantasticamente susurrar em todos os seus sonhos, pelo menos a soccorria conforme as suas forças, e por este modo satisfazia a seus desejos patrioticos.

E logo que á edade varonil chegou o seu filho Duarte de Albuquerque Coelho que nascêra em Lisboa, mandou-o para Pernambuco, como seu representante, como sua propria imagem, á fim de animar com a sua presença o povo que lá existia, aprender a batalhar, e conhecer e amar o solo feliz que fôra patria de seu pai, e era o feudo de sua familia, conquistado pelos seus antepassados á custa dos seus braços, do seu sangue, e da sua vida.

É inteiramente ignorada a epocha do fallecimento de Jorge de Albuquerque; desde que regressou do captiveiro de Fez, não sahiu mais de Lisboa; n'esta cidade teve sem duvida logar a sua morte: os chronistas que historiáram os successos de sua vida não mencionáram o seu termo; o que se sabe é que ainda no anno de 1596 vivia Jorge de Albuquerque Coelho, general reformado do exercito portuguez, guerreiro coberto de cicatrizes e de gloria, e litterato conceituado pela sua erudição e pelos seus talentos.

NOTAS.

(1) *Bibliotheca lusitana*, tomo III.

(2) *Orbe seraphico*, primeira parte.

(3) Manuscripto sobre as cousas de Pernambuco, de data de 1719.

(4) Anda publicada esta narração de Bento Teixeira Pinto no segundo tomo da *Historia tragica maritima*.

(5) *Varia historia*, batalha de Alcacer-Quivir.

(6) Auctor do *Cerco de Diu* e do *Naufragio de Sepulveda*, admiraveis poemas.

(7) Poeta illustre portuguez, auctor dos poemas denominados *o Lima*.

(8) Luiz Pereira Brandão, auctor do poema *Elegiada*, em o qual é esta batalha famosa perfeita e poeticamente desenhada.

(9) Attribuem-lhe tambem os contemporaneos além de outras obras uma falla notavel que fez aos governadores do reino; e mais os conselhos aos parentes e fidalgos de Portugal, que existem, no dizer do abbade Barbosa, na livraria da casa dos marquezes de Valença.

III.

SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENAVIDES.

I.

Foram Mem de Sá, Estacio de Sá e Salvador Correia de Sá, os fundadores da cidade do Rio de Janeiro; o primeiro, governador geral do Brazil, retirou-se para a Bahia, capital então do estado; pagou o segundo com o seu sangue e a sua vida a gloriosa conquista para que tanto concorrera; e governou-a o terceiro até que, em 1572, recebeu ordem de passar a administração a Christovam de Barros.

Era o governo da capitania do Rio de Janeiro subordinado ao governo geral do Brazil; no anno de 1574, considerou ElRei Dom Sebastião que melhor seria dividir a administração en dous governos independentes, com as denominações de Sul e Norte, sendo capital de primeiro a nova cidade do Rio de Janeiro, para o qual nomeou a Antonio de Salema; e continuando a Bahia capital do segundo.

Não durou muito tempo esta deliberação; appareceram inconvenientes de tamanha gravidade que, em 1577, ordenou ElRei que voltassem as cousas ao seu antigo estado; e foi novamente nomeado

Salvador Correia de Sá governador do Rio de Janeiro subordinado ao governador geral do Brazil.

Complicada e trabalhosa era de certo a tarefa do governador do Rio de Janeiro; não lhe cabia sómente lançar os fundamentos da cidade, conceder sesmarias de terras, animar o cultivo d'ellas, e promover o augmento da população; tinha que sustentar continuas guerras contra os gentios Tamoyos, que á força, e unicamente no derradeiro extremo, cediam o terreno, e retiravam-se então para o interior a refugiar-se nos sertões desconhecidos pelos conquistadores. Cathequisáram-se, aldeiáram-se, e traváram-se de amizade com os Portuguezes, quasi todas as nações e tribus dos indigenas do Brazil, já com o medo e temor das suas armas, já movidas pelas praticas habilidosas dos Jesuitas, que as procuravam, tranquillisavam e chamavam ao gremio da religião e da sociedade. Como que eram porém os Tamoyos do Rio de Janeiro de tempera diversa, não ouviam os conselhos de paz, e nem attendiam as vozes dos Jesuitas; não se cathequisáram, e menos se aldeiáram; combatiam constantemente; e quando foram vencidos e derrotados, abandonáram o terreno, e sumiram-se á todos os olhos; preferiram perder as suas bellas e magestosas terras, a sua vasta e magnifica bahia, os seus folgares no oceano, e os seus jogos maritimos, para conservar a sua vida livre e nomade. Um Tamoyo não se ligou com os Portuguezes; receberam as terras interiores do

Brazil essa nação cavalheirosa e valente, que a força venceu, mas que se não curvou aos vencedores.

Durante o primeiro governo de Salvador Correia de Sá, nasceu-lhe um filho no Rio de Janeiro, Martim de Sá (1). Em 1590, casou-se Martim de Sá com Dona Maria de Mendonça Benavides, filha de Dom Manuel de Benavides, governador de Cadiz: em 1594, achando-se empregado Martim de Sá nas obras militares do Rio de Janeiro, ainda sob o governo de seu pai, Salvador Correia de Sá, veio ao mundo seu filho Salvador Correia de Sá e Benavides, que foi no mesmo anno baptisado na freguezia de São Sebastião, hoje sé velha (2). A quasi todos os membros da familia dos Sás coube a honra de dirigir a administração da capitania do Rio de Janeiro. Foram por diversas vezes seus governadores Mem de Sá, Estacio de Sá, Salvador Correia de Sá, Martim de Sá, e Salvador Correia de Sá e Benavides.

Em 1603 obteve pela primeira vez Martim de Sá o posto do governador do Rio de Janeiro, e o de vice-almirante das costas do mar do sul do Brazil; durou a sua administração até 1608, epocha em que regressou para Lisboa, sendo substituido por Affonso de Albuquerque: em 1623 voltou segunda vez para o Rio de Janeiro a tomar as redeas do governo da capitania.

Em seu filho Benavides madrugáram muito cedo o valor e os brios; dedicou-se ás armas, que eram as armas a carreira que lhe competia; n'ellas ha-

viam adquirido gloria os seus antepassados tanto nas guerras d'Africa, e conquistas d'Asia, como nas luctas do Brazil : que espelhos de acções dignas e memoraveis lhe appareciam, sempre que folheava as vidas dos seus predecessores! Que quadros de heroismo luziam a seus olhos, quando elles se estendiam pelo immenso theatro da guerra, que Portugal levára á todas partes do mundo! Que aureolas de gloria phantasiava a sua imaginação embebida nas historias de Diu, Damão e Malacca, e nas chronicas de Ceuta, Tangere, Alzira e Maroccos!

Herdavam-se os brios com o sangue, enthusiasmavam-se com os exemplos, e firmavam-se com os feitos de gloria : tinha apenas Salvador Correia desoito annos de edade quando o mandou seu pai que acompanhasse varios combois de navios mercantes, que navegavam entre o Brazil e o reino de Portugal : começou assim a carreira de feitos honrosos, sustentando ainda na juventude diversos combates com náus hollandezes que encontrára na sua viagem. Coalhavam-se os mares n'essa epocha de piratas e corsarios, que por toda a parte infestavam e attacavam os navegantes : e muito arriscadas eram as commissões de accompanhar combois de navios mercantes, defendendo-os de attaques e roubos a que andavam expostos.

Tenro ainda avesou-se o seu corpo aos exercicios continuos, e á maravilhosa actividade, que distinguem o guerreiro; dedicou-se o seu espirito ao estudo

da estrategia e da sciencia, que aperfeiçoa, domina e dirige a pratica militar; e era-lhe preciso unir a intelligencia ao valor pessoal, liga-los estreitamente para que conseguisse collocar-se ao nivel dos grandes acontecimentos que o esperavam, e que lhe cumpria vencer.

Não tardou muito a epocha das provas.

Attacáram inopinadamente os Hollandezes a cidade da Bahia, em 9 de maio de 1624. Era a capital e a primeira e principal praça de todo o Brazil, como séde official do governo, e como a povoação mais importante : continha cerca de mil quatrocentas casas, tres conventos, e quatro egrejas : guarneciam-na trezentas e cincoenta praças de linha, e perto de mil milicianos; uma bateria e tres fortalezas defendiam-lhe o porto. Foi regular a defesa : não poderam porém resistir os de terra a força tão poderosa como era a hollandeza composta de vinte e seis navios de guerra, com quinhentas bocas de fogo, e uma tripulação de mil e seis centas praças de marinhagem e mil e setecentos soldados, a cuja testa se achavam os famosos Jacob Willekens e Peter Heyne. Tomáram elles a cidade; prenderam o governador Diogo de Mendonça Furtado, que remetteram para Amsterdam; assenhorearám-se das fortalezas, tendo-se evadido para o interior a maior parte da população, que abandonou a praça. Chegando esta noticia a Martim de Sá, tratou este governador de auxiliar immediatamente os seus com-

patriotas, soccorrendo-os em transe tão amargurado. Preparou uma força de duzentos homens, e fê-la seguir para a Bahia, confiando o seu commando a seu filho Benavides : descobria já n'elle aquelle ardor, nobreza, valentia e pericia, que affiançavam honrosos feitos, e promettiam porvir glorioso.

Si bem que as caravellas, que levavam esta força, seguissem viagem costeiando o paiz, soffreram uma tempestade pelas alturas dos Abrolhos; demandáram o Espirito Santo, e ahi arribáram, a fim de se reparar de algumas avarias : parece que foi a Providencia que attrahio para esta capitania a Salvador Correia por que a sua presença e valor a salváram de uma frota hollandeza, bem esquipada e apparelhada, que vindo de Loanda se dirigira para o Espirito Santo, na persuasão de achar a capitania desprevenida, e poder assim saquea-la. Conheceu Salvador Correia que era inferior o numero dos seus soldados ás forças hollandezas excedentes a trezentos; o valor porém se não mede pelo numero; sempre fallam os brios antes do calculo. Animou a sua gente; desembarcou em terra, que já em a terra se achavam os hollandezes capitaneados pelo almirante Patrid; e começou o combate com aquelle ardor heroico, e caloroso enthusiasmo, que não dá tempo á victoria a decidir-se; sustentáram os Hollandezes o attaque com a frieza e calma de seus climas; a mortandade porém que lavrou por entre as suas fileiras, obrigou-os a abandonar a terra, e a procurar os seus navios; ousáram voltar nos dous dias

immediatos; soffreram novo revêz; não se pode cortar inteiramente a retirada dos inimigos, pela diminuta força portugueza; causou-lhes porém Salvador Correia um destroço tal, que d'elle lhes ficou de certo longa reminiscencia. Muitos cadaveres hollandezes juncáram o campo da batalha; recebeu e tragou o mar duas das oito embarcações que traziam; e no transe da fuga de terra, dentro das lanchas e dos escaleres, e mesmo a bordo dos seus navios, supportáram consideraveis perdas (3).

Obtida a victoria de 1625, e por ella libertada a capitania do Espirito Santo, seguio Salvador Correia de Sá e Benavides para a cidade da Bahia com a pequena força que commandava.

Logo que fôra preso o governador, e cahira a cidade em poder dos Hollandezes, refugiáram-se os habitantes para o reconcavo, como já o dissémos; mas pela influencia e exhortações do bispo Dom Marcos Teixeira ali se reuniram, se organisáram, e se defendêram, ao principio, com diminuta força, e nem-um successo; foram depois a pouco e pouco recobrando os animos, e reclamando soccorros das capitanias visinhas, que não tardáram felizmente; os que de Pernambuco expedio Mathias de Albuquerque, governador e capitão general, foram os primeiros chegados, e muito serviram para animar e enthusiasmar o povo portuguez. Não desejava para o Brazil mandar soccorros o conde de Olivares,

primeiro ministro das Hespanhas : obrigou-o porém o Conselho d'Estado a fazer seguir Dom Fadrique de Toledo commandando uma frota de trinta galeões, quasi todos preparados e esquipados pelos Portuguezes a fim de tomar immediatamente a offensiva e attacar a cidade, que os Hollandezes tinham reforçado com auxilios novos, que haviam tambem recebido da sua Companhia das Indias Occidentáes; conseguio Dom Fadrique de Toledo desembarcar na Bahia uma força de dous mil homens, que acastellou no mosteiro de São Bento : chegou tambem pelo mesmo tempo Salvador Correia, trazendo o contingente com que entrava seu pai para a restauração da capital do estado do Brazil.

Pode-se organizar então uma força regular portugueza, que se accampou nas margens do rio Vermelho, na distancia de uma legua da cidade, ás ordens do bispo, de Manuel Dias de Andrade, e de Pedro da Silva Coutinho, a qual começou o assedio d'ella; pela parte do mar Dom Fadrique de Toledo, Salvador Correia de Sá, Dom Francisco de Almeida, e outros capitáes cortavam as communicações da praça, servindo-se tambem da de posse que tinham de alguns pontos de terra. Ao assedio seguio-se o attaque, e ao attaque a victoria; no dia 1° de maio de 1625, lográram os Portuguezes entrar na Bahia, obrigando os Hollandezes e o seu governador Kiff á evacuar a praça. Já não era aquella bella cidade que

tinham possuido; outra lhes era restituida; por debaixo da atmosphera enfumaçada da lucta um montão de ruinas apparecia, ruinas de grandes casas, e excellentes edificios que, ou devorára o fogo, ou destruira a mão dos conquistadores; perderam os Hollandezes a praça; não quizeram porém que voltasse para o dominio dos Portuguezes como quando lhes pertencêra; com o ferro, e com o incendio causáram-lhe incalculaveis perdas.

Com elogio fallam as proprias memorias hollandezas do valor, intrepidez e estrategia de Salvador Correia de Sá e Benavides (4); para a sua Côrte deu Dom Fadrique de Toledo uma parte tão honrosa do seu comportamento, que foi louvado em. cartas patentes do soberano, e nomeado almirante do Rio da Prata (5).

Regressando para o Rio de Janeiro, foi empregado Salvador Correia em varias commissões, nas prestou serviços tão relevantes a Martim de Sá, como a seu finado avô prestára elle : occupou-se com as obras dos fortes de Santa Cruz e São Thiago, e tambem com a edificação da nova fortaleza de São Sebastião, mandada levantar para o fim de premunir a cidade contra quaesquer invasões de inimigos.

Nos fins do anno de 1629 foi chamado á metropole, e empregado, em Lisboa, em algumas commissões militares.

No entanto, em 1632, falleceu no Rio de Janeiro o governador Martim de Sá; a mesma terra, que o

viu nascer, recebeu-o no seu seio; aonde echôou o primeiro suspiro da sua vida, ouvio-se o derradeiro d'ella; illustre por seu nome e familia, honrado por suas acções, e celebrado por seus feitos, foi chorado por todo o povo, que governára, como sóe ser um pai extremoso chorado por seus filhos.

O sentimento de Salvador Correia de Sá e Benavides obrigou-o a deixar o serviço publico, a recolher-se á solidão, e a procurar alivio e repoiso; pouco tempo o deixáram porém no descanso, que nem a sua indole, e nem aos interesses de seu paiz convinha de forma alguma.

II.

Em toda a parte central dos dominios hespanhões, que comprehende as provincias de Tucumãn, Jujuy, São Luiz, São João, e a margem direita do rio Paraguay, lavrava antiga e terrivel rebellião, fomentada por Dom Pedro Chamay. Por diversas vêzes haviam sido destroçadas e anniquiladas pelos revoltados varias forças castelhanas; e não sofria a metropole com o só desconhecimento do seu governo e do seu dominio nos logares sublevados; padeciam tambem muito com aquelle estado de anarchia as suas provincias limitrophes de Buenos Ayres, Corrientes e Entre Rios, e podia elle trazer funestos resultados aos dominios da corôa hespanhola.

Tencionou ElRei Dom Felipe IV terminar de uma

vez para sempre com a rebellião, e trazer á paz, e ao seu dominio todo o territorio do sul da America: necessitando de um general que tivesse ainda a robustez da mocidade, para poder resistir aos combates desiguáes de povos indisciplinados e traiçoeiros, e para atravessar terrenos incultos, vencer distancias immensas, e soffrer sedes, fome, abandonos e solidões, escolheu a Salvador Correia de Sá e Benavides, cujos feitos o haviam já collocado ao par dos melhores guerreiros do seu tempo; nomeou-o, em 1634, vice-almirante das costas do mar do sul, e commandante em chefe do exercito castelhano que devia seguir para o sul da America, a operar contra os revoltosos.

Firmou-se e engrandeceu a reputação de Salvador Correia de Sá e Benavides com as campanhas de Tucumân, São João e São Luiz; regou com o seu sangue os campos do magestoso continente, que lhe deram para theatro de seu valor e brios; foram longos e sanguinolentos estes combates; era uma serie continuada e incessante de luctas; seguiam-se umas apóz outras; para conseguir effeitos reáes, carecia a victoria de um dia de segunda, terceira e quarta victoria nos dias immediatos; desapparecia o inimigo, logo que perdia o campo da batalha; para descobri-lo e apanha-lo atravessavam-se de novo os desertos, dobravam-se as montanhas, vadeiavam-se os rios, rasgavam-se as florestas e mattas desconhecidas; sumia-se elle aos olhos ainda, inter-

nava-se nas solidões, e obrigava á novos trabalhos, novas fadigas, e novos sacrificios, para se avivar a lucta: por fim porém a victoria de Paligarta, em 1635, pacificou a provincia de Tucumãn, sendo derrotados completamente os Catequis revolucionarios, e preso o seu chefe principal, Dom Pedro Chamay. Pode então Salvador Correia de Sá e Benavides regressar para Madrid, e appresentar ao governo os seus loiros, as suas cicatrizes, e os despojos dos inimigos.

Em premio, nomeou-o ElRei, por carta patente de 21 de fevereiro de 1637, governador e capitão general do Rio de Janeiro.

Casou-se, por estes tempos, Salvador Correia de Sá e Benavides com Dona Catharina de Valasco, filha de Dom Pedro Ramires de Valasco, governador do Chile, e seguio para o Rio de Janeiro a fim de exercer o governo da capitania.

Quando, em 1640, rebentou em Portugal a gloriosa revolução da independencia, que acabou com o jugo castelhano, e elevou ao throno Dom João IV, duque de Bragança, achava-se ainda Salvador Correia na cidade de Rio de Janeiro, á frente do seu governo. Harmonisavam seus sentimentos com aquelles novos e graves successos; si bem que sempre merecera a attenção de Dom Felipe IV da Hespanha, e recebera não equivocas provas de sua real estima, presava com tudo a independencia de Portugal, e por isso saudou-a no Rio de Janeiro, submettendo-se immediatamente ao novo monarcha e perdendo

com este acto dez mil cruzados de renda que lhe dava a Corôa hespanhola, e mais de cincoenta mil de fazenda de raiz e movel, que possuia no reino do Perú e Castella. Proclamado Dom João IV legitimo rey e senhor de Portugal no meio das maiores demonstrações de publico regozijo, em 10 de março de 1641, para todas as capitanias do sul foram enviados emissarios para o fim de convidar as auctoridades e os povos a seguir o mesmo exemplo.

Preferio assim Salvador Correia de Sá e Benavides a fidelidade de subdito e de portuguez á possessão de riquezas e honorarios que a Hespanha lhe affiançava. Confirmou-o Dom João IV no posto que occupava, conferindo-lhe mais o cargo de general da frota dos mares do Brazil, como testemunho de seu real agrado.

Foi uma administração de grandes vantagens moráes, e de immensos progressos materiáes para o Rio de Janeiro, e para todo o sul do Brazil, a que elle desenvolveu no seu governo. Era incansavel o seu genio, activissimo o seu espirito; tudo procurava por si mesmo ver, conhecer e examinar; anciava augmentar a população, fazer progredir o cultivo das terras, abrir vias de communicação entre diversos pontos e aldeias, que levantava e animava; era o seu intuito provar aos olhos de todos, que o paiz que lhe servir de berço continha em seu seio copia immensa de riquezas fecundas, e germen seguro de futuras prosperidades; sustentou os Jesuitas, na in-

tenção de propagarem os dogmas da religião catholica, cujo freio mais segurava o dominio da civilisação: executou as bullas dos papas Urbano VIII e Paulo III, e as leis, cartas regias, provisões e alvarás de seu soberano, de 20 de março de 1570, 22 de agosto de 1587, 11 de novembro de 1595, 30 de julho de 1609, e 10 de septembro de 1611, que declarando libres os gentios, estabeleciam como unica excepção os casos dos prisioneiros em guerra justa, e auctorisada pelo governo, e em correrias matutináes, assaltando e roubando habitações, assassinando os moradores, ou matando inimigos para comer. Pensava assim poder reunir em torno do seu governo, e na sua obediencia, a todos esses infelizes selvagens : e bastante lhe custava a execução d'estas providencias, porque os povos se habituáram a possuir escravos, e se haviam assenhoreado injustamente dos indigenas, reduzindo-os á escravidão ou obrigando-os a trabalhar nas suas fazendas. Preciso lhe foi ir pessoalmente a Santos, a São Vicente, a São Paulo, aonde mais claramente se manifestára a opposição, e por si mesmo, com pacificas insinuações e paternáes conselhos, e com emprego de ameaças, e mesmo de força armada, accommoda-los, abranda-los, e submette-los.

A Salvador Correia de Sá e Benavides succedeu no governo da capitania do Rio de Janeiro Luiz Barbalho Bezerra : retirou-se Benavides para Lisboa, acompanhando uma frota de trinta e cinco navios

mercantes; na Bahia recebeu em conserva o mestre de campo Andre Vidal de Negreiros, e Martim Soares Moreno com dous terços embarcados em oito navios; attravessou sem receio os mares de Pernambuco coalhados de náus hollandezas, que, perdida a Bahia, se haviam apoderado da capitania de Pernambuco e n'ella estabelecido, e deixou em Itamaracá aquella força, que se destinava ao soccorro dos Portuguezes, que cercavam o Recife.

Chegado a Lisboa não gozou do descanso por muito tempo. Das costas do Brazil passáram-se os Hollandezes para a Africa; chamando a si alguns reis negros, attacáram diversos presidios, d'elles se apoderáram, e tomáram posse de Loanda, fortificando-se ali, como em dominio seu : soffreu grandes revêzes o commercio portuguez com este successo; entre a Africa e o Brazil fazia-se a navegação em grande escala; eram as viagens faceis e regulares; transportavam-se para os portos de Portugal os generos africanos por intermedio das praças da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Ordenou ElRei Dom João IV a Salvador Correia de Sá e Benavides que partisse para o Rio de Janeiro, tomasse novamente posse d'este governo, ajuntasse forças e tratasse de restituir á corôa portugueza os seus dominios d'Africa, expellindo d'elles os Hollandezes, e obrigando os reis negros de sertão a submetter-se á sua autoridade.

Foi pois pela segunda vez Salvador Correia de Sá

e Benavides governador do Rio de Janeiro; a sua actividade e o seu zelo reuniram em pouco tempo força e armada sufficientes para reconquistar a Africa, que devia de ser novo theatro de seus feitos: para ali partio em 12 de maio de 1648; propicios felizmente lhe foram os mares e os ventos, achando-se em vista das costas africanas apóz uma curta viagem. Recontar os pormenores dos combates que teve de dar, descrever os seus planos de campanha, minuciar as victorias e triumphos que conseguiu, longa tarefa seria. Baste dizer que apenas desembarcou com a sua força em Guicombo, assaltou e venceu os Hollandezes, obrigando-os a abandonar a ilha de Loanda e a possessão de Benguela, depois de terrivel perda de gente e material : expellidos os invasores teve que recomeçar a lucta contra as tribus naturáes da terra. Combateu e destroçou innumeráveis hordas de pretos, que com os Hollandezes se haviam travado de alliança; obrigou os seus reis e os seus chefes, e especialmente o rei do Congo, a rainha Ginga de Angola, e quatorze sovas, que todos se haviam rebellado, a curvar-se á Corôa portugueza, e a reconhecer os seus direitos de suzerania, cedendo-lhe as terras e a ilha de Loanda; e para firmar a posse de seu monarcha tratou da reconstrucção e reedificação dos presidios e fortes, e das vilhas e cidades, que a invasão assolára e destruira.

Guarneceu-se e fortificou-se Loanda; fundou no Congo e no Zaire algumas povoações portuguezas;

foi por elle visitada e examinada toda a costa; aqui e ali dispersos fortes e presidios levantados; ficáram por este modo melhor fortificados os dominios portuguezes d'Africa.

Affirma monsenhor José de Souza Azevedo Araujo Pizarro (6) que ainda no seu tempo (7) se celebrava annualmente em Loanda uma festividade religiosa, em louvor da victoria obtida em 15 de agosto de 1648 por Salvador Correia de Sá e Benavides, a qual lhe abriu as portas d'esta importante cidade, e a livrou do jugo e dominio dos Hollandezes.

Conservou-se Salvador Correia de Sá e Benavides quasi tres annos no governo d'Africa; em 1651, retirou-se para o Rio de Janeiro, logo que julgou cumprida a sua difficil missão, deixando por seu substituto a Rodrigo de Miranda Henriques; recebeu então d'ElRei as commendas de São Julião de Cassia, e de São Salvador da Lagoa, na ordem de Christo, e a mercê do senhorio de Asseca, e da alcadaria mór da cidade do Rio de Janeiro, com o privilegio de poder gravar as figuras de dous Africanos por supportes de suas armas, e brasão de familia, como recompensa dos seus serviços.

Governou ainda pelo espaço de um anno a capitania do Rio de Janeiro, continuando a publica administração com o mesmo cuidado, zelo, intelligencia e actividade, que empregára em seu primeiro governo, e que o fizeram estimar e respeitar por todo o povo; comprehendeu o verdadeiro sys-

tema de concessão de sesmarias com o onus de demarcação, posse e cultivo, em um prazo rasoavel e fixado; fundou a egreja de São Salvador, nos amenos e alegres campos dos Goytacazes, ás margens do rio Parahyba; chamou para ahi povoação, estabeleceu engenhos de assucar, e promoveu o cultivo da cana em um terreno tão fertil e tão proprio para ella como é aquelle solo; concedeu a administração da egreja aos monges de São Bento, que lhe haviam prestado importantes serviços (8); abrio as necessarias estradas, que communicassem aquelle novo povoado com a cidade do Rio de Janeiro, plantando por ellas algumas aldeias de gentios cathequisados, e de colonos europeus, misturando-os com os mestiços, e firmando entre elles todos o principio de perfeita egualdade.

Incitou emfim a Francisco Dias Velho, e coadjuvou-o para tomar conta da ilha de Santa Catharina, e povôa-la com sua familia e quinhentos colonos e Indios domesticados, fundando-se assim a cidade do Desterro, capital hoje da provincia d'aquelle nome.

III.

Com a morte d'ElRei Dom João IV, e regencia da rainha Dona Luiza de Medina Sidonia, tutora de seu filho ElRei Dom Affonso VI, começáram á apparecer em Portugal evidentes symptomas de

opposição da nobreza e do povo. Descontentes muitos Portuguezes com as qualidades, que, desde a sua puericia, mostrava Dom Affonso VI, foram-se chegando para o infante Dom Pedro, seu irmão menor, e formando em torno d'elle uma côrte especial, apresentando-o desde logo como mais apto para o throno; outros conserváram-se fieis á ElRei, e reprovavam as opiniões e o comportamento d'aquelles. Supposto que nutrisse predilecção pélo filho menor, cujos dotes mais dignos lhe pareciam, esforçava-se todavia a rainha regente de reunir em derredor do throno as sympathias de toda a nobreza e povo, como as melhores garantias do engrandecimento de Portugal e perpetuidade da real dynastia.

Tomou incremento e progrediu com força esta divisão do paiz em dous partidos, ou bandos differentes; equilibrava-os Dona Luiza, porque perspicaz e intelligente, parecia-lhe melhor conservar neutralidade entre elles, e socegar a um e a outro; com bem dôr do seu coração via ella o fogo nascente! Sob impressão de bem funestos presagios antevia de certo o futuro!

Deixára Salvador Correia de Sá e Benavides em 1652 o governo do Rio de Janeiro, e se retirára para Portugal; achou ahi divididas as familias, separado o pai do filho, inimigos entre si os proprios irmãos; encontrou partido de Dom Affonso, e partido de Dom Pedro!

Não sabia unicamente manejar a espada, commandar os exercitos, dirigir as armadas, e ganhar victorias; não sabia unicamente administrar capitanias, levantar grandes obras, e importantes presidios, povoar terras, e fundar povoações; dotado fôra de intelligencia superior, e seguira estudos regulares; assevera Luiz Moreri (9) que escrevera Salvador Correia de Sá e Benavides memorias interessantes do seu governo, que infelizmente se perderam, e que patenteavam forte erudição e talentos subidos de politico e de estadista.

Pensava elle que as revoluções, quaesquer que fossem sua necessidade e legitimidade, causam sempre males incalculaveis ao paiz que as supporta; com o enfraquecimento do poder, que é o seu primeiro resultado, soffre a sociedade; para faze-la voltar ao seu estado normal tornam-se precisos trabalhos maiores do que para anarchisa-la e dissolve-la; emquanto não é dominada uma revolução, emquanto se não restabelece o poder, e corre risco a ordem publica de ser a cada instante perturbada, é grave e geral a perda. Não teve parte Salvador Correia de Sá e Benavides na revolução de 1640, com quanto a prezasse, não só porque temeu os perigos da anarchia, que felizmente preveniu e removeu a energia de Dom João IV, senão tambem porque, na qualidade de militar, considerava a obediencia ao governo constituido como o primeiro dos seus deveres, e o espirito de insubordi-

nação como o maior dos crimes; apenas porém feita a revolução, e sanccionada pelo paiz todo, aceitou-a e abraçou-a, já por sympathia nacional, já porque respeitava a doutrina dos factos consumados.

A Dom João IV foi fiel e leal, serviu-o com seus talentos, com sua pessoa, com seu sangue; nunca lhe morou no peito a trahição; jamais lhe desdoirou os labios o fingimento; era uma alma pura, constante e franca; era um coração de guerreiro obediente e sincero, firme e verdadeiro.

Fallecido Dom João IV, pertencia o throno, pelo principio da legitimidade, a seu filho mais velho Dom Affonso IV; era a legitimidade para Salvador Correia de Sá e Benavides um principio salvador, e a garantia unica da ordem publica e da conservação da monarchia: não podia soffrer modificações o direito hereditario, que tinha sido marcado, fixado e seguido escrupulosamente pelos seus antepassados; e pois, para Salvador Correia de Sá e Benavides, não havia rei possivel senão Dom Affonso VI; a elle pertenciam o seu sangue, a sua pessoa, e a sua vida; consistiam a lealdade e fidelidade portugueza no reconhecimento d'este principio; o exemplo mais bello e heroico, havia-o dado Martim de Freitas, governador de Coimbra, prestando homenagem á Dom Affonso sómente quando lho ordenára em Sevilha o seu rei Dom Sancho II.

A través os perigos dos combates, no meio das cruentas guerras que sustentára á frente dos exer-

citos e das armadas, carregado de honras, elevado aos postos os mais importantes, incumbido de commissões da maior confiança, e rodeiado de gloria, nunca conhecêra desafectos invejosos, inimigos ou adversarios; fôra sempre o seu nome repetido com elogios; respeitada geralmente a sua pessoa; por todos estimadas e apreciadas as suas qualidades; e altamente reconhecidos e proclamados por toda a parte os seus serviços, quer por Castelhanos, quer por Portuguezes, quer por indigenas do Brazil, quer mesmo pelos Hollandezes, com quem tantas vezes e e a miude se encontrára em leáes e grandes combates.

Manifestando porém suas opiniões politicas em prol da legitimidade e direitos de Dom Affonso VI, pertencendo ao partido que o sustentava, vio desenfrear-se contra si todos aquelles que se uniam ao partido do infante Dom Pedro; achou em frente de si innumeros amigos de outr'ora, antigos respeitadores do seu merito, convertidos em inimigos crueis; e tanto mais incremento tomáram os odios que lhe attrahiram os seus politicos sentimentos, quanto os não sabia esconder e occultar.

Julgou a regente que convinha, visto como apreciava as suas qualidades, e tinha em conta os seus serviços importantes, arreda-lo da capital do reino, ou pela consideração que lhe merecia, ou, como pensam outros, porque affeiçoada como era de preferencia ao infante, e descontente mais do compor-

tamento d'ElRei, que com o andar dos annos mais se relacionava com a classe infima e turbulenta da sociedade, temia-se Dona Luiza da influencia de um fidalgo tão nobre, de tantas luzes, e de tamanha importancia. Desgostoso com a côrte, aceitou Salvador Correia de Sá e Benavides a carta patente de 17 de setembro de 1658, que pela terceira vez lhe entregava o governo do Rio de Janeiro, não já com o simples titulo de governador e capitão general da capitania, logar subordinado ao vice-rei do Brazil, porém com o posto elevado de governador geral do sul do Brazil, tendo-se de novo dividido o estado em dous governos independentes.

IV.

Pela terceira vez foi a capitania do Rio de Janeiro governada por Salvador Correia de Sá e Benavides; e si bem que tão zeloso voltára elle á publica administração, e os mesmos desejos nutrisse em prol do engrandecimento do paiz que o vira nascer, como os que havia já realisado nos seus dous governos anteriores, era diversa a occasião todavia, e muito differentes as circumstancias.

Estava Portugal retalhado pelos dous partidos politicos que anteriormente descrevemos: lavrava anarchia em todos os espiritos e em todos os animos; da metropole passou o mal para as colonias, como é da natureza das cousas; haviam no Brazil

estabelecido tambem os seus campos os dous partidos, e se guerreavam com egual força.

Tinha o infante Dom Pedro por seu representante no Brazil o jesuita Antonio Vieira, varão de estudos profundos, de sagacidade superior, e de espantosa actividade; promovia o progresso do partido, dava-lhe uma organisação regular com methodo e ordem; animava e recrutava constantemente amigos, que lhe augmentavam o numero e a força; viajava por todas as capitanias, por toda a parte prégava ao povo, que arrebatava com a sua maviosa eloquencia, e com o seu fogoso enthusiasmo. Quem não corria á ouvir um sermão do padre Antonio Vieira? Que templo, desde o mais sumptuoso até o mais despido de ornamentos e riqueza, deixou de obter a gloria de repercutir e echoar os sons de sua poderosa voz? Qualquer que fosse o objecto da predica, quaesquer que fossem seus ouvintes, não perdia elle uma occasião para semear e espalhar as doutrinas politicas que professava e promovia. Reunindo a grande facundia com a maior actividade, combinando maneiras as mais populares com os meios mais sympathicos e persuasivos, era um temivel e importante chefe de partido principalmente em uma colonia ainda na infancia.

Para ainda coadjuvar os incansaveis esforços do padre Antonio Vieira, apparecia na segunda linha do partido o seu irmão Bernardo Vieira Ravasco, sujeito de elevados talentos, e que occupava o importante emprego de secretario d'estado e guerra do

governo geral do Brazil; e além d'elles outros sectarios não menos notaveis tinha no Brazil o infante Dom Pedro, dedicados, activos, intelligentes todos, e no uso de continuada correspondencia com os seus partidistas da metropole.

Era a familia dos Sás importante pelo numero e pela influencia que exercia, quer em Portugal, séde primaria d'ella, quer no Brazil, aonde occupavam muitos dos membros cargos elevados, e possuiam immensos bens e riquezas; Thomé Correia de Alvarenga, Duarte Correia Vasqueannes, naturáes ambos do Rio de Janeiro, Martim Correia de Sá, filho primogenito de Salvador Correia de Sá e Benavides, e que foi posteriormente o primeiro visconde de Asseca, gozavam de preponderancia e nomeada; pensava politicamente toda esta familia como Salvador Correia de Sá e Benavides; sustentava toda ella a legitimidade de Dom Affonso VI.

E pois quando pela terceira vez começou Salvador Correia de Sá e Benavides á governar o Rio de Janeiro, encontrou em frente á si, e seus inimigos, todos os que seguiam o partido e o bando do infante Dom Pedro; consideravam-no como um embaraço invencivel de seus planos; conheciam a sua rigidez de principios, a sua invariabilidade de opiniões, e a sua energia na administração publica; tornavam-se estas qualidades reunidas motivos muitos fortes para causar-lhes serios receios. Ao principio temeram manifestar ostensivamente a sua indisposição, recebe-

ram-no mesmo com a demonstrações de alegria; aproveitáram-se porém de uma providencia, que elle tomou para o fim de supprir os cofres publicos que se achavam exhaustos, a qual consistio na execução do imposto denominado fintas, que era na colonia muito impopular, para começarem contra elle uma opposição; e como fisesse uma viagem para examinar as minas da capitania de São Vicente, cujas riquezas se exageravam muito, ousáram sublevar-se durante a sua ausencia, e conseguiram arrancar-lhe o governo.

Pouco tempo havia que sob informação dos Jesuitas tinham sido procuradas minas de ouro pelos industriosos Paulistas; já no seu segundo governo, se esforçára Salvador Correia de Sá e Benavides de chama-las para o dominio da Corôa, e de promover a exploração d'ellas; para este fim fundára as villas de Paranagua e de Ubatuba, esta ao norte de São Vicente, e aquella ao sul, e para ambas enviára grande copia de trabalhadores; si bem que quando descobertas se não poderam comparar com as minas do interior do paiz, que posteriormente se encontráram, foram comtudo estas minas do littoral primicias de grandes riquezas, e convinha aproveita-las e explora-las: para as ver e reconhecer havia seguido Salvador Correia de Sá e Benavides do Rio de Janeiro para São Vicente.

Apenas partir o governador, reuniram-se os descontentes, depozeram do governo provisorio a Thomé Correia de Alvarenga por elle deixado no seu

logar, e nomeáram Agostinho Barbalho Bezerra; não se querendo prestar aos actos dos sediciosos, retírou-se Bezerra para o convento de Santo Antonio; lá mesmo o foram elles buscar, e o revestiram com a auctoridade suprema; lavráram auto, em que mencionáram suas queixas contra a familia dos Sás, e a sua deliberação de não admitti-los mais nos empregos publicos da capitania: prenderam a todos que consideravam infensos ás suas opiniões; sequestráram arbitrariamente os bens de Salvador Correia de Sá e Benavides, e obrigáram o senado da camara do Rio de Janeiro a officiar a todas as camaras da capitania de São Vicente, convidando-as a coadjuvar os seus actos, deixando de reconhecer como governador a Salvador Correia de Sá e Benavides.

Assim ficou em poder dos revoltosos a cidade do Rio de Janeiro; seu foi o governo, e suas as auctoridades, depostas todas aquellas que lhes eram hostis.

Não se achava porém a capitania de São Vicente no estado em que aconsideráram os revoltosos do Rio de Janeiro; verdade é que ali se manifestáram symptomas de inquietação e de descontentamento contra Salvador Correia de Sá e Benavides, quando, durante o seu primeiro governo, obrigou aquelles povos a receber os Jesuitas, e a libertar todos os indigenas, que haviam reduzido á escravidão; julgáram perder os moradores de São Paulo, de Santos e de São Vicente, com estas providencias

do governador; oppuzeram-se-lhe, representando contra ellas. Conseguio todavia Salvador Correia de Sá e Benavides não só sustentar as suas medidas, e chamar á ordem e á paz os descontentes, sem que preciso lhe fosse recorrer á força, senão tambem ser estimado e respeitado por elles mesmo, de modo que a capitania de São Vicente se não prestou ao senado da camara do Rio de Janeiro, e antes deu inequivocas provas de obediencia e affeição ao governador, offerecendo-se-lhe grande copia do povo para armar-se, accompanha-lo ao Rio de Janeiro, e defender a sua pessoa, os seus direitos e o seu governo.

Sabia no entretanto Salvador Correia de Sá e Benavides harmonisar a energia dos actos com a precisa moderação; sustentar a dignidade do posto que occupava, poupando força, violencia ou arbitrariedade : logo que teve noticia dos acontecimentos do Rio de Janeiro, publicou um bando pelo qual concedia amnistia a todos os que se mostrassem arrependidos, e ameaçava com graves castigos áquelles que perseverassem nos seus intentos rebeldes : para mais facilmente conseguir o restabelecimento da ordem publica, escreveu a Agostinho Barbalho Bezerra, nomeando-o governador provisorio do Rio de Janeiro, emquanto durasse a sua ausencia.

Longe porém estavam os revoltosos de toda a ideia conciliadora; não eram questões de momento

que os haviam armado; eram interesses de partidos politicos; e podia o partido do infante Dom Pedro consentir no governo supremo do Rio de Janeiro a Salvador Correia de Sá e Benavides, quando os animos de seus co-religionarios politicos de Portugal trabalhavam em depôr o rei Dom Affonso, e elevar o infante ao throno, e qualquer movimento n'este sentido, para firmar-se e consolidar-se, necessitava de ser aceito e abraçado em todos os dominios da Corôa portugueza? Foi desprezado o bando de Salvador Correia; e pelo facto de haver sido nomeado por elle governador da capitania, desmereceu Agostinho Barbalho Bezerra no conceito dos revoltosos, e soffreu deposição; chamou a si o senado da camara toda a administração do paiz.

Tornavam-se necessarias medidas energicas; forçoso foi que a ellas recorresse Salvador Correia de Sá e Benavides. Lavrou ordens immediatamente para o desembargador Antonio Nabo Peçanha, que se achava no Rio de Janeiro, determinando-lhe que entrasse no exercicio do emprego de syndicante, organisasse processo contra os revoltosos, e sustentasse a sua dignidade : foram estas ordens acompanhadas de força que partio de Santos para o Rio de Janeiro; chegou e desembarcou sem opposição a força; empossou-se o syndicante do seu emprego, e começou a funccionar; tomou as redeas do governo João Correia de Sá, filho do governador; foram presos e remittidos para Lisboa os princi-

páes revoltosos que não poderam evadir-se, e nem ousáram resistir; o geral dos habitantes recebeu com mostras de prazer o restabelecimento do governo legitimo; e firmou-se assim a ordem publica, sem que se houvesse derramado a mais pequena gota de sangue.

Mais de um anno ainda demorou-se Salvador Correia de Sá e Benavides na capitania de São Vicente, visitando todos os pontos habitados; rasgando estradas importantes; fazendo levantar innumeras pontes sobre rios caudalosos, que embargavam o transito; fundando estabelecimentos de mineração; e animando a agricultura e a industria. Tão proveitoso á capitania tornou o seu governo, que ainda actualmente grandes obras se encontram, que lhe devem a sua creação.

Regressando para o Rio de Janeiro, foi ahi recebido com grandes festejos; conservou-se no governo até novembro de 1661; voltou de novamente então para Lisboa, tendo sido substituido por Pedro de Mello.

V.

Ou por indole, ou por educação, contrahira Dom Affonso VI bastantes habitos, que mal assentavam em um monarcha; fraco e timorato, estremecia diante de todas as ameaças; esquecido e ingrato, descontentava os seus proprios amigos, não lhes mos-

trando apreço pelo que praticavam em seu serviço; desleal e dissimulado, descontentava aos homens de estado que honravam o paiz; caprichoso e indifferente, arredava de si todas as sympathias populares, e arrefecia o amor que nutre de ordinario o subdito pelo seu soberano : si lhe apparecia qualquer vassallo a cumprimenta-lo, mostrava-se-lhe indifferente, e ou lhe não dava palavra, ou algumas inintelligiveis e precipitadas balbuciava, sendo que ás vêzes nem si quer sobre elle dirigia a vista; não soïa, como aos monarchas cumpre, affagar e agradar a todos que o procuravam; desgostava a quem se insinuava para merecer-lhe um agrado; dir-se-ia que prazer nem-um lhe causava qualquer extremo ou sacrificio que por elle fizesse o seu povo; e que antes considerava-se tão superior que indigno fôra de si manifestar os sentimentos de gratidão ou paternal amor.

E no meio d'esta indifferença que se lhe notava, e da dissimulação que entretinha para com os seus mais importantes e prestimosos vassallos, fugindo de praticar com elles sobre assumptos d'estado, prestava-se de instrumento a indignos validos, que, sem a menor das qualidades de intelligencia, familia, ou riqueza, que os tornassem recommendaveis ao paiz, abusavam do espirito d'ElRei tão entregue a pequenas intrigas, o do seu animo, que anciava sómente de saber novidades e anecdotas, para, com fingidos contos e invenções, crear indisposições do

monarcha contra os seus subditos mais prestimosos e capazes.

E nem lhe haviám os annos reformado o animo, e nem pudera conseguir a razão sazonar-lhe o temperamento; corria a sua mocidade como se fôra a puericia.

Desgostosa a rainha sua mãe, abandonou os publicos negocios, e retirou-se para um mosteiro; descontentes os principáes fidalgos, deixáram a côrte e abandonáram o rei; mui poucos foram os que se lhe conserváram ao lado, leáes e fieis, em despeito de reiterados desprezos do seu soberano, promptos todavia a defende-lo e salva-lo, quando chegasse a occasião propria para isso, por que collocavam a obediencia acima de todos os deveres.

Ao infante Dom Pedro aproveitava no entretanto a força que o proprio irmão lhe dava, desconceituando-se e despopularisando-se para com os seus subditos; o numero dos seus partidistas crescia a olhos vistos, todos os dias, e a todas as horas; e ou o despeito, ou o desejo de trocar um monarcha inhabil e desleixado par outro soberano activo e zeloso, ou a esperança de lucros com a mudança de cousas, ou emfim o presagio de victoria, que rodeiava o infante, traziam-lhe continuadas forças.

Desembarcando em Lisboa, atristou-se Salvador Correia de Sá e Benavides com este espectaculo; si tivessem cabimento em seu animo, poderiam razões de particular despeito arranca-lo do partido do rei;

mas por interesses não consentia que fossem vencidos os principios; fiel e leal conservou-se para com Dom Affonso VI, porque o olhava como a sancção da legitimidade; algumas vezes ousou fallar a ElRei a linguagem da razão e da verdade, pretendendo encaminha-lo por vereda proveitosa a si e ao paiz; visto como não sympathisavam os seus sentimentos com a marcha que seguia o soberano. Baldados esforços foram, que não agradavam semelhantes praticas aos reáes ouvidos.

Chegou emfim a hora dos grandes acontecimentos que tantas causas deviam produzir: o infante reuniu suas forças, affrontou a magestade de seu irmão, levou ás autoridades subalternas a desobedecer a seus superiores, e arvorou o estandarte da revolta.

Reunio ElRei em conselho os principáes fidalgos que se não haviam ligado ainda ao partido de seu irmão. A noite, secretamente, e em uma sala retirada do seu palacio, teve logar a conferencia.

Opinou Salvador Correia de Sá e Benavides em prol de providencias energicas: para elle não recebia o throno condições, e nem propunha concessões; antes de tudo cumpria mandar pegar em armas a toda a tropa, prender o infante, Dom Sancho Manuel, conde de Villaflor, o conde da Ericeyra, e todos os seus principáes partidistas; faze-los julgar immediatamente pelos tribunáes, e levantar-se o throno do abatimento em que jazia. O conde de São Lourenço e Antonio de Souza Macedo uniram-se

a esta linguagem do guerreiro illustre, que se offerecia a tomar o commando da força, e a praticar o que propuzera (10).

Mas nem era ElRei homem de resistir, e nem talvêz fosse mais tempo para se obstar o cumprimento dos planos do infante, que foi immediatamente sabedor do resultado da conferencia de seu irmão, por intermedio de Roque da Cesta Barretto, o qual conseguira que ElRei preferisse offerecer-lhe transacções a adoptar as medidas que lembrára Salvador Correia de Sá e Benavides.

Estava o infante adiantado de mais para parar; o governo que sómente na hora do perigo se lembra dos homens capazes não os encontra : a influencia moral, que perdêra nos dias que lhe pareceram faceis, e que unica o fortalêce, e escóra, não lhe renasce por que tem razão e direito contra os seus adversarios. É fraco o governo, que, embora obedecido physicamente, torna-se objecto do desprezo, da indifferença ou do ridiculo popular, e não encontra devoções e partido para o momento da crise. Quando se sabe que um governo é fraco, ai d'elle, que o povo prefere sempre o despotismo á fraqueza! Mais poderosas que as opposições materiáes são as opposições moráes; as opposições moráes vão-se porém infiltrando por toda a parte : findam e morrem com uma batalha as desordens e a guerra civil; levantam aquellas a cada passo innumeraveis difficuldades para o poder, e arrastam emfim as forças da sociedade

para uma interminavel lucta, da qual resulta a anarchia com todos os seus horrores.

Era da natural ordem das cousas, que cedêsse o governo de Dom Affonso á acção das acontecimentos; Salvador Correia de Sá e Benavides, e todos os mais fidalgos que como elle opinàram, abandonáram o paço contristados; tratou a maior parte d'elles de fugir para os paizes estrangeiros, porque prevendo a victoria do infante, temiam as suas vinganças; não quiz Salvador Correia de Sá e Benavides accompanhar ao desterro os seus companheiros; firme como fòra sempre conservou-se em Lisboa, esperando pelos successos que se preparavam.

Foi preso Dom Affonso VI por seu proprio irmão, em 23 de novembro de 1667; e, na qualidade de regente, subio emfim o infante Dom Pedro ao poder que tanto ambicionára.

Começou nova ordem de cousas; o infante não sabia perdoar. Era crime aos olhos de regente a fidelidade qué professáram Portuguezes ao seu rei Dom Affonso VI : havia-o commettido Salvador Correia de Sá e Benavides; e para aggrava-lo se minuciavam as suas praticas com ElRei, e os seus ultimos conselhos de resistencia e energia na conferencia nocturna do paço.

Salvador Correia de Sá e Benavides foi preso e processado : tinha já de edade setenta e tres annos.

Não se quebrou porém o seu animo no carcere : a sua alma conservou-se forte, como fòra sempre; e

palpitou-lhe o coração com a mesma energia e a mesma regularidade.

Não o abandonáram perante os juizes a sua constancia, a sua fidelidade e a sua franqueza; os factos, que praticára, racontou fielmente; as opiniões, que emittira, appresentou com toda a clareza; as fallas e pratica, que tivera, patenteou sem mostrar o menor arrependimento; lamentou o encarceramento do seu rei mais do que a sua propria prisão; e para elle, nos carceres ou no throno, era Dom Affonso VI o unico e legitimo soberano de Portugal.

Não se achavam os animos ainda em seu estado normal para comprehenderem a grandeza e magnanimidade de semelhante comportamento; os juizes lavráram sentença de dez annos de degredo para os sertões africanos contra aquelle mesmo illustre guerreiro que os havia libertado, em tempos para elle de felicidade e de gloria!

Já era então fallecida a sua mulher Dona Catharina de Velasco; restavam-lhe tres filhos; o primogenito Martim Correia de Sá, que fôra creado primeiro visconde de Asséca, e com tanto denodo e gloria se houvera nas batalhas de Ameixial e Montes Claros, e no celebre sitio de Badajoz, aonde fôra ferido, tendo o posto de mestre de campo, não pode supportar o espectaculo da prisão e condemnação do seu velho pai; expirou de dôr e desgostos.

Não se abaixou Salvador Correia de Sá e Benavides a implorar protecções, mendigar favores e gra-

ças, ou a mostrar-se temeroso pela sua sorte. Antes de ser preso, durante a prisão, antes, durante e depois do processo, o mesmo semblante, o mesmo espirito, e as mesmas palavras, se lhe notáram. Pareceu receber a sentença como outr'ora recebia as honras; no campo da batalha, diante do cruzamento das espadas, em frente das balas que repercutiam, em presença dos cadaveres e do sangue, nos soffrimentos do carcere, e nos horrores dos ferros, foi o mesmo varão impassivel e tranquillo. Entenderam então os poucos amigos que lhe restavam que deviam empregar esforços e supplicas espontaneas para obter do regente o perdão da sentença que enviava o velho septuagenario para os pestilentos areáes de Africa, e que era de certo mais barbara do que uma sentença de morte : appelláram para os seus distinctos serviços, para a gloria que tão honrosamente conquistára, e para o desdouro que recahiria sobre a nação com a perseguição do guerreiro illustre que ella possuia. Ouvio por fim o infante Dom Pedro as vozes de piedade; trocou o degredo d'Africa, a que fôra condemnado Salvador Correia de Sá e Benavides, por uma prisão temporaria no collegio da Companhia de Jesus; no fim de dous annos, consentio, a empenhos dos proprios Jesuitas, que podesse morar com homenagem na sua propria casa; e, cumprida a sentença dos dez annos, concedeu que de novo tivesse assento nos conselhos de guerra e ultramar, de que fôra membro.

Conta-se que velho e cansado se offerecêra assim mesmo á ElRei Dom Pedro II para reduzir á obediencia de Portugal o reino de Pate na baixa Ethiopia oriental, e abrir communicação por terra desde Cuana e Monomotápa até Angola : não sendo aceita a sua proposta, achou-se reduzido a passar os restos dos seus dias no descanso do modesto emprego que não coadunava com a actividade insaciavel do seu espirito, e com os estimulos vivaces do seu animo.

Foi longa todavia a vida de Salvador Correia de Sá e Benavides; teve tres epochas distinctas : a primeira epocha de trabalhos activos, de victorias illustres, e de loiros gloriosos; a segunda de dôres, de perseguições, de soffrimentos, e de prisão; e a ultima, de silencio, de repoiso e de solidão. No 1° de janeiro de 1688 se finou, na edade de noventa e quatro annos, e tão robusto ainda do espirito, como na edade viril o fôra.

Foi enterrado na egreja do convento dos Carmelitas Descalsos, na cidade de Lisboa.

NOTAS.

---

(1) Monsenhor José de Souza Azevedo Araujo Pizara, tomo II das *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, declara que no Rio de Janeiro nascera Martim de Sá. Este facto acha-se plenamente comprovado por uma carta sua de 1624, publicada no 1° vol. de Revista trimensal do Instituto historico e geographico brazileiro, na qual Martim de Sá, tratando dos embaraços do seu governo no Rio de Janeiro, diz: « Em todas as partes por onde andei acho que n'ellas sou mais acatado, mais amado e mais estimado do que aqui sou com as mercês que S. M. me faz. Attribuo ao proverbio *nemo propheta in patria sua*, pois poderei cuidar que será inveja. »

(2) Sebastião da Rocha Pitta, na lista dos Brazileiros illustres, com que findou a sua *Historia da America portugueza*, cita o nome de Salvador Correia de Sá e Benavides. Monsenhor Araujo Pizarro, tomo III, pag. 204, das *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, refere o seu assento de baptismo, que teve logar na egreja de São Sebastiao do Castello; além d'estas provas irrecusaveis, ha huma carta escripta por Salvador Correia de Sá e Benavides á camara de São Vicente, em data de 10 de janeiro de 1641, em que declara ter nascido no Rio de Janeiro. Entretanto alguns escriptores castelhanos pretenderam ser elle natural de Cadiz, patria de sua mãe; esta pretenção porém cedeu a documentos e provas que evidenciam pertencer ao Brazil a gloria do seu nascimento.

(3) Francisco de Britto Freire, liv. II da *Guerra brasilica*, refere esta victoria de Benavides sem minuciar o numero dos vasos de guerra hollandezes que foram a pique. Luiz Moreri, no seu importante *Grande Diccionario historico*, art. *Correia*, enumera oito. O mesmo numero conta Manuel de Faria e Souza na sua *America portugueza;* monsenhor José de Souza Azevedo Araujo Pizarro nas suas *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, cinge-se á opinião de Faria e Souza e de Moreri.

(4) Waguenaar, XI, Aitzema, *Capellen*, *Gedenkscriften*, I, pag. 394.

(5) Luiz Moreri, *Grande Diccionario historico*, palavra *Correia*.

(6) Memorias historicas do Rio de Janeiro.

(7) 1810 a 1812.

(8) *Memoria topographica e historica sobre os campos dos Gyotacazes*, por José Carneiro da Silva, hoje visconde de Araruama, impressa no Rio de Janeiro em 1819. Esta memoria é muito digna de ler-se e consultar-se, porque a curiosos dados estadisticos reune interessantes noticias historicas.

(9) *Grande Diccionario historico*, palavra *Correia*.

(10) Uma obra publicada no Porto em 1845 pelo senhor Camillo Aureliano da Silva e Souza, sob o titulo de *Anti-catastrophe, Historia d'ElRei Dom Affonso VI de Portugal*, contem minuciosos esclarecimentos sobre esta epocha importante; é escripta por testemunha occular, e n'ella se lêem as fallas de Salvador Correia de Sá e Benavides, e de outros fidalgos n'essa conferencia que referimos; muitos documentos officiáes contém ainda, que lançam immensa luz sobre táes successos; foi ella escripta para servir de reposta á outro obra com o titulo *Catastrophe de Portugal na deposição d'ElRei Dom Affonso VI*, que o infante Dom Pedro fizera publicar em seu tempo para sua justificação, e com a assignatura de Leandro Doriea Caseres e Faria, mas que é attribuida ao bispo do Porto, Dom Fernando Correia de Lacerda. Conferindo-se estas obras com as cartas do Padre Antonio Vieira pode-se facilmente chegar ao conhecimento de todos os successos da deposição de Dom Affonso VI.

SECULO XVII.

I.

GREGORIO DE MATTOS GUERRA.

Governava a Bahia o pacifico conde de Miranda, successor de Dom Francisco de Moura Rollim, quando a 20 de dezembro de 1633 nasceu, de honrada ascendencia, o poeta Gregorio de Mattos Guerra. Foram seus pais Gregorio de Mattos e Dona Maria da Guerra, senhora do engenho Patatiba.

Receberam Gregorio de Mattos e seus irmãos mais velhos Pedro de Mattos e Eusebio de Mattos uma excellente educação; possuiam as escholas dos Jesuitas talentos elevados e solidos engenhos: n'ellas cursava e estudava a flor da mocidade do Brazil, que ambicionava beber instrucção, e adquirir conhecimentos: foram seus companheiros nas aulas primarias Gonsalo da Franca, Domingos Barboza, Manuel Botelho de Oliveira, Martinho de Mesquita,

Salvador de Mesquita, e Gonsalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque, jovens engenhos brazileiros, que começavam a sua carreira litteraria, e já no limiar dos estudos solfejavam canticos agoiradores de um porvir brilhante.

Na edade de quatorze annos foi por seus pais mandado Gregorio de Mattos para Coimbra a fim de seguir os estudos superiores da universidade.

Acabava Portugal de sacudir o jugo hespanhol; a acclamação do Dom João IV deu ao throno um rei portuguez e á nação uma dynastia nobre e illustrada; coroára a victoria os heroicos esforços dos defensores da independencia lusitana; haviam sido os Hespanhões derrotados por toda a parte; nas colonias que possuia ainda na Africa, na Asia e na America, que não haviam esquecido e trocado a lingua portugueza pela castelhana, reproduziu-se um movimento unisono; á uma voz, e sem o emprego de grandes meios, desdobrou-se a bandeira portugueza sobre as torres e fortalezas d'aquellas terras que o espirito aventureiro lusitano descobrira, conquistára, sorrindo ella assim de novo ao murmurio dos ventos.

Logo na universidade começou Gregorio de Mattos a dar as provas do seu poetico engenho: não sabia todavia desenhar scenas sublimadas em delicados quadros; não era a sua poesia de côres celestes, de forma angelica, e filha da imaginação e do sentimento; a seus ouvidos não murmuravam os

rios, não descantavam os pastores, não sonhava a natureza, e não meneiavam as arvores; não tinham as flores aroma, não se matisavam os campos de verdura, e não soïa ser o vento mensageiro de amores; para elle não faceiravam as brandas auras, e nem as creações da terra elevavam os seus hymnos de louvor, enthusiasmo e gratidão para aquelle Eterno Ser que as havia produzido; não tinha asas o engenho, vozes sonoras a religião, écho eterno e immortal o espirito divino : era para elle a poesia como a terrivel Nemesis, armada de instrumentos de castigo, e que açoitá a todos que com desagrado avistavam os seus olhos, ou a quem queria applicar o fogo do seu odio, ou dos seus caprichos : não via estrellas no céo, bondade nos homens, e nem magnificencia e amor na natureza; convinha-lhe e merecia-lhe a attenção sómente o que era máu e ridiculo; e si lhe faltava a realidade, a imaginação lhe servia, para phantasia-la e desenvolve-la.

Folgava Gregorio de Mattos de encontrar defeitos nos homens ou nas cousas, de censura-los, e exagera-los; alegria viva, burlesca e facciosa, salpicava todas as suas composições; domina o espirito em todas as suas obras, o espirito porém de mal, que anhella reprovar sómente, e que nunca dirige elogios; são ás vezes perfeitos os seus versos; distillam porém fel, e pintam sempre as scenas risiveis e ridiculas do mundo : não parecia poder descantar a sua musa senão malignidades.

Acha-se perfeitamente pintada em uma carta que o desembargador Belchior da Gunha Brochado, seu contemporaneo, dirigiu a um amigo de Lisboa, a reputação que lhe adquirio o seu exquisito engenho : — « Anda aqui um Brazileiro, tão refinado na satyra, que, com suas imagens e seus tropos, parece que baila Momo ás cançonetas de Apollo. »

Apenas tomou o gráu de bacharel em leis, deixou Coimbra amaldiçoando-a em versos malignos; dirigiu-se para Lisboa, e estabeleceu-se com escriptorio de advocacia. Com tanta distincção servio depois os logares de juiz do crime de um bairro da cidade, e de juiz de orphãos e ausentes de uma comarca, que o celebre jurisconsulto Pegas, nas suas notas ás ordenações do reino, cita as suas sentenças como modelos de sciencia e de talentos juridicos.

Havia Dom Affonso VI, em 1656, succedido no throno portuguez a seu pai ElRei Dom João IV : a somma de injustiças praticadas, um governo de ignorancia e de validismo, uma reunião de individuos sem titulos nem importancia, que dirigia o animo d'ElRei, e a perda emfim de todas as esperanças de melhoramento com um monarcha ainda joven e já tão devasso e de caracter tão ruin, leváram o infante Dom Pedro, a nobreza, e o povo, a conjurar a quéda do soberano : abrio relações Gregorio de Mattos com o infante, ligou-se a seus projectos, e animou-o na empresa. Venceu o infante;

deixou ElRei o palacio por uma prisão, e recebeu Dom Pedro o titulo de regente de Portugal.

Mostrou-se o regente amigo de Gregorio de Mattos : prometteu-lhe um logar na Casa da Supplicação, apenas apparecesse n'ella a primeira vaga : exigiu no entretanto d'elle que fosse em commissão ao Rio de Janeiro e devassasse ahi dos actos do governo de Salvador Correia de Sá e Benavides, que em 1661 largára aquella administração.

Si bem que era uso e praxe de então mandar-se syndicar dos actos de um governador, apenas findava o seu tempo, conheceu todavia Gregorio de Mattos quantos desejos existiam no coração do principe regente, e dos seus ministros, de encontrar quáesquer motivos que pudessem servir para uma perseguição contra Salvador Correia de Sá e Benavides : não se ligára este illustre general ao partido triumphante; accompanhara antes o infeliz Affonso VI, e fiel se lhe conservára, emquanto se arrastava nos carceres a existencia do desgraçado monarcha.

Ainda que Gregorio de Mattos seguira vereda opposta de Salvador Correia de Sá e Benavides, soube comtudo fazer justiça ás suas grandes qualidades, e aos seus leáes e prestimosos serviços, quer no Brazil, quer em Portugal : havia no coração de Gregorio de Mattos um fundo de bondade, que lhe não permittia fazer mal a pessoa alguma, embora o seu espirito e a sua musa promptos estivessem sempre

para censurar e ridiculisar cousas e homens : excessivas lhe pareciam as perseguições do governo contra Salvador Correia de Sá e Benavides, encerrado em uma prisão, e sujeito a um processo rigoroso. Não aceitou portanto a commissão.

Mostrou-se descontente o principe com a recusa de Gregorio de Mattos; findáram as suas relações; cahiram em olvido os seus serviços : perdeu então Gregorio de Mattos as esperanças que nutrira, e cujo resultado lhe fôra affiançado; deliberou-se a abandonar Lisboa, a côrte e Portugal, e a recolher-se para a sua patria : chegou á Bahia, no anno de 1679, depois de uma ausencia de trinta e cinco annos.

Governava a Bahia o capitão general Roque da Costa Barreto, que o recebeu com todas as provas de benevolencia e distincção : querendo manifestar-lhe a sua estima, obteve do primeiro arcebispo da Bahia, Dom Gaspar Barata de Mendonça, que, tomando posse por procuração em 1677, se conservára em Portugal, por causa das suas molestias, que nomeasse a Gregorio de Mattos thesoureiro mór da Sé, e vigario geral : ambos estes logares occupou e serviu elle, emquanto cingio a mitra archiepiscopal Dom Gaspar Barata de Mendonça; obrigado porém o arcebispo a renunciar um cargo, que só por delegados exercia, foi para substitui-lo nomeado Dom João da Madre de Deus, que em 1683 tomou posse e entrou no exercicio do arcebispado : exonerou-se então Gregorio de Mattos dos empregos que exercia,

servindo de pretexto a sua recusa de trajar habito secular, e tomar ordens sacras, como instava que o fizesse o novo preladò; julgou mais proprio e honroso para a sua posição, e mais conveniente e appropriado aos seus estudos, dedicar-se unicamente á vida de advogado.

Não se esqueceu o poeta satyrico de empregar as suas armas na feitura dos arrasoados e dos libellos; encòmmodavam-se as partes com os epigrammas; consideravam-se offendidos os juizes com a critica mordaz, e violentos sarcasmos, que empregava o advogado; guardavam-lhe má vontade os escrivães, procuradores, e toda a gente do fôro, por que a ninguem poupava, e pessoas, e defeitos e obras, tudo exagerava, e ridicularisava tudo.

Vôou entretanto a sua fama por toda a parte; o clero, o cabido, o governo, todos d'elle se arreciavam, porque os epigrammas continuados, as furiosas satyras, corriam de mão em mão, repetiam-se por todas as bocas, e eram sabidas em todas as casas; afóra o seu protector Roque da Costa Barretto, que em 1682 se retirou para Portugal, nem-um governador escapou ás settas ferinas do seu espirito desde Antonio de Souza Menezes, conhecido pelo nome de braço de prata, com que substituira o natural, que perdêra nas guerras de Pernambuco, até o marquez das Minas, Dom Mathias da Cunha, e Antonio Luiz da Camara Gonçalves Coutinho, que tomára posse em 1690.

Mais ainda se patenteou a furia dos seus sarcasmos com a sua propria mulher, uma viuva fermosa, que desposára em 1684, e se chamava Maria dos Povos; que lhe importava denunciar defeitos, escandalisar caracteres, offender susceptibilidades, comtanto que livremente se espraiasse o seu genio, e resvalasse da maligna inspiração uma satyra que agradasse, excitando a curiosidade! Foi motejada em versos a sua propria mulher, não lhe valendo o privilegio de esposa para escapar á sorte que tiveram os principáes personagens da Bahia! Contam os chronistas as mais extravagantes anecdotas, que affirmam ter-se passado na sua vida domestica, vida incomprehensivel sem duvida, e sobre a qual releva, como mais prudente, correr um véo espesso.

Foi por fim tão crescido o numero dos seus inimigos, e se mostrava tão exasperado o governador Antonio Luiz da Camara Gonçalves Coutinho com as suas satyras, que tomou elle acertadamente a deliberação de deixar a cidade, e retirar-se para uma das villas do reconcavo, até que em 1694 tomando conta do governo Dom João de Alencastre, pode voltar de novo para a Bahia.

Si preferisse abandonar a veia poetica que o arrastava, e que tantos inimigos lhe attrahia, com a estima que por seus talentos lhe patenteou Dom João de Alencastre, e sendo, como já era, bastante para sua gloria a copia de admiraveis obras que produzira, risonha de certo lhe seria a vida pelo saldo

que lhe restava d'ella, tendo já decorrido mais de sessenta janeiros : podia porém reter as redeas do seu engenho? Estava nas suas mãos ordenar-lhe que parasse na precipitada e imprudente carreira? Bastava a sua vontade para lhe impôr silencio?

O certo é que se não emendou, e então desgraça maior o perseguiu no termo da sua existencia, nos paroxismos quasi da sua vida : mandou-o Dom João de Alencastre prender, embarcar em um navio, e remetter para Angola.

Felizmente que em Angola governava Pedro Jacques de Magalhães, que, no fim de alguns mezes de residencia, condoïdo da sua misera sorte, enthusiasmado pelos seus elevados talentos, e obrigado mesmo por alguns serviços que Gregorio de Mattos lhe prestára, permittiu-lhe que voltasse para a sua patria em um navio que seguia para Pernambuco.

Acabava a capitania de Pernambuco de sahir da administração do marquez de Monte Bello, substituido por Caetano de Mello e Castro : alli desembarcou Gregorio de Mattos, velho, quebrado do corpo, mortificado do espirito, na mais extrema penuria e miseria, e esmolando para poder sustentar-se!

Conhecêra-o rico o governador, e poderoso, e respeitado em Lisboa; de tão alto o precipitára o destino, para o collocar ao pé dos mendigos! Fê-lo Caetano de Mello e Castro recolher para uma casa de caridade, e deu-lhe uma pensão pecuniaria para poder subsistir.

Já era porém tarde! Como que se lhe tinha evaporado a vida n'esse exilio, que, em tão avançada edade, o arrancou precipitadamente dos braços da familia, e dos lares saudaveis e saudosos da patria, para o atirar nas ressicadas areias e pestilentas plagas africanas; poucos mezes de existencia teve mais; no mesmo anno de 1696 expirou, e foi enterrado no hospicio de Nossa Senhora da Penha dos Capuxinhos francezes.

II.

Dividia Dante Alighieri toda a poesia em dous campos, o da tragedia e o da comedia; nem-um valor tinha na predita divisão a questão de forma; cantico, dialogo, e descripção, não são mais que formas exteriores; o campo tragico não era sómente a especie litteraria assim geralmente appellidada; nada de privativo tinha com o theatro o campo comico : considerava Dante a todas as composições, não como divisões litterarias, mas como obras philosophicas, que deviam ser encaradas unicamente sob pontos de vista philosophicos : « Ha duas forças na sociedade, dizia elle, o enthusiasmo e a zombaria; é tragedia tudo o que idealisa e prevê; é comedia tudo o que censura, açoita e castiga. »

A aceitar-se este principio, é poeta comico Gregorio de Mattos; como ha ainda porém uma subdivisão em especies, cabe-lhe melhor o titulo de

satyrico : como se notam tambem muitas e distinctas classes de poetas satyricos, é o nome de popular que mais apropriadamente lhe cabe.

Que modificações, ou antes especies não tem tido a satyra? Aristophanes misturava com o pó a imagem do proprio Jupiter, e foi o satyrico mais popular da Grecia; escreveram Ennio, Nevio, Pacuvio, Marcial e Lucilio satyras em estylo baixo e grotesco, e em linguagem por vêzes obscena; Horacio Flacco aperfeiçoou e idealisou a satyra; homem de gosto aristocratico e puro, ao passo que primou na critica fina, assisada e espirituosa dos costumes do seu tempo, elevou a satyra á dicção digna e bella das mais sublimadas poesias. Em fel mergulhavam Juvenal e Persio a sua inspiração, e requeimavam desesperados os crimes que censuravam : mas conservavam o estylo nobre e altivo. Creou Apuleo um outro genero, com semelhanças de historia ou chronica de cousas ridiculas, mas que é tambem satyra.

Na media edade, reproduz a satyra, como em perfeito espelho, o caracter e a imagem da epocha; e não foi unicamente satyra a poesia, tornáram-se satyra a arquitectura, a esculptura e a pintura; esta nas medonhas caricaturas, que espalhava por entre o povo; e aquellas nos relevos, com que adornavam as casas e as egrejas, nas retorcidas figuras, e diabolicos quadros, que folgavam de gravar na pedra ou no páu, que lhes servia de tela : appresentava a poesia versos extravagantes e maliciosos, dialogos

e autos grotescos, que nem poupáram o governo despotico, nem o feudal, e menos o sacerdotal.

Foi Dante Alighieri poeta satyrico : é uma satyra perfeita a Divina Comedia; mas que grandeza de genio, que ao lado da critica collocou a maior sublimidade lyrica, e a mais deliciosa poesia sentimental, que se pode imaginar! Essa é què é satyra inimitavel: discipulos mais ou menos aperfeiçoados teve Horacio, que são Pope, Boileau, Antonio Diniz, Voltaire e Nicoláu Tolentino; de Aristophanes são imitadores Carlos Gozzi, Molière, Antonio José da Silva e Gil Vicente; de Apuleo, e superior ao mestre, é Miguel Cervantes Saavedra; e após Swift e Lesage; foram todas estas differentes especies de satyras mais ou menos imitadas na epocha moderna: mas quem ousou imitar a Dante Alighieri?

Pertence Gregorio de Mattos á classe, especie, ou eschola de Lucilio e Marcial, aos quáes imitavam os trovadores, e outros poetas da edade media, e cuja escola Rabelais elevou ao maior aperfeiçoamento : é o seu estylo popular; as suas phrases na linguagem vulgar, obscena muitas vêzes; as suas imagens exageradas sempre; os seus pensamentos táes, que o leitor conhece-os logo na extensão da sua enormidade; não ha objecto nobre, elevado e sancto; tudo pode ser motejado, merece o ridiculo tudo : são verdadeiras caricaturas os seus desenhos, e caricaturas das mais horrendas e monstruosas, que denunciam todavia, atravez das ridiculas côres com que se ata-

viam, o objecto que o poeta tenta pintar; são porém os seus versos cadentes ás vezes e sonoros, e outras vezes descuidados; é geralmente agradavel a sua metrificação.

Satyras escreveu Gregorio de Mattos que se não podem ler, tanta é a copia de obscenidades que n'ellas esparge com mão profusa; outras porém ha, que lhe tem sobrevivido e conservado o seu nome e a sua memoria, e que sem duvida ainda aos futuros seculos levarão a lembrança do seu engenhoso talento : entre estas figuram algumas de estylo elegante, e mais assisadas, formando como que uma novidade no meio de suas outras composições.

Merece especial menção, e digna é a todos os respeitos de nossa attenção, a satyra aos namorados, que assim se desenvolve :

O namorado todo almiscarado,
Já de amor obrigado,
Faz á dama um poema em um bilhete,
Covarde o faz, e timido o remete:
Si lhe responde branda, alegre o gosta,
E si tyranna, estima-lhe a resposta.

Vai n'outro dia passeiar a dama,
Por quem se inflamma,
E sendo o intento ver a dama bella,
Passa-lhe a rua, não lhe vê janella,
Que está primeiro, em um galã composto,
O credito da dama, que o seu gosto.

Depois de muitos annos de suspiros,
De desdens e retiros

Desprezos, desapegos, desengannos,
Constancia de Jacob, serviços de annos,
Fazem com que da dama idolatrada
Lhe vem recado, em que lhe dá entrada.

Com tal recado atarantado o moço,
Quer morrer de alvoroço:
Entregue todo a um subito desvelo,
Enfeita a cara, penteando o pêlo;
Galã em cheiros, em vestir flammante,
Parece um cravo de Rochella andante.

A rua sáe, e junto ao aposento
Do adorado portento,
Onde cuidou gozar da dama bella,
Se lhe manda fazer pé de janella;
Aceita elle, e, livre de desmaio,
De amorosos conceitos faz ensaio.

Querido idolo meu, anjo adorado,
Lhe diz, com voz turbada,
Si para um longo amor é curta a vida,
Meu amor vos escusa de homicida;
De que serve matar-me rigorosa
Quem tantas settas tira de fermosa!

Dai-me essa bella mão, nympha prestante
E n'esse rutilante
Oiro em madeixas de cabello undoso,
Prendei o vosso escravo, o vosso esposo:
Não peço muito, mas si muito peço,
Amor, minha senhora, é todo exceço.

É modo amor, que nunca teve modo?
Amor é excesso todo;
E n'essa mão de neve transparente,
Pouco pede quem ama firmemente,
Dai-ma por mais fineza, que os favores
São leite e alimento dos amores. —

Responde-lhe ella, com um brando sorriso;
E no mesmo improviso:
— Ai! lhe diz, que accordou meu pai agora!
Amanhã nos veremos, ide embora! —
Feixa a janella, e o moço mudo e quedo,
Fica sobre um penedo outro penedo!

Compare-se o estylo corrente e faceiro d'esta satyra com a que dirigio a Antonio Luiz da Camara Gonçalves Coutinho, appresentando-lhe o seu retrato.

Vá de retrato
Por consoantes,
Que eu vou timantes
De um nariz de tucano, côr de pato.

Pelo cabello
Começa a obra,
Que o tempo sobra
Para pintar a giba do camello.

Causa-me engulho
O pêlo untado,
Que de molhado
Parece que sáe sempre de mergulho.

Não pinto as faltas
Dos olhos baios,
Que versos raios
Nunca ferem senão em cousas altas.

Mas a fachada
Da sobrancelha
Se me assemelha
A uma negra vassoira esparramada.

Nariz de embóno
Com tal saccada,
Que entra na escada
Duas horas primeiro que seu dóno.

Nariz, que falla
Longe do rosto
Pois na Sé posto
Na praça manda pôr a guarda em alla.

Membros de olphatos,
Mas tão quadrado,
Que um rey coroado
O pode ter por copa de cem pratos.

Tão temerario
É o tal nariz
Que por um triz
Não ficou cantureiria de um armario.

Vossê perdóe
Nariz nefando,
Que eu vou cortando,
E ainda fica nariz, em que se assóe.

Ao pé da altura
Do náso outeiro
Tem o sendeiro,
O que boca nasceu, e é rasgadura.

Na gargantona,
Membro do gosto,
Está composto
O orgão mui subtil da voz fanhona.

Vamos á giba...
Porém que intento?
Si eu não sou vento
Para poder subir lá tanto á riba?

Sempre eu insisto
Que no horizonte
D'esse alto monte
Foi tentar o diabo a Jesu Christo.

Chamam-no autores
Dorsum burlesco,

Por fallar fresco,
No qual fabricaverunt peccatores.

Havendo apostas
Si é gente ou fera,
Si assentou que era
Um caracol, que traz a casa ás costas.

De grande arriba
Tanto se entona,
Que já blasona,
Que engeitou ser canastra por ser giba.

O pico alçado,
Quem lá subira,
Para que vira
Si é Etna abrasador, si Alpe nevado!

Dos sanctos paços
Na bruta cinta
Uma cruz pinta;
A espada é o pé da cruz, e elle os braços.

Vamos voltando
A dianteira,
Que na trazeira
Vejo o assento açoitado por nefando.

Si bem se infere
Outro fracaso,
Que em tal caso,
Não se açoita quem toma o miserere.

Pois que seria
Que eu vi vergões?
Serão chupões,
Que o bruxo do muxaço lhe daria?

Seguem-se as pernas,
Sigam-se embora,
Porque eu, por ora,
Não me quero embarcar em táes cavernas.

Si bem assento
Nos meus miolos,
Que são dous rolos
De tabaco já podre e fedorento.

Os pés são figas
A mor grandeza,
Por cuja empreza
Tomáram tanto pé, tantas cantigas.

Velha coitada;
Cuja figura
Na architectura
Da pópa da náu nova está entalhada.

Boa viagem,
Senhor Tucano,
Que para o anno
Vos espera a Bahia entre a bagagem.

Não é possivel deixar de reconhecer a mais extravagante exageração; mas quanta originalidade se nota? Quanto talento exquisito e variado se manifesta?

Compare-se com esta satyra a que dirigio ao mesmo Camara, contra o qual nutria o peito de Gregorio de Mattos sentimentos de odio ou despeito.

Oh! não te espantes, dona anatomia,
Que se atreva a Bahia,
Com exprimida voz, com plectro esguio,
Cantar ao mundo no teu vão feitio;
Que é já velho em poetas elegantes
O cahir em torpezas semelhantes.

Da pulga acho que Ovidio tem escripto;
Lucano do mosquito;
Das rãns Homero; e estes não despreso,
Que escreveriam materia de mais peso,

Do que eu, que canto cousa mais delgada,
Mais chata, mais subtil, mais esmagada.

Quando desembarcaste da fragata
Meu bom braço de prata,
Cuidei que n'esta cidade tonta e fatua
Mandava a inquisição alguma estatua,
Vendo tão exprimida salvajola,
Em visão de palhão sobre um mariola.

. . . .
. . . .
. . . .

Chinga-te o negro, o branco te pragueja;
E á ti nada te aleja;
E por teu sem sabor e pouca graça
És fabula do lar, viso da praça.
Ah! que a balla, que o braço te levára,
Venha segunda vêz levar-te a cára.

Tem tambem pinturas delicadas e versos elegantes a satyra aos costumes da Bahia; é cada um d'elles pintado separadamente e criticado com espirito.

D'estes, que campam no mundo,
Sem ter engenho profundo,
E entre o gabo dos amigos
Os vêmos em papafigos
Sem tempestade nem vento,
Anjo bento!

De quem, com secretas letras,
Tudo o que alcança é por tretas,
Bacolejando sem pejo,
Por matar o seu desejo,
Desde a manhã até a tarde,
Deus me guarde!

Do que passeia farfante,
Todo prezado de amante,

Por fóra luvas, galões,
Insignas, armas, bastões,
Por dentro pão bolorento,
Anjo bento!

D'estes beatos fingidos,
Cabisbaixos, encolhidos,
Por dentro fatáes maganos,
Sendo na cara uns Janos,
Fazem dos vicios alarde,
Deus me guarde!

Encerra algumas bellezas a satyra que escreveu em versos inteiros e quebrados, e que ignoramos a quem fôra applicada : tem por titulo *Marinicolas*; ha strophes delicadas e sarcasticas, que deleitam e agradam, como são as seguintes :

Marinicolas todos os dias
O vejo na sege
Passar por aqui;
Cavalheiro de tão lindas partes,
Como, verbi gratia,
Londres e Pariz.

Mais fidalgo, que as mesmas estrellas,
Que as doze do dia
Viu sempre luzir;
Que seu pai, por não sei que desastre,
Tudo o que comia,
Vinha pelo giz.

Avistando este novo hemispherio
Collou pela barra
Em um bergantim;
Poz em terra os maiores joanetes
Que viram meus olhos,
Desde que nasci.

Pretendendo com recanilhas
Roubar as guaritas
De um salto subtil;
Embolsava com alma de gato
A risco de sape
Dinheiro de mez.

Entre gabos o triste idiota
Tão pago se mostra
De seus gorjotiz,
Que nascendo sendeiro de gemma,
Quer á fina força
Metter-se a rocim:

Deu agora em famoso arbitrista,
E quer por arbitrios
O triste malsim,
Que o vejamos subir a excellencia,
Como diz que vimos
Montalvão subir.

Sempre foi de moeda privado;
Mas vendo-se agora
Senhor e juiz,
Condemnando em portáes a moeda
Abriu a unhadas
Portos para si.

Muito mais lhe rendeu cada palmo
D'aquella portada,
Que dous Potosis.
Muito mais lhe valeu cada pedra,
Que vale um ochávo
De Valhadolid.

Marinicolas é finalmente
Sujeito de prendas
De tanto matiz,
Que está hoje batendo moeda,
Sendo ainda hontem
Um villão ruim.

Esta vida religiosa,
Tão socegada e segura,
A toda a boa alma apura;
Affugenta a alma viciosa;
Ha cousa mais deleitosa,
Que achar o jantar e o almoço.
Sem cuidado e sem sobroço;
Tendo no bom e máu anno,
Sempre o pão quotidiano,
E escusar o Padre nosso?

Ha cousa como escutar
O silencio que a garrida
Tocca depois da comida,
Para coser o jantar?
Ha cousa como calar,
E estar só na minha cella
Considerando a panella,
Que cheirava e recendia
No gosto da Malvazia,
Na grandeza da tijella?

Ha cousa como estar vendo
Uma mãe religião
Sustentar á tanto irmão
Mais ou menos reverendo?
Ha maior gosto, ao que entendo,
Que agradar ao meu prelado,
Para ser d'elle estimado,
Si á obedecer-lhe me animo;
E depois de tanto mimo,
Ganhar o céo de contado?

Que differença entre o genio e a vida de Gregorio de Mattos e de seu irmão Eusebio de Mattos! Aquelle, como o vimos, turbulento, maledisente, sarcastico e cynico : poeta religioso e orador sagrado este, admirado pelo proprio padre Antonio Vieira;

vagando aquelle pelo mundo, a passar de exilio em exilio; tranquillamente vivendo este, ao principio no instituto da Companhia, e depois na casa dos religiosos do Carmo, aonde falleceu em 1692, sem jamais ter deixado a sua terra natal, e conhecido o mundo!

II.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA.

I.

Nasceu Sebastião da Rocha Pitta na cidade da Bahia, aos tres dias de maio de 1660.

Si dermos credito ao cónego Januario da Cunha Barboza (1), foi elle filho do dezembargador João da Rocha Pitta, natural tambem da Bahia, e chanceller da sua relação, que era o unico tribunal de segunda instancia, que havia então no Brazil, e que fôra creado em 1609 por Felipe III da Hespanha, extincto em 1626, e restabelecido em 1652.

Si considerarmos porém mais valioso o testemunho do abbade Diogo Barboza Machado (2), foram os seus progenitores João Velho Gondim, e Dona Brites da Rocha Pitta, filha do chanceller João da Rocha Pitta.

No collegio dos Jesuitas da Bahia encetou e continuou os seus estudos até que tomou o grão de mestre em artes, e se habilitou para cursar as aulas da universidade de Coimbra, e seguir os estudos superiores. Como eram os seus pais abastados de riquezas,

partio, na edade de dezeseis annos, para Portugal; na universidade de Coimbra seguio os cursos superiores, e no anno de 1682 obteve a formatura de bacharel em canones.

Regressou logo depois para a sua patria, e para a companhia dos seus parentes; occupou o posto de coronel do regimento privilegiado de infanteria das ordenanças; casou-se com Dona Brites de Almeida, e recolheu-se para uma fazenda, que possuia nas margens do rio Paraguassú, e proximidades da cidade da Cachoeira.

Passou ahi por muitos annos uma vida tranquilla, serena e socegada; emballáram-lhe a existencia os prazeres domesticos; intimas felicidades de esposo e de pai, no seio de bens da fortuna, e de bonançoso socego vivificáram-lhe o espirito, e suavizáram-lhe a alma; não lhe perturbou os dias nem-um d'estes graves acontecimentos que são como espinhos da vida; não os entristeceu nem-uma d'estas dôres e afflicções que soffre mais ou menos, com maior ou menor intervallo, a maior parte dos entes humanos. Não appresenta circumstancia notavel a sua existencia. Foi regular, amena e placida, como o lago tranquillo, cujas aguas nem se movem ao sopro da viração.

E todavia quantos acontecimentos graves tiveram logar em torno d'elle, e que nem a attenção lhe mereceram!

Prendêra á ElRei Dom Affonso VI o infante Dom Pedro, seu irmão; governára o reino na qualidade

de regente até 1683, e como rei até 1706; tiveram logar então as longas e sanguinolentas guerras que trouxe a questão de successão da corôa hespanhola, nas quáes menos prudentemente se involveu Portugal, podendo deixar de ser d'ellas affectado; e entretanto estas guerras lhe devorâram grandes quantidades de dinheiro e soldados, quando podiam unicamente soffrer a Hespanha, a Allemanha, a França, a Inglaterra e a Hollanda, que n'ellas tinham um interesse peculiar.

Termináram-se por fim no Brazil entre os Hollandezes e Portuguezes as continuadas luctas, sendo expellidos aquelles do rico territorio que tanto ambicionavam, e parte do qual por largo tempo haviam occupado; haviam estas luctas demorado o engrandecimento do paiz, perturbado a regularidade do seu commercio, e a liberdade da sua navegação, tão necessarias para uma nascente colonia.

Descobriram-se os terrenos interiores do Brazil; foi explorado e conhecido o Piauhy; os intrepidos sertanejos de São Paulo e Tabauté visitáram e examináram os sertões da capitania de São Vicente, que formam actualmente as tres provincias de Minas Geráes, Matto Grosso e Goyaz. Bartholomeu Bueno de Siqueira, Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, Fernando Dias Paes, e Garcia Rodigues Paes, dobráram os desertos, e além do Serro do Frio, Goyaz e Cuyaba, depararam pelos annos de 1694 em diante com minas abundantes de oiro,

diamantes, esmeraldas, e varias outras pedras preciosas que espantáram a Europa. Para tão longinquas terras foi attrahida a attenção e a avidez de copia extraordinaria de Portuguezes e estranhos.

Succederam infelizmente os desastres de Carlos Duclerc, a empresa aventurosa de Duguay Trouin, e as perdas extraordinarias que soffreu a praça e cidade do Rio de Janeiro, pela inercia e inhabilidade do seu governador Francisco de Castro e Moraes, durante os annos de 1710 e 1711.

Tantos e tão variados acontecimentos, que mais ou menos importavam ao seu paiz, não tiveram forças para arrancar do seu ocio ditoso a Sebastião da Rocha Pitta, que estava exclusivamente dedicado á solidão da vida intima.

No meio dos trabalhos agricolas, e da paz da familia, entregava-se á leitura de todas as obras litterarias e scientificas da epocha; descansava o pensamento escrevendo canticos, sonetos, hymnos e eglogas : foi de poeta a sua primeira reputação litteraria, si bem que de poeta mediano; cansou-se brevemente do trabalho do verso, e da difficuldade da metrificação, e abandonou a rima e a poesia : escreveu na lingua castelhana, por ser mais geral e conhecida, um romance imitativo do *Palmeirim de Inglaterra*, que o Portuguez Francisco de Moraes compuzera no seculo anterior, e que tão extraordinario e unanime enthusiasmo causára em toda a Europa, sendo traduzido em todas as linguas; a imitação de Sebastião

da Rocha Pitta não obteve porém a mesma nomeada que conseguira o romance original de Francisco de Moraes.

Nos trabalhos materiáes da lavoura, e em suaves folgares do espirito, passou elle mais da metade da carreira mundana; si por identica forma a continuasse e completasse, de certo que teria o seu nome com elle morrido.

Deliberou-se porém a escrever uma historia do Brazil. E foi um glorioso pensamento que teve e uma boa fortuna para o seu paiz.

Existiam impressas algumas chronicas parciáes da historia do Brazil e algumas viagens de diversos navegantes, que tinham visitado as suas costas: imprimira Gandávo em Lisboa a sua Historia de Santa Cruz; Léry, Thévet, Villegaignon, Linscott, Schemidel, Hans Stadt, André de Teive, Roulox Baro, haviam publicado as suas excursões; João de Laet, Barlæus, Marcgraff, Tamayo Vargas, Albuquerque, San Roman, Maffeus, Claudio d'Abbeville, Ives d'Évreux, Balthasar Telles, o padre Simão de Vasconcellos, Francisco de Brito Freire, Rafael de Jesus, Manuel Calado, e varios outros sujeitos, tinham escripto chronicas de preço, si bem que incompletas, e insufficientes todas.

Preciso era para a redacção de uma verdadeira historia do Brazil que se recorresse aos manuscriptos e documentos que se guardavam nas bibliothecas publicas, nas secretarias d'estado, nos depositos

e archivos reáes, conventuáes e particulares : que se examinassem os itinerarios, viagens, derrotas, chronicas religiosas e descripções militares; immensa de certo seria esta tarefa, de difficilissima execução e de trabalhos muito longos e penosos; parecia á primeira vista curta a vida de um homem para emprehende-la et leva-la ao cabo!

Carecia no entretanto o Brazil de uma historia, que fosse como o complexo ou fusão de todos os escriptos impressos, e não impressos, ácerca do seu descobrimento, da sua colonisação, das nações dos seus indigenas, das suas importantes explorações, e dos grandes acontecimentos, porque teve de passar, desde os seus primeiros dias, alvo da cobiça de tantos povos, que invejavam as innumeras riquezas de seu solo feliz, e a magestade de sua posição geographica : e caber-lhe-ia gloria maior si essa historia fosse escripta por um filho seu, de que por qualquer estranho, que lhe devotasse assim a sua affeição e a sua vida.

Calculou Sebastião da Rocha Pitta todas as difficuldades de sua empreza; assentou de vence-las. Para consegui-lo, deixou o seu descanso e o seu repouso, e despediu-se das margens alegres e pittorescas do bello rio Paraguassú. Gastou bastantes annos no exame de todos os documentos e manuscriptos que existiam nos archivos dos conventos de São Francisco, Carmo e São Bento, que eram as tres ordens que no Brazil se haviam fundado, e nas livrarias

dos collegios dos Jesuitas da Bahia, Rio de Janeiro, e São Vicente : passou-se depois para Lisboa, e com toda a applicação, actividade e agudeza de espirito entregou-se á indagação conscienciosa dos papeis que lhe podessem ministrar elementos para levar a effeito a tarefa que emprehendera.

Não contente com as noticias que pode obter dos documentos escriptos na sua lingua vernacula, e na castelhana, que sabia perfeitamente, deu-se ao estudo das linguas franceza, hollandeza e italiana, para o fim de ler e conhecer os escriptos d'estes povos.

Pouco menos da metade da sua vida foi empregada na grande e importante missão com que se inspirou, e que felizmente conseguiu ao terminar o anno de 1728.

Foi publicada em 1730 a Historia da America portugueza desde o seu descobrimento até o anno de 1724.

Muitos applaudos obteve; leram-na e elogiaram-na todos os sabios contemporaneos; por uma commissão de seus membros fe-la examinar a Academia real de Historia portugueza, e approvou um parecer, em que se lhe rendiam grandes encomios, e se lhe dava o diploma de academico supranumerario. Na qualidade de censor dos inquisidores escreveu uma memoria á seu respeito o bispo de Lacedemonia, a qual faz honra a ambos ao historiador e ao critico.

Nomeou-o ElRei Dom João V fidalgo de sua casa e cavalleiro da ordem de Christo.

Retirou-se então Sebastião da Rocha Pitta para a Bahia, e para o seu doirado repouso; reviu a sua casa, os seus bens e os seus amigos; quiz ali passar tão tranquillamente os ultimos dias da vida como haviam corrido os primeiros tempos d'ella.

Continuou n'aquelles mesmos folgares da mocidade, ora occupando-se com a administração dos trabalhos ruráes; ora chamando em seu auxilio a deliciosa musa que tantos encantos lhe dêra, e tantas venturas lhe causára; no gremio sempre da familia, reunindo em torno de si tantos filhos queridos, extensa prole dos seus pacificos amores, mirando-se n'elles como na sua imagem, procurando diffundir pelos seus animos as amaveis e candidas virtudes que adornam o coração, e as reminiscencias gratas e aprasiveis que encantam e continuadamente enthusiasmam.

N'essa tranquillidade do corpo e do espirito o veio encontrar a morte no dia 2 de novembro de 1738; baixou á sepultura tão pacifico, quieto e sereno, como vivêra sempre.

II.

Ha uma escola de historiadores que cuidam ser a sua missão narrar os acontecimentos, pintar os costumes, e descrever as physionomias, sem que ousem

aventurar a menor observação, a mais ligeira analyse, e o juizo mais breve; é a historia no seu sentir a acta fiel e verdadeira dos tempos; a chronica dos factos succedidos; a descripção dos diversos dramas, e das peripecias differentes, que se tem realisado; o desenho dos caracteres, e o desenvolvimento da marcha das acções humanas, guardando o historiador a mais absoluta neutralidade, e a mais escrupulosa imparcialidade.

Ha uma segunda escola, que pesquisa e relata os grandes acontecimentos do mundo apresentando-os como effeitos de um fatalismo, cuja marcha é inevitavel; é para ella o dogma da moral separado da acção humana; não é livre esta acção, e portanto não tem imputação; o homem, a intelligencia, a moral, a religião e a consciencia, não tem dominio, nem influencia e nem vontade nos acontecimentos, que não são mais do que os vinculos de uma cadeia inabalavel, e que se ligam e se succedem pela força do destino: tem as cousas um curso regular que devem rigorosamente seguir. São os homens apenas instrumentos do destino; está de antemão marcada a sua missão, que ha de ser necessariamente cumprida.

Para esta segunda escola tendem duas differentes veredas: a vereda religiosa, philosophica e symbolica; e a vereda sceptica, material e athéa.

Procura a primeira vereda a razão espiritual dos factos, e os seus resultados moráes, abstraindo-os da

scena do mundo, e da sua descripção e pintura; paira o principio religioso por cima das sociedades humanas, e manifesta-se por todas as suas phases; creou Deus o homem; povoou o homem a terra; formou o homem a sociedade, e a sociedade as leis; vem tudo de Deus, e marcou Deus de antemão o destino inexoravel do homem e da sociedade, das nações e da humanidade; marcham todos para um fim egual, tornando-se a vida das nações, das sociedades e dos homens, como um symbolo ou representação moral do pensamento de Deus, perante o qual o homem e os seus feitos desapparecem como a voz no deserto, ou a gotta d'agua no Oceano.

Formúla a segunda vereda o systema da perfectibilidade material; não se dirigem para outro fim o homem e as nações senão para a obtenção de maior somma de bens e de grandeza; tem os factos uma marcha necessaria e logica; não tem as acções uma imputação moral, porque o fim, as circumstancias e a posição do homem e das nações o arrastam, dominam e influenciam; foram creados o homem e as nações para obedecer ao fatalismo que os acompanha, e que na sua marcha immutavel transforma ideias, religiões, principio, e sentimentos.

Tem esta segunda escola duas divisões, adversas e antipodas : a de Vico, Herder, Bossuet, Hegel e Ballanche, não desbota ao menos os sentimentos do coração, e nem mareia a poesia da

alma humana, que é a emanação sagrada da Divindade; a segunda subdivisão, nascida das theorias da revolução de 1789, e inteiramente franceza, estraga a vida, desmoralisa a consciencia, e perturba o espirito; pelo seu systema, e pelos seus principios, os Tiberios, os Felipes, os Neros e os Borgias tornáram-se tyrannos, não pela sua vontade ou indole, mas pela força das cousas; não tiveram vontade e nem liberdade os Robespierres, os Jefferies, os Fouquiers e os Tristãos que fôram os instrumentos apenas do terrivel fatalismo.

Si pecca a escola chamada geralmente descriptiva, porque apenas desenha e pinta os acontecimentos, e os não moralisa, não é menos defeituosa a escola fatalista, em qualquer das suas divisões : tem as nações a sua historia, como os individuos; tem o homem a imputabilidade de suas acções, como a tem a especie; narrar os crimes sem os considerar e julgar; recontar os horrores sem lhes applicar a sancção penal; fria e insensivelmente descrever as acções boas e más, deixando de analysa-las e pesa-las; não dar-lhes apreço, e nem attribuir-lhes imputação; por que procedem da força das circumstancias e não do effeito da liberdade; é desconhecer os principios da moral eterna.

A verdadeira e unica escola historica não é nem a descriptiva nem a fatalista. A verdadeira e unica escola historica é a de Tacito e de Thucydides; é a de Gibbon e a de Niebuhr; é a de Machiavelli e de

Muller; é a de Plutarco e a de Thierry; é a de Polybio e de Lingard.

A verdadeira e unica escola historica exige em gráu eminente qualidades moráes e qualidades intellectuáes. Deve caracterisar o historiador o amor da verdade, e só da verdade; para consegui-la, torna-se necessario um zelo de exactidão, um escrupulo de paciencia a toda a prova; os tumulos, os monumentos, os epitaphios, serve-lhe tudo; decifrará com o mesmo cuidado os velhos e estragados archivos, os torturados documentos, e os livros limpos e aceiados; procurará a verdade no meio do pó dos manuscriptos, e a custa de vigilias e fastidiosos trabalhos; e conseguida a verdade, necessitará de todo o sangue frio do seu juizo para distribuir a justiça, e analysar com imparcialidade.

Após estas qualidades moráes de verdade e justiça, quantas qualidades intellectuáes são necessarias! Que intelligencia universal em todos os ramos dos conhecimentos humanos! Que talentos extensos de comprehensão, imaginação e raciocinio! Que variada instrucção em objectos tão diversos, e em questões tão complicadas!

Necessita o historiador de ser philosopho, estadista, poeta, jurisprudente, financeiro, theologo, e militar; necessita emfim o historiador de possuir uma universalidade de instrucção superior talvêz á que Cicero exigia para o seu orador.

Examinada e conhecida a verdade dos aconteci-

mentos, ouvida a voz dos seculos passados, mas a voz propria e verdadeira, cumpre ao historiador narrar e descrever ainda, e de par com a narração e a descripção julgar e moralisar. É a historia uma missão nobre e elevada, que aperfeiçôa a intelligencia, purifica o espirito, esclarece a consciencia e adorna o coração. A descripção e a moralisação, a pintura e o juizo, a narração e o raciocinio, são os elementos indispensaveis para traçar-se o grande quadro dos acontecimentos humanos, indagar-lhes as causas, descobrir-lhes os resultados, ligar a vida do individuo á vida da sociedade, reunir o homem á especie, e formar assim a grande lição para que foi instituida a historia.

É a historia diversa da chronica ou da memoria; são simplices narrações estas : tem aquella um interesse superior, porque além de narrar instrue e moralisa; entre os seculos ha pontos de semelhança; aceitam uns dos outros certas ideias e paixões, que se vão transformando; duram porém as civilisações com as condições que lhes são proprias; diversificam os usos e costumes; e pois cumpre ao historiador estuda-los, discrimina-los, pinta-los com as suas côres especiáes, e encara-los sob os pontos de vista das normas immutaveis da justiça universal, e tambem das ideias predominantes na quadra em que se realisáram : dando a cada epocha, que passa, o seu verdadeiro logar, a sua propria physionomia, e a sua significação logica.

Reunir a laboriosa e a mais profunda instrucção aos talentos mais subidos, e conhecer perfeitamente os factos, desenterrando a verdade do cháos dos tempos, e julgando-a com criterio e imparcialidade, constituem as qualidades de um historiador. Verdade e comprehensão, justiça e intelligencia, sabedoria e imaginação, é lhe tudo necessario para dar vida á sua historia, alma á sua narração, interesse á sua obra, physionomia peculiar ás epochas que descreve, e vestes proprias aos acontecimentos que narra.

É o estylo do escriptor, e não do historiador; pertence o estylo ao caracter e ao individuo; tenha o historiador as qualidades e estudos que necessita, e escreva! Escreva pela maneira mais facil e mais propria de exprimir os seus pensamentos, as suas idéias, e os seus sentimentos. Quão diverso que é o estylo de Tacito do de Plutarco! Quanto é differente o de Salustio do de Gibbon! Como é opposto o de Machiavelli ao de Niebuhr! Tinha Cicero razão de dizer que a historia agrada de qualquer maneira que se escreva comtanto que interesse.

É o estylo o segredo da intelligencia, e o mysterio do escriptor; esforce-se em estudar as regras da lingua, a sua feitura, e as suas necessidades : é esta a sua parte material. Obtida ella, siga a sua inspiração!

Foram escriptores excellentes e máus historiadores Tito Livio, Guilherme Robertson e João de Barros; escriptores excellentes, porque interessa o seu estylo,

ençanta e arrasta: máus historiadores, porque aceitáram sem criterio um grande numero de factos, que incluiram nas suas historias, extravagantes uns, inverosimeis outros, e que não passavam de tradições populares revestidas da poesia do povo, que é toda patriotica, mas que não deixa de ser poesia, isto é, filha querida e doirada da imaginação. Os historiadores precisam de mais estudos, e de mais discernimento.

É verdade que tem o estylo as suas normas intellectuáes como tem regras materiáes; não se reduzem porém as suas formulas a uma só formula, si bem que perfeita; seria semelhante ideia equivalente a que não houvesse na existencia humana mais que um só typo do que é bello; entretanto o bello, bem como o sublime, abraçam todas as formulas, e todas as creações do pensamento; alargam o circulo do templo da arte, e conhecem-se pelas suas phases ou apparições, e não pela maneira porque se manifestam essas apparições ou phases.

E pois pertence o estylo ao escriptor; não ha estylo fixo a que deva cingir-se o historiador; manifestando ou materialisando as suas ideias, forma o seu estylo conforme o seu caracter, a sua indole e a sua imaginação : vão-lhe proporcionalmente creando, vigorando, fortalecendo e aperfeiçoando o estylo as ideias que fôr elle abraçando e desenvolvendo.

III.

Possuia Sebastião da Rocha Pitta todas as qualidades de historiador? Satisfez a todos os requisitos exigidos, e especificados no paragrapho anterior? Contém a sua Historia da America portugueza todos os elementos de uma boa historia?

Examinemo-lo.

Existiam no seu tempo monumentos historicos de duas especies, relações, itinerarios, viagens, derrotas, noticias e chronicas ácerca do descobrimento do Brazil, das suas primeiras explorações, da sua colonisação primordial, e das invasões que soffrera, escriptos em diversas linguas, e impressos em varios paizes; e cartas dos missionarios, viagens, descripções e derrotas, que não haviam sido publicadas, e que se guardavam nos archivos publicos e conventuáes de Portugal e dos paizes extranhos.

Cumpria procurar todos estes documentos quer impressos, quer manuscriptos, e escrupulosamente folhea-los e examina-los. Trabalho immenso era, mas a que não faltou Sebastião da Rocha Pitta, dedicando-se-lhe com a mais minuciosa curiosidade e paciencia.

Si pelo lado da indagação minuciosa, do ardente desejo de saber tudo, e dos esforços escrupulosos para o fim de conseguir a verdade, só temos sinceros elogios que tributar a Sebastião da Rocha

Pitta, que prova com a sua Historia que se não poupou a trabalho algum para esclarecer-se; si pelo lado tambem de imparcial e justiceiro, como deve ser um bom historiador, eguáes encomios lhe são devidos; sentimos comtudo ter de enunciar que, ou pelas ideias religiosas da epocha, que não admittiam exame nos milagres de fé, e nos factos, que relatavam os missionarios para o fim de cathequisar as nações selvagens, ou mesmo talvêz pela crença supersticiosa, e excessivo amor patriotico de Sebastião da Rocha Pitta, não está isenta a sua obra do grave defeito de dar como verdadeiros alguns factos, que qualquer exame rapido ou ligeiro raciocinio teria declarado falsos, e até inverosimeis.

Parece arrastado mais pela imaginação do que pela razão : aceita as legendas religiosas dos missionarios, e as anecdotas poeticas do povo, como acontecimentos reáes; não ousou rebatte-las, ou acreditou-as; e peccou por qualquer dos modos.

Como se affadiga tanto para provar que São Thomé viajou pelo Brazil! Como tenta achar no paiz os signáes demonstrativos do seu baculo e dos seus pés! Como appella para a tradição dos gentios! Como chama em seu apoio os testemunhos de Joaquim Brulio, Gregorio Garcia, Fernando Pizarro, do bispo de Chiappa, e do jesuita Ribadaneira!

E relativamente ás aventuras de Diogo Alvares,

o Caramurú, tão doiradas pela poesia popular, como as aceita em toda a sua plenitude! Como acredita na fabulosa viagem á França, e a dá como verificada no reinado de Henrique de Valois, segundo de nome, e de Catharina de Medicis, quando esse reinado começou sómente em 1547, e de então em diante está evidentemente provado que não sahio da Bahia Diogo Alvares, havendo em 1531 casado duas das suas filhas com Affonso Rodrigues e Paulo Dias Adorno, companheiros de Martim Affonso de Souza!

Como estes factos varios outros descreve Sebastião da Rocha Pitta, que não minuciamos para não tornar cumprida a sua analyse. São culpas graves para um historiador a falta de coragem para repellir a influencia e o dominio das lendas religiosas ou patrioticas, revolvendo o intimo dos acontecimentos e rebattendo-as com a luz de raciocinio e o archote da verdade; e a falta tambem de discernimento preciso para separar o verdadeiro do falso, e entre as pedras, que as memorias appresentam, escolher unicamente as preciosas e de valia.

Possuio tambem Sebastião da Rocha Pitta as qualidades intellectuáes de que tanto necessita um historiador?

A sua Historia demonstra os variados conhecimentos que adquiriu, e a profunda instrucção que lhe forneceram os diversos ramos das sciencias.

Descreve perfeitamente o Brazil do seu tempo; encara-o sob o ponto de vista geographico, commercial e estatistico; examina a natureza dos seus terrenos e das suas producções, e parece antever o futuro grandioso que o aguarda, historiando os acontecimentos politicos e militares por que passou, as negociações diplomaticas que se encetáram a seu respeito, o desenvolvimento da sua riqueza, e da influencia que sobre a metropole começava já então a exercer a colonia nascente..

É innegavel pois que lhe não faltavam as qualidades intellectuáes de historiador; que, além de se achar ao nivel de tudo quanto a respeito do Brazil se podia saber na quadra em que viveu, quadra que forneceu realmente á historia a maior somma de materiáes pelas pesquisas e trabalhos dos escriptores seus contemporaneos, como eram Antonio Caetano de Souza, Diogo Barboza Machado, Dom Francisco Xavier conde da Ericeyra, Antonio de Souza de Macedo, e varios outros, adquirio tambem sobeja instrucção em todos os ramos dos conhecimentos humanos, cuja theoria e pratica convinham entrar na historia do paiz, de que se incumbira: era dotado ainda de imaginação brilhante, e de phantasia variada, para reunir o agradavel com o necessario, o bello com o util..

Si soubesse ou pudesse Sebastião da Rocha Pitta escapar do defeito, que já lhe imputámos, de aceitar sem o menor discernimento e dar como

verdadeiros alguns factos que só existiam nas tradições populares, e nas invenções dos missionarios, seria de certo um dos maiores historiadores da lingua portugueza. Como eram variados os seus talentos! Que subido amor de seu paiz lhe palpitava no peito! Que grandes e admiraveis qualidades possuia!

Convém dizer todavia que Sebastião da Rocha Pitta historiou perfeitamente alguns acontecimentos do Brazil, como foram as guerras longas e sanguinolentas promovidas pelas invasões ambiciosas dos Francezes e Hollandezes; que a sua obra contém innumeras noticias biographicas de varios e importantes Brazileiros que adquiriram honrosa nomeada pelo seu valor e talentos; e que sobre a historia natural, a agricultura, a industria, a geographia, a estatistica, o commercio e a historia politica, appresenta os mais completos esclarecimentos da epocha. Notamos porém que descreveu muito ligeira e perfunctoriamente as nações indigenas, e abandonou-as logo depois como si nos não conviesse saber o que foram ellas antes do descobrimento dos Portuguezes, e o que lhes aconteceu mesmo com esses descobrimentos, e após o dominio que elles trouxeram. Parece que o historiador se persuadiu que táes nações não mereciam attenção, e nem analyse, e que da sua existencia não resultou a menor influencia para a colonisação, posse e industria do paiz.

Bastam as observações que enunciamos para conhecimento das qualidades do historiador; examinemos agora o seu estylo.

Em geral peccava o estylo da epocha pela innovação dos trocadilhos; o desejo de castigar e harmonisar as palavras e as phrases dava-lhes uma toada que era menos agradavel de certo do que a simplicidade poetisada de Fernão Lopes, a eloquencia limpida de frey Luiz de Souza, as engenhosas descripções de João de Barros, a energia de Affonso de Albuquerque, e a modestia de Heitor Pinto e Amador Arraes.

E não foi somente Sebastião da Rocha Pitta que incorreu no peccado. Antonio Caetano de Souza, os condes da Ericeyra, o padre Antonio de Sá, e o proprio Antonio Vieira, o commetteram. Mais ou menos recebem os homens a influencia das ideias que prevalecem na epocha em que vivem. Entretanto, claro, facil, elegante e bello, é de certo o estylo da *Historia da America Portugueza;* tem descripções admiraveis e pinturas que são eloquentes. O estylo de Rocha Pitta colloca-o sem duvida na primeira linha dos escriptores portuguezes.

Para comprovarmos estas asserções, daremos alguns excerptos d'elle.

« N'ella surgindo as náus pagou o general aquella ribeira e segurança, que achára depois de tão evidentes perigos, com lhe chamar Porto Seguro e a terra Santa Cruz, pelo estandarte de nossa

fé, que n'ella arvorou com os mais exemplares jubilos, e ao som de todos os instrumentos e artilheria da armada, fazendo com a mesma militar ostentação e piedade celebrar o sancto sacrificio da missa sobre uma ara que levantou entre aquelle inculto arvoredo, que lhe serviu de docel e de templo.

« A fermosa variedade de suas formas na desconcertada proporção dos montes, na conforme desunião das praias, compõem uma tão egual harmonia de objectos, que não sabem os olhos aonde melhor possam empregar a vista, já em altas e continuadas serranias, já em successivos e dilatados vales; as maiores porções d'elle fez Deus felicissimas, algumas inuteis; umas de arvoredos nuas expoz ás luzes do sol, outras cobertas de espessas mattas occultou aos seus raios : formou dilatadissimos campos, uns partidos brandamente por arroios pequenos, outros utilmente tyrannisados por caudalosos rios, etc.

« Vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino oiro, os seus troncos o mais suave balsamo, e os seus mares o ambar o mais selecto; admiravel paiz, a todas as luzes rico, aonde prodigamente profusa a natureza se desentranha nas ferteis producções que apura a arte.

« Em nem-uma outra região se mostra o céo mais

sereno, e nem a aurora madruga mais bella; o sol em nem-um outro hemispherio tem os raios tão doirados, nem os reflexos nocturnos tão brilhantes; as estrellas são as mais benignas, e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras, etc. »

Si d'estas descripções da natureza, que realmente extasiam e encantam, passarmos para as descripções dos acontecimentos, não é menos nobre e brilhante o estylo. O que pode haver de mais perfeito do que a noticia que nos dá Sebastião da Rocha Pitta da guerra dos Palmares, com que por tanto tempo se encomodáram os Portuguezes? Indaga-lhes todas as causas, narra-lhes todos os successos e descobre-lhes todos os resultados de modo que nada deixa a desejar.

« Estão os Palmares no continente das villas do Porto Calvo e Alagoas, em quasi egual distancia de ambas, porém mais proximos a primeira. O nome tiveram depois que os negros o possuiram pelas muitas palmeiras que lhes plantáram. Comprehendia mais de uma legua em circuito a sua povoação, cuja muralha era uma estacada de duas ordens de páos altos, lavrados em quatro faces dos mais rijos, incorruptiveis e grossos, que ha n'aquelles grandes mattos, abundantissimos de portentosos troncos. Tinha a circumvallação tres portas da mesma ma-

deira com suas plataformas em cima, todas em eguáes distancias, e cada uma guardada por um dos seus capitáes de maior credito, e mais de duzentos soldados, no tempo da paz, porém n'esta guerra guarnecidas todas do maior poder das suas forças. Por varias partes d'aquella circumferencia haviam baluartes da propria fabrica e fortaleza. O paço do seu zumbi era toscamente sumptuoso na forma e na extensão; as casas dos particulares ao seu modo magnificas, e recolhiam mais de vinte mil almas de ambos os sexos, das quáes dez mil de homens capazes de tomar armas. As que jogavam são de todos os generos, assim de fogo, como espadas, alfanges, frexas, dardos e outras arrojadiças. Havia dentro da sua povoação uma eminencia elevadissima, que lhes servia de atalaya, e depois lhes foi voluntario precipicio; d'ella registavam com longa vista por dilatados horizontes muita parte das villas e logares de Pernambuco; tinham uma lagôa, que lhes dava copioso peixe, muitos ribeiros e poços, que chamavam cacimbas, de que tiravam regaladas aguas. Fóra tinham grandes culturas de pomares e lavouras, e para as guardar, fizeram outras pequenas povoações, chamadas mocambos, em que assistiam os seus mais fieis e veteranos soldados. »

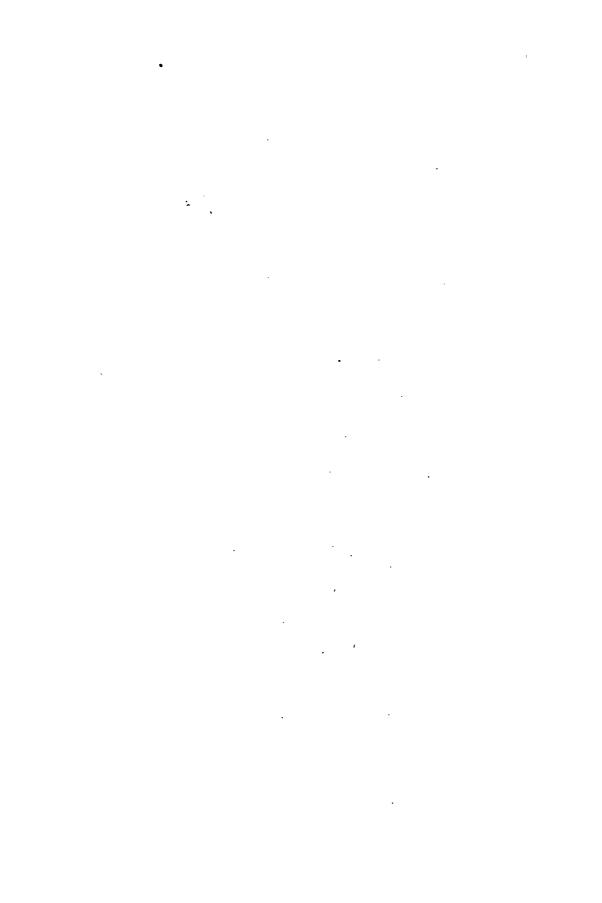
Terminou Sebastião da Rocha Pitta a sua Historia com o anno de 1724, e não tendo tomado parte nos acontecimentos contemporaneos, livre estava o seu animo, e isento o seu espirito da menor seducção

ou influencia; escreveu-os portanto com muita imparcialidade. Talvêz mesmo que mais importante e verdadeiro seja, e mais interesse tenha ella, na narração dos acontecimentos contemporaneos, do que n'aquelles que a tradição recontava, e que, como succede nos primeiros tempos de todas as nações, estão mais ou menos envoltos em véo mysterioso e poetico, que não ousa rasgar o historiador, dado mesmo que os não acredite.

Quer para a epocha em que foi escrita, e que era de certo muito pobre de obras historicas, quer mesmo para os nossos tempos, que possuem uma mais abundante colheita de materiáes ácerca do Brazil, deve ser a *Historia da America Portugueza* de Sebastião da Rocha Pitta considerada um bom monumento e um thesouro precioso, que honram a lingua e a litteratura portugueza.

NOTAS.

(1) Januario da Cunha Barboza, noticia de Rocha Pitta.

(2) *Bibliotheca lusitana*, pelo abbade Diogo Barboza Machado.

III.

BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO.

Foi São Vicente o primeiro estabelecimento que no Brazil fundáram os Portuguezes. Data de 1532, em que ali aportou Martim Affonso de Sousa, a quem fôra feita por ElRei Dom João III a doação das cem leguas da costa que estivessem comprehendidas entre o cabo de São Thomé e Cananea.

Encontrando ali um porto excellente, de barra franca e abrigada de ventos, escolheu o donatario uma bella planicie, que se estende á mão esquerda, para assentar n'ella a capital dos seus estados.

Trouxera muitas familias de obreiros e individuos de todos os officios. Creou a povoação, concedendo sesmarias de terras, mandando edificar casas e egrejas, e promovendo a cultura do sòlo, que se prestava admiravelmente para a cana do assucar, que levára da ilha da Madeira, na persuasão de que perfeitamente ali se acclimataria.

Não lhe foram infensos os gentios, que com tino e presentes chamou á si, e ligou com os Portuguezes.

Ajudou-o n'isso um Europeo, que encontrou vivendo entre elles, e que se chamava João Ramalho, casado com a filha de Tiberiçá, chefe da tribu dos Goyanases, que se consideravam senhores da terra e dos campos de Piratininga, mas que pela sua mansidão e brandura dos seus costumes se distinguiam muito dos seus visinhos, os Tamoyos do Rio de Janeiro.

Organisou uma administração regular e tendo posto ordem em todos os seus negocios, e deixado locotenentes á frente do governo e da colonisação, partio para a India, aonde foi expirar desgraçadamente.

Perto do logar, em que se edificou São Vicente, descobrio Braz Cubas, locotenente do donatario, um outro sitio que mais proprio e adaptado lhe parecia para uma povoação, ao subir do braço de mar, que rasga e rega as terras interiores. Foi ali fundado em 1545 um novo estabelecimento, que tomou o titulo de Santos, e que, com o andar dos tempos, á si attrahio todo o commercio e toda a povoação, e com a sua visinhança fez decahir, e quasi desapparecer a villa do São Vicente.

Actualmente não passa esta povoação de um miseravel arraial, em quanto que Santos, mais moderna que ella, tornou-se importantissima, elevou-se a cidade, e é o emporio principal da vida mercantil da provincia de São Paulo.

Foi Santos o berço de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, filho de cirurgião mór do presidio, Fran-

cisco Lourenço de Gusmão, e de sua mulher Dona Maria Alvares.

Nasceu no anno de 1685. Teve por irmãos os jesuitas Simão Alvares e Ignacio Rodrigues, o franciscano frey Patricio de Santa Maria, o carmelita João Alvares de Santa Maria, e o conhecido escrivão da puridade d'ElRei Dom João V, Alexandre de Gusmão. Mais ou menos se celebrisáram no seu tempo estes seis irmãos, e legáram á sua patria nomes illustres, que lhe dão esplendor e gloria.

Teve mais o cirurgião mór, além dos varões que mencionamos, seis filhas, das quáes se casáram quatro, e duas se fináram professas no convento de Santa Clara de Santarem.

Em sua patria cursou Bartholomeu Lourenço de Gusmão as aulas dos Jesuitas, bem como todos os seus irmãos; na edade de quinze annos foi mandado para Portugal a fim de frequentar os estudos superiores da universidade de Coimbra; tomou o gráu de licenciado em canones, e adoptou o estado de ecclesiastico, dizendo a sua primeira missa no mesmo dia em que deixou a universidade.

Começou a illustrar-se pelos seus sermões; d'elles restam ainda alguns, que se imprimiram, e que mereceram geral aceitação dos seus contemporaneos: prima entre elles pela lucidez da dicção, gosto apurado, e imaginoso das ideias, e alguns rasgos de eloquencia, o que proferio na festa do Corpo de Deus, em 1721, na egreja de São Nicolau.

Entregou-se especialmente ao estudo das sciencias physicas e mathematicas, que mais que as outras lhe agradavam, e para as quáes manifestava uma propensão prodigiosa.

Em uma viagem que fez á Hespanha, foi em Madrid apresentado á rainha Dona Isabel de Brunswick Blankenburgo, que com elle sympathisou muito, e apreciando os seus raros talentos e grande sciencia, o recommendou a ElRei Dom João V, que perfeitamente o acolheu em Portugal, e o nomeou capellão fidalgo da sua casa.

Era ainda bem moço Dom João V. Aspirava o enthusiasmo por todos os poros. Entretinha-o Bartholomeu Lourenço com experiencias physicas, que o satisfaziam; fallou-lhe em formar uma maquina que, como os passaros, deveria voar aos ares, e tomou El-Rei tanto á peito realisar esta empreza, que á sua conta fez todos os gastos com a construcção e organisação da projectada maquina.

Está hoje evidentemente demonstrado que a gloria da invenção das maquinas aerostaticas pertence a Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Antes d'elle falláram Bacon (1), Lana (2) e Galiano da possibilidade da ascensão ou navegação aérea : não conseguiram porém realisa-la. Durante tempo bastante passáram os irmãos Montgolfiers de França pelos primeiros que haviam praticado um tão importante descobrimento. Grande erro foi porém esse, porque no anno de 1783 é que lograram elles fazer subir aos ares um balão,

ou maquina aerostatica, entretanto que na cidade de Lisboa se fizera em 1709 a experiencia da que imaginára Bartholomeu Lourenço, e que deu o mais feliz resultado, si bem que não tivêsse a conveniente publicidade, e nem d'ella se colhessem os proveitos que souberam conseguir os Francezes da operação dos Montgolfiers.

Comprehendia Bartholomeu Lourenço de Gusmão toda a importancia do seu invento, e por isso requereu para si o privilegio exclusivo (4); comprehendeu-a tambem ElRei, que o protegia, e esperava d'ella vantagens grandes, pois que, apenas ouvio a mesa do desembargo do paço, lhe concedeu benevolo deferimento (5) com aggravação de penas para os contraventores, e especificação de premios para o seu auctor, que, pelo alvará de graça de 12 de abril de 1709, obteve a mercé de uma conezia, e da cadeira de lente de prima de mathematica na universidade de Coimbra, com o ordenado annual de 600,000 reis, criado de novo em vida só d'elle (6).

Fez-se o ensaio em Lisboa no pateo da casa de India, perante ElRei, a Côrte, e o povo, no dia 5 de agosto de 1709. Extrahiremos de um impresso do meiado do seculo passado, sahido das officinas typographicas de um certo Antonio Rodrigues Galhardo, o qual tem o titulo de *Descripção do novo invento aerostatico;* de outro publicado por Simão Thadeu de Ferreira em 1774, e que traz uma estampa representando a maquina; e da *Encyclopedia britannica* publicada en

1797 em Edimburgo, as noticias que se espalháram acerca dos elementos de que se compuzêra ella e do modo por que teve logar a sua ascensão.

« Tinha ella, diz a *Encyclopedia britannica*, referindo-se ás tradições do tempo, a forma de um passaro, crivado de multiplicados tubos pelos quáes passava o vento a encher uma especie de bojo, que servia para eleva-la, e si faltasse o vento, entretinha-se o mesmo effeito por meio de foles dispostos dentro do seu corpo. A ascensão devia tambem de ser promovida pela attracção electrica de peças de ambar, dispostas na parte superior, e por duas espheras, na mesma posição, incluindo o magnete. »

« Sendo ella elevada (affirma o impresso de Rodrigues Galhardo) pela ditta attração ou forças magnetica e electrica, seria, mediante uma vela, impellida pelo vento, e na falta d'este, pelo que se lhe subministrasse com folles, ali egualmente collocados para este effeito; dirigindo-se o rumo por um leme posto na popa, com umas pás ou azas em ambos os lados. »

« Fez-se a experiencia (assevêra uma nota marginal manuscripta de Francisco Leitão Ferreira, que se acha escripta não obra citada) em 8 de agosto d'este anno de 1709 no pateo da casa da India, diante de S.M. e muita fidalguia e gente, com um globo, que subio suavemente á altura da sala das embaixadas, e do mesmo modo desceu, elevado de certo modo material, que ardia, e á que applica o fogo o mesmo inventor. »

« Não obstante que o auctor da maquina diga que dentro dos globos vai a magnete, cuja virtude fará subir a barca (diz o impresso de Simão Thadeu) não é com tudo a sua elevação por força da virtude attractiva, mas sim pela força do gaz, que os mesmos globos tem dentro, e a que o mesmo auctor chama segredo. »

Qual seria a forma da maquina? Acabamos de vê-la diversa e differentemente recontada e descripta; a respeito dos agentes que se empregáram para a fazer subir, apparecem tambem opiniões contradictorias. Seriam applicados os mesmos elementos gazosos de que se serviram os Montgolfiers na que, setenta e quatro annos depois, isto é em 1783, experimentáram em Pariz, e com a qual tentam os Francezes chamar a si a gloria do invento (7)? Usaria antes Bartholomeu Lourenço, como se propalára em Lisboa na occasião do ensaio, do impulso e applicação do magnetismo e da electricidade?

São questões não solvidas ainda. Guardou segredo Bartholomeu Lourenço: dos documentos que se tem podido conseguir sobre a materia, nada se colhe. Pensa o cónego Francisco Freire de Carvalho (8) que foi a maquina de Bartholomeu Lourenço concebida e construida segundo as leis da bôa physica, e não conforme um desenho que, em 1774, se publicou em Lisboa com o nome e figura de uma passarola, que assim a chamava o

povo; e que para a sua elevação se empregáram os mesmos agentes de que posteriormente fizeram uso os Montgolfiers, e não o magnetismo e a electricidade, e nem os futeis meios que assignalam os contemporaneos.

O certo é que subio a maquina suavemente, e desceu logo depois, ou por lhe falharem os alimentos para poder demorar-se mais tempo no ar, como pensam alguns, ou por ter tocado em uma cimalha e soffrer estragos, como acreditam outros.

Não estava porém o povo de Portugal tão adiantado em civilisação, que admirando os progressos das sciencias, os considerásse naturáes e legitimos: prevaleceu o espirito supersticioso, que minava a epocha. Suppôz-se que era a ascensão da maquina uma feiticeria. Foi o auctor suspeito de imaginar planos diabolicos, e por entre a populaça ficou desconsiderado, e chegou até a correr perigo de apparecer em publico.

Chamavam-lhe o voador, e este nome passou da metropole para a capitania do seu nascimento, e mesmo para a sua familia, que por muitos annos foi conhecida assim no Brazil, e especialmente em São Paulo.

Não o abandonou todavia ElRei, si bem que lhe insinuásse que não proseguisse nos melhoramentos da sua invenção, como eram os seus desejos. Assim se explica a razão por que um tão importante acontecimento ficou desconhecido por tanto tempo, e a

gloria que deveria pertencer a Bartholomeu Lourenço de Gusmão como o inventor das maquinas aerostaticas, reverteu para os Montgolfiers, que tão posteriormente a praticáram, e que por grande parte das nações e povos são considerados os seus primeiros descobridores.

Passou Bartholomeu Lourenço a occupar a cadeira de lente da universidade, que lhe déra ElRei, gozando tanto das boas graças e favor regio, que obteve para o seu velho pai a concessão honrosa do foro de fidalgo. Entregou-se então ao ensino da theologia, em que se mostrou versado, e ao exercicio do pulpito, em que mais folgava o povo de o ver e applaudir.

Quando em 8 de dezembro de 1720 instituiò Dom João V a academia real de Historia Portugueza, e nomeou para ella os cincoenta sujeitos do seu reino mais distinctos nas lettras e sciencias, não se esqueceu de contemplar entre elles a Bartholomeu Lourenço. Foi o seu nome inscripto á par de Dom Manuel Caetano de Sousa (9), Diogo Barboza Machado (10), conde de Ericeyra, e outros illustres Portuguezes, que honravam a patria com os seus escriptos. Pelos cincoenta socios distribuio ElRei o exame das primeiras questões que desejava tratar. A Bartholomeu Lourenço coube a historia do bispado do Porto, de que deu conta brilhante pouco tempo depois, ao passo que offereceu tambem á Academia varias memorias scientificas, litterarias e

historicas, que fez ella publicar (11), e das quáes foi muito lida e appreciada pelo seu merecimento pratico a que trata dos varios modos de exgotar sem gente as náus que fazem agua.

Em 1721 foi mandado para Roma no caracter de agente do governo portuguez para tratar com a Santa Sé sobre a pretenção d'ElRei Dom João V de elevar-se a capella real de Lisboa ao gráu de patriarchal, e sobre a divergencia a muito tempo existente a respeito das quartas partes dos bispados.

Partio acompanhado, e foi logo depois substituido n'este posto por seu irmão, Alexandre de Gusmão, antes que nada houvesse conseguido dos Santos Padres Clemente XI e Innocencio XIII, que demoravam adrede a solução e o deferimento das representações da Corôa de Portugal. Si não colheu louros como diplomata, deixou todavia em Roma, e em outros paises, por onde viajára, uma reputação de sabio e litterato.

Regressando para Portugal, foi chamado para a secretaria dos estrangeiros e incumbido da decifração da correspondencia diplomatica, que n'aquelles tempos se fazia por meio de caracteres secretos, quaesquer que fossem os differentes assumptos que se tratavam.

Perdeu porém a estima e intimidade d'ElRei; parece que não lhe havia agradado o comportamento de Bartholomeu Lourenço de Gusmão durante a sua missão em Roma, ou por não lograr o

fim d'ella, ou por que não manifestára n'ella a aptidão diplomatica, e o geito e tino precisos para se haver no pélago das difficuldades que em todas as negociações soïa crear a curia romana.

Conhecido o desagrado d'ElRei, ousáram os homens supersticiosos levantar a voz contra o genio que inventára os balões aerostaticos. Ainda se não tinha varrido da memoria do povo o facto que annos antes havia elle praticado, e que não estava ao nivel da comprehensão geral.

Innumeros versos se espalháram para denegrir-lhe a gloria, e pinta-lo como doudo, ou como havendo feito pacto com o demonio (12). O que continha a noticia da protecção, e intimidade d'ElRei, reagio com força, apenas sabido o abandono que soffria do monarcha.

Perseguio-o a inquisição? Julgou ella que podia conseguir uma victima mais para cortar os vôos do genio? Quereria ella nivêla-lo em posição com Galileo, que fôra obrigado a declarar nos carceres debaixo de juramento que era falso o seu descobrimento de que se movia a terra?

Ignora-se inteiramente. Pensa-se que nos archivos da casa de Brunswick devem existir documentos que depúrem este ponto da historia, por que com a princeza Isabel de Brunswick Blackenburgo, sua primeira protectora, entreteve elle constantes correspondencias.

É porém verdade que no mez de septembro

de 1724 desappareceu do reino de Portugal Bartholomeu Lourenço de Gusmão, abandonando a cadeira da universidade, e o logar de socio da academia, e sem que desse aviso a nem-um dos seus parentes ou amigos.

Fugiria do Santo Officio? Teria receio de que o encerrassem nos seus carceres, e fosse n'elles abandonado? Magoa-lo-ia tanto o desagrado d'ElRei, que preferio desamparar a patria, e os empregos, que lhe davam uma subsistencia honesta, comquanto escassa? Desgostar-se-ia dos insultos e injurias que recebêra em paga de uma invenção, que em qualquer outro paiz, outra epocha, ou outra civilisação, lhe dariam a maior importancia, e as mais exquisitas honras? Transtornar-lhe-iam o juizo todos estes successos a ponto de que o perdesse?

Sómente se teve em Portugal noticia d'elle quando se descobrio que já era fallecido: suppôz-se por algum tempo que morrêra em Sevilha (13); mas está provado actualmente que acabou miseravelmente na cidade de Toledo, em Hespanha, no dia 18 de novembro de 1724, e que fôra enterrado á custa da irmandade dos ecclesiasticos de São Pedro, na matriz de São Romão.

NOTAS.

(1) Rogerio Bacon, *De mirabili potestate artis et naturæ.*

(2) P. Lana, *Pro domo all' arte maestro.* Brescia, 1670.

(3) Galiano, *Arte di navigare nell' aere.*

(4) Requerimento.

« Senhor,

« Diz o licenciado Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que elle tem
» descoberto um instrumento para andar pelo ar, da mesma sorte que
» pela terra e pelo mar, com muito mais brevidade, fazendo-se muitas
» vêzes duzentas e mais leguas de caminho por dia, no quál instru-
» mento se poderão levar os avisos de mais importancia aos exercitos,
» e terras mais remotas, quasi no mesmo tempo em que se resolvem :
» no que interessa Vossa Magestade muito mais que todos os outros
» principes, pela maior distancia dos seus dominios, evitando-se desta
» sorte os desgovernos das conquistas, que provêm em grande parte de
» chegar tarde a noticia d'elles : além de que poderá Vossa Magestade
» mandar vir todo o preciso dellas muito mais brevemente, e mais seguro :
» podendo os homens de negocio passar letras e cabedáes á todas as
» praças sitiadas, poderão ser soccorridas tanto de gente como de vi-
» veres e munições á todo o tempo; e tirarem-se dellas as pessoas que
» quizerem, sem que o inimigo o possa impedir. Descobrir-se-hão as
» regiões mais visinhas aos polos do mundo, sendo da nação portugueza
» a gloria deste descobrimento, além das infinitas conveniencias que
» mostrará o tempo. E porque deste invento se podem seguir muitas
» desordens, commettendo-se com o seu uso muitos crimes, e facili-
» tando-se muitos na confiança de se poderem passar a outro reino, o
» que se evita estando reduzido o uso a uma só pessoa, a quem se
» mandem a todo o tempo as ordens convenientes a respeito do dito

» transporte, e prohibindo-se a todas as mais sob graves penas: e bem
» se remunere ao supplicante invento de tanta importancia;

« P. A. Vossa Magestade seja servido conceder ao supplicante o privilegio de que, pondo por obra o dito invento, nem-uma pessoa, de qualquer qualidade que fôr, possa usar delle em nem-um tempo neste reino ou suas conquistas sem licença do supplicante ou seus herdeiros, sob pena de perdimento de todos os bens, e as mais que a Vossa Magestade parecerem. E. R. M.

(8) Despaxo.

Como parece á Mesa; e além das penas, accrescento a de morte aos transgressores; e para com mais vontade o supplicante se applicar ao novo instrumento, obrando os effeitos que relata, lhe faço mercê da primeira dignidade, que vagar em as minhas collegiadas de Barcellos ou Santarem, e de lente de prima de mathematicas na minha universidade de Coimbra, com 600,000 reis de renda que crio de novo em vida do supplicante sómente. Lisboa, 17 de abril de 1709. Com a rubrica de S. M.

(6) Alvará.

« Eu ElRei faço saber, que o padre Bartholomeu Lourenço me representou por sua petição, que elle tinha descoberto um instrumento para se andar pelo ar da mesma sorte que pela terra, e pelo mar, e com muito mais brevidade, fazendo-se muitas vêzes duzentas e mais leguas de caminho por dia; no qual instrumento se poderiam levar os avisos de mais importancia aos exercitos e as terras mui remotas, quasi no mesmo tempo em que se resolviam, no que interessava eu mais que todos os outros principes pela maior distancia dos meus dominios, evitando-se d'esta sorte os desgovernos das conquistas, que procediam, em grande parte, de chegar mui tarde a mim a noticia d'ellas; além de que poderia eu mandar vir todo o preciso d'ellas muito mais brevemente e mais seguro, e poderiam os homens de negocio passar letras e cabedáes com a mesma brevidade, e todas as praças sitiadas poderiam ser soccorridas, tanto de gente, como de munições e viveres a todo o tempo, e retirarem-se d'ellas as pessoas que quizerem, sem que o inimigo o podesse impedir; e que se descobririam as regiões que ficam mais visinhas aos polos do mundo, sendo da nação

» portugueza a gloria d'este descobrimento, que tantas vêzes tinham
» tentado inutilmente as estrangeiras. Saber-se-hão as verdadeiras lon-
» gitudes de todo o mundo, que por estarem erradas nos mappas cau-
» savam muitos naufragios; além de infinitas conveniencias que mos-
» traria o tempo, e outras que por si eram notorias, que todas mere-
» ciam a minha real attenção : e porque d'este invento tão util se po-
» deriam seguir muitas desordens, commettendo-se com o seu uso
» muitos crimes, e facilitando-se muitos mais na confiança de se poder
» passar logo aos outros reinos, o que se evitaria estando reduzido o
» dito uso a uma só pessoa, a quem se mandassem a todo o tempo as
» ordens que fossem convenientes a respeito do dito transporte, prohi-
» bindo-se a todas as mais *sobre* graves penas; por ser justo que se remu-
» nerasse a elle supplicante invento de tanta importancia, me pedia lhe
» fizesse mercê conceder o privilegio de que, pondo por obra o dito in-
» vento, nem-uma pessoa, de qualidade que fôr, podesse usar d'elle em
» nem-um tempo n'este reino e suas conquistas, com qualquer pre-
» texto, sem licença d'elle supplicante ou de seus herdeiros, sob pena
» e perdimento de todos os seus bens, a metade para elle supplicante, e
» a outra ametade para quem os accusasse, e *sobre* as mais penas que
» a mim me parecessem, as quáes todas teriam logar tanto que cons-
» tasse que alguem fazia o sobredito instrumento, ainda que não tivesse
» usado d'elle, para que não ficassem frustradas as ditas penas, ausen-
» tando-se o que as tivesse incorrido : e visto o que allegou, hei por
» bem fazer mercê ao supplicante de lhe conceder o privilegio de que,
» pondo por obra o invento de que trata, nem-uma pessoa, de qualidade
» que fôr, possa usar d'elle em nem-um tempo n'este reino e suas con-
» quistas, com qualquer pretexto, sem licença do supplicante ou de seus
» herdeiros, sob pena de perdimento de todos os seus bens, a metade
» para elle supplicante, e a outra ametade para quem os accusar.
» e só o supplicante poderá usar do dito invento, como pede na sua
» petição. E este alvará se cumprirá inteiramente, como n'elle se con-
» tém; e valerá, posto que seu effeito haja de durar mais de um anno,
» sem embargo da ordenação do liv. II, tit. 4, em contrario. E pagou
» de novos direitos quinhentos e quarenta reis, que se carregáram ao
» thesoureiro d'elles a fl. 160 do liv. 1° da sua receita; e se registou o
» conhecimento em forma no liv. 1° do registo geral a fl. 149. José da
» Maia e Faria o fez em Lisboa aos 19 de abril de 1709. Pagou d'esta
» quatrocentos reis. Manoel de Castro Guimarães o fez escrever. — Rei.
» — Conferido. Patricio Nunes, e comigo Joseph Corrêa de Moura. »

(7) A *Encyclopedia britannica*, a *Encyclopedia edinense* e a *Encyclopedia americana* dão como invenção de Bartholomeu Lourenço a das machinas aerostaticas, chamando-o Friar Gusman. Babinet e outros Francezes porém teimáram na gloria dos Montgolfiers.

(8) *Memoria para reivendicar para a nação portugueza a gloria da invenção das machinas aerostaticas* : publicada em Lisboa pelo auctor, e posteriormente reproduzida na *Revista trimensal do Instituto historico e geographico brazileiro*, tomo XII.

(9) Theatino celebre.

(10) Auctor da *Bibliotheca lusitana*.

(11) *Collecção de documentos, estatutos e memorias da Academia real portugueza*. Lisboa, 1721, tomo III.

(12) Entre esses versos citaremos os seguintes :

1.

Esta maroma escondida,
Que abala toda a cidade,
Esta mentira verdade,
Ou esta duvida crida;
Esta exhalação nascida
No portuguez firmamento;
Este nunca visto invento
Do padre Bartholomeu,
Assim fôra sancto eu,
Como elle é cousa de vento.

2.

Esta fera passarola,
Que leva, por mais que brame,
Trezentos mil reis de arame
Sómente para a gaiola :
Esta urdida paviola,
Ou este tecido enredo;
Esta das mulheres medo,
E emfim dos homens espanto;
Assim fôra eu sedo sancto,
Como se ha de acabar cedo.

3.

SONETO AO PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO,

INVENTOR DA NAVEGAÇÃO DO AR.

Veio na frota um doente brazileiro
Em trage clerical, sotaina e crôa;
Fez crêr que pelo ar navega e vôa,
N'um barco sem piloto e sem remeiro.

Vai-se ao marquez de Fontes mui ligeiro,
Declara-lhe o segredo, este o apregôa,
Sobe á consulta, pasma-se Lisboa;
Em tanto esquece a fome do terreiro.

Bem merece este doente eterno assento
Na ethérea região; eu já lhe approvo
A diabrura do subtil invento;

Pois um milagre fez, que é mais que novo,
Em manter tantas boccas só de vento,
Fazendo um camaleão de tanto povo.

4.

Com que engenho te atreves, Brazileiro,
A voares no ar, sendo pateiro,
Desejando ave ser, sem ser gaivota?
Melhor te fôra na região remota,
Onde nasceste, estar com siso inteiro!

(13) Assim ainda o affirmou o padre José Agostinho de Macedo no seu poema *Novo Argonauta*.

(14) Varnhagen, *Historia geral do Brazil*, 2 vol. Ahi se cita um documento comprobatorio.

IV.

ALEXANDRE DE GUSMÃO.

Nasceu em Santos Alexandre de Gusmão no anno de 1695 : foi um dos irmãos mais moços de Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Cursou como elle em tenra edade as aulas dos Jesuitas, que passavam pelas mais bem regidas e severas da colonia, e que eram estabelecidas no edificio que possuia em Santos a Companhia, o qual, depois da desnaturalisação e expulsão dos filhos de Santo Ignacio, serve de hospital do exercito, attestando ainda grandes e antigas reminiscencias no meio das suas ruinas e destroços.

Pelo anno de 1710, reinando Dom João V em Portugal, comprou e encorporou este soberano aos bens da Corôa não sómente a capitania de Santo Amaro, que corria para o sul, e que em 1534 fôra doada a Pero Lopes de Souza, senão tambem a porção da capitania de São Vicente que tinha passado aos herdeiros de Martim Affonso de Souza; formou com ellas uma só capitania, a que deu o

nome de São Paulo; e estabelecendo a séde ou capital na antiga Piratininga dos Jesuitas, consagrada ao sancto d'este nome, e elevada á categoria de cidade, concedeu-lhe uma administração especial, todavia subordinada ao governador do Rio de Janeiro, encarregando d'ella a Antonio de Albuquerque Coelho com o titulo de governador e capitão general.

Agradou a todos os seus habitantes esta deliberação d'ElRei, porque assim se dava melhor expansão aos elementos de vida que ella possuia; conta-se que se fizeram conhecidos então os talentos de Alexandre de Gusmão, que sendo ainda estudante, e achando-se na edade de quinze annos, dirigiu alguns versos ao monarcha, elogiando-o e agradecendo-lhe em nome da sua patria; aproveitou-se Francisco Lourenço de Gusmão d'esta opportunidade, e do credito e estimação que lograva na côrte de Lisboa o seu filho Bartholomeu Lourenço de Gusmão, para mandar para sua companhia a Alexandre de Gusmão, na intenção de dedica-lo inteiramente á carreira das letras.

Foi optimo para Alexandre de Gusmão: guiado por seu irmão aproveitou bem o seu tempo; mil thesouros do engenho se lhe foram descortinando; intelligencia copiosa e varia se lhe patenteou; e á applicação de estudo serio e aturado reunindo espirito, que madrugava com fortaleza, adquiriu tão extensa fama de saber, que já por ella, e já pelo favor e con-

sideração de Bartholomeu Lourenço, conseguiu, apenas formado em direito civil pela universidade de Coimbra, ser despachado secretario da embaixada portugueza, que partia para a côrte de Luiz XIV da França, e cuja era chefe Dom Luiz da Camara, conde da Ribeira Grande.

Si bem que materialmente estivessem já terminadas as mais graves complicações em que se achára Portugal, e a Europa quasi toda, que tomára as armas na questão da successão do throno da Hespanha; si bem mesmo, que a paz, que succedêra a violenta e sanguinaria guerra, tivesse sido já sanccionada pelo tratado de Utrecht de 29 de janeiro de 1712, e pelas convenções parciáes subsequentes quer da França com a Inglaterra, a republica dos Paizes Baixos, Portugal, a Saboya e a Prussia, em data de 11 de agosto de 1713; quer da Hespanha com a Inglaterra e a Saboya de 13 de julho de 1713, e com Portugal e os Paizes Baixos de 26 de junho de 1714; e pelo tratado emfim de Rastadt de março de 1714, definitivamente aceito e approvado pela convenção de Baden de 7 de setembro de 1714 entre o imperio da Austria, e as mais potencias belligerantes; todavia e comquanto fosse a embaixada, que mandava ElRei de Portugal a ElRei de França mais de amizade, consideração e apparato, do que com o fim tratar negocios serios e graves, tornava-se necessaria uma optima escolha do seu pessoal, tanto nas elevadas jerarchias, como na sua pericia e habili-

tações, por isso que ainda não era normal a situação das côrtes, e ressentiam-se todas da longa e complicada lucta de que haviam sahido; convinha considerar-se as circumstancias criticas ainda, e obrar-se com prudencia, tacto e madureza.

Entrou em Pariz a embaixada portugueza poucos mezes antes do fallecimento do monarcha que vinha saudar, e que supposto não visse coroada a sua velhice com louros e triumphos, tinha-os em tanta copia adquirido na sua mocidade, que o nome de Luiz XIV de França deu fama ao seculo em que vivêra: parece que a longa guerra da successão da Hespanha não só cansára as nações europeas, sorvera-lhes o melhor sangue, e exhaurira-lhes os seus mais preciosos thesouros, senão tambem causára-lhes a morte dos soberanos que maior influencia e affoiteza atiráram nos combates; expirou em 1711 José I d'Austria, Anna de Inglaterra em 1714, e Luiz XIV de França em 1715!

Assistiu a embaixada portugueza ás exequias do soberano; achando-se n'este mundo novo, e tão requintado de Pariz, pretendeu Alexandre de Gusmão aproveitar o seu tempo; frequentou a faculdade de direito civil, romano e ecclesiastico, como fôra reformada pelo decreto de 8 de janeiro de 1680, e n'ella tomou o gráu de doutor; estudou ao mesmo tempo com todo o fervor e zelo as obras dos publicistas, as collecções de tratados europeos, e os precedentes diplomaticos; fortaleceu a sua intelli-

gencia com uma escolhida erudição, e serios estudos litterarios; aprofundou a historia politica das nações europeas; e tornou-se dono assim de um cabedal sufficiente, que por si mesmo, e pelo contacto dos homens abalisados, poderia desenvolver a arbitrio.

Regressando a embaixada em 1720, receberam todos os seus membros, e com particularidade Alexandre de Gusmão, signáes de approvação de ElRei: foi elle empregado na secretaria d'estado dos negocios do reino, e incumbido de alguns despachos relativos á administração interna, e de outros tendentes a negociações exteriores.

Com a França restabelecêra perfeitamente Portugal as suas relações; pelo tratado de 11 de agosto de 1713, complementario do de Utrecht de 29 de janeiro do anno preterito, reconheceu a França na corôa portugueza a unica proprietaria de todo o territorio situado entre o rio das Amazonas, e o rio Vicente Pinson, na America meridional.

Existia porém com a curia romana a questão antiga das duas quartas partes dos bispados, que não podera ainda solver a corôa portugueza. E como era ElRei Dom João V de espirito supersticioso e devoto, anciava obter para si o titulo de Fidelissimo, que sómente o Santo Padre soïa conceder; ardia tambem de desejos de que fosse creado em Lisboa um patriarchado: parecia-lhe que assim ganhava as indulgencias para o seu povo; exigia por

outro lado que fosse nomeado cardeal o abbade Bicchi, que residira em Portugal na qualidade de nuncio apostolico; baseava estas tres pretenções no direito que tinha a uma indemnisação que lhe devia Roma pela frota commandada pelo conde do Rio Grande, que em 1716 mandára em soccorro de Sua Santidade, com o fim de lhe provar que nunca desamparava o successor de São Pedro.

Para conseguir os seus intentos, e sanar as desintelligencias que haviam apparecido, tinha feito partir para Roma a Bartholomeu Lourenço de Gusmão, no anno de 1720, na qualidade de seu agente particular : como decorresse quasi um anno, sem que se conseguissem os intentos de ElRei, annexou elle á missão de Bartholomeu Lourenço o seu irmão Alexandre de Gusmão : convém dizer que com quanto varão respeitavel, e possuidor de muita sciencia, não era traquejado Bartholomeu Lourenço de Gusmão nos tortuosos e mudaveis enredos da diplomacia; entretanto que folgava o seu irmão de emmaranhar a sua intelligencia em uma grave negociação; de formar-lhe, tecer-lhe, e desfazer-lhe os fios; de segui-la com aquella perspicacia e pericia, que convém para conseguir-se resultados vantajosos; e de provar assim a sua capacidade por entre os homens habeis e reputados. Foi pouco tempo depois chamado para Lisboa Bartholomeu Lourenço de Gusmão; sendo substituido em Roma por Alexandre de Gusmão. Teve este que luctar com

imprevistos acontecimentos, quáes a curta existencia dos pontifices Innocencio XIII, Benedicto XIII e Clemente XII : complicavam-se as negociações com estas mudanças do chefe; variava-se o seu sistema; annullavam-se os effeitos já conseguidos; era um recomeçar de lucta incessante. Encontrou contra si Alexandre de Gusmão a sciencia profunda e as delongas astuciosas e habituáes de alguns cardeáes, que gozavam de influencia, e eram dotados de fino tacto, e de luzes e experiencia diplomatica : sete annos conservou-se em Roma, que tanto lhe foi preciso; logrou por fim as duas concessões que tinha tanto a peito Dom João V : concedeu a curia romana as honras de patriarcha ao arcebispo metropolitano de Lisboa, e a ElRei de Portugal o titulo de Fidelissimo, a imitação dos titulos que a Santa Sé havia concedido aos soberanos de Hespanha e França. A respeito porém da pretenção do capello cardinalicio para o abbade Bicchi, não houve remedio senão abandona-la : perseverou a Santa Sé inexoravel na sua recusa.

Cumprida a sua missão, retirou-se em 1730 para Portugal, deixando em Roma numerosos amigos, e grandes admiradores dos seus talentos. Affirma Miguel Martins de Araujo (1) que o papa Benedicto XIII offereceu-lhe a dignidade de principe romano; que não querendo aceita-la sem o beneplacito do seu rei, pedira licença a Dom João V, e que sendo-lhe ella negada, continuou todavia

a servi-lo Alexandre de Gusmão com o mesmo zelo, quando podia abandona-lo, ficar-se em Roma, e gozar das elevadas honras que lhe dava aquella dignidade, si n'elle mais prevalecessem as idèias ambiciosas do que os sentimentos da lealdade. Restituido a Portugal, foi chamado para a administração dos negocios exteriores, e encarregado ao mesmo tempo de alguns despaxos internos.

Foi pouco tempo depois nomeado por ElRei para o cargo de escrivão da puridade, que equivale actualmente a um ministerio d'estado, e que era dos mais importantes da antiga monarchia portugueza.

Si bem que este cargo se não incluia no numero dos secretarios d'estado, que no tempo d'ElRei Dom João V eram tres, reino, guerra e extrangeiros, e marinha, occupados por Pedro da Motta e Silva, Marcos Antonio de Azeredo Coutinho, e Antonio Guedes Pereira, tinha todavia elle importantissimas attribuições : transmittia as ordens d'ElRei ás justiças, alfandegas e universidade; explicava os pontos dubios da legislação; regulava a acção das corporações de mão morta, e providenciava sobre tudo o que versava acerca d'estes ramos especiáes da administração publica.

Além dos affaseres d'este emprego estava incumbido Alexandre de Gusmão dos objectos relativos a negocios extrangeiros que chamava ElRei á si; da decifração da correspondencia diplomatica, na qual creou um novo signo, para substituir

o antigo. Cabem-lhe nos negocios exteriores triumphos verdadeiros; supposto que não tenha sido executor de todas as medidas, foi comtudo a intelligencia que dirigiu as mais importantes; a elle pertence de direito a gloria das negociações boas d'essa epocha : a verdadeira influencia para ElRei era o cardeal da Motta, mas o cardeal da Motta era de espirito acanhado, e sujeitava-se muitas vêzes ás insinuações de Alexandre de Gusmão.

Um dos direitos que suscitára durante a sua missão perante a curia romana foi reivendicar para o monarcha portuguez o arbitrio de appresentar os candidatos aos bispados vagos do seu reino, abolindo-se o estylo de se proverem *ad supplicationem* que ha muito tempo havia estabelecido a curia romana; custou-lhe a resolver a ElRei, que ao principio recusava a proposito das criticas circumstancias em que se achava; tendo havido em Portugal exemplos de ser os bispos directamente nomeados pelo papa, e empossados sem opposição dos reis (2). Agradava a Dom João V ideia de se renovar a questão : temia porém offender os direitos e susceptibilidades da Santa Sé : reflectindo deixou-se todavia convencer, e no fim de alguns annos de negociações em que se desenvolveu admiravelmente o variado talento de Alexandre de Gusmão, collocando-se á frente da pretenção, redigindo por si mesmo as principáes notas, e cuidadosamente dirigindo-lhe a marcha e o andamento, conseguio ElRei de Portugal

que a prerogativa da appresentação fosse annexada á corôa fidelissima, declarando-se nas bullas que era pertencente ella ao seu real padroado.

Ganhou Alexandre de Gusmão uma vasta e valiosa reputação tanto pela erudição e talentos que possuia em gráu tão elevado, e que manifestava nos seus officios e diversos escriptos, como pela direcção firme, egual e illustrada, que imprimia nas negociações que pendiam entre Portugal e as côrtes estrangeiras. Não ha negociação d'aquella epocha em que não tivesse parte; ligou-se em estreita amizade com Dom Luiz da Cunha, um dos primeiros diplomatas do seu tempo, e que representára o seu soberano na côrte de França, e na de Hespanha, nas crises complicadas por que passára. Deixou Dom Luiz da Cunha na obra que escreveu sob o titulo de Testamento politico (3) as mais convincentes provas da sua alta capacidade. Escreviam-se elles cartas de tanta importancia politica, que são verdadeiros monumentos das luzes e das elevadas vistas dos dous habeis diplomatas. Si na direcção dos negocios publicos sempre preponderásse o voto d'elles, de certo que maiores vantagens teria conseguido então a nação portugueza; nem sempre porém a tão elevadas vistas se prestava ElRei, ou o cardeal da Motta.

Para avaliarmos as relações espirituosas entre ambos estes diplomatas, transcreverêmos aqui algumas das cartas a que nos referimos.

Assim escreveu Dom Luiz da Cunha a Alexandre de Gusmão:

« Eu convido a ElRei nosso amo para figurar muito na Europa sem ter parte nas desgraças d'ella. Os principes belligerantes se acham cansados da guerra, e todos desejam a paz. Esta pretendo eu se faça em Lisboa, e que nosso amo seja arbitro d'ella; mas não posso entrar n'este empenho sem que V. S. tome parte n'elle, porque conheço as difficuldades que hei de encontrar em ElRei e nos seus ministros d'estado. Ajude-me V. S. a vencer este negocio, pois que só V. S. é capaz de faze-lo persuadir. Espero dever-lhe este favor, segurando-lhe que responderei pela condescendencia dos contrahentes, e tambem pelas inquietações e prejuizos que ElRei possa receiar ou sentir. Sirva-se V. S. dar-me resposta, e occasiões de servir a V. S. como desejo, e Portugal ha de mister.

» Pariz, 6 de dezembro de 1746.

» DOM LUIZ DA CUNHA. »

Respondeu-lhe Alexandre de Gusmão:

« Excellentissimo senhor,

»Ainda que eu já sabia, quando recebi a carta de V. Ex., que não havia de vencer o negocio em que V. Ex. se empenhou, comtudo, por obedecer e servir a V. Ex., sempre fallei a S. M. e aos ministros actuáes do governo.

» Primeiramente o cardeal da Motta me respondeu que a opinião de V. Ex. era inadmissivel, em razão de poder resultar d'ella ficar ElRei obrigado ao cumprimento do tratado, o que não era conveniente. Emquanto fallamos na materia, se entreteve o secretario d'estado seu irmão, na mesma casa, em alporcar uns craveiros, que até isto fazem ali fòra do logar e tempo.

» Procurei fallar á S. Revma mais de tres vèzes, primeiro que me ouvisse; e o achei contando a apparição de Sancho a seu amo, que traz o padre Causino na sua côrte santa, cuja historia ouviram com grande attenção o duque de Lafões, Fernão Freire, e outros. Respondeu-me que Deus nos tinha conservado em paz, e que V. Ex. queria metter-nos em arengas, o que era tentar a Deus.

» Finalmente fallei a ElRei (seja pelo amor de Deus!) que estava perguntando ao prior da freguezia, por quanto rendiam as esmolas pelas almas, e as missas que se diziam por ellas. Disse-me que a proposição de V. Ex. era muito propria das maximas francezas, com as quáes V. Ex. se tinha co-naturalisado, e que não proseguisse mais.

» Si V. Ex. cahisse na materialidade (do que está muito livre) de querer instituir algumas irmandades, e me mandasse fallar n'ellas, haviamos de conseguir o empenho, e ainda merecer alguns premios.

» A pessoa de V. Ex. guarde Deus, como desejo, para defesa e credito de Portugal.

» Lisboa, 2 de fevereiro de 1747.

» ALEXANDRE DE GUSMÃO. »

É tambem curiosa outra carta de Alexandre de Gusmão a Dom Luiz da Cunha:

« Excellentissimo senhor,

» Nem a proposição do marquez de Alorna, nem a de V. Ex. mereceram a menor aceitação aos nossos ministros d'estado. A primeira foi tratada na presença d'ElRei com o cardeal, o prior de São Nicolao, monsenhor Moreira, e dous jesuitas, a quem já se tinha communicado. Antes que nem-um d'elles fallasse, a resolveu ElRei com mais facilidade, do que uma jornada das Caldas; porém, não obstante aquella resolução, sempre votáram que era ella dictada pelo espirito da soberba e da ambição, com que foi bem salgada.

» A segunda mereceu a convocação de uma junta, mas foi para maior castigo. Ahi se acháram os tres cardeáes, os dous secretarios, S. Rma e eu, e muita gente, não sei como. Desencadernáram-se as negociações, e se baralháram com a superstição e a ignorancia; feixando-se a decisão com o ridiculo adagio : *guerra com todo o mundo, paz com a Inglaterra,* cuja sancta alliança nos é muito conve-

niente : e finalmente que V. Ex. não era muito certo na religião, pois se mostrava muito francez.

» Acabado isto, se fallou no soccorro da India, que consta de duas náus, e tres navios de transporte. O Motta disse a ElRei : Està esquadra ha de atemorizar a India; e S. R^me^ disse : Ha de faser bulha na Europa. O reitor de Santo Antão : Tomára já ter os progressos escriptos pelos nossos padres.

» É o que se passou na junta, e excusa V. Ex. de molestar-se em propôr negociações a nossa côrte, por que perderá o tempo que empregar n'ellas.

« Como V. Ex. me pede novidades, ahi vão finalmente.

» Devemos ao eminentissimo senhor Cunha o aliviar-nos de raios, tempestades, trovões, etc., que desterrou das folhinhas do anno com pena de lhes negar as licenças. Devemos a S. R^me^ o haver proposto a ElRei que conseguisse do papa o livrar-nos de espiritos malignos, e de feitiços, que causavam n'este reino tanto damno, e não ouvia que os sentissem outras nações. Os padres tristes déram conta a ElRei de uma feiticeira, que cahio em seu poder : e creio que será este negocio o maior d'estado d'este governo. Antonio de Saldanha (o mar e guerra) descompoz o cardeal da Motta, e na pessoa d'este a nosso amo. O desembargador Francisco Galvão de Fonseca disse a Pedro da Motta que os diabos o levassem. O conde de Villanova disse aos criados de um e de outro que fossem passeiar. O

Encerrabodes não sabendo a quem havia de pedir sua carta credencial, pelo jogo do empurra em que se vio, disse que o nosso governo era hermaphrodita.

» Isto não são contos arabigos, mas factos certos, acontecidos dentro da Europa culta. Não tenho mais tempo. Fico para servir a V. Ex. a quem Deus guarde.

» Lisboa, a 11 de fevereiro de 1748.

» ALEXANDRE DE GUSMÃO. »

Possuimos muitas cartas familiares de Alexandre de Gusmão, em que zombeteia do governo e dos negocios publicos, e que brilham pela verdadeira graça e espirito. Evidencia-se d'ellas o quanto era superior a sua intelligencia á dos homens d'estado, seus companheiros, que davam uma physionomia monastica á côrte de Dom João V, cujo governo soffreu por isso censuras de faustoso e de esteril.

Na administração dos negocios interiores foi Alexandre de Gusmão recto e energico; esmerou-se muito em sustentar os direitos individuáes contra as violencias das autoridades subalternas, acostumadas a considerar-se superiores ás leis e aos seus subordinados.

É a administração a pedra de toque dos homens d'estado; não bastam os grandes talentos, variada instrucção e nem o conhecimento theorico dos negocios:

necessitam de ter e possuir um certo tacto, que equivale ao iman, e que attrahe aos governos a sympathia e o respeito dos povos, sem as quáes não ha governo de força, e apenas governo de facto, que gera a corrupção e a anarchia.

Constitue a qualidade do administrador uma verdadeira especialidade, que não orna muitas vêzes aos grandes engenhos.

Era sem duvida dotado Alexandre de Gusmão de todos os requisitos de um habil administrador; não pode porém, por effeito das circumstancias da epocha, e do governo de que fazia parte, realisa-los de modo a regenerar a nação portugueza, como desejava tanto.

Chegáram todavia ao nosso tempo algumas das suas providencias, que manifestam os esforços que applicava em prol do seu paiz e do seu governo.

São dignos de leitura tanto o aviso de 3 de outubro de 1748 dirigido ao arcebispo de Braga, irmão d'ElRei, censurando-o pelo seu irregular procedimento, e ordenando-lhe que deixasse a sua diocese: como os que se referem á lucta que travāram os bispos de Lamego e Porto contra o senado da camara de Lisboa, sustentado por Alexandre de Gusmão, que decidio se não eximissem os ecclesiasticos do tributo lançado para a conducção das aguas livras; é digno tambem de nota o aviso de 6 de março de 1747 dirigido ao vice-rei da India, marquez de Alorna, pondo cobro aos vexames que elle fazia

pesar sobre os subditos asiaticos; não é menos notavel o de 21 de março de 1747 ao governador de Angola, que assim se exprime :

« ElRei nosso senhor está cabalmente informado de que V. E. governa esse reino á maneira dos bachás de Turquia, cujos precedimentos são contrarios ás graças do provimento do governo que foi feito a V. E. sem preceder donativo : pelo que é S. M. servido ordenar que V. E. faça justiça; favoreça o commercio; respeite a religião; e procure favorecer os interesses dos povos, sem prejuizo do estado; abstendo-se d'aqui por diante de todos os procedimentos e acções que possam conduzir queixas ao throno. Deus guarde a V. E. »

O aviso de 21 de março de 1741 ao governador do Algarve merece tambem a attenção, pela originalidade e franqueza da linguagem : censurando as ordens dadas pelo governador contra leis expressas, termina assim :

« Por agora se satisfaz S. M. com mandar que V. E. compra as ordenações do reino juntamente com as suas leis extravagantes, e faça ler cada dia ao seu secretario quinze ou vinte paragraphos, a que V. E. assistirá por espaço de seis mezes; cuja pontual execução confia S. M. da honra de V. E., esperando que lhe evite o dar outras provi-

dencias alheias da sua vontade, e que podem ser injuriosas a V. E., a quem S. M. estima muito. Deus guarde. »

O aviso de 17 de março de 1744 ao chanceller da relação da cidade do Porto, ordenando a soltura de um individuo preso illegalmente, e prohibindo-lhe que commetta ou deixe commetter por auctoridade nem-uma semelhantes abusos contra pessoas innocentes; os de 30 de maio de 1746 e 2 de fevereiro de 1750 aos provedores da alfandega de Lisboa; o de 20 de fevereiro de 1745 ao corregedor do Crime, Ignacio da Costa Quintella, em que lhe diz que as leis não devem ser executadas com acceleração, e que nos casos crimes ameaçam sempre mais do que na realidade mandam, e assim não devem os juizes applicar mais vigor do que ellas impõem; são provas convincentes da sua elevada moralidade.

Parece que nos seus ultimos annos empregava ElRei Dom João V a Alexandre de Gusmão em quasi todos os negocios da administração; veio ao nosso conhecimento (1) uma preciosa collecção manuscripta de cartas e ordens por elle assignadas e expedidas, muitas das quáes são ineditas, e algumas bastantemente curiosas e interessantes : encontram-se respostas aos embaixadores de França e de Hespanha, de 1747; ordens ao governador da colonia do Sacramento para exigir indemnisa-

ções do governador de Buenos Ayres de 20 de junho de 1749; e um officio de censura ao cardeal Pedro da Motta, secretario de estado, por demorar os despachos em data de 20 de agosto de 1748.

Foi o tratado de 13 de janeiro de 1750 entre as corôas portugueza e hespanhola o acto talvêz mais importante da vida politica de Alexandre de Gusmão. Tanto Hespanha como Portugal possuiam immensos terrenos na America meridional; estavam porém indecisos ainda os seus limites; não se tinha lançado uma linha divisoria que extremasse os dominios de uma e outra corôa; sertões immensuraveis e não percorridos, rios de origens desconhecidas, e serras elevadas, creavam serias difficuldades para a limitação e divisão : entaboláram-se por vêzes muitos tratados de limites que não tiveram solução : os Hespanhoes exigiam terras de que se achava de posse a corôa de Portugal; os melhores diplomatas portuguezes, Dom Luiz da Cunha, José da Cunha Brochado, Manuel de Siqueira, Pedro de Vasconcellos e Antonio Guedes, nada tinham podido conseguir do ministro hespanhol Dom José Carvajal. Chamou a si Alexandre de Gusmão esta longa negociação, e conseguio por fim que se chegasse a um accordo, desistindo a Hespanha das suas antigas pretenções. Celebrou-se e ratificou-se a 13 de janeiro de 1750 um tratado, feitura de Alexandre de Gusmão, que para elle mais que nem-um outro estadista se achava habi-

litado, pelos profundos estudos, a que se déra, das cousas do Brazil, ou percorrendo todos os documentos que existiam em Portugal, ou mandando buscar a São Paulo as relações de todas as derrotas e descobrimentos que os aventureiros paulistas e taubatenos emprehenderam e conseguiram a través os sertões e desertos, em procura do oiro e dos metáes preciosos, cuja ambição os arrastava.

Por este tratado se fixáram os pontos capitáes de linha divisoria, revogando a meridiana do tratado de Tordesillas de 1494, a escriptura de Saragossa de 1529, e os tratados de Lisboa de 1681, e de Utrecht de 1715. Lançou-se por elle o primeiro gisamento geral das raias do Brazil. Lucrou extraordinariamente Portugal por que ficou salvo o principio de utipossidetis pelo lado que lhe era favoravel, e obteve pelo outro compensações razoaveis em troco da colonia do Sacramento, que desde a sua fundação fôra o pomo da discordia das duas corôas nas suas possessões americanas.

Tão proveitoso pareceu aos contemporaneos esta convenção, que a attribuiam á influencia da Rainha Catholica, como provado amor que professava ella á terra que a vira nascer.

Pelo lado do sul deveria a linha divisoria das colonias pertencentes ás duas monarchias partir da enseada da lagôa dos Castilhos Grandes, seguindo da fralda das serras d'este nome e pontos culminantes da Coxilha geral até a origem principal do

rio Negro, e d'ahi buscar os nascentes do rio Ibicuhy, accompanhando o seu curso até a confluencia com o rio Uruguay. Pelo centro e norte subiria este rio até o rio Pepiri a encontrar os rios Santo Antonio e Iguassú, Paraná e Igurey até as serras, procurando pelo rio Ipané as vertentes do Paraguay, continuando até a lagôa Haraes e a boca do Jaurú, e d'ahi até a banda austral do Guaporé de fronte da boca do rio Jaravé : o Japurá até as Cordilheiras, que medeiam entre o Orinocco e o Maranhão, formaria a divisa do Amazonas.

Para executa-lo nomeáram-se os commissarios : mas sobrevindo a morte de Dom João V, e cahindo o valimento de Alexandre de Gusmão, começou elle a temer de que não fosse pelos Portuguezes comprehendido o tratado, pela cessão que n'elle se fizera á Hespanha da colonia do Sacramento; a fim de o explicar ao governo, escreveu e offereceu a ElRei Dom José I uma memoria, em que manifesta todos os seus proveitos.

Depois de historiar os successos que tiveram logar entre as armas portuguezas e castelhanas desde a fundação da colonia e as difficuldades da ser ella conservada em poder do monarcha lusitano, minucia as vantagens da sua troca pelo terreno das missões, e pelo reconhecimento das posses portuguezas em toda a provincia do Matto Grosso, e do seu direito aos innumeraveis rios que a regam com as suas aguas, e que prestam uma navegação, que

será no futuro da maior importancia : combate a ideia dos que julgam necessario que possua a Corôa Fidelissima um porto sobre o rio da Prata, preferindo que se chame o commercio para o do Rio Grande pela lagôa Merim cujas ribas são portuguezas, e pela qual mais facil e commodo será elle, attenta a facil navegação dos rios, cujas margens superiores se reconhecem pertencentes ao dominio d'ElRei de Portugal.

« Deus queira — finda elle assim a sua memoria — que o deferir-se a execução do tratado não seja causa de que a côrte de Madrid, informando-se com o tempo do muito que a nosso favor se acha feita a transacção e permutação, admitta ideias menos conciliosas do que nos tem mostrado, e que valendo-se de outros recursos, reclame o ajustado, deixando-nos, depois de uma tão laboriosa negociação, sem uma nem outra cousa! »

Parece que adivinhára. Assentados quatro marcos ao Sul, encontráram os commissarios alguns embaraços com a opposição dos povos hespanhões do Rio da Prata, e deshouveram-se na intelligencia da verdadeira nascença do rio Icuhy : com a morte d'ElRei Dom Fernando VI mudou a Hespanha de sentimentos a respeito do tratado, e procurou illudi-lo na sua execução, creando embaraços a Portugal. Conseguio porfim obter do governo portuguez em 12 de fevereiro de 1761, a pretexto de explicações, uma nova convenção, em que foram annulados os prin-

cipios d'elle, e se cedeu á Hespanha pontos já obtidos e vencidos pela corôa portugueza.

Para explicar porém a importancia e grandes vantagens que proveriam para Portugal do tratado de 1750, e a immensa habilidade e pericia pratica de Alexandre de Gusmão, basta ler-se a defesa que escreveu e publicou posteriormente em Lisboa sob o titulo de *Impugnação*, em resposta ás censuras que lhe fizera o brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, governador da praça da colonia do Sacramento (5).

É esta defesa do tratado uma obra primorosa, já pelo acabado e elegancia do estylo, já pela logica e raciocinio que no seu desenvolvimento emprega, já emfim pela copiosa erudição que o seu auctor patenteia : prova elle que Portugal ganhou muito não só em dividir os seus dominios, e regular os limites d'elles de uma maneira definitiva; senão tambem no reconhecimento que obteve do governo hespanhol de que pertenciam á corôa portugueza as margens orientáes do rio Guaporé, retirando d'alli a suas aldeias, que começavam a penetrar pelo interior do paiz, e encontrando-se com os mineiros do sertão de Cuyabá, pretendiam prohibir aos Portuguezes a navegação do rio; lucrou ainda com a acquisição de mais sessenta leguas, que se lhe concedeu, em toda a extensão do paiz, que medeia entre o rio Paraná, e o rio Paraguay, correndo a nova fronteira pelos rios Igurey e Ipané : e até por fim conseguio a corôa portugueza a posse de todo o

terreno do rio Madeira para o Oriente a chegar ao mar, partindo do mesmo rio por um parallelo até o Javary, com mais de cem leguas : e que serviço maior poderia ser feito a Portugal?

Havia sido Alexandre de Gusmão nomeado em 1742 ministro do conselho ultramarino. Pode tomar n'esse cargo providencias mais activas a respeito do Brazil. Lembrou uma nova criação de bispados no Pará, Minas e São Paulo; levou a effeito remetter por conta do governo uma porção de casáes de Açorianos que viviam miseraveis nas suas ilhas, para cultivarem o Rio Grande do Sul e Santa Catharina; ideou tambem a substituição do imposto do quinto do ouro na capitania de Minas Geráes por uma nova imposição denominada capitação, sobre que publicou uma memoria importantissima (6), mostrando as suas vantagens e a necessidade de se acabar com as fraudes que se faziam e as perseguições que para preveni-las se praticavam em Minas constantemente. Pensou que assim poderia aliviar aquelles povos, fazendo pesar sobre todos a imposição, sem distincção de maiores ou menores lucros, que cada um percebesse; bem fundadas contradicções encontra todavia esta opinião, que opprime o pobre, poupando o rico, o que não é toleravel em face da egualdade de direitos e da proporção judiciosa com que cada um, segundo os seus haveres, deve concorrer para as necessidades do estado.

Foi a vida de Alexandre de Gusmão de trabalhos

e fatigas; nobre porém, honrada e gloriosa; com os seus escriptos litterarios, alguns discursos academicos, bastantes versos lindos, tocantes e saudosos, que compoz em momentos de folga em que lhe vinha brincar a musa alegre com o espirito dormitando, obteve uma reputação litteraria, e mereceu entrar para diversas academias estrangeiras, e pertencer ao numero dos cincoenta membros da Academia real da Historia portugueza, pela vaga que em 1730 deixou o sabio Antonio Rodrigues da Costa. Publicou varias memorias acerca da relaxação das ordens religiosas, e da genealogia dos que se diziam puritanos, e não descendentes da raça judia: patenteam ellas a elevação e a vastidão dos seus talentos praticos e uma profunda erudição em todos os ramos precisos ao varão politico, e ao estadista abalisado; com os seus actos importantes, e os resultados proficuos dos seus trabalhos, servio a seu paiz de uma maneira, que lhe é escasso e mesquinho todo o elogio que se lhe possa fazer.

Prima entre as suas memorias a que escreveu em 1748 sobre o estado e necessidades de Portugal, e que foi offerecida a ElRei. Lembra como providencias: 1° impedir o augmento de gente inutil com o especioso titulo de religião que procura para o seu commodo; 2° diminuir o luxo com alguma lei sumptuaria; 3° augmentar a agricultura, fazendo-se estradas, e cortando-se rios para navegar e regar as terras; 4° estabelecer fabricas, desenvolvendo por

toda a parte a industria; e 5° favorecer-se o commercio dentro e fóra do reino, sem o qual não pode haver estado rico, poderoso e nem florescente (7).

Apreciador da litteratura e da historia da sua patria, que maior encomio merece de que citar-se-lhe as seguintes memoraveis palavras que empregára em uma carta dirigida a um amigo?

« Procura de todos os modos engrandecer a nação portugueza, e ressuscitar tambem as memorias da patria da indigna escuridade em que jaziam até agora: é a lição da historia o mais fecundo seminario de heroes. »

Era excessiva a sua modestia; a resposta que deu ao abbade Diogo Barboza Machado, que pretendia inclui-lo na *Bibliotheca lusitana*, prova-o sufficientemente, e o pinta sob aspecto que lhe é lisongeiro: achamo-la na collecção de ineditos, á qual nos temos referido, e offerecemo-la ao apreço do publico sahindo pela primeira vêz á lume da imprensa:

« Sinto muito, que vossa mercê tomasse o incommodo de buscar-me, e que o não achar-me em casa me roubasse o gosto da sua estimavel conversação, da qual procurarei aproveitar-me sem molestia sua. Muito tenho que agradecer a vossa mercê occorrer-lhe o meu nome ao formar um catalogo dos Portuguezes eruditos, sendo o maior agradecimento quanto menos razão havia para que eu devesse lembrar-lhe; e supposto que não desconheça ou deixe

de apreciar a honra que vossa mercê me faz, é justo tambem que me não indusa o maior proprio a abusar d'ella. Alguns amigos me fazem a mercê de espalhar no publico um conceito vantajoso dos meus estudos; porém como estes, em quanto se não dão a conhecer pelas obras, dependem de mui pia fé para se acreditarem, não devo attribuir o estabelecimento d'aquella fama senão a benevolencia dos que me favorecem, pois até o presente não tenho mostrado composição por onde podesse adquiri-la; e fazendo contas com o meu talento, tenho por mui provavel que o perderia de todo, sahindo alias com algum volume. Supposta esta verdade que sou obrigado a confessar ainda que me cause confusão, discorro que tambem vossa mercê se tem deixado enganar com aquella não merecida opinião, e que seria estranhada a boa exacção e boa critica de vossa mercê conter na *Bibliotheca lusitana* entre os auctores a um individuo, que o não é: assim como não tenho que responder ao interrogatorio principal das obras que compuz, julgo superfluo dar satisfacção aos mais requisitos que contém a carta de vossa mercê. No seu livro terei que invejar aos varões que pelos seus trabalhos se fizeram merecedores dos elogios de tão discreto e intelligente juiz, e sempre conservarei uma viva lembrança do logar que a bondade de vossa mercê me queira dar n'elle, que será um novo motivo para desejar repetidas occasiões em que possa servir a vossa mercê, e mostrar o meu re-

conhecimento. Deus guarde a vossa mercê muitos annos. — Casa, 2 de maio de 1740. ».

Viveu tristemente os ultimos dias da sua existencia. Fallecêra Dom João VI em 1550, e decahío de toda a graça perante o novo governo de Dom José I. Fôra casado com uma donzella oriunda da provincia de Traz-os-Montes, e de familia nobre de Chaves, a qual lhe não trouxera dote: dous filhos, que tivera do seu consorcio, perdeu em um incendio, que lhe levou em 1551 a casa e os bens que possuia.

A estas domesticas dôres não subreviveu muito tempo, ainda que exteriormente parecesse resistir-lhes; no anno de 1553, e no ultimo dia de dezembro, falleceu em Lisboa Alexandre de Gusmão, e foi sepultado no convento de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas descalços.

NOTAS.

(1) *Elogio historico de Alexandre de Gusmão*, lido na Academia real da Historia portugueza em 1754.

(2) Melli Fr., *Inst. jur. eccl.*, l. I, t. v, § 3. — *Hist. eccl. de Port.*, l. IV, seculo XIII, cap. I, § 10, de Dom Thomaz da Encarnação.

(3) Publicado no *Investigador portuguez* de Londres, em 1819.

(4) *Collecção de alguns manuscriptos de Alexandre de Gusmão.* É o titulo da obra a que nos referimos, e que cuidadosamente guarda na sua escolhida bibliotheca o seu proprietario o senhor Fernando Denis.

(5) O numero 4º da *Revista trimensal* do Instituto historico e geographico brazileiro, 1840, Rio de Janeiro, pag. 322, transcreve um extracto d'esta impugnação de Alexandre de Gusmão, que publicára anteriormente o *Panorama* de 1840.

(6) *Memoria e reparos sobre a disposição da lei de* 3 *de dezembro de* 1750 *que estabeleceu um novo methodo para a cobrança do quinto do Brazil, abolindo o systema da capitação,* por Alexandre de Gusmão. — Visconde de São Leopoldo, *Annáes da provincia de São Pedro.* — Conselheiro José Antonio da Silva Maia, *Memoria da origem, progressos e decadencia do quinto do oiro na provincia de Minas Geráes*, Rio de Janeiro, 1827.

(7) Existe manuscripta na collecção a que já nos referimos, pertencente ao senhor Fernando Denis.

SECULO XVIII.

I.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA.

I.

A 8 de maio de 1705 nasceu Antonio José da Silva, na cidade do Rio de Janeiro; alguns chronistas seus contemporaneos não mencionam nem os nomes, e nem as qualidades dos seus progenitores; asseguram outros, e parece com mais fundamento, que foi filho do advogado João Mendes da Silva, e de sua mulher Dona Lourença Coutinho.

Desde a infancia se lhe não sorrio a fortuna. Teria oito annos de edade quando com seu pai, e dous irmãos mais velhos, teve de seguir para Lisboa, e não por vontade de João Mendes da Silva, que lograva na sua patria geral conceito, e muita estima publica.

Contra Lourença Coutinho espalhou-se suspeita de judaismo: não dormia a inquisição. Nas cidades e povoações do Brazil tinha tambem ella os seus denunciantes e sectarios. Foi presa immediatamente a

infeliz mulher, e remettida para Lisboa. Para acompanha-la, e propôr-se mesmo a sua defensa, abandonou João Mendes da Silva os seus bens, a sua patria e os seus amigos do Rio de Janeiro.

Receberam-na os carceres do Santo Officio, e em quanto era julgada, abrio escriptorio de advogado João Mendes da Silva, procurando por este meio estender as suas relações e auxiliar mais efficazmente a sua desgraçada consorte.

Frequentou Antonio José da Silva as escolas primarias de Lisboa: conhecendo os seus talentos, decidio-se seu pai a envia-lo para Coimbra, a fim de formar-se em canones, e seguir a mesma carreira que fôra a sua.

Logo que completou vinte e um annos de edade tomou Antonio José da Silva o gráu de bacharel formado na universidade, e regressou para Lisboa, no intuito de praticar com seu pai a profissão de advogado, e poder n'ella substitui-lo.

Mas o homem pôem, e Deus dispôem. Realisou-se ainda este proverbio. A inquisição, que guardava nos seus carceres a Lourença Coutinho, suspeitou tambem do filho: era crime, e grande crime o judaismo. Ai dos que sofriam a mais pequena denuncia de pratica-lo! Bastava até descender de sangue israelita!

Foi preso Antonio José da Silva, e recolhido aos carceres do Santo Officio a 8 de agosto de 1726.

Dous mezes lá se demorou, no meio de duros martirios, e de tratos de polé, que lhe foram applicados.

Por fim o soltáram em um auto de fé, que teve logar no mez de outubro immediato.

Voltou para a companhia de seu pai, e ajudava-o na feitura dos seus trabalhos forenses. Não podia porém ser feliz e nem correr a sua vida placidamente. De que lhe servia ganhar riquezas, como advogado; cercar-se sempre de numerosos clientes e amigos que apreciavam os seus conhecimentos juridicos; adquirir fama com a publicação de algumas fabulas, e faceiras e engenhosas poesias, que lhe inspirava a vida, nos momentos de repoiso e de folguedo; obter gloria com a representação de muitas comedias, que attrahiam o povo em bando ao theatro publico do Bairro Alto; chamar a si copia de admiradores, que o animavam com repetidos elogios pelas suas agradaveis composições, e possuir mesmo uma excellente mulher, e uma encantadora filha; si sobre elle pairava constantemente a espionagem do Santo Officio, apesar de todas as manifestações e provas immensas que dava publicamente do seu fervor catholico?

Morreu João Mendes da Silva em 1736, e teria apenas decorrido um anno, quando a 7 de outubro de 1737 foi preso pela segunda vêz, e recolhido aos carceres da inquisição, que conservavam ainda a mãe desditosa, e preparavam para o filho a mesma cruelissima sorte.

Pode-se dizer que os onze annos, em que gozou de liberdade, foram um espaço intercalado na sua vida como o lucido intervallo que favoneia o de-

mente! Fôra o seu destino marcado por letras negras, apenas tocou o limiar da vida; havia de ter o seu curso regular, e o seu infallivel cumprimento!

Entre os amigos que o procuravam, e que lhe davam o titulo de Plauto portuguez, dous unicos o não abandonáram até o fim; foi um Mathias Ayres Ramos da Silva Eça, provedor da casa de moeda de Lisboa, e varão de estudos litterarios; e outro dilecto varão, illustre pelo sangue, distincto pelos seus talentos, e reputado pelas suas riquezas, Dom Francisco Xavier de Menezes, conde de Ericeira.

Preciso é não confundir este conde de Ericeira Dom Francisco com seu pai Dom Luiz, tambem conde de Ericeira; foram ambos poetas de nomeada, e litteratos de distincção. O conde Dom Luiz fallecido em 1690, por se atirar sobre o pateo de uma janella de seu palacio, tendo a cabeça perdida por uma negra melancolia, é o auctor de *Portugal restaurado*; dedicou-se ás letras, depois de cansado das fatigas militares, e colhêr n'ella bastantes louros. Foi tambem litterato distincto seu filho o conde Dom Francisco Xavier, que pertencia a varias academias litterarias. É este o auctor do poema *Henriqueida*, e concorreu muito para a fundação da Academia real de Historia portugueza, servindo do seu secretario.

Com o conde Dom Francisco Xavier de Menezes entreteve Antonio José da Silva relações estreitas; o litterato portuguez admirava o seu engenho comico, e os seus selectos talentos; aconselhava-o na com-

posição das suas comedias, e aconselhava a Antonio José da Silva que admittisse mais regularidade nas scenas, e mais elevação no stylo, enraizado como estava na leitura de Molière, e mais auctores comicos francezes, cujo estudo tanto de Pariz lhe recommendava o seu particular amigo Boileau.

Gozáram bem poucos auctores durante a sua vida de maiores triumphos do que Antonio José da Silva: estava como que abandonado o theatro portuguez; usavam os Hespanhões representar as comedias de Pedro Calderon e Lope de Vega, na propria lingua castelhana, perante o publico de Lisboa, que tendo no seu idioma muito poucas comedias origináes, e sendo estas mesmas mais litterarias, do que interessantes na representação, folgava de applaudir ao menos os engenhos dos seus visinhos, que tão alto haviam elevado a gloria do theatro hespanhol, que na França, na Inglaterra, na Allemanha e na Italia, levantavam proselytos, e causavam geral admiração.

Com as comedias e operas de Antonio José da Silva recomeçou o theatro portuguez a sua existencia; tomou galas; enfeitou-se de vestes primorosas, e ergueu-se faceiro e interessante; apressado corria o povo para a representação das novas operas, que admirava em extasi, e applaudia com grande estrondo.

Muito curta porém foi essa epocha. Parece que á Antonio José da Silva foi fatal a sua propria gloria. Chamava o povo ás suas comedias *operas do Judeu;*

quáesquer que fossem os seus protestos, não lhe perdoava a Inquisição.

Existia ella em todas as nações catholicas da Europa, antes que em 1485 o papa Sixto V cingisse a tiara romana; instituida para ser empregada contra os Albigenses, fôra exercida ao principio por ecclesiasticos nomeados pelo Summo Pontifice, os quáes pesquisando e indagando as heresias levavam aos tribunáes ordinarios as provas que obtinham competindo a decisão a estes tribunáes : de accordo Sixto V com Dom Fernando e Dona Isabel, soberanos das Hespanhas, deu nova forma á inquisição, creando o tribunal privativo do Santo Officio para os seus julgamentos; coube aos soberanos hespanhóes nomear os membros que deviam compô-lo : foi Thomaz Torquemada o seu primeiro inquisidor geral; victimas immensas regáram com o seu sangue os carceres da inquisição e as praças publicas; gloriou-se aquelle inquisidor com ter feito morrer em autos da fé, no espaço de dezeseis annos, para mais de nove mil pessoas de todos os sexos, edades e condições (1).

Passou da Hespanha para Portugal o terrivel tribunal com todas as suas attribuições, reinando ElRei Dom João III, pelo anno de 1536, e a instancias do santo papa Paulo III. O crime de heresia pela mór parte das vêzes não pertencia ao numero dos que se manifestam por actos exteriores e materiáes, e principalmente quando procede de geração. Haviam

residido nas Hespanhas muitos mouros e judeus que mudavam de trajes e de nomes, e appresentavam-se christãos e frequentadores dos templos, para salvar assim as vidas, e obter o descanso. Succedia pois que sem a confissão dos accusados se não podia contra elles obter as provas que desejava a inquisição : usou então ella dos instrumentos proprios de torturas e atrozes tormentos, e das prisões solitarias, aonde nem o ar, e nem a claridade do dia abriam entrada, e applicava-os com inaudita barbaridade, pretendendo obrigar por esta forma as suas victimas á confissão do crime; e que falsas confissões recebeu o tribunal, no meio dos horrorosos soffrimentos dos desgraçados!

Andava por toda a parte a inquisição : mesclava-se com o ar que se respirava; entrava pelos escusos corredores das casas que se habitava; fallava pela voz do criado, do amigo, e do amante; dormia á cabeceira, ouvia os soliloquios, e comprehendia os sonhos; a inquisição nas Hespanhas aceitava a denuncia do inimigo, o mais miseravel indicio, a presumpção a mais futil, a palavra a mais vasia de sentido! E quando reunia o Santo Officio muitos condemnados, levantava nas praças a fogueira cruel, e, em espectaculo publico, no meio de pompa e perante a multidão de povo fazia queimar as suas victimas, vestidas de longos escapularios de baeta amarella, borrifados de chammas ardentes; e dava a estes espectaculos o nome de autos de fé!

Perderam Portugal e Hespanha mais de cinco milhões de pessoas nas fogueiras da inquisição (2). E entre as victimas de Portugal desde 1711 até 1767 figuram cerca de duzentos Brazileiros de ambos os sexos.

Cumpre aqui dizer, em honra da verdade, que da sua instituição se arrependeram os Pontifices romanos; por muitas vêzes se oppuzeram á extensão que davam os reis de Hespanha e Portugal ás attribuições da inquisição; travâram luctas serias para fazer cessar as perseguições e julgamentos, a mór parte das vêzes injustos e crueis. Havia-se porém o Santo Officio tornado arma poderosa para o dominio absoluto dos monarchas; era a inquisição o instrumento mais apto para extirpar a raça judia, e os suspeitos de descender d'ella, organisando assim a unidade e homogeneidade dos subditos, e alimentando o estado com os despojos das victimas. De tribunal religioso como ao principio fôra pelo espirito que o fundára, convertêra-se em tribunal civil ou real, e os juizes, de nomeação dos reis, e sujeitos a elles, esmeravam-se em obedecer mais ás suas ordens, e servir a seus interesses, do que a curvar-se aos dictames da santa curia romana (3).

Resignou-se Antonio José da Silva? Comprehendeu por ventura o destino infeliz que se antolhava? Vãos esforços empregou o conde de Ericeira para o salvar. Não eram publicos os processos da inquisição : nem-uma correspondencia poderiam entreter

os presos desgraçados com os seus amigos livres: foi lançado no carcere nº 6 do corredor mais novo: podia dizer adeus ao mundo.

Não tardou muito tempo o seu julgamento: como o desditoso Thomaz Chatterton (4), ou André Chénier (5), Ricardo Savage (6), Nicolau Gilbert (7) ou Carlos Millevoye (8), tinha de ser muito curta a sua existencia terrestre; mas em crueldade e injustiça teria a sua morte, de exceder á morte de qualquer d'elles, por mais angustiada e barbara que fosse.

Foi lavrada a sentença de relaxação em 11 de março de 1733; e em 16 de outubro seguinte intimada ao paciente, que entrou logo para o oratorio, e que figurou, e morreu queimado, no auto de fé de 19 de outubro de 1739, na praça publica de Lisboa.

Não lhe sobreviveu muito tempo a sua infeliz mãe; tres mezes depois expirou nos carceres, aonde jazêra tantos annos!

Conferindo-se as listas dos condemnados pelo Santo Officio, acha-se a seu respeito a seguinte declaração:

« Antonio José da Silva, 34 annos, christão novo, advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro, e morador na de Lisboa; convicto, negativo e relapso: foi relaxado em carne. »

II.

É o theatro portuguez anterior ao castelhano; Gil Vicente vindo ao mundo alguns vinte annos

antes que se terminasse o seculo XV, dotado de engenho comico, de espirito sagaz, e de talentos poeticos, escreveu os seus autos e comedias, procurando seguir uma livre inspiração nos autos, e imitar nas comedias o theatro de Plauto e de Terencio : foi por isso mais feliz nos autos, que contém alguma originalidade e maiores bellezas. Seguiram-se Francisco Sá de Miranda, Antonio Prestes, e Luiz de Camões; mas as composições d'estes auctores foram ensaios de infancia, sem sufficiente interesse para deleitar e prender o espectador, sem os elementos precisos para o palco e scenario : não eram verdadeiras comedias. Com quanto procedente do portuguez, subio mais alto o theatro castelhano com Miguel Cervantes, Lope de Vega e Pedro Calderon; echoou por toda a parte a sua gloria, e ficáram esquecidos inteiramente os auctores dramaticos portuguezes.

Tal era o estado da litteratura dramatica portugueza, quando appareceram as comedias ou operas de Antonio José da Silva.

Imitou elle algum poeta seu predecessor? Estudou os modelos das outras litteraturas? Seguio as regras que os criticos estabeleceram desde Aristoteles e Quintiliano até Boileau e Alexandre Pope ?

Com a leitura das operas de Antonio José da Silva reconhece-se que tinha bastante instrucção litteraria, conhecimentos da historia, e estudos das linguas latina e grega : é impossivel que nas suas

relações com o conde Dom Francisco de Ericeira não lhe fossem presentes as comedias mais regulares que appresentavam então os theatros francez e italiano; nas suas composições preferiu porém folgar e divertir-se livremente.

Ninguem pode duvidar que estas operas ou comedias contém peccados contra as regras classicas, que por algum tempo se tiveram como a ultima razão da intelligencia humana; que não seguem as formulas severas de Terencio e Plauto, e menos as regras inabalaveis de Molière, e dos seus contemporaneos francezes e seguidores italianos; e que se differençam tambem muito das composições de Gil Vicente, de Sá de Miranda, de Antonio Ferreira e de Camões, que primeiros se déram á arte dramatica portugueza.

Mas só haverá bellezas nas comedias comprehendidas rigorosamente no circulo das formulas classicas que estabeleceram os antigos? Em tal hypothese não contém bellezas as de Aristophanes; e nem as de Lope de Vega e Cervantes Saavedra, e menos ainda as do primeiro e mais admiravel poeta dramatico, Dom Pedro Calderon de la Barca: que regras, que formulas seguiram estes poetas, e mais o portentoso Shakspeare, que extasiou a côrte da rainha Isabel de Inglaterra, e electrisa ainda hoje os amantes da litteratura?

Escreveu Antonio José da Silva cerca de doze comedias; em prosa todas, intermeiadas porém de

versos, como as operas-comicas francezas; procurou objectos conhecidos, quer na historia moderna, quer na fabula e na historia antiga. As peregrinações de Dom Quixote e do seu sempre admiravel escudeiro, Sancho Pança; as aventuras de Esôpo; os amores de Jupiter e de Alcmene e os encantos de Medéa, servia-lhe tudo : inventou com estas bases um pittoresco desenvolvimento, e peripecias engraçadas e alegres; não se importou que nação representava, em que epocha viviam os seus heroes, e quáes os seus usos e costumes; chamar-se para elle Esôpo, Dom Quixote, Medéa, Jupiter, Mercurio ou Amphitrião, equivale á mesma cousa; está em Portugal, e os costumes, e os usos, e as vestes devem de ser portuguezes; emprestado é o nome das personagens nas suas comedias; tão espirituosas e interessantes seriam designadas por esses nomes como pelos de Fernando, Maria, Antonio, José ou Pacheco; nem-um mal soffreriam, si em vêz de Creta, Grecia ou Thebas, se collocasse a scena em Lisboa : o fundo ou base das suas comedias nada promette ou affiança; dir-se-ia um titulo, que cabe a outro qualquer escripto.

O desenvolvimento das aventuras, a posição das scenas, e a collocação ou mudança das personagens, formam a verdadeira comedia de Antonio José da Silva : não se importa com o seu titulo, e nem com a licção historica para acompanhar as personagens que tem nomes que lhe pertencem.

Não usa Antonio José da Silva de unidades classicas; cede o logar ás scenas, e muda com ellas; passa no mesmo acto de uma para outra nação; corre o tempo naturalmente, não se encerrando nas estrictas vinte quatro horas que tanto recommendam os rhetoricos : diante dos seus olhos appareciam o theatro castelhano e o theatro inglez, brilhantes de galas, resplandecentes de gloria, e cheios de bellezas; e por ventura Calderon, Shakspeare e Lope prenderam a sua imaginação no circulo das unidades?

Faz exprimir pelas suas personagens a linguagem usual, commum, e popular, conforme trata, falla e se corresponde o povo; todas as vêzes que tem o poeta que pintar reis, ou personagens elevadas, acha-se fóra da natureza; usa de linguagem figurada, cheia de trocadilhos e conceitos, ridiculos ás mais das vêzes : conhece-se logo quando desenha livre e naturalmente, e quando descreve sem convicção; é um poeta do povo, como deve de ser o poeta comico; é da familia do grego Aristophanes ou de Carlos Gozzi; assemelha-se a Molière, quando Molière escreve Doentes imaginarios. Folga e ri-se o povo com o seu espirito sarcastico, os ditos faceiros, que deslisam as suas personagens, e as alegres situações que brilham na sua comedia.

No desenvolvimento dos caracteres não se procure o typo historico do nome que toma a personagem; achar-se-ha elle em Lisboa, no reinado de Dom João V, no meio d'essa capital, que só cogita nos navios

que chegam das colonias, carregados de oiro e prata, e vive na desmoralisação geral que resultou do jugo hespanhol que trouxe para sempre a decadencia da nação portugueza : serão caracteres das praças os das personagens; são criados de Lisboa os Sanchos, os Mercurios, os Esfuziotes e os Sacatrapos, que entram em todas as suas operas, e representam em todas ellas as principáes partes; são casquilhos da côrte os namorados heróes que cortejam a Medéa, a Alcmene, a Circe, a Ariadne e a outras heroinas : são bellas filhas de Tejo, que, sem duvida por divertimento, tomam os nomes do polytheismo e da historia antiga da Grecia.

Convém accrescentar que se assemelham todas as peças; tem todas quasi os mesmos amores, e quasi que os mesmos personagens, ainda que revestidos com appellidos differentes, e dizendo-se moradores em outros logares; ha um eterno criado espirituoso, vivo, velhaco, mas fiel a seu amo, e que contribue para a felicidade d'elle; ha uma criada esperta, que entretêm relações alegres com o criado, e desenfada o espectador com sainetes graciosos e ditos picantes; n'esta parte assemelham-se as comedias de Antonio José da Silva ás tragedias de João Racine, Pedro Corneille e de Voltaire, nas quáes constantemente se entretêm o confidente com o heróe, parecendo que sem aquelle personagem não pode existir a tragedia; assemelham-se tambem ás comedias de Molière, de Regnard e de

Goldoni, em que é um criado parte essencial d'ellas, e parece que sem elle não podem desenvolver-se.

O que ha de diverso, variado e encantador nas comedias de Antonio José da Silva é o correr dos acontecimentos; seguem-se as scenas da maneira a mais engraçada e inesperada; cahem os successos em cima de espectadores, quando elles menos os esperam; complicam-se as intrigas quando parecem dever acabar; e mil vêzes se sotopõem e se encadeiam umas sobre outras novas aventuras, ás vêzes extravagantes, mas causando sempre riso, patenteando sempre um verdadeiro e profundo talento comico.

É no desenvolvimento dos successos da comedia, na invenção das aventuras, e no choque feliz das paixões e das intrigas, que se serram, se ligam, se separam, e se dissolvem, com a rapidez do raio, e a facilidade do vento, que prima Antonio José, e espanta, electrisa e arrasta os seus espectadores.

Qualquer comedia de Antonio José da Silva é uma estampa perfeita de espirito, graça e sal comico; está sempre o riso nos labios; é a curiosidade aguçada continuamente; mudam as scenas, e guarda o espectador memoria indelevel d'ellas; renovam-se os actos, e inesperadas peripecias lhe trazem delicias inefaveis, com que não contava, e que lhe sahem de ordinario pelo avesso do resultado que parecia esperar.

E quanta originalidade! Quantos ditos populares portuguezes, que viu pela primeira vêz o povo re-

petir-se no theatro e que sempre applaude, porque é a sua imagem que alli anda, é o seu sangue que alli corre, é a sua boca que alli falla; são as suas praticas, phrases e palavras, que alli se dizem! Porque é que fazia Aristophanes correr os Athenienses ás suas comedias informes, mas bellas e espirituosas? Porque n'ellas se conheciam elles, como se vê o povo de Portugal retratado nas personagens das operas de Antonio José da Silva.

Lendo-as e examinando-as, ficámos perplexos sobre preferencia; qual é a mais bella? Revestem-se todas das mesmas côres graciosas, das mesmas scenas engraçadas, e das mesmas galas e enfeites. O que ha de mais alegre do que *os Encantos de Medéa, o Labyrinto de Creta, o Precipicio de Phaetonte*, e *os Dois Amphitriões?* O que causa mais prazer, *a Vida de Dom Quixote, a Vida de Esópo*, ou *as Guerras do Alecrim e da Mangerona?*

Não se importava que as suas comedias moralisassem ou não o povo, corrigissem ou não os seus defeitos; o que queria era divertir-se; o que ambicionava era inventar aventuras engraçadas, suspender a attenção publica, e alegrar e fazer rir; não que ressumbre immoralidade em qualquer d'ellas, e menos que offenda qualquer scena, dialogo, phrase, e mesmo uma palavra o caracter o mais susceptivel, e o ouvido o mais casto dos seus espectadores; põe todo o seu cuidado em guardar completa e perfeita decencia: é o seu desejo de folgar, e nunca de satyrisar; ganha

n'esta parte muito valôr o poeta comico, e realça o seu merecimento; mas acima de tudo colloca o seu gosto, espalha as suas graças, derrama o seu espirito e facecias; e são os seus encantos e a sua ambição as graças, o espirito e as facecias.

Preferimos entretanto *as Guerras do Alecrim e da Mangerona*, como a mais original e a mais nacional das suas comedias, si bem não seja a que maior somma de bellezas contenha, ou graça mais subida e fina appresente; realça porém muito porque ouve o espectador a personagens com os nomes portuguezes; assiste á scena em Lisboa; e tudo quanto vê e escuta, conhece e entende; para faze-la melhor apreciar faremos uma analyse ligeira d'ella, minuciando a sua marcha e as suas aventuras.

III.

Trazem as algibeiras vasias, como fidalgos de tempera e costumes nobres, dois cavalheiros portuguezes de boa familia e educação fina. Chama-se um Dom Fuas; tem o outro o nome de Dom Gilvaz; nem criado tem o primeiro; mas ao segundo acompanha um Semicupio, esperto e vivo como azougue; é um dos typos de Antonio José da Silva este criado, typo que reproduz em todas as suas comedias; não costuma ter tambem Walter Scott um mordomo para os seus fidalgos escocezes? Não se encontram em todas as comedias de Molière um Sganarello que diz facecias constantemente? Qual o auctor que não tem

uma ideia fixa, que appresènta e desenvolve em todos os seus escriptos?

Encontram aquelles fidalgos nos seus passeios a duas lindas moças, seguidas de uma criada; cobrem-se as moças de véos, mas patenteam atravez d'elles os seus encantos; procuram os cavalheiros praticar com ellas, e obrigam-nas, por meio de finezas, a dar-lhes uma um ramo de alecrim, e um ramo de mangerona a outra. Partem as moças, e descobrem os cavalheiros, depois de mil trabalhos, que são sobrinhas de um Lanserote, velho avarento, que trouxera minas de oiro do Brazil, e que as guarda como thesouros, que se occultam a todos os olhos: basta-lhes isto para inflammar-lhes o amor; procura cada um d'elles ver e fallar á sua bella, e provar-lhe a sua paixão; d'ahi resultam as guerras do Alecrim e da Mangerona.

Serve a Dom Gilvaz o seu criado; indaga e encontra Dom Fuas uma velha interesseira da casa, que lhe leva as correspondencias, e alimènta o amor dos dois namorados. É impossivel acompanhar, e menos descrever os meios engraçados pelos quáes conseguem os dous amantes introduzir-se em casa de Dom Lanserote, a quem tinha chégado um sobrinho de Traz-os-Montes para casar-se com uma das moças, que escolhesse, devendo entrar a outra para o convento. O peior é que estão Dom Fuas e Dom Gilvaz dentro da casa; cahira a escada por onde subiram, e não acham meios para sahir, pois que guarda a chave da porta o dono, que é o proprio a

abrir; o dia está a raiar : a creada, as moças, a velha, e os fidalgos, tudo treme, porque accorda, e apparece o velho. Salva-os o engenho de Semicupio, que percebendo o transe angustiado, grita *fogo* da rua, arromba com gallegos a porta de Dom Lanserote, com o pretexto de que na sua casa lavra o incendio, e appresenta-se ao velho attonito, fazendo entrar de repente tamanha multidão, que parecem ter vindo tambem em soccorro os amantes Dom Fuas e Dom Gilvaz.

Admiravelmente rematam estas peripecias o primeiro acto; verdade é que são desenvolvidas ao natural; é completa a pintura; funccionam ao vivo todos os caracteres; applaude o espectador a todas as personagens, por que satisfazem todas, e cumprem todas o seu dever; e sendo bem representada e comprehendida esta comedia, impossivel é que não produza um effeito extraordinario.

Encontram os dois namorados outra occasião ainda, e occasião menos perigosa, para verem as moças : adoece Dom Tiburcio, que ainda não escolheu noiva; chama-se um medico, e apparecem tres; são Dom Fuas, Dom Gilvaz e Semicupio; é uma scena egual em graça ás melhores de Molière; o criado parece o mais erudito, por isso que é mais loquaz; é o doente quem soffre com os remedios que lhe receitam. Seguem-se novos empenhos de voltar á casa de Dom Lanserote; combinam por fim encontrar-se no jardim, e tratar ahi

os amantes dos meios de levar a effeito os seus designios de casamento : chega Semicupio primeiro ao jardim; é preso por Dom Lanserote, e feixado em uma capoeira de gallinhas, partindo o velho para chamar o alcaide; a criada porém introduz no logar de Semicupio a Dom Tiburcio, que a requesta, por que pensa que lhe pertence quanto existe na casa de seu tio : emquanto a justiça prende o infeliz sobrinho, e se lamenta Dom Lanserote, aproveitam os amantes o seu tempo; por tal sorte fica Dom Tiburcio intrigado com o tio, que o abandona o velho avarento, e chegam os dous fidalgos ao céo ou ao seu dinheiro, casando-se com as duas moças.

Para que seja uma comedia devidamente comprehendida e apreciada, cumpre que se represente : necessita das luzes, do palco, da optica e das illusões do scenario; perde com a leitura, que lhe não dá todo o realce, e como avalia-la por effeito apenas de uma analyse succinta, ainda que minuciosa? Está no enredo a belleza, no lance das aventuras, e tambem no espirituoso do dialogo, na viveza da pratica, e na graça das palavras; são atavios necessarios, que enfeitam e aformoseiam; e estes atavios todos, e todos os elementos necessarios para agradar, alegrar e interessar, tem a comedia das *Guerras do Alecrim e da Mangerona.*

Não é a unica que merece as honras de uma analyse, e da leitura e representação : eguáes em preço

são as outras que mais escreveu Antonio José da Silva; a gloria, que adquiriu entre os seus contemporaneos, tem de vingar, firmar-se, e mais solidificar-se, a proporção que forem decorrendo os annos, e formulando-se o julgamento dos posteros; antes d'elle, si bem que tinha a lingua portugueza algumas comedias, que ornavam a sua litteratura, faltava-lhes comtudo o interesse, e a precisa animação; faltavam-lhes o espirito e os usos e costumes nacionáes, para que na sua representação enthusiasmassem o povo; foram as comedias de Antonio José da Silva os paineis da sociedade em que elle vivia, animados de graça fina, de lances espirituosos, e de scenas alegres e variadas; e não se carece de muito engenho poetico, e muito talento comico, para conseguir estes resultados? Para reunir o complexo de todos os requisitos, que formam uma bella comedia, e comedia verdadeira toda, e nacional, e engraçada, não se tornam necessarias qualidades muito subidas?

E posteriormente a Antonio José da Silva, qual o poeta comico que tem sido tão estimado do publico portuguez? Ainda inspirou a musa tragica a um ou outro poeta portuguez, e lhe arrancou da lyra arrobos suaves e bellas harmonias; mas tem sido a musa comica muito escassa em Portugal; não abre com facilidade os seus thesouros; um auctor unico appareceu, depois de Antonio José da Silva, que compoz duas comedias, que encerram algumas

bellezas; foi Pedro Antonio Correia Garção; por ventura porém *o Theatro Novo* e *a Assembléa ou partida* são comedias para se comparar com as *Guerras do Alecrim e da Mangerona?* Forma a base de qualquer das duas comedias de Garção uma monotona e muito palida intriga; não são comicas as situações; não ha interesse constante, regular e successivo; e por que primam por lindos versos, dizem pensamentos elevados, e mais ou menos encerram uma poesia faceira, pode-se assegurar que sejam ellas verdadeiras e boas comedias? Quão longe estão d'aquelle talento especial; d'aquellas côres luxuriosas de graça e espirito; d'aquelle circulo ou serie de scenas, que se reunem, se agglomeram, se dissolvem, e se ligam; d'aquella curiosidade, que o espectador sente, quando presenceia a marcha dos acontecimentos, a complicação dos successos, os riscos e perigos dos personagens, a quem ama, segue e acompanha com todo o interesse, circumstancias precisas todas em uma comedia, e que em gráu eminente possuiam as operas de Antonio José da Silva!

E que perda para a litteratura a sua morte tão cruel e na força do talento, no fulgor e viço da edade? Quando tantas comedias admiraveis compuzera, e n'ellas confiados nutriam Portugal e o Brazil tão fundadas esperanças de que cada vêz se desenvolvêsse mais o seu engenho admiravel, e lhes dêsse elle a gloria de um theatro nacional, rouba o terri-

vel tribunal do Santo Officio uma existencia tão preciosa; corta os fios d'oiro de uma vida tão cheia de esperanças, e de futuro, e cobre de lucto o theatro, que até hoje não achou infelizmente quem o substituisse!

Apezar de alguns defeitos que notam os criticos nas composições dramaticas de Antonio José da Silva, foi elle com razão considerado o Plauto portuguez, e o será, emquanto não apparecer, na lingua portugueza, outro poeta que lhe roube a palma e a gloria.

NOTAS.

(1) Léonard Gallois, *Histoire de l'inquisition.* — Llorente, *l'Inquisition,* Dict. de la conversation.

(2) Gedde's *Account of the inquisition in Portugal.*

(3) Raumer, *l'Espagne aux XVe et XVIe siècles.* — Alexandre Herculano, *Historia da inquisição em Portugal.*

(4) Thomaz Chatterton, poeta inglez, suicidou-se de dezasete annos em 1769.

(5) André Chénier, poeta francez, foi guilhotinado em 1794, em Pariz, na edade de trinta e um annos.

(6) Ricardo Savage, poeta inglez, morreu na prisão de Bristol na edade de trinta e seis annos, em 1743.

(7) Nicolau Gilbert, poeta francez, morreu de vinte e nove annos, no hospital do Hôtel-Dieu em Pariz, em 1790.

(8) Carlos Millevoye, poeta francez, morreu de trinta e quatro annos miseravel, em Pariz, em 1816.

II.

FRANCISCO DE LEMOS DE FARIA PEREIRA COUTINHO.

Assevêra Frey Gaspar da Madre de Deus (1) que da vasta progenie de Amador Bueno da Ribeira é oriundo o capitão mór Manuel Pereira Ramos de Lemos e Faria, possuidor das terras e engenhos de Marapicú, Cabossú, Itaúna, Paúes e Pantanáes do rio Gandú. De seu consorcio com Dona Helena de Andrade Souto Maior Coutinho nasceram João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, e Clemente de Lemos de Azeredo Coutinho e Mello. Mais ou menos se celebrisáram estes irmãos todos pelas suas lettras e serviços. Rivalisa esta familia com as celebradas familias de Alexandre de Gusmão e de José Bonifacio de Andrada e Silva, das quáes procedem tambem alguns varões illustres.

Vieram ao mundo Dom Francisco de Lemos e seus irmãos no engenho de Marapicú, termo da villa de Iguassú, e provincia do Rio de Janeiro.

Ainda actualmente constitue este engenho um morgadio, que successivamente tem passado de uns para outros descendentes do capitão mór Manuel Pereira Ramos de Lemos e Faria, seguindo a linha directa do primeiro morgado, seu quarto filho, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, em cujo favor fôra elle instituido.

Nasceu Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho em 5 de abril de 1735 : estudou com muito aproveitamento os seus preparatorios na cidade do Rio de Janeiro, e nas escolas dos Jesuitas; seguio viagem para Portugal na edade de quatorze annos, e continuando lá os seus estudos, tomou em Coimbra o gráu de doutor em canones em 1754. Obteve logo depois de formado uma cadeira de lente, e foi nomeado reitor do collegio das ordens militares em 1764.

Governava Portugal Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeyras e marquez de Pombal.

Graves eram no emtanto os acontecimentos politicos d'aquella epocha; e bem melindrosas e criticas as circumstancias do reino.

Achavam-se em decadencia o exercito e a marinha. Nada fizera por amelhora-los o reinado anterior. Arquejavam as finanças publicas com deficit extraordinario. Para cumulo de males, submergio Lisboa o terremoto espantoso de 1755, cujas peripecias são muito geralmente sabidas. Após o terremoto algumas quadrilhas de salteadores se asse-

nhoreáram da destruida capital e dos seus arredores. Soffreram tambem com elle Setubal e varias outras cidades do reino.

Dirigio o marquez de Pombal a sua attenção para todos os pontos: reconstrucção de Lisboa, melhoramentos materiáes, reorganisação do exercito e da marinha, economia nos dinheiros publicos por meio de diminuição das despezas, e a justiça e instrucção publica, tudo participou dos seus cuidados, dos seus desvelos e da sua incansavel sollicitude.

Para conseguir tantos resultados era azado o genio do marquez de Pombal. Como intelligencia superior, chamou para junto de si as intelligencias que descubria. Como ministro perspicaz e zeloso, conheceu que lhe convinha aproveitar os talentos que lhe appareciam, para dirigi-los ao fim a que se propunha.

Não houve talento nem intelligencia que não procurasse unir á sua fortuna.

Quando se preparava para os grandes trabalhos que tinha em mente, tristes acontecimentos os perturbáram. Nos fins do anno de 1761, appareceram entre Hespanha e Inglaterra actos de hostilidade. Começou a guerra lamentavel que denominaram os historiadores de pacto de familia. Tomou parte n'ella a nação portugueza, obrigada pelo manifesto da Hespanha de 15 de junho de 1762. Quanto custou ao exercito portuguez chegar ao pé de guerra em que deveria ter sido constantemente conservado!

Ao principio e por vêzes cantáram os Hespanhões victoria. Nem generáes tinha Portugal. Mandado vir da sua patria, foi o conde de Lippe o salvador da disciplina militar, e o chefe das forças portuguezas que reorganisou, instruio e arregimentou. Felizmente que, com o cessar da guerra e a pacificação do reino, pode curar o ministro de todos os ramos do serviço publico.

Pretendeu Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho deixar Portugal e retirar-se para o Brazil : requereu o logar de deão da cathedral do Rio de Janeiro, que se achava vago; respondeu-lhe porém o marquez de Pombal que tinha empregos mais elevados para elle, e lhe não consentia sahir de Portugal : de feito, logo em 1761, o despaxou juiz geral das ordens militares, e no anno immediato desembargador dos aggravos da Casa de Supplicação : sendo depois provido em um logar do tribunal da inquisição de Lisboa, e no cargo de vigario capitular de Coimbra, e coadjutor e futuro successor ao bispado da mesma diocese.

Descobrira o marquez de Pombal os seus distinctos merecimentos, e começou a aproveita-los. Era o ultimo emprego o mais melindroso de todos, porque depois das ultimas occurrencias que tiveram logar entre a curia romana e a côrte de Lisboa, e que suspenderam por algum tempo as suas relações amigaveis, carecia a egreja de Coimbra de um prelado pacifico e ao mesmo tempo resoluto, de

maneiras affaveis e ao mesmo tempo firme, que fosse emfim conciliador e justiceiro.

Reunia elle todas estas qualidades, e tão satisfactoriamente preencheu os seus deveres, que em 14 de maio de 1770 foi nomeado reitor da universidade de Coimbra, e chamado pelo governo para fazer parte da junta creada sob o nome de Providencia litteraria, cujo era o fim reformar a universidade.

Faziam parte d'esta junta o marquez de Pombal e o cardeal da Cunha na qualidade de inspectores; e como conselheiros Dom Francisco de Lemos de Faria Coutinho, Dom Manuel do Cenaculo Villas Boas, bispo de Beja, e o arcebispo d'Evora; os desembargadores Ricalde Pereira de Castro, João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, e José de Seabra Silva; e os doutores Francisco Antonio Marques Giraldes, e Manuel Pereira da Silva. Era ardua a missão, mas honrosa e de gloria. Como um d'estes genios organisadores que raras vêzes apparecem na scena do mundo, que porém fazem a fortuna das nações e dos povos em cujo serviço se empregam, não se esqueceu o marquez de Pombal da instrucção publica, porque a instrucção publica forma as gerações, dirige os animos, moralisa os espiritos, e é o manancial da educação do povo.

Si como que nova vida ganhâram com a sabia administração do marquez de Pombal o exercito e a marinha; si melhorâram as finanças publicas; si

receberam regular desenvolvimento as estradas, o commercio, a agricultura e a industria; si o paiz emfim se ergueu valente e corajoso diante do estrangeiro, e respondeu-lhe com a dignidade de uma nação livre e destemida; receberam tambem a educação publica e a instrucção, que forma os homens do governo, os progressos e incremento que as sciencias e as lettras instantemente exigiam.

Tinham todos os membros da junta nomeada com o titulo de Providencia litteraria, talentos e erudição ao nivel da tarefa que receberam e á qual se dedicáram. Provou o resultado o acerto da escolha, e sanccionáram o andar dos tempos e a successão dos acontecimentos a obra que gloriosamente para si e para Portugal haviam conseguido levar ao cabo.

Fôra creada a universidade portugueza por ElRei Dom Diniz em 1290, e estabelecida em Lisboa. Eram anteriores a ella as universidades de Pariz, Bolonha e Salerno, que se fundáram no seculo XII, e as de Napoles, Tolosa, Salamanca, Padua, Oxford, Perugia, Macerata, Cambridge e Montpellier, que se fundáram no mesmo seculo XIII. ElRei Dom Diniz ajuntou mais este serviço a tantos que a seu povo fizera, e que seu povo agradecido commemorou aos posteros, que d'elle guardam uma lembrança indelevel. No anno de 1293, pareceu melhor a ElRei transferir a séde da universidade para a cidade de Coimbra, por ser ponto central e isolado

no meio de Portugal, e de onde mais facilmente poderiam os raios bemfazejos das luzes partir para todas as partes do reino, do que de Lisboa sentada á margem do Téjo, e cujas aspirações eram o commercio, e as vantagens e riquezas provenientes d'elle. Foi para Coimbra passada a universidade em 1308. Em 1537 porém de novo a trouxe Dom Fernando para a cidade de Lisboa. Em 1431 reformou-a, reorganisou-a, e deu-lhe nóvos estatutos ElRei Dom João I, sendo coadjuvado pelo jurisconsulto João das Regras, e equiparando-a assim ás universidades então existentes, ou mais antigas do que a portugueza, ou posteriores a ella, mas que se haviam illustrado no mundo, como Roma, Pizza, Pavia, Parma, Sienna, Valhadolid, Orleans, Heidelberg, Praga, Colonia, Vienna, Palermo, Angers, Erfurt e Ferrara do seculo XIV, e Leipsic, Cremona, Florença, Aix, Krakau, Friburgo, Upsal, Alcala e Glasgow dos primeiros annos do seculo XV.

Cuidadoso como era ElRei Dom Manuel pelas cousas da sua terra, modificou ainda os estatutos da universidade; refórmou-os, adoptando o systema estabelecido pelas universidades de Napoles e de Bolonha organisadas pelo jurisconsulto Bartholo e o celebrisado Acursio.

Até então seguia ella inteiramente o theor das universidades que mais se entregavam aos estudos theologicos; tinha mesmo o titulo de pontificia, e o caracter ecclesiastico.

« A maneira das da Italia, diz um escriptor moderno (2), logo pelos primeiros estatutos de 1309 foram concedidos assim aos professores, como aos alumnos, extraordinarios privilegios. Estes, que então não eram moços de pouca edade, pela maior parte homens feitos, formavam a corporação, e elegiam dentre si o reitor. Participando dos costumes feodáes, não só obteve senhorias de terras, e a jurisdicção que lhes andava annexa, mas tambem foro privativo para as pessoas e bens que lhe não pertenciam. »

Foram fixados os estudos na grammatica, dialectica, decretáes, leis, medicina e theologia. No anno de 1537 fez ElRei Dom João III voltar a universidade para Coimbra, dotando-a de mais amplos privilegios e rendas mais estensas. Deu-lhe para professores os Portuguezes André de Gouveia, André de Resende, Diogo de Teive e Diogo de Gouveia, discipulos e emulos de Cujacio, e dos maiores jurisconsultos do seu tempo; annexou-lhe professores extrangeiros e sujeitos distinctos como eram Dom Martinho de Ledesma, Luiz de Alarcon, Francisco de Monzon e Martinho de Aspicuelta Navarro, Hespanhões; Arnaldo Patricio e Nicolau Gruquis, Francezes, e os dous irmãos Buchanans da Escocia, que mandára vir de proposito das suas terras para o reino de Portugal.

Soffreu ainda a universidade uma reforma em 1559, e outra em 1612. Vigoravam os estatutos

d'esta ultima epocha quando se creou a junta da Providencia litteraria. Compunham as suas faculdades a theologia, o direito civil, o direito canonico e a medicina. Existia uma unica cadeira de sciencias mathematicas. Gozavam ainda os professores de privilegios, e os estudantes de isenções e foros.

Depois de aturado trabalho, confeccionou a junta da Providencia litteraria o plano da reforma. Além das quatro antigas faculdades creáram-se uma de mathematicas e outra de philosophia natural, contendo cada uma d'ellas as suas aulas especiáes. A faculdade de direito civil annexáram-se as aulas de direito natural, de historia de direito, e varias outras subsidiarias.

Foi enriquecida a universidade com vastos edificios de historia natural e suas dependencias, com jardim botanico, um observatorio astronomico, um gabinete de physica e um chimico, um theatro anatomico, dispensatorio pharmaceutico, e officina typographica.

Concluidos os estatutos reformadores, apresentou-se em Coimbra o proprio marquez de Pombal, revestido de poderes extraordinarios de tenente rei; e mandou-os cumprir e executar por Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, agraciado com a carta de conselho de S. M., e nomeado reformador reitor e bispo de Zenopolis.

Um dos lentes da universidade, o doutor José

Monteiro da Rocha, assim se exprime sobre os serviços prestados por Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho na qualidade de reitor reformador :

« Deu nova e melhor forma a todo o paço das escolas. Erigiu os sumptuosos edificios do museo de historia natural, do gabinete de physica experimental, do laboratorio anatomico, do dispensatorio pharmaceutico e dá officina typographica. Fez construir o observatorio astronomico, e deu principio ao jardim botanico. Refundio em muitos pontos a legislação litteraria; encheu de bellos regulamentos a policia academica. Organisou e installou a junta da directoria geral, centro regulador da ensinança publica. Fez completar o ensino das faculdades philosophica e mathematica, creando novas cadeiras de metallurgia, hydraulica e astronomia pratica. Deu insignes providencias ao observatorio, enriquecendo-o de machinas e de instrumentos, creando e promovendo a ephemeride astronomica tão util á navegação. Propôz e formalisou a grande lei dos cosmographos do reino (3) ».

Satisfeito o marquez de Pombal de haver tão bem acertado na escolha do reitor reformador, declarou ao corpo da universidade o seu contentamento, na occasião de dirigir-se a elle. « Com estes faustissimos fins, — assim se enuncia o ministro, — deu ElRei nosso senhor á universidade o digno prelado, que até o presente a governou como reitor com

tão feliz successo, e que do dia da minha partida em diante a ha de dirigir como reformador. Confiando justamente das suas bem cultivadas lettras e das suas exemplares virtudes que não só conservará com a sua perspicaz attenção a exacta observancia dos sabios estatutos de cuja execução fica encarregado; mas tambem que ao mesmo tempo a ha de illuminar com as suas direcções; a ha de edificar com a sua consummada prudencia; e a ha de annunciar com as fructuosas applicações a tudo o que fôr do maior adiantamento, e da maior honra de todas as faculdades academicas (4) ».

Pouco tempo depois tomou conta tambem Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho do bispado de Coimbra, pela vaga que deixou Dom Miguel da Annunciação; e recebeu ao mesmo tempo o titulo de conde de Arganil.

Viviam na melhor harmonia Dom Francisco de Lemos e seu irmão João Pereira Ramos; conceituados ambos pelo governo e pelo publico, auxiliavam-se mutuamente nos seus estudos e trabalhos. Era sistema do marquez de Pombal attrahir a si e aproveitar-se das luzes e serviços dos homens de merecimento.

Collocado o bispo á frente da universidade, foi seu irmão o desembargador empregado em tres commissões, uma revisora do estado do erario e das leis fiscáes, a segunda reformadora de leis civis, e a terceira para tratar dos ajustes da concordata,

que desejava o governo portuguez estipular com a curia romana, por intermedio do cardeal Conti, legado apostolico. Com a morte d'ElRei Dom José I, mudou de todo o governo de sua filha; e arrastado pela reacção, que incitáram os fidalgos do reino não só contra o marquez de Pombal, senão tambem contra tudo quanto fôra obra sua, pretendeu desfazer até a reforma da universidade de Coimbra.

Não o consentio o bispo conde; apresentou á rainha, e publicou uma exposição do estado da universidade, que passa por obra prima, e fez arripiar carreira aos inimigos do ministro decahido. Pagou porém com a sua pessoa a salvação que conseguira da universidade. Foi exonerado do cargo de reitor, e substituido pelo principal Mendonça. Não foi mais feliz João Pereira Ramos do que seu irmão. Passavam ambos por intimos amigos do marquez de Pombal, e não escondiam a predilecção que lhe tinham. No retiro, a que fôra condemnado, ousavam ir vê-lo. Quando pretendeu o governo trazê-lo perante os tribunáes, e instaurar-lhe processo pelos actos da sua administração, sahio em sua defesa João Pereira Ramos, e na qualidade de procurador da Corôa e soberania nacional, rendeu culto aos serviços prestados pelo marquez, e corajosamente se oppôz á execução de semelhantes designios, manifestando em um parecer habilmente escripto e apresentado á rainha quanto desar e nodoa faria recahir sobre o seu reinado uma tão injusta perseguição,

que feria directamente o governo do seu proprio pai.

Conseguio tambem o seu intento; teve porém a paga na dispensa que lhe déram os novos ministros das differentes commissões de que estava incumbido: apoz porém alguns annos, foi de novo aproveitado; e teve as honras de entrada e assento no conselho dos ministros (5).

Foram Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho e seu irmão João Pereira Ramos dos collaboradores mais assiduos da Academia real de Sciencias de Lisboa, que deve a sua fundação ao duque de Lafões. Escreveram para ella algumas memorias acerca de questões theologicas, canonicas e politicas. Figura entre as que publicou a Academia uma conta geral do estado da universidade de Coimbra, das vantagens da sua reforma e das providencias indispensaveis ao seu progresso, que é obra do bispo conde, e que mereceu geral aceitação, e demonstra cabalmente a sua grande erudição e engenho.

Passou Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho os penultimos annos do seculo XVIII no meio dos seus trabalhos de bispo de Coimbra; conservava constantemente tranquillidade de espirito e socego d'alma, que formam as delicias do sabio e do religioso : assistia na solidão aos diversos espectaculos do mundo, que, como as ondas do mar, se amontoam e se revolvem uns sobre os outros, e uns aos outros se succedem.

Soffreu um durissimo golpe com a morte do marquez de Pombal; a esta dôr e soffrimento que lhe causára a perda do seu amigo, accresceu outra mais cruel ainda, e mais profundo soffrimento, que foi o fallecimento de João Pereira Ramos, seu irmão pelo sangue, que lhe girava nas veias; seu irmão pelos estudos e trabalhos aturados; seu irmão pela uniformidade moral de costumes, de educação e de vida; seu irmão emfim pelo genio que animava a ambos e pelos elevados talentos de que haviam sido dotados ambos.

Como que ficou só no mundo. Fôra Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho de maneiras affaveis e prazenteiras, de semblante alegre e risonho; estes dous acontecimentos modificáram-lhe os habitos, enrugáram-lhe o semblante, enbranqueceram-lhe o cabello e quebráram-lhe as forças. Reconcentrou toda a sua intelligencia no exercicio do seu sagrado ministerio; viveu no mundo como o apostolo que não vivia para si, e só para o bem das suas ovelhas, cujo encarrego lhe pesava aos hombros, mas que aceitava e praticava com a devoção do sancto.

Quasi ao findar o seculo obrigou-o o principe Dom João a tomar de novo o governo da universidade de Coimbra, destituindo o principal Castro, que succedêra ao patriarcha de Lisboa.

Recomeçáram os seus trabalhos; não esmoreceu porém o seu zelo e nem a sua actividade.

Creou e estabeleceu as ephemerides astronomicas e novas cadeiras de agricultura, hydraulica, mineralogia e astronomia pratica; reformou o collegio das artes; organisou os estatutos para os estabelecimentos publicos de instrucção publica e secundaria; e instituio seminarios de ensino ecclesiastico na sua diocese.

Quando pelá primeira vêz entráram os Francezes em Portugal, no anno de 1807, deliberou o marechal Junot mandar ao imperador Napoleão uma deputação dos mais illustres Portuguezes. Não podia escapar-lhe o velho bispo de Coimbra. Obrigou-o o marechal Junot a embarcar-se para França com alguns outros Portuguezes illustres, apesar da sua edade e das suas supplicas. Recebeu-os Napoleão em Bayona, tratou com especial distincção ao bispo de Coimbra, e folgou de praticar com elle, percebendo a sua vasta erudição e os seus talentos subidos. Depois de tres annos de residencia forçada em França, logrou Dom Francisco de Lemos permissão de retirar-se para Portugal, aonde apenas desembarcou no anno de 1810, conhecendo que era pela regencia suspeito de infidelidade a seu rei e á sua patria, requereu justificar-se; o que fez, e foi por sentença reconhecido innocente, regressando então em triumpho e no meio de festas e applausos de todo o povo para a sua amada diocese, e para a sua universidade sempre querida.

Da vida publica se retirou todavia : era o seu

repoiso que desejava; limitava-se a sua ambição ao bem e moralisação das suas ovelhas, e ao progresso dos estudos universitarios. Foi como bispo de vida exemplar e de virtudes as mais puras; servio a Egreja; honrou o baculo; utilisou ao sacerdocio; e moralisou e instruio a sua grei. Como reitor reformador da universidade adiantou a instrucção publica, diffundio os conhecimentos, protegeu os talentos jovens e esperançosos, e ligou o seu nome e a sua gloria ao nome e á gloria da universidade que regêra e reformára. Era como particular o amigo do pobre e do rico, o homem de bem por excellencia, e o symbolo da honradez e lealdade.

Nunca fallava na sua patria, no seu Brazil, sem sentir um alvoroço, um enthusiasmo, que se transfundia aos seus ouvintes (6). A tanto tempo d'ella separado, guardava todavia pura e illesa a sua lembrança, como a sua mais grata reminiscencia.

Tinha o Rio de Janeiro dous filhos illustres em Portugal, ambos bispos, parentes um do outro; Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, bispo de Evora, e Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra. Com a aceitação do regimen constitucional, tendo de nomear os seus deputados para as côrtes de Lisboa, de nem-um d'elles se esqueceu; a ambos outorgou os seus poderes para o representarem.

Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho tomou assento em côrtes, e como que espe-

rando esta nova aureola para a sua gloria, expirou alguns dias logo depois. Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho nem pode entrar no exercicio das suas novas funcções; as suas molestias e a sua edade lhe prohibiram o gosto de corresponder á expectativa de sua patria, e de cumprir o seu honroso mandato. Já no sepulchro o haviam precedido todos os seus irmãos, e a dous d'elles havia elle precedido no limiar da vida.

Em 16 de abril de 1822 falleceu Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra e conde de Arganil.

NOTAS.

(1) *Memorias para a historia da Capitania de São Vicente, actual provincia de São Paulo,* publicadas pela Academia real de Sciencias de Lisboa, pag. 136.

(2) Manuel Antonio Coelho da Rocha, *Ensaio para a Historia do direito publico e das instituições de Portugal.*

(3) José Monteiro da Rocha, *Oração funebre de Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra*, accrescenta mais as seguintes observações, que muito honram a pessoa em cujo louvor escrevia a oração funebre. « A opulenta região do Brazil lhe deu o berço : e com justiça o Brazil se jacta menos do seu ouro e diamantes, do que de haver produzido varão tão singular. »

(4) *Falla que fez o marquez de Pombal, do conselho d'estado, visitador plenipotenciario, e logar-tenente d'ElRei para a nova fundação da universidade de Coimbra, ao corpo da mesma universidade, convocada na sala grande dos paços d'ella, na tarde do dia 22 de outubro de* 1772. Publicada em Coimbra em 1773.

(5) « E porquanto o doutor João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, do meu conselho, desembargador do paço e procurador da minha real corôa, assim em razão do seu officio, como principalmente pelas luzes claras e superiores que tem n'estas materias, as quáes elle com zelo e discrição, depois de ser o primeiro que n'estes tempos as cultiviou, foi tambem o primeiro que procurou influi-las e derrama-las : hei por bem que assista e dirija as conferencias dos ditos ministros, sempre que para ellas fôr chamado. » Decreto de 3 de fevereiro de 1789.

(6) Palavras de um sermão que prégou, em 1822, em São Vicente de Fóra, em Lisboa, um monge de Alcobaça, em louvor e honra de Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra e conde de Arganil.

III.

JOSÉ DE SANTA RITTA DURÃO.

I.

Na distancia de quatro leguas da cidade episcopal de Marianna, e pertencente a seu mesmo municipio, está situada a freguezia do Inficionado; ahi nasceu, no anno de 1737, José de Santa Ritta Durão, sendo seus ascendentes os honestos e abastados mineiros sargento mór Paulo Rodrigues Durão e Dona Anna Garcez de Moraes.

Passou a sua infancia no Rio de Janeiro, aonde cursou as aulas primarias e secundarias da Companhia de Jesus : apenas completou os seus estudos preparatorios, seguiu para Portugal. Na universidade de Coimbra tomou o gráu de doutor em theologia, em 24 de dezembro de 1756.

No anno de 1758, conhecendo que a sua vocação o chamava para o claustro, e que harmonisavam os seus gostos com a solidão do estudo, professou na ordem dos eremitas de Santo Agostinho : não havia carreira livre na sociedade civil; apresentava ao menos a religião o retiro das communidades monasticas, e

n'elle se expandia e nutria a alma com esse amor puro, ideal e sublime, que substitue a patria e a liberdade.

Começou o pulpito a popularisar o nome de José de Santa Ritta Durão; attrahiam-lhe sympathias, chamavam-lhe admiradores, creavam-lhe amigos os sermões que recitava; collocou-o na linha dos primeiros oradores do tempo o que em Leiria pregou em 1759 em acção de graças pela salvação da vida d'ElRei Dom José. Uma circumstancia porém lhe roubou o socego; contra elle indispoz-se o bispo de Leiria Dom João Cosme da Cunha. Parece que de offensa de amor proprio nascêra o odio e perseguição que começou o bispo a praticar contra elle; o certo é que das iras do prelado se temeu José de Santa Ritta Durão, e tanto que logo que o bispo foi elevado a arcebispo d'Evora, deliberou-se a abandonar Portugal, e seguir viagem para a Hespanha e para a Italia, a fim de conservar-se ausente por alguns annos: nos principios do anno de 1762 levou a effeito a sua deliberação.

Governava Portugal Dom José I, ou antes o seu ministro, marquez de Pombal: no anno de 1759 tinham sido, por decreto real, desnaturalisados e expulsos do territorio portuguez, todos os Jesuitas membros da Companhia de Jesus: no anno de 1761 presenciára o povo de Lisboa o espectaculo do garroteamento e queima do celebre jesuita Gabriel de Malagrida.

Dirigia os destinos da Hespanha Carlos III, successor de Fernando VI: predominava ElRei Luiz XV de França com influencia decidida sobre o gabinete de Santo Ildefonso; arrastou-o á guerra contra a Inglaterra, formando o celebre pacto da familia Bourbon; Portugal não assentio ás propostas de mutuo concurso entre Dom Carlos III e Dom José I: era dirigido aquelle pelos seus ministros, os marquezes de Aranda e Florida Blanca, e este pelo seu favorito, o marquez de Pombal: declarou-se a guerra entre os dous reinos; o marquez de Sarria e o conde de O'Reilly entráram em terras de Portugal com o exercito hespanhol; foi então engajado por Dom José I o marechal conde de Lippe, para reorganisar o exercito portuguez, e collocar-se á sua frente, em defensa do territorio lusitano.

José de Santa Ritta Durão, que se achava na Hespanha, percorrendo alegremente as bellas cidades da Andalusia, e que, como peregrino e descuidado, errava de um para outro logar, admirando as gentilezas e obras dos cavalheirosos Arabes, que haviam imprimido por toda a parte d'aquella romantica terra os monumentos indeleveis da sua gloria, e avançada civilisação, achou-se em solo inimigo, na occasião de se encetarem as hostilidades entre as duas corôas visinhas; suspeito de ser espia, foi preso, encarcerado, e habitou o castello de Segovia, até que, pelo tratado de 10 de fevereiro de 1763, assignado em Pariz, se terminou a guerra fatal e assoladora que tantos es-

tragos causára por mar e por terra a todas as nações que haviam n'ella tomado parte.

Apenas restituido á liberdade abandonou a Hespanha, e seguio para a Italia: era para um religioso o paiz do socego e do estudo; era para um litterato o solo de mais delicias. Encontrou-se em Roma com José Basilio da Gama, e moráram juntos o tempo em que ali se conservou este seu compatriota: passou ahi doces annos de sua vida; secularisou-se, e assistiu á morte do papa Clemente XIII, e á exaltação do seu successor, João Vicente Ganganelli, sob o nome de Clemente XIV: viu e admirou todas as velhas e admiraveis bellezas de Roma, e toda a pompa das bellezas modernas, que não podem offuscar as antigas: relacionou-se com Victor Alfieri, João Pindemonti, Melchior Cesarotti e Francisco Soave; entreteve intimidade com João Baptista Casti, José Parini, Pedro Verri, Cesar Beccaria e Caetano Filangieri; foi amigo do prégador dominicano Antonio Vallecchi, e de muitas celebridades italianas da sua epocha: a Italia, e Roma especialmente, fallavam-lhe sempre á memoria, em toda a carreira de sua vida; susurravam-lhe amorosamente em seus sonhos, e ainda, na avançada edade, lhe traziam á imaginação reminiscencias poderosas e sublimes, que confessava elle que eram os mais puros e bellos prazeres que poderia lograr.

Soube então que o seu compatriota Dom Francisco de Lemos gozava de todo o valimento do marquez

de Pombal, que estava no fastigio do poder e da grandeza; e havendo vencido todos os seus inimigos, procurava realisar os seus disignios, occupando-se com as artes, commercio, industria, agricultura, sciencias e lettras.

Principiou com a universidade de Coimbra : em 1772 praticáram-se as novas reformas que lhe déra o marquez de Pombal; fôra nomeado seu reitor o bispo conde Dom Francisco de Lemos; deliberou-se Santa Ritta Durão a deixar Roma; voltando para Portugal, procurou o illustre reitor, cujo era amigo; de combinaçaò com elle propoz-se ao concurso de oppositor para uma cadeira de theologia, que estava vaga. Pelos novos estatutos, todos os doutores nas diversas faculdades eram declarados oppositores, e podiam ser propostos para os logares das cadeiras vagas das suas respectivas faculdades; nos primeiros annos da reforma julgou-se porém conveniente a abertura de concursos de ostentação para o provimento das cadeiras, preferindo-se os mais habilitados. Apresentou-se José de Santa Ritta Durão; venceu a seus concurrentes em dous concursos seguidos, e foi nomeado lente; coube-lhe então recitar a oração de sapiencia na abertura dos cursos de 1778: esta oração, escripta em latim (2), segundo a formula usada, contém importantes noções de historia e de litteratura; matiza-se com flores de poesia, e prima por descripções eloquentes e pinturas delicadas : passa no seu genero por uma das mais bellas

e melhores orações de sapiencia que se tem pronunciado.

Si bem que lente da universidade, voltou para a sua ordem e n'ella fixou a sua residencia; chegou a ser elevado ao gráu de prior.

Ignora-se inteiramente quando concebeu a ideia do seu poema *Caramurú*, quando o começou, e quando o terminou; o que passa por certo é que pelos annos de 1778 e 1779 andava José de Santa Ritta Durão occupado com a sua composição, porque o padre José Agostinho de Macedo, que de Lisboa fôra exilado para aquelle convento, a fim de receber castigos, narra que além de trata-lo bem o prior José de Santa Ritta Durão, fazia por elle escrever as estancias, dictando-lhas de manhã na sua cella, e emendando-as á tarde assentado sob as arvores na cerca do seu mosteiro.

Logo que concluio o seu poema dirigio-se para Lisboa, a fim de publica-lo; e de feito no anno de 1781 sahio elle á luz n'esta cidade.

Infelizmente porém não teve a aceitação dos seus contemporaneos como pensára o seu auctor: trouxe-lhe magoa este resultado, e com ella a intenção de rasgar todas as poesias que havia composto, e que assim se perderam inteiramente.

Não sobreviveu muito tempo José de Santa Ritta Durão á publicação do poema, que só o amor da patria, como o confessa no prefacio, incitou-o a escrever; ao principiar do anno de 1784 acabou a sua

terrestre existencia, na cidade de Lisboa, no hospicio do Colleginho, pertencente á sua ordem, e aonde residia, e ali mesmo, em uma sepultura privativa dos religiosos, que se acha collocada no fundo da escada, que desce do claustro para a egreja e perto de capella mór, se lhe abriu o jazigo em que foi sepultado (3).

Tinha estatura ordinaria, corpo cheio, côr morena, face picada de bexigas, e aspecto serio e sisudo: á primeira vêz fazia-se respeitar, e com o tracto tornava-se estimado e querido por todos que com elle praticavam.

II.

Antes de analysarmos as bellezas do poema *Caramurú*, convem profundamente pesquizar e estudar a existencia historica de Diogo Alvares, conhecido por esse nome, e que é o herõe do poema.

Sem minuciar data alguma, falla o padre Simão de Vasconcellos (5) de um Diogo Alvares, que seguindo viagem para a India em uma náu portugueza, soffrera naufragio desgraçado nas costas da bahia de Todos os Santos, e fôra o unico Europeu que se salvára de ser comido pelos gentios Tupinambás, mettendo-lhes sustos com o estrondo do tiro de uma espingarda, que de bordo trouxera: accrescenta, que depois de alguns annos de residencia entre os gentios, avistando um navio francez,

para elle se fugira Diogo Alvares, e o acompanhára uma gentia, com quem se casára na côrte de Pariz, servindo-lhes de testemunhas ao consorcio, e de padrinhos ao baptismo da bella Indiana, os proprios reis de França: reconta o regresso dos dous esposos para a Bahia, fretando occultamente um navio francez, em trôco de carregamento de páu-brazil.

Assevera tambem Francisco de Britto Freire (6) a existencia d'este Europeu entre os gentios da Bahia, escapo de naufragio tormentoso em uma viagem para São Vicente; historia os seus amores com uma indigena das mais fermosas, e a viagem de ambos para a França; e accompanha a tradição do seu baptismo, e do seu casamento em Pariz, e do seu regresso para a Bahia, declarando por fim, que pelo intermedio de Pedro Fernandes Sardinha, que estudava em Pariz na occasião em que lá chegáram Diogo Alvares e sua mulher, sabendo ElRei Dom João III dos successos que alli se passáram, nomeára a Francisco Pereira Coutinho donatario da Bahia, e lhe ordenára partisse incontinente, e tomasse posse da sua capitania.

Menciona Sebastião da Rocha Pitta (7) os nomes de Henrique II de Valois e Catherina de Medicis, que haviam sido padrinhos de Diogo Alvares e de sua mulher, quando estiveram em França; e das mesmas fontes que os chronistas seus antecessores extrahe os materiáes historicos de tão importante acontecimento.

Depois de seguir as mesmas pisadas de Simão de Vasconcellos, de Francisco de Britto Freyre e de Sebastião da Rocha Pitta, na generalidade da historia, apresenta Antonio de Santa Maria de Jaboatão (8) o anno de 1516 como a epocha do naufragio de Diogo Alvares na Bahia, e o de 1524 como a em que elle se embarcára para a França em uma náu franceza, que apparecêra navegando por aquelles mares: conta tambem que em occasião em que Martim Affonso de Souza aportára na Bahia, seguindo viagem para a India, baptisára Diogo Alvares a muitos filhos, e casára duas filhas: são os mesmos acontecimentos referidos por Bernardo Pereira Berredo (9) e frei Vicente do Salvador (10).

Será verdadeira esta historia? Será tambem toda phantastica? Ou ha n'essas circumstancias minuciadas pelos auctores, como em muitas lendas de outras nações, um fundo verdadeiro, com ornatos de imaginação, um ponto real da historia revestido das côres poeticas dos romancistas?

É a nossa opinião esta; como ha nos primeiros tempos de todas as nações acontecimentos, que a tradição guarda, e passa de pais a filhos, e que com o andar dos tempos, vão calando no animo do povo, doirados pelo maravilhoso espirito da epocha, e desenvolvidos pela phantasia dos homens; assim nos parece ter sido a marcha da historia de Diogo Alvares, appellidado pelos indigenas Caramurú;

tomou d'elle posse a ficção; creou-lhe a poesia romanescas aventuras; mas existiu Diogo Alvares, como existiu Carlos Magno, como existiu Rodrigo de Bivar, e como existiu Romulo.

Comprovemos a sua existencia com documentos irrecusaveis.

Descrevendo a viagem que fizera seu irmão Martim Affonso de Souza á bahia de Todos os Santos, no anno de 1531, declara Pero Lopes de Souza (11) que havia alli encontrado a um Portuguez vivendo ha vinte e dous annos, e em paz com os indigenas, o qual dava razão larga de tudo o que havia na terra.

Na sua muito importante obra intitulada *Roteiro do Brazil* (12) falla Gabriel Soares de um Diogo Alvares, Caramurú, que o donatario Francisco Pereira Coutinho achára na Bahia, e que lhe prestára muitos e valiosos serviços durante as luctas que teve de supportar contra os Tupinambás, e que ainda vivia, em companhia de numerosa familia, quando em 1549 tomou conta d'aquella capitania Thomé de Souza, o primeiro governador nomeado, e servio-lhe Diogo Alvares de interprete e procurava sempre conciliar os Portuguezes com os gentios.

Sustenta Antonio Herrera (13) que a João Mori appareceu, na Bahia, em 1535, um portuguez, que alli residia ha vinte e cinco annos.

Narra o padre Balthasar Telles (14) que depois da morte do donatario Francisco Pereira Coutinho,

foram Diogo Alvares e seus genros os povoadores da Bahia.

Como negar-se a testemunhos tão diversos, e ao mesmo tempo tão concordes? Que existiu Diogo Alvares entre os Tupinambás, é facto incontestavel; que a epocha da sua chegada á Bahia regula pelo anno de 1510, parece muito provavel; mas que credito se deve dar á apregoada viagem que fizera á França, e ás aventuras da sua querida esposa, que o acompanhou, e foi baptisada na côrte de França?

Teria logar esta viagem antes do anno de 1515? Reinou em França até esta epocha Luiz XII, casado, em 1499, com Anna de Bretanha. Seria do anno de 1515 até o de 1547? Reinava em França Francisco I, e era rainha a princeza real Claudia, filha de Luiz XII. Possuimos as declarações uniformes de Antonio Herrera, e de Pero Lopes de Souza, para nos certificarmos que elle vivia desde 1510, pouco mais ou menos, entre os Tupinambás, e que não fallam de semelhante viagem, a qual teriam de certo mencionado, si se tivesse realisado. E para maior prova emfim contra a veracidade d'ella, nem dos fastos da França, nem das mais circumstanciadas chronicas francezas, se colhe a minima noticia d'este successo, que aliás, n'aquella epocha e occurrencia, teria certamente merecido as honras de menção, e de menção muito especial. Ambicionava a França as novas terras que haviam desco-

berto e conquistado os Portuguezes; copia immensa de navios francezes atirava-se sobre as costas do Brazil, commerciava com os gentios, animava-os contra os Portuguezes, carregava o páu-brazil, e isto alguns annos logo apóz o descobrimento: Christovam Jacques, Luiz de Mello da Silva, Pedro Lopes de Souza, e Martim Affonso de Souza, batteram e aprisionáram muitos navios francezes: como não foi aproveitado pelo governo francez um acontecimento tão prenhe de consequencias vantajosas para elle, como era de certo a viagem e estada em Pariz de Diogo Alvares e sua mulher, personagens a quem attribue a tradição a honra de terem por padrinhos os monarchas reinantes da França? Como podia passar isto desapercebido nas chronicas francezas?

Dão ainda a tradição e a poesia dos chronistas portuguezes como reis de França, na epocha da tão romanesca viagem de Diogo Alvares áquelle reino, a Henrique II e sua mulher Catherina de Medicis, quando Henrique II subiu ao throno, por morte de Francisco I, em 1547, e d'esta epocha em diante fôra impossivel a viagem de Diogo Alvares, porque desde os annos de 1531 começou o Brazil a ser systematicamente povoado pelos Portuguezes, e de 1537 em diante, com mais ou menos fortuna, fundou o donatario da Bahia, Francisco Pereira Coutinho, as suas povoações e estabelecimentos, e por sua morte, tomando ElRei posse da capitania, a mandou governar

por Thomé de Souza, estando authenticamente demonstrado que, em todo este tempo, Diogo Alvares e sua familia coadjuváram os Portuguezes, serviram-lhes de interprete para com os gentios, e procurá-ram sempre harmonisar os Portuguezes com os seus hospedes antigos.

É para nos de toda a evidencia que Diogo Alvares, desde que naufragou na Bahia, no correr do anno de 1510, ahi residiu, e adoptou muitos costumes dos indigenas; ahi prestou-se muito aos Portuguezes, quando começáram a fundar os seus estabelecimentos; serviu ahi muito aos Jesuitas, quando encetáram a cathequisação dos gentios, e morreu ahi em avançada edade, e deixando uma prole extensa.

E pois consideramos fabulosa a sua apregoada viagem á França, seus successos e casamento n'este reino, e seu regresso glorioso á terra da bella Paraguassú; a qual de certo trocára o nome gentio pelo de Catherina, sinão de lembrança particular de Diogo Alvares, pelo menos, e talvêz como razão plausivel, em attenção á rainha de Portugal Dona Catherina, mulher de Dom João III, que governou desde 1521 até 1557.

Mas quem era, e de onde provinha Diogo Alvares? É esta uma questão indecisa, e que não tem cabalmente resolvido nem-uma das chronicas, e nem-um dos documentos impressos ou manuscriptos, que havemos examinado.

Para Sebastião da Rocha Pitta era nascido Diogo

Alvares na cidade de Vianna de Portugal, e descendia de nobre linhagem: para os padres Simão de Vasconcellos, e Balthasar Telles, nascera Diogo Alvares em Portugal, de origem porém desconhecida; o padre Antonio de Santa Maria Jaboatão, Francisco de Brito Freyre, frei Vicente do Salvador e Bernardo Pereira Berredo não se déram a averiguações sobre este ponto: mas uma carta que escreveu a ElRei de Portugal Pero do Campo Tourinho, donatario da capitania do Porto Seguro, em data de 18 de julho de 1546, a qual existe no archivo da Torre do Tombo, falla de serviços importantes prestados aos Portuguezes da Bahia por Diogo Alvares, o gallego; outras cartas dos primeiros Jesuitas, que estiveram no Brazil, tratam tambem a Diogo Alvares como gallego: como porém não tivesse em Portugal esta denominação um sentido tão restricto, e fosse uso geral intitular-se gallegos quer os naturáes da Gallisa, provincia da Hespanha, quer os mesmos Portuguezes das provincias do Minho, e limitrophes da Gallisa, presumivel é que tivesse elle nascido em Vianna do Minho. O que no entretanto continúa coberto inteiramente de trevas, é o destino da viagem que seguia, e qual o navio em que fôra embarcado, quando, pouco mais ou menos, no anno de 1510, naufragou na bahia de Todos os Santos.

Forma Diogo Alvares, o Caramurú, um episodio brilhante e romanesco na historia do Brazil; é elle o heróe do agradavel poema què escreveu José

de Santa Ritta Durão; tornou-se para as chronicas brazileiras tão celebre personagem, como o rei Arthur para as chronicas inglezas, o Cid de Andaluzia para as hespanholas, e Carlos Magno e seus paladinos para as francezas.

III.

São imitativas da epopea antiga as formulas do poema *Caramurú*; escreveu Homero a sua *Iliada* e a sua *Odisséa*; extasiou-se Aristoteles diante d'esta ordem admiravel, e de tão perfeito systema de composição: ficou portanto servindo de typo e fundamento para todos; seguiu-lhe Virgilio as pisadas, e imitou a *Iliada* com a sua *Eneida*: sanccionnou-lhe as formulas Quintiliano, que, traçando o circulo, prohibiu toda a tentativa de ultrapassa-lo: nos tempos mais approximados á nossa epocha, dous genios, eguáes ambos aos auctores da *Odisséa* e da *Eneida*, Luiz de Camões e Torquato Tasso, obedeceram ás regras estabelecidas e aceitas, e subordináram-se aos dictames de seus predecessores.

Bem differentes são os assumptos d'estes poemas epicos, devidos aos quatro engenhos de que fallamos, dos objectos de que na Hespanha e em Portugal tratáram outros poetas, como Jeronymo Corte-Real, Alonso de Ercilla, José de Santa Ritta Durão, Hippolito Sanz, Mouzinho Quevedo, Lourenço Zamora, José Basilio da Gama, e Francisco de Mos-

quera. São *os Lusiadas*, *a Jerusalém libertada*, *a Eneida*, *a Iliada*, e *a Odissea* verdadeiros assumptos de epopea, e do poema heroico e geral; em quanto que *o Caramurú*, *o Affonso africano*, *a Numantina*, *o Uraguay*, *a Araucana*, *a Mathea*, *a Saguntina*, e *o Naufragio de Sepulveda*, pertencem a uma ordem secundaria, especial, e não geral; mais cavalheirosa do que heroica; assemelham-se antes, na feitura e desenvolvimento intrinseco, á especie denominada romances, divergindo d'ellas apenas pelas vestes exteriores, e pela metrificação poetica; as formulas da epopea antiga, tão preconisadas por todos os censores, foram todavia admittidas nas modernas litteraturas, para toda a especie de narração, historia, chronica, romance ou poema escripto em verso; o mesmo Luiz Ariosto, que elevou a maior altura o genero phantastico, seguiu no seu poema o systema da epopea grega; foi Dante Alighieri o unico poeta que levando a originalidade do seu engenho á materia intrinseca de sua obra, a extendeu livremente tambem ás formulas exteriores.

É o poema do *Caramurú* a historia de Diogo Alvares; começa o poeta pelo naufragio que fez sossobrar a náu em que se embarcára; segue a tradição, quanto ao meio de que usou para salvar-se, dando tiros de espingarda, e aterrorisando os gentios Tupinambás: conta os seus amores com a bella Paraguassú, pela qual desprezára muitas outras indigenas que o requestavam; pinta o appareci-

mento de um navio francez por aquelles mares tão pouco trilhados; as emoções que sente o heróe Diogo Alvares quando o avista de terra; e a deliberação que toma de abandonar os gentios, e voltar para Europa: acompanha-o Paraguassú; Moema e outras indigenas, que o amavam, atiram-se ao mar apóz elle: morre Moema no seio das ondas; volvem sentidas e lacrymosas as outras; leva para França a náu franceza o ditoso par, que na côrte de Pariz, reinando Henrique II e Catherina de Medicis, é acolhido com toda a pompa; fazem o rei e a rainha baptizar Paraguassú, dando-lhe o nome da sua real madrinha, e servem-lhe de testemunhas ao seu consorcio; não querendo Henrique II consentir em que se dirija Diogo Alvares para Portugal, freta elle occultamente um navio, e regressa com sua esposa para a Bahia, aonde desembarcam no meio do alvoroço e regozijo que causa entre os gentios uma volta tão inesperada: descreve então o poeta um sonho que teve Paraguassú, e que lhe patenteou a historia do Brazil nos tempos futuros, a expulsão dos Francezes, a edificação da cidade do Rio de Janeiro, o exterminio dos Hollandezes, e as victorias de Pernambuco: termina o seu poema com a chegada do governador Thomé de Souza, a quem se sujeitam todos os gentios.

Muitas bellezas não tem o plano geral: não são subitos, inesperados e origináes os acontecimentos que narra, e nem dramaticas as scenas do poema; não

teve José de Santa Ritta Durão trabalho grande para concebe-lo e desenvolve-lo; achou-o feito nas tradições, encontrou-o escripto nas chronicas do seu tempo; dividiu-o em partes, encerrou cada uma parte em seu canto, e ornou cada um canto com certo numero de oitavas em versos rimados.

Na concepção pois, e belleza do plano geral do seu poema, não primou José de Santa Ritta Durão; era brilhante e bella a sua imaginação, appropriava-se porém mais aos detalhes; aperfeiçoava melhor, e mais delicadamente desenvolvia um episodio, do que uma obra completa.

Quanto superior seria o seu poema, si se alargasse o campo que escolhera, e nos pintasse as primeiras guerras do donatario Francisco Pereira Coutinho com os gentios Tupinambás? Que bellezas encontraria no contraste das povoações indianas com as dos Europeos, n'essas pazes que celebravam, e que eram guerras, e n'essas guerras que sustentavam, e que devoravam o valor de tantos briosos cavalheiros que haviam conquistado honrosa nomeada nos combates contra os Malabares?

Nos episodios e detalhes porém varias descripções excellentes nos offerece este poema ou romance. Ha lindos versos e elegancia de estylo; ha sentimento de linguagem, e pincel ás vêzes delicado. Reáes e vivos nos apparecem os barbaros costumes das nações de gentios, guardando e tratando com todo o cuidado a seus prisioneiros de

guerra, engordando-os com bons manjares, felicitando-os com todos os deleites da vida, e quando é vinda a occasião, reunindo-se os indigenas, trazendo o prisioneiro para o logar do sacrificio, e entregando-o áquelle que teve missão de trata-lo, e que o matta com suas proprias mãos, e reparte os seus restos por entre todos os que concorreram á festa! Como tão fielmente reconta o terrivel Gupeva as crenças e leis dos povos indigenas! Como se batem os guerreiros gentios com suas tacápes, ao enthusiasmo das inubias, e animados pelas vozes dos Pages! Como são descriptas, apresentadas e analysadas quasi todas as nações dos indigenas do Brazil formando um vasto e animado quadro! Como logram as terras, os animáes e as plantas, pinturas tão embellezadas e tão graciosas endeixas!

Que importa que no desenvolvimento da sua historia appareçam anachronismos? Que importa que a concepção geral não agrade aos ouvidos e desejos curiosos de emoções, de aventuras romanescas e continuas, e de peripecias imprevistas e inesperadas? Encerra o poema *Caramurú* episodios verdadeiramente bellos e algumas descripções originées e poeticas; révela, com toda luz da verdade, o enthusiasmo patriotico que animava o poeta que o escreveu.

IV.

Para nos convencermos melhor das bellezas do poema *Caramurú*, é de necessidade fazer-se citações de alguns tréxos; o que ha de mais original e agradavel do que esta descripção da morte do prisioneiro?

Qual si da Libya pelo campo estende
O mouro caçador um leão vasto,
Em longa nuvem devora-lo emprende
O sagaz corvo sempre attento ao pasto,
Negro parece o chão, negra, ónde pende
A planta, em que do sangue explora o rasto;
Até que avista a presa, e em chusma vôa,
Nem deixa parte que voraz não rôa.

Tal do caboclo foi a furia infanda,
E o fanatismo, que na mente o cega,
Faz, que tendo esta acção por veneranda,
Invoque o grão Tupá, que o raio emprega:
No meio vê-se, que mil voltas anda,
O eleito matador, como quem préga,
A brandos, exhortando o povo insano
A ensopar toda a mão no sangue humano.

A roda, á roda a multidão frémente
Com gritos corresponde á infame ideia;
Emquanto o fero, em gesto de valente,
Bate o pé, fere o ar, e um páu meneia:
Ergue-se um e outro lenho, onde o paciente
Entre prisões de embira se encadeia;
Fogo se accende nos profundos fossos
Em que se torrem com a carne os ossos.

Dentro de uma estacada extensa e vasta,
Que a numerosa plebe em torno borda,

Entram os principáes de cada casta
Com bellas plumas, onde a côr discorda :
Outros, que a grenha tem com feral pasta
Do sangue humano, que ao matar, transborda,
Os negromantes são ; que em vão conjuro
Chamam as sombras desde o Averno escuro.

Companheiras de officio tão nefando
Seguem de um cabo a turma, e de outro cabo,
Seis turpissimas velhas, aparando
O sangue seu em leve menoscabo :
Tão feias são, que a face está pintando
A imagem propriissima do Diabo;
Tinto o corpo, em verniz todo amarello,
Rosto tal, que a Medusa o faz ter bello.

Tem no collo as crueis sacerdotisas,
Por conta dos funestos sacrificios,
Fios de dentes, que lhes são divisas
De mais ou menos tempo em táes officios:
Gratas ao Céo se crêm, de que indivisas
Se inculcam por tartareos maleficios;
E em testemunho do mister nefando
Nos seus côcos com facas vêm tocando.

Um dos mais lindos episodios é a historia da estatua, que reconta o joven Fernando a seus companheiros, acompanhando-a cóm sons harmoniosos da cithara, e obrigando-os a esquecer assim os perigos que os rodeiam : caminhava por entre brenhas desertas um religioso, naufrago no Brazil, quando encontra em lucta de derradeira agonia a um desgraçado indigena; anima-o o religioso, chama o favor de Deus para esta alma, que se vai separar do corpo; baptisa-o, como o permitte a religião em transes apertados, e ouve-o em con-

fissão; denuncia elle um coração puro, uma vida mansa e bondadosa; desce a bençam celeste sobre o misero agonisante, que exhalando o ultimo suspiro da vida transforma-se em uma estatua de pedra, e se assenta na ilha do Corvo, d'onde mostra o Brazil ao Europeu curioso. Ha poesia, e bastante imaginação n'este episodio.

E não lhe é inferior outro episodio agradavel e pittoresco do poema, em que narra a historia da bella Moema, que morrendo de amores pór Diogo Alvares, e vendo-o abandonar a terra, e embarcar-se na náu franceza, que o deve levar á Europa, atira-se ás ondas irritadas do Oceano, em demanda do amante ingrato que lhe foge; chega a agarrar-se ao leme do navio, e a arrastar-se-lhe apóz a fieira de espuma, que o acompanha, mas :

> Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,
> Pallida a côr, o aspecto moribundo,
> Com mão já sem vigor, soltando o leme,
> Entre as salsas espumas desce ao fundo.

Varios outros episodios contêm o poema, que são tão verdadeiros, agradaveis e energicos como aquelles de que temos fallado, e que manifestam tambem variedade de pinturas, e egual diversidade de descripções; são o da estatua e o de Moema doces, melancolicos e tocantes; fallam ao coração, e deixam-lhe emoções gratas e suaves : forma todavia a pintura da Santissima Virgem, que em visão apparece á bella Paraguassú, um bello painel; en-

cerram bellezas dignas de ser notadas, e que alvoroçam o animo e o enthusiasmo, os episodios de guerras, combates e luctas sanguinarias, que uns contra os outros sustentam os gentios.

Mas quando tudo com terror fugia,
O bravo Jacaré se lhe põe diante;
Jacaré, que si os tigres combatia,
Tigre não ha que lhe estivera avante:
Treme de Jararáca a companhia,
Vendo a forma do barbaro arrogante,
Que com pelle coberto de panthera,
Ruge com mais furor que a propria fera.

Avista-se um com outro; a massa ardente
Deixam cahir com barbro alarido;
Corresponde o clamor da bruta gente,
E treme a terra em roda do mugido:
Aparou Jacaré no escaldo ingente
Um duro golpe que o deixou partido;
E emquanto Jararáca se desvia,
Quebra a massa no chão com que o batia.

Nem mais espera o Caethé furioso,
E qual onça no ar, quando destaca,
Arroja-se ao contrario impetuoso,
E um sobre outro co'as mãos peleja, e ataca:
Não pode discernir-se o mais forçoso;
E sem mover-se em torno a gente fraca,
Olham, luctando os dous, no fero abraço,
Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

Porém emquanto a lucta persistia,
No sangue em terra lubrico escorrega
O infeliz Jacaré; mas na porfia
Nem assim do adversario se despega;
Sobre o chão um com o outro ás voltas ia;
E qual o dente, qual o punho imprega,
Até que Jararáca um golpe atira,
Com que, rota a cabeça, o triste expira.

É desenhada com suaves e caracteristicas côres a marcha das nações gentias que vem combater os Tupinambás, entre os quáes se acolhera Diogo Alvares.

Dez mil a negra côr trazem no aspecto
Tinta de escura noite a fronte impura;
Negreja-lhes na testa um cinto preto,
Negras as armas são, negra a figura:
São os feros Margates, em que Alecto
O Averno pinta sobre a sombra escura;
Por timbre nacional cada pessoa
Rapa no meio do cabello a coroa.

Cupaiba, que empunha a feral maça,
Guia o bruto esquadrão da crua gente,
Cupaiba, que os miseros, que abraça,
Devora vivos na batalha ardente;
A roda do pescoço um fio enlaça,
Onde, de quantos come, enfia um dente;
Cordão que em tantas voltas traz cingido,
Que é já mais que cordão longo vestido.

Sambambaia outra turma conduzia,
Que as aves no frexar tão certa véxa,
Que nem voando pela etherea via,
Lhe erravam tiro da volante fréxa:
Era de pluma o manto que o cobria;
De pluma um cinto, que ao redor se féxa;
E até grudando as plumas pela cara,
Nova especie de monstro excogitára.

O bom Sergipe aos mais confederado,
Comsigo conduzia os Pittaguares,
Que havendo pouco d'antes triumphado,
Tem do dente inimigo amplos collares;
Seguem seu nome em guerras decantado
De gentes valorosas dez milhares

Que do ferreo madeiro usando o estoque,
Disparavam com balas o bodoque.

Nem tu faltaste alli, grão Pecicáva,
Guiando Carijó das aureas terras;
Tú, que as folhetas de oiro, que te ornava,
Nas margens do teu rio desenterras;
Torrão, que do seu oiro se nomeava,
Por crear do mais fino ao pé das serras;
Mas que feito emfim baixo e mal presado
O nome teve de oiro inficionado.

Em guerreiras columnas, feroz gente,
Que no horror da figura assombra tudo,
Trazem por armas uma massa ingente,
Tendo de duro lenho um forte escudo:
Frexas e arco no braço omnipotente,
Nas mãos um dardo de páu-sancto agudo;
Sobre os hombros a rêde, á cinta as cuyas;
Tal era a imagem dos crueis Tapuyas.

Não ha espectaculo mais bem desenhado, mais vivo, e mais animado; é um exercito de diversas nações, que o leitor vê marchar diante de si, cada uma com as suas armas, as suas vestes e os seus usos; é um quadro perfeito, colorido e real: apóz esta pintura dos gentios, deleita a vista, e agrada ao ouvido a descripção de uma aldeia dos Tupinambás.

No reconcavo ameno um posto houve
De troncos immortáes cercado á roda,
Trincheira natural, com que impedia
A quem quer penetra-lo a entrada toda:
Um plano vasto no seu centro abria;
Aonde edificando á patria moda,
De troncos, vasos, ramos, vimes, canas,
Formavam, como em quadro, oito cabanas.

Qualquer d'ellas com móle volumosa
Corre direita em linhas paralellas;
E mais comprida aos lados, que espaçosa,
Não tem paredes, ou columnas bellas:
Um angulo no cume a faz vistosa,
E coberta de palmas amarellas
Sobre arvores se estriba altas, e boas,
De seiscentos cipaz, ou mil pessoas.

Qual o velho Noé na immensa barca,
Que a barbara cabana em tudo imita,
Ferozes animáes provido embarca,
Onde a turba brutal tranquilla habita:
Tal o rude Tapuya na grande arca,
Ali dorme, ali come, e ali medita;
Ali se faz de humano, e de amor mole,
Alimenta a mulher, e affaga a prole.

E supposto que não fosse dotado José de Santa Ritta Durão de grande imaginação, as scenas que desenha, e as descripções que pinta, são todavia tão verdadeiras, que é a sua obra uma chronica perfeita dos usos, leis, religião e costumes dos povos indigenas do Brazil: moveu a empresa o amor da patria, como ingenuamente o declarou no prefacio; e embellesou-a com tal arte o seu engenho, que é uma das boas composições modernas que possue a lingua portugueza; pagam-lhe a patria e a lingua, guardando indelevel e gloriosa a sua memoria.

NOTAS.

(1) « Illustrissimo e excellentissimo senhor,

» Tenho a honra de levar ás mãos de Vossa Excellencia a inclusa copia authentica do officio do conselheiro vice-reitor da universidade de Coimbra de 9 do corrente, por onde se deixa ver, que o muito esclarecido padre mestre doutor Frei José de Santa Ritta Durão, eremita de Santo Agostinho, graduado em 24 de dezembro de 1756, se apresentára primeira e segunda vêz na qualidade de oppositor, para o concurso das cadeiras vagas da faculdade de theologia da mesma universidade, na forma da carta regia de 10 de novembro de 1777.

» Satisfazendo eu por este modo a recommendação de Vossa Excellencia aproveito esta occasião para repetir os protestos da infinita consideração e respeito com que sou

» De Vossa Excellencia,

» Attentissimo e obrigado criado,

» JOAQUIM JOSÉ FERRN. PINTO FRRS. TELLEZ.

» Lisboa, de 11 maio 1849. »

Copia.

« Illustrissimo e excellentissimo senhor,

» Por portaria do ministerio do reino (primeira direcção, primeira repartição, livro 7, nº 119) de trinta d'abril ultimo, ordenou Sua Magestade á vice-reitoria que fizesse averiguar si Frei José de Santa Ritta Durão chegou a ser oppositor de theologia, e que remetta certidão authentica do que constar. Fizeram-se na secretaria as averiguações, mas nada mais se pode achar senão que se apresentára para o concurso das cadeiras vagas na faculdade de theologia, como se vê pelas duas relações impressas que vão juntas com este, e de que ficam outras irmãs na secretaria. Pelos estatutos de mil setecentos setenta e dois todos os

doutores nas diversas faculdades erão oppositores, e podiam ser propostos para os logares de cadeiras vagas das suas respectivas faculdades. Nos primeiros annos sobre a reforma feita por esses estatutos algumas vêzes se abriam concursos de ostentação para provimento das cadeiras, e eram despachados os que obtinham melhores qualificações. Pelo alvará do primeiro de dezembro de mil oitocentos e quatro, creou-se por primeira vêz a classe d'oppositores distincta da dos simplices doutores, e assim continuou a ser distincta pelo decreto de cinco de dezembro de mil oitocentos trinta e seis, vinte de setembro de mil oitocentos quarenta e quatro, e regulamente do primeiro de dezembro de mil oitocentos quarento e cinco. Por esta razão não consta, nem constar pode, que o padre mestre doutor Frei José de Santa Ritta Durão fosse habilitado oppositor, porque no seu tempo não havia tal classe distincta da de doutores. Nada mais se pode dizer sobre a informação exigida pela sobredita portaria, como consta da nota com que a secretaria me respondeu ao despacho de « *cumpra-se* ». — Deus guarde a Vossa Excellencia. — Coimbra, nove de maio de mil oitocentos quarenta e nove. — Illustrissimo e excellentissimo senhor marechal duque de Saldanha, presidente do conselho de ministros e secretario d'estado dos negocios de reino. — O conselheiro, vice-reitor da universidade, José Machado d'Abreu. Está conforme, secretario d'estado dos negocios do reino, em 11 de maio de 1749.

» JOAQUIM JOSÉ FERN. PINTO FRRS. DE TELLEZ. »

(2) Josephi Duran, *Theologi conimbricensis O. E. S. A. pro annua studiorum instauratione oratio.*

(3) As memorias até agora conhecidas do publico, acerca da pessoa do auctor do *Caramurú*, eram sobremaneira deficientes; pois que no tocante á sua naturalidade e nascimento, limitavam-se ao que elle proprio nos quiz declarar no frontispicio da primeira edição do seu poema; e pelo que respeita ás acções da sua vida, havia apenas o que vaga e confusamente deixou escripto o auctor da *Bibliotheca historica de Portugal*, que nem sempre foi feliz nas suas lucubrações biographicas.

Entre as demais particularidades que os biographos costumam investigar com especial interesse, careciamos de qualquer noticia exacta, concernente assim á data do fallecimento, como ao logar do jazigo d'aquelle poeta; augmentando-se de dia para dia a difficuldade de apurar alguma cousa de certo, a respeito d'ambos os referidos pontos, pela

falta de testimunhas presenciáes, e ainda coetaneas, que podessem abo-de verdadeiras algumas noticias tradicionáes. Constando porém que o egresso padre João de Saavedra, da mesma extincta ordem dos eremitas de Sancto Agostinho, conservara, a pezar de seus longos annos, certas reminiscencias d'aquelles factos, pareceu opportuno aproveitar-se quanto antes o seu testemunho em forma; pelo que foi convidado para depôr perante o administrador do bairro do Rocio tudo quanto ao seu conhecimento houvesse chegado, com referencia ao objecto de que se tracta. O resultado d'esta indagação é o que se manifesta do termo por elle assignado, que vai em seguida fielmente transcripto:

« Aos 14 de agosto de 1845, n'esta cidade de Lisboa, na administração
» do bairro do Rocio, onde commigo escrivão d'ella, estava o adminis-
» trador, o douctor Paulo d'Azevedo Coelho de Campos, tendo á vista
» o officio expedido pela terceira repartição do governo civil d'este dis-
» tricto em 12 d'este mez; appareceu presente o reverendo João de
» Saavedra, presbytero egresso da ordem dos eremitas calçados de São
» Agostinho, que teve a ultima residencia claustral no convento da
» Graça de Lisboa, e reside na rua do arco do marquez de Alegrete,
» nº 57, freguezia de São Lourenço: o qual é natural da freguezia de
» São Salvador de Pennajoia, conselho de Lamego, e tem d'edade se-
» tenta e oito annos. E por elle foi dicto em resposta ás perguntas que
» o administrador lhe fez, que no anno do seu noviciado, que princi-
» piou em 28 de abril de 1783, um dia em que se reuniram os noviços
» para os exercicios da manhãm, lhes disse o seu mestre, que rezassem
» um *Padre nosso* e *Ave Maria* por alma de padre mestre Durão, que
» havia fallecido n'essa noute; que não pode por isso determinar o dia,
» nem mez em que tivera logar o fallecimento; e que só pode affirmar
» que elle tivera logar durante o anno do noviciado d'elle declarante,
» isto é, desde abril de 1783 a maio de 1784: que não conheceu o
» dicto frei José de Santa Ritta Durão, por que este não se achava re-
» sidindo na mesma casa d'elle declarante. Quanto ao logar aonde foi
» sepultado o mesmo padre mestre Durão, sabe por tradição que elle
» fôra sepultado na egreja do collegi nho, em uma das sepulturas priva-
» tivas dos religiosos, que se acham collocadas no fundo da escada que
» desce do claustro para a egreja, junto á capella mór; mas que não
» podia declarar em qual sepultura elle fôra enterrado. E nada mais
» disse, e assignou este termo, que eu Manuel Joaquim de Mascarenhas,
» escrivão da administração, escrevi. — COELHO DE CAMPOS. — O padre
» JOÃO DE SAAVEDRA. »

Para se apurar tanto quanto fosse possivel a verdade do facto, procedeu-se a um minucioso exame no archivo do governo civil, e ahi se encontrâram entre os outros livros e documentos pertencentes ás extinctas casas religiosas dous unicos livros, que foram do extincto collegio de São Agostinho á Mouraria, onde Durão fallecera. Ambos estes livros, cujo começo data de maio de 1784, foram escrupulosamente examinados. O primeiro, intitulado da *Fazenda do collegio*, não contem cousa que faça ao nosso proposito. No segundo porém, que se intitula *Contas das missas e obrigações do collegio de N. G. P. S. Agostinho de Lisboa*, acha-se a fl. 10 o seguinte assento:

« Maio de 1784. — Disseram-se d'esmola pela alma do padre mestre
» Durão noventa e tres missas. »

E n'outro assento a fl. 12, lê-se:

« Disseram-se em janeiro de 1785 pelo anniversario do padre mestre
» Durão um officio, e missa cantada. »

Este ultimo é terminante: pois confrontado com a tabella das obrigações do collegio, que se acha no principio do livro, e onde a fl. 8 v. consta a de fazer celebrar um officio e missa cantada nos dias trigesimo e anniversario do fallecimento de cada um dos religiosos alli residentes, ficam resolvidas quaesquer duvidas; e incontestavelmente provado que o obito de Durão teve logar no mez de janeiro de 1784.

No que respeita ao logar do seu jazigo, procedeu-se a uma investigação ocular no logar designado, confrontando-se as declarações do padre Saavedra com os esclarecimentos, que pode fornecer um individuo, tambem de avançada edade, antigo famulo do collegio, onde residia desde 1808, e a cujo cargo se conserva actualmente a limpeza e guarda da egreja. Viu-se que as sepulturas privativas, destinadas para os religiosos moradores d'aquella casa, eram sómente duas: as quáes existem contiguas, e são collocadas á face do altar de Santa Ritta, entre os degraus que sobem para o claustro, e um grande carneiro, ou jazigo, pertencente á casa dos condes de Soure, antigos padroeiros da mesma egreja. As campas d'estas sepulturas são de madeira, e nenhuma d'ellas tem epitaphio, inscripção, ou qualquer outro signal particular, que possa ellucidar o assumpto. E com quanto seja indubitavel que em uma d'ellas foram encerrados os despojos mortáes de Durão, é todavia hoje impossivel discriminar em qual das duas: ainda que parece de maior probabilidade que o seria na que fica contigua ao grande carneiro; por isso que na outra, segundo a lembrança do sobredicto famulo, jaz enterrado outro religioso, de appellido Franca, unico que consta haver alli falle-

cido no periodo que decorreu desde 1808 até á supressão do convento.

A falta do livro dos obitos d'aquella casa, cujo destino se ignora, bem como o de resto do seu cartorio, não permitte algumas outras averiguações, proprias para levar aquellas questões ao estado de mais clara evidencia.

(4) *Relatorio de frei José das Dôres, religioso do convento da Graça, o bispo eleito de Cochim.*

(5) *Chronica da Companhia de Jesus,* liv. I.

(6) *Guerra brazilica*, liv. II.

(7) *Historia da America portugueza*, liv. I.

(8) *Orbe seraphico*, tomo I, primeira parte.

(9) *Annáes da capitania do Maranhão*, liv. I.

(10) *Santuario Marianno.*

(11) *Roteiro de Pero Lopes de Sousa.*

(12) *Descripção geographica da America portugueza.*

(13) *Annáes,* decada 3, liv. 8, cap. 8.

(14) *Chronica da Companhia de Jesus*, liv. III.

IV.

MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA.

I.

No anno de 1758, em que, por alvará de 8 de maio, ordenou ElRei Dom José I, que a todos os gentios do Brazil, e a todos os seus bens, sem restricção alguma, se estendessem os beneficios das cartas de lei de 6 e 7 de junho de 1755 (1), em cumprimento da constituição do papa Benedicto XIV, de 20 de dezembro de 1741, considerando-se livres elles, e no pleno gozo de todos os seus direitos civis, veio ao mundo Manuel Ignacio da Silva Alvarenga.

Foi logar do seu nascimento a actual cidade de São João d'ElRei, em Minas Geráes; era então villa, fundada em 1718 pelo governador conde de Assumar (2), nas proximidades e margens do Rio das Mortes; fôra terreno famoso pelos combates sanguinarios que houveram ali entre Paulistas e Taubatenos, que ambicionavam todos possui-lo, pela abundancia de suas ricas faisqueiras de oiro; resultando-lhe das mortes, que presenciára, o triste

appellido por que se conhece actualmente ainda aquella comarca.

Governava Gomes Freyre de Andrade não sómente as capitanias do Rio de Janeiro e Minas Geráes, senão tambem as capitanias do sul do Brazil, havendo regressado do Uruguay n'este mesmo anno de 1758, e continuando no exercicio da autoridade de governador e capitão general.

Descendia Manuel Ignacio da Silva Alvarenga de pais pobres e de classe inferior: mostrando na sua puericia muita viveza e engenho, obteve o auxilio de uma subscripção de amigos, e veio para o Rio de Janeiro, aonde cursou as aulas de instrucção secundaria, e obtendo ahi uma somma maior de protectores, conseguio passar-se para Portugal, seguir para Coimbra, matricular-se na universidade, e formar-se bacharel em leis.

Mostrou desde a mais tenra edade exquisito talento para a poesia; causavam em Coimbra os seus escriptos uma admiração enthusiastica; não podiam os seus companheiros e os proprios lentes deixar de tecer elogios ao genio fogoso e brilhante, que com tamanha facilidade apresentava fructos tão saborosos e delicados no verdor dos annos.

Terminados os seus estudos, dirigio-se para Lisboa, e por alguns annos ali praticou a advocacia; chamava-o entretanto a saudade da patria; e em despeito de muitos commodos e resultados felizes que obtinha na metropole, preferiu abandona-la, vol-

vendo para os lares, que sabia apreciar e adorava sinceramente.

Escolheu a cidade do Rio de Janeiro para a sua residencia : continuou advogado como fôra em Lisboa, sem que nunca olvidasse as doçuras da musa que lhe fallava ao coração, sorria-lhe ao ouvido, e fascinava-lhe a intelligencia.

Em 1779 começou a exercer o seu cargo de vice-rei do Brazil Dom Luiz de Vasconcellos e Souza, da casa illustre de Castellomelhor, succedendo ao marquez de Lavradio, que governava a colonia desde 1769. Com Luiz de Vasconcellos, que era homem de gosto litterario, e de intelligencia esclarecida, abriu Manuel Ignacio de Silva Alvarenga relações estreitas de amizade. Nomeou-o professor regio de rhetorica o vice-rei, e deu-lhe sempre as maiores demonstrações de estima particular, e de apreço aos seus elevados talentos e composições poeticas.

Chegava por este tempo de Portugal, desgraçado, e foragido quasi, José Basilio da Gama; recebeu-o como amigo Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, tratou-o como irmão, e deu-lhe a amizade do vice-rei. Haviam em Rio de Janeiro bastantes litteratos e sabios. Infructiferamente e por vêzes se tentára crear no estado do Brazil academias litterarias. Fôra fundada na Bahia em 1724 a brazilica dos Esquecidos, cujas sessões tinham logar no proprio palacio do governador Vasco Coutinho Cesar de Menezes, conde de Sabugosa, seu protector

principal; organisou no Rio de Janeiro em 1736 Matheus Saraiva, medico da Camara e physico mór, a Academia dos Felizes, composta de trinta socios, sob os auspicios e protecção tambem do governador. Da primeira nem-um vestigio resta afóra a noticia que nos legou Sebastião da Rocha Pitta; da segunda ha ainda memorias manuscriptas acerca do indigo, coxonilha, e varias outras plantas interessantes do Brazil, as quáes attestam a sua tão util quanto curtissima existencia. Instituio-se em 1751 uma terceira academia no Rio de Janeiro, que foi protegida pelo conde de Bobadella: intitulava-se dos Selectos; foi a que para crear o periodico, *Jubilos da America*, introduzio uma typographia, que foi logo dissolvida por ordem da côrte. Seguio-se lhe a quarta fundada na Bahia em 1759, com o titulo de Sociedade brazilica dos Academicos bemnascidos; definhou e morreu como as primeiras, deixando apenas para memoria os seus estatutos e o seu programma de questões historicas. Creou o marquez de Lavradio, a instancias do doutor José Henriques Ferreira, em 1772, uma academia que se dedicava exclusivamente ás sciencias; chegára a instituir um horto botanico, e por fim tambem acabára. Concordáram José Basilio da Gama e Manuel Ignacio da Silva Alvarenga aproveitar o auxilio do vice-rei, e a protecção do bispo Dom José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, organisando uma nova sociedade, modelada pela Arcadia de Roma, e que

reunisse no seu seio a todos os sujeitos instruidos do Brazil.

Transplantára-se da Italia para Portugal o uso das academias e associações litterarias, nos fins do seculo XVII, e principios do seculo XVIII. As academias da Crusca, dos Indomitos, dos Impacientes, dos Nascidos, dos Inquietos, dos Loucos, dos Extravagantes, dos Adormecidos e dos Nocturnos de Milão, de Roma, de Perugia, de Veneza, de Alexandria, de Bolonha, de Piza, de Genova e de Padua, origináram em Portugal associações similares, com titulos da mesma natureza, como a Instantanea (3), dos Generosos (4), das Conferencias discretas (5), dos Singulares (6), dos Solitarios de Santarém (7), dos Insignes Illustrados e Occultos de Lisboa (8) e dos Anomos (9); cooperavam muito para a diffusão e desenvolvimento do gosto litterario. A Academia Real da Historia portugueza, creada em 1720 por ElRei Dom João V, fez desaparecer todas essas sociedades; mas á par d'ella e no anno de 1756 foi creada a Arcadia de Lisboa por Antonio Diniz da Cruz e Silva, Manuel Nicolau Esteves Negrão, Theotomio Gomes de Carvalho, Domingos dos Reis Guita, Francisco José Freire, e Pedro Antonio Correia Garção, talhada segundo os estatutos da Arcadia de Roma, com nomes de pastores, e residencia no monte Menalo : infelizmente, a pesar dos serviços que prestou ás lettras, não pode a Arcadia vivèr mais de vinte annos.

Da nova academia estabelecida no Rio de Janeiro e denominada Arcadia ultramarina foram principáes membros, além de José Basilio da Gama, e de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, Bartholomeu Antonio Cordovil, Domingos Vidal Barboza, João Pereira da Silva, Balthasar da Silva Lisboa, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, Manuel de Arruda Camara, José Ferreira Cardozo, José Marianno da Conceição Velloso e Domingos Caldas Barboza.

Feliz foi de certo essa epocha de enthusiasmo e de esperanças; eram excellentes litteratos o vice-rei e o bispo, e praticavam com os sabios e os litteratos; ajudavam-nos tambem os sabios e os litteratos com as suas luzes e a sua popularidade; é por esta razão o governo de Luiz de Vasconcellos e Souza o mais popular de todos os governos dos tempos coloniáes do Brazil : começáram-se grandes fundações; delineáram-se obras de importancia; ideias uteis e generosas se espalháram, que, com quanto por algum tempo suffocadas ainda, deixáram sempre alguns germens que fructificaram no futuro.

Mas teve de entregar Luiz de Vasconcellos e Souza em 1790 as redeas do governo do estado ao seu successor, o conde de Rezende. Era o conde no caracter o avesso de Luiz de Vasconcellos; temia a força e a influencia dos homens intelligentes; causáram-lhe desconfianças e receios as academias e ajuntamentos litterarios; e, em vêz de firmar o po-

derio de seu governo sobre a força e a influencia de que poderiam ellas dispôr, como o praticára tão facilmente o seu antecessor, julgou melhor attaca-las de frente, e destrui-las completamente.

Foi dissolvida a academia por ordem do vice-rei, e recolhidos a cadeia os seus principáes membros, e entre elles Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, que se conserváram presos pelo espaço de quasi um anno, sem processo algum ou forma de juizo: quando voltáram á liberdade, era geral o terror, e nem-uma voz ousaria censurar o acto da autoridade, a menos que dezejasse castigo immediato.

Entregou-se desde então Manuel Ignacio da Silva Alvarenga ao estudo e a solidão; viveu ainda sob o governo de outros vice-reis, que substituiram ao suspeitoso conde de Rezende, sem cuidar de outra cousa afóra da poesia; publicou em 1801 a sua *Glaura*; assistio ainda á chegada da familia real, que foragida de Portugal procurava abrigo nas plagas americanas a fim de escapar ás armas de Napoleão; no dia 1º de novembro de 1812 lhe cortou porém a parca cruel os fios da vida, e o arrastou a sepultura.

II.

Dirigio Manuel Ignacio da Silva Alvarenga todas as suas poesias eroticas a sua adorada Glaura, que lhe creára e embellezára a phantasia com todos os

dotes e prendas; fôra Laura a amante de Francisco Petrarca, e tão bellas poesias inspirára ao vate italiano; Laura havia sido a heroina de Manuel da Vega, nos seus deliciosos descantes, sob o nome de Amphryso (10); em imitação a estes poetas, Glaura apellidou-se a deusa que escolhera a imaginação de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, para dedicar-lhe o seu sangue, os seus versos e a sua vida.

Criam sempre os poetas eroticos um ente divino, quando o não ha real para os seus amores; devem adormecer e sonhar ao som da palavra magica; devem pensar e viver, diante da imagem adorada; noites e dias, tardes e manhãs, horas e minutos, é tudo poesia que deslisam os seus labios; é tudo cantico, que lhes salta á mente; é tudo inspiração que recebem; e esta poesia, estes canticos, estas inspirações, ora de exaltado amor, ora de delicias serenas; ora de negros ciumes, ora de incendio voraz; ora de melancolicos suspiros, ora de prazeres alegres; ora de illusões, ora de realidades; ora de dôres, ora de alegrias; esta poesia, estes canticos, estas inspirações, parecem acompanhar o vento, procurando o anjo, cujas graças celebram, cujos attractivos adoram, e cujos amores descantam.

As estrellas, os ventos, a terra, o mar, a lua, o sol, a noite, o dia, os rios e as florestas, tudo interroga Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, pergunta a tudo pela sua Glaura; do alto das montanhas

lança o olhar pela veiga, e pela planicie, e lhes dirige os seus suspiros, para que a planicie e a veiga os transmittam a Glaura; ás margens do rio desfia sons cadentes e melancolicos, para que as aguas do rio os levem aos pés de Glaura; ao soïdo do vento communica os seus quexumes, para que o vento enamorado os deslise aos ouvidos de Glaura; ao sol e á lua, quer resplandeçam com toda a sua magestade, quer merencoriamente se encubram com os seus véos diaphanos, pede protecção, e implora auxilio; como as florestas, julga-se solitario e abandonado; como a noite, considera-se triste e infeliz; como a rola, geme, e com os seus gemidos commove o coração; e acha depois nas estrellas os seus amores, no dia as suas delicias, nas flores os seus perfumes, e em uma palavra qualquer a ventura de toda a sua vida.

Se não tem os poemas eroticos de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga a doçura, a maviosidade e o sentimentalismo terno, melancolico e saudoso das lyras de Thomaz Antonio Gonzaga, se lhes não chegam a competir na harmonia da phrase, na perfeição artistica do verso, e na cadencia e melodia da rima; ha entretanto mais diversidade de tons, mais variedade de movimentos e mais originalidade de expressão : muda Manuel Ignacio da Silva Alvarenga o seu cantico, quando lhe apraz; inspira-se na occasião e no momento, á proporção que lhe falla a ideia enamorada; passa da melancolia ao prazer,

das dôres á alegria; e por esta forma segue vereda differente, que tem tambem os seus prazeres e os seus encantos.

Que bello que é o seu cantico á lua, quando subindo ella ao firmamento, e esclarecendo-o com a sua luz divina, como que amostra o vasto panorama da muda e terna scena, que move a existencia em torno do homem! Como se descrevem poeticamente o palpitar e o estremecer do astro soberbo, que, pallido como o destino, tem vozes que fallam tão directamente ao coração!

Como vens tão vagarosa,
O fermosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar!

Geme, ó Céos! — mangueira antiga,
Ao mover-se o rouco vento,
E renova o meu tormento,
Que me obriga a suspirar!

Entre pallidos desmaios
Me achará teu rosto lindo,
Que se eleva, reflectindo
Puros raios sobre o mar!

Como vens tão vagarosa,
O fermosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar!

Sente Gleura mortáes dôres:
Os prazeres se occultáram,
E no seio lhe ficáram
Os amores a chorar!

Infeliz! Sem lenitivo
Foge timida a esperança,
E me afflige co'a lembrança
Mais activo o meu pesar!

Como vens tão vagarosa,
O fermosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar!

A cansada phantasia
N'esta triste escuridade,
Entregando-se á saudade,
Principia a delirar.

Já me assaltam, já me ferem
Melancolicos cuidados:
São espectros esfaimados,
Que me querem devorar.

Como vens tão vagarosa,
O fermosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar!

O que lugubre gemido
Sáe d'aquelle cajueiro?
É do passaro agoireiro
O sentido lamentar.

Puro amor! Terrivel sorte!
Glaura bella! Infausto agoiro!
Ai de mim! E o meu thesoiro,
Impia morte, has-de roubar?

Como vens tão vagarosa,
O fermosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar!

Como enfeitam côres suaves a este cantico! Que delicioso ruïdo deixa no espirito! Como este vagar

da lua, lento e monotono, derramando ondas de luz sombria e melancolica, é habil e artisticamente desenhado! Como combina com os sentimentos que descreve o poeta, e sentimentos que elle encontra na mesma natureza patria, que o rodeia, sorri-lhe, e o encanta tanto! Estes versos doces e languidos, cadentes e melancolicos, são proprios de um poeta meridional; o som quebrado, o moderado carpir, e os gemidos sonoros reflectem-se n'elles como a physionomia sobre o espelho ou atravêz das placidas aguas do lago, quando battido pelas azas do cysne: segue o poeta methodo egual em outros canticos, desfia as mesmas harmonias, e espalha a mesma doçorosa poesia; como sensibilisam os seus sentimentos no cantico seguinte, que dirige á sua lyra!

N'este loiro pendurada
Ficarás, ó doce lyra,
Onde o vento que respira
Te fará soar de amor.

Feras, troncos e rochedos,
Já moveste de ternura;
Só de Glaura sempre dura
Não abrandas o rigor.

Adeus, lyra desgraçada,
Consagrada ao triste amor!

Plantei n'alma o puro agrado,
Que pendia dos teus olhos:
Vi nascer crueis abrolhos,
Em logar de terno amor.

Estes bosques, estas fontes,
Estas flores, este prado,

Tudo, ó Céos! vejo mudado,
Tudo sente a minha dôr.

Adeus, lyra desgraçada,
Consagrada ao triste amor!

Quando com a sorte da roseira copada e esbelta compara o poeta a sorte da sua Glaura, uma ingrata, formosa e barbara, e a outra galante, cruel e ferina, quantos sentimentos delicados não deposita na alma do leitor!

Ah! roseira desgraçada
Dedicada
Aos meus amores,
Tuas flores
Mal se abriram
E cahiram
De pesar.

Quando Glaura me dizia
Que era sua esta roseira,
De esperança lisongeira
Me sentia consolar.

Mas a sorte, que invejosa
Este alivio não consente,
Não ha mal que não invente,
Rigorosa em maltratar.

Ah! roseira desgraçada!

Da risonha primavera
Esperei os bellos dias;
Glaura... o dôr!... os teus cabellos
Quem podera coroar!

Já não vives, ó que magoa!
E a roseira, que foi tua,
Eu a vejo esteril, nua,
Junto d'agua desmaiar!

Ah! roseira desgraçada!

Parca iniqua, atroz, funesta
Era teu infausto agoiro!
Já levaste o meu thesoiro,
Mais não resta que roubar.

Nem as flores permittiste...
Oh! que barbara impiedade!
Fica só cruel saudade,
Fica o triste suspirar!

Ah! roseira desgraçada!

De seus ramos a belleza
Era o mimo d'estes prados:
Move ago·a, oh impios fados!
Da tristeza a lamentar.

Horrorosos são meus males;
Tudo encontro em nevoa escura,
Vem commigo a desventura
Estes males assombrar.

Ah! roseira desgraçada
Dedicada
Aos meus amores,
Tuas flores
Mal se abriram
E cahiram
De pesar.

Assemelha-se a queda ou ruído do verso ao correr brando e doçoroso do regato, ou ao gemido vago e sombrio do vento. Como o pensamento e a ideia são as phrases tristes, suaves e languidas. Exprime-se o sentimento com a palavra, e morre com a palavra, sendo uma a imagem perfeita do outro.

Entretanto muda o poeta o painel, logo que lhe apraz; passa da dôr á alegria, da angustia ao prazer : ou Glaura lhe sorriu, e n'este sorriso viu elle vida nova; ou pretende abandonar Glaura, e emquanto se resolve, vôo prazenteiro embebe-se-lhe pelo espirito, e imagina um espectaculo de ventura, que o leva a exprimir immediatamente as suas impressões já metamorphoseadas; amante feliz e alegre deixa a lida triste pela doce calma, entrega alma á ventura, e ancia ser transformado em beija-flor, que lhe parece simbolisar a felicidade.

Todo o corpo n'um instante
Se atenúa, exhala e perde :
É já de oiro, prata e verde
A brilhante e nova côr.

Vejo as pennas e a figura,
Provo as azas, dando giros,
Acompanham-me os suspiros,
E a ternura do pastor.

E n'um vôo, ave ditosa,
Chego intrepido até onde
Riso e perolas esconde
O suave e puro amor.

Que variedade de canticos! Quantos ineffaveis prazeres não derrama a leitura d'esta poesia indolente, e ao mesmo tempo arrebatadora! E não é sómente delicioso este genero de poesia, quando se transmitte em versos octosyllabos, pelos quáes o apertado da rima, a estreiteza do phraseado e o li-

geiro da expressão ajudam o poeta, aceitam-lhe o pensamento, e o traduzem felizmente com a precisa melodia; não ha um rondó, que não seja lindo e perfeito; o da lembrança saudosa, o do beija-flor, e o da serpente, encantam e extasiam. Manuel Ignacio da Silva Alvarenga usou tambem, para traduzir as suas ideias eroticas, de versos endecasyllabos, entremeiando-os de versos menores, e conseguiu resultado excellente; para exemplo sirvam os canticos seguintes.

Dryade, tu, que habitas amorosa
Da mangueira no tronco aspero e duro;
Ah! recebe, piedosa,
A grinalda, que terno aqui penduro;
Pela tarde calmosa,
Glaura saudosa e bella,
Te busca, e vem com ella mil amores;
Mil suspiros te deixo entre estas flores.

Folha por folha, e cheio de ternura,
Beijarei esta angelica mimosa,
Beijarei esta rosa,
Que hão-de adornar de Glaura a fermosura.
Ah! ventura! ventura!
Commigo sempre esquiva!
Mostra-te compassiva a meus amores;
Beije Glaura estas flores,
E os encontrados beijos
Dêem novo e puro ardor aos meus desejos.

O sombra deleitosa,
Onde Glaura se abriga pela sesta
Emquanto o ardor do sol os prados cresta;
Ah! defende estes lyrios, e esta rosa,

E si a nympha mimosa
Perguntar quem colheu as lindas flores,
O sombra deleitosa,
Dize-lhe que os amores,
E a timida ternura
Do pastor namorado, e sem ventura.

III.

Primou tambem Manuel Ignacio da Silva Alvarenga em outros poemas de maior grandeza; escreveu algumas odes que revelam um engenho apurado, e ideias poeticas de valor e inspiração elevada; tem poesias satyricas, que merecem tambem uma menção especial e honrosa, e que não são titulos menores de gloria para o seu auctor, do que os canticos bellos e maviosos de que nos temos occupado.

Bastante elevação nas ideias, e alguma dignidade nos pensamentos exprime a ode que Manuel Ignacio da Silva Alvarenga dirigiu á mocidade portugueza! Imagens ousadas, linguagem austera e uma appropriada e energica versificação a caracterisam : o principio corresponde ao fim; a ideia geral é vasta, bem comprehendida, e desenvolvida perfeitamente; ha versos cuja paternidade não recusariam os melhores versificadores : abre elle as primeiras paginas d'essa sua composição com rosto severo, mas benevolo, com inspiração ousada, mas benigna e bondadosa.

A fastosa indolencia
Tarda preguiça, e molle ociosidade,

Tiveste por sciencia,
Infeliz lusitana mocidade!
Viste passar, cahindo de erro em erro,
Barbaros dias, seculos de ferro.

Parece não tocada
A areia, que já foi por tantas vêzes
Com o mar regada
Dos sabios, dos antigos Portuguezes,
Que em premio das fadigas alcançáram
Os verdes loiros, de que a frente ornáram.

Com felicidade descreve a decadencia da moral, a corrupção do seculo, a ruina da patria, e os triumphos da superstição e da ignorancia: usa de traços vivos e indeleveis, e exclama enthusiasmado:

E vós, ou vos criasse
A nobre Lysia no fecundo seio,
Ou já vos convidasse
Amor das lettras no regaço alheio,
Cortando os mares desde as praças, onde
O oiro nasce, e o sol o carro esconde.

Pisai, cheios de gosto,
Da bella gloria os asperos caminhos,
Em quanto volta o rosto,
O fraco, e o inerte, á vista dos espinhos;
E fazei que por vós inda se veja
O imperio florescente, e firme a egreja.

Enchei os ternos votos
Da nascente esperança portugueza;
Por caminhos remotos
Guia a virtude ao templo de grandeza:
Ide, correi, voai, que por vós chama
O rei, a patria, o mundo, a gloria e a fama!

Logrou Silva Alvarenga uma nomeada mais es-

tensa, descantando amores alegres e faceis, e saudosos e tristes amores, como os antigos trovadores, que, apóz a sua dama adorada, corriam de castellos em castellos, suspirando em romantico ataúde hymnos variados, e já nos rotos andrajos de peregrino, já cobertos com o manto de religioso e eremita, já cingindo espada e elmo, peitos d'aço, e escudo de guerreiro, deixavam de si eterna toada, e memoria indelevel; sabia porém arrancar da lyra mais graves vôos fortes e elevados; não sabia descrever sómente as fontes e os prados, os rios e as arvores, as flores e os fructos, a terra e o clima da sua querida patria, accompanhando a frauta deliciosa de Diogo Bernardes e de Rodrigues Lobo: trocava tambem as vestes do pastor, para elevar-se ao gráu de discipulo de Pindaro, e tangia com felicidade egual a lyra, o ataúde e a frauta.

Merecia-lhe de certo Luiz de Vasconcellos e Souza canticos de gratidão; Manuel Ignacio da Silva Alvarenga não faltou ao seu dever, e entre diversas composições uma lhe dedicou, que realça tanto pela magestade do pensamento, e dignidade da expressão, como pela energia e suavidade do verso; havia sido o vice-rei protector do recolhimento das meninas desvalidas, denominado Nossa Senhora do Parto; aproveita o poeta este acto de religião e de humanidade de Luiz de Vasconcellos e Souza, para lhe tecer os elogios merecidos. Que poesia nobre, elegante e sincera! É a alma que falla, é o coração

do poeta que se revela com toda a suavidade de sua pureza, e toda a extensão da escala musical e poetica, que o aprimora.

De que servem á fraca humanidade
Esses de falsa gloria monumentos?
    Insultados dos ventos
Estereis passarão de edade á edade;
Qual Gelboé, que o Céo não abençoa,
E só d'aridas pedras se povoa.

Tu, sim, com gloria ao mundo, e aos Céos aceito
Te elevas, firme asylo da innocencia!
    Tua magnificencia
Co'as virtudes se abraça em laço estreito;
Estes não são os muros, aonde dorme
A vã superstição, e o vicio enorme!

Eu te admiro, qual arvore frondosa,
Que, novos fructos produzindo, cresce;
    Por ti risonha desce
Suave primavera deleitosa;
Nem temas que te roube astro maligno
O orvalho creador do Céo benigno.

Em vão gelado inverno estenda as azas
Sobre o carro de Boreas procelloso;
    Em vão o cão raivoso
Chammas espalhe nas celestes casas;
Sempre illesa serás, segura, eterna!
Quanto se deve á mão que nos governa!

O generosa mão, que não desmaias,
No meio das fadigas! Ou dos montes
    Desçam as puras fontes;
Ou fuja o mar infesto ás nossas praias;
Ou a peste horrorosa, magra e escura,
Ache no antigo lago a sepultura.

As artes se levantam apressadas,
E alegres a colher a flor e o fructo;
E as Musas por tributo,
Enlaçando corôas engraçadas,
Mandam nas azas do ligeiro vento
Hymnos de paz ao claro firmamento.

Doce paz! Ah! não fujas! — Longos annos
A guerra a outros campos homicida
Semeie enfurecida
Co' a mão ensanguentada os mortáes damnos;
E emtanto no seu bosque alto e sombrio,
Descanse em urna d'oiro o patrio rio.

Escreveu o poema ás Artes em elogio da rainha Dona Maria I : é a descripção dos progressos das sciencias e das artes no seu reinado, e prima pela variedade de conhecimentos : a ode a Affonso de Albuquerque, si bem se não eleve á sublimidade da que escreveu Francisco Manoel do Nascimento sobre o mesmo assumpto, brilha todavia por alguns pensamentos nobres; a do marquez de Pombal tem estrophes que honram qualquer poeta.

Além de se mostrar Manuel Ignacio da Silva Alvarenga litterato profundo, e um critico de gosto apurado, pelas diversas memorias que escreveu a respeito da litteratura e da poesia, as quáes merecem as honras da leitura; compôz tambem dous poemes facetos, em que mostra o sal de Horacio á par das graças de Nicoláu Tolentino; foi um dirigido contra os vicios, que descreve e censura; tinha por titulo outro *o Desertor das lettras*, e si bem que justamente não devam ser comparados com o admiravel

Hyssope de Antonio Diniz da Cruz e Silva, tem todavia algum merecimento litterario, e demonstram o espirito fino e a erudição do seu auctor : é quantas agradaveis allegorias produziu o seu engenho! Como se esforçou de imitar a Ovidio! É o *Templo de Neptuno* uma pedra preciosa roubada aos poetas latinos do seculo de Augusto. A mythologia, com os suas terrestres ficções e graças artisticas, reapparece n'elle brilhante, e ao mesmo tempo singela, como foram as eras gregas; é o *Templo de Neptuno* uma allegoria fina, e que merece ser comparada com as poesias fugitivas de Goethe, quando segue este poeta as formulas das litteraturas mortas. A *Gruta americana*, outra allegoria tão pittoresca e tão graciosa de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, tendo por base e fundamento um assumpto brazileiro, cobre-se com as vestes das canções romanas, toma-lhes as graças, e rouba-lhes quasi o colorido; é de certo a *Gruta americana* uma composição habilmente concebida, desenvolvida maviosamente e poeticamente acabada. Como são bellas as descripções do valle e do rio mineiro, ainda que seja o velho pai das Nymphas quem esteja a brincar com as palhetas de oiro e os magnificos diamantes, que se arrancam das suas entranhas! Que elegancia de phraseologia! Quanta profusão de riquezas descriptivas! As arvores do Brazil, os seus animáes, e os seus passaros multicôres, apparecem na magestosa natureza com que foi brindado o solo; o poeta,

depois de patentear a immensidade das riquezas naturáes do Brazil, finda por esta forma :

> Ide, sinceros votos,
> Ide, e levai ao throno lusitano
> D'estes climas remotos,
> Que habita o forte e adusto Americano,
> A pura gratidão e a lealdade,
> O amor e o sangue, e a propria liberdade.

Não duvidou o eloquente e erudito auctor da *Historia das litteraturas meridionáes da Europa* (11) mencionar o nome de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga no numero dos poetas da primeira ordem que illustráram a nação portugueza; este juizo de auctoridade tão recommendavel, e tão competente, demonstra mais do que qualquer elogio nosso a superioridade do engenho poetico de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga; nem é elle esquecido pelos senhores Adriano Balbi (12) e Fernando Denis (13) nos seus interessantes escriptos sobre Portugal e Brazil; e si estranhos admiram a belleza das suas poesias, o que farão nacionáes, que, além de elevados pensamentos, deparam n'ellas uma melodia de dicção, que só podem nacionáes apreciar devidamente?

Alguns defeitos se deparam no cantico mavioso que dirige ao mez de dezembro; mas não extasia e encanta o seu variado colorido? Como fechar-se olhos e ouvidos, quando a harmonia musical do verso, e a suavidade pura e innocente dos pensa-

mentos vão impressionando e exaltando os olhos e ouvidos?

> **Já dezembro mais calmoso**
> **Preguiçoso o giro inclina;**
> **Illumina o sol rotundo,**
> **Quer o mundo incendiar.**
>
> **Vem, pastora, aqui te esperam**
> **Os prazeres d'este rio;**
> **Onde o sol e o secco estio**
> **Não poderam penetrar.**
>
> **Nuas graças te preparam**
> **A conchinha transparente,**
> **O coral rubro e luzente,**
> **Que buscáram sobre o mar.**
>
> **Já dezembro mais calmoso**
> **Preguiçoso o giro inclina;**
> **Illumina o sol rotundo,**
> **Quer o mundo incendiar.**
>
> **Entre os mimos e a frescura,**
> **Entre as sombras, e entre as agoas,**
> **Do pastor as tristes magoas,**
> **E a ternura has-de encontrar.**
>
> **Pelo golfo curvo e largo,**
> **Apparece a deusa bella;**
> **Ora a vaga se encapella,**
> **Ora o pargo surge ao ar.**

Não são unicamente palavras musicáes, sonoras e melodiosas as que emprega o poeta, como grande artista e musico que é; ha tambem ahi abundante, fresca e bella poesia, que denuncia uma phantasia doirada, e uma imaginação creadora; poesia que sahe d'alma, revela sentimentos d'alma, e falla a todas as fibras do coração humano.

NOTAS.

(1) Estas cartas de lei só dizem respeito aos indigenas do Grão Pará e do Maranhão.

(2) Monsenhor José de Souza Azevedo de Araujo Pizarro, tomo II, segunda parte das *Memorias historicas*. Convém entretanto dizer que uma memoria historica de Claudio Manuel da Costa dá no anno de 1719, e não no de 1718, a creação da villa de São João d'ElRei. Uma historia corographica da capitania de Minas, por José Joaquim da Rocha, attribue-a no anno de 1713, sendo governador Dom Braz Balthasar da Silveira; Manuel Ayres do Casal, emfim, na Corographia Brasilica, tomo I, allega que teve logar em 1712 : quantas diversas opiniões! Nos seguimos a de monsenhor Araujo Pizarro por nos parecer mais bem fundada.

(3) Era a que estabeleceu o bispo do Porto Dom Fernando Correia de Lacerda.

(4) Foi creada por Dom Antonio Alvares da Cunha em 1647, e renovada em 1685.

(5) Era a que o conde de Ericeyra Dom Francisco Xavier abrira em sua livraria no anno de 1696.

(6) Creada em 1663 e presidida por Sebastião da Fonseca.

(7) Creada em 1664.

(8) Instituidas no fim de seculo XVII; tiveram todas existencia curta.

(9) Creada em 1716 por Ignacio de Carvalho Souto Maior.

(10) *Laura de Amphryso, poemas eroticos de Manuel da Vega.*

(11) Sismonde de Sismondi, *Histoire des littératures du midi de l'Europe*, t. IV.

(12) *Statistique de Portugal*, par Adrien Balbi.

(13) *Histoire de la littérature portugaise*, par Ferdinand Denis.

V.

JOSÉ BASILIO DA GAMA.

I.

Uma das expedições que nos ultimos annos do seculo decimo setimo dirigiram os Paulistas e Taubatenos para os immensos sertões que formavam então o interior da capitania de São Vicente, e que são parte actualmente da provincia de Minas Geráes, estabeleu-se nas margens do rio das Mortes, capitaniada pelo industrioso João de Serqueira Affonso: pelo anno de 1718 foi elevado o arraial que fundáram aos foros e categoria de villa, com o nome de São José, precedendo apenas de dous annos á creação da nova capitania de Minas Geráes: nada tem de notavel esta villa afóra de possuir a mais bella e magestosa matriz de todas da provincia, e de lograr a gloria de haver nascido José Basilio da Gama dentro do seu recinto no anno de 1740.

Quem fôra seu pai? D'onde procedêra? Nem um biographo no-lo havia ditto; affirmava uma tradição que fallecêra seu pai apenas nascêra elle, descendendo de pobres sertanejos, companheiros de João de Serqueira Affonso, cuja maior copia eram Por-

tuguezes que procuravam fortuna; accrescentava outra tradição que ficára entregue o infante aos cuidados da sua desgraçada mãe, que nem meios tinha de subsistencia para si, quanto mais para crear e educar um filho!

Acham-se porém hoje inteiramente esclarecidos estes pormenores. Obtivêmos dos seus proprios parentes documentos comprobatorios de ser José Basilio da Gama filho legitimo de Manoel da Costa Villasboas e de Dona Quiteria Ignacia da Gama, pertencentes ambos a familias illustres e importantes de Minas Geráes, e que se ufanavam de descender de fidalgos conhecidos que possuiam solar e quinta em Barcellos desde o tempo d'ElRei Dom Pedro I de Portugal e que se haviam distinguido em guerras e governos.

Foi José Basilio da Gama enviado pela sua familia para o Rio de Janeiro, e recommendado aos cuidados do brigadeiro José Fernandes Pinto de Alpoim, que, no intuito de melhor desenvolver os seus estudos, o entregou na edade de quinze annos á Companhia de Jesus, cujas aulas passavam pelas mais frequentadas e instruidas.

Quatro annos havia que José Basilio da Gama se conservava no collegio dos Jesuitas, quando chegáram as ordens terminantes que expedira o marquez de Pombal para se executar nos dominios do Brazil o decreto real, que desnaturalisava e bania de todo o territorio da monarchia portugueza os

membros da Companhia de Jesus. Os Jesuitas professos, e aquelles noviços e irmãos que se não desligáram da Companhia, foram lançados por ordem do governo a bordo de navios, e mandados para os portos da Italia. Preferio José Basilio da Gama, que não passava ainda do gráu de noviço, abandonar o habito e continuar os seus estudos no seminario episcopal de São José, creado pela provisão do bispo Antonio de Guadelupe, datada de 3 de fevereiro de 1739. Os seus valiosos estudos, os talentos que já mostrava, e um comportamento brioso e digno, attrahiram-lhe amizades, ás quáes se mostrou agradecido durante toda a sua vida; estimava-o e protegia-o muito Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, governador e capitão general das capitanias do Rio de Janeiro e do Sul do Brazil; manifestava-lhe amizade o bispo Dom Antonio do Desterro, que succedêra na mitra a Dom Antonio de Guadelupe; continuava o brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim a dar-lhe provas de protecção decidida.

Veio porém um fatal acontecimento perturbar esta vida pacifica, serena e estudiosa; mortificado com os desastrosos successos da colonia do Sacramento, que fôra sitiada e tomada pelos Hespanhões, baixou Gomes Freire de Andrade á sepultura no 1° de janeiro de 1763 : tributava-lhe José Basilio da Gama a maior affeição e amizade sincera; enluctou-o este golpe, e com quanto no governo interino da capitania entrassem dous dos seus outros protec-

tores, implorou d'elles e da sua familia em Minas, a graça de o deixarem partir para Lisboa, e cursar as aulas da universidade de Coimbra.

Dirigio-se com effeito para a capital da monarchia lusitana; apesar das recommendações que a seu respeito mandáram seus pais e protectores do Rio de Janeiro, viveu como que abandonado, por que consideravam-no jesuita, embora houvesse largado o habito; e era a marcha das cousas, que a celeuma levantada contra esta famosa Companhia, e que causára a sua abolição, continuava no ardor da sua marcha, não sendo chegada ainda a epocha da reacção: haviam-se os animos indisposto e exaltado contra a Companhia a ponto de ninguem ousar combater as ideas que grassavam contra os Jesuitas, e menos ainda de tomar parte qualquer, indirecta ainda, em favor d'elles. Era crime oppôr-se á tendencia dos acontecimentos, salvar ou proteger os indiciados de cumplicidade, e ser mesmo suspeito de nutrir sympathia pelos Jesuitas que haviam sido expellidos dos dominios de Portugal.

Era joven José Basilio da Gama : sabia porém já soltar alguns vôos poeticos : começou a dirigilos aos seus protectores do Rio de Janeiro : foi admirado o seu engenho nas exequias faustosas do conde de Bobadella; deu logo esperanças de um futuro brilhante; como a flor em botão que já rescende aroma, murmurava assim aquelle talento desde os seus primeiros annos canticos suaves, que

eram como as frestas, por onde se poderia divisar um porvir glorioso.

Dizem as chronicas dos Jesuitas, que foram elles que o arrancáram da miseria e abandono que soffria em Lisboa, para o levarem para Roma, aonde gozavam ainda de influencia : não sabemos si por amor d'elles foi empregado na capital do mundo catholico em um seminario de instrucção. É certo que abrio relações com pessoas gradas, gozou de fama, e obteve entrar, em 1763, com o nome de Termindo Sepilio, para a Arcadia de Roma, que fôra fundada em 1690 por João Gravina, Mario Crescimbeni e Vicente Fellicaia para o aperfeiçoamento do gosto litterario e progresso das sciencias e das artes.

Não se accommodava no entretanto o seu espirito com a monotonia e uniformidade da vida que passava: tinha visto Roma; admirado os seus portentosos monumentos; beijado o pó immortal de uma terra tão heroica e sagrada; descido ás catacumbas, ou antes, ao templo glorioso dos primeiros christãos, martyres da sua fé; provado da agua triste e escura do rio solitario, e outr'ora tão celebrisado, que banha os pés do Capitolio e da rocha Tarpeia, humedece o castello de Santo Angelo, e vê de longe susurrar de um lado o templo de São Pedro ligado ao palacio do Vaticano, e do outro o Colyseo, os arcos de triumpho, e essa praça famosa, aonde echoavam com toda a força e enthusiasmo dos antigos Romanos a voz de Cicero, de Crasso e de Cotta;

assistido ás festas sumptuosas que costumava dar o pontifice veneziano Clemente XIII, que em 1758 succedêra na tiara romana ao papa Benedicto XIV: tinha presenciado emfim a elevação do cardeal João Vicente Ganganelli ao throno pontifical, no dia 19 de maio de 1769!

Que desejos ou ambição poderia elle nutrir, entregue como estava a os trabalhos de um seminario, quando lhe ardia a imaginação de produzir cousas que o immortalisassem? Distante da patria, e longe de Portugal, não se lhe podia abrir livremente a carreira da gloria.

Preferiu abandonar Roma, e para se não tornar suspeito, dirigio-se para Napoles, seguindo d'ahi para Portugal : pouco tempo se demorou ali, por lhe faltarem os meios de subsistencia; regressou logo depois para o Rio de Janeiro.

Constituia então o Brazil um governo homogeneo e centralisado, á cuja testa estava o marquez de Lavradio, com o titulo de terceiro vice-rei, residindo na cidade do Rio de Janeiro, que fôra elevada a capital de todo o Estado portuguez da America.

Com a protecção que déra aos Jesuitas o pontifice antecessor de Clemente XIV mais se havia exacerbado o governo do marquez de Pombal, que os expellira dos dominios portuguezes; ordens muito terminantes existiam por toda a parte contra os restos dispersos da illustre Companhia : apenas desembarcou no Rio de Janeiro, foi José Basilio da

Gama denunciado como jesuita, preso immediatamente, reembarcado a bordo de um navio de guerra, e remettido para Portugal.

Como lhe corrêra a vida desgraçada desde a sua infancia! Quantos trabalhos, quantos encommodos, quantos soffrimentos, o acompanhavam por toda a parte para onde se dirigiam os seus passos! Como é diversa esta existencia humana e quão differente em cada uma creatura! Aquelle sorrí a vida entre jardins de flores; a este o negro fantasma da desgraça, e o triste veneno da miseria, seguem e carcomem desapiedadamente!

Chegando preso a Lisboa, viu-se obrigado, para ser solto e livre, a assignar no tribunal da Inconfidencia um termo de partir no prazo de seis mezes para Angola, de onde não poderia sahir sem ordem do governo.

Era a potestade maior do tempo o marquez de Pombal; reinava Dom José I, mas não governava; acostumára-se a sua indole á direcção energica e illustrada, que á tanto tempo dava aos negocios publicos o seu secretario d'estado, e o seu amigo. O habito governa o homem : Dom José I de Portugal representava Luiz XIII de França, e reflectia o marquez de Pombal a imagem do cardeal de Richelieu : muitos beneficios deviam porém os dominios portuguezes ao ministro, que fizera surgir sobre as ruinas de uma Lisboa velha e decrepita outra Lisboa nova e bella, e que olhava com olhos eguáes para

as terras da America, que não differençava, pela sua situação, d'aquellas que a monarchia possuia na Europa! Quanto lhe não era o commercio obrigado, por ter-lhe arrancado dos braços as algemas que o manietavam ao nascente colosso da Inglaterra?

Corria então o anno de 1773, e havia transpirádo em Lisboa a noticia de que pela bulla pontifical de 21 de julho do mesmo anno acquiescêra emfim o papa Clemente XIV ás exigencias de Portugal, França e Hespanha, abolindo a Companhia de Jesus: conseguira emfim o ministro os seus intentos, e via realisados os seus esforços.

A José Basilio da Gama luzio idea feliz de salvar-se do seu xilio d'Africa; para que o aquinhoára a natureza com imaginação doirada? E que objecto mais inspirador do que o espectaculo do reino, que se levantava á voz do ministro, como haviam obedecido as aguas do mar Vermelho ao mando de Moysés? Compôz um epithalamio que dirigio á filha do ministro, em louvor do consorcio que ella celebrára: de envolta com elogios delicados que fazia aos dotes da noiva, pintava a grandeza e heroismo do pai, e agoirando para a sua familia e para Portugal muitos venturas e delicias, terminava exclamando:

Eu não verei passar teus doces annos,
Alma de amor e de piedade cheia;
Esperam-me os desertos africanos,
Aspera, inculta e monstruosa areia...
Ah! tu faze cessar os tristes damnos,
Que eu já na tempestade escura e feia...

Mas diviso, e me serve conforto
A branca mão que me conduz ao porto!

Leu estes versos o marquez de Pombal; ouvio as vozes do requerente, e desejou vê-lo : agradou-se tanto de seus talentos, que lhe perdoou o exilio, e pela portaria de 25 de junho de 1774 o nomeou para o logar de official da secretaria d'estado dos negocios do reino, e por vêzes, durante o seu emprego, lhe fez a honra de o chamar para os trabalhos do seu gabinete (1).

Correu pacifica então a sua existencia, garantida pelos ordenados do seu emprego : agradeceu a seu novo protector, dedicando-lhe grande parte das suas composições poeticas. Entre os trabalhos que lhe tocavam, e as inspirações que lhe offerecia a sua musa querida, dividiu o seu tempo : escreveu algumas tragedias, que se não imprimiram; um poema intitulado *Quitubia*, em louvor de um chefe africano, que em auxilio dos Portuguezes praticára varios actos de valentia contra os Hollandezes, quando estes povos invadiram os dominios coloniáes da Africa portugueza; um cantico aos Campos Elysios, em que aproveita a occasião para elogiar a união da familia dos condes da Redinha com a familia do marquez de Pombal : foi debaixo da influencia e amizade d'este ministro, a quem tanto devia José Basilio da Gama, que começou e terminou elle o seu poema de *Uruguay*.

Morreu em 1777 Dom José I; succedeu-lhe sua filha Dona Maria I, que demittiu dos seus empregos

ao marquez de Pombal, e mandou-lhe ordem para que se retirasse para a solidão da sua quinta, e vivesse ahi longe da côrte; entregou a sua confiança aos inimigos do governo preterito, e direcção nova e muito differente deu á administração publica. Não abandonou o seu culto José Basilio da Gama; como guardára lembrança indelevel dos seus primeiros protectores Gomes Freyre de Andrade, e José Fernandes Pinto de Alpoim, conservou illesa e pura a memoria do marquez de Pombal; ousou mesmo affrontar a reacção que começava, escrevendo versos em seu elogio, no momento em que era crime attribuir beneficios ao homem respeitavel, e consumado estadista, que déra em Portugal um impulso gigantesco ás artes, ás sciencias e ás lettras, e que abríra ao commercio e riqueza publica novos desenvolvimentos, protegendo e animando a agricultura e a industria.

Ao passo que Antonio Diniz da Cruz Silva e outros poetas affamados da epocha ou queimavam incenso sobre os altares das novas potestades, ou se reduziam ao silencio, exclamava José Basilio da Gama:

Não o vil interesse de oiro ou prata,
Não a esperança de honras,
A minha voz levanta! Nem da plebe,
De subitas catastrophes amiga,
As tumultuosas ondas me arrebatam:
É só, é só a gloria,
É o amor da virtude, que me inflama:
De balde os mares turbidos co' o vento,
Que brama e ronca ao longe,
Tentam com furia enorme a immovel rocha,

Que o grosso solo d'agua estala e quebra
Sobre o fixo cachopo alcantilado;
Em vão no ar saltando
Em crespa e branca espuma cahe desfeito.

Magnanimo marquez, tu com sereno
Intrepido semblante,
Encarando a fortuna, rugir ouves
De ingratidão o monstro abominavel;
Tu com placido espirito olhas, cercado
De imposturas e affrontas
Satyras vis de petulantes momos.

. . . .

. . . .

. . . .

Almas eu vejo de remorsos cheias,
Co' as mãos tapando o rosto,
Confusas esconderem-se aos meus versos.
Com-vósco fallo, ó vós, ao braço ingratos
Que ás honras vos subio de alga e lodo:
Tremei, tremei, indignos,
Ouvindo a voz terrivel da verdade.

Foi preciso abandonar o seu emprego, e como Jacob, recomeçar a escada dos seus trabalhos : ao seu poema do *Uruguay,* que, alguns annos antes se publicára, appareceram então respostas ditas dos Jesuitas, que appellidavam o poeta de ingrato e traidor: quando para desvanecer semelhantes epithetos bastava o seu brioso comportamento em relação ao illustre desterrado que nome déra, e nome immortal, ao reinado de Dom José I : bastava sentir palpitar dentro do peito de José Basilio da Gama o coração agradecido, que, no meio dos transes arriscados, e em perigosas crises, jamais deixou de tri-

butar respeito e saudade a seus bemfeitores : que importa que censurasse o comportamento dos Jesuitas do Paraguay, quando tratava da direcção que a Companhia dava á missão que n'aquelle ponto estabelecêra e fundára? Não podia estimar particularmente aquelles padres, que o abrigáram no Rio de Janeiro, e de quem apprendêra os primeiros rudimentos litterarios; mesmo aquelles que em Roma o protegeram; e entretanto reprovar alguns actos da Companhia, e as suas modernas tendencias ao dominio exclusivo, tendencias que iam de encontro ao fim e intenções beneficas e religiosas do seu fundador e dos seus primeiros directores?

Alvo de intrigas e de odios, julgou prudente José Basilio da Gama retirar-se para o Rio de Janeiro, e fixar a sua residencia n'esta cidade.

Era então o vice-rei do estado do Brazil Luiz de Vasconcellos e Souza; occupava o bispado do Rio de Janeiro Dom José Joaquim Justinianno Mascarenhas Castello Branco; acolheram ambos com selecta distincção a José Basilio da Gama, que, sob tão valiosa protecção, gozou ainda de alguma tranquillidade : ligou-se José Basilio de Gama em estreita amizade com Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, lente de rhetorica no Rio de Janeiro, e muito estimado do vice-rei, poeta como elle illustre, e litterato consciencioso e instruido, e que haviam ambos nascido na capitania de Minas Gerâes, em villas collocadas na distancia de duas leguas uma da outra.

Levados de egual enthusiasmo, e de purissimas intenções, instituiram elles no Rio de Janeiro uma academia litteraria, modelada segundo as formas da Arcadia romana, e contando no seu seio as pessoas mais illustres e engenhosas.

A instancias de Luiz de Vasconcellos concedeu-lhe então a rainha Dona Maria I o titulo de escudeiro fidalgo de sua casa por carta regia de 6 de agosto de 1787 (2).

Mas a Luiz de Vasconcellos substituio no anno de 1790 o suspeitoso vice-rei conde de Rezende : não tinha serenado a tempestade para José Basilio da Gama; não estava ainda deliberado nos arcanos indecifraveis da Providencia, que tivessem termo os seus trabalhos.

Foi a sua vida um quasi continuo combate contra a adversidade; que importa que em um ou outro anno, em um ou outro periodo, estivesse o oceano em bonança, dormindo as ondas, e os ventos encadeiados? Fôra loucura fiar-se n'esse fallaz descanso, em que, calma a superficie, borbulhavam porém as entranhas do mar, e de novo deveria d'ellas sahir a desgraça e proseguir a sua carreira!

Ha vidas bem tormentosas! Mereceria a de José Basilio da Gama occupar logar na obra affamada de Israeli (3) ou na chronica de Valeriano Bolzano (4), que tratam dos litteratos e poetas illustres que foram desgraçados na sua existencia terrestre : é uma serie de infelicidades, interrompida apenas, uma

ou outra vêz, como que para dar algum repoiso ao corpo, e consentir-lhe rehaver forças com que podesse resistir aos novos successos que ainda lhe estão reservados.

Temeu o conde de Rezende que se metamorphoseasse a academia litteraria em associação politica; da capitania de Minas tinham chegado os indiciados do crime de rebellião, que alli se tentára, para o fim de emancipar-se a colonia do jugo metropolitano : entre estes accusados figuravam engenhos, como Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto e Domingos Vidal Barbosa : ao conde de Rezende causavam sustos os poetas; parecia-lhe que se não accomodavam esses abrasados espiritos ao viver e sentir socegados das exigencias sociáes; lavrou uma ordem, em que dissolvia a academia litteraria; e como notou bastante descontentamento em alguns, que eram socios d'ella, determinou que se prendessem os que ousavam censurar a sua deliberação, qualquer que fosse a posição, ou a sua importancia, e o modo por que se enunciasse.

Entendeu José Basilio da Gama que não devia conservar-se por mais tempo no Rio de Janeiro; por toda a parte o rodeiavam perigos; e aonde iria a triste e peregrina ovelha que não encommodasse com seus balidos e presença? Aonde descansaria os ultimos dias de vida, que não tivesse mais trabalhos e mais encommodos? Foragido de um lado para ou-

tro, não lhe era permittido repoisar a cabeça até que a morte o viesse buscar para a eternidade! Bem poderia rogar que sobre a campa de sua sepultura se inscrevesse a simples palavra *miserrimus!* porque exprimia em curto espaço toda a historia de sua existencia : na bella sé de Worcester encontra-se um tumulo solitario com este simples epitaphio. Talvêz esse, que alli dorme, não fosse tão infeliz como o auctor do *Uruguay*.

Pensou que Lisboa o poderia ainda acolher na velhice, e para Lisboa dirigiu-se de novo.

Sabe-se que em Lisboa entrou para a Academia real de sciencias como socio do numero, e fôra condecorado com o habito da ordem de Santiago; vivia porém no isolamento e na solidão, e achado de molestias que o obrigáram a ir por vêzes e pelo conselho dos medicos procurar lenitivo nas aguas da Mó, nas visinhanças de Coimbra; trocou emfim a vida de dôres, trabalhos e soffrimentos pela da eternidade e paz celeste, no dia 31 de julho de 1795, na cidade de Lisboa.

Foram depositados os seus restos mortáes na egreja matriz da Boa Hora.

Affirmam as pessoas que o conheceram que era de estatura pequena, rosto trigueiro e caracter jovial e espirituoso.

II.

É José Basilio da Gama auctor de muitas e diversas poesias, de canticos primorosos, de doces e ternos sonetos, e de epistolas engenhosas; compoz versos alexandrinos longos et cumpridos; versos heroicos nobres e alegres, melancolicos e risonhos; versos octosyllabos correntes e faceiros; e o que parece quasi incrivel, primou em quasi todos os generos.

O que porém estabeleceu a sua reputação, e firmou a sua gloria, foi o poema intitulado *Uruguay*, dividido em cinco cantos, escripto em versos heroicos livres, e que, desde que foi publicado, obteve grandes e geráes encomios de todos os litteratos : e com razão, por que denota o mais completo engenho, o mais elevado estro, e a mais pura inspiração de verdadeira poesia, este poema, ou antes este romance em verso : e quando escreve um poeta obra de tamanho valor, para que occuparmo-nos com as suas outras poesias?

Ou pela maviosidade e riqueza das linguas, ou pelo clima feliz que as bafeja, tem Portugal e a Hespanha, de alguns seculos a esta parte, produzido grande numero de poemas em verso, sobre aventuras particulares, factos ou acontecimentos publicos ou nacionáes, vidas de homens illustres e celebres; não são poemas epicos da grandeza da *Jerusalém libertada*, da *Eneida*, da *Iliada*, da *Odys-*

sea, ou dos *Lusiadas;* não pertencem ao mundo imaginario e phantastico que o Oriente transmittiu a Ariosto, a Luiz Pulci, a Matheus Boiardo, ou a Christovam Wieland : é cosmopolita o poema epico, e são raros e organisados especialmente os engenhos que os produzem; é de origem oriental o poema phantastico; são orientáes os seus costumes e vestes : differente, e muito differente, é porém o genero dos poemas de que tratamos, si bem que sejam tambem epicas as suas formulas exteriores; divergem inteiramente na materia intrinseca, e nos seus elementos constitutivos; possuem as linguas portugueza e castelhana os mais bellos e completos d'elles : inauditos esforços tem empregado muitos poetas de outras nações para acclimatar nos seus lares patrios este genero que admitte toda a escala da poesia, desde o sublime e elevado pathetico, até a doce e agradavel pintura dos prazeres domesticos, ou das delicias campestres; genero que tange o ataúde do bardo, a harpa do trovador, a lyra do propheta, e a gaita faceira do pastor.

Conseguiram por fim admitti-lo a mais tempo alguns poetas italianos; e na nossa epocha o puderam acclimatar Walter Scott e varios escriptores inglezes e escocezes.

Entretanto é de confessar que contém bellezas da primeira ordem muitos d'estes poemas-romances portuguezes e hespanhões, ao passo que trazem perfeitamente sellado o caracter nacional.

São verdadeiros thesoiros da litteratura castelhana *a Araucana* de Alonso de Ercilla, *as Navas de Tolosa* de Christovam de Mesa, *a Numantina* de Francisco de Mosquera, *a Invenção da Cruz* de Lopez de Zarate, *o Leão de Hespanha* de Pedro da Vezilla, *a Sagontina* de Lourenço de Zamora, e *a Matéa* de Hipolito Sanz. Encerram admiraveis bellezas *o Cerco de Diu*, e *o Naufragio de Sepulveda* de Jeronymo Corte-Real, *a Elegiada* de Luiz Pereira, *a Zargueida* de Medina de Vasconcellos, *a Ulyssea* de Pereira de Castro, *o Affonso africano* de Mauzinho Quebedo, *a Conquista de Malaca* de Sá de Menezes, *o Condestabre* de Rodrigues Robo, *o Caramurú* de Santa Ritta Durão, *o Camões* de Almeida Garrett, e *o Uruguay* de José Basilio da Gama.

É o poema de José Basilio da Gama a historia das guerras sanguinolentas que em 1756 sustentáram os Portuguezes e Hespanhões, commandados pelo general Gomes Freyre de Andrade, contra os povos indigenas do Paraguay. Não desejavam de certo os padres da Companhia de Jesus que os gentios cathequisados com os seus trabalhos e fadigas, instruidos e moralisados com suas as lições e conselhos; possuindo vastos campos, terrenos ferteis, bellos climas e rios magestosos; defendidos pela immensidade de terras despovoadas que os dividiam dos estabelecimentos europeos; se sujeitassem ao tratado de 13 de janeiro de 1750, estipulado entre as corôas portugueza e hespanhola. Incitáram porém

os Padres da Companhia aos gentios para que pegassem em armas, e se opuzessem á execução do tratado que cedia a Portugal as sete missões estabelecidas na margem esquerda do rio Uruguay?

É para nós ainda duvidosa a questão. Tantos documentos tem os Jesuitas publicado para provarem a sua obediencia ás deliberações e accordo das duas corôas, que de certo dar-lhes-iamos inteiro credito, si não se contrapuzesse o conhecimento, que temos, dos costumes, usos e submissão dos Indios, que não ousariam de certo fazê-lo espontaneamente.

O certo é que não approváram os Padres a convenção dos dous soberanos, e que dirigiram á Hespanha memorias energicas contra a cessão das sete missões.

Não accedendo a Hespanha, marchou o exercito hespanhol e portuguez para obrigar pela força das armas a que se sujeitassem os Indios, entregando a Portugal as terras que recebêra em troca da colonia do Sacramento, com que se ficára a Hespanha.

Aproveita perfeitamente José Basilio da Gama todos estes graves acontecimentos; enriquecendo o seu poema com pinturas délicadas e episodios interessantes, entretem a curiosidade do leitor, e torna-o uma das composições modernas em que mais avulta e brilha o espirito nacional americano, e mais sobresahem as eloquentes descripções d'este

mundo, ainda tão ignorado, e que a fortuna de Pedro Alvares Cabral lhe mostrou em caminho para dar ao seu nome immortalidade!

Começa o poema por cinco versos admiraveis; cinco versos que descobrem logo o engenhoso e nobre enthusiasmo do auctor; cinco versos que são como o portico do edificio, cuja perspectiva encanta e presagia bellezas superiores.

> Fumam ainda nas desertas praias
> Lagos de sangue, tepidos, e impuros,
> Em que ondeiam cadaveres despidos,
> Pasto de corvos. Dura ainda nos valles
> O rouco som da irada artilharia.

Narra o primeiro canto as causas da guerra que se prepara contra os gentios das sete missões do rio Uruguay, que se não querem sujeitar ao tratado de 1750; pelo qual as cedeu a Hespanha a Portugal em troca da colonia do Sacramento; descreve a revista das tropas portuguezas, o seu ardor bellico, e o seu enthusiasmo heroico; pinta o caracter cavalheiroso do general portuguez Gomes Freyre de Andrade, a quem paga o poeta agradecido um tributo de amizade e estima; como soe só dedicar uma alma pura e devotada, e sabe apreciar perfeitamente um coração bem formado: um por um nomeia os chefes inferiores, historia os feitos de sua vida, commemora as suas acções de gloria; entre elles figuram honrosamente aquelles amigos a quem o poeta devia obrigações, e de quem recebera, nos seus

primeiros annos, no Rio de Janeiro, provas de amizade e protecção; poesia abundante, phrases sonoras, gosto delicado, e cabal conhecimento de todos os acontecimentos, revestem este primeiro canto com todo o brilho e primor : que quadros bem assombreados desenha José Basilio da Gama! Que descripções quer de guerreiros, quer de sitios, tão pittorescas e tão bem acabadas?

N'aquelle velho vigoroso e forte,
Que de branco e amarello, e de oiro ornado,
Vem os seus artilheiros conduzindo,
Vês o grande Alpoim (5). Este o primeiro
Ensinou entre nós por que caminho
Se eleva aos céos a curva e grave bomba
Prenhe de fogo: e com que força do alto
Abate os tectos da cidade, e lança
Do roto seio envolta em fumo a morte.
Seguiam juntos o paterno exemplo,
Dignos do grande pai, ambos os filhos.
Justos céos! E é forçoso, illustre Vasco (6),
Que te preparem as soberbas ondas,
Longe de mim, a morte e a sepultura?
Nymphas do mar, que vistes, si, é que vistes,
O rosto esmorecido, e os frios braços,
Sobre os olhos soltai as verdes transas:
Triste objecto de magoa e de saudade,
Como em meu coração, vive em meus versos!
. . . .
. . . .
Porém o rio, e a forma do terreno,
Nos faz não vista, não usada guerra.
Sae furioso do seu seio, e toda
Vai alagando com o desmedido
Peso das aguas a planicie immensa.
. . . .

Tece o emmaranhadissimo arvoredo
Verdes, irregulares e torcidas
Ruas e praças de uma e de outra banda,
Cruzadas de canoas: táes podemos
Co' a mistura das luzes e das sombras
Ver por meio de um vidro transplantados
Ao seio d'Adria os nobres edificios,
E os jardins, que produz outro elemento,
E battida do remo, e navegaveis
As ruas da maritima Veneza.

Reune-se o exercito portuguez sob o commando de Gomes Freyre de Andrade, e marcha n'essas desertas, sombrias e virgens mattas; enviam os gentios dous d'entre si, astutos chefes, a negociar com os Europeus: um d'elles, Cacambo, dirige admiravel falla ao general.

. . . . . . O general famoso,
Tu tens á vista quanta gente bebe
Do soberbo Uruguay a esquerda margem.
Bem que os nossos avós fossem despojo
Da perfidia da Europa, e d'aqui mesmo
Co' os não vingados ossos dos parentes
Se vejam branquejar de longe os valles:
Eu desarmado, e só, buscar-te venho,
Tanto espero de ti. E em quanto as armas
Dão logar á razão, Senhor, vejamos
Si se pode salvar a vida e o sangue
De tantos desgraçados. Muito tempo
Pode inda tardar-nos o recurso
Com o largo oceano de permeio,
Em que os suspiros dos vexados povos
Perdem o alento. O dilatar-se a entrega
Está nas nossas mãos, até que um dia
Informados os reis nos restituam
A doce antiga paz. Si o rei da Hespanha

Ao teu rei quer dar terras com mão larga,
Que lhe dê Buenos-Ayres e Correntes,
E outras, que tem por estes vastos climas;
Porém não pode dar-lhe os nossos povos.
E inda no caso que pudesse dal-os,
Eu não sei si o teu rei sabe o que troca;
Porém tenho receio que não saiba.
Eu já vi a colonia portugueza
Na tenra edade dos primeiros annos,
Quando o meu velho pai co' os nossos arcos
As sitiadoras tropas castelhanas
Deu soccorro, e mediu comvosco as armas;
E quererão deixar os Portuguezes
A praça que avassalla, e que domina
O gigante das aguas, e com ella
Toda a navegação do largo rio,
Que parece que poz a natureza
Para servir-nos de limite e raia?
Será? mas não o creio. E depois disto,
As campinas, que vês, e a nossa terra,
Sem o nosso suor, e os nossos braços,
De que servem ao teu rei? Aqui não temos
Nem altas minas, nem os caudalosos
Rios de arêas d'ouro. Esta riqueza
Que cobre os templos dos bemditos padres,
Fructo da sua industria, e do commercio
Da folha e pelles, á riqueza sua;
Com o arbitrio dos corpos e das almas
O Céo lh'a deu em sorte. A nós sómente
Nos toca arar e cultivar a terra,
Sem outra paga mais, que o repartido
Por mãos escassas misero sustento;
Pobres choupanas e algodões tecidos,
E o arco, e as settas, e as vistosas pennas
São as nossas phantasticas riquezas.

Não pode o general, admirado da nobreza d'esta linguagem e do orgulho cavalheiroso de tão digno

guerreiro, conter a sua emoção; procura embalde chama-lo a si, e sente não conseguir levar a razão a um coração tão magnanimo, a uma alma tão elevada: não podendo effectuar-se nem-uma conciliação, volvem para os seus lares os ardilosos chefes, carregando ricos presentes, com que os mimoseou o general portuguez, e com que lhes ganhou a estima, mas lhes não quebrou os brios altanados. É inevitavel o combate; pela primeira vêz echoou por aquelles montes e valles o som do tambor europeu; pela primeira vêz desenroláram-se as bandeiras portuguezas aos folguedos dos ventos, que susurravam pelas margens do Uruguay: avistam-se os dous exercitos, e resoa por toda a parte o signal do combate; e que riquissima pintura faz o poeta dos gentios?

Saem das grutas, pelo chão cavadas,
Em que até alli de industria se escondiam,
Nuvens de Indios, e a vista duvidava
Si do terreno os barbaros nasciam.
Qual já no tempo antigo, o errante Cadmo
Dizem que víra da fecunda terra
Brotar a cruellissima seára.
Erguem todos um barbaro alarido,
E sobre os nossos cada qual encurva
Mil vêzes, e mil vêzes solta o arco
Um chuveiro de settas despedindo.

É o quadro do combate desenhado com traços fortes e indeleveis: declara-se a victoria pelos Portuguezes; mas o coração accompanha o gentil Baldeta,

caracolando sobre o seu pintado e afogueiado cavallo; e os olhos não deixam as façanhas do valente Tatu-Guassú, mettido em uma pelle de enorme jacaré, e povoando o campo de victimas europeas, que não escapam a destreza de seu braço; e as lagrimas saltam aos olhos, pela sorte do infeliz e valeroso Cepé, quando depois de lucta heroica e tormentosa, exhala o ultimo suspiro da vida no meio de sangue e de cadaveres.

Apóz esse segundo canto vem o terceiro, que é tudo o que ha de mais regular e perfeito no genero descriptivo; analysa-lo seria roubar-lhe as bellezas; historia-lo equivaleria a arrancar-lhe o sentimento e a vida : continúam os Europeos a sua marcha carregados dos tropheos da victoria :

> . . . . até que um dia
> Fizeram alto, e se acampáram onde
> Incultas varzeas por espaço immenso
> Enfadonhas e estereis accompanham
> Ambas as margens de um profundo rio.
> Todas estas vastissimas campinas
> Cobrem palustres e tecidas cannas,
> E leves juncos do calor tostados,
> Prompta materia de voraz incendio :
> O Indio habitador, de quando em quando,
> Com estranha cultura entrega ao fogo
> Muitas leguas de campo : o incendio dura,
> Em quanto dura e o favorece o vento;
> Da herva, que renasce, se apascenta
> O immenso gado, que dos montes desce;
> E renovando incendios d'esta sorte
> A arte emenda a natureza, e podem
> Ter sempre nedio o gado, e o campo verde.

Mas agora sabendo por espias
As nossas marchas, conservavam sempre
Seccas as torradissimas campinas,
Nem consentiam, por fazer-nos guerra,
Que a chamma bemfeitora e a cinza fria
Fertilizasse o arido terreno.
O cavallo até alli forte e brioso,
E costumado a não ter mais sustento,
N'aquelles climas, do que a verde relva
Da mimosa campina, desfallece.
Nem mais, si o seu senhor o affaga, encurva
Os pés, cava o chão co' as mãos, e o valle
Rinchando atroa, e açouta o ar co'as clinas.
Era alta noite, e arrancando, e triste
Negava o céo envolto em pobre manto
A luz ao mundo, e murmurar-se ouvia
Ao longe o rio, e meneiar-se o vento.

Tem logar uma scena que não acha superiores nas mais bellas composições modernas; nem Alexandre Manzoni, nem Fenimore Cooper, nem Adão Mickiewicz, nem Walter Scott, nem Jeronymo Corte-Real, nem Mauzinho Quebedo, nem Alonso Ercilla, e nem Jorge Trissino, imagináram em seus sonhos quadro mais admiravel : é longo citar-se, mas quem pode pintar ao vivo a magica scena que desenha Basilio da Gama, e que tanto caracterisa o heróe d'ella, o Indio Cacambo ?

Acorda o Indio valeroso, e salta
Longe da curva rede, e sem demora,
O arco, e as settas arrebata, e fere
O chão com o pé ; quer sobre o largo rio
Ir peito a peito a contrastar co' a morte.
Tem diante dos olhos a figura
Do caro amigo, e inda lhe escuta as vozes.

Pendura a um verde tronco as varias pennas,
E o arco, e as settas, e a sonora aljava;
E onde mais manso e mais quieto o rio
Se estende, e espraia sobre a ruiva areia,
Pensativo e turbado entra; com agua
Já por cima do peito as mãos e os olhos
Levanta ao céo, que elle não via, e ás ondas
O corpo entrega. Já sabia em tanto
A nova empresa na limosa gruta
O patrio rio, e dando um geito a urna,
Fez que as aguas corressem mais serenas,
E o Indio afortunado a praia opposta
Tocou sem ser sentido. Aqui se aparta
Da margem guarnecida, e mansamente
Pelo silencio vai da noite escura
Buscando a parte d'onde vinha o vento.
Lá como é uso do paiz, roçando
Dous lenhos entre si, desperta a chamma,
Que já se ateia nas ligeiras palhas
E velozmente se propaga. Ao vento
Deixa Cacambo o resto, e foge, a tempo,
Da perigosa luz; porém na margem
Do rio, quando a chamma abrasadora
Começa a alumiar a noite escura,
Já sentido dos guardas não se assusta;
E temeraria e venturosamente
Fiando a vida aos animosos braços,
De um alto precipicio ás negras ondas
Outra vêz se lançou, e foi de um salto
Ao fundo rio a visitar a areia.
Debalde gritam, e debalde ás margens
Corre a gente apressada: elle entretanto
Saccode as pernas, e os nervosos braços;
Rompe as espumas assoprando, e a um tempo
Suspendido nas mãos voltando o rosto,
Via nas aguas tremulas a imagem
Do arrebatado incendio, e se alegrava!
Não de outra sorte o cauteloso Ulysses
Vaidoso da ruina, que causára,

Viu abrasar de Troya os altos muros,
E a perjura cidade, envolta em fumo,
Encostar-se no chão, e pouco a pouco
Desmaiar sobre as cinzas. Cresce em tanto
O incendio furioso, e o irado vento
Arrebata ás mãos cheias vivas chammas
Que aqui e ali pela campina espalha;
Communica-se a um tempo ao largo campo
A chamma abrasadora, e em breve espaço
Cerca as barracas de confusa gente.

Corre Cacambo orgulhoso para os braços da sua bella Lindoya, a receber o premio do seu feito audacioso.

Tanto se apressa que na quarta aurora
Por veredas occultas vio de longe
A doce patria e os conhecidos montes,
E o templo que tocava o céo co' as grimpas.
. . . .
. . . . Quanto,
Melhor lhe fôra acabar co' a vida
Na frente do inimigo, em campo aberto,
Ou sobre os restos de abrasadas tendas,
Obra do seu valor!

Em vêz de amores encontra a prisão e a morte!

Approxima-se o exercito europeo á principal missão dos Indios, e ha outro episodio no quarto canto, que, como o de Ignez de Castro dos *Lusiadas*, ou de Lianor do *Naufragio de Sepulveda*, ou o de Francisca de Rimini da *Divina Comedia*, ou o de Olinda e Sophronio da *Jerusalém libertada*, vivirá em quanto houver gosto litterario; desappareça embora a lingua portugueza; perca este episodio o seu mais bello aroma, transplantando-se para qualquer

outro idioma; traduzido será ainda e eternamente admirado pelo pathetico que encerra, pelas pinturas sentimentáes que o adornam, e pela poesia que lhe transborda por todos os poros!

Um frio susto corre pelas veias
De Caitutú, que deixa os seus no campo,
E a irmãa por entre as sombras do arvoredo
Busca co' a vista, e teme de encontra-la.
Entram emfim na mais remota, e interna
Parte de antigo bosque, escuro e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins e rosas:
Este logar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido,
Para morrer, a misera Lindoya.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva, e nas mimosas flores;
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um funebre cypreste, que espalhava
Melancholica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobresaltados,
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chama-la, e temem
Que desperte assustada, e irrite o monstro,
E fuja, e apresse no fugir a morte.
Porém o dextro Caitutú, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vêzes
Soltar o tiro, e vacillou tres vêzes
Entre a ira e o temor... Emfim sacode
O arco, e faz voar a aguda setta;
Que toca o peito de Lindoya, e fere
A serpente na testa, e a boca, e os dentes

Deixou cravados no visinho tronco.
Açouta o campo co'a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos giros
Se enrosca no cypreste, e verte envolto
Em negro sangue o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão, que ao desperta-la
Conhece, com que dôr? no frio rosto
Os signáes do veneno, e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos, em que amor reinava um dia,
Cheios de morte, e muda aquella lingua,
Que ao surdo vento e aos echos tantas vêzes
Contou a larga historia de seus males.
Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já tremula gravado
O alheio crime e a voluntaria morte:
E por todas partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pallido semblante
Um não sei que de magoado e triste,
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte!

Apresenta o quinto e ultimo canto as pinturas dos usos e costumes dos gentios; a descripção do governo dos Jesuitas dentro da sua capital; e a entrada n'ella das tropas europeas entoando canticos de triumpho.

Basta esta rapida e imperfeita analyse para de modo ligeiro, e em traços breves, patentear as inapreciaveis bellezas de que abunda este delicado poema, que merece ser considerado como um dos monumentos de gloria litteraria que possue a lingua

portugueza, e uma das composições mais nacionáes que tem o Brazil. Antes que apparecesse Fenimore Cooper, e espantasse a Europa com a historia dos gentios americanos, já tinham descripto José Basilio da Gama e José da Santa Ritta Durão admiraveis e verdadeiras scenas d'essas nações livres e errantes, que offerecem á poesia inspirações as mais ternas, mais melancolicas, mais sublimes, e mais proprias de um Americano.

Parece que previa José Basilio da Gama que a seu engenho faria justiça a posteridade e que no futuro seria lido e admirado o seu poema; para documento de que reconhecia o valor e merito d'elle, ahi estão os ultimos versos do *Uruguay*, que o denunciam.

Serás lido, *Uruguay!* Cubra os meus ossos
Embora um dia a escura noite eterna;
Tu vive, e goza a luz serena e pura.
Vai aos bosques da Arcadia; e não receies
Chegar desconhecido áquella areia.
Ali, de fresco, entre as sombrias murtas,
Urna triste a Mireu não todo encerra.
Leva d'estranho céo, sobre ella espalha,
Co' a peregrina mão, barbaras flores:
E busca o successor, que te encaminhe
Ao teu logar, que ha muito que te espera!

NOTAS.

(1) « Tenho nomeado, em virtude da faculdade, que ElRei meu senhor me concede, para um logar de official da secretaria de estado do reino a Joseph Basilio da Gama. Nossa Senhora da Ajuda, em 25 de junho de 1774. — Marquez de Pombal. »

Registrada no livro XII dos Avisos a f. 49. Possuimos o original.

(2) « Eu, a rainha, faço saber a vós, Dom Thomaz de Lima Vasconcellos Nogueira Telles da Silva, visconde de Villa Nova da Cerveira, do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios do reino, que servis de meu mordomo mór, que, attendendo a José Basilio da Gama, natural da freguezia de Santo Antonio da villa de São José do Rio das Mortes, do estado do Brazil, filho do capitão mór Manuel da Costa Villas-Boas, estar servindo ha treze annos, dous mezes e oito dias, contados de vinte e cinco de junho de mil setecentos setenta e quatro até o presente, de official da secretaria de estado dos negocios do reino, mostrando sempre muito prestimo, aptidão e zelo no meu real serviço em que continúa; em consideração do que e do exemplo que allegára, hei por bem e me praz fazer-lhe mercê de o tomar por escudeiro fidalgo de minha casa, com quatrocentos e cincoenta reis de moradia por mez, e juntamente o accrescento logo a cavalleiro fidalgo d'ella, com trezentos reis mais em sua moradia; para que tenha e haja setecentos e cincoenta reis de moradia por mez de cavalleiro fidalgo, e um alqueire de sevada por dia, paga segundo ordenança; e é a moradia ordinaria. Mando-vos o façais assentar no livro da matricula dos moradores de minha casa, em seu titulo, com a dita moradia e sevada. Lisboa, seis de agosto de mil setecentos oitenta e sete. — Rainha. Visconde da Villa-Nova da Cerveira. » Pára o original em nosso poder.

(3) *The calamities of authors*, by d'Israeli. Londres, 1834.

(4) *De litteratorum infelicitate*. Roma, 1782.

(5) O brigadeiro José Fernandes Pinto de Alpoim, um dos seus primeiros protectores.

(6) Vasco Fernandes Pinto Alpoim, amigo de José Basilio e da sua mesma edade; morreu em um naufragio.

FIM DO PRIMEIRO TOMO.

INDICE

DO PRIMEIRO TOMO.

OS

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES.

II.

OS

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES

POR

J. M. PEREIRA DA SILVA.

TOMO SEGUNDO.

PARIZ

LIVRARIA DE A. FRANCK, RUA DE RICHELIEU, Nº 67. | LIVRARIA DE GUILLAUMIN ET Cᵉ RUA DE RICHELIEU, Nº 14.

1858

OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES.

SECULO XVIII.

VI.

CLAUDIO MANUEL DA COSTA.

I.

Recebeu o conde de Rezende em 9 de julho de 1790 das mãos de Luiz de Vasconcellos e Souza o governo do estado do Brazil : pouco tempo depois chegou ao Rio de Janeiro a fragata portugueza *Golphinho*, que vinha de Lisboa, trazendo a seu bordo os desembargadores Antonio Gomes Ribeiro e Antonio Diniz da Cruz e Silva, nomeados pela rainha Dona Maria I, para que, unidos com o chanceler da Relação, Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, e outros magistrados da escolha do vice-rei, julgassem em alçada extraordinaria e summarissimamente os indiciados do crime de rebellião, que se

tentára na capitania de Minas Geráes, conforme as communicações que dirigiram a S. M. o vice-rei Luiz de Vasconcellos, e o governador e capitão general de Minas visconde de Barbacena.

Transportáram-se da cadeia do Oiro Preto, então Villa-Rica, trinta e dous infelizes, pertencentes quasi todos ás principáes familias d'aquella epocha. A longa viagem, que não durou menos de trinta e oito dias, o peso das algemas que lhes ligavam os braços, os máos tratamentos que supportáram pelo caminho, e a grande nomeada de muitos d'entre elles, concorria tudo para chamar em seu favor a sympathia publica : foram recolhidos á cadeia do Rio de Janeiro, que era o edificio que serve hoje para as sessões da Camara dos deputados.

Fôra um d'elles o chefe, ou cabeça, na linguagem juridica; chamava-se Joaquim José da Silva Xavier; nascêra em Minas em 1757; descendia de familia honesta e abastada; era official do exercito e sujeito de algum talento; mais conhecido pelo appellido de tiradentes do que pelo seu proprio nome. Viajára pela Europa e Estados-Unidos da America Septentrional, e regressára para o seu paiz cheio de enthusiasmo pelo espectaculo de um povo livre e independente; dotado como era de força e brios, imaginou a possibilidade de realisar no Brazil os successos que presenciára nas antigas colonias britannicas. Tratou de communicar em Minas os seus designios a José Alves Maciel, de São João d'ElRei, que era

outro enthusiasta da liberdade, conhecia tambem a Europa, e trouxera de lá ideias republicanas : resultou do processo que lhes foi instaurado que lográram chamar a seus planos o commandante da força publica de Villa-Rica, Francisco de Paula Freire de Andrade, o tenente coronel de milicias da Campanha do Rio Verde, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, o de Diamantina, Domingos de Abreu Vieira, o doutor em medicina Domingos Vidal Barboza, o ouvidor da comarca, Thomaz Antonio Gonzaga, o ex-secretario do governo, Claudio Manuel da Costa, e varias outras pessoas importantes da capitania de Minas.

Accordou-se crear ali uma republica, á que se aggregassem as capitanias visinhas que quizessem seguir o seu exemplo e a sua sorte; usar de uma bandeira independente, com a insignia de um genio quebrando algemas; franquear o districto prohibido dos diamantes; eximir de direitos o oiro e as pedras preciosas; dar plena quitação de todas as quantias, que deviam os particulares á fazenda publica, pela arrecadação do imposto da derrama do oiro; estabelecer em Villa-Rica universidade de estudos, e escholas de manufacturas, e differentes industrias; e mudar emfim a capital para a villa de São João d'ElRei.

Para se ganhar o povo começou-se a fazer espalhar que havia resolvido o governo de Lisboa, a fim de enfraquecer o Brazil, de quem se temia, decretar que

nem-um subdito da capitania podesse possuir mais de dez escravos; e que montando a divida dos moradores das Minas para com o governo, pelo imposto da derrama, que fôra substituido ao da capitação, na importancia de mais de setecentas arrobas de oiro, que se não haviam arrecadado pela decadencia d'este producto nos annos ultimos, se organisasse um lançamento do novo anno, com o fim de cobrar toda esta somma enorme, que se calculou egual a todo o oiro não arrecadado, que circulava então em Minas, e dupla de quanto girava nas capitanias do interior, aonde constituia então este metal o meio circulante d'aquellas differentes localidades.

Bastaria qualquer d'estas duas noticias para excitar e revoltar a maior parte dos habitantes; deveriam reunidas attrahir á favor da conjuração a população inteira da capitania.

Assentáram tambem os revolucionarios de aproveitar a publicação da lista da derrama, e romper em Villa-Rica ao grito da liberdade, enthusiasmando o povo e prendendo o governador; diziam uns, que era para ser remettido para Lisboa, por via da Bahia; asseguravam outros, que o pretendiam assassinar, servindo a sua cabeça de exemplo, e compromettendo ella assim aos revoltados pelo proprio crime.

Recebeu Thomaz Antonio Gonzaga no entretanto carta de nomeiação de desembargador para a relação da Bahia, e ordem de partir para este destino :

apressou-se elle a aconselhar ao intendente, e á junta da fazenda, que exigissem o pagamento dos atrazados conjunctamente com a importancia da derrama do anno, de combinação talvêz com os revolucionarios, a fim de augmentar a odiosidade publica contra o governo, e validar por este feitio a noticia adrede espalhada pelos conjurados : verdade é que no seu interrogatorio negou sempre cumplicidade no crime, e attestava a sua innocencia, asseverando que déra este conselho no intuito de conhecer perfeitamente o governo que era impossivel essa cobrança, e deliberar-se assim a rainha a perdoar aos devedores. Accrêsce ainda que protestou sempre pela sua innocencia com força tão decidida, que custa realmente muito a negar-se-lhe o credito.

Não souberam porém gardar o segredo conveniente, e menos ainda escolher os seus cumplices; fallavam francamente por toda a parte; Silva Xavier promettia grandes auxilios no Rio de Janeiro, aonde dizia que negociantes de importancia e pessoas de consideração abraçavam as suas ideias, e almejavam a independencia do Brazil; affiançavam José Alves Maciel e Domingos Vidal Barboza que viriam auxilios certos de potencias estrangeiras, e especialmente da França e dos Estados-Unidos; a maior publicidade tiveram assim as intenções de semelhantes conspiradores.

Denunciou ao governador estes planos o coronel

Joaquim Silverio dos Reys : homem prudente e bondadoso era o visconde de Barbacena, que governava a capitania desde o anno de 1788 : não desprezou tão cabalmente a denuncia, como praticára o seu antecessor Luiz da Cunha e Meneses, que teve noticia dos seus primeiros passos; convencido de que a causa unica do descontentamento seria a pretendida cobrança dos atrazados, e o lançamento immediato da derrama, suspendeu uma e outra cousa, e com este acto procurou tirar aos conjurados o principal pretexto, e arrancar-lhes grande numero de pessoas com que contavam para os seus disignios, levando-os assim ao abandono d'elles.

Foram de opinião José Alves Maciel e Thomaz Antonio Gonzaga que se abandonasse o plano da revolução, ou por que a não adoptassem, ou porque perceberam que para ella não estava preparado o animo do povo, e tempo não era por emquanto de commetter cousas que não abraçassem e quizessem todos. Considerou Joaquim José da Silva Xavier que seria fraqueza recuar; conseguiu fazer repellir esta ideia, e comprometteu-se a ir para o Rio de Janeiro, e reunir n'esta cidade força e sympathias publicas, que lhes ajudassem o intento.

Loucura de conjurados! Passavam-se estes acontecimentos no anno de 1789, e era vice-rei ainda Luiz de Vasconcellos : foi-lhe dada no Rio de Janeiro uma denuncia pelo coronel Basilio de Britto Malheiros, e Ignacio Correia Pamplona, em occasião

em que ahi estava aliciando povo o cabeça dos revolucionarios. Ordenou o vice-rei a sua prisão, e a de todos os indiciados, mandando ao governador de Minas que os remettesse para o Rio de Janeiro, e lhe désse contas do seu comportamento. Fez então o visconde de Barbacena partir pela Bahia para Lisboa uma participação antidatada e minuciosa da denuncia que lhe déra o coronel Reys, organisando um processo de anterior autuação com o qual procurou justificar-se.

Foram exactamente cumpridas em Minas as ordens de prisão, si bem que não estivessem reunidos em um ponto unico todos os conjurados; com excepção de Claudio Manuel da Costa, que se suicidou na prisão, seguiram os mais para o Rio de Janeiro. Instaurou-se o processo : confessáram quasi todos nos interrogatorios os seus intentos, e durante o andamento d'elle, alguns se fináram na prisão. Quando, em 18 de abril de 1792, foi o official de justiça intimar aos presos o accordam da relação, pelo qual onze haviam sido condemnados á morte, cinco a degredos perpetuos para os presidios d'Africa, e a degredos temporarios o restante, bem diminuido estava o seu numero, e não se poderiam cumprir todas as penas.

E foi barbaria inqualificavel passar as penas além das pessoas dos condemnados, offendendo até aos seus descendentes, aos quáes declarou infames o accordam, ordenando que fossem confiscados os seus bens, arrasadas as suas casas e propriedades, sal-

gados os logares aonde se achavam edificadas, e prohibido para todo o sempre o cultivo ou aproveitamento do terreno.

Felizmente que dos onze, destinados ao cadafalso pelos juizes, que o temor do governo arrastára mais na decisão que haviam proferido, pagou um só por todos, recebendo commutação de pena os mais, e indo supportar degredos pelas costas desertas d'Africa oriental e occidental, e pelos penedos aridos de Sanctiago e Bissáu.

Acreditava o povo do Rio de Janeiro que eram iniquas estas condemnações; sentiu profundamente, quando viu levantar-se o cadafalso no logar que é hoje a praça da Constituição, então campo deserto, e ali aonde finda a rua nova dos Ciganos, cercar-se de immensa força armada o espaço destinado para a execução, chegar o paciente Joaquim José da Silva Xavier (que unico não mereceu commutação, por ter sido considerado cabeça, e não mostrar arrependimento dos seus feitos) e soffrer com coragem inaudita uma morte affrontosa em presença de tantos espectadores, que até se apinhavam para ver pela aba do morro de Santo Antonio, que descahe para a banda da Lampadosa. Haviam as autoridades tomado as providencias precisas para o caso de algum levante do povo, em favor do condemnado.

Mezes depois regressou para a capital do reino a fragata que de Lisboa trouxera os dous magistrados que tinham julgado o processo, levando a seu

turno os condemnados sacerdotes, e mais o doutor Domingos Vidal Barboza, José de Rezende Costa, pai e filho, e outros degradados, que de Lisboa deveriam seguir para Sanctiago e Cabo Verde.

E quasi pelo mesmo tempo, em 22 de maio de 1792, recebeu a seu bordo o navio *Nossa Senhora da Conceição princeza do Brazil* os mais condemnados, entre os quáes se contavam Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Francisco de Paula Freire de Andrade, e José Alves Maciel, e os foi descarregando pelos presidios de Ambaca, Benguela, Massangano, Cambambe, Pedras de Angoche, Moçambique, Macúa, rios de Senna, Inhambane e Maximba, conforme o destino que tocára a cada um d'elles.

Assim foram os homens mais reputados e mais illustrados d'aquella epocha arrancados aos braços de suas familias, e lançados nas masmorras; condemnados, e condemnados os seus filhos innocentes; e além do Oceano, longe da pátria, aqui e ali dispersos, isolado um do outro, ou tragáram soffrimentos atrozes até que lhes chegou o dia venturoso de regressar para o Brazil; fortuna que coube apenas a tres ou quatro de tantos; ou n'esses climas pestilentos, no meio de aguas insalubres e de terras ressequidas, por entre os negros selvagens e barbaros, viram acabar os seus dias, sem que á hora derradeira da existencia uma vez amiga os consolasse á cabeceira.

Admiravel contraste formam estas cousas do

mundo! No mesmo anno de 1792, em que os republicanos de França julgavam e condemnavam aos monarchistas do seu paiz, julgavam tambem e egualmente condemnavam os monarchistas de Portugal aos republicanos do Brazil; no mesmo anno de 1793, em que subia ao cadafalso o monarcha descendente do glorioso São Luiz, egual sorte padecia o republicano Joaquim José da Silva Xavier.

Tem tudo porém o seu systema de compensações.

II.

A margem direita do ribeirão do Carmo, na provincia de Minas Geráes, e em um terreno declivioso, está situada a cidade de Marianna; nasceu pequeno arraial do Carmo; subiu em 1711 á dignidade de villa, por foral d'ElRei Dom João V: mereceu em 1745 as honras de cidade episcopal, que lhe deu o mesmo monarcha, appellidando-a Marianopolis, em honra do nome da rainha reinante de Portugal.

Corria o anno de 1729, quando a 6 de junho nasceu ali Claudio Manuel da Costa, oriundo de uma honrada familia de Paulistas, que haviam deixado os campos amenos de Piratininga, atravessado desertos immensuraveis, e descoberto as minas riquissimas de oiro e pedras preciosas dos reconditos sertões e distantes terras que se considerÁram até 1720 como partes integrantes da capitania de São Paulo, e que formáram d'esta epocha em diante ter-

ritorio e jurisdicção de uma nova capitania, com o nome de Minas Geráes.

Haviam-se estabelecido os ascendentes de Claudio nas visinhanças do ribeirão, que desce mansa e pacificamente as suas aguas por espaço de cinco leguas até o arraial do Forquim, precipitando-as depois por uma escada extraordinaria de rocha viva até cahirem no rio Gualaxo, e seguirem, juntas em um só leito, e recebendo pelo seu caminho as de outros ribeiros, a encontrar-se com o rio Piranga, que é um dos maiores affluentes do famoso rio Doce, que abraça, absorve e devora o Oceano.

Veio ainda infante Claudio Manuel da Costa para a cidade do Rio de Janeiro a fim de receber a sua educação litteraria. Tinham os Jesuitas as melhores escholas; pertenciam á Companhia os mais affamados mestres : frequentou elle as aulas dos Jesuitas; aprendeu latim, rhetorica, philosophia, rudimentos de mathematicas, prolegomenos de theologia, e todos os mais preparatorios, que ensinavam os Padres, e cujo cumplemento trazia para o estudante o titulo e diploma de mestre em artes, que outorgava a Companhia : logo que chegou á edade de dezasete annos, partio para Portugal, na intenção de formar-se na universidade de Coimbra, e tomar o respectivo gráu academico, manifestando-se desde logo a sua vocação para o estudo das leis e da litteratura.

Foram de muito proveito os seus estudos em

Coimbra, pelo modo brilhante com que se sahia nas aulas; adquirio reputação entre os seus condiscipulos; dava-se, nas horas de descanso, á inspiração poetica, e escrevia versos, que passavam manuscriptos das mãos dos companheiros para as mãos dos lentes, e grangeavam para o seu joven auctor muitos louvores e admiração geral: terminado o curso escholar, e obtido o diploma de bacharel formado em leis, publicou em Coimbra, no anno de 1751, uma selecção das suas poesias; eram as primicias da primeira quadra da sua vida, da mais bella epocha da edade humana, em que são tudo amores, prazeres, alegrias e feitiços; affigura-se a razão sonhando; e alvoroça e folgueia divertido o só coração, que chama delicias, e abraça o espaço, que lhe parece de flores suaves e galas aprimoradas. Epocha feliz, que, uma vêz passada, não volta; e que, na edade avançada, batte ao ouvido quebrado como hospede maligno, que vem para avivar saudades! Epocha feliz, que nunca pode a memoria esquecer, por mais e maiores tratos que se dê para faze-la desapparecer e sumir-se! Epocha unica da verdadeira liberdade, da alegria vivaz, dos prazeres sinceros, e dos folguedos divertidos!

Era um dos mais ardentes desejos da sua infancia visitar a Italia; aproveitou o tempo, e para lá seguio; amador e enthusiasta da litteratura italiana, anciava ver a terra heroica dos tempos antigos, e que se conservava sempre brilhante nas eras modernas. Per-

correu-a quasi toda, desde Napoles até Milão: travou relações com alguns homens notaveis, e distinctos poetas da sua epocha: entrou para a Academia dos Arcades de Roma; aperfeiçoou-se por tal forma no conhecimento da lingoa italiana, que escreveu n'ella muitas cantatas e sonetos, que merecêram grandes elogios dos litteratos italianos pela perfeição do estylo e gravidade do pensamento.

Voltou para Portugal; mas demorou-se em Lisboa sómente até o anno de 1765: trocou a residencia da metropole pelo Brazil.

Conta-se que uma paixão amorosa, mas infeliz, causára a sua retirada de Portugal, aonde era estimado geralmente; entretinha relações com a melhor parte dos escriptores contemporaneos, e pertencia á Arcadia que se creára em Lisboa, e da qual guardou lembrança saudosa durante toda a sua vida, conservando o nome de Glauceste Saturnio, que havia adoptado segundo os estylos d'ella. Por vêzes manifestou elle estas saudades, já nos prologos das poesias que mandáva para Lisboa para imprimir, e já nos versos, que compunha e escrevia constantemente.

Parece que foi sempre a sua existencia amargurada pela lembrança do que deixára em Portugal: para apreciar o gráu da sua intensidade basta ler-se os dous seguintes tréxos que escreveu no prologo do seu poema de *Villa-Ricca*, e no prefacio da allegoria que compôz acerca do ribeirão do Carmo:

« A desconsolação de não poder substabelecer

aqui as delicias do Tejo, do Lima e do Mondego, me fez entorpecer o engenho dentro do meu berço: mas nada bastou para deixar de confessar a seu respeito a maior paixão. »

« Aqui entre a grossaria dos seus genios, que menos poderia eu fazer do que entregar-me ao ocio, e sepultar-me na ignorancia! Que menos do que abandonar as fingidas nymphas d'estes rios, e no centro d'elles adorar a preciosidade dos metáes que tem attrahido a este clima os corações de toda a Europa! Não são estas as venturosas praias da Arcadia, aonde o som das aguas inspirava a harmonia dos versos. Turva e feia a corrente d'estes ribeiros, primeiro que arrebate as ideias de um poeta, deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra que lhes tem pervertido as côres. »

Estabeleceu a sua residencia em Villa-Rica, capital da capitania de Minas Geráes, e na distancia de duas leguas da cidade em que nascêra: não desejou seguir a magistratura, que era carreira custosa e demorada, vegetando-se longos annos nos cargos de juiz de fóra, ou de ouvidor, e mudando-se de tempos a tempos de termos e comarcas, como o soldado de guarnição; abraçou de preferencia a profissão de advogado.

Passou a capitania de Minas a fazer parte em 1720 da jurisdicção do governo do Rio de Janeiro, recebendo no entretanto uma administração especial; foi o seu primeiro governador Dom Lourenço de

Almeida, que substituio ao conde de Assumar, capitão general de São Paulo, sob cuja administração se levantáram em Minas tantas desordens e descontentamentos, que tornou-se providencia necessaria constituir este territorio uma capitania independente d'aquella. A Dom Lourenço de Almeida succedêra em 1732 o conde das Galveias, que foi em 1735 substituido pelo celebrisado Gomes Freire de Andrade.

Foi este governador, que em execução das ordens enviadas da metropole, e inspiradas por Alexandre de Gusmão, extinguio as casas de fundição e moeda, mudando a natureza do imposto do quinto do oiro, e admittindo o systema da capitação, que começou a executar-se no 1° de julho de 1735. Deixando depois a capitania de Minas para tomar conta do governo do Rio de Janeiro, administráram ali interinamente algumas juntas de pessoas gradas, até que em 1763 entrou Luiz Diogo Lobo da Silva para o cargo de governador e capitão general, havendo já sido elevados os governadores do Rio de Janeiro ao posto de vice-reis do Brazil, e centralisando-se por este feitio a administração de todo o estado.

No seu escriptorio de advogado lograva Claudio Manuel da Costa durante todo este tempo clientella immensa, reputação honrosa e influencia decidida; foi o que primeiro escreveu na lingua portugueza acerca da nova sciencia de economia politica, que acabava de apresentar á Europa o celebre Escossez Adão Smith: commentou Claudio Manuel da Costa o

Tratado da origem das riquezas das nações, publicado em Edimburgo, e remetteu o seu manuscripto para Lisboa, aonde foram a sua erudição e engenho apreciados e admirados pelos mais illustrados espiritos da epocha: escreveu tambem diversas memorias acerca da litteratura antiga e moderna, que mereceram grandes elogios dos contemporaneos, e provavam a sua variada instrucção em tantas e tão complicadas materias. Todas estas obras se não publicáram, ou porque eram dispendiosas as impressões, e não tinham a necessaria extracção, ou porque antes de ser dadas ao prelo, tendo de sujeitar-se á analyse e exame da commissão do Santo Officio, a quem incumbia a censura litteraria, não foram de certo facilmente aceitas as suas novas doutrinas; corriam assim mesmo manuscriptas de umas para outras mãos; extrahiam-se muitas copias d'ellas que giravam por toda a parte, e conseguia-se por esta forma uma especie de publicação, que não era a da imprensa, mas que não dava menos a conhecer ao mundo illustrado quem d'ellas fôra o auctor, adquirindo elle assim a fama que anhelava.

Menos se não occupava com as sciencias, do que com a poesia; o seu engenho, que déra origem a tão bellas producções na vida folgazona do estudante de Coimbra, inspirando-se com as melancolicas reminiscencias que pairam sobre esta cidade celebrisada, e que nunca poderá olvidar a historia, desdobrou vôos mais altivos e mais sonoros, no descanso e paz do

advogado, na edade da razão, e na terra da patria; si bem que mais felizes e poeticas lhe pareciam as margens decantadas do Mondego, do que as ribas frondosas do Carmo, que banha os pés de Marianna, enthusiasmáram todavia tambem as limpidas aguas d'este rio o espirito de Claudio Manuel da Costa.

E quem foi pela Providencia dotado com esse espirito celeste, que anima e engrandece a existencia, doura os sonhos da vida, e vaga continuamente por um mundo de fantasia, pode por ventura suster-lhe os vôos, agrilhoar-lhe as azas, e gritar-lhe que páre?

É a imaginação humana a imagem mais perfeita do Creador: felizes aquelles que a recebem! Toca em herança a poucos uma tão bella partilha; não é porém o escolhido domno da força que recebeu; devora-o e arrasta-o uma chamma ardente e irresistivel; não lhe é permittido guardar em si e só para si os sentimentos e imagens que lhe borbulham na mente. Ha quem diga que não ha no mundo talento superior sem um gráu de loucura; a ser assim, é sem duvida tal loucura a parte divina da razão humana.

O conde de Valladares, que succedêra em 1768 no governo da capitania a Luiz Diogo Lobo da Silva, foi substituido en 1775 por Dom Antonio de Noronha: estavam tão solidamente firmados a reputação e credito de Claudio Manuel da Costa, que era pelos governadores procurado e consultado nas mais espinhosas providencias da administração, e entrando para o governo em 1780 Dom Rodrigo José

de Meneses, chamou-o para o logar de segundo secretario d'estado, a fim de se coadjuvar com as suas luzes e com a sua influencia.

Foi durante a administração d'este capitão general que começou a tornar-se sensivel a diminuição da extracção do oiro, e difficultosa para o governo e pesada para o povo a arrecadação do imposto da capitação : já estavam as terras lavradas ha muitos annos, e não podiam produzir a mesma quantidade deste metal; os novos descobrimentos que então se fizeram de algumas faisquieiras para as margens do rio do Peixe, e dos ribeirões dos Arripiados, Santa Anna, São Lourenço, Santo Antonio e Alvarenga, comquanto promettessem uma futura e abundante colheita, não podiam satisfazer de prompto a importancia do imposto annuo, e menos liquidar os computos atrasados, e que se iam accumulando.

Este estado de cousas, que produzia mais ou menos irritação nos animos, e causava muito serios temores, continuou e cresceu durante a administração de Luiz da Cunha e Meneses, que succedeu em 1783 a Dom José Rodrigo de Meneses. Collocado em posição de conhecer e apreciar a natureza das ordens que vinham do governo portuguez para o capitão general de Minas, acerca d'este imposto, com que tanto se affligiam os povos mineiros, e se abasteciam os cofres da metropole, julgou Claudio Manuel que devia deixar o logar de secretario do estado, logo que Luiz da Cunha e Meneses entregou em 1788 a admi-

nistração da capitania ao seu substituto o visconde de Barbacena. Percorreu então quasi toda a capitania de São Paulo e de Minas Geráes, e retirou-se por fim para o descanso da vida de advogado.

Foi-se no emtanto formando a tentativa de revolução, a cuja frente se collocára o alferes Joaquim José da Silva Xavier, e com a qual sympathisáram os espiritos mais elevados da capitania de Minas. Não podiam deixar de partilha-la Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manuel da Costa e Ignacio José de Alvarenga Peixoto, todos distinctos poetas, intelligencias superiores, e amigos intimos: uniram elles as suas aspirações ás dos seus compatriotas que anhelavam sacudir o pesado jugo que os mortificava tanto.

Denunciada e descoberta a conjuração, foram presos todos os seus auctores. Achava-se Claudio Manuel da Costa muito doente de um attaque rheumatismal, no momento em que o arrancáram os soldados do leito e o leváram para a cadeia de Villa-Rica.

Tocava a sessenta annos a sua edade; não era o seu corpo capaz de resistir mais ao peso dos ferros, á humidade da prisão, á ausencia do ar, e a todos os encommodos que acompanham o desgraçado réo do crime d'estado; não era a sua alma resignada, e nem o seu espirito paciente; foram tão graves e profundas as impressões que o assaltáram, logo que o lançáram na masmorra immunda, misturado com os assassinos, salteadores e renegados de Deus e da sociedade, que se acovardou inteiramente o seu espi-

rito, e desappareceu para elle toda a esperança de salvação.

Homens ha, que nas criticas circumstancias da vida chamam em seu soccorro todas as suas forças, e se tornam tão corajosos, que é essa epocha a do seu maior brilho : engrandece-se a alma, eleva-se o espirito, alarga-se o coração; auxiliam-se com as gloriosas reminiscencias que lhes apparecem a todo o dia, a toda a noite, a toda a hora, e a todo o instante; vagueiando-lhes nos sonhos pela phantasia, como esperanças douradas; susurrando-lhes ao ouvido durante os dias, como anjos companheiros : tange a imaginação as cordas da harpa suave, que reveste de mil côres melancolicas todas as scenas que vão os olhos presenciando : o vento, que murmura pelos tectos da triste prisão, o gemido do moxo agoureiro, que esvoaça em torno; os quebrados raios do sol, que rompem as frestas das paredes ennegrecidas, e que vem como amigos saudar o desditoso; os mesmos insectos, que praticando as suas industrias, alli acoitam os seus ninhos, desenrolam os seus delicados fios, e ignaros da vida, passam-na tranquillamente na atmosphera carregada e sombria que os rodeia; ao passo que entretem a vista e a imaginação que são os olhos do presente, do passado e do futuro, consolam aos prisioneiros estes objectos todos, e os amparam contra a desesperação.

Não pertencia porém Claudio Manuel á classe d'esses homens robustos e corajosos de espirito :

conhecedor da legislação do seu paiz, não achou remedio para os seus males : preferiu como Chatterton deixar por si mesmo o mundo a soffrer n'elle as dôres e os martyrios. Suicidou-se na sua prisão poucos dias depois de haver entrado para ella, cerrando o pescoço com uma liga, e comprimindo a communicação de ar para os pulmões.

Si vigorassem então os principios da legislação criminal, que são acceitos actualmente por todos os jurisconsultos, e codigos das nações modernas, estaria para elle findo o processo : não abraçava porém essas ideias a legislação portugueza, e no accordam de 18 de abril de 1792, assim se exprimiram os desembargadores a seu respeito :

« Mostra-se quanto ao réo Claudio Manuel da Costa, que supposto não assistisse nem figurasse nos conventiculos que se fizeram em casa do réo Francisco de Paula, e em casa do réo Domingos de Abreu, comtudo soube, e teve individual noticia e certeza, que estava ajustado entre os chefes da conjuração fazer-se um motim e levante, e estabelecer-se uma republica independente n'aquella capitania de Minas; proferindo o seu voto n'esta materia, nas torpes e execrandas conferencias que teve com o réo Alvarenga e o padre Carlos Correia de Toledo, tanto na sua propria casa, como na do réo Thomaz Antonio Gonzaga; consta do appenso nº 5º a fl. 7 da devassa d'esta cidade, e o confessou o réo no appenso nº 4º da devassa de Minas; em

cujas conferencias se tratava do modo de executar a sedição e levante, e dos meios do estabelecimento da republica, chegando ao ponto do réo votar sobre a bandeira e armas de que se devia usar, como consta do appenso nº 4º a fl. 11, e do appenso nº 5º a fl. 7; constituindo-se pelas ditas infames conferencias tambem chefe da conjuração, para quem os mais chefes destinavam a factura das leis para a nova republica, consta a fl. 2 do appenso nº 23, e testemunhas de fl. 98 da devassa de Minas; e tão bem se reconheceu este réo criminoso de lesa magestade da primeira cabeça, que horrorisado com o temor do castigo, que merecia pela qualidade do delicto, logo depois das primeiras perguntas, que lhe foram feitas, foi achado morto affogado no carcere com uma liga; consta do appenso nº 4º.

» Ao réo Claudio Manuel da Costa pois que se matou no carcere, declaram infame a sua memoria, e infames seus filhos e netos, tendo-os, e seus bens por confiscados para o fisco e Camara Real. »

III.

Parece Claudio Manuel da Costa em grande parte das suas composições mais poeta da eschola italiana do que vate brazileiro ou portuguez : nos seus sonetos que se ornam com uma dicção primorosa, bellissima rima e pensamentos poeticos, ha intimas inspirações e alguns rasgos altivos de Francisco Pe-

trarca; nas suas cançonetas voluptuosas, e nos seus idyllios delicados, como que se espraia o estro aperfeiçoado de João Baptista Guarini, ou a doçura phantastica do abbade Pedro Metastasio: nas suas lyras de amor, e nas eglogas pastoris, dir-se-ia que apparece o vôo harmonioso de Luiz Ariosto, e a elegancia sonora de João Boccacio.

Verdade é que elle folgava de manifestar o enthusiasmo que sentia pela litteratura italiana, e pela sua deliciosa lingua, cujos escriptores muito estudava, appreciava e citava; verdade é tambem, que a litteratura italiana faz erupção de quando em quando nas lettras portuguezas, e tem mais ou menos logrado os foros de influir sobre ellas, e influir poderosamente. Quasi que não ha poeta bucolico da lingua portugueza, a quem não tenham sido muito familiares os escriptos dos auctores italianos.

Em sonetos, n'estas rapidas e curtas composições de quatorze versos heroicos, que todo o mundo compõe e escreve na nossa lingua, pelos quáes porém logram muito poucos a fortuna de deixar nomeada; em sonetos, que, por sua mesma facilidade de construcção, são difficultosos mais que nem-um outro genero de versificação para conseguir a perfeição desejada; em sonetos emfim nem-um poeta excedeu a Claudio Manuel da Costa. Não se arreceiariam de certo Manuel Maria Barbosa de Bocage, Francisco Petrarca, Boscan e Garcilaso de la Vega, de que lhes fossem attribuidos os sonetos de Clau-

dio Manuel, tanto n'elles se liga e harmonisa tudo : é o pensamento verdadeiramente poetico; são as imagens pittorescas e appropriadas; as phrases cadentes, sonoras, e encadeiadas com toda a perfeição; é a rima harmoniosa, pura, limpida e tão completa, que acaba natural e suavemente o verso, e forma como que uma musica doce e sentimental, cuja toada deixa o espirito commovido, arrebatado o coração, e a alma curvada sob a impressão duradoura das suas melodias.

São só as linguas portugueza, castelhana e italiana, que descendendo directamente da lingua latina, conhecem o rhythmo musical do verso, e as palavras sonoras e caprichosas, como os sons melodiosos da orquestra : apprimora e brilha a lingua franceza pela clareza e limpidez da expressão, e pela simplicidade da palavra; são porém forçados o metro e a rima; não tem cadencia, e nem harmonia; como que é o verso prosa seguida, apenas terminando por uma consoante, e consoante sem matiz, sem fulgor, e sem melodia : é totalmente prosaica a lingua franceza, embora tenha a França produzido muitos poetas da primeira ordem, e do engenho mais subido : não podem por isso conhecer os Francezes a belleza de um soneto, ou de qualquer d'essas composições, em que a rima, a consonancia e a musica se dão braços para aperfeiçoa-las : tentáram varios poetas francezes antigos e modernos acclimatar em França a poesia dos

sonetos; a lingua, porém, pelo avesso da musica e da harmonia, lhes faltou á inspiração e bons desejos, e não pode ir avante a tentativa : na lingua allemãe, e ainda menos na ingleza, não tem sido tambem possivel admittir-se este genero; n'aquella, porque tornam-se as palavras longas pela sua composição e organisação, e destróe a collocação dos termos a consonancia e o desenvolvimento da poesia do soneto; n'esta, porque, e si bem que a habilidade de Lord Byron, e o engenho de Thomaz Moore apurāram a sua melodia, e lhe déram visos de poetica, no *Corsario*, em *Giaour*, em *Childe-Harold*, em *Parisina*, no *Prisioneiro de Chillon*, e em *Lalla Rookh*, não é compativel comtudo a especialidade do soneto com a existencia de notas barbarisadas, que difficultam a pronunciação e enfeiam a linguagem.

Não pode ser sublime a poesia do soneto; mas pode ser deliciosa e melancolica, como o ruido da cascata; doce, branda e agradavel como a aura da madrugada; triste e sombria como o aspecto do cypreste : para se conseguir porém esse resultado, releva que ao genero se approprie a lingua, a musica das palavras o acompanhe, a consonancia do verso o ampare, e a rima da ultima syllaba o aperfeiçoe : é de facil composição, e por essa mesma razão, de perfeição difficultosa.

Conseguio Claudio Manuel da Costa aperfeiçoar o soneto portuguez, de modo a si não exceder,

rivalisar ao menos com os de Francisco Petrarca. É Bocage talvêz mais harmonioso na phrase, menos completo porém na poesia e no sentimento.

Leiam-se os sonetos de Claudio Manuel da Costa, e julgue-se do seu merecimento com justiça e imparcialidade.

Nize, Nize, aonde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma, que por ti suspira,
Si quanto a vista se dilata e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! si ao menos teu nome ouvir pudera
Entre esta aura suave, que respira!
Nize, cuido que diz... mas é mentira!
Nize, cuidei que ouvia... e tal não era?

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
Si o meu bem, si a minha alma em vós se esconde,
Mostrai, mostrai-me a sua formosura!

Nem ao menos o echo me responde!
Ah! como é certo a minha desventura!
Nize, Nize, onde estás? Aonde, aonde?

Onde estou? Este sitio desconheço:
Quem fez tão differente aquelle prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contempla-lo timido esmoreço.

Uma fonte aqui houve: eu não me esqueço
De estar a ella um dia reclinado:
Alli em valle o monte está mudado:
Quanto pode dos annos o progresso!

Arvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpetua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes!

Eu me engano : a região esta não era :
Mas que venho a estranhar, si estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

Apressa-se a tocar o caminhante
O pouso, que lhe marca a luz do dia;
E da sua esperança se confia,
Que chegue a entrar no porto o navegante.

Nem aquelle sem termo passa avante
Na longa, duvidosa e incerta via;
Nem este atravessando a região fria,
Vai levando sem rumo o curso errante.

Depois que um breve tempo houver passado,
Um se verá sobre a segura areia,
Chegará o outro ao sitio desejado.

Eu só, tendo de penas a alma cheia,
Não tenho que esperar; que o meu cuidado
Faz que gire sem norte a minha ideia.

Este é o rio, a montanha é esta,
Estes os troncos, estes os rochedos;
São estes inda os mesmos arvoredos;
Esta é a mesma rustica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,
Rio, montanha, troncos e penedos;
Que de amor nos suavissimos enredos
Foi scena alegre, e urna é já funesta.

Oh! quão lembrado estou de haver subido
Aquelle monte, e as vêzes que baixando
Deixei do pranto o valle humedecido!

Tudo me está a memoria retratando;
Que da mesma saudade o infame ruido
Vem as mortas especies despertando.

Aquelle, que enfermou de desgraçado,
Não espere encontrar ventura alguma :
Que o Céo ninguem consente que presuma,
Que possa dominar seu duro fado.

Por mais que gire o espirito cansado
Atraz de algum prazer, por mais em summa,
Que porfie, trabalhe e se consuma,
Mudança não verá do triste estado,

Não basta algum valor, arte ou engenho,
A suspender o ardor com que se move
A infausta roda do fatal despenho.

E bem que o peito humano as forças prove,
Que ha de fazer o temerario empenho,
Onde o raio é do Céo, a mão de Jove?

Breves horas, Amor, ha que eu gozava
A gloria, que minha alma apetecia;
E sem desconfiar da alevosia,
Teu ligeiro obsequio acreditava.

Eu só á minha dita me egualava;
Pois assim avultava, assim crescia,
Que nas scenas, que então me offerecia,
O maior gosto e o maior bem gozava.

Fugio, faltou-me o bem; já descomposta
Da vaidade a brilhante architectura,
Vê-se a ruina ao desengano exposta :

Que ligeira acabou! Que mal segura!
Mas que venho a estranhar, si estava posta
Minha esperança em mãos da formosura!

Lembrado estou, ó penhas, que algum dia
Na muda solidão d'este arvoredo,
Communiquei comvosco o meu segredo,
E apenas brando o Zephyro me ouvia.

Com lagrimas meu peito enternecia
A dureza fatal d'este rochedo,
E sobre ella uma tarde triste quedo,
A causa do meu mal eu escrevia.

Agora torno a ver si a pedra dura
Conserva ainda intacta essa memoria
Que debuxou então minha sculptura.

Que vejo! Esta é a cifra: triste gloria!
Para ser mais cruel a desventura,
Se fará immortal a minha historia.

Polir na guerra o barbaro gentio,
Que as leis quasi ignorou da natureza;
Romper de altos penhascos a rudeza,
Desentranhar o monte, abrir o rio;

Esta a virtude, a gloria, o esforço, o brio,
Do russiano heróe, esta a grandeza,
Que egualou de Alexandre a fortaleza,
Que venceu as desgraças de Dario:

Mas si a lei do heroismo se procura,
Si da virtude o espirito se attende,
Outra ideia, outra maxima o segura:

Lá vive onde no ferro não se accende,
Vive na paz dos povos, na brandura:
Vós a ensináes, ó rei! em vós se apprende.

D'estes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci: ó quem cuidára
Que entre penhas tão duras se criára
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigres, por empreza
Tomou logo render-me; elle declára
Contra o meu coração guerra tão rara,
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o damno,
A que dava occasião minha brandura,
Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós, que ostentáes a condição mais dura,
Temei, penhas, temei; que amor tyrano,
Onde ha mais resistencia mais se apura.

Campos, que ao respirar meu triste peito
Murcha e secca tornaes vossa verdura,
Não vos assuste a pallida figura,
Cosa que meu rosto vedes tão desfeito.

Vós me vistes um dia o doce effeito
Cantar do Deos de amor e de ventura;
Isso já se acabou : nada já dura :
Que tudo á vil desgraça está sujeito.

Tudo se muda emfim : nada ha que seja
De tão nobre, tão firme segurança,
Que não encontre o fado, o tempo, a inveja.

Esta ordem natural a tudo alcança;
E si alguem um prodigio ver deseja,
Veja meu mal, que só não tem mudança.

Quando cheios de gosto e de alegria
Estes campos diviso florescentes,
Então me vem as lagrimas ardentes
Com mais ancia, mais dôr, mais agonia.

Aquelle mesmo objecto, que desvia
Do humano peito as magoas inclementes,
Esse mesmo em imagens differentes
Toda a minha tristeza desafia.

Si das flores a bella contextura
Esmalta o campo na melhor fragrancia,
Para dar uma ideia da ventura,

Como, ó Céos! para os ver terei constancia,
Si cada flor me lembra a formosura
Da bella causadora de minha ancia?

Nas canções ou cantatas que escreveu Claudio Manuel da Costa agrada ainda mais e mais electrisa o leitor; algumas d'ellas podem rivalisar com as mais melodiosas de Pedro Metastasio e com a celebrisada *Dido* de Pedro Antonio Correia Garção : Nize é sempre a sombra que fagueira e bella o inspira e enthusiasma: é Nize a divindade que creou a sua poetica phantasia, para dedicar-lhe os seus sonhos d'oiro e os seus suspiros de amor; é Nisè a sua nympha, que de noite á cabeceira lhe exalta a imaginação, e que de dia como anjo puro o ampara e sustenta na vida, o chama ao trabalho, e o arrasta á poesia : convêm dizer que são muitas d'estas cantatas exageradas na expressão, excessivas no desenvolvimento, e açucaradas na linguagem; são porém outras o que tem produzido a imaginacão humana de mais perfeito e animado em semelhante genero.

CANTATA.

Não vejas, Nize amada,
A tua gentileza
No cristal d'essa fonte. Ella te engana;
Pois retrata o suave
E encobre o rigoroso : os olhos bellos
Volta, volta a meu peito:
Verás, tyranna, em mil pedaços feito,
Gemer um coração; verás uma alma

Anciosa suspirar; verás um rosto
Cheio de pena, cheio de desgosto.
Observa bem, contempla
Toda a misera estampa: retratada
Em uma copia viva
Verás distincta e pura,
Nize cruel, a tua formosura.

ARIA.

Não te engane, ó bella Nize,
O cristal da fonte amena;
Que essa fonte é mui serena,
É mui brando esse cristal.
Si assim como vês teu rosto,
Viras, Nize, os seus effeitos,
Pode ser que em nossos peitos
O tormento fosse egual!

O que contém as composições de Guarini, as cançonetas de Metastasio, as poesias de Sannazaro, de Boscan e de Garcilaso, de mais bello e de mais original? Confundem-se e brilham todos os generos n'esta linda canção; os vôos lyricos de Petrarca ou Gonzaga, a simplicidade bucolica de Reis Quita, Diogo Bernardes ou Rodrigues Lobo, a harmonia do *Pastor fido*, a melodia de Metastasio, os suspiros melancolicos da *Aminta*, e a delicadeza elegante e phantastica do Ariosto: si em uma ou em outra das suas canções exagerou a eschola de Luiz Gongora a expressão dos sentimentos e a verdade da natureza, pode-se affoitamente dizer que n'essa, que acabamos de citar, e em varias outras,

é bello tudo, bem appropriado, e acabado artisticamente.

Nas eglogas propriamente ditas não foi tão feliz Claudio Manuel da Costa; não que lhe faltassem engenho, ou aprimoradas descripções; mas por que são ellas puras imitações das eglogas de Virgilio, sem que á copia assista o merito do poeta de Mantua; desgraça é que em Portugal se tenha tanto usado d'este genero de poesia, que não passa de publica forma da poesia latina; poucas, muito poucas eglogas modernas encerram bellezas que lhes dêem vida e immortalidade : exceptuem-se algumas eglogas de Bernardim Ribeiro, de Luiz de Camões e de Diogo Bernardes, e nas linguas estrangeiras, de Gessner, de Sannazaro e de Garcilaso, e conhecer-se-ha o acerto da nossa opinião : é um verdadeiro genero bastardo, em que a imaginação se desespera e perde a poesia o seu halito perfumado e o seu roseo colorido : pastores e pastoras, que em continuado dialogo recitam versos, ora galantes e enamorados, e ora cheios de pensamentos avessos a seus costumes, superiores á sua condição, fóra da verdade, e fóra da natureza : desde as personagens que nas eglogas figuram, até os sentimentos e ideias que n'ellas se encerram, é ficticio tudo, é tudo anomalo.

Felizmente que para se desforrar, nos apresenta Claudio Manuel da Costa uma collecção de cantatas lyricas, nas quáes se eleva e purifica o seu talento,

brilhando com muito fulgor o engenho poetico e primoroso com que o brindára a natureza.

Em uma cantata exprime admiravelmente o seu desprezo pela lyra, que fôra os seus amores de outra edade; tinha-lhe sido ingrata a lyra, elle a abandona e quebra; perdeu o cantico toda a sua harmonia; como que um adeus lhe escapa dos labios para o objecto de seu desprezo; em seguimento a esta cantata, escreveu o poeta outra, em que acaba os versos pelas mesmas palavras, mas em sentido inteiramente opposto, e pintando o arrependimento do seu acto, implora perdão á lyra, e exclama:

> Vem, adorada lyra,
> Inspira-me o teu canto;
> Só tu, a impulso tanto,
> Todo o prazer me dás.
> Já a alma não suspira;
> Pois chega a escutar-te;
> De todo, ou já em parte
> Vai-se ausentando o mal.
>
> Não cuides que te nego
> Tributos de outra edade:
> A tua suavidade
> Eu sei inda adorar;
> D'esse perdido emprego
> Eu busco o encanto amado;
> Amando o meu cuidado,
> Jamais te hei de deixar.
>
> Vê de meu fogo ardente
> Qual é o activo imperio;
> Que em todo este hemispherio
> Se attendè respirar.

O coração, que sente
Aquelle incendio antigo,
No mesmo mal, que sigo,
Todo o favor me dá.

Si tanto bem confesso,
Ou seja noite, ou dia,
Jamais tua harmonia
Espero abandonar.
Não ha de a tanto excesso,
Não ha de, não; minha alma,
D'esta amorosa calma
Meus olhos serenar.

Ah! quantas ancias, quantas
Agora despertando,
A teu impulso brando,
Eu venho a temperar!
No gosto que me encantas,
Suavissimo instrumento,
Em ti só busco alento,
Que eterno me serás.

Comtigo partir quero
As magoas de meu peito,
Quanto diverso effeito
Do que provaste já!
Não me cuides tu ingrato,
Por que já eu quiz quebrar-te;
No meu delirio em parte
Desculpa tem meu mal.

Si tu só de minha alma
O caro amor sabias,
Comtigo só meus dias
Eterno hei de alentar.
Bem que ameace a calma,
Fatal tormenta escura,
Na minha desventura
Jamais naufragarás.

Clamar, a cada instante,
O nome que me ouvia,
Ou seja noite, ou dia,
O bosque me ouvirá.
  Bem que a meu culto amante
  Resista o desengano,
  O voto soberano
  Te espero tributar.

Não temas, que deixada
Te occupe este arvoredo,
Onde o meu triste enredo
O fado tecerá;
  Conhece, ó lyra amada,
  O affecto que me inspiras;
  Na mesma paz, que tiras,
  Me dás a melhor paz.

Na cantata dos adeuses, sustenta o poeta a sua força e pureza; ha em quasi todas as composições de Claudio Manuel da Costa um colorido melancolico e saudoso que agrada e encanta: desenham-se langorosamente os seus adeuses, e dentro d'alma imprime a consonancia do verso uma doce e profunda emoção:

Adeus, idolo amado,
Adeus; que o meu destino
Me leva peregrino
A não te ver já mais.
  Sei, que é tormento ingrato
Deixar teu fino trato;
Mas quando é, que tu viste
  Um triste
  Respirar?

Tu ficas; eu me ausento;
E n'esta despedida

Si não se acaba a vida,
É só por mais penar.
    De tanto mal, e tanto,
Alivio é só o pranto:
Mas quando é, que tu viste
    Um triste
    Respirar?

Quantas memorias, quantas,
Agora despertando,
Me vem acompanhando
Por mais me atormentar!
    Faria o esquecimento
Menor o meu tormento:
Mas quando é, que tu viste
    Um triste
    Respirar!

Girando esta montanha,
Os sitios estou vendo,
Aonde amor tecendo
Seu doce enredo está.
    Aqui me occorre a fonte,
Alli me lembra o monte:
Mas quando é, que tu viste
    Um triste
    Respirar?

Tem tambem Claudio Manuel da Costa algumas odes, que lhe dão avantajado logar entre os poetas; a que dirige ás cinzas de Alexandre parece-nos a mais altiva e sonora; os epicedios ao amigo que morreu, e ao conde de Bobadella, distinguem-se no seu genero, e honram o nome do poeta.

Si bem que prime pelas admiraveis descripções que appresenta, e pelas noções historicas que offerece acerca da capitania de Minas; si bem que con-

tenha verdadeiras bellezas da versificação, não merece todavia o poema de *Villa-Rica* as honras de poema-romance, e principalmente na lingua portugueza, em que brilham *o Cerco do Diu*, *o Caramurú*, *o Naufragio de Sepulveda*, *Malacca conquistada*, *o Uruguay*, *Affonso Africano*, *a Elegiada*, *Ulissea*, *Camões* e *Donna Branca*. Nota-se ainda n'elle uma falta de colorido local, que dôe no fundo d'alma, e de invenção, que demonstra que não era o espirito do poeta para este genero de poesia.

Mais linda e perfeita é então a sua allegoria do *Ribeirão do Carmo*, cheia toda de imagens delicadas, faceira e fermósa como uma fada; é o genio brazileiro que obrigou o poeta a abandonar as inspirações da litteratura italiana, e as saudades das margens do Tejo, do Mondego e do Lima, applicando os seus pinceis e as suas doiradas tintas aos paineis riquissimos que offerece por toda a parte a magestade do Brazil. Rivalisa n'esta allegoria com Antonio Diniz da Cruz e Silva, que tendo vindo ao Brazil para ser juiz, tendo sido um dos desembargadores que condemnáram a sua memoria, e conservando-se no Rio de Janeiro chanceller da Relação, inspirou-se tambem de tantas, tão bellas e tão variadas scenas da natureza, e escreveu diversas fabulas, com o titulo de *Metamorphoses brazileiras*, que, e mais o seu poema do *Hyssope*, constituem os florões mais bellos da sua corôa poetica.

A alegoria do *Ribeirão do Carmo* precede um soneto admiravel.

Leia a posteridade, ó patrio rio,
Em meus versos teu nome celebrado;
Por que vejas uma hora despertado
O somno vil do esquecimento frio :

Não vês nas tuas margens o sombrio
Fresco assento de um alamo copado;
Não vês nympha cantar, pastar o gado,
Na tarde clara do caloroso estio?

Turvo banhando as palidas areias
Nas porções do riquissimo thesoiro,
O vasto campo da ambição recreias :

Que de seus raios o planeta loiro,
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quando em chammas fecunda, brota em oiro.

Descreve depois o poeta o nascimento do Ribeirão, sua alegre infancia, e os seus risos juvenis; passa á historia de seus amores desgraçados pela ingrata Eulina, que lhe roubára Apollo; pinta a desesperação, que o arrasta a amaldiçoar o deus, que em vingança insinua os homens a romper-lhe as entranhas, e a procurar dentro do seu seio o oiro delicado, e as pedras preciosas que tanto ambicionam; e as dôres que soffre o rio, que mistura com sangue as suas aguas; despeja-as pelas verdes planicies das proximidades da cidade de Marianna, e por fim, enlouquecido, despenha-se da altura immensuravel, e morre precipitado nos rochedos : embora uma ou outra veste ou imagem da mythologia grega substitua a expressão candida, singela e pura da lingua-

gem portugueza, é esta allegoria um bello e verdadeiro ramalhete de poesia.

Escreveu Claudio Manuel da Costa tantas composições poeticas, que tornar-se-ia fastidiosa e sem interesse a analyse de cada uma; pelas que acabamos de examinar, podemos firmar opinião dos meritos do poeta, e admirar sua imaginação brilhante, e phantasia doirada : é sem duvida um dos primeiros vates da poesia portugueza aquelle que á sua lyra suave e sonora dedicou estes admiraveis e ultimos versos :

Aqui d'este salgueiro
Pendente ficarás, o lyra minha!
Tu, que foste primeiro,
Emquanto amor convinha,
Alivio de meus males,
Ferindo os montes, abalando os vales,
De todo já deixada,

Nem siquer nas imagens da memoria
Viverás retratada;
De tanta antiga gloria
Si consultada fores,
As delicias aponta nos horrores.

Será lingua eloquente
A mesma face macilenta : o rosto
Do meu mal inclemente,
Pela voz do desgosto,
Com a muda harmonia
Poderá declarár minha agonia.

De Arachne o enredo escuro
Em ti as debeis linhas estendendo,
Cubra teu centro impuro,

Que accorde respondendo
Do verso as consonancias,
Tantas vêzes ouviu as minhas ancias.

Genio funesto inspire
Sempre em teu damno, por maior tristeza;
De ti não se retire
A funebre aspereza
D'aquelle horror malino,
Que os passos acompanha a meu destino.

São contestes todos os escriptores que escrevêram a respeito da litteratura portugueza acerca do merecimento das poesias de Claudio Manuel da Costa. Estrangeiros, como Boutterweck, Balbi, Fernando Denis e Sismondi, o citam e exaltam. Portuguezes, como Almeida-Garrett, e Costa e Sá, tecem-lhe os maiores elogios. Recommenda-o como classico a Academia real de sciencias de Lisboa. É indubitavelmente um dos poetas mais illustres que produzio o solo americano.

VII.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

I.

Era Thomaz Antonio Gonzaga de estatura pequena, e cheio de corpo : tinha physionomia clara e espirituosa, animada por dous olhos azues, vivos e penetrantes; encantava com a sua conversação alegre, jovial e engraçada; attrahiam-lhe todos os corações as suas maneiras delicadas e polidas.

Aonde nasceu? Foi esta questão suscitada, e debatida com toda a força, e esteve indecisa até agora entre os litteratos. É uma das suas glorias, que, depois de sua morte, tanto o Brazil como Portugal disputáram e pleiteiáram a honra de haver sido seu berço; invidáram suas forças os sabios de ambos os paizes, procurando revendicar para sua nação o nascimento de Gonzaga.

Verificamos porém que nascêra Thomaz Antonio Gonzaga em agosto de 1744, na cidade de Porto, e fôra ahi baptisado em 2 de septembro, na freguezia de São Pedro (1).

Era seu pai João Bernardo Gonzaga, natural do

Rio de Janeiro, e casado com Dona Thomasia Isabel Gonzaga; exercêra logares de juiz de fóra em Angola, Cabo Verde, e em Pernambuco; fôra provido no anno de 1745 no emprego de ouvidor na cidade de Porto; foi despachado em 1759 desembargador da Relação da Bahia. É certo que a infancia de Thomaz Antonio Gonzaga passou-sè na Bahia, porque elle mesmo em seus versos o declara :

> Pintam que os mares sulco da Bahia,
> Aonde passei a flor da minha edade :
> Que descubro as palmeiras, e em dous bairros
> Partida a grão cidade.

Seria por tanto no tempo em que n'esta cidade seguia seu pai a carreira da magistratura. Estão comprovados todos estes factos tanto por um documento que possuimos escripto de seu proprio punho, em Moçambique (2), como pela declaração do livro dos matriculas da universidade de Coimbra (3).

Apenas chegou Thomaz Antonio Gonzaga á edade de seguir os estudos universitarios, deixou o Brazil, dirigiu-se para Coimbra, formou-se em leis ao anno de 1763, e conseguindo reputação de talentoso, obteve, depois de exercer por alguns annos logares de juiz de fóra na cidade de Beja, e outros termos de Portugal, o despacho de ouvidor para Villa-Rica, para onde se passou, e aonde residiu sempre até o momento em que foi preso, como indiciado na tentativa de revolução de que era cabeça Joaquim José da Silva Xavier.

Que importa pois que um acaso, e puro acaso, o fizesse nascer em Portugal? Participa tambem o Brazil da sua gloria, porque foi o Brazil a terra de seu pai; porque no Brazil viveu Thomaz Antonio Gonzaga a sua infancia, e quasi toda a sua vida; e porque pelo Brazil padeceu e penou quando se ligou com outros Brazileiros anciosos de libertar a sua patria do jugo portuguez, e declara-la independente.

Não nasceram os dous Chénier em Constantinopla, e a França se não gloria com seus nomes, por que fôra seu pai Francez? — Não deixou Benjamin Constant o seu berço na Suissa, e não entra no Pantheon dos escriptores e publicistas francezes? Não é natural de Turim o duque de Palmela, diplomata e estadista reputado de Portugal?

Como ouvidor de Villa-Rica, gozou Thomaz Antonio Gonzaga de reputação illibada; eram os seus talentos apreciados geralmente, e reconhecida a sua instrucção; por todos os governadores, com quem serviu, costumava ser consultado nos mais espinhosos e complicados negocios da administração publica.

Seus collegas e antigos companheiros de estudos, quando tratáram de o julgar, sacrificáram ao dever e ao medo os sentimentos da amizade; o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, predilecto como elle das musas, não vacillou no voto contra o seu amigo da universidade e o seu irmão em poesia: confessou Thomaz Antonio Gonzaga ter sciencia da premeditada revolução, mas que a considerára hy-

pothetica; negou porém ter aconselhado ao intendente que lançasse a derrama do oiro, e cobrasse as dividas atrasadas, de accordo com os conjurados, e para o fim de excitar descontentamento no povo contra a administração; declarou mesmo, que não concordára, e menos fôra cumplice dos planos dos descontentes.

Perdeu porém a Gonzaga a sua grande reputação de talentos e luzes, e a amizade que o prendia a Ignacio José de Alvarenga Peixoto e a Claudio Manuel da Costa, dous dos principáes revolucionarios : não foram acceitas suas declarações, apesar mesmo de roboradas por depoimentos contestes de alguns conjurados : preferiram os juizes dar valor aos indicios que se levantavam contra elle.

Eis, a seu respeito, as proprias palavras do accordam da Relação lavrado no processo :

« Quanto ao réo Thomaz Antonio Gonzaga, que por todos os mais réos conteúdos n'estas devassas era geralmente reputado por chefe da conjuração, como o mais capaz de dirigi-la, e de encarregar-se do estabelecimento da nova republica; e supposto que esta voz geral que corria entre os conjurados nascesse principalmente das asseverações dos réos Carlos Correia de Toledo e do alferes Tiradentes, e ambos negassem nos appensos nos 1° e 5° que o réo entrasse na conjuração, ou assistisse a algum dos conventiculos que se fizeram em casa dos réos Francisco de Paula e Domingos de Abreu, accres-

centando o padre Correia que dizia aos socios da conjuração, que este réo entrava n'ella, para os animar, sabendo que entrava na acção um homem de luzes e talentos, capaz de os dirigir, e o réo Tiradentes que não negaria o que soubesse para o inhibir da culpa, sendo seu inimigo por causa de uma queixa, que d'elle fez ao governador Luiz da Cunha Menezes, e egual retractação fizesse o réo Alvarenga na acareação do appenso nº 7º, pois tendo declarado no appenso nº 4º que este réo estivera em um dos conventiculos, que se fizeram em casa do réo Francisco de Paula, e que n'elle o encarregára da factura das leis para a nova republica, na dita acareação não sustentou o que tinha declarado, dizendo que bem podia enganar-se; e todos os mais réos sustentem com firmeza, que nunca este réo assistira, nem entrára em algum dos ditos abominaveis conventiculos, comtudo não pode o réo considerar-se livre de culpa pelos fortes indicios que contra elle resultam; por quanto, 1º mostra-se que sendo a base do levante ajustado entre os réos o lançamento da derrama, pelo descontentamento que suppunham que causaria no povo, este réo foi acerrimo perseguidor do intendente procurador da fazenda para que requeresse o dita derrama, e parecendo-lhe talvêz que não bastaria para inquietar o povo o lançamento pela divida de um anno, instava com o mesmo intendente para que requeresse

por toda a divida, porque então seria evidente que ella não poderia pagar-se, e a junta da fazenda daria contas a dita senhora, como diz no appenso nº 7º; comtudo d'esta mesma razão se conhece a cavilação do animo d'este réo, pois para se saber que a divida toda era tão avultada, que o povo não podia paga-la, e dar a junta da fazenda conta á dita senhora, não era necessario que o intendente requeresse a derrama, porém do requerimento do mesmo intendente é que verosimilmente esperavam os réos, que principiasse a inquietação logo no povo, e pelo menos os conjurados reputavam as instancias que o réo fazia, para ter logar a rebellião, como jura a testemunha de fl. 29 da devassa de Minas; — 2º mostra-se mais dos appensos nºˢ 4º e 8º, que jantando o réo um dia em casa do réo Claudio Manuel da Costa com o conego Luiz Vieira, o intendente e o réo Alvarenga, foram todos ao depois de jantar para uma varanda, excepto o intendente, que ficou passeando em uma sala immediata, e principiando na dita varanda entre os réos a pratica sobre a rebellião, advertiu o réo Alvarenga, que se não continuasse a fallar na materia, porque poderia perceber o dito intendente; mas não houve duvida em principiar a pratica, nem tambem a havia na presença d'este réo, signal evidente de que estavam os réos certos que a pratica não era nova para o réo, nem temiam que elle os denunciasse, assim como se

temeram e acauteláram do intendente, tendo o mesmo réo já dado a mesma prova de que sabia o que estava ajustado entre os conjurados, quando em sua propria casa, estando presente o réo Alvarenga, perguntou o conego Luiz Vieira pelo levante, e o réo lhe respondeu, que a occasião se tinha perdido pela suspensão do lançamento da derrama, não lhe fazendo novidade que houvesse ideia de se fazer levante, e que elle estava ajustado para a occasião em que se lançasse a derrama : e ultimamente 3° mostra-se pelo appenso n° 4° das perguntas feitas ao réo Claudio Manuel da Costa, ainda que n'estas houve defeito de se lhe não dar o juramento pelo que respeita a terceiro, que muitas vêzes fallavam com o réo sobre o levante, o que o réo não se atreveu a negar nas perguntas que se lhe fizeram no appenso n° 7°, confessando depois, que algumas vêzes fallara e ouvira fallar a alguns dos réos hypotheticamente sobre o levante, sendo incrivel que um homem letrado e de instrucção deixasse de advertir que o animo, com que se proferem as palavras, é occulto aos homens, que semelhante pratica não podia deixar de ser criminosa, especialmente na occasião em que o réo suppunha que o povo se desgostaria com a derrama; e que ainda quando o réo fallasse hypotheticamente, o que é inaveriguavel, esse seria um dos modos de aconselhar aos conjurados; porque dos embaraços, ou meios que o réo hypothetica-

mente ponderasse para o levante, podiam resultar luzes para que elle se executasse por quem tivesse esse animo, que o réo sabia, que não faltaria em muitos se lançasse a derrama. »

Foi condemnado Thomaz Antonio Gonzaga pelo accordam de 18 de abril de 1792 a degredo perpetuo para as Pedras de Angoche; modificou-se depois a sentença por outro accordam de 2 de maio, que reduziu a dez annos o tempo do degredo, e trocou as Pedras de Angoche por Moçambique.

Empresa impossivel seria descrever as dôres e os tormentos que soffreu Gonzaga na sua prisão : o homem que occupava emprego elevado, e posição honrosa na sociedade; que acabava de ser despachado desembargador para a Bahia, preso de repente, carregado de ferros, confundido com toda a casta de criminosos, arrancado a Villa-Rica, aonde, segundo revelam os seus versos, tinha uns amores que não escondia (1), e que o occupavam á tanto tempo, e lhe haviam inspirado canções tão bellas e tão maviosas; amores que se tornáram tão celebrisados, como os de Hero e Leandro, de Heloisa e Abeilard, de Laura e Petrarca, e de Beatriz e Dante; amores que o acompanháram á cadeia do Rio de Janeiro, ahi animáram ainda o seu pensamento poetico, e lhe arrancáram versos de belleza incomparavel, e do rhythmo mais melodioso...

Quando se lhe leu a sentença de degredo; quando soube que baqueiára a sua causa, e que era preciso

deixar a terra amada, e abandonar a adorada Marilia; não tiveram limites as dôres do seu coração e a desesperação da sua alma: vagava-lhe até então no pensamento a esperança ainda de salvação, que felizmente ampara o homem nas mais arriscadas crises da sua existencia; da sua escura masmorra pedia Gonzaga ao seu sonoro passarinho, que atravessasse as serras da Estrella, e fosse levar a Villa-Rica as suas saudades a

> N'uma palavra, a que vires
> Entre todas mais fermosa:
> Chega então ao seu ouvido,
> Dize que sou quem te mando,
> Que vivo n'esta masmorra,
> Mas sem allivio penando...

Seccou-lhe a fatal sentença a esperança que ainda o alimentava: deslizáram-se os ultimos canticos no seu adeus; foi a voz do cysne no termo da agonia: amarga desesperação o inspirou, e lhe revolveu todo o pensamento.

> Leu-se-me emfim a sentença
> Pela desgraça firmada:
> Adeus, Marilia adorada!
> Vil desterro vou soffrer.
> Ausente de ti, Marilia,
> Que farei? Irei morrer.
>
> Que va para longes terras
> Intimarem-me eu ouvi:
> E a pena que então senti
> Justos céos! não sei dizer.
> Ausente de ti, Marilia,
> Que farei? Irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma, e por negaça
Me está dizendo a desgraça
Que nunca mais te hei de ver.
  Ausente de ti, Marilia,
  Que farei? Irei morrer.

Por deixar os patrios lares
Não me fere o sentimento;
Porém suspiro e lamento
Por tão cedo te perder.
  Ausente de ti, Marilia,
  Que farei? Irei morrer.

Viveu quinze annos em Moçambique, mas não passou esse viver de uma vegetação animal: jazeu sempre engolfado o seu pensamento em uma negra melancolia; trouxeram-lhe ao principio os ares do exilio uma grave enfermidade; esteve decidido e desenganado de que se lhe acabava a vida!...

Melhor fôra talvêz isso! — Quando o corpo reganhou forças, desamparou-o o espirito: nem Marilia, nem o Brazil, e nem a poesia lhe correram mais á lembrança: casou-se com Dona Julianna de Sousa Mascarenhas, e esta nova existencia o não trouxe á vida real, e ao pleno e perfeito gozo d'ella: de quando em quando, com a mudança das estações, cahia em accessos de furia, chorava, gritava, maltratava-se, e feria-se com as unhas e com os dentes... Estava louco.

No anno de 1809 expirou, e foi enterrado na sé de Moçambique.

II.

Como a vida de Thomaz Antonio Gonzaga, tem duas phases bem diversas e bem definidas as suas poesias : explica-se, desenha-se, e manifesta-se qualquer d'ellas nas suas lyras admiraveis. A primeira epocha de sua vida chega a sua prisão em 1789; é toda de prazeres, de risos, de divertimentos, de alegrias e de amores; espelha-se em uns versos faceis e languidos, limpidos e faceiros; reflecte-se, como em fonte cristallina, n'essas lyras suaves e melodiosas, em que, transformado em pastor, passa os dias tecendo grinaldas e ornando corôas para offerecer a sua bella Marilia, saudando o seu casal, solfejando as suas delicias, e admirando as suas brancas ovelhinhas, extasiado todo com a sua sorte ditosa.

Assemelhava-se aos menestreis da edade media, para quem se cifrava a vida no descantar de amores, sem que uma nuvem de tristeza lhes embargasse a menor alegria, e a quem pouco importava o mundo com as suas transmutações, a existencia com as suas scenas variadas, e o futuro, ainda que ennegrecido e ameaçador; são anacreonticas, bucolicas, amorosas, joviáes e pastoris quasi todas as poesias que escreveu Gonzaga n'esta epocha.

> Irás á divertir-te na floresta,
> Sustentada, Marilia, no meu braço;
> Alli descansarei a quente sesta,
> Dormindo um leve somno em teu regaço.

Em quanto a lucta jogam os pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado;
Acabe, acabe a peste matadora
Sem deixar uma rez o nedio gado;
Já d'estes bens, Marilia, não preciso;
Náo me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marilia, basta,
Que os olhos movas, e me dês um riso!
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Mas tendo tantos dotes de ventura,
Só apreço lhes dou, gentil pastora,
Depois que o teu affecto me segura,
Que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marilia, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte e prado;
Porém, gentil pastora, o teu agrado,
Vale mais que um rebanho, e mais que um throno!
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Ha n'essas pequenas lyras, que elle denominou de Dirceu a Marilia, tanta cousa linda e encantadora, que rivalisam sem duvida com as canções mais puras e delicadas de Francisco Petrarca.

Verdade é que muita semelhança existe na vida e nas obras d'estes dous poetas; cantava os seus alegres amores Francisco Petrarca nos braços da sua

Laura bella, pelos prados de Avinhão, e nas torrentes solitarias de Vauclusa; quando Laura o inspirava, era Laura para elle o mundo; cifrava-se, e resumia-se tudo n'ella; solfejava Thomaz Antonio Gonzaga as suas melodias deliciosas em honra de sua Marilia, nos amenos valles de Villa-Rica; eram repassadas todas pela linguagem mais pura da paixão, e levavam ao objecto do seu amor os mais doces e ternos suspiros. Quantos retratos faziam um e outro continuamente! Quantas divinas descripções mereceu a fermosa Laura! Quantas pinturas sublimes obteve a bella Marilia!

I.

A pintar as negras transas,
Peço que mais te desvelles
Pinta chusmas de amorinhos,
Pelos seus fios trepando;
Uns tecendo cordas d'elles,
Outros com elles brincando.

Para pintares ao vivo
As suas faces mimosas,
A discreta natureza
Que providencia não teve!
Creou no jardim as rosas,
Fez o lirio, e fez a neve!

Para pintares, Glauceste,
Os seus beiços preciosos,
Entre as flores tens o cravo,
Entre as pedras a granada,
E para os olhos fermosos,
A estrella da madrugada.

II.

Os seus cumpridos cabellos,
Que sobre as costas ondeiam,
São que os d'Apollo mais bellos;
Mas de loura côr não são.
Tem a côr da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, meu bem, um composto
Da mais fermosa união.

Tem redonda e lisa a testa,
Arquèadas sobrancelhas;
A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são uns sóes.
Aqui vence amor no Céo,
Que no dia luminoso
O Céo tem um sol fermoso,
E o travesso amor dous sóes.

Na sua face mimosa,
Meu bem, estão misturadas
Purpureas folhas de rosa,
Brancas folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos,
Os seus beiços são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

III.

O vento, quando parte em largas fitas
As folhas, que meneia com brandura;
A fonte cristallina
Que sobre a pedra cahe d'immensa altura;
Não forma um som tão doce, como forma
A tua voz divina.

As abelhas nas azas suspendidas
Tirão, Marilia, os succos saborosos

Das orvalhadas flores:
Pendentes dos teus beiços graciosos
O mel não chupam, chupam ambrosias
Nunca fartos amores.

Em torno dos teus peitos, que palpitam,
Exhalam mil suspiros desvelados
Enxames de desejos;
Si encontram os teus olhos descuidados,
Por mais que se atropellem, voam, chegam,
E dão furtivos beijos.

O cysne, quando corta o manso lago,
Erguendo as brancas azas e o pescoço;
A náu, que ao longe passa,
Quando o vento lhe infuma o pano grosso,
O teu garbo não tem, minha Marilia,
Não tem a tua graça.

IV.

A minha bella Marilia
Tem de seu um bom thesouro;
Não é, doce Alceo, formado
Do buscado
Metal louro.
É feito de uns alvos dentes,
É feito de uns olhos bellos,
De umas faces graciosas,
De crespos, finos cabellos,
E de outras graças maiores,
Que a natureza lhe deu:
Bens que valem sobre a terra,
E que tem valor no Céo.

Eu posso romper os montes,
Dar ás correntes desvios,
Por cercados espaçosos
Nos caudosos
Turvos rios.

Posso emendar a ventura
Ganhando astuto a riqueza;
Mas, ah! caro Alceo, quem pode
Ganhar uma só belleza
Das bellezas que Marilia
No seu thesouro metteu?
Bens que valem sobre a terra,
E que tem valor no céo?

Si perdeu Petrarca a sua Laura, que batteu como o anjo as suas brancas azas, e deixou este mundo desgraçado, foi ainda Gonzaga mais infeliz, que o arrastáram grilhões para longe da sua Marilia. Na sua dôr se inspiráram ambos tão admiravelmente, como nos seus prazeres; nas canções amorosas e no sentimento das saudades podem-se dizer riváes; é porém Petrarca superior a Gonzaga, porque das inspirações enamoradas soube elevar as vêzes os sons de sua lyra a objectos magestosos e grandiloquos, e cantar a patria com admiravel e sublime poesia. Não rebaixa porém esta circumstancia o talento de Gonzaga, porque Gonzaga não tinha patria, e tanto que procurou crear uma, separando o Brazil de Portugal. No seculo de Petrarca, ainda que retalhada e dividida, estava a Italia animada do patriotismo mais fervoroso; o Brazil, que Gonzaga chamava sua patria, era colonia, a quem não se permittia o pensar e o fallar, porque o pensamento e a falla leváram ao cadafalso, e aos presidios d'Africa, os Brazileiros mais animosos.

Cumpre todavia dizer que no meio das canções amorosas da primeira epocha de Gonzaga apparecem admiravelmente tratados alguns assumptos de importancia superior : o que se pode apresentar de mais perfeito do que estes versos descriptivos?

Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes d'ouro
No fundo da bateia.

Não verás derrubar os virgens mattos,
Queimar as capoeiras ainda novas,
Servir de adubo á terra a fertil cinza,
Lançar os grãos nas covas;

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa meza
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me has folheiar os grandes livros,
E decidir os pleitos.

E estoutros :

Não praguejes, Marilia, não praguejes
A justiceira mão que lança os ferros:
Não traz debalde a vingadora espada:
Deve punir os erros.

Virtudes de juiz, virtudes de homem,
As mãos se déram, e em seu peito moram;
Manda prender o réo, austera a boca,
Porém seus olhos choram.

Si á innocencia denigre a vil calumnia,
Que culpa aquelle tem que applica a pena?
Não é o julgador, é o processo,
É a lei que condemna.

E a lyra admiravel, que assim começa:

Arde o velho barril, arde a cabeça
Em honra de João, na larga rua:
O credulo mortal agora indaga
Qual seja a morte sua.

Eu não tenho alcachofra, que á luz chegue,
E n'ella orvalhe o céo de madrugada,
Para ver si rebentam novas folhas
Aonde foi queimada.

Tambem não tenho um ovo que despeje
Dentro de um copo d'agua, e possa n'ella
Fingir palacios grandes, altas torres
É uma náu á vella.

Não ousaria o proprio Horacio repudiar a paternidade d'estas poesias, tão bem collocadas são as palavras, tão insinuante o verso, tão lindamente sotopostas as phrases, e tão brilhantes e elevados os seus pensamentos poeticos.

Merece Gonzaga o nome de poeta musical; excede na harmonia do rhythmo, na doçura da palavra, e na cadencia do verso; e esse mesmo rhythmo, essa cadencia de expressões, e essa magia do verso, ganháram-lhe popularidade estrondosa, e o fizeram um dos poetas mais queridos e lidos de Portugal e do Brazil; verdade é que muitas vêzes nos seus versos a belleza do pensamento, e a originalidade e sublimidade da ideia, são sacrificadas á

consonancia sonora, doce e musical do verso, e que a inspiração brilhante do poeta curva-se, sujeita-se, e succumbe emfim sob a escolha apurada da palavra, e sob a harmonia da dicção; é um defeito em que cabem todos os poetas, que se impregnam de um excessivo amor da arte e versificação : folga porém em geral o povo de ouvir e ler versos maviosos e doces, porque lhes comprehende logo o pensamento; e é por isso maior ordinariamente a popularidade dos poetas artistas.

Quem em Portugal ou no Brazil não sabe de cór, e não repete a todos os instantes estes versos de Gonzaga :

Acaso são estes
Os sitios fermosos,
Aonde passava
Os annos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Em quanto pastava
O gordo rebanho,
Que Alceo me deixou?
São estes os sitios?
São estes; — mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

D'aquelle penhasco
Um rio corria;
Ao som do susurro,
Que vêzes dormia!
Agora não cobrem
Espumas nevadas

As pedras quebradas;
Parece que o rio
O curso voltou!
São estes os sitios?
São estes; — mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Meus versos alegre
Aqui repetia;
O echo as palavras
Tres vêzes dizia.
Si chamo por elle
Já não me responde;
Parece se esconde
Cansado de dar-me
Os ais que lhe dou.
São estes os sitios?
São estes; — mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Aqui um regato
Corria sereno
Por margens cobertas
De flores e feno:
A esquerda se erguia
Um bosque feixado
E o tempo apressado
Que nada respeita,
Já tudo mudou.
São estes os sitios?
São estes; — mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Marilia, teus olhos
São réos e culpados,
Que soffra, e que beije
Os ferros pesados
De injusto senhor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A lingua prendeu-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a côr.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

A vista furtiva,
O riso imperfeito,
Fizeram a chaga,
Que abriste no peito,
Mais funda e maior.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Marilia, de que te queixas?
De que te roubou Dirceu
O sincero coração?
Não te deu tambem o seu?
E tu, Marilia, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão?
Todos amam; só Marilia
D'esta lei da natureza
Queria ter isenção?

Em torno das castas pombas,
Não rulam ternos pombinhos?
E rulam, Marilia, em vão?
Não se afagam co' os biquinhos?

E ás provas de mais ternura
Não os arrasta a paixão?
Todos amam; só Marilia
D'esta lei da natureza
Queria ter isenção?

III.

Foram os versos alegres e faceiros, fluidos e harmoniosos da primeira epocha da vida de Thomaz Antonio Gonzaga, que lhe conseguiram maior fama; temos porém para nós que são o seu mais bello florão de gloria os canticos que lhe arrancáram os tormentos da dura prisão que soffreu, as saudades de seus passados e felizes annos, e a ausencia do objecto adorado, a quem dedicava toda a sua poesia, e toda a sua existencia; são emfim as lyras da segunda parte da sua vida, e que foram escriptas por elle quando carregado de ferros, de mistura com os criminosos, no seio de perseguições, e na ausencia de todos os elementos de inspiração; usando da ponta de uma laranja em logar de penna, servindo-se do suor da parede ao fogo e fumaça da candeia, para substituir a tinta, e de quaesquer pedaços rotos de papel que encontrava, e as vêzes da mesma parede, aonde imprimia os seus versos, para lhes confiar os fructos da sua imaginação, e as dôres da sua alma.

Assim se exprime em uma lyra:

Já não cinjo de loiro a minha testa,
Nem sonoras canções o deus me inspira;

Ah! que nem me resta
Uma já quebrada,
Mal sonora lyra!
A fumaça, Marilia, da candeia,
Que a molhada parede ou suja ou pinta,
Bem que tósca e feia,
Agora me pode ministrar a tinta.
Os mais preparos o discurso apronta;
Elle me diz que faça do pé de uma
Má laranja ponta,
E d'elle me sirva
Em logar de pluma.

E confirma logo depois todos estes factos com os seguintes versos :

Do azeite e da fumaça
Uma nova tinta ageito :
Tomo o páu que penna finge,
Vou as lyras copiar.

É nos cantos amargurados que desprendendo sublimado vôo ergue-se o vate harmonioso a uma altura descomunal, e não encontra superioridade em poeta algum moderno ou antigo.

Já me vai, Marilia, branquejando
Louro cabello que circula a testa,
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza de meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Si quero levantar-me, as costas vergam :
As forças dos meus membros já se gastam :
Vou a dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pés, e arrastam.

Si algum dia me vires d'esta sorte
Vê que assim me não poz a mão dos annos.
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos
Fazem os mesmos damnos.

Succede, Marilia bella,
A medonha noite o dia:
A estação chuvosa e fria
A quente secca estação:
Muda-se a sorte dos tempos,
Só a minha sorte não.

Os troncos nas primaveras
Brotam em flores viçosos;
Nos invernos escabrosos
Largam as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos tempos,
Só a minha sorte não.

Aos brutos, Marilia, cortam
Armadas redes os passos,
Rompem depois os seus lassos,
Fogem da dura prisão.
Muda-se a sorte dos brutos,
Só a minha sorte não.

Nem-um dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vêm gosto,
Depois do gosto afflicção.
Muda-se a sorte dos homens,
Só a minha sorte não.

Que diversas que são, Marilia, as horas,
Que passo na masmorra immunda e feia,
D'essas horas felices, já passadas
Na tua patria aldeia!

Então eu me ajuntava com Glauceste (5),
E, á sombra d'alto cedro na campina,
Eu versos te compunha, e elle os compunha
A sua cára Eulina.

Cada qual o seu canto aos astros leva;
De exceder um ao outro qualquer trata:
O echo agora diz: Marilia terna;
E logo: Eulina ingrata.

A noite te escrevia na cabana
Os versos, que de tarde havia feito,
Mal t'os dava, e os lias, os guardavas
No casto e branco peito.

Por morto, Marilia,
Aqui me reputo:
Mil vêzes escuto
O som do arrastado
E duro grilhão!
Mas ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

A chave lá sôa
Na porta segura:
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prisão.
Mas ah! que não treme,
Não treme de medo
O meu coração!

Minha Marilia,
O passarinho,
A quem roubáram
Ovos e ninho,
Mil vêzes pousa
No seu raminho;

Piando finge
Que anda a chorar.
Mas logo vôa
Pela espessura,
Nem mais procura
Este logar.

O voraz tempo,
Que o ferro come,
Que aos mesmos reinos
Devora o nome,
Tambem, Marilia,
Tambem consome
Dentro do peito
Qualquer pesar.
Ah! que não pode
Ao meu tormento
Por um momento
Allivio dar.

Não é a doce melancolia de Job, com a sua resignação piedosa, que tudo disculpa e attribue ás ordens e vistas bondadosas e justiceiras de Deus : não é a dôr aristocratica de Lamartine, que perdendo a sua querida Julia, parece todavia e sempre lembrar-se de que fica na terra, e se conservará n'ella; não é a tristeza de Petrarca, a quem, morta Laura, sobra a patria e sobra a sciencia para companheiras; não são os arrufos sarcasticos de Byron, exclamando :

Não me afflige a saudade dos passados
Prazeres, ou perigos, que alegravam;
Punge-me a dôr de nada ter deixado
Que uma lagrima merecer-me deva (6).

Nada d'isto se assemelha á desesperação de Gon-

zaga, que tira origem de desgraças fatáes, que lhe envenenáram para sempre a existencia. É Young facticio, monotono, e mais lugubre que melancolico; tem origem a dôr de Tibullo no caracter do poeta, e não nos seus infortunios: nunca gozou Gilbert de existencia serena e tranquilla, e de vida de delicias e prazeres; não soffria saudades, e saudades, que curtem o coração, e ferem as ultimas fibras d'alma; é por isso sceptico Gilbert e amaldiçoa os homens, como causáes de suas infelicidades. Foragido da Italia, arrancado das honras para a miseria, é Ugo Foscolo o poeta unico cuja dôr se parece com a de Gonzaga, e cujos versos procedem da mesma origem; a differença está em que perde a patria Ugo Foscolo, mas salva a vida: apenas de longe desdobra pela patria hymnos saudosos de amor; em quanto que acha-se Gonzaga encarcerado, assustado do futuro, e lembrado do passado, e o que é mais, do passado cheio todo dos seus amores e prazeres!

Que dôr, que profundo sentimento não causa no coração a leitura d'estes versos?

> Morri, ó minha bella;
> Não foi a Parca impia,
> Que na tremenda roca,
> Sem ter descanso, fia:
> Não foi, digo, não foi a morte feia,
> Quem o ferro moveu, e abriu no peito
> A palpitante veia.
>
> Eu, Marilia, respiro:
> Mas o mal que supporto,

É tão tyranno e forte,
Que já me dou por morto:
A insolente calumnia depravada
Ergueu-se contra mim, vibrou da lingua
A venenosa espada.

Inda, ó bella, não vejo
Cadafalso enluctado,
Nem de torpe verdugo
Braço de ferro armado;
Mas vivo n'este mundo, ó sorte impia,
E d'elle só me mostra a estreita fresta
O quando é noite ou dia.

Olhos baços e sumidos,
Macilento e descarnado,
Barba crescida e hirsuta,
Cabello desgrenhado;
Ah! que imagem tão digna de piedade!
Mas é, minha Marilia, como vive
Um réo de magestade!

Venha o processo, venha;
Na innocencia me fundo;
Mas não morreram outros,
Que davam honra ao mundo?
O tormento, minha alma, não recuses;
A quem sabio cumprio as leis sagradas
Servem de solio as cruzes.

São riquissimas de sentimento, admiraveis de poesia, e maviosas de metrificação todas as lyras que escreveu na sua prisão: arranca-o ás vêzes a desesperação ás suas saudades e aos seus gemidos, e o faz exclamar:

As furias infernáes, rangendo os dentes,
Com a mão escarnada, não me applicam

As raivosas serpentes;
Mas cercam-me outros monstros mais irados:
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
De mil e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda,
Em lançar o penedo da montanha,
Ou em mover a roda;
Mas tenho ainda mais cruel tormento;
Por causas, que me affligem, roda e gira
Cansado o pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
As tepidas entranhas não me come
Um abutre esfaimado;
Mas sinto de outro monstro a crueldade:
Devora o coração, que mal palpita
O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo
Que de mim se retiram, quando busco
Fartar o meu desejo;
Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato
Que lograr-te não possa, estando vendo
N'esta alma o teu retrato.

Detem-te, vil humano;
Não espremas cicutas
Para fazer-me damno:
O sumo que ellas dão é pouco forte.
Procura outras bebidas
Que apressem mais a morte.

Desce ao reino profundo,
Ajunta ahi os venenos,
Que nunca visse o mundo;
Traze o negro licor que tem nos dentes,
Nos dentes retorcidos,
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,
Que poz a natureza
Dentro no mar salgado,
Não se abala no meio da tormenta;
Bem que uma onda e outra onda
Sobre elle em flor rebenta.

Arvore, que na terra
As robustas raizes,
Buscando o centro, aferra,
Não teme o furação mais violento;
E menos si se deixa
Vergar do rijo vento.

Sou tronco, e rocha, ó bella,
Que açoita o Sul, que brama,
E o mar, que se encapella;
Não temas, que do rosto a côr se mude;
Vence as rochas e os troncos
A solida virtude.

A maior desventura
É sempre a que nos lança
No horror da sepultura;
O covarde a morrer tambem caminha;
Com que males não pode
Uma alma como a minha?

Não has de ter horror, minha Marilia,
De tocar pulso que soffreu os ferros?
Infames impostores mos lançáram,
E não puniveis erros.

Esta mão, esta mão, que ré parece,
Ah! não foi uma vêz, não foi só uma,
Que em defesa dos bens que são do estado
Moveu a sabia pluma.

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calumnia a cortadora espada;

Uma alma, qual eu tenho,
Não se receia a nada.
Eu hei-de, sim, punír-lhe a insolencia,
Pisar-lhe o negro cólo, abrir-lhe o peito,
Co' as armas invenciveis da innocencia.

Não se espande a alma de Sapho com mais encantos, com mais ternura, com mais paixão e com mais melancolia, do que a Gonzaga, quando se lhe aviva o hymno da saudade :

A estas horas
Eu procurava
Os meus amores :
Tinham-me inveja
Os mais pastores.

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos bellos,
Sem flor, nem fita
Nos seus cabellos.

Ah! que assim mesmo
Sem compostura
É mais fermosa
Que a estrella d'alva,
Que a fresca rosa!

Mal eu a via,
Um ar mais leve,
Que doce effeito!
Já respirava
Meu terno peito.

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Que lhe amimava
Aquella ovelha,
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio e fonte,
No prado e selva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.

Ah! quantas vêzes,
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rocas,
Em que fiava!

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente sesta
D'ella defronte,
Eu me entretinha,
Movendo o ferro
Da sanfoninha!

Assim vivia!!...
Hoje em suspiros,
O canto mudo!
Assim, Marilia,
Se acaba tudo!

Dirceu te deixa, ó bella,
De padecer cansado;
Frio suor já banha
Seu rosto descorado;
O sangue já não gira pela veia;
Seus pulsos já não battem,
E a clara luz dos olhos se baceia;

A lagrima sentida já lhe corre :
Já pára a convulsão, suspira e morre.

Entretanto o mesmo engenho, que produzira tão bellas canções, perdeu as inspirações durante o seu exilio de Moçambique. Algumas vêzes, lembrando-se da sua gloria, pretendeu afinar as cordas da lyra, e tentou tange-la! Eram poucos porém os lucidos intervallos, e mirrados fructos produziram elles; não parece sahido do seu estro divino um poemetto que se lhe attribue acerca do naufragio da náu portugueza *Marialva;* um cantico que dedicou á Conceição de Nossa Senhora contém um ou outro verso, ou pensamento elevado e poetico; revela porém a desordem do seu espirito e o enfranquecimento de sua intelligencia.

Si é verdadeiro o pensamento de Frederico Schiller, quando descreve o poeta como uma alma pura e leal, que passa e canta no meio do mundo, titubeando ás vêzes por entre as phases do passado, os paroxismos do presente, e os arcanos do futuro, e perdido outras vêzes, como a harpa do deserto, nas solidãs profundas da natureza, ninguem com mais razão do que Thomaz Antonio Gonzaga merece o titulo de poeta.

Pode-se dizer que a sua poesia é a flôr d'alma, como são as flores a poesia da terra : prende, encanta, captiva e arrasta, ao som de uma melodia que se não pode definir; nosso pensamento accompanha a inspiração do poeta, ignorando aonde vai,

satisfeito porém de segui-lo, porque é o seu canto terno como o gorgêo do sabiá canoro, arrebatador como a torrente do deserto, melancolico como a musica de Bellini e as flores do chorão, sublime como a grandeza do Oceano e a voz de Deus (7)!

NOTAS.

---

(1) « Antonio Joaquim Teixeira Caneca, escrivão do juizo ecclesiastico desta cidade e bispado do Porto, e interinamente encarregado do expediente do cartorio dos livros findos do mesmo, pelo excellentissimo e reverendissimo senhor bispo d'esta diocese, etc.

» Certifico em como examinando um dos livros da freguezia de São Petro de Miragaia d'esta cidade, nelle a folhas quatro se acha o assento do teor seguinte: Thomaz, filho legitimo do licenciado João Bernardo Gonzaga, e de Dona Thomasia Isabel Gonzaga, moradores na rua dos Cobertos d'esta freguezia: nasceo a... de agosto de 1744, e foi por mim baptisado a dous de setembro do mesmo anno; sendo padrinho o reverendo Domingos Ferreira de Abreu, assistente na cidade de Lisboa, tocou por elle com procuração o reverendo licenciado Antonio de Deos Campos, conego magestral da sé d'esta cidade, e tocou tambem o menino o doutor desembargador d'esta relação João Barrozo Pereira, assistente na rua dos Ferradores da freguezia de Santo Ildefonso, suburbio d'esta cidade, foram testemunhas as abaixo comigo assignadas, d'esta mesma freguezia; e por verdade eu fiz este assento que assignei, era *ut supra* o abbade Manuel da Cruz, o padre Raimundo Darque, Antonio Gomez de Castro, Cota, Averbado no fim d'este, Averbação. A requerimento do doutor Thomaz Antonio Gonzaga, e sua irmãe, se passou e averbou certidão do assento referido em dezeseis de agosto de 1783.

» E não se continha mais em o dito assento e averbação, ao qual me reporto. *E declaro que vai em pontos o que se acha viciado.* Porto, 2 de novembro de 1850. E eu Antonio Joaquim Teixeira Caneca, subscrevi, e assignei.

» Antonio Joaquim Teixeira Caneca. »

(2) « Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1793, aos nove dias do mez de maio, n'esta capital de Moçambique, na igreja

da sé matriz, sendo presente o muito reverendo provisor vigario geral e juiz dos casamentos, Francisco Ferreira de Souza commigo, o padre Luiz Francisco Rodrigues, escrivão do juizo e auditorio ecclesiastico, foram inquiridos os contrahentes Thomaz Antonio Gonzaga e Dona Julianna de Souza Mascarenhas perante o mesmo juiz: em fé do que fizeste termo eu ditto escrivão, que o escrevi.

Depoimento do contrahente.

« No ditto dia mez e era supra appareceu o ditto Thomaz Antonio Gonzaga, a quem o ditto reverendo juiz fez prestar o juramento dos sanctos Evangelhos, em que pôz a sua mão direita, para debaixo d'elle dizer a verdade do que soubesse e lhe fosse perguntado.

» E sendo perguntado pelo seu nome, de quem era filho, terra, logares e freguezia, aonde tem residido, e por quanto tempo, edade, estado e officio, que tem; si tem feito voto de religião ou castidade, ou si tem algum impedimento para contrahir o matrimonio que pretende, respondeu que se chamava Thomaz Antonio Gonzaga, filho legitimo do desembargador João Bernardo Gonzaga e de sua mulher Dona Thomasia Isabel Gonzaga já fallecida, natural da cidade do Porto, baptisado na freguezia de São Pedro do reino de Portugal; que tinha de edade quarenta e oito annos, que era solteiro, e nunca fôra casado: que residira na mesma cidade do Porto, na cidade de Beja, na de Lisboa, Coimbra, Villa-Rica, e actualmente em Moçambique, passante a existencia nas dittas cidades de mais de seis mezes: que nunca déra palavra de casamento a pessoa alguma, nem fizera voto de castidade ou de religião, nem tinha impedimento algum para contrahir o matrimonio que pretendia com Dona Julianna de Sousa Mascarenhas, a quem conhecia pela ter visto de presente, com quem queria ser casado de sua livre e espontanea vontade, e sem constrangimento de pessoa alguma, e mais não disse, e se assignou com o ditto reverendo juiz, e eu ditto escrivão, que o escrevi.

» SOUSA, doutor THOMAS ANTONIO GONZAGA. »

Depoimento da contrahente.

« No ditto dia era mez retro appareceu a contrahente Dona Juliana de Sousa Mascarenhas, que jurou aos sanctos Evangelhos, em que pôz a sua mão direita, para dizer a verdade do que soubesse.

» E sendo perguntada pelos interrogatorios atraz feitos ao contrahente, respondeu que se chamava Dona Julianna de Souza Mascarenhas,

filha legitima de Alexandre Roberto Mascarenhas, e de sua mulher Dona Anna Maria, natural da freguezia da cabaceira grande, e n'ella baptisada: que tinha de edade dezanove annos, que era solteira, e nunca déra palavra de casamento a pessoa alguma, nem fizera voto de castidade ou religião, e nem tinha outro impedimento algúm para contrahir o matrímonio que pretendia com Thomaz Antonio Gonzaga, á quem conhecia pelo ter visto de presente, e com quem queria ser casada de sua livre e espontanea vontade, e sem constrangimento de pessoa alguma; e mais não disse, e se assignou com o ditto reverendo juiz, e eu ditto escrivão que o escrevi. SOUSA. Signal † de Dona Julianna de Sousa Mascarenhas.

» Certifico eu escrivão abaixo assignado estavam os depoimentos dos contrahentes, o doutor Thomaz Antonio Gonzaga e dona Julianna de Sousa Mascarenhas conforme ao que elles depozeram, de que porto minha fé. Moçambique, 9 de maio de 1793.

» P. LUIS FRANCISCO RODRIGUES. »

(3) Certidão extrahida do livro das matriculas da universidade de Coimbra do anno lectivo de 1763, f. 201.

(4) Dona Maria Joaquina Dorotheia Seixas Brandão, com quem o poeta se devia casar, quando foi preso e desterrado. Falleceu em 1854 na cidade do Ouro Preto.

(5) Claudio Manuel da Costa.

(6) For pleasures past I do not grieve,
Nor perils gathering near;
My greatest grief is that I leave
No thing, that claims a tear. BYRON.

(7) Temos visto diversas traducções das Lyras de Gonzaga em linguas extrangeiras; entre ellas a de M. de Monglave, em francez, do senhor Ruscala em italiano, e de Iffland em allemão; infelizmente para estas traducções não passou a maviosidade original dos seus canticos.

VIII.

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO.

I.

Com o titulo de governador e capitão general, administrava o general Gomes Freire de Andrade as capitanias do Rio de Janeiro e do sul do Brazil, e as duas novas de Goyaz e de Matto-Grosso e Cuyabá, que, pela provisão de 9 de maio de 1748, haviam sido creadas, desmembrando-se para isso territorio da capitania de São Paulo, quando quasi ao acabar do anno de 1748 nasceu Ignacio José de Alvarenga Peixoto, na cidade do Rio de Janeiro, procedente de uma das melhores familias da terra.

Encetou os seus estudos no collegio dos Jesuitas, como quasi toda a mocidade sua contemporanea; tomou no Rio de Janeiro o gráu de mestre em artes, que davam elles aos seus alumnos examinados e approvados em todos os ramos que constituem actualmente os estudos secundarios ou preparatorios da instrucção superior: dirigiu-se depois para Coimbra, e cursou as aulas da faculdade de Canones.

Foi seu amigo e protector um jesuita celebre,

no Lacio, o qual foi desgraçadamente perdido.

Teve Minas encantos para Alvarenga Peixoto; findou o seu tempo de ouvidor da comarca, renunciou á carreira da magistratura, e conservou-se em São João d'ElRei : casou-se por fim, e se dedicou todo á paz dos prazeres domesticos, retirando-se para uma fazenda, e lavras que lhe couberam em dote, e occupando-se exclusivamente com os trabalhos da mineração.

Valeram-lhe a sua reputação e as suas riquezas o posto de coronel de cavalleria de milicias da campanha do Rio Verde, e como lhe não roubava este emprego o tempo dos seus affazeres particulares, aceitou-o, e exerceu-o dignamente. Entretinha relações com os homens notaveis da capitania, e era conhecido e respeitado o seu nome por toda a parte.

Foi em 1786, durante o governo de Luiz da Cunha e Meneses, successor do conde de Cavalleiros, que apparecerâm as *Cartas chilenas*, critica fina e vehemente, que ainda hoje se ignora de quem seja composição, si de Thomaz Antonio Gonzaga, si de Claudio Manuel da Costa, si de Ignacio José de Alvarenga Peixoto, ou de todos tres, em liga e combinação.

Mas a tranquillidade e a alegria da vida de Alvarenga Peixoto deviam desapparecer : é o mundo theatro de scenas variadas; e tem o espectador de passar infallivelmente pelas suas diversas mutações; quando Joaquim José da Silva Xavier, José Alves

Maciel, Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Domingos Vidal Barboza, e o tenente coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, combinâram separar a capitania de Minas do governo portuguez, formar d'ella uma republica independente, e proclamar a liberdade, não duvidou acquiescer aos seus intentos, ligados como estavam todos pelos laços da mais estreita amizade; tornou-se assim um dos seus principáes chefes, e participou de todos os planos para levar a effeito a revolução premeditada.

Quando preso com os seus amigos, primeiramente recolhido á cadeia de Villa-Rica, e logo depois enviado para o Rio de Janeiro, ninguem mais do que elle devia lamentar o seu destino fatal, e as grandes perdas que soffrêra.

Era excellente consorte, pai carinhoso; e abandonava esposa e quatro filhinhos, innocentes todos, e na mais tenra edade; e de seus braços queridos se via arrebatar para respirar o habito empestado dos carceres, e para povoar, com os malfeitores e assassinos, o malfadado logar, receptaculo dos crimes.

Assim se exprimio a seu respeito o accordam da Relação em alçada de 18 de abril de 1792:

« Mostra-se quanto ao réo Ignacio José de Alvarenga Peixoto, coronel do 1° regimento auxiliar da campanha do Rio Verde, ser um dos chefes da conjuração, assistente em todos os conventiculos que se fizeram em casa do réo Francisco de Paula, nos

quáes insistia que se cortasse a cabeça do governador de Minas, e se encarregou de apromptar para o levante gente da campanha do Rio Verde, como consta da devassa de Minas, e confessa o réo a fl. 10 do appenso nº 4, que quando em um dos conventiculos se lhe encarregou que apromptasse gente da campanha, elle recommendava aos mais socios fossem bons cavalleiros. Mostra-se mais que tendo o réo conferido com o réo Claudio Manuel da Costa sobre a forma da bandeira e armas que devia ter a nova republica, expoz seu voto em um conventiculo, dizendo que devia ser um genio quebrando as cadeias, e a lettra *libertas quæ sero tamen*, como consta do appenso nº 1º, e o confessa o réo a fl. 11 do appenso nº 4º, dizendo que elle e todos os que se achavam presentes achâram a lettra muito bonita; sendo este réo um dos que mostravam mais empenho e interesse em que tivesse effeito a rebellião, resolvendo as duvidas que se propunham, como fez a José Alves Maciel e ao conego Luiz Vieira, que dizia que havia pouca gente para a defesa da nova republica, e o réo respondeu-lhes que bastava metter-se em Minas polvora, sal e ferro para dous annos, animando assim o réo aos conjurados...... E condemnam o réo Ignacio José de Alvarenga Peixoto, a que com baraço e pregão seja conduzido pelas ruas publicas ao logar da forca, e n'ella morra morte natural para sempre, e depois de morto lhe seja a sua cabeça pregada

em posto alto no logar mais publico da villa de São João d'ElRei, até que o tempo a consuma; declaram a este réo infame, e infames seus filhos e netos, e os seus bens por confiscados para o fisco e camara real. »

Demorou-lhe felizmente ainda o termo da vida o segundo accordam de 2 de maio de 1792, commutando-lhe a pena de morte pela de degredo perpetuo para o presidio de Ambáca, nos sertões de Angola.

Tinha então Ignacio José de Alvarenga Peixoto quarenta e quatro annos de edade : e era-lhe preciso deixar em abandono a esposa e a prole innocente, e curvados sob o peso de infames, pelo accordam fatal que se devia executar! De que lhe serviria salvar a vida, si perde-la-ia tanto no cadafalso, como nos torridos areáes e nas selvas pestilentas para onde o remettiam, e para onde não podia levar nem mulher, e nem os miseros e innocentes filhos! — Melhor fôra para elle morrer, como morreu Joaquim José da Silva Xavier!

Recebeu-o o presidio de Ambáca, não o mesmo Ignacio José de Alvarenga Peixoto, na força varonil, de presença alegre, de rosto sereno e bello, de olhos vivos e perspicazes; mas um velho carregado de cãs, curvado de dôres e soffrimentos, e mais proprio do sepulchro do que da vida; como a Ludovico Sforza de Milão, a Maria Antonietta, rainha de França, e a Guarino de Verona, em uma só

noite, n'aquella que se seguiu ao dia da sentença cruel, mudáram-se-lhe os cabellos de côr, e de castanhos, que eram, tornáram-se brancos repentinamente; metamorphoseiáram as grandes dôres o seu semblante, cabellos, e intelligencia; e não de susto, que animoso era elle e tudo declarou perante os seus juizes, sem declinar a responsabilidade dos seus actos; mas do sentimento forte, profundo e intimo, que lhe acabrunhou corpo, alma e entendimento!

E não bastava ainda o seu misero estado no presidio; apesar de lançado nos sertões agrestes, e nos desertos immensuraveis, temeu-se ainda d'elle o governador de Angola, e as dôres que já soffria, e as perseguições, de que foi rodeiado de novo, lhe foram desatando os laços da existencia, quebrando-lhe as prisões da terra, e levando-o á mansão celeste dos justos.... Poucos mezes supportou de degredo; terminou-o a morte, quando raiava o anno de 1793!

II.

Escreveu Alvarenga Peixoto muitas odes, sonetos e poesias; não são as suas odes altanadas e atrevidas como o vôo d'aguia, ou grandiloquas e soberbas como as inspirações de Souza Caldas; não tem os seus sonetos o pensamento delicado e o matiz primoroso dos sonetos de Claudio Manuel da Costa; não correm musicalmente as suas poesias ligeiras, como

a harmonia suave e tocante dos versos de Thomaz Antonio Gonzaga; mas nas suas poesias ligeiras, nos seus sonetos, e nas suas odes ressumbra o estro modesto de uma ditosa e candida imaginação; revelam-se as qualidades de um vate de vida tranquilla, e de inspirações melodiosas; apparece uma rima facil, corrente e sonora; não se assemelha com o saudoso Bernardim Ribeiro, e menos com o doce Diogo Bernardes; mas tem parecenças de irmão com Antonio Ferreira, e com Antonio Ribeiro dos Santos.

Entre as suas odes primam a que dirigiu á rainha Dona Maria I, a que dedicou ao marquez de Pombal, e a que compoz em honra e gloria da universidade de Coimbra, aonde bebêra instrucção, e á qual pagava o seu tributo de agradecimento : contém qualquer d'ellas linguagem pura, corrente e facil; metrificação feliz e perfeita; pensamentos dignos e elevados, e ideias copiosas de inspiração verdadeira e poetica.

Assim se dirige o poeta a Dona Maria I :

Invisiveis vapores
Da baixa terra, contra os céos erguidos,
Não offuscam do sol os resplendores.
Os padrões erigidos
A fé real nos peitos lusitanos
São do primeiro Affonso conhecidos.
A nós, Americanos,
Toca levar, pela razão mais justa,
Do throno a fé aos derradeiros annos.
Fidelissima augusta,

Desentranhe riquissimo thesouro
Do cofre americano a mão robusta;
Si o Tejo ao Minho, e ao Douro,
Lhe aponta um rei em bronze eternisado,
Mostre-lhe a filha eternisada em ouro.
Do throno os resplendores
Façam a nossa gloria, e vestiremos
Barbaras pennas de vistosas côres.
Para nós só queremos
Os pobres dons da simples natureza,
E seja vosso tudo quanto temos.
Sirva á real grandeza
A prata, o oiro, a fina pedraria,
Que esconde d'estas serras a riqueza.
Ah! chegue o feliz dia,
Em que do novo mundo a parte inteira
Acclame o nome augusto de Maria.
Real! real primeira!
Só esta voz na America se escute;
Veja-se tremular sua bandeira!

Rompa o instavel sulco
De pacifico mar na face plana
Os galeões pesados de Acapulco.
Das serras da Araucana
Desçam nações confusas, differentes.
. . . .
Si o Rio de Janeiro
Só a gloria de ver-vos merecesse,
Já era vosso o mundo novo inteiro!
. . . .
Pode a tartarea grega
A luz gozar da russiana aurora;
E a nós esta fortuna não nos chega?
Vinde, real senhora!
. . . .
Vai, ardente desejo,
Entra humilhado na real Lisboa,

Sem ser sentido do invejoso Tejo;
Aos pés augustos vôa,
Chora, e faze que a mãe compadecida
Dos saudosos filhos se condôa.

. . . .

O principe sagrado
Do pão de pedra, que domina a barra,
Em colossal estatua levantado;
Veja a triforme garra
Quebrar-lhe aos pés Neptuno furioso,
Que o irritado sudoeste esbarra:
E veja glorioso
Vastissima extensão de immensos mares,
Que cerca o seu imperio magestoso;
Honrando nos altares
A mão, que o faz ver de tanta altura
Ambos os mundos seus, ambos os mares:
E a fé mais sancta e pura
Espalhada nos barbaros desertos,
Conservada por vós firme e segura!

Sombra illustre e famosa
Do grande fundador do luso imperio,
Eterna paz eternamente goza.
N'um e n'outro hemispherio
Tu vês os teus augustos descendentes
Dar as leis pela voz do ministerio:
E os povos differentes,
Que é impossivel quasi enumera-los,
Que vem a tributar-lhes obedientes;
A gloria de manda-los
Pede ao neto glorioso teu;
Que adoram rei para servir vassallos.
O Indio o pé bateu,
Tremeu a terra, ouvi trovões, vi raios,
E de repente desappareceu.

De certo que encerra esta ode algumas bellezas, quer de dicção, quer de pensamento, e que o bom

gosto deve apreciar e guardar a memoria. Não lhe é inferior a outra ode que Ignacio José de Alvarenga Peixoto dirigiu ao marquez de Pombal : depois de pintar a fama dos guerreiros que avassallam os povos, incendiam as cidades, acabam com as nações poderosas, e por onde passam deixam só estragos, destroços, sangue e cadaveres, exclama o poeta para o marquez de Pombal :

Grande marquez, os satyros saltando
Por entre as verdes parras,
Defendidas por ti de estranhas garras;
Os trigos ondeiando
Nas fecundas seáras;
Os incensos fumando sobre as aras;
A nascente cidade;
Mostram a verdadeira heroicidade.
Os altos cedros, os copados pinhos,
Vão romper pelo mar novos caminhos :
E em vez de sustos, mortes e desmaios,
Damnos da natureza,
Vão produzir e transportar riqueza.
O curvo arado rasga os campos nossos,
Sem turbar o descanso eterno aos ossos :
Fructos do teu suor, do teu trabalho,
São todas as empresas;
Unicamente á sombra de Carvalho
Descansam hoje as quinas portuguezas.
Que importam os exercitos armados,
Si sendo por mão dextra manejada
Vence mais a politica que a espada?
Que importam tribunáes e magistrados
Asylos da innocencia,
Si podessem temer-se, declarados
Patronos da insolencia?
De que serviram tantas
Tão saudaveis leis, sabias e sanctas,

Si em vez dè executadas
Forem por mãos sacrilegas frustradas?
Más vives tu, que para o bem do mundo
Sobre tudo vigias,
Cansando o teu espirito profundo
As noites e os dias:
Ah! quantas vêzes, sem descanso uma hora,
Vês recostar-se o sol, erguer-se a aurora,
Em quanto volves, com cansado estudo,
As leis, e a guerra, e o negocio, e tudo!
Vale mais do que um reino um tal vassallo!
Graças ao grande rei que soube acha-lo!

Escreveu tambem Alvarenga Peixoto varias poesias eroticas que são exquisitas e delicadas. As odes que analysámos bastariam para guardar o seu nome e firmar sua reputação de poeta; mas outros generos cultivou com egual esmero, cuidado e felicidade : não obteve unicamente fructos saborosos de arvores copadas; colheu tambem nos jardins ramos de flores perfumadas e multicôres. Quanto é lindo o retrato que pintou de Anarda, que chama sua adorada! Quasi que tem as graças da Marilia de Gonzagá, os olhos da Laura de Petrarca, os ademans gentis da Angelica de Ariosto, e o porte esbelto e faceiro da Nice de Metastasio : quasi que tem o colorido de Raphael d'Urbino, o sentimentalismo de Corregio, e alguma cousa de candido e puro, como as composições de Murillo e de Paulo Veronezo, ou de alegre e doce como a Psyché de Canova.

A minha Anarda
Vou retratar,

Si a tanto a arte
Puder chegar.
  Trazei-me, Amores,
  Quanto vos peço,
  Tudo careço,
  Para a pintar.

Nos longos fios
Dos seus cabellos
Ternos disvelos
Vão-se enredar.
  Trazei-me, Amores,
  Das minas d'oiro
  Rico thesouro
  Para o pintar.

No rosto a edade
Da primavera,
Na sua esphera,
Se vê brilhar.
  Trazei-me, Amores,
  As mais viçosas
  Flores vistosas
  Para o pintar.

Quem ha que a testa
Não ame e tema,
De um diadema
Digno logar?
  Trazei-me, Amores,
  Da selva Idalia
  Jasmins d'Italia
  Para a pintar.

A frente adornam
Arcos perfeitos,
Que de mil peitos
Soem triumphar.

Trazei-me, Amores,
Justos niveis,
Subtis pinceis
Para a pintar.

A um doce aceno
Settas a molhos
Dos brandos olhos
Se vêem voar.
Trazei-me, Amores,
Do sol os raios,
Fieis ensaios,
Para os pintar.

Nas lisas faces
Se vê a aurora,
Quando colora
A terra e o mar.
Trazei-me, Amores,
As mais mimosas
Pudicas rosas
Para as pintar.

Os meigos risos
Com graças novas,
Nas lindas covas,
Vão-se ajuntar.
Trazei-me, Amores,
Os pinceis leves,
As sombras breves,
Para os pintar.

Vagos desejos
Da boca as brazas
As frageis azas
Deixam queimar.
Trazei-me, Amores,
Coráes subidos,
Rubins polidos
Para a pintar.

Entre alvos dentes
Postos em ala
Suave fala
Perfuma o ar.
  Trazei-me, Amores,
  Nas conchas claras
  Perolas raras
  Para os pintar.

O collo, Atlante,
De táes assombros
Airosos hombros
Corre a formar.
  Trazei-me, Amores,
  Jaspe a mãos cheias,
  De finas veias
  Para o pintar.

Do peito as ondas
São tempestades,
Onde as vontades
Vão naufragar.
  Trazei-me, Amores,
  Globos gelados,
  Limões nevados,
  Para o pintar.

Mãos crystallinas,
Roliços braços,
Que doces laços
Promettem dar!
  Trazei-me, Amores,
  As assucenas,
  Das mais pequenas
  Para as pintar.

A delicada,
Gentil cintura,
Toda se apura
Em se estreitar.

Trazei-me, Amores,
Ancias, que fervem,
Só ellas servem
Para a pintar.

Diversas outras poesias compoz tambem Ignacio José de Alvarenga Peixoto, tão gentis e enamoradas, tão bellas e cheias de ternura como a que extensamente citamos; é o seu talento modesto, delicado, limpido e faceiro; revelam os seus versos o fundo de sua alma candida, pura e amorosa; são os seus sentimentos de homem de bem, e as suas composições de homem de engenho.

IX.

D. JOSÉ JOAQUIM DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO.

I.

Possuiam Sebastião da Cunha Rangel Coutinho e sua mulher Dona Isabel Sebastianna Rosa de Moraes, oriunda da importante familia dos Pessanhas, grandes engenhos de assucar na parochia de Santa Ritta, do termo de Campos dos Goytacases, e provincia do Rio de Janeiro. Foi o primogenito dos seus filhos José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, nascido a 8 de setembro de 1742.

Pelo foral e carta d'ElRei Dom João III fôra Pedro de Góes o donatario da capitania da Parahyba, incluida entre o rio Itabapuanha e o cabo de São Thomé. Era povoada ella por uma nação de indigenas audaz, feroz, guerreira e de costumes severos, denominada em sua lingua Goytacazes, e pelos Portuguezes Coroados. Estabeleceu-se o donatario nas margens do rio Parahyba, no correr do anno de 1540; encontrou porém tão forte resistencia dos indigenas, que teve de se retirar em 1547, depois de grandes e aturadas luctas, e immensos prejuizos.

Com novos e dobrados reforços voltou em 1553 para a sua capitania; pela segunda vêz foi derrotado e vencido; salvou-se no Espirito Santo, capitania contigua, pertencente a Vasco Fernandes Coutinho, a qual n'esse tempo bastante florecia.

Irritados os Goytacazes com a hospitalidade que os seus inimigos receberam dos Portuguezes do Espirito Santo, ousáram tomar a offensiva e atacar a estes nos seus proprios estabelecimentos; e de feito destruiram e incendiáram as povoações europeas, matáram-lhes o seu cabo de guerra Dom Jorge de Menezes e muitos soldados, e leváram-nos de fugida para além das margens do rio Cricaré, appellidado presentemente rio de São Matheos. Chegando porém em 1559 soccorros do governador Mem de Sá foram os Goytacazes derrotados, e tiveram de regressar para os seus escondrijos.

Nem Pedro de Góes, nem seu irmão Luiz de Góes, e nem seu filho Gil de Góes conseguiram povoar as terras de sua capitania. Poderam apenas contractar em 1627 o seu aforamento com alguns emprezarios. Ainda assim no anno só de 1648 teve principio sua regular colonisação, collocando-se a frente de uma sociedade instituida para este fim o governador do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá e Benavides. Data de então a fundação do primeiro templo, que foi dedicado a São Salvador, e dos primeiros estabelecimentos ruráes que se fundáram n'aquelle logar. Foi em 1673 elevada a povoação

a villa, tendo-lhe a fertilidade das terras e a excellencia dos climas attrahido grande copia de colonos.

Com a falta de descendencia de Gil de Góes, volveu a capitania para a corôa, e teve d'ella então mercê o primeiro visconde d'Asseca, Martim Correia de Sá, filho de Salvador Correia de Sá e Benavides. Teve por vêzes o povo que sustentar luctas contra os agentes e procuradores dos novos donatarios, que os opprimiam com tributos pesados sobre os generos de lavoura, os quáes consistiam em algodões, assucares, aguardentes e cereáes; por vêzes tambem entre os antigos gentios e os novos habitadores se travåram sanguinarias e demoradas pelejas, que felizmente terminavam ou com o afugentar dos indigenas para o interior das terras, ou com a sua reducção á vida civil e religiosa, catechisados pelos jesuitas, e aldeiados em São Pedro de Cabo Frio, Santo Antonio de Padua, e São Fidelis de Campos.

Elevado a comarca em 1741 foi annexado á capitania do Espirito Santo o districto de Campos; desapropriou a corôa portugueza em 1752 aquelles donatarios, em attenção aos multiplicados queixumes e sublevações continuadas que contra elles commettiam os povos. Passou o territorio de Campos a fazer parte em 1829 da provincia do Rio de Janeiro, á qual actualmente se acha encorporado ainda.

No anno de 1748, em que teve logar um dos mais serios movimentos populares causados pelas

vexações praticadas pelos procuradores dos donatarios, não tomando parte em favor do povo, e nem podendo approvar as medidas dos donatarios, aproveitou-se Sebastião da Cunha Rangel Coutinho daquella occurrencia, e passou-se com a sua familia para a cidade do Rio de Janeiro.

Foi portanto no Rio de Janeiro que seguio José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, e com muito adiantamento e proveito os seus estudos primarios e secundarios; mostrou aptidão, perspicacia e engenho elevado. Chegando á edade de vinte annos, o mandou seu pai viajar pelas capitanias de Minas Geráes e São Paulo, na intenção de melhora-lo de saude, por que era de compleição fragil e morbida.

Falleceu Sebastião da Cunha Rangel Coutinho em 1768; esta perda, e a de sua mãe que a antecedêra, déram causa a que José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho deixasse o Brazil e mudasse seu domicilio para Portugal.

Tratava-se então da reforma da universidade de Coimbra. Regia-a como seu reitor o conde de Arganil, bispo de Coimbra, Dom Francisco de Lemos de Faria de Azeredo Coutinho, cujo parente era. Levado dos conselhos d'elle, e do seu irmão João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, deliberou-se José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho a cursar as aulas da universidade.

Para effeituar a sua resolução abraçou a carreira ecclesiastica, e cedeu em favor de seu irmão

Sebastião da Cunha de Azeredo Coutinho o morgadio dos Azeredos, que existia na sua familia.

Tão vasta nomeada de talentos adquiriu, e reputação de vida tão exemplar, que, apenas formado bacharel em direito canonico no anno de 1775, foi apresentado na cadeira de arcediago da cathedral do Rio de Janeiro, e, mezes logo depois, no momento em que estava a seguir para o seu destino, recebeu despacho para o logar de deputado do Santo Officio de Lisboa.

Para exercer este ultimo emprego convinha ou continuar na universidade o tempo preciso ainda para doutorar-se, ou obter uma dispensa do governo.

Preferio o primeiro meio; voltou para a universidade, passou ainda um anno nas suas aulas, entregando-se tambem ás sciencias physicas e naturáes, e robustecendo assim o seu espirito com estudos mais geráes e profundos.

Apenas recebeu o diploma de doutor, entrou no exercicio do seu novo cargo, e deu n'elle provas constantes de aptidão, zelo e moderação, que lhe conseguiram um geral conceito.

Applicando tambem o seu tempo á leitura das sciencias moráes, economicas e politicas, começou á escrever uma serie de memorias acerca das mais arduas difficeis e espinhosas questões a fim de esclarecer os seus compatriotas em ramo tão importante dos conhecimentos humanos; e como teve entrada na Academia real das Sciencias de Lisboa,

na qualidade de socio effectivo, dedicava-lhe essas memorias, e movida a Academia, como era, pelo zelo das sciencias e desejo de propagação das luzes, ordenava a sua publicação e as espalhava por entre o povo.

Ao duque de Lafões devia a Academia a sua fundação em 1779. A Academia da Historia portugueza creada em 1720 por ElRei Dom João V nem já vestigios apresentava da sua existencia, quando o duque de Lafões julgou conveniente chamar os sabios portuguezes a trabalhar no progresso das sciencias e illustração do paiz, reunindo-se n'aquella associação, cujos estatutos conseguira fazer approvar pelo governo da rainha Dona Maria I por aviso de 24 de dezembro.

Dividia-se em tres classes a Academia, sciencias naturáes, sciencias exactas e litteratura, contendo cada uma oito socios effectivos e doze correspondentes.

Os nomes dos homens mais notaveis de Portugal foram incluidos na primeira organisação do fundador, como socios effectivos ou correspondentes. Antonio das Neves Pereira, Sebastião Francisco Mendo Trigoso, Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, Joaquim de Santo Agostinho de Brito Galvão, Joaquim José Ferreira Gordo, Manuel de Arrú da Camara, José Monteiro da Rocha, Felis de Avellar Brotero, Nicolau Tolentino, Antonio Pereira de Figueredo, Antonio Ribeiro dos Santos, Francisco

Simões Malgiochi, o bispo de Coimbra, João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, José Correia da Serra, Antonio Caetano do Amaral, Paschoal José de Mello Freire, Francisco de Mello Franco, Alexandre Rodrigues Ferreira, João Pedro Ribeiro, João de Souza, João Antonio dalla Bella, Francisco de Borja Garção Stockler, Francisco Vilella Barbosa, Francisco Dias Gomes, José Bonifacio de Andrada e Silva, Frei Gaspar da Madre de Deus, Antonio Nola, e muitos outros sabios ali se reuniram : publicou a Academia obras antigas importantes, que jaziam no esquecimento, e memorias de valor subido, já sobre a historia, a chronologia e litteratura, já sobre as sciencias physicas, politicas, naturáes e mathematicas.

Elegeu em 1794 a José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho bispo de Pernambuco o principe Dom João, regente de Portugal. Partiu para a sua diocese, accrescentando a este logar as nomeações de director geral dos estudos, de governador interino da capitania de Pernambuco, e de presidente da junta da fazenda. Distinguio-se não só como prelado de saber e virtudes, senão tambem como governador habil e zeloso : encetou muitas obras publicas, em prol do engrandecimento material da capitania, quer para a segurança das suas costas contra inimigos externos, quer para communicação do interior, a fim de dar facilidade á conducção dos produc-

tos da lavoura : instituio um seminario de estudos secundarios e ecclesiasticos no antigo collegio dos Jesuitas, cujo edificio obteve a custo da rainha para esse fim : abrio n'elle varias aulas das linguas franceza, latina e grega, philosophia, rhetorica, poetica, geographia, historia universal, natural, sagrada, ecclesiastica, chorographia, desenho, mathematicas puras, e theologia moral e dogmatica; reorganisou a instrucção primaria, tornando-a mais uniforme e methodica, e sujeita a disciplina e direcção superior : creou um corpo de artilharia para a defesa da praça; melhorou as finanças da capitania, reduzindo as despesas publicas e fiscalizando a receita, que se não cobrava devidamente pelo deleixo e incuria : fundou um recolhimento de meninas pobres, aproveitando um legado que instituira e deixára o deão da cathedral.

A imparcialidade e rigorosa justiça que empregava em todos os importantes cargos que exercia levantáram contra elle muitos individuos, que nos empregos mais elevados da colonia se haviam acostumado a vexar o publico, e a tirar proveitos pessoáes em detrimento alheio e prejuizo da fazenda. O ouvidor da comarca a pretexto de uma tentativa de sublevação do povo, por occasião de trasladar-se o Santissimo Sacramento da egreja matriz para a que fôra dos Jesuitas, unindo-se a outras autoridades, representou ao governo de Lisboa contra o bispo e governador de Pernambuco.

Todavia da opposição que encontrou o bispo, e que entretanto conseguira vencer, lhe vieram desgostos intimos, que lhe déram desejos de trocar o bispado de Pernambuco por outra qualquer diocese; sabendo-o o principe regente, aproveitou a vaga que em 1802 deixára por desistencia o bispo de Miranda e Bragança; e chamando a Lisboa Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, por uma carta muito honrosa do seu proprio punho, elegeu-o para aquella diocese, que era muito mais importante e rendosa.

Não pode infelizmente tomar posse d'ella, por que reclamou o bispo de Bragança e Miranda a sua desistencia.

Não quiz porém voltar Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho para Pernambuco; conservou-se em Lisboa, até que vagando o bispado de Elvas, lhe foi no anno de 1806 conferida esta mitra pelo principe regente, e estabeleceu-se na sua nova diocese.

Estava em Elvas quando foi em 1807 invadido Portugal pelos exercitos francezes, commandados pelo general Junot. Não desanimou Dom José Joaquim de Azeredo Coutinho como o fizeram outros Portuguezes, e nem uniu-se aos inimigos do seu paiz; foi um dos poucos bispos que nas suas dioceses não recommendáram ás suas ovelhas obediencia ao general francez. Jamais abandonou o bispo d'Elvas os seus compatriotas; animou a reac-

ção do paiz contra os seus invasores, e concorreu para que os Portuguezes sacudissem corajosamente o jugo estranho. Quer durante a primeira invasão franceza de 1807, quer durante a segunda e a terceira invasões, prestou ao seu paiz serviços os mais importantes. Salvou da morte o tenente-coronel da artilharia Domingos Franco, condemnado pelo general francez Loison, conseguindo dar-lhe fuga; livrou Elvas do cerco que lhe preparou Dom José Galuzzo, poupando-lhe os horrores que soffreram Evora, Leiria e Beja; e no meio dessa lucta infausta, com as suas pastoráes eloquentes abrasava os corações no amor e defesa da patria, e applicando as suas virtudes evangelicas, restituia á religião o seu caracter e a sua innocencia. Que exhortações piedosas e patrioticas echoavam os seus labios pelas abobadas dos templos! Que coragem espalhava por entre o povo para o fim de resistir aos seus oppressores!

Foram publicadas nas gazetas da epocha as grandes acções que elle havia praticado; quando se viram livres dos invasores que contra elles enviára Napoleão, reconheceram todos os Portuguezes os seus serviços, e de uma a outra extremidade de Portugal foi cercado o seu nome de uma nomeada gloriosa : espalhåram-se em seu louvor e como agradecimento publico versos innumeros e muitas descripções pomposas.

Coube o throno portuguez em 1816 a ElRei Dom João VI, por fallecimento de sua mãe a rainha Dona

Maria I. Logo que teve noticia de haver vagado a diocese de Beja, uma das mais pingues e rendosas de Portugal, apreciando o novo monarcha as virtudes, serviços e illustração de Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, despachou-o para este bispado, superior em tudo áquelle de cuja posse estava o digno prelado. Recusou porém elle aceitar a nomeação, realisada por carta de 22 de janeiro de 1818. Era-lhe cara a sua diocese, merecia-lhe estima o seu povo, e não quiz abandonar o bispo d'Elvas nem o seu povo, e nem a sua diocese.

Nomeou-o então ElRei Dom João VI, em 13 de maio de 1818, para os cargos de inquisidor geral do reino, e presidente da junta do exame do estado actual e melhoramento temporal das ordens religiosas.

A mesma superior intelligencia, o mesmo zelo dedicado e as mesmas virtudes apostolicas, empregou Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho n'estes novos empregos que lhe confiára ElRei. A mesma respeitosa reputação, e a mesma universal estima, recebeu e conservou durante todo o tempo em que nelles servira.

Manifestou-se em Portugal a tendencia do seculo; si bem que recebe dos seus antecessores factos, idéas e influencia, tem todavia cada uma epocha as suas tendencias especiáes e necessidades proprias. São em todos os paizes democraticas as tendencias do seculo XIX; é mister harmonisar e conciliar estas

Coutinho o primeiro deputado que elegeu a provincia do Rio de Janeiro para as côrtes portuguezas.

Tomou assento no dia 10 de setembro de 1821. Não lhe era dado porém conseguir triumphos e nem gloria na carreira nova que se lhe abria. Desappareceu-lhe repentinamente a vida no dia 12 de setembro de 1821.

Foi sepultado no capitulo dos Padres de São Domingos de Lisboa.

II.

São immensas as memorias e escriptos de Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho; foram publicados quasi todos pela Academia real de sciencias de Lisboa : referem-se algumas memorias juridicas a questões que se suscitáram ácerca da competencia das dignidades, egrejas e beneficios dos bispados ultramarinos, e do direito do padroado da corôa e do padroado da ordem militar de Christo; e são relativas varias outras ás obrigações espirituáes dos parochos, e muitos louvores receberam do S. papa Pio VII : publicou tambem differentes pastoráes sobre assumptos diversos, e especialmente a respeito da defesa do rei e da patria, que incumbia a todos os Portuguezes nas epochas calamitosas da invasão franceza.

Escreveu ainda, sob o titulo de *Informação* (1), um trabalho excellente, que comprehende os mais per-

feitos esclarecimentos do estado politico, commercial, financeiro e litterario da capitania de Pernambuco, que administrára por tantos annos, quer no posto de governador interino, quer no exercicio do bispado; e sob diversos titulos (2), varios trabalhos de não menor valor, historiando os differentes methodos do ensino primario e secundario, e estabelecendo as bases de um systema mais applicavel, desenvolvido e completo, do que os systemas de instrucção usados na sua epocha, os quáes mandára cumprir no seminario episcopal de Nossa Senhora da Graça de Pernambuco e nas escholas da capitania.

São quatro porém as producções que lhe déram a maior nomeada.

É a primeira uma memoria relativa ao fabrico, commercio e preço de assucar (3). É um trabalho precioso e importantissimo. Descreve o auctor todo o processo, despesas e difficuldades d'aquelle fabrico; mostra a necessidade do seu commercio livre, e pede a exoneração dos seus direitos alfandegáes. Encerra esta memoria os principios mais luminosos de economia politica, e que tanto mais demonstram a instrucção, e os seus talentos elevados, quanto escreveu-a Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho em 1790, epocha em que estava ainda no maior atraso a sciencia da economia politica, luctando entre os systemas oppostos de Turgot, Colbert, Quesnay e Steward, e não tendo ainda regras fixas e doutrinas certas, apesar do apparecimento

em 1786 da importante obra de Adão Smith, intitulada *Riqueza das nações*, a qual se pode considerar como a creadora das sciencias economicas. Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho publicou a memoria de que fallamos no intuito louvavel de esclarecer o governo portuguez, que tendia a monopolisar o commercio do assucar colonial, estabelecendo preço certo, ou taxa de venda, e prohibindo o livre transporte d'elle; realisáram-se os seus intentos generosos, porque attendeu-o o governo, revogando as deliberações perniciosas, que havia mandado que se cumprissem nos seus dominios. Considerou-o ainda o governo em relação á questão do sal, fazendo abolir o monopolio, contra o qual clamára tambem o bispo d'Elvas.

Foi a sua segunda producção importante um discurso recitado na Academia real de sciencias de Lisboa (1), pintando o estado das minas do Brazil. Previo o auctor os males immensos que do empregar-se exclusivamente á mineração as forças do paiz, e mais ainda do pessimo systema n'ella admittido, deviam resultar para o Brazil. Era para elle a mineração uma fonte de riqueza publica; não constituia porém toda a riqueza nacional; firmava a agricultura mais os alicerces de futuros engrandecimentos, e para a agricultura convinha mais vantajosamente attrahir as forças do paiz. Este discurso publicado no anno de 1804 no *Investigador portuguez* de Londres, provocou em Inglaterra mui-

tos elogios da parte dos homens mais entendidos em assumptos semelhantes.

Obteve duas edições a sua terceira producção, e foi traduzida nas linguas ingleza e franceza. É a que trata do commercio de escravos e sua abolição. Tomando assento no parlamento britannico, começou Wilberforce a prégar a necessidade da abolição da escravatura; estas doutrinas novas, que na Grã-Bretanha conseguiram converter-se em lei, passáram os mares e perturbáram de sobra todos os paizes que, possuindo estabelecimentos coloniáes, estavam no uso de agricultura-los por meio de braços escravos.

Ligavam-se na Grã-Bretanha a philosophia e a politica para acabar com o trafico cruel de escravos; possuia a Grã-Bretanha uma marinha que crescia quotidianamente, immensas colonias na India, que começavam a produzir generos identicos aos que se cultivavam nos estabelecimentos da America; ao passo que causava o decrescimento da producção americana, que, precisando de braços para rasgar as suas terras, via-se obrigada a pedi-los a Africa, e dava assim enxanças a consumo mais extenso e proveitoso dos generos coloniáes britannicos, encerrava tambem a abolição do trafico como consequencia immediata o direito de visita e detenção dos navios mercantes, e facultava por este meio pretextos á Grã-Bretanha para, sob a pretenção de perseguir o trafico, perturbar e atacar impunemente todas as

marinhas estranhas. Sob as vestes da philanthropia encobriam-se na Grã-Bretanha pretenções exclusivas e ameaçadoras de todas as demais nações européas.

Escreveu Dom Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho a sua memoria acerca da abolição do trafico em 1791 (5). Discriminou perfeitamente a questão religiosa e moral da questão politica. Era aquella susceptivel ainda de duvidas e opiniões diversas, visto como tinha existido a escravatura desde o principio do mundo, e atravêz de todas as religiões. Equivaleria então esta para o reino de Portugal á destruição e ruina total de todo o seu florescente estado de riqueza presente e futura. Onde encontraria os necessarios braços para não substituir sómente nas suas colonias os braços escravos que existiam, como para augmentar ainda a sua lavoura, e fazê-la progredir, com a applicação de forças ascendentes? Decidida como devia ser a questão religiosa e moral segundo as theorias dos inimigos do trafico, continha todavia a questão politica elementos tão graves, que tornava-se unica e vital para as nações, que não quizessem suicidar-se n'aquella epocha.

Escripta em estylo severo e nobre, e caracterisada por uma logica cerrada e conhecimentos vastos e profundos, causou esta memoria impressão bastante na Europa, e mereceu ser traduzida e publicada em Londres e Pariz : lida na actualidade agrada ainda e convence mesmo (6) em relação a aquella epocha que

muito differia da actual, e não via partir como de quasi todas as nações da Europa parte hoje uma emigração de homens e trabalhadores livres, que exclue os escravos, amelhora e aperfeiçôa a agricultura, e dá á industria fructos mais vantajosos!

A obra porém prima de Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, aquella que revela com mais clareza os talentos subidos que o ornavam, e a instrucção regular e solida que elle possuia, é o *Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias* (7), que não só mereceu uma traducção franceza (8), senão tambem que se occupassem com ella os homens mais eminentes e illustrados da nação portuguesa, e as gazetas principáes e escriptos de quasi toda a Europa (9).

Abraça no seu prefacio o elemento monarchico, e repelle todo o contacto das doutrinas democraticas. Apresenta no desenvolvimento da obra os principios os mais sãos de economia publica, mostrando-se a par das ideas contemporaneas. Contém ella ainda as mais importantes noções historicas, estatisticas, politicas e commerciáes de Portugal, e seus dominios do Brazil especificadamente.

É dividida em tres partes: tratam-se na primeira os interesses que do Brazil pode tirar a metropole; discutem-se na segunda aquelles que lhe podem tambem provir das outras colonias que possue na Asia e na Africa; e na terceira contras-

tam-se as conveniencias que podem-se mutuamente conceder Portugal e as demais nações europeas.

É para o Brazil a primeira parte interessantissima. Descreve o auctor a sua historia na occasião do descobrimento de Pedro Alvares Cabral, a sua topographia e hydrographia, a fertilidade e riquezas do seu solo e dos seus mares, e a sua industria e população. É um dos quadros mais bem desenhados, já pelas ideas illustradas que n'elle se espalham, e já pelo estylo severo e ao mesmo tempo eloquente de que se acha revestido.

« Ali, diz o auctor, § 3°, o Indio, aquelle homem barbaro e selvagem, sem agricultura nem industria, debaixo de um clima agradavel, e que o não incommoda, soberbo e altivo com a força e robustez do seu braço, sem mais vestidos do que aquelle que lhe deu a natureza, vive e dorme descansado, sem jamais se lembrar d'onde lhe ha de vir o sustento para o outro dia. O arco e a frécha é toda a sua riqueza, é toda a sua industria. Assim vivem milhares e milhares de homens sem trabalharem para comer, que parece nascerem só para gozar. »

Passa depois a enumerar todos os productos do solo, e aquelles que fabrica a industria; manifestando espantosa erudição de tudo o que encerra o seu paiz, desde os reconditos sáes que guardam os rios Sangrador, Freixos Grandes e Pirapitanga, na estrada que segue para o Matto Grosso entre os rios Cuyabá e Paraguay, e que facilmente se pode-

riam refinar para o consumo dos povos do interior do Brazil, aonde com tanta difficuldade e elevação de preço chega o sal marinho, desde a propriedade de todas as arvores, e a descripção de todos os mineráes, até a especificação de todos os peixes dos rios e mares costeiros, com o que muito se poderia desenvolver um commercio extenso e duradouro.

« Sem a industria, continúa o auctor, os fructos da terra não terão valor; e si a agricultura é desprezada, acabam-se as fontes da industria e do commercio; d'este mar immenso, que anima e sustenta milhões e milhões de braços no meio da abundancia, sem a qual tudo cahe na languidez, no ocio, no vicio e na miseria.

» Um grande commercio pede uma grande navegação; e como os proveitos da navegação procedem das sommas dos proveitos da agricultura e das manufacturas, segue-se que a navegação é um dobrado augmento de forças reáes e relativas de um corpo politico. Tudo quanto uma nação ganha de uma parte diminue a potencia real e relativa das suas riváes, e reciprocamente se augmenta de tudo quanto ellas perdem.

» A politica distingue tres objectos differentes na navegação : 1° a occupação que dá ás gentes do mar que fazem o trabalho d'ella; 2° a construcção dos navios, que se deve considerar como fabrica; e 3° a utilidade que procura ao commercio

pelo transporte das producções e das manufacturas.

» Um povo que deixa fazer por outros uma navegação que elle poderia fazer, diminue outro tanto as suas forças reáes e relativas em favor das nações suas riváes. »

Estas ideas admiraveis desenvolve Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, com argumentos e raciocinios bem deduzidos, e com exemplos da Grã-Bretanha.

Continúa. « A navegação em grande escala para um paiz que possue portos de mar é uma das suas principáes necessidades.

» A Inglaterra se tem feito formidavel a todas as nações da Europa, ainda as maiores do que ella duas vêzes mais. Toda esta grandeza é o fructo do acto da navegação passado no parlamento em 23 de setembro de 1660, ao qual os Inglezes ainda hoje respeitam como seu palladio; elle é cheio de tanta sabedoria e de tanta utilidade para animar e augmentar a marinha e o commercio da navegação, que pode bem servir de regra para todas as nações maritimas. »

Manifestam as citações que acabamos de apresentar a intenção do auctor; para elle Portugal e o Brazil devem ter grandes marinhas mercantes, e animar muito a navegação, para o fim de augmentar o commercio e a agricultura, e preparar os elementos de seu poder e grandeza. Fortalece ainda estes principios estabelecendo a necessidade

riam refinar para o consumo dos povos do interior do Brazil, aonde com tanta difficuldade e elevação de preço chega o sal marinho, desde a propriedade de todas as arvores, e a descripção de todos os mineráes, até a especificação de todos os peixes dos rios e mares costeiros, com o que muito se poderia desenvolver um commercio extenso e duradouro.

« Sem a industria, continúa o auctor, os fructos da terra não terão valor; e si a agricultura é desprezada, acabam-se as fontes da industria e do commercio; d'este mar immenso, que anima e sustenta milhões e milhões de braços no meio da abundancia, sem a qual tudo cahe na languidez, no ocio, no vicio e na miseria.

» Um grande commercio pede uma grande navegação; e como os proveitos da navegação procedem das sommas dos proveitos da agricultura e das manufacturas, segue-se que a navegação é um dobrado augmento de forças reáes e relativas de um corpo politico. Tudo quanto uma nação ganha de uma parte diminue-a potencia real e relativa das suas riváes, e reciprocamente se augmenta de tudo quanto ellas perdem.

» A politica distingue tres objectos differentes na navegação : 1° a occupação que dá ás gentes do mar que fazem o trabalho d'ella; 2° a construcção dos navios, que se deve considerar como fabrica; e 3° a utilidade que procura ao commercio

pelo transporte das producções e das manufacturas.

» Um povo que deixa fazer por outros uma navegação que elle poderia fazer, diminue outro tanto as suas forças reáes e relativas em favor das nações suas riváes. »

Estas ideas admiraveis desenvolve Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, com argumentos e raciocinios bem deduzidos, e com exemplos da Grã-Bretanha.

Continúa. « A navegação em grande escala para um paiz que possue portos de mar é uma das suas principáes necessidades.

» A Inglaterra se tem feito formidavel a todas as nações da Europa, ainda as maiores do que ella duas vêzes mais. Toda esta grandeza é o fructo do acto da navegação passado no parlamento em 23 de setembro de 1660, ao qual os Inglezes ainda hoje respeitam como seu palladio; elle é cheio de tanta sabedoria e de tanta utilidade para animar e augmentar a marinha e o commercio da navegação, que pode bem servir de regra para todas as nações maritimas. »

Manifestam as citações que acabamos de apresentar a intenção do auctor; para elle Portugal e o Brazil devem ter grandes marinhas mercantes, e animar muito a navegação, para o fim de augmentar o commercio e a agricultura, e preparar os elementos de seu poder e grandeza. Fortalece ainda estes principios estabelecendo a necessidade

riam refinar para o consumo dos povos do interior do Brazil, aonde com tanta difficuldade e elevação de preço chega o sal marinho, desde a propriedade de todas as arvores, e a descripção de todos os mineráes, até a especificação de todos os peixes dos rios e mares costeiros, com o que muito se poderia desenvolver um commercio extenso e duradouro.

« Sem a industria, continúa o auctor, os fructos da terra não terão valor; e si a agricultura é desprezada, acabam-se as fontes da industria e do commercio; d'este mar immenso, que anima e sustenta milhões e milhões de braços no meio da abundancia, sem a qual tudo cahe na languidez, no ocio, no vicio e na miseria.

» Um grande commercio pede uma grande navegação; e como os proveitos da navegação procedem das sommas dos proveitos da agricultura e das manufacturas, segue-se que a navegação é um dobrado augmento de forças reáes e relativas de um corpo politico. Tudo quanto uma nação ganha de uma parte diminue-a potencia real e relativa das suas riváes, e reciprocamente se augmenta de tudo quanto ellas perdem.

» A politica distingue tres objectos differentes na navegação: 1° a occupação que dá ás gentes do mar que fazem o trabalho d'ella; 2° a construcção dos navios, que se deve considerar como fabrica; e 3° a utilidade que procura ao commercio

pelo transporte das producções e das manufacturas.

» Um povo que deixa fazer por outros uma navegação que elle poderia fazer, diminue outro tanto as suas forças reáes e relativas em favor das nações suas riváes. »

Estas ideas admiraveis desenvolve Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, com argumentos e raciocinios bem deduzidos, e com exemplos da Grã-Bretanha.

Continúa. « A navegação em grande escala para um paiz que possue portos de mar é uma das suas principáes necessidades.

» A Inglaterra se tem feito formidavel a todas as nações da Europa, ainda as maiores do que ella duas vêzes mais. Toda esta grandeza é o fructo do acto da navegação passado no parlamento em 23 de setembro de 1660, ao qual os Inglezes ainda hoje respeitam como seu palladio; elle é cheio de tanta sabedoria e de tanta utilidade para animar e augmentar a marinha e o commercio da navegação, que pode bem servir de regra para todas as nações maritimas. »

Manifestam as citações que acabamos de apresentar a intenção do auctor; para elle Portugal e o Brazil devem ter grandes marinhas mercantes, e animar muito a navegação, para o fim de augmentar o commercio e a agricultura, e preparar os elementos de seu poder e grandeza. Fortalece ainda estes principios estabelecendo a necessidade

riam refinar para o consumo dos povos do interior do Brazil, aonde com tanta difficuldade e elevação de preço chega o sal marinho, desde a propriedade de todas as arvores, e a descripção de todos os minerães, até a especificação de todos os peixes dos rios e mares costeiros, com o que muito se poderia desenvolver um commercio extenso e duradouro.

« Sem a industria, continúa o auctor, os fructos da terra não terão valor; e si a agricultura é desprezada, acabam-se as fontes da industria e do commercio; d'este mar immenso, que anima e sustenta milhões e milhões de braços no meio da abundancia, sem a qual tudo cahe na languidez, no ocio, no vicio e na miseria.

» Um grande commercio pede uma grande navegação; e como os proveitos da navegação procedem das sommas dos proveitos da agricultura e das manufacturas, segue-se que a navegação é um dobrado augmento de forças reáes e relativas de um corpo politico. Tudo quanto uma nação ganha de uma parte diminue a potencia real e relativa das suas riváes, e reciprocamente se augmenta de tudo quanto ellas perdem.

» A politica distingue tres objectos differentes na navegação : 1° a occupação que dá ás gentes do mar que fazem o trabalho d'ella; 2° a construcção dos navios, que se deve considerar como fabrica; e 3° a utilidade que procura ao commercio

pelo transporte das producções e das manufacturas.

» Um povo que deixa fazer por outros uma navegação que elle poderia fazer, diminue outro tanto as suas forças reáes e relativas em favor das nações suas riváes. »

Estas ideas admiraveis desenvolve Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, com argumentos e raciocinios bem deduzidos, e com exemplos da Grã-Bretanha.

Continúa. « A navegação em grande escala para um paiz que possue portos de mar é uma das suas principáes necessidades.

» A Inglaterra se tem feito formidavel a todas as nações da Europa, ainda as maiores do que ella duas vêzes mais. Toda esta grandeza é o fructo do acto da navegação passado no parlamento em 23 de setembro de 1660, ao qual os Inglezes ainda hoje respeitam como seu palladio; elle é cheio de tanta sabedoria e de tanta utilidade para animar e augmentar a marinha e o commercio da navegação, que pode bem servir de regra para todas as nações maritimas. »

Manifestam as citações que acabamos de apresentar a intenção do auctor; para elle Portugal e o Brazil devem ter grandes marinhas mercantes, e animar muito a navegação, para o fim de augmentar o commercio e a agricultura, e preparar os elementos de seu poder e grandeza. Fortalece ainda estes principios estabelecendo a necessidade

de animar-se as pescarias, a fim de formar-se uma eschola de marinheiros, pois que foi sempre a pescaria o primeiro berço em que se tem criado a marinhagem.

« De pouco ou nada serviria ter rios navegaveis e bons portos, si se estivesse desprovido de marinheiros e de gentes do mar. O ser marinheiro é um officio, e um officio penoso de aprender; é necessario mocidade, força e robustez. Podem-se fazer recrutas de homens para soldados, mas não para marinheiros. Uma nação que não tem grandes pescarias não pode ter grande marinha, nem mesmo um grande commercio. »

Acredita o auctor que formam no Brazil as pescarias o meio mais proprio para civilisar os gentios que habitam junto ás margens dos grandes rios e dos mares; e que é esta a verdadeira doutrina da sua civilisação, e não a que se tem posto em pratica de principiar em relação com elles por onde acabam as demais nações.

« A arte de governar, diz elle, é a mais sublime de quantas os homens tem inventado. A arte de pôr em acção a machina de cada individuo consiste em pesquisar qual é a sua paixão mais forte e dominante. Achada ella, pode-se dizer que está descoberto o segredo e a mola real do seu movimento. O Indio é naturalmente inclinado á pesca por necessidade e por gosto. Esta é a sua paixão dominante, e por consequencia a mola real do seu

movimento; é por esta parte que se deve fazer trabalhar a sua machina em beneficio commum d'elle e de toda a sociedade. »

Cita a respeito opiniões de Lery, de Hans Stadt, Burlæus, Simão de Vasconcellos, Berredo, Rafael de Jesus, e de outros escriptores, e os costumes dos Goytacazes e Tamoyos, que tanto navegavam em enormes canoas pelos mares territoriáes do Rio de Janeiro. Acostumados os indigenas ás pescarias regulares, passarão com facilidade a servir nas marinhas mercantes e de guerra; combate com força e criterio o que dizem Montesquieu e os sectarios do systema dos climas, provando o quanto são valentes, energicos e animosos os indigenas do Brazil, segundo os testemunhos unisonos dos viajantes e escriptores.

Analysando os possessões portuguezas, e a natureza da sua producção, mostra como poderia levantar-se Portugal do estado de abatimento em que se acha prostrado, si um governo energico e illustrado tentasse abrir-lhe os vôos, promovendo e desenvolvendo os grandes elementos de grandeza que possúe ainda.

« Basta lançar os olhos (diz elle) sobre toda a riqueza dos fundos que Portugal possúe, e sobre os grandes principios do commercio, para se conhecer que Portugal pode fazer uma segunda revolução no commercio da Europa; talvêz mais feliz do que aquella que elle causou em outro tempo, pela

intelligencia e pelo atrevimento da sua navegação nas costas d'Africa e nos mares da India dobrando o cabo da Boa Esperança.

» Para isso deve Portugal conhecer que quanto mais dever ás suas colonias, tanto será mais rico; e quanto mais credoras forem as colonias de Portugal, tanto lhe serão mais ligadas e mais dependentes.

» Só teme quem tem que perder; quem mais tem que perder, mais teme : quem mais teme, mais obedece : é pois necessario que os interesses da metropole sejam ligados com as das colonias, e que estas sejam tratadas sem rivalidade. Quanto os vassallos são mais ricos, tanto o soberano é muito mais. »

Pelo que temos analysado, conhece-se a importancia e a elevação politica d'esta obra. Estabelecendo principios firmes e incontestaveis, esforça-se o auctor de levar Portugal e o Brazil á maior prosperidade e grandeza, ensinando-lhes os meios por que podem e devem conseguir uma grande marinha, um vasto commercio, a agricultura mais vantajosa e a industria mais activa, encerrando em si, como encerram, todos os elementos para occuparem os logares mais subidos nas escalas das nações, e se qualificarem no numero das mais ricas e poderosas.

Ah! si tivessem sido ouvidas estas vozes! si tivessem sido praticados estes principios!

Ainda mesmo que se não aceitem na actualidade algumas das opiniões emittidas no *Ensaio economico* de Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, valor bastante conserva esta obra, que é digna a todos os respeitos de ser lida, estudada e conservada nas livrarias dos litteratos e politicos.

Existem n'ella os elementos que asseguram duração a qualquer obra humana; erudição vasta, raciocinio forte, ideas elevadas, principios novos e luminosos, methodo claro, vistas patrioticas, assumpto da maior importancia, e não da sua epocha só, mas tambem das epochas subsequentes, e um estylo severo, breve, agradavel e eloquente ao mesmo tempo.

NOTAS.

(1) *Informação dada ao ministro d'estado dos negocios da fazenda Dom Rodrigo de Souza Coutinho.* Lisboa, 1808.

(2) *Estatutos do seminario episcopal de Nossa Senhora da Graça da cidade de Olinda. — Regulamentos de instrucção primaria. — Varias pastoráes.* Lisboa, 1808.

(3) Foi publicada em Lisboa em 1791.

(4) Foi publicado em Lisboa em 1804.

(5) *Analyse sobre a justiça do commercio do resgate dos escravos da costa d'Africa.* 1ª edição, Lisboa, 1791; 2ª edição, 1808.

(6) No congresso de Verona, em 1822, quando se tratou da abolição do trafico, foi apresentada esta memoria pelos adversarios da Inglaterra, e os seus argumentos oppostos aos pretextos dos plenipotenciarios britannicos. — Chateaubriand, *Extrait des Mémoires d'outre-tombe.*

(7) A primeira edição é de 1802, e a segunda de 1816.

(8) Pariz, 1816.

(9) *Décade philosophique, littéraire et politique*, nº 22, 1807. — *Monthly Review*, agosto de 1803. — *Wiener Zeitung* de 1808. — *Courrier* de 1817, London. — Ferdinand Denis, *Histoire de la littérature portugaise.* — Adrien Balbi, *Statistique de Portugal.* — Além d'estes auctores pode-se citar uma memoria escripta em francez pelo abbade Correia da Serra, a respeito do estado litterario de Portugal, a qual foi publicada no primeiro tomo dos *Archives littéraires de l'Europe.*

X.

JOSÉ DE SOUZA AZEVEDO PIZARRO E ARAUJO.

I.

É a cidade do Rio de Janeiro patria de José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo; nasceu em 12 de outubro de 1753, sendo seus progenitores o coronel Luiz Manuel de Azevedo Carneiro da Cunha e Dona Maria Josepha Pizarro e Araujo.

Fôra o coronel Carneiro da Cunha tão estimado pelo primeiro vice-rei, o conde da Cunha, como pelo seu substituto, o conde de Azambuja. Curson seu filho as melhores escholas do Rio de Janeiro, e principiando a denunciar, desde os annos mais verdes, talentos os mais subidos, julgou seu pai que devia aproveitar as suas relações com as principáes auctoridades do Rio de Janeiro, para recommenda-lo efficazmente em Portugal a protectores valiosos, que lhe facilitassem os meios de adquirir uma instrucção mais larga, e desenvolver a sua intelligencia.

Tantos são os cuidados e sollicitudes do amor paterno! Estremecia de prazer o coronel Carneiro da

Cunha sempre que notava o zelo laborioso do filho, a sua prematura dedicação aos livros, e a sua curiosidade insaciavel de conhecer todos os factos que se succediam ao pé e em torno d'elle : anciava de ver o desenvolvimento de qualidades que promettiam tanto. Custou-lhe muito separação. Dir-se-ia que lhe presagiava o coração que, partido o filho, não o veriam mais os seus olhos, e nem o apertariam mais os seus braços!

Forçoso foi comtudo que José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo deixasse a patria e a familia, e procurasse em distantes terras conseguir a sciencia. cuja nobre ambição o movia desde o desabrochar do pensamento.

Passou em Coimbra seis annos da sua vida, desde 1770 até 1776. Seguio os cursos da universidade, tomou o gráu de bacharel em canones, e preparava-se para voltar para a sua patria e rever os seus pais, quando a noticia do fallecimento d'elles enluctou os seus dias, e levou-o a abandonar todo o futuro que lhe augurava a intelligencia na vida civil, para se entregar a Deus, tomar ordens, e converter-se em ministro do altar.

Modificáram-se desde esse tempo os seus habitos e os seus sentimentos. Conservou-se em Portugal até o anno de 1781, regressando então para o Rio de Janeiro, a fim de occupar o canonicato da antiga sé, em que fôra apresentado por carta regia de 20 de outubro de 1780.

Durante todo o tempo que durára a administração do terceiro vice-rei o marquez de Lavradio, successor do conde de Azambuja, esteve ausente José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo. Si por um lado lhe renovára as dôres do coração a falta de seu pai, falta insupprivel para um filho estremoso, que logra a ventura de rever e tocar terras da patria e respirar os seus ares beneficos, por outro lado não pode deixar de extasiar-se observando tantos beneficios que adquirira o Rio de Janeiro com o governo do marquez de Lavradio, já em progressos materiáes, e ja mesmo em illustração, ousando até alguns sujeitos doutos da colonia organisar academias, e promover seriamente o adiantamento das luzes e o gosto das lettras.

Succedeu-lhe na posse do governo o quarto vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza. Os melhoramentos que se encetáram durante a administração do seu antecessor, progrediram com egual energia. As lettras, que começavam a resplandecer, brilháram com fulgor novo. A Academia scientifica do Rio de Janeiro, que fôra apenas um ensaio no genero das associações litterarias, e que como ensaio não tinha podido medrar, transformou-se ou antes ressuscitou na Arcadia. Dirigiram-se viagens para os sertões do Brazil, a fim de explorar-se os terrenos e os rios que constituem o seu brilho e a sua riqueza : eram progressos tudo no paiz, que parecia encetar emfim a carreira para que o destinára a natureza.

Esforçou-se tambem José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo em associar o seu nome aos nomes d'aquelles que abrilhantáram essa quadra ditosa. Entrou para a Arcadia, sobre a qual tratamos largamente nas vidas de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga e de José Basilio da Gama. Si bem que do numero d'aquelles que não foram presos durante o vice-reinado do conde de Rezende, já pelo seu estado e emprego ecclesiasticos, já pelo seu animo inoffensivo, timorato e recolhido, fortuna que não coube a Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, a Marianno José Pereira da Fonseca, e a varios outros sujeitos distinctos, soffreu comtudo perseguições miseraveis e mesquinhas, com que mais se avilta, do que prova o poder a sua robustez e força.

Procurou José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo salvar-se d'essas perseguições, aproveitando-se de uma autorisação que lhe deu o bispo, para visitar as egrejas e comarcas do bispado, deixando assim o Rio de Janeiro, e conservando-se por alguns annos em viagens interiores.

Foram para elle de muito proveito estas viagens. Ambicionava á muitos annos escrever uma chronica do bispado do Rio de Janeiro. Na visita que fez ás egrejas e camaras do bispado, encontrou materiáes immensos, documentos curiosos, e que lhe ministráram esclarecimentos importantes.

A trabalho nem-um se poupou o seu genio curioso e indagador para conseguir a somma maior de

materiáes valiosos. E a proporção que os ia descobrindo, alargava-se-lhe a ambição de estender a sua chronica a todos os bispados do Brazil, comprehendendo a historia fiel e verdadeira dos seus acontecimentos, fundada em provas documentáes e irrecusaveis.

Quando considerou serenada a tempestade, e já soltos aquelles de seus companheiros da Arcadia que haviam soffrido maiores perseguições, regressou para o Rio de Janeiro, e entregou-se de novo aos seus trabalhos ecclesiasticos e a sua tranquillidade de espirito.

Desejou em 1801 rever a metropole; deixou o Rio de Janeiro : chegado apenas a Lisboa obteve do principe regente a nomeação de conego da egreja patriarchal.

N'este novo emprego conservou-se até que a invasão dos Francezes obrigando a côrte portugueza a abandonar Portugal, e a passar-se para o Rio de Janeiro, voltou com ella para a sua patria, e residio ahi até o fim da sua existencia.

Estabelecida a côrte no Rio de Janeiro, creou o principe regente Dom João os tribunáes e estabelecimentos precisos para o desenvolvimento da acção livre do governo e a plena distribuição da justiça. Pelo alvará de 22 de abril 1808 instituio o tribunal superior do desembargo do paço e mesa de consciencia e ordens. Lembrou-se de Azevedo Pizarro para o emprego de procurador geral das

II.

Tem todas as nações uma grande familia de chronistas. São uns considerados pela belleza e perfeição do estylo e das formulas exteriores. Merecem encomios outros pelos encantos da imaginação, e os rasgos da poesia. Brilham emfim alguns pelo lado só da verdade dos factos, e fidelidade das observações.

Universal estima merece toda esta familia de litteratos. São como os monumentos toscos que transmittem todavia aos seculos vindouros os feitos e a gloria dos passados. De ingenho modesto não procuram renome para si; pretendem unicamente salvar do olvido aquellas acções que lhes parecem dignas de memoria e lembrança perpetua. É o historiador como a aguia que de alto paira e se revolve na sua grandeza e magnificencia. É o chronista a ave de vôo rasteiro, que descanta os seus amores á vista de todos, n'essa linguagem de todos, e sem a menor pretenção de elevar-se e engrandecer-se.

Anda catando o chronista os factos, e sempre que os encontra, procura despi-los da alliagem dos elementos que os escurecem e transformam, e reconta-los ao mundo na forma singular em que se passáram, e com a singeleza propria dos usos, dos costumes, dos sentimentos e das epochas contem-

poraneas. Do meio d'esses acontecimentos, que pinta o chronista, arranca o historiador aquelles que sobresahem de per si, e devem de influir sobre os outros, e elevando-os ao gráu de importancia e grandeza em que os considera, os publica ao mundo de toda a altura do seu throno, como os prophetas do antigo Testamento ou os sacerdotes do Egypto.

É mais difficil e mais elevada de certo a missão do historiador; quão poucos apparecem! São porém os chronistas em numero estirado, e succedem-se uns aos outros com mais ou menos talentos, com mais ou menos boas qualidades.

Não se desprezem no emtanto os chronistas. Não se pode conhecer a historia de paiz nem-um sem ler-se os seus escriptos. Da combinação e conferencia d'elles resulta o esclarecimento da razão. São os chronistas como os archotes nos subterraneos profundos, o raio da luz no seio das florestas emmaranhadas, e o crepitar do relampago durante a negridão da tempestade. Apprendem-se por elles muitas cousas, conservam-se muitos feitos, e perpetuam-se muitas acções.

Judicioso e digno de louvor era sem a menor duvida o comportamento dos antigos reis de Portugal. Tinha cada um reinado o seu chronista, isto é, o escriptor e relator de todos os feitos da sua epocha e dos tempos anteriores. Um emprego importante occupava o chronista, o de guarda mór do archivo real e cartorios do reino. Era-lhe concedida

e paga uma pensão do estado em indemnisação dos seus trabalhos e occupação aturada. Eram-lhe franqueadas as secretarias, as repartições publicas, e assim os cartorios e archivos. Lograva inteira confiança para examinar todos os documentos por mais secretos e mysteriosos, e considerava-se importante e honrado o emprego que occupava.

Chronistas houve, como Fernão Lopes, contemporaneo de Dom Duarte, que subiram á altura de historiadores. Outros que são como o deposito de tudo quanto ha de conhecimentos historicos de seu tempo, indispensaveis para todo o genero de estudos, como Ruy de Pina, Gomes Eannes de Azurára, Antonio Brandão, Bernardo de Brito, Francisco Brandão e Francisco de Andrade.

Tinham seus chronistas os Jesuitas para a historia da Companhia. Quanto se lhes não deve? Os principios da historia do Brazil são colhidos dos trabalhos d'elles : a historia de todos os descobrimentos praticados pelos Europeos na Asia, Africa e America, apparece miudamente narrada nas chronicas dos Jesuitas. Possuia a Companhia na França, na Hespanha, em Portugal, na Italia, e nas colonias, historiographos empregados unicamente na honrosa missão de conservar os feitos d'ella.

Gloriavam-se outras ordens tambem como a dos Benedictinos francezes, e a dos Carmelitas portuguezes, italianos e hespanhões, de contar em seu

seio chronistas de merecimento. Não se pode desconhecer o merito de Dom Bouquet e Dom Mabillon. Como olvidar a frei Luiz de Souza, frei Antonio Caetano de Souza, frei José Pereira de Santa Anna, o padre Thomaz Serrano, Simão de Vasconcellos, Balthasar Telles, o padre Jaboatão, João de Lucena, e Simão Pereira de Sá?

Foram procurados, encontrados e depurados por elles os materiáes historicos mais importantes; publicáram-se por seu cuidado os documentos mais preciosos, occultos até então sob o pó dos archivos: muitos serviços devem as lettras a esses varões laboriosos que viveram e envelheceram no estudo dos pergaminhos despedaçados e dos papeis velhos. Guardam indelevel a sua memoria os homens todos que são intelligentes e instruidos.

Nas epochas calamitosas unicamente, quando se acham confundidas e anarchisadas todas as ideias de moral e de verdadeiro patriotismo, quando encobre as luzes o cháos da barbarie, que produz a desordem material e o desarranjo dos espiritos, é que se pode ouvir a um Condorcet exclamar em plena Assembléa como o fez na sessão de 12 de junho de 1792: « Vestigios existem da vaidade das raças guardados nas secretarias e bibliothecas publicas; cumpre destrui-los. Não ha de ser á custa da nação que continuará a sua guarda; tão ridiculos documentos podem offender a egualdade. Proponho pois que em todos os departamentos se

queimem os documentos, titulos e cartas que estiverem guardados nos seus archivos. »

N'esses tempos nebulosos é que unicamente se observa o selvagem espectaculo que deu a França de queimar em Pariz no dia 22 de fevereiro de 1793 cento e quarenta e seis caixas de manuscriptos!

Como é varia e caprichosa a intelligencia humana! como se apodera a exaltação politica dos espiritos os mais brilhantes e illustrados, e os arrasta a pensar tão extravagantemente!

É para o Brazil monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo um dos seus chronistas mais preciosos. Não tem estylo a sua obra; não encanta a leitura d'ella; não se recommenda por nem-uma d'essas qualidades que constituem um escriptor. E não falta-lhe sómente a grande qualidade de estylo, como pecca sobretudo a organisação das *Memorias historicas do Rio de Janeiro e das provincias annexas á jurisdicção do vice-rei do estado do Brazil* pela obscuridade de plano que seguio, pela desconnexão dos factos que narra, e pela má collocação das datas. São porém um thesouro inesgotavel de sciencia historica; um archivo completo de todos os acontecimentos que se succederam no paiz; e um monumento para o Brazil do mais subido valor historico, chronologico e geographico.

Não tem elle imaginação brilhante, e nem pensamentos elevados; não é escriptor para se comparar com Fernão Lopes, com Diogo do Couto,

com Froissard, com Luiz de Souza, com Rocha Pitta, com Villani ou com Joinville. Mas tem tanto ou maior merecimento ainda do que elles, porque muito poucos escriptores existem que mais se apoiem em documentos; que nem-um facto narrem, que não o provem immediatamente; e que manifestem zelo maior, curiosidade mais minuciosa, e desejo mais ennobrecido de instruir-se.

E no Brazil, aonde necessariamente deviam de faltar os materiáes historicos, realçam muito mais o merito da obra aquelle zelo da sciencia, e actividade tão escrupulosa e incansavel que elle patenteia, em presença das proprias difficuldades da empresa, que espanta a primeira vista pela sua immensidade.

Não teve systema na organisação da sua obra; escreveu-a como a foi pensando, compô-la como a foi sabendo. Nem-uma affectação, e nem outra ambição teve afóra a de publicar o que estudára e aprendêra, porque era a historia do seu paiz.

Contém as *Memorias historicas* nove volumes, divididos pela chronica de cada uma das provincias do Brazil, estudada ou isoladamente, ou conjunctamente com as outras. As primeiras conquistas, as guerras com os gentios, e os estabelecimentos que se foram fundando, é recontado tudo simples, mas fielmente; são com toda a minuciosidade depurados e depois descriptos, os factos que se succederam. Não se attendem as consequencias que d'elles resultáram, e menos á sua importancia. O que monse-

nhor Azevedo Pizarro pretendeu foi publicar unicamente os acontecimentos como os denunciam os documentos e memorias contemporaneas, deixando ao publico a sua appreciação livre e inteira.

Nas *Memorias historicas do Rio de Janeiro* não se vê o philosopho extrahindo lições para esclarecer o povo; descobre-se unicamente o homem que indagou todos os acontecimentos por mais pequenos, que estudou-os em toda a sua nudez e fidelidade, e que os manifesta ao mundo ingenua e modestamente e com a consciencia mais escrupulosa.

Ganháram espantosamente com a sua apparição a chronologia, a biographia e a geographia : são ellas, e mais a *Corographia brazilica* de Manuel Ayres do Casal, os dous monumentos historicos mais preciosos que tem-se escripto acerca do Brazil.

Consultou monsenhor Azevedo Pizarro registos de camaras, assentos de parochias, archivos publicos, memorias particulares, bibliothecas, secretarias, cartorios de conventos e ordens monasticas; aproveitou todos os dados, os esclarecimentos mais pequenos, e as memorias mais insignificantes.

« Persuadido, diz o prefacio, de ser util á historia, e precisando muitas vèzes narrar certas miudezas de factos, receei menos o fastio do leitor, cuja censura devo suppôr que seja modificada : e confio na benignidade do publico haja de desculpar o atrevimento d'esta empresa, certo de que cuidadoso de lhe dirigir o fructo das minhas applicações,

não me desvelei na arte, na pureza e na graça do dizer (circumstancias menos precisas do que a verdade, idolo principal da historia), occupando-me mais em colligir os subsidios que devem servir de base a quem, com penna culta, habil e judiciosa, convier a composição de uma historia do continente braziliense, e muito particularmente dos que serviram de assumpto para se formalisarem as presentes memorias. »

Eis ahi o homem sabio, mas modesto; instruido, mas timido; n'estas palavras singelas disse o chronista o seu pensamento todo, e declarou a estensão dos seus trabalhos.

São as *Memorias historicas* de monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo o deposito de documentos importantes que tem de ser colhidos e aproveitados pelo futuro historiador do Brazil. Poderão então perder o interesse da leitura; será apreciado porém o seu merito, e commemorado eternamente o nome do seu auctor.

XI.

JOSÉ DA SILVA LISBOA.

I.

Foi venturoso o anno de 1640 tanto para Portugal como para o Brazil. Coube a Portugal a fortuna de reivendicar a sua independencia e liberdade. Gozou o Brazil do direito de ser governado por um vice-rei. Dividido em capitanias até ali, regendo-se cada uma pelo seu capitão general e governador, sem nexo, e nem concordia, marchava o Brazil como que só pelos seus esforços proprios e isolados, que tinham pouca força e alcance curto. Não podia demais contar com os auxilios da metropole : desprezava-o a Hespanha, como desprezára as conquistas portuguezas da India, que se perderam quasi todas durante os malfadados sessenta annos do jugo dos Felipes. Apoderáram-se os Inglezes e Hollandezes das que lhes convieram mais, e que nem forças tinham para resistir-lhes.

Era entretanto de tão elevada importancia a colonia do Brazil, que já voltavam os Européos os seus olhos da India para este solo do occidente, e reco-

nheciam que mais aqui do que nos paizes asiaticos se pleiteava a causa da civilisação, e encontravam-se os elementos necessarios do seu desenvolvimento e da successão europea.

Foi Dom Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvão, o primeiro que, com patente de vice-rei, governou o estado do Brazil, estabelecendo a séde da administração na cidade da Bahia.

Deixava-se muitas vêzes arrastar infelizmente o governo portuguez por prejuizos erroneos, receios imaginarios, e pela desgraçada e fatal rotina dos tempos passados. Padeciam com isso os interesses do Brazil, e soffria Portugal tambem muito.

Ao marquez de Montalvão succederam cinco governadores, não já na qualidade de vice-reis, apenas com patentes de capitães generáes, restituindo-se a administração ao antigo estado, quando carecia de ser a marcha natural das cousas acompanhada de melhoramentos consentaneos da ordem politica.

E substituiam-se esses mesmos governadores tão rapidamente, que não havia tempo para que podessem estudar e conhecer a administração publica.

Um segundo vice-rei, Dom Vasco de Mascarenhas, conde de Obidos, governou até 13 de junho de 1667, deixando por successor não outro vice-rei, mas Alexandre de Souza Freire, na qualidade ainda de capitão general; e a Alexandre de Souza Freire se seguiram onze capitães generáes.

Pareceria, que o não era entretanto, plano concertado e desenvolvido. Não se succediam os vice-reis. Entre um e outro vice-rei se intercalava uma interinidade no governo, e ás vêzes com distancia grande.

Foi o terceiro Dom Pedro Antonio de Noronha, conde de Villa-Verde e marquez de Anjeja, que tomou posse da administração que se lhe confiára em 13 de julho de 1714.

D'aqui por diante apparece mais regularidade nas substituições : diminuem as interinidades. Passa o governo de uns para outros vice-reis, como auctoridades superiores. A Vasco Fernandes Cesar de Menezes succede o conde das Galveas, que tem por substituto Dom Luiz Pedro Peregrino de Carvalho Menezes e Atayde. Tomou posse em 1755 Dom Marcos de Noronha, conde dos Arcos, que governára a capitania de Pernambuco desde 1746 até 1749, e fôra o primeiro capitão general da nova capitania de Goyaz.

Durante a administração illustrada do conde dos Arcos nasceu na Bahia, em 16 de julho de 1756, Jose da Silva Lisboa, filho legitimo do architecto Henrique da Silva Lisboa e de Dona Helena Nunes de Jesus.

Estava n'esse tempo a cidade de Bahia curvada sob o peso de tributos enormes que deliberára o senado da camara lançar sobre o povo, no desejo de corresponder á carta assignada pela mão d'El-

Rei Dom José I, e que lhe fôra dirigida, communicando-lhe o extraordinario e desastroso terremoto que no dia 1º de novembro de 1755 destruira Lisboa e alguns outros pontos de Portugal. Appellára El-Rei para o amor e zelo dos seus vassallos, e rogára-lhes o concurso que podessem prestar-lhe para reedificar-se a capital do reino.

Reunido a 7 de abril de 1756, sob a presidencia do conde dos Arcos, decidio o senado da camara da cidade da Bahia que concorresse a capitania, que representava, com tres milhões de cruzados, que se retirariam do augmento dos impostos, *ficando aos membros da junta* (1) *summo pesar de nao poderem converter o sangue das proprias veias em abundantes cabedáes, para todos offerecerem espontaneamente a S. M. em signal da grande fidelidade, amor e zelo de seus vassallos.*

Teve logar assim em uma epocha notavel o nascimento de José da Silva Lisboa; passou-se tambem a sua infancia no meio de occurrencias importantes e de acontecimentos inesperados.

Participou o ministro Sebastião José de Carvalho e Mello ao conde dos Arcos em 1758, que pela opposição que haviam feito ao tratado de limites de 16 de janeiro de 1750, estipulado entre as corôas portugueza e hespanhola, tinham sido por ElRei privados os Jesuitas dos confissionarios e de entrada no paço, e que obtivera S. M. um breve da curia romana, pelo qual nomeára o cardeal Saldanha para refor-

mador geral da Companhia de Jesus em todos os dominios portuguezes.

Teria decorrido um anno apenas, quando pela lei de 7 de setembro de 1759, mandada cumprir e executar em todo o reino e suas colonias, foram os Jesuitas declarados rebeldes e traidores, proscriptos e desnaturalisados.

Representou-se então uma scena que cubrio a uns de lucto, e causou a outros grande alegria. Consideravam os primeiros aos Jesuitas como os protectores dos pobres, miseraveis e desvalidos; os medicos do corpo e da alma; os sacerdotes desinteressados que faziam o bem, sem que nutrissem outra esperança afóra a confiança em Deus, e na sua missão gloriosa; e eram ainda recommendaveis os Jesuitas pelos grandes feitos que havia praticado a Companhia no Brazil, e pelos serviços importantes de José de Anchietta, de Manuel da Nobrega, de João de Aspicuelta Navarro, e de tantos outros illustres sujeitos que adquiriram renome e gloria, e se tornáram credores do respeito e gratidão dos povos. Não passavam os Jesuitas para os segundos de uma sociedade de homens ambiciosos, que pretextando intenções religiosas, cuidavam unicamente do engrandecimento da sua companhia, do dominio exclusivo da sociedade civil, e da centralisação em suas mãos de todo o poder e influencia mundana.

Sentiam uns que fossem os Jesuitas persegui-

dos, e davam-lhes as honras do martyrio; enthusiasmavam-se outros com a execução da lei, e a consideravam medida vital para o paiz.

Foram presos os Jesuitas; atravessáram as ruas da Bahia no meio de escoltas numerosas, e pela frente de uma multidão extraordinaria de povo; foram embarcados nas náus *Nossa Senhora da Ajuda* e *Nossa Senhora do Carmo*, e remettidos para Lisboa em 18 de abril de 1760, cento e dezasete socios da Companhia de Jesus.

Ao conde dos Arcos substituio na administração o conde de Avintes, ultimo vice-rei do Brazil, que domiciliou na Bahia. Foi transferida a capital do estado para o Rio de Janeiro. Governáram d'ahi por diante a Bahia como capitães generáes o conde de Azambuja e os demais seus successores.

Seguio José da Silva Lisboa os seus estudos primarios e alguns secundarios na cidade da Bahia. Em Lisboa, para onde se passou em 1772, terminou os secundarios que lhe faltavam, e que completavam os preparatorios para a instrucção superior. Matriculou-se na universidade de Coimbra, e tomou o gráu de bacharel formado em direito canonico, luzindo desde logo a sua primorosa intelligencia, quando em concurso e antes de formar-se, foi nomeado substituto das cadeiras das linguas hebraica e grega.

Conservou-se pouco tempo em Portugal. Obteve provimento na cadeira de philosophia da cidade

da Bahia, e regressou para a sua patria, preferindo exercer este emprego n'ella a occupar outro posto mais importante em paises extranhos.

Tinha José da Silva Lisboa um animo propenso para todos os ramos dos conhecimentos humanos que necessitassem trabalho aturado, estudos profundos e raciocinio elevado. Sorria-lhe a jurisprudencia ao pensamento com todas as suas emaranhadas difficuldades. Com o estudo da jurisprudencia tomou gosto pelas sciencias moráes, philosophicas e politicas. Desejando dedicar-se a ellas inteira e livremente, dirigio-se de novamente para Lisboa em 1797, conseguio a sua jubilação, e voltou pouco tempo depois para Bahia, incumbido do cargo importante de deputado e secretario da mesa da inspecção.

Era nova para a cidade da Bahia a mesa da inspecção; considerou o governo portuguez que tiraria com o seu estabelecimento vantagens eguáes ás que colhia das mesas da inspecção de Lisboa e do Porto. Teve occasião José da Silva Lisboa de prestar n'este emprego tão importante os mais valiosos serviços ao commercio e á agricultura da Bahia.

Aproveitava os momentos do repouso que lhe dava o emprego, para se consagrar aos estudos; era vasta a sua erudição em todas as divisões e subdivisões do direito. Sabia perfeitamente o direito civil, o canonico e o commercial; annexava a estes

estudos a acquisição da economia politica, sciencia que se popularisava depois dos trabalhos de Adão Smith, de Alexandre Verri e de Cesar Beccaria; conhecia além d'isso a historia e a litteratura de todos os povos.

Publicou em 1801 a primeira edição do seu tratado de Direito mercantil.

Deu á luz em 1804 os seus Principios de economia politica.

Obrigado o principe regente Dom João a abandonar as suas terras de Portugal, e a procurar abrigo no Brazil contra as invasões de Napoleão, imperador dos Francezes, chegou á Bahia, e foi enthusiasticamente saudado pelos seus subditos n'este primeiro porto da colonia em que aportára. Demorou-se porém pouco tempo ahi a côrte. Foi todavia bastante esse curto espaço de tempo para que dando o principe audiencia a José da Silva Lisboa, e ouvindo-o por vêzes, accedêsse a uma medida por elle lembrada, que era a de abrir a todas as nações da Europa, amigas de Portugal, os vastos portos da colonia, que só com os da metropole tinham até então communicação.

É a José da Silva Lisboa que se deve a carta regia de 24 de janeiro de 1808, que forma o primeiro e o mais importante passo que deu o Brazil para a sua independencia politica.

Ideias erradas, interesses adquiridos e usos inveterados, combateram as novas doutrinas e pra-

tica que fundava a carta regia de 24 de janeiro de 1808. Apparecia o Brazil á Europa como um mundo novo que attrahia as vistas e a attenção geral pela magnificencia do seu solo, e riqueza das suas producções. Era o Brazil ignorado; nem-umas as relações commerciáes entretinha afóra com Porto e Lisboa; e repentinamente vio o Brazil diante de si Hamburgo e Londres, Havre e Liverpool, Trieste e Amsterdam, Cork e Marselha, Genova e Barcelona, Swanzea e Boston, New-York e Antuerpia. Reganhava o cego a vista, e a saúde e a força o invalido.

Seguio a côrte para o Rio de Janeiro, e com ella, a convite do principe regente, José da Silva Lisboa, que á sua chegada foi nomeado professor de economia politica, creando-se especialmente para elle uma cadeira d'esta sciencia.

Conhecendo que avisados não andavam todos os espiritos acerca da utilidade e efficacia da providencia que tomára o principe, tratou de esclarecê-los, publicando uma defesa da carta regia de 24 de janeiro de 1808, e varias observações em favor do commercio franco, que, lidas avidamente, começáram a educação do povo na senda dos progressos mais vitáes, e dos interesses mais palpitantes do paiz.

Elevado á categoria de reino-unido, teve o Brazil os precisos tribunáes, e uma junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação; as necessidades do paiz tão especiáes e variadas poderiam unica-

mente ser satisfeitas com remedios que existissem no proprio seio. Ao passo que creou novos interesses e novas precisões, concorreu poderosamente a residencia da côrte portugueza no Rio de Janeiro para o engrandecimento material e a civilisação do Brazil todo.

Foi José da Silva Lisboa nomeado posteriormente deputado da junta do commercio e agricultura; recebeu commissões importantes, quer scientificas, quer fiscáes, que lhe confiava o governo, ou para organisar regulamentos commerciáes, ou para inspeccionar os estabelecimentos litterarios, e as obras que se destinavam ao prélo.

Com a retirada do principe regente para Lisboa, com os graves acontecimentos que se realisáram no Brazil, e que déram em resultado a sua independencia politica e a sua liberdade, teve de accender-se em José da Silva Lisboa, homem até então de gabinete, o desejo de atirar-se na arena dos combatentes, e de entrar para a vida tumultuosa e agitada das occurrencias politicas, vida que devora os mais brilhantes talentos, e deteriora as intelligencias as mais elevadas.

É a vida publica o iman que attrahe as ambições do espirito e do pensamento; quantos desgostos e amargores são porém d'ella consequencia infallivel? E não ha forças humanas que arranquem do seu turbilhão aquelles que uma vêz lhe saboreáram o veneno subtil, e deixáram enlaçar-se pelos abraços

enganadores, e caricias fallazes com que ella illude, prende e arrasta.

Entrou elle para a phalange dos Brazileiros que desejavam a independencia do seu paiz. Era sua paixão escrever; a sua natureza physica e o seu caracter lhe não proporcionavam outros recursos para servir á causa que abraçára. Publicou diversas folhas periodicas no intuito de dirigir e encaminhar o espirito publico em favor da causa da independencia do Brazil.

Numeraremos entre outras as seguintes folhas periodicas e avulsas que publicou : *Conciliador do Reino-Unido* em 1821 ; *Reclamações do Brazil; A causa do Brazil; o Imperio do Brazil* e *o Roteiro do Brazil*, em 1822; e *a Atalaia* em 1823.

Conseguida a independencia do Brazil, fez parte do primeiro parlamento brazileiro, conhecido pelo nome de Assembléa constituinte.

Pertenceu como deputado ao partido adverso ao ministerio de José Bonifacio de Andrada e Silva. Representava este a parte liberal, e José da Silva Lisboa o principio retrogrado. Foi do numero dos oradores que se tornáram notaveis, pela erudição que appresentava, pelo vigor da phrase que empregava, e pelo calor e convicção que desenvolvia na defesa das suas doutrinas.

Dissolvida a Constituinte, e outorgada por Dom Pedro I a constituição politica de 1825, entrou José da Silva Lisboa para o senado, tendo sido apresen-

tado em lista triplice pela sua provincia, e pelo imperador escolhido justamente.

Foi José da Silva Lisboa amigo particular de Dom Pedro I, e um brilhante ornamento da camara a que pertencia, pela independencia e boa fé das suas ideias, pelas suas luzes e talentos, e pelos seus discursos oratorios, si bem que ás vêzes muito violentos.

Pertenceu toda a sua vida como politico ao partido monarchista, que anhelava o vigor e a força do governo antes do que a liberdade do povo. Não tinha para elle a liberdade aquelles encantos exquisitos e seducções extremas que causam tantos enthusiasmos em todos os paizes. Nem mesmo considerava ligavel a liberdade com a ordem, sendo por esta limitada e moderada; tinha medo da demagogia, que lhe parecia significar o terror nas praças publicas, e no meio de vociferações, e a anarchia em todos os espiritos. Era o governo a seus olhos quem mais garantias offerecia á sociedade, e por isso o queira forte e energico e dispensava por isso qualquer contacto de liberdade.

Senador do imperio, vivendo sob um regimen liberal, respeitava-o, cumpria-o, defendia-o, si bem pensasse que era elle por demais liberal; como porém os caracteres convencidos, firmes e mesmo estoicos, como era o de José da Silva Lisboa, temem sempre as mudanças, e preferem uma conservação e tranquillidade presente a eventualidades ainda que es-

perançosas, todo o seu appoio prestava ao governo do primeiro imperador.

Na historia dos partidos politicos em que se retalhou o Brazil depois da outorga da constituição de 1825, lê-se o nome de José da Silva Lisboa, occupando um dos primeiros postos á frente dos que combattiam o principio liberal e as doutrinas democraticas.

E foi de uma actividade espantosa o seu espirito; não faltava como senador á sua camara; tomava parte como orador em todas as discussões importantes. Instrucção publica, finanças, theorias politicas, jurisprudencia, analysava tudo, e patenteava em tudo uma instrucção e talentos da primeira plana. Como escriptor não tinha repouso de gabinete : publicava sempre memorias importantes acerca de muitos e variados objectos, já politicos, já philosophicos, já litterarios, e já mesmo emfim religiosos.

Apontaremos entre elles o *Discurso sobre a franqueza do commercio de Buenos-Ayres ;* as *Observações sobre a franqueza da industria e fabricas no Brazil*, no anno de 1810; *A propriedade do Brazil pelos principios liberáes da nova legislação ;* o *Ensaio sobre o estabelecimento dos bancos ;* a *Memoria sobre o monopolio da companhia dos vinhos do Alto Douro*, no anno de 1811; *Extractos de Edmundo Burke*, em 1812; *Memoria da vida politica de lord Wellington*, em 1815; *Memoria dos beneficios politicos d'ElRei Dom João VI, com a synopse da sua legislação*, em 1818; *Estudos do bem commum e economia politica; Selecta de pensamentos*

do padre Antonio Vieira, em 1820; *Constituição moral ou Deveres do cidadão*, em 1825; *Eschola brazileira*, em 1826; *Leituras de economia politica, em* 1827; *Causa da religião e disciplina ecclesiastica do celibato clerical*, em 1828; *Historia dos principios e successos politicos do Brazil*, em 1829; e *Cartilha da eschola brazileira*, *em* 1831.

Concedeu-lhe Dom Pedro I o titulo de visconde de Cayrú, deu-lhe commendas de diversas ordens do imperio, aposentou-o no supremo tribunal de justiça, e manifestava-lhe em toda a parte e em todas as occasiões a maior consideração e amizade.

Queria José da Silva Lisboa servir ao imperador antes que agradar-lhe. Censurava-o por vêzes e com toda a franqueza. Combatia os actos de seus ministros, que lhe pareciam concessão aos liberáes, e o praticava com uma franqueza que se tornava ás vêzes offensiva e que manifestava o seu caracter irascivel.

Pretendendo em 1830 o partido liberal que fosse obrigatoria a fusão das duas camaras legislativas, quando o exigir qualquer d'ellas, estremeceu o imperador diante das ameaças do partido revolucionario, e considerou que seria a concessão conveniente. Pedio elle proprio aos senadores seus amigos que cedessem ás exigencias da camara dos deputados. Unico recusou-se José da Silva Lisboa ao pedido do monarcha, porque pensava que da condescendencia timorata do senado resultaria a perda da força moral que lhe era necessaria para sustentar a monarchia.

Teve erros Dom Pedro I. Era um principe dotado de animo excellente, e das melhores qualidades. Deve-lhe o Brazil em maxima parte a sua independencia. Mas não soube elle desapegar-se dos cortesãos que o enganavam. Appareceu muito á frente das luctas politicas; folgava de passar como director dos seus ministerios; queria que se soubesse que d'elle dependia tudo desde a nomeação do mais pequeno empregado publico até a decisão do negocio mais importante. Nos paizes que se regem pelo systema representativo, perdem os monarchas em expôr-se aos odios e desaffeições que geram os actos administrativos: devem convencer-se de que tudo se sabe, e que salta a responsabilidade facilmente de cima do ministro para a cabeça do soberano.

Verdade é que não logra o amor proprio o prazer da inspiração e da deliberação; lucram porém a segurança do throno e o conceito do monarcha que precisa tornar-se superior a todos os seus subditos, e conservar-se na esphera sublime de neutralisador e imparcial.

Pensou Dom Pedro I que mostrando desaffeição aos homens do partido liberal aniquilava a este, e desmoralisava aquelles. Erro foi e grande que commetteu; converteram-se em seus inimigos muitos dos seus subditos, que prepararam e desenvolveram os elementos revolucionarios que fizeram explosão no dia 7 de abril de 1831, e faltou coragem então ao imperador para resistir-lhes.

Sentio profundamente José da Silva Lisboa a revolução de 7 de abril de 1831. Não perdeu porém o animo. Unio-se aos homens liberáes moderados que tentáram reter a revolução. Resistio e oppoz valente barreira a todas as tendencias democraticas, que queriam dominar o paiz : não temia fallar como senador; sustentava com denodo e energia a causa do paiz ameaçado pela lava popular. Com seus escriptos, que quotidianamente publicava (2), instruia o povo sobre os seus verdadeiros interesses, concentrava a sua força, e mostrava-lhe o remedio da salvação.

Não resiste porém a tão duros e prolongados combates a natureza humana. Mata muito a tribuna aos homens politicos; é a tribuna o seu throno, o seu capitolio e a sua gloria. Almejam-a e ambicionam-a como o bem o mais apetecivel e precioso. No campo serrado do nosso forum politico são todavia os oradores dedicados á sorte dos companheiros de Leonidas. As avenidas da tribuna nacional tornam-se para elles as Thermopylas do systema representativo.

Falleceu José da Silva Lisboa no Rio de Janeiro em 20 de agosto de 1835.

II.

Deve José da Silva Lisboa seus titulos mais recommendaveis de gloria ás obras que escreveu acerca do direito mercantil, e da economia politica. Para podermos avaliar em seu justo preço o merecimento d'estes importantes escriptos, convém-nos

estudar as sciencias não sómente no estado em que se acham na actualidade, senão tambem conhece-las no estado em que se achavam na epocha contemporanea de José da Silva Lisboa.

Pode-se considerar modernas qualquer d'estas duas sciencias.

Sumia-se entre os Romanos no direito civil o direito mercantil; as regras, as noções e os principios porque se regulavam as transacções commerciáes, não eram excepcionáes, por assim dizer, como nos tempos presentes, derivadas dos principios, noções e regras de direito, e das usanças, costumes e estylos do proprio commercio. Os meios para se conseguir a sancção legal eram os meios ordinarios do direito civil, sem que houvesse isempções peculiares de privilegios, tribunáes, acções e processo, como convém, e são na actualidade adoptadas, segundo as necessidades modernas do commercio. Era a razão que nos tempos antigos o commercio, si bem que fizesse a fortuna dos Phenicios, Carthagineses, Rhodios e de outros povos, não merecia a consideração dos estados guerreiros, que eram os unicos que adquiriam e espalhavam a gloria.

Dava-se egual razão para que se não tornasse a economia politica a base da estudo e consideração particular, e não formasse uma sciencia, como a forma na actualidade.

Elevâram-se pelo commercio na edade media Genova, Veneza, Pizza, Barcelona, Bruges e Mar-

selha; abria-lhes o Oriente os seus thesouros, communicando-lhos pelo Egypto e pelos portos da Asia Menor. Com o descobrimento da America, e as viagens para a Asia pelo cabo da Boa Esperança, roubáram-lhes os Portuguezes e os Hespanhões as grandes riquezas que monopolisavam; aos Hespanhões e Portuguezes succederam no sceptro do commercio os Inglezes e Hollandezes.

Nem nos tempos antigos, e nem durante a edade media, eram como sciencias especiáes conhecidas o direito mercantil e a economia politica. Noções dispersas, sem nexo e nem regularidade, não formam um corpo de doutrinas, como necessita uma sciencia. Pode-se dizer que o direito mercantil e a economia politica nascêram nos tempos modernos, irmãas na edade, irmãas no destino, e irmãas na necessidade que tem d'ellas todos os povos actualmente contemporaneos.

O augmento das publicas riquezas, o desenvolvimento do commercio, a marcha progressiva da navegação, as multiplicadas transacções que de uma a outra parte do mundo se estenderam e se ligáram, levàram os governos e os povos a applicar-se a estudos profundos de materias tão importantes, os quáes déram em resultado o nascimento das duas sciencias, que fazem progressos de dia em dia, e cuja lição torna-se cada vez mais necessaria a todas as classes da sociedade.

Deixando de parte os demais escriptos de José da

Silva Lisboa, com os quáes conseguio entretanto nomeada extensa dos seus contemporaneos, trataremos unicamente de louvar as suas duas obras capitáes de *Direito mercantil* e de *Economia politica*.

Seria actualmente mais facil a composição de um bom livro acerca do direito mercantil ou de economia politica, do que o era no tempo em que escreveu José da Silva Lisboa.

Começava o seculo XIX. Não tinham ainda apparecido Sismonde de Sismondi, João Baptista Say, Ricardo, Mac Culloch, Rossi, Florez Estrada, Theodoro Fix, Melchior Gioia, Ganilh, Storch, Lotz, Zachariæ, Boulay-Paty, Mill, Ferreira Borges, Pardessus, Wollgrang, Heeren, Bender, Eduardo Chity, Kent e Moritz, que tanto tem concorrião com seus escriptos para o adiantamento de ambas as sciencias.

Tem o direito commercial caracter e natureza peculiares; é cosmopolita como as necessidades do commercio que o creáram. Não considera os homens em um só povo, como o fazem o direito civil, o direito criminal e o direito administrativo; considera-os a todos e em todos os paizes e nações. O Europêo, o Americano, o Asiatico e o Africano, eguáes lhe parecem todos, porque trata o direito commercial de dirigir as relações commerciáes que entre si ligam os differentes povos da terra. Não pode chegar a sua perfeição a sciencia do direito commercial, emquanto não houver universalidade e unidade em todas as

nações do mundo, porque tende a legislação commercial pelo sua natureza a ser geral e universal.

Sendo a economia politica a sciencia, que não sómente comprehende a formação, desenvolvimento e accrescimo das riquezas publicas e particulares, senão tambem a administração e gestão dos negocios do estado, na sua accepção mais ampla, com os progressos da civilisação, com o derramamento das luzes em todos os paizes, com a perfeição das industrias, e com a extensão das transacções mercantis, crescerá e desenvolver-se-ha com o tempo, não podendo ser ainda considerada a perfeita sciencia.

Na epocha porém em que escreveu José da Silva Lisboa, nem a economia politica, e nem o direito commercial, tinham conseguido o desenvolvimento que possuem actualmente.

Era ainda a economia politica o infante que balbuciava as primeiras palavras. Senão fora o seu creador, fôra ao menos Adão Smith o escriptor que prestou-lhe serviços mais importantes, formando um corpo claro e bem desenvolvido de doutrinas que permaneceu e permanece ainda como a base de sciencia. Haviam apenas tratado das algumas de suas especialidades, e antes que elle, Filangieri e Beccaria, Quesnay e Turgot, Law e Verri, Colbert e Necker. Nem-um d'elles porém creára a sciencia.

Começava tambem o direito commercial a receber o seu caracter de especialidade e universalidade, que o distingue como sciencia tão peculiar.

Varios assumptos d'elle encontravam-se dispersos nos estatutos e costumes das cidades maritimas (3), nas *Leis de Oleron* (4), no *Consulado do mar* (5), na *Guia do mar* (6), no *Codigo mercante* (7), no *Codigo da marinha* (8), nas *Ordenações de Bilbao* (9), nas *Ordenações de Wisbuy* (10), nas da Liga anseatica (11), e emfim em diversos actos do parlamento britannico (12). Haviam deixado escriptos importantes acerca de diversas questões do direito commercial, Valin, Allan Park, Azuni, Emerigon, Fergusson, Grocio, Alberico Gentil, Bynkershoek, Oleirac, João Millar, Wesketh, Baldasseroni, Blackstone, Balthasar Ayala, Stracha, Hevin, Heineccio, Pothier e Targa. Não tinha porém ainda um corpo de doutrinas que o fizesse reconhecer como uma sciencia especial, e que discriminasse e fundasse os seus principios peculiares e fundamentos proprios.

Como economista não pode José da Silva Lisboa, em presença dos progressos que tem feito a sciencia, merecer a leitura da epocha actual; ha-de porém ser lembrado o seu nome, como os de varios outros economistas que figuram na historia entre os que concorreram mais para o estudo e o desenvolvimento da economia politica e social. É a sorte de muitos sabios, cujos escriptos e descobrimentos servem para a primeira geração dos seus successores, mas que passada ella, são postos de parte, porque os mais modernos aperfeiçoáram a sciencia, e guarda-se apenas respeito á memoria

d'aquelles. Quem lê hoje o que escreveram sobre economia politica Beccaria, Filangieri, Turgot, Verri, Campomanes ou Genuense? Entretanto conservam-se os seus nomes na historia da sciencia, como se conserva o de José da Silva Lisboa.

Discutio tambem em escriptos especiáes varios pontos d'esta sciencia, e deu-lhes desenvolvimento luminoso; fez conhecer especialmente a theoria dos bancos, que não estava aperfeiçoada então como na actualidade, e a theoria do commercio franco, que tão disputada fôra no tempo de Grocio e Selden (13), quando procurava-se saber si eram livres e geráes os mares, ou propriedade de alguns povos (14). Apresentam-nos semelhantes escriptos o estado em que se achavam no seu tempo as sciencias, podendo-se pela leitura d'elles notar a differença e progresso que tem ellas feito.

Não se pode dizer que illustrou a sciencia da economia politica com novos dados ou descobrimentos; mas certo é que estudou e comprehendeu tudo o que antes d'elle se escrevera sobre ella, e que soube desenvolver as luminosas ideias que recebera, com ordem, regularidade e clareza, organisando-as como anneis de uma cadeia que se ligam, e conseguindo chamar para ella a attenção do povo, e derrama-la por todas as classes da sociedade.

Acerca porém do direito mercantil, é de certo maior a gloria de José da Silva Lisboa. Cabe-lhe indubitavelmente o direito de haver sido o seu fun-

dador em Portugal e no Brazil. Foi o tratado que elle escreveu o primeiro que se publicou na lingua portugueza.

Formulou com elle um systema desenvolvido e completo da sciencia. Não existiam ainda as grandes codificações europeas que são o resultado pratico das theorias : conservavam-se em algumas nações os regimens das ordenanças antigas, de decretos governativos, e de deliberações parciáes, sobre que haviam os escriptores estabelecido os seus commentarios. De todas as ordenanças, deliberações, decretos, escriptos e commentarios conhecidos colheu José da Silva Lisboa os dados e bases sobre que assentou o edificio da sua obra.

Haviam sido affamados jurisconsultos Antonio Gouveia, João das Regras, Pascoal José de Mello e Freyre, Manuel de Almeida Lobão e João Pedro Ribeiro; é porém o direito mercantil uma sciencia moderna que não haviam conhecido devidamente, afóra nos diversos principios que tinham similitude com o direito civil. Foi José da Silva Lisboa o creador do direito mercantil em Portugal, e levou tão longe a sua obra, que é actualmente, e será no futuro consultada ainda por todos os sujeitos que se dedicarem a esta sciencia, porque ha partes d'ella tratadas excellentemente, e perfeitamente desenvolvidas.

E quanto avançado não está no entretanto o estudo do direito mercantil? Como não tem-se desenvol-

vido todas as questões que dizem respeito quer ás negociações, transacções, direitos, deveres, onus, obrigações do mar, quer aos direitos, deveres e transacções de terra? Ligado com o direito das gentes por vinculos estreitos, dando braços ao direito civil e ao direito criminal, e relacionado com o direito publico, forma actualmente o direito mercantil parte dos estudos necessarios para todas as classes de cidadãos, para os militares de diversas armas, para os commerciantes, para os legisladores, para os ministros, para os diplomatas, para os reis e para todos os seus subditos.

Depois da publicação da obra de José da Silva Lisboa appareceram varios tratados de direito mercantil em algumas linguas europeas, especialmente na ingleza e na franceza; formuláram-se os diversos codigos commerciáes europeos, o codigo francez publicado em 1807, o codigo hespanhol em 1829, o codigo hollandez em 1832, o codigo portuguez em 1833, e o codigo sardo em 1843, e uma necessidade immensa sentem todas as nações de systematisar e codificar as suas legislações commerciáes. Procuram-se todas as nações no nosso seculo, approximam-se e tendem a aproveitar-se umas e outras dos trabalhos, descobrimentos e experiencias mutuas. Deve de produzir influencia sobre as sciencias e as lettras este movimento imprimido por toda a parte: necessitam todas de uma identica legislação commercial e maritima, para melhor conseguirem de

suas relações mercantis os resultados vantajosos e beneficos, que com o andar do tempo, com a conservação da paz, com o progresso das industrias, e com o augmento das riquezas publicas e individuáes, tem de crescer espantosamente.

Como que se transforma o mundo; galopam os melhoramentos materiáes; espantam os progressos da industria, e marcha o commercio com tão agigantados passos, que é hoje o commercio a vida e a alma das nações. Sem commercio não ha nação hoje que subsista. É a Inglaterra a maior das nações do mundo, porque é a mais commerciante.

Concorreu muito José da Silva Lisboa para que o Brazil e Portugal conhecessem os seus interesses e necessidades, e tratassem de satisfaze-los. Não tinham outro fim os seus escriptos senão illustrar o povo e guia-lo na obtenção da maior somma de bens. Assentava no commercio o engrandecimento da patria, e todo o seu futuro, e com razão, porque pode unicamente o commercio elevar o Brazil e Portugal, nações que possuem costas tão vastas e portos tão appropriados, á grandeza e prosperidade a que tem indisputavel direito, e mesmo dever rigoroso.

Comprehendeu elle a marcha do seculo : era possivel nos tempos passados que uma nação adquirisse nome e gloria pelas armas ou lettras. Battia-se nos campos, illustrava-se nas guerras, enriquecia-se nas conquistas, e no fim das victorias, terrenos, exercitos, povos, armadas dos vencidos constituiam

parte dos seus triumphos, como despojos opimos. Ou então enchia o mundo com os seus poetas, os seus litteratos, os seus philosophos e os seus sabios, e lograva como a Italia ou a Grecia a reputação que ambicionava. No seculo que corre porém presentemente, outra é a situação; invadio tudo o commercio; são as riquezas a ambição geral das nações e dos particulares; para obter-se riquezas não ha outro meio senão a paz, porque com ella unicamente germinam e crescem as transacções, e com ella unicamente podem-se manter e conservar as relações mercantis.

Dividio a sua obra em tratados especiáes. Descreve o primeiro a theoria e a pratica dos seguros maritimos, na sua formação, dissolução e execução, contracto de que nem-uma ideia tiveram as antigas nações da Europa, aquellas mesmas que mais se empregavam no commercio (15), e cuja invenção e mais a das lettras de cambio se attribue geralmente aos judeos, quando em 1182 foram banidos da França, e espalhâram-se pelas diversas nações da Europa, e cuja perfeição se deve aos commerciantes de Veneza, Pizza, Marselha, Genova e varias outras cidades maritimas da Italia.

Nada deixa a desejar á parte da obra que trata da theoria e pratica dos seguros.

É relativo o segundo tratado ás lettras de risco ou cambio maritimo. Acerca do primeiro encontrou ainda algumas deliberações do governo portuguez,

como o alvará de regimento de 1796, o de declaração e ampliação de 9 de maio de 1797, assignados por Dom Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, e varias decisões de outros ministros. Pouco, muito pouco encontrou porém de legislação portugueza para fundamentar a parte que tratava das lettras de risco. Usou porém do direito que garantiram a lei de 18 de agosto de 1769, e o alvará de 2 de dezembro de 1771, que mandam que se sigam as leis, usos e costumes das nações civilisadas, nos casos omissos das leis portuguezas. Forneceram-lhe os melhores materiáes as ordenanças francezas, e de Bilbáo, e o codigo maritimo da Russia publicado em 1786 por Catharina II.

Encerram as mais claras noções e o desenvolvimento plenario da materia o segundo e o terceiro tratados, que fallam da theoria das avarias, que é parte connexa dos seguros; o quarto que se refere as lettras de cambio, e o quinto que discute e demonstra todos os demais contractos mercantis.

É baseiado o sexto tratado na policia dos portos e alfandegas, contendo as principáes regras de direito maritimo, em tudo o que toca a navios, seus proprietarios, carregadores e interessados, e a gentes do mar. É a parte menos desenvolvida da obra, e que deve de sujeitar-se á revisão e correcção. Tem a sciencia feito de então para cá progressos táes, e especialmente nas questões maritimas, para cuja solução é tão necessario o conhecimento do direito

das gentes, que si haveria hoje pouco que accrescentar ás cinco primeiras partes da obra, no que diz respeito a alfandegas e policia de portos porém uma grande reforma teria certamente de executar-se.

Referem-se os ultimos dous tratados da obra ao processo das causas commerciáes e tribunáes do commercio. Comprehendeu o auctor a necessidade que tinha o commercio de um processo summarissimo e de tribunáes especiáes. Sem summariedade nas discussões e julgamentos das causas, sem juizes proprios e privativos, perde o direito commercial o seu caracter peculiar, e confunde-se com o direito civil. Estabelecendo esta theoria abraçada por todos actualmente, avança José da Silva Lisboa a respeito da pratica opiniões que necessariamente teria abandonado, si na epocha presente tivesse de rever a sua obra. Não haviam em Portugal nem processos e nem tribunáes que podessem ser chamados especiáes do commercio. Nas demais nações da Europa appareciam anomalias que não offereciam nem-uns esclarecimentos. Tudo se tinha a crear, e eram assim novas quasi todas as opiniões.

Tem tambem uma grande e notavel falta o Direito mercantil de José da Silva Lisboa. É indubitavel que constituem actualmente uma das suas partes mais interessantes as questões de quebras e bancarotas. Nada fallou todavia a respeito d'ellas, talvêz porque entendesse que existindo em Portugal a legislação criminal do livro 5° das Ordenações philippinas, não

convinha especialisar tanto o direito mercantil, comprehendendo tambem as infracções culposas de seus contractos, e a penalidade que lhes era applicavel pelas leis. Está reconhecido entretanto na actualidade que pela sua natureza e caracter privativo, exige o direito mercantil principios especiáes, e processo peculiar para todas as suas partes, incluindo mesmo a parte criminal e sancção penal relativa aos actos exclusivamente commerciáes.

Boas são em maxima parte as qualidades d'esta obra tão importante de José da Silva Lisboa. Sob o seu crescido numero desapparecem por diminutas os defeitos ou faltas. É um deposito de todos os principios e noções de direito mercantil, principios e noções que conservam na actualidade o mesmo interesse que lográra na epocha de sua publicação; é uma obra que será sempre nova, e sempre necessaria para a consulta e para o estudo de todos os que procuram instruir-se na sciencia do direito mercantil. É um monumento extraordinario de erudição juridica e philosophica, que inscreveu o nome do seu auctor no livro de ouro destinado á immortalidade.

NOTAS.

(1) São proprias palavras da redacção da acta que lavráram e assignáram todos os membros da junta sobredita, e que foi levada a presença d'ElRei. Vejam-se *Memorias historicas* de monsenhor Pizarro, e as *Memorias historicas e politicas da provincia da Bahia*, por Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.

(2) São d'esta epocha os artigos inseridos no *Diario do Rio de Janeiro*, e *Manual da politica orthodoxa*, publicado em 1832, e *a Arte de reinar*, impressa em 1823.

(3) As cidades maritimas do Mediterraneo na edade media tinham nos seculos XIII e XIV sua compilação de usos e costumes commerciáes, escriptos pela maior parte em latim, lingua que apesar de familiar aos sabios e jurisconsultos, parecia já morta, succedendo-lhe os diversos dialectos de que resultáram as linguas modernas. Barcelona, Valença, Pizza, Veneza, Genova, Marselha, possuiam estas collecções de costumes locáes, de onde emanáram os dous primeiros monumentos de jurisprudencia maritima européa, o *Consulado do mar*, e as *Leis de Oleron*. Pütter, *Beitrag zur Vœlkerrechts-Geschichte und Wissenschaft*, §§ 149, 153. — Hallam, *Middle Ages*, vol. II, pag. 2. — Ducange, *Collection des diplómes*. Martens, *Prises et reprises*. — Muratori, *Dissertations*.

(4) Bordeos, cidade de França, situada sobre o rio Garonna, tinha vasto commercio com os mares do Norte e com a Hespanha; era o porto para a reunião dos navios a ilha do Oleron, na fóz da Gironda. Ali no anno de 1266 se estabeleceu uma collecção de costumes e usos mercantis, conhecida pelo titulo de *Leis de Oleron* (*Rooles d'Oleron*), que tiveram força executiva em muitas partes da Europa; e especialmente no commercio d'ali, não por ordens de governos ou auctoridade, mas em virtude do poder e necessidades do commercio.

(5) A collecção de usos e costumes intitulada *Consulado do mar* que appareceu nas cidades maritimas da Italia, França e Hespanha, no principio do seculo XIII, e cuja paternidade os escriptores francezes avocam injustamente para Marselha, é uma das mais importantes e curiosas collecções de leis maritimas que estabeleceu principios emanados dos usos, praxes e costumes commerciáes, dos quáes muitos vigoram ainda hoje, e que regeram quasi todo o commercio do Mediterraneo e do Oriente.

A guerra maritima na edade media confundia-se com a pirataria na pratica barbara, que nem-uma selecção fazia de amigos e inimigos. O *Consulado do mar* fixou as operações da guerra maritima. Pardessus (*Collection des lois maritimes*) e Henrique Heaton (*Right of nations*) sustentam que o *Consulado do mar* foi redigido em Barcelona na lingua romana, dialecto semelhante ao das provincias de Catalunha. O *Consulado do mar* é o monumento mais antigo de jurisprudencia maritima.

(6) A *Guia do mar*, apellidada por Henrique Heaton (*Histoire du droit des gens*), *Guidon de la mer*, é uma collecção de leis posterior de alguns seculos do *Consulado do mar* e das *Leis de Oleron*. Pardessus assegura que é a sua redacção do seculo XVI, e que foi composta por jurisconsulto, cujo nome se perdeu. — *Collections des lois maritimes antérieures au* XVIII• *siècle*, I, II. — As ordenanças de Luiz XIV são pela mór parte extrahidas da *Guia do mar*. — Muratori, *Antiquitates italicæ medii ævi*, tomo IV.

(7) É uma ordenança franceza de março de 1763, que contém principios luminosos, muitos dos quáes são colhidos nas leis de Oleron.

(8) Publicado em 1781 em França, como complemento da ordenança de 1763, que tinha o titulo de *Codigo mercante*.

(9) Collecções de decisões hespanholas sobre o commercio maritimo muito conhecidas e reputadas, extrahidas das leis de Barcelona de 1484, dos estatutos de Florença de 1528, e das outras leis que regiam então o commercio europeo; ainda actualmente as *Ordenações de Bilbao* se cumprem no Mexico e nos estados americanos hespanhões.

(10) As *Ordenações de Wisbuy* regeram todas as nações do norte da Europa, e foram a base das ordenanças das cidades da liga anseatica, Lubeck, Hamburgo, Bremen e Colonia: são do seculo XIII para o seculo XIV.

(11) As ordenanças da liga anseatica que comprehendia Lubeck, Hamburgo, Bremen e Colonia, são extrahidas das ordenações celebres de Wisbuy.

(12) São tantos os diversos actos do parlamento britannico publicados para o fim de promover o commercio, desde que a Grãa-Bretanha começou a tornar-se nação commerciante e maritima, que não ha espaço para numera-los. O mais celebre é o acto da navegação de 23 de setembro de 1660, que os Inglezes intitulam o seu palladio.

(13) Hugo Grocio escrevendo em 1634 a sua obra *Mare liberum*, teve por competidor Selden, que em 1635 respondeu-lhe com outra intitulada *Mare clausum*. Anteriormente á estes já táes questões haviam sido bem debatidas entre Francisco Victoria, *Prelectiones theologicæ*, Francisco Suarez, *De legibus ac Deo legislatore*, e Conrado Brunus, *De legationibus*. Vide Hallam, *Introduction to the litterature of Europe in middle ages*, vol. II. Pütter, ausserordentlicher Professor der Rechtwissenschaft an der Kœnigl. Univ. zu Greifswald, *Beitrag zur Vœlkerrechts-Geschichte*.

(14) Grotius, *De jure belli*, lib. 2, cap. 2. — Bynkershoek, *Questiones de jure publico*, lib. 1, cap. 21.

XII.

FRANCISCO DE MELLO FRANCO.

I.

Descobrio no anno de 1744 o guarda-mór José Rodrigues Froes, audaz sertanejo, que vivia de procurar terrenos auriferos e diamantinos na capitania de Minas Geráes e Goyaz, umas riquissimas faisqueiras de ouro nas margens dos rios Paracatú Abaeté e São Francisco: em obediencia ás ordens do governo, appressou-se em manifesta-los a Gomes Freire de Andrade, que administrava aquellas localidades.

Como era o costume, correram immediatamente os povos de Minas para essas paragens, e estabeleceram-se no novo paiz, si bem que muito affastado das povoações conhecidas, e internado no meio de florestas immensas, e de desertos reconditos.

Creou-se logo um arraial, que desenvolveu-se com a rapidez do raio, tomando o titulo de Paracatú: nasceu ahi no anno de 1757, e em 7 de septembro, Francisco de Mello Franco, descendente de familia pobre, e que nas emigrações causadas

pela cobiça de enriquecer-se trocára a residencia do Sabará pela do novo territorio que as incitava.

Seguio os seus estudos primarios no seminario de São Joaquim, fundado na cidade do Rio de Janeiro, e aos quinze annos de edade foi enviado pela sua familia para a metropole, a fim de aperfeiçoar a sua instrucção.

Era a universidade de Coimbra o centro dos estudos superiores de Portugal. Matriculou-se Mello Franco nas faculdades de medicina e philosophia. Ao passo que cursava as aulas, amenisava as horas do trabalho compondo poesias eroticas e satyricas, que lhe déram nomeada entre os condiscipulos e os lentes. Figura entre ellas o poema do *Reino da estupidez*, que grangeou-lhe admiradores e ao mesmo tempo desaffectos e inimigos, nos que suspeitáram, ou encontráram realmente offensas pessoáes nos improvisos imprudentes do joven estudante.

Não lhe resultariam d'este poema consequencias mais graves, si o tribunal do Santo Officio não julgásse que ressumbrávam n'elle vestigios de irreligião e immoralidade.

Não lhe valeu a edade, e nem a qualidade de estudante. Era inexoravel a inquisição, quando suppunha que se pervertia qualquer indole. Abriam-se facilmente os seus carceres para ambos os sexos e para todas as edades. Pensava abafar o espirito de irreligião, a procedencia da raça, e as aspirações

da independencia, por meio dos tormentos e dos martyrios que applicava ás suas victimas.

Terrivel tribunal, que perseguio tão grande numero de sujeitos notaveis e de homens sem importancia! Quantos se fináram nas suas masmorras, e nos seus sacrificios, que denominava piamente autos de fé! Sangue tão nobre extinguio-se nos seus carceres, tantas victimas acabáram nas suas fogueiras, que illustravam as lettras e a patria! E quantos infelizes emigráram para escapar á sua furia e aos seus horrores?

Escreveu nos seus livros negros o proprio Brazil, que ainda era colonia, os nomes de bastantes celebridades que produzira, acompanhando n'esta desgraça a sorte da metropole. Como Francisco Manuel do Nascimento, que só no exilio achou o refugio, e que foi a intelligencia mais bella e a organisação poetica mais regular que nasceu em Portugal, salváram-se nos paizes extranhos Bartholomeu Lourenço de Gusmão e Hipolito José Soares da Costa, filhos predilectos da terra de Santa Cruz!

Quatro annos jazeu nos carceres da inquisição o infeliz Francisco de Mello Franco, na edade e viço ainda da juventude.

Faz-lhe honra um facto. Uma senhora, sua conhecida, e que se não prestou a depôr contra elle, foi pelo tribunal condemnada á reclusão pelo espaço de um anno nos seus proprios carceres.

Logo que foi restituido á liberdade, procurou-a Mello Franco, e recebeu-a em matrimonio.

Não parou com os seus estudos; continuou a cursar as aulas da universidade, e tomou o gráu de doutor em medicina. Não tendo meios pecuniarios para passar-se para o seu paiz natal, estabeleceu-se na cidade de Lisboa, entregando-se ao exercicio da profissão que adoptára.

Foi feliz então. Adquirio em poucos annos uma estensa clinica. Os seus talentos, o seu tino medico, e a sua dedicação, abriram-lhe as casas mais abastadas, attrahiram-lhe a freguezia das familias mais importantes de Lisboa, trouxeram-lhe rendas, que satisfaziam á sua ambição, e déram-lhe relações de pessoas notaveis, entre as quáes se não podem olvidar Thomaz Antonio de Villanova Portugal, Antonio Ribeiro dos Santos, e o abbade José Correia da Serra.

Foram estes amigos que o appresentáram na Academia real de Sciencias de Lisboa, e fizeram adoptar como socio effectivo de uma corporação tão importante e tão illustrada.

Escreveu e offereceu-lhe varias memorias. Primam entre ellas o Tratado da educação physica, o livro da Hygiene, e o Ensaio sobre a identidade do sistema muscular na economia animal, que se publicáram na collecção preciosa dos documentos da Academia.

Tinha gosto em frequentar as suas sessões interessantes. Chegou a occupar n'ella o logar de

vice-presidente. O relatorio dos seus trabalhos do anno de 1814 foi redigido por Mendo Trigoso; o de 1815 por José Bonifacio de Andrada e Silva; e o de 1816 por Francisco de Mello Franco.

Vida folgada, alegre e tranquilla passava assim na capital do reino, no seio de uma sociedade selecta e de amigos esclarecidos, e no gozo de uma reputação estensa e de uma nomeada brilhante. Foi um dos fundadores da Academia de geographia, que se instituio em 1799, no intuito de espalhar-se e desenvolver-se os conhecimentos geographicos, que andavam bastante atrasados no reino. Chamou-o o principe real Dom João para medico honorario da sua camara, e distinguio-o em differentes occasiões.

Conservou-se quieto durante as invasões francezas em Portugal. Aproveitou-se da posição de medico para não manifestar opinião ou aspirações. Deixou correr a tempestade sem dar o menor indicio de percebê-la.

Vio em torno de si um povo subjugado por tres vêzes pelas baionnetas extrangeiras, e por tres vêzes erguendo-se patrioticamente contra os seus oppressores, e conseguindo derrota-los, e expellilos para fóra do seu territorio. Parecia elle entretanto indifferente, egoista, sem alma, nem coração, e nem espirito; era a razão, que lhe sussurravam constantemente aos ouvidos os quatro annos que passára nas prisões do Santo Officio, e fé não tinha

de conseguir correr mansamente a existencia optando por este ou aquelle partido, opinando por esta ou aquella forma, oppondo-se á invasão dos Francezes, cujo poder temia, ou ligando-se ás armas de Napoleão contra a independencia do seu paiz.

Nem o exemplo dos seus amigos brazileiros José Bonifacio, o bispo d'Elvas, e Luiz Paulino Pinto da França, com os quáes entretinha relações estreitas de amizade, e que tomáram parte activa na lucta contra os Francezes, moveu-o a enunciar-se em prol do triumpho do movimento que creava e incitava o patriotismo irritado dos povos de Portugal. Conservou a mesma impassibilidade durante todo o tempo tormentoso da guerra da invasão franceza.

Chegou-lhe ás mãos em 1817 uma carta escripta pelo proprio punho d'ElRei Dom João VI, em que ordenava-lhe que deixasse Lisboa, se dirigisse para a Italia, e se reunisse ás pessoas que tinham de formar o acompanhamento da archiduqueza d'Austria Dona Maria Leopoldina, futura esposa do principe real Dom Pedro, a qual deveria seguir viagem de Liorne para o Rio de Janeiro.

Si bem gostasse Mello Franco da vida de Lisboa, deliberou-se abandonar a Europa, e seguindo para a sua patria como medico da augusta princeza que foi posteriormente a primeira imperatriz do Brazil, a estabelecer-se n'ella, e acabar os seus ultimos dias. Vendeu os bens que possuia em Portugal, des-

pedio-se de todos os seus amigos, e partio para a honrosa commissão que lhe fôra incumbida.

Chegado ao Rio de Janeiro entregou-se á clinica medica, e aos estudos scientificos, que tanto prezava na metropole. Escreveu um ensaio acerca das febres intermittentes do Rio de Janeiro, que offereceu ainda á sua querida academia de Lisboa, e que ella publicou benevolamente com outras memorias dos seus consocios.

Pouco tempo lhe durou a ventura. O que não fizera em Portugal durante a invasão franceza praticou-o na sua patria, provando assim que por ella mais interesse tomava, e mais fortemente batia-lhe o coração.

Creando novo aspecto e novo futuro para as instituições politicas, e incitando pelo enthusiasmo as aspirações livres, agradavam as ideias de liberdade que grassavam então pelo mundo, e que haviam produzido as revoluções de Napoles, da Sardenha e da Hespanha, e feito a sua erupção em Portugal, que esforçára-se de acompanhar o movimento d'ellas, proclamando em 1820 a sua regeneração.

Declarou-se francamente Mello Franco pelas ideias de progresso e emancipação, manifestando por toda a parte o enthusiasmo de que se deixára possuir.

Bem descontente já ficára ElRei com o seu comportamento durante as invasões francezas nos seus

dominios da Europa : fôra essa a razão talvêz por que lhe ordenou deixasse Lisboa, e se dirigisse para o Rio de Janeiro, aparentando todavia a necessidade de acompanhar a augusta archiduqueza da Austria. Subio então de ponto o desagrado do soberano, que o dispensou do serviço que lhe cabia de medico da sua camara, e prohibio-lhe mesmo a entrada no paço.

Muito magôou-se Mello Franco com este acto do monarcha. E para cumulo de infelicidades, causáram acontecimentos inesperados a fallencia de um negociante seu amigo, á quem confiára todos os seus haveres e fortuna. No ultimo quartel da vida, já quasi inhabilitado para o trabalho que exige a profissão do medico, achou-se reduzido a pobreza extrema.

Assoberbáram-no as dôres moráes : uma grave molestia o precipitou no leito, que por pouco o arrastou á sepultura.

Logo que começou a convalescença, abandonou o Rio de Janeiro, e seguio viagem para São Paulo, pensando reganhar forças e saúde com os ares beneficos d'essa cidade, que se avantaja pela melhoria do seu clima a todas as cidades do Brazil.

Não lhe foi porém favoravel a excursão. Mais de um anno se demorou em São Paulo : continuava porém a enfermidade de modo que assustava. Resolveu-se a voltar para o Rio de Janeiro.

Não podendo por terra executar a viagem, diri-

gio-se para Santos na intenção de faze-la por mar. Embarcou-se em uma canoa para Ubatuba. D'ahi não pode passar. Em 22 de julho de 1823 trocou a vida mundana pela do descanso eterno.

Dizem os contemporaneos que tinha maneiras affaveis, semblante alegre, presença jovial; que folgava de conversar e dizer cousas espirituosas, de contar anecdotas e repetir epigramas. Desde porém que soffreu o golpe da desgraça, tornou-se tristonho e irritavel; fugia dos amigos, procurava a solidão, e nunca mais pairou-lhe nos labios o sorriso ameno que constantemente resplandecia n'elles.

II.

É incontestavel o merecimento de Mello Franco como medico. A theoria accompanhava a pratica: seguia sempre o tino ao talento; e não era a instrucção inferior á perspicacia.

Como homem scientifico poucos se lhe avantajáram no seu tempo. Evidenciam os seus escriptos que estava a par do progresso, e coadjuvava o movimento e a marcha das sciencias naturáes e physicas.

Obteve diversas edições o seu tratado de hygiene. Era uma novidade na lingua portugueza, a que applaudiram todos pela sua immensa utilidade e valor precioso.

Segundo a reforma do marquez de Pombal seis

cadeiras continha a faculdade de medicina na universidade de Coimbra : primeira e segunda de pratica; uma de aphorismos medicos; uma de instrucções medico-cirurgicas; uma de materia medica; outra emfim de anatomia, operações cirurgicas e arte obstetricia. Comprehendia a faculdade de philosophia sete, que eram de chimica, physica experimental, metallurgia, zoologia, mineralogia, botanica e agricultura.

Não eram incluidos nos estudos das duas faculdades nem a hygiene, nem physiologia, e nem outros ramos mais das sciencias, que se ligam á medicina, e a desenvolvem e esclarecem.

É conquista da civilisação moderna uma maior amplidão nos estudos : tornáram-se com razão mais geráes e encyclopedicos, porque as sciencias tem entre si uma tal connexão e liga, que necessitam de auxilios mutuos para produzirem fructos mais saborosos e sazonados. Satisfizessem porém os cursos especiáes d'agora como nos tempos passados succedia. Infelizmente procuram mais os nossos coevos a elegancia e a forma do que a consistencia e a duração.

Baseiava-se o principal cuidado dos nossos antecessores na segurança e profundidade dos alicerces, na robusteza, travado e aprumado do muro. São infelizmente pela maior parte superficiáes e mal seguros os alicerces modernos pela vastidão encyclopedica. Erro era de nossos pais deixar de ornar e es-

clarecer os estudos com o maior desenvolvimento que lhes traria a connexão de partes que os interessam e alargam; é de certo tambem máu o excesso nas generalidades, com abandono da profundeza e solidez nas partes especiáes; torna-se consequencia immediata que as nossas architecturas são ás vêzes primeiro ruinas que cheguem a ser edificios.

Tinha um duplo merecimento o tratado de hygiene : instrucção especial, e profunda, e novidade da obra : pode ser lido ainda hoje com interesse, por que as ideias que desenvolve tem o cunho do estudo e da experiencia, e não estão em longo atrasamento das que vogam actualmente.

Mereceu tambem e com razão reiterados applausos o ensaio sobre a educação physica. Não se contenta o medico illustrado com a curativo das enfermidades que aggravam a triste humanidade; esforça-se em preveni-las, descortinando as causas que costumam produzi-las, e lembrando os remedios com que cumpre remove-las.

Tinham o mesmo fundo de utilidade os seus outros escriptos. Era o seu gosto espalhar e desenvolver os conhecimentos scientificos que davam vantagens praticas e melhoramentos reáes. Serviços importantissimos prestava a Academia real de sciencias ás sciencias, ás lettras, á civilisação, e á instrucção e moralisação do povo, publicando as memorias e estudos tão profundos e proveitosos, que lhe offereciam os seus consocios, e cuja leitura tem um

interesse e um sabor ainda, que lhe dão physionomia de quasi novidade.

Não ficou Mello Franco como litterato aquém de sua reputação de medico e de sabio. Folheiando-se os volumes de escriptos litterarios publicados pela Academia real de Sciencias de Lisboa, desde 1790 até 1814, notam-se trabalhos importantes d'elle a par das memorias de João Pedro Ribeiro, de Ribeiro dos Santos, de Mendo Trigoso, de José Bonifacio, de Aragão Morato, e do abbade Correia da Serra.

Teve tambem como poeta alguns titulos que lhe devem salvar a memoria. Seguindo as pisadas do *Hyssope* de Antonio Diniz, é-lhe com tudo inferior o poema do *Reino da estupidez*. Contém todavia muito espirito, versos excellentes, descripções pittorescas, e uma pintura viva e original de caracteres e costumes, que agradam necessariamente.

É uma composição da juventude, d'essa primeira edade do homem, em que não está maduro ainda o espirito, e vai apenas acordando a intelligencia. Não deixa porém de manifestar grande engenho poetico em quem a concebeu e executou.

Ressumbra n'ella maledicencia de mais, e por vêzes imperdoavel. Notam-se rasgos burlescos que desdouram a obra. Desenvolvem-se algumas scenas que chegam a enfastiar. Não é aquella gravidade graciosa; aquelle sainete fino e sempre egual; aquelle espirito selecto e elevado, que ornam *o Hyssope* de Antonio Diniz, *o Roubo da madeixa* de

Pope, e *o Lutrin* de Boileau. Prima antes a desenvoltura do estudante travesso, mordaz, folgazão e petulante, que joga com as armas proprias da sua edade, e falho é ainda de circumspecção e criterio.

O que constitúe porém a verdadeira corôa poetica de Mello Franco não é o poema de que temos fallado; são os admiraveis canticos que intitulou *Noites sem somno*, e que parece que foram compostos durante os quatro annos que passou nos carceres do Santo Officio.

Formam a sua base a dôr, o gemido e a desesperação; chora e mortifica-se o poeta; sonha e assusta-se; joven ainda teme que lhe escape o futuro a que aspirava, e não a vida, que não apprendeu ainda a prezar. Não possúe a melancolia resignada do christão, e nem a paciencia elegiaca do homem prudente. Si dorme, delira loucamente; si véla, irrita-se e grita; si reflecte, cáhe na prostração e no abatimento.

Mas são pintados todos estes sentimentos com côres appropriadas, originâes e brilhantes; transborda a poesia, por que é effeito natural dos soffrimentos que supportava o poeta; sahiam-lhe do coração espontanea e ardentemente, como do volcão escapa a labareda. Creou-os a propria dôr, e são os gemidos que ella solta quando desesperada.

Rivalisam com o pensamento a maviosidade da expressão e a cadencia do verso. O proprio Manuel Maria Barbosa do Bocage, poeta da lingua portu-

gueza, melodioso por excellencia e tão difficil na appreciação da toada musical applicada á organisação das phrases, e á construcção do verso, teceu-lhe insuspeitos elogios por estes canticos, que são no seu pensar admiraveis pela dicção e suavidade, e excellentes pela ideia e pensamento.

Pena foi que tão pouco produzisse um engenho poetico que dotára a natureza com dotes tão selectos e primorosos.

XIII.

ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS.

I.

Ao general castelhano Dom Pedro Cevallos rendeu-se em 29 de outubro de 1762 a importante colonia do Sacramento, sita na margem esquerda do Rio da Prata, fronteira ao immenso e magestoso lago, que formam as agoas dos rios Paraná e Uruguay, precipitando-se dos virgens e ferteis territorios das provincias interiores do Brazil.

Para maior consternação e perda publica, tanto se apaixonou por este revez o capitão general do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, a cujos talentos e zelo administrativo devia o Brazil beneficios innumeros, que não pode resistir-lhe, e falleceu logo depois da sua noticia.

Tomou conta da administração publica uma commissão composta do bispo Dom Antonio do Desterro, do brigadeiro José Bernardes Pinto Alpoim, e do chanceller da relação João Alberto Castello-Branco.

Occupava o throno de Portugal Dom José I, que succedêra no anno de 1750 a seu pai, Dom João V. Leváram-no novas tão infaustas a modificar o systema governativo de todo o estado do Brazil; elevou

a capital do estado a cidade do Rio de Janeiro, como o ponto que lhe pareceu mais importante, e mais proximo do theatro dos grandes acontecimentos que interessavam a sua monarchia : para o cargo de vice-rei nomeou ao conde da Cunha, fidalgo illustre e reputado, que fôra capitão general em Angola e Mazagão : revestiu-o de plena autoridade, como representante immediato da sua pessoa em todo o territorio brazileiro.

No meio d'estes graves acontecimentos nasceu Antonio Pereira de Souza Caldas, no Rio de Janeiro, aos 24 de novembro de 1762.

Descendia seu pai, Luiz Pereira de Souza, de familia portugueza; era oriunda sua mãe Donna Anna Maria de Souza de honestos colonos açorianos : Luiz Pereira de Souza negociava, e gozava de excellente reputação.

Deu a natureza a Antonio Pereira de Souza Caldas compleição fraca e debil; estava ainda na infancia, e já o perseguiam e atormentavam as enfermidades. Considerou seu pai que lhe faria bem a mudança de clima, e enviou-o, na tenra idade de oito annos, para a cidade de Lisboa, aonde conservava varios parentes, a cujos cuidados confiava o filho.

Raconta elle proprio esta circumstancia nos seguintes versos :

> Oito annos apenas eu contava,
> Quando á furia do mar abandonando

A vida, em fragil lenho, e demandando
Novos climas, da patria me ausentava.

Encetou em Lisboa a sua educação litteraria; logo que chegou aos dezeseis annos de edade, partiu para Coimbra, a fim de applicar-se ao estudo da jurisprudencia.

Finava-se por esse tempo Dom José I; era exilado o marquez de Pombal, e adoptava a nova rainha Dona Maria I um systema de politica e de administração diverso do que até ali vigorára.

Fôra caracterisado o nascimento de Souza Caldas pela perda da colonia do Sacramento, que para sempre ficou annexada á corôa hespanhola; foi contemporanea a sua entrada na universidade de não menor infortunio, a morte de Dom José I, e com ella a ruina da direcção illustrada e energica, que havia logrado fazer respeitar o governo portuguez de nacionáes e de estrangeiros, e que esforçára-se de desenvolver no Brazil o commercio, as artes e a industria.

Que presagios melancolicos o acompanháram desde o berço! Como não deveria o seu espirito pensador guardar impressões duradouras! Como não deveriam estes acontecimentos abalar as fibras da sua alma pura e elevada! Nascido em epocha infausta; ameaçado a todo o instante da morte, que parecia descobrir na sua constituição corporal uma victima prematura; arrancado, na infancia ainda, aos lares e carinhos paternos; levado para outros cli-

mas, para outras terras, climas tão diversos, terras tão distantes; e, quando dizia-lhe o pensamento que era tempo de conhecer-se; quando foi-lhe abrindo a razão os thesouros da intelligencia, e pouco e pouco manifestando-os a seus desejos ardentes, ei-lo que, em derredor de si, vê estalar fatal e lugubre fado, que sobre a campa do rei que expirava inscreve o agoiro atterrador da decadencia de um reino, que, com quanto pequeno em territorio, praticára todavia proezas tão extraordinarias; que tem sido poucos os livros, e os marmores, e os pinceis para celebrisa-las dignamente.

Resultou d'estas impressões uma grande metamorphose do seu espirito: de coração generoso, de alma suave e perfeita, de intelligencia superior, de engenho primoroso, e de tractar ameno e jovial, tornou-se melancolico, de aspecto frio e maneiras reservadas.

> Desde então a tristeza começava
> O tenro peito a ir acostumando.

Assim se exprimio sobre si proprio : felizmente que, como o anjo de sua guarda, o veiu a poesia amparar na solidão do seu coração; deu-se-lhe logo a conhecer o seu estro elevado; uma inspiração celeste, de voz altiva, de côres doiradas, e de pensamentos sublimes, vecejava-lhe na mente, transbordava-lhe o espirito, perpassava-lhe os poros; ora escrevia a sua cantata admiravel do *Homem selvagem*, enthu-

siasmado pela lembrança dos gentios, que sem lei, sem religião, sem superior, e sem relações, conhecêra no meio das tribus nomades e errantes do Brazil; ora levando-se de amor pela natureza, arrancava das suas scenas, e das suas creações, as bellissimas *Noites philosophicas*, dedicadas ás *Aves*, e que rivalisam sem duvida com as melhores composições de Thomaz Gray, de Saint-Lambert, de Thompson, do abbade Delille ou de Theocrito : ora, aprofundando o estudo da litteratura e da poesia da Grecia e Roma, e admirando os esplendores da sua mythologia, solfejava o cantico mavioso de Pygmalião, em que a dicção, a consonancia, e a melodia do verso luctam de armas e forças eguáes com a elevação de ideias e a magestade do pensamento : e ora, mergulhando-se na tristeza, e nas reminiscencias do seu passado, improvisava canções melancolicas, em que suspiravam melodiosamente as saudades de seus pais e a memoria da sua terra.

Passava Souza Caldas os annos da universidade entre os estudos da jurisprudencia e as inspirações da poesia, quando a nomeada que lhe ganhá-ram os seus talentos, e a admiração que causavam os seus versos, chamáram a attenção da suspeitosa policia de Dona Maria I, que o mandou prender, e julgar pelo tribunal do Santo Officio : em attenção todavia á sua edade, pouco tempo foi conservado preso, sendo pelas ordens do governo condemnado

a fazer exercicios por seis mezes na congregação dos Padres Cathequistas de Rilhafoles.

Entregou-se ahi á solidão e á leitura dos livros sagrados; captou pelas suas maneiras modestas, e seus talentos elevados, a benevolencia dos padres da congregação, que, intercedendo para com o governo em seu favor, obtiveram o seu perdão, e licença de voltar para os seus estudos.

Apenas terminou-os, e recebeu os gráus academicos, começou o exercicio da advocacia, e preferio conservar-se n'ella ao despacho de juiz de fóra para uma das comarcas do Brazil, que lhe tinham diligenciado alguns dos seus amigos: a noticia da morte de seu pai, que elle prezava tanto, magoando-o profundamente, arrancou-o a seus trabalhos, e levou-o por fim á deliberação de deixar Portugal, e viajar pelos outros paizes da Europa.

Começou pela França, porque era a França o paiz da sua paixão, e nos livros francezes bebêra as suas primeiras inspirações.

Nessa epocha, e anno de 1785, era ainda a França monarchia: corria porém, e já, a passos dobrados, para os grandes acontecimentos que tão profundamente abaláram todos os seus alicerces e fundamentos: mostrava já a audaciosa e sanguinolenta revolução os seus terriveis começos. Com o soccorro da França se haviam emancipado da metropole britannica os Estados-Unidos da America septentrional, constituindo uma republica inde-

pendente. Lavrou em França um enthusiasmo excessivo pelo feliz successo das armas americanas; augmentou-se com o desenvolvimento das doutrinas exageradas de liberdade que transportáram-se da America.

Appellidava-se Luiz XVI rei e magestade ainda; que magestade e rei era porém o soberano impotente e mais infeliz do que o minimo dos seus subditos? Abandonado pela sua nobreza, via escapar-lhe das mãos uma por uma das suas attribuições, que no meio das praças, e ao som de applausos, folgava de arrancar-lhe a populaça.

Succediam-se todos os dias, e à todos os momentos, scenas tão diversas, variadas e ameaçadoras; acontecimentos tão improvistos e repentinos, e ao mesmo tempo rapidos como o raio, resvalavam de cada palavra de improvisado tribuno, que começou a collocar-se á frente dos grupos desordeiros; ninguem se entendia, e concorriam todos para a dissolução da monarchia de Henrique IV, ignaros uns do futuro, atterrorisados outros do presente, e suspeitosos alguns tambem do passado que já fôra. Os despotismos populares, os furores da demagogia frenetica, as influencias de homens sem importancia, sem luzes e sem garantias, e a desmoralisação, que da nobreza e do clero descêra á plebe, perpassava tudo e tudo geralmente dominava, e esses espectaculos terriveis de grupos de homens descalços e cobertos de andrajos, que davam a lei na praça e eram obedecidos;

tudo isto horrorisou profundamente a Souza Caldas, que os presenciou por algum tempo.

As ideas que dominavam não eram as que ambicionava; os factos a que assistia não eram os que procurava; fôra completa a sua illusão; apaixonára-se pela litteratura franceza, que dominava do Neva ao Tejo; bebera pelos olhos e pelos ouvidos as inspirações dos escriptores que pintavam quadros tão bellos e tão arrebatadores; chegára á patria de Voltaire, Bossuet, Racine, Montesquieu e Corneille, engenhos que admirava tanto, e tanto o enthusiasmavam; soffreu de certo decepção terrivel.

Abriu-lhe então a Italia os seus thesouros de marmore, e as suas riquezas de reminiscencias: fallou-lhe a Italia ao coração e á mente; ao coração, porque lhe communicava os sentimentos do bello, os quáes não morrem; e á mente, porque era ella ambiciosa de conhecimentos e illustração. Desde a patria de Virgilio até a poetica Calabria, viu tudo, examinou tudo, e tudo estudou. Veneza com os seus canáes, as suas gondolas, o seu leão de São Marcos, o seu Bucentauro, e os seus palacios de marmore; Verona com o seu circo romano, e os seus tumulos dos Montechis e Capulettis; Milão com a sua sé admiravel, que, como o pensamento humano, sobe até a mansão siderea de Deus; Florença com os seus sumptuosos museos e jardins encantadores; Bolonha com a sua sciencia e o seu cemiterio; Pizza com a sua torre inclinada; Roma com a magestade das

suas reminiscencias poderosas, com os restos quebrados, mas sublimes do seu antigo poderio, e com os novos edificios que immortalisáram Miguel Angelo e Raphael d'Urbino; Genova com o seu porto e os seus palacios multicôres; Napoles com os seus risos e flores, o seu golfo de amores e o seu Vesuvio pittoresco; tudo emfim d'essa terra doirada e encantadora arrebatou e enthusiasmou o vate brazileiro que por ella peregrinava.

E não foi unicamente a historia dos feitos antigos que exaltára a imaginação do poeta : aviváram-lhe e poetisáram-lhe a phantasia a pompa da religião catholica, o esplendor dos templos, e a geração extraordinaria de engenhos superiores, que ainda modernamente produzira uma terra tão rica, empapada de immortalidade, velha como a historia, e sempre fresca e viçosa como uma ficção de fadas : de cada resto abandonado d'essas ruinas famosas viu levantar-se um suspiro, ou cantico sonoro, melodioso, melancolico, e mais doce ao coração do que o fremito das vagas do Oceano, ou o soido vagaroso e funebre do vento por entre os galhos levantados das esbeltas cassuerinas e dos pinheiros bravios.

Amou Roma, como sóe amar um coração enthusiasta; foi estimado pelo pontifice Pio VI; adquirio relações com as mais importantes pessoas, e os sabios de maior celebridade; mudáram de direcção as suas ideas; modificou-se o seu pensamento; luzio-lhe no firmamento uma nova estrella, e apóz ella seguio-

lhe o coração : decidiram-se a sua sorte e a sua vida; largou pelo Evangelho o livro da lei, tomou ordens sacras e entregou-se ao altar.

Desde esse tempo dirigio o seu estro para a religião, e o seu amor para Deus. Perdeu-o a terra, mas o céo adquirio-o.

Produzio então as odes admiraveis da *Immortalidade d'alma*, da *Creaçao*, da *Existencia de Deus*, da *Virtude da religião christãe*, e da *Necessidade da revelação*.

Deteve-o Roma por alguns annos : quando lhe foi necessario regressar para Portugal, que de saudades o acompanhãram? Offeceram-lhe em Lisboa a abbadia de Lóbrigos, importante em rendimentos, e a mitra episcopal do Rio de Janeiro, resplandecente de gloria; recusou o bispado e a abbadia, preferindo ás pompas e riquezas humanas o viver pobre, mas independente e socegado.

Durante quatro annos que residiu em Portugal ainda, entregou-se ao exercicio da predica sagrada : na fermosa egreja do Coração de Jesus, e na de São Vicente de Fóra, em Lisboa, estabeleceu o seu pulpito, e rodeado sempre de uma multidão curiosa de povo, que folgava de admirar os seus talentos, soltava de cima d'elle a eloquencia maviosa da sua palavra encantadora, e extasiava os seus ouvintes com erudição profunda e engenho portentoso.

A reminiscencia da sua patria, e a lembrança da sua mãe querida, que existia ainda, trouxe-

ram-lhe ideias de voltar para o Rio de Janeiro.

Que diversos e variados acontecimentos tinham-se porém realisado, desde que elle, na idade de oito annos, deixára a sua patria, até que regressára para ella em 1801? Que immensidade de factos se não intercalára entre estas epochas tão distantes? Ao conde da Cunha succedêra no vice-reinado o conde de Azambuja, e a este o marquez de Lavradio; seguiram-se Luiz de Vasconcellos e Souza, e o conde de Rezende; e estava em exercicio da autoridade Dom Fernando José de Portugal.

Estremecia ainda o Rio de Janeiro sob o peso da impressão dos acordãos que havia lavrado a Relação em alçada contra os réos que tentáram separar em 1789 a capitania de Minas Geráes do dominio da corôa portugueza; tinham sido rigorosas as penas : os homens mais intelligentes que possuia então o Brazil, rojáram grilhões pesados pelos presidios de Angoche, Ambaca e Maximba : apoderava-se o terror de todos os animos, e em pé estava ainda o cadafalso a que subira o chefe da tentativa da revolta para castigo exemplar dos espiritos pensadores.

Tencionou Souza Caldas reorganisar sociedades litterarias, crear incentivos ao genio brazileiro, e abrir campo em que tivessem livre desenvolvimento os dotes do espirito.

Baldados esforços! Academias litterarias já tinham existido, e haviam sido dissolvidas pelo medo

e terror. Julgou prudente voltar para Portugal em 1805; começou então a traducção dos Psalmos, que é um dos seus mais bellos titulos de gloria.

Caminhavam no entretanto os acontecimentos da Europa de uma maneira extraordinaria; como as ondas do mar, que, em occasião de tempestade, umas ás outras se succedem mais rapidas e mais altanadas, assim progrediam elles : apóz as scenas de sangue, os espectaculos da guilhotina, e a influencia mortifera da republica franceza, que passeára pela Europa assemelhando a lava do Vesuvio, quando espalha as suas linguas de fogo, e arrasa e queima tudo; tinha vindo a epocha brilhante e cavalheirosa do imperio de Napoleão, com as suas festas e victorias, mandando a toda a parte os seus exercitos vencedores e as suas aguias gloriosas : ainda que pequeno, e no canto mais retirado da Europa, não podia escapar Portugal á ambição illimitada do conquistador moderno, que sonhava com só triumphos e dominios novos; pisou de novo as terras de Portugal em 1807 um exercito francez, e julgou o principe regente Dom João, que estava governando durante a grave enfermidade de sua mãe Dona Maria I, que preferivel era abandonar o seu reino da Europa, e estabelecer provisoriamente no Brazil a séde da monarchia portugueza, a arriscar-se á sorte de Carlos IV, rei da Hespanha, que pagára bem caro na prisão de Bayona o preço de sua confiança demasiada.

Embarcáram-se a rainha, o principe regente, toda a côrte, e a maior parte da nobréza; com os fugitivos monarchas veio tambem para o Rio de Janeiro o padre Souza Caldas, desejoso de descançar os seus dias derradeiros no solo patrio, e de terminar ahi a sua existencia mundana na tranquillidade e solidão; os mesmos ares, que lhe bafejáram as faces, quando tocou o limiar da vida, anciava de respirar no momento em que tivesse de largar o sopro ultimo d'ella : a mesma terra, que o vira nascer, queria que recebesse os seus ossos, como filho amoroso e querido : foi longa a viagem; sómente nos primeiros dias de março de 1808 pode entrar a frota pela bahia do Rio de Janeiro, e dar fim á sua derrota trabalhosa.

Havia sido o conde dos Arcos o substituto de Dom Fernando José de Portugal no governo do Brazil; feixou o circulo dos vice-reis, entregando o governo ao principe regente. Tornou-se o Rio de Janeiro a capital da monarchia lusitana, a nova metropole, e a séde de toda a côrte.

Naõ passavam então de quarenta e seis os annos de Souza Caldas; abattia-o e flagellava-o porém a constituição fragil e delicada que teve desde o principio da vida; mesmo assim, e apesar de ter o corpo cançado, não abandonou o pulpito; como era forte e reforçado de animo e de espirito, folgava sempre que fazia echoar a sua voz eloquente e poderosa no meio dos seus compatriotas, e que conseguia trium-

phos, convencendo-os com o accento magico e mavioso da sua crença profunda e religiosa; mereceu-lhe a egreja de Santa Rita as honras de preferencia para n'ella prégar todos os domingos, por ter sido aquella em que recebêra a graça baptismal; concorria ali constantemente copia immensa de povo, que exaltava-se com o zelo apostolico do prégador, e sabia comprehender e admirar o seu talento subido, e os seus thesouros de sciencia.

Terminou no Rio de Janeiro o sua traducção dos Psalmos, e escreveu ainda uma collecção de cartas politicas e philosophicas a respeito da côrte procurando imitar as *Cartas persianas* de Montesquieu, e as do *Cidadão do mundo* de Goldsmith.

Foi admiravel a sua vida; collocou-o o seu engenho na primeira linha dos poetas lyricos da lingua portugueza; acreditou-o a sua instrucção como um dos litteratos, philosophos e prégadores de maior fama, e das qualidades mais perfeitas do seu tempo; as repetidas obras de caridade que praticava, os soccorros que prestava continuamente aos necessitados e aos afflictos, a moral que o inspirava em todas as suas acções, e a honradez, lisura e desinteresse com que portava-se nos mais pequenos negocios, cercáram-no de uma aureola gloriosa de respeito, consideração e estima universal.

Foi geralmente sentida a sua morte, que teve logar no dia 2 de março de 1814.

Está o seu tumulo na casa do capitulo do con-

vento de Santo Antonio, e recolheram-se seus ossos em uma urna, na qual escreveu José Eloy Ostoni os seguintes versos latinos :

> Brasiliæ splendor, verbo, sermone tonabat,
> Fulmen erat servo, verbaque fulmen erant.

> Do Brazil esplendor, da patria gloria,
> Discorrendo, ou fallando, trovejava;
> O discurso, a dicção, a essencia, a forma,
> Tão veloz como o raio se enflammava.

II.

Escreveu Antonio Pereira de Souza Caldas sobre quasi todos os ramos da litteratura; compoz tragedias, hymnos, cantatas, sermões, e obras de critica, de philosophia e de religião, que conheceram os seus contemporaneos, e cuja maior parte não chegou ao nosso tempo : perderam-se algumas por mãos de quem lhes não sabia dar o apreço; andam por ahi outras manuscriptas em poder dos seus parentes, que se não resolvem a publica-las; foram por elle mesmo lançadas muitas ás chammas devoradoras do fogo, nos momentos em que o seu zelo apostolico e fervor religioso incitavam-lhe desejos de que nada lhe sobrevivesse afóra as suas composições sagradas.

Possuimos apenas uma collecção de poesias sagradas e profanas, com a traducção dos Psalmos, a qual foi publicada em Pariz, em 1821, pelos cuidados de um sobrinho seu, curioso e illustrado, e

enriquecida com commentarios importantes do litterato portuguez Francisco de Borja Garção Stockler.

Os dous volumes d'esta collecção, pequenos e escassos no formato, são todavia grandes e riccos pelas composições que encerram; formam verdadeiros monumentos de gloria para o padre Souza Caldas.

Tem a poesia lyrica portugueza duas escholas distinctas : maviosa, terna, doce e musical uma; torna-se o metro cadente e sonoro; é a rima languida, egual e angelica; tão appropriada a palavra, como a nota de uma cavatina : abandona a outra eschola a forma, e as vestes exteriores; desampara a lindeza do verso, e procura só pensamentos altivos, elevados e grandiloquos. Da primeira eschola é o chefe Luiz de Camões, cuja vida de dôres e prazeres, de tormentos e amores, forma um verdadeiro poema, e poema melancolico; são os seus mais brilhantes satellites Antonio Ferreira, Thomaz Antonio Gonzaga, Manuel Maria Barbosa de Bocage, e Pedro Antonio Correia Garção : esta familia de poetas, que dão á linguagem o privilegio de harmonia, que collocam o gosto no estylo, o som na palavra, a doçura na phrase, a cadencia no verso, e a perfeição na rima, conseguem dos seus compatriotas um renome superior, e são intraduziveis para os estranhos; é a descendencia de Virgilio, aprimorada por Luiz de Camões, Lord Byron, Torquato Tasso, Frederico Schiller, Francisco Petrarca e João Racine.

Foi illustrada a segunda eschola por Francisco Manuel do Nascimento, Antonio Pereira de Souza Caldas, Antonio Diniz da Cruz e Silva, e João Baptista de Almeida-Garrett: é mais livre o pensamento, procura o ar a ideia para desenvolver-se; são sacrificados á inspiração do vate a cadencia do verso e o som musical das palavras; como Pindaro, Homero, Klopstock, Gœthe, ou Dante Alighieri, quebra a aguia as suas cadeias, ganha a liberdade, e esvoáça de altura elevada; pertencem a todos os tempos e a todos os paizes as bellezas do pensamento; não logram a mesma sorte as bellezas do estylo, que tem por assim dizer uma terra, um sol, e um céo natal.

Nunca appresentou a poesia portugueza d'esta segunda eschola vôos tão atrevidos e arrojados, como nas odes de Antonio Pereira de Souza Caldas: si dando-se a assumptos historicos, levantou Francisco Manuel do Nascimento monumentos perduraveis de gloria a Affonso de Albuquerque, aos Portuguezes, e a Vasco da Gama, subio mais alto o padre Souza Caldas, porque foi buscar a sua inspiração nos mysterios do christianismo, elevou o seu pensamento até Deus, e com materiáes tão fecundos como esses, que fallam directamente á alma do homem, quanto se não ergueria?

Abram-se os versos da sua ode admiravel da *Existencia de Deus.*

A luz se faça; e subito creada
A luz, resplandecendo

A voz ouvia, que aviventa o nada:
D'entre as trevas se foi desenvolvendo
O cháos, que estendendo
A horrenda face, tudo confundia,
A terra, e o mar, e o céo, e a noite, e o dia.
. . . .
. . . .
. . . .
Inda o sceptro chimerico empunhava
O nada, avassallando
Informe reino, e vão, que dominava
A seu lado o silencio venerando;
E tudo, repoisando
No seio incerto e immenso do possivel,
D'existir era apenas susceptivel.
Sómente a eternidade
Concentrada em si mesma, em si contida,
Em si gozando interminavel vida,
Perenne mocidade,
Com infinitas perfeições brilhando,
Sotopunha os futuros a seu mando.
Ao som de sua voz omnipotente
O possivel se atterra;
O nada se fecunda; e de repente
Atonitos produzem céos e terra,
E o espaço, que os encerra:
Começa então o tempo pressuroso
A curva foice a manejar iroso:
A agitadas ondas se separam
Da terra, que cobriam,
E no vasto oceano se abrigáram:
As fructiferas arvores nasciam:
De pennas se vestiam
As animadas aves; e de vida
Animáes de grandeza desmedida.
O homem apparece,
Alçado o nobre collo, e vendo ao lado
Da mulher o semblante lindo e amado,
Por quem morrer parece:

De raios e de luz se rodeava,
O sol, que almo calor a tudo dava.

. . . .

. . . .

O verme, que no campo resvalando,
    Ergue a movel cabeça;
A aguia sobre as nuvens remontando,
E do ar retalhando a massa espessa;
    A garganta travessa
Do leve rouxinol; e o peito forte
Do leão, que esbraveja e insulta a morte;
    O mar embravecido;
A terra de mil fructos, que a guarnecem,
Toldava, com que as forças reverdecem
    Do homem atrevido;
Tudo aponta a Suprema Intelligencia,
Adoravel auctora da existencia.

. . . .

Em nem-um paiz, e em nem-uma lingua, appareceu ainda uma poesia mais rica e mais ornada de pensamentos magestosos e gigantescos. Descrevendo na sua primeira metamorphose o cháos e a creação, não reune Ovidio um complexo tão perfeito de imagens altanadas: produz a religião a dissimilhança, por que a religião de Ovidio era o polytheismo material e descarnado, e abraçava Souza Caldas a religião de Christo, que purifica e adoça tanto o coração, religião coroada com o mysticismo catholico, cercada das nuvens de incenso, e da pompa da ceremonia do templo sagrado, aonde entre o homem e a divindade, para provar a distancia que separa o peccador do Juiz Supremo, appareceu o sacerdote, não figurando um homem como os outros homens; re-

vestido e parecendo porém separado da terra; religião d'alma, da vida eterna, da consciencia, sublime toda e toda mysteriosa.

É eminentemente religiosa a poesia de Souza Caldas; parece que descende da litteratura hebraica; ha n'elle o quer que seja da inspiração superior que bafejou a Salomão, a David, a Moysés, a Asaph, a Job, o Coreo, a Samuel e a Ezechiel: consiste a differença no tempo e no logar; descantava-se a poesia hebraica no meio de uma civilisação infantil, com os usos e costumes dos homens pastores, sobre os montes Sinai, ás ribas do mar Vermelho ou dos rios da Babylonia; é decerto uma poesia sublime, celestial, divina, mas doce, melancolica e appropriada ao povo de Israel; e de permeio os canticos altivos e gigantescos de David erguem-se magestosos como os cedros do Libano; de quando em quando fere o coração um ou outro gemido de Job, como o som da harpa do deserto: são todavia modestas, candidas e simplices as vestes; mas assoberbam os pensamentos, tornam-se audaces e magestosos; sobe sempre a inspiração á origem mais pura e mais elevada.

Viveu Souza Caldas porém em epocha diversa, no meio de uma civilisação mais refinada, e entre povos de costumes muito differentes: demais, o christianismo, e, apóz elle, o catholicismo, modificáram ainda os usos das eras antigas e primarias: ainda que bebendo assim elle a sua inspiração primorosa na poesia hebraica, apaixonando-se pelos

vôos soberbos de David, desenvolveu-se no emtanto com apparato magestoso, mas muito differente, por que accommodára-se a seu tempo; não é descendente tambem da poesia hebraica Ossian, ou, para melhor dizer, Macpherson, e não desdobra todavia os seus canticos lugubres e sonoros de modo differente, e por feitio diverso? Não receberam Milton e Klopstock da Biblia os seus suspiros melodiosos, e não se alimentáram com o nectar que d'ella corre? Qualquer que seja a maior ou menor divergencia das vestes exteriores, é a poesia de Souza Caldas uma faisca de fogo escapada da poesia hebraica, e que leva a luz mais penetrante ao coração e á alma do homem. Todas as vêzes que não pode explicar humanamente as suas inspirações, não o domina a ambição de discuti-las philosophicamente, como Hegel, Vico, Kant ou Fichte; prefere descansar como Bossuet na convicção de Deus, e attribuir tudo á sua força e poder, porque é Deus em sua consciencia o pensamento superior que resume tudo, porque tirou tudo do nada, e creou tudo, na phrase do philosopho Malebranche.

A cantata da *Creação* desenvolvendo mais ainda o pensamento elevado que deu nascimento á ode da *Existencia de Deus*, encerra pintura tão variada, e exposição tão colorida, que commove, arrasta, e depois ainda de terminada a leitura, deixa a alma suspensa, e o espirito encantado, como desliza-se ainda apóz a carreira da náu, e por algum tempo

se conserva a longa esteira, que abrira o seu caminho: finalisa com um hymno soberbo, cujas bellezas se não offuscam perante as mais admiraveis poesias da Biblia :

> Os Céos entoam
> Minha grandeza,
> Os seres todos
> Juntos pregoam,
> Por varios modos,
> Do eterno ser
> O incomparavel,
> Grande, ineffavel,
> Alto poder!
> A minha gloria,
> Homem, respeita;
> Rendido aceita
> Meu mandamento.
> Traze á memoria
> Que o firmamento
> Por ti criei :
> Que o mar e a terra,
> E o que ella encerra,
> Tudo te dei.

Não ha que admirar em Souza Caldas uma imaginação vasta, brilhante e illimitada unicamente; uma superabundancia de magestosos e magnificos pensamentos; e um como que excesso, ou exageração mesmo da faculdade de inventar e de produzir, que possuia em gráo subido, agglomerando por essas odes sacras, e em circulo tão pequeno, tantas ideias, e tão differentes e variadas, e ao mesmo tempo tão grandiosas; fôra dotado com essa força immensa e preciosa, e raro privilegio,

que intitula-se genio, e que comprehende o gosto e a invenção : o gosto, que é o poder de sentir e conhecer o que é bello, e a invenção, que é o talento de imaginar e produzir. Não contenta-se o verdadeiro genio com ver e admirar; é arrastado por uma vontade ardente, e uma força irresistivel de exprimir o que sente. Si não é a linguagem de Caldas maviosa e musical, como sóe compô-la a eschola artistica de Camões e de Virgilio, tem comtudo o merito da clareza, da propriedade e da energia : desenha e pinta perfeitamente o quadro pomposo que imagina o enthusiasmo do poeta; e que expressão mais elevada pode se exigir do que a das ultimas strophes da ode sobre a *Virtude da religião christãe?*

O musa, que me inspiras animosa,
Novas côres ajunta ao nobre quadro
    Que soberbo desenhas :
Ouve o guerreiro estrepito que atrôa
    Os deplorados muros
Da misera Sion; vê como a cinge
Romana bellicosa soldadesca.

Já batem os arietes horrendos
Com medonho fragor as suas torres;
    A descorada fome,
O odio, o horror, por toda a parte a investem,
    E o venenoso vulto
Ergue a peste lethal, medonha e fera,
Mortáes frexas em torno arremessando.

    Que scena, ó Deus, avisto!
Lá rasga mãe cruel o tenro peito
    Do misero filhinho!
    Já sobre ardentes brasas

Lacerado o arroja, e deshumana
Ceva a fome na carne, que gerára!

Jerusalém rebelde, vê alçando
O horrido semblante no teu seio
O crime furibundo:
Já freme a crepitante labareda
Em torno do teu templo:
Em vão forcejas apaga-la, e irado
Um deus a chamma abrasadora accende.

Tuas culpadas ruas estremecem:
Por toda a parte a morte te rodeia:
Cahida em terra jazes,
De lividos cadaveres juncada:
Nunca mais o teu templo
Se erguerá; e o teu povo vagabundo
Será de opprobrio e dôr fatal objecto!

Quando, descrevendo a paixão de Jesus Christo, exclama com o mais fervoroso enthusiasmo:

Quem fará em meu seio
De lagrimas brotar inexgotavel
Compassiva torrente, e noite, e dia,
De Judá sobre o crime
Derramar inconsolavel pranto?
Esconde-te, Israel; mirrados corpos
Surgem das frias campas;
Treme o orbe de horror, fendem-se as pedras;
Do templo o véo se rasga:
Em geral lucto envolta a natureza,
Que fizeste, Israel? Te está bradando.

Dir-se-ia que roubára uma inspiração sublime ao genio ardente e robusto de Milton, quando no canto nono do seu poema admiravel, appresentando Eva a Adão o fructo prohibido, e levando-o a prova-lo, pinta o poeta o terror de que apossou-se a

terra, e cobrio-se o céo, cahindo até da mansão etherea lagrimas amargas e tristes, que desenham perfeitamente a desesperação do primeiro homem no instante em que conhece o seu crime, e o castigo devido que logo apóz lhe infligiu o Creador.

Tratando da morte do Salvador do mundo, como rivalisa o seu estro com o estro de Klopstock! Que magestade quando diz :

> De sangue está banhado
> O justo, em afrontosa cruz pendente :
> O senhor do universo traspassado
> De dôr acerba, ingente :
> Tyranno povo as vestes lhe sorteiam;
> A traição o vendeu, horrenda e feia.
> Os macerados olhos lhe circunda
> Piedosa ternura,
> No coração ajunta a dôr profunda
> Os doces sentimentos, em que abunda,
> E do pai só procura
> O perdão dos algozes, que o craváram,
> E no seu sangue as impias mãos banháram.
> . . . .
> O Filha de Sion, no pó te assenta,
> Cobre de humilde cinza o teu culpado
> E fementido rosto :
> Como ainda existís, ó sol? ó terra?

Um dos titulos mais gloriosos de Souza Caldas, e pelo qual a litteratura portugueza deve-lhe os maiores louvores, é o abandono que, primeiro que todos os seus poetas, fez elle da technologia grega, adoptando uma linguagem clara, precisa e eloquente; apoderavam-se até então de todos os espiritos a lit-

teratura grega e a romana; não tinham o bello e o sublime veredas diversas para serem attingidos; não podia ser outra a inspiração do poeta afóra a que partisse do Helicon e do Parnaso; não podia haver outra phraseologia que não fosse a da cansada mythologia : devia revestir-se a poesia portugueza de mantos hellenicos, e revelar o seu pensamento por meio de symbolos ajustados, e de imagens reconhecidas e aceitas.

E ninguem ousára antes de Souza Caldas passar as raias do circulo de ferro que subjugava e cortava os vôos ao poeta; era latina ou grega a educação; descendiam d'essa origem as ideias, e confundiam-se com ella; cantando heróes modernos, e bravuras dos nossos tempos, tornava-os o proprio Francisco Manuel do Nascimento heróes romanos ou gregos, dava-lhes as armas dos combattentes antigos, e encobria as suas acções com as imagens do polytheismo; o grande Luiz de Camões, com tanta justiça appellidado o principe dos poetas das Hespanhas, no seu poema memoravel, a par de bellezas, que nem-um vate antigo ou moderno excedeu ainda, chama em seu auxilio as divindades de Platão, de Hesiodo e de Homero, e mistura o mais sublime e pathetico com repetições enfadonhas, e pinturas desnaturáes e desappropriadas : nada ha de mais extravagante do que ver guerreiros portuguezes elevar preces aos deuses do Olympo, em vêz de recitar os canticos da Egreja

catholica; nada ha de mais extravagante do que, no meio das vagas irritadas do oceano, em procura de novos mundos, para enriquecer a sua patria, não saudarem os navegantes lusitanos a Christo, não adorarem a imagem da Virgem purissima, e dedicarem-se entretanto ao serviço da Venus luxuriosa, da sabia Minerva, ou da Juno soberba.

Rasgou Souza Caldas o véo de semelhantes phantasmagorias; pretendeu que a poesia trajasse vestes proprias e nacionáes; seguisse a origem da sua inspiração; e perdesse-se nos seus braços: não tinham para elle o bello e o sublime um caracter unico, immutavel, e eterno, cujos traços são de antemão delineados; nascia da liberdade e da religião a inspiração verdadeira, subita e espontanea.

Chame-se romantica esta poesia, como a appellidam alguns, ou dê-lhe-se outro nome qualquer, é certo que interpreta fielmente ella os mysterios do coração humano, e exprime com perfeição as paixões, crenças e sentimentos da creatura; cada formula tem a sua epocha; foi bellissima a poesia grega; degenerou um pouco a sua filha de Roma, si bem que obtivesse ainda gloria immensa; já passou-lhes porém o seu tempo, por que é a poesia a representação fiel da religião e da sociedade; quando mudam estas, vaga a poesia, sem força e sem vida, até que desapparece com ellas; foi transformado o mundo pelo christianismo e catholicismo, que trouxeram nova poesia, a qual existirá emquanto existirem a

religião e a sociedade que gerou-a e alimenta-a. Pode-se dizer affoitamente que é Antonio Pereira de Souza Caldas o chefe da nova eschola da poesia portugueza.

III.

Ha tantas traducções poeticas dos Psalmos! A França, a Allemanha, a Italia, a Inglaterra, a Hespanha, possuem muitas e differentes. Nem-uma conhecemos porém, por mais bella e perfeita, que possa exceder em merito litterario a que terminou Antonio Pereira de Souza Caldas; estudou a poesia hebraica, e traduziu-a na lingua portugueza, como estudou Phidias a Homero, e traduziu-o com seu cinzel, ou como Miguel Angelo estudou o poema de Dante, e traduziu-o na capella Sixtina do Vaticano; passando-se da lingua hebraica para a portugueza, não perdeu a harpa do rei de Israel nem-uma de suas harmonias; não servio-se Caldas da elegancia graciosa e elegiaca que empregou Luiz de Camões na traducção de dous psalmos; não usou da rima musical e voluptuosa de André Chenier; e menos ainda da versificação polida, languida e triste de Gonzaga, Racine, Lamartine, Garção, Schiller, ou de Petrarca; mas conhecendo perfeitamente todas as suas bellezas, e possuindo alma fogosa e convencida, e espirito enthusiastico, conseguio achar a propriedade dos

termos, e a magestade da expressão, e escreveu na lingua portugueza, como escreveria o proprio rei David.

« Foi no tempo de David, diz Herder na sua historia da poesia hebraica, que a flor selvagem dos campos, trazida por elle para a soberba Sion, brilhou com todo o esplendor de flor real : fôra sempre musical e poetico o espirito de David; no meio dos campos e prados correram os seus primeiros annos, e colheu n'elles o joven pastor as flores lyricas com que ornou os seus psalmos heroicos, e mais os seus psalmos penitentes. É a verdade a base fundamental do seu caracter, porque é a sua poesia o espelho fiel da sua vida, das suas sensações e da sua epocha; é um jardim rico de flores graciosas e fructos saborosos, mas que estraga ás vêzes a tempestade : é a pintura do seu coração terno, e da sua alma sensivel; soffreu todas as dôres, e gozou de todos os prazeres, e por isso ha cousas nos psalmos que se não podem exprimir nas linguas modernas : tomam as suas lagrimas uma resignação filial; colloca toda a sua confiança no Deus, que de pastor elevou-o a rei, e que amparou-o em todos os transes e calamidades. »

Eram os Psalmos escriptos e compostos como os hymnos, que precisam de acompanhamento de musica; recitava-os o povo judeu, e cantava-os nos templos, e nas festas publicas; eram irmães e andavam junctamente a poesia e a musica; uma e

outra sanctificou o rei David; e para o serviço divino, para as ceremonias do cantico e da musica, reuniu quatro mil levitas, divididos em classes diversas e chóros differentes.

É esta poesia que trasladou Souza Caldas para a lingua portugueza!

Verdade é que appropriavam-se admiravelmente á obra as qualidades lyricas do traductor; possuia não só elle a grande sciencia da comprehensão, que é o estudo profundo, serio e acertado dos canticos hebraicos; e imaginação energica e brilhante, capaz de transpôr a obra, como si fôra original; como tambem ornava-se o seu genio com uma qualidade rara e peculiar, que era necessaria para com poucas palavras acompanhar toda a expressão da poesia dos Psalmos, que desenvolve-se em termos diminutos, e com uma brevidade espantosa: com quanto approxime-se dos canticos simplices de Moysés, é todavia energica a linguagem dos Psalmos: consiste tanto a sua magestade no elevado do pensamento, como na palavra curta e apropriada; é a lingua portugueza rica e abundante; para conservar as imagens deliciosas, e ao mesmo tempo a expressão fogosa dos versos de David, convinha um talento excepcional, que fosse tambem dotado de uma grande inspiração lyrica : mais proprio do que Souza Caldas nem-um outro apparecia.

Que mais fiel traducção do que a do bello psalmo seguinte?

Feliz aquelle, que os ouvidos cerra
A malvados conselhos,
E não caminha pela estrada iniqua
Do peccador infame;
Nem se encosta orgulhoso na cadeira
Pelo vicio empestada;
Mas na lei do Senhor fitando os olhos,
A revolve e medita,
Na tenebrosa noite e claro dia.
A fortuna e a desgraça
Tudo parece a seu sabor moldar-se:
Elle é qual tenro arbusto,
Plantado a margem de um ribeiro ameno,
Que de virentes folhas
A erguida frente, bem depressa, ornando,
Na razão opportuna,
Dos fructos curva os succulentos ramos.
Não sois assim, ó impios!
Mas qual o leve pó o vento assopra,
Aos ares alevanta,
E abatte, e espalha, e com furor dissipa.
. . . .

É a collecção dos Psalmos um poema admiravel, que pinta as scenas todas do coração humano; passa da alegria á dôr, do enthusiasmo ao abatimento, da furia á piedade, e da audacia á resignação : foi escrevendo o rei David as suas sensações ao passo que iam-lhe ellas apparecendo, e nunca eloquencia mais sublime poderam conseguir as paixões diversas do homem.

É possivel, Senhor, que te não dôa
Ver o teu servo sem cessar pisado
Aos pés dos impios, que crueis o affligem,
Que feros o attribulam?

Desde que nasce o sol, té que se occulta
No vermelho horizonte, se revezam,
Insultando-me audaces, procurando
Soberbos humilhar-me.

Foi João Baptista Rousseau o traductor francez dos Psalmos; ou fosse porém que se não prestasse a lingua franceza á expressão magestosa e sublime dos canticos hebraicos, ou porque, e o que é mais presumivel, faltassem imaginação e genio ao traductor, que, apesar da nomeada, que grangeou, de primeiro poeta lyrico da França, parece-nos muito inferior a seus proprios compatriotas Lebrun, Lamartine e Victor Hugo, certo é que ficou a traducção franceza muito áquem das traducções dos Psalmos que possuem as demais nações da Europa, e das quáes uma das mais aperfeiçoadas é indubitavelmente a de Antonio Pereira de Souza Caldas.

Não foi elle o unico que para a lingua portugueza trasladou os Psalmos, e exprimiu-os em versos. Ousáram anteriormente executa-lo Achilles Estaço da Vidigueira e Bernardo da Fonseca que empregáram infructiferos esforços! Traduziu dous psalmos Luiz de Camões, mas n'aquella linguagem terna e doçorosa, tocante e melancolica, que cabia tão perfeitamente ao seu caracter, e ao seu viver; mas que não é a linguagem dos Psalmos, grave, solemne, magestosa, energica e altanada, como folgava de escrever o rei de Israel. Mais que nem-um

outro poeta aprofundou Saverio Maffei o estudo da litteratura hebraica, conheceu todas as suas bellezas, e interpretou fielmente os textos que encerram uma poesia tão rica e divina, que ha de ser eternamente a delicia dos litteratos e a inspiração dos poetas; na traducção porém, que effectuou d'elles para a lingua italiana, ou porque faltasse-lhe o engenho poetico, ou porque não soubesse manejar perfeitamente a sua lingua vernacula, é certo que, com quanto fiel e mais genuina, foi desgraçado o traductor no seu trabalho.

Como comprehendeu e exprimiu Souza Caldas o psalmo de David fugindo á vista de seu filho Absalão! Como disse a sua resignação evangelica, a sua fé convicta, e a sua esperança robusta! Como apoderou-se da inspiração dolorosa e altiva ao mesmo tempo d'aquelle grande monarcha!

Ah! Senhor! Que crescendo meus imigos,
Apinham-se, e me encaram furiosos!
    Quantos me estão bradando!
Debalde espera que o seu Deus o salve!
Mas tu es, ó Senhor, o meu esteio
    E minha doce gloria;
O rosto entre os perigos tu me exaltas!

A Deus clamei, e sobre o monte sancto
    Minhas vozes soáram;
Pesado somno me cerrou os olhos;
Dormi, e alegre despertei nos braços
    De Deus, que a si tomou-me.
Cerque-me embora numeroso exercito:
Sem susto o arrosto; mas é tempo, accode-me,
    Ergue-te, ó Deus, e salva-me!

Já outras vêzes meus perseguidores
Tu desfizeste, e os dentes esmagaste
Dos ferozes malvados:
De ti pende, Senhor, o libertar-me;
E da tua bençam goze esperançoso
O povo que escolheste.

Pôz Souza Caldas tanto cuidado na traducção dos Psalmos, que parece que era a sua obra de amor; nem-um ha que lhe não merecesse as honras de trabalho castigado; tiveram alguns duas versões, como entre outros aquelle, em que exaltando-se perante Deus e supplicando-lhe misericordia rompe assim o poeta o seu cantico enthusiasmado:

O Deus immenso, todo o meu amparo!
Das mãos ferinas, que abatter-me intentam,
E a cada instante de furor redobram,
Vem libertar-me:

Antes que iradas, qual leão faminto,
Me despedacem; quando já não possa
Piedoso braço, em meu favor erguido,
Ser-me propicio!

Ganhou na traducção a poesia hebraica; enriqueceu-se tambem com ella a poesia portugueza; são os Psalmos pedras preciosas da litteratura dos Hebreus; formam a sua corôa immortal; traduzidos por Souza Caldas em portuguez, consolidam a sua reputação original e gloriosa, e constituem um monumento admiravel de poesia para a lingua que os recebeu.

IV.

Quanto não deve sentir a litteratura portugueza a perda de tantas e tão diversas composições de Souza Caldas, que se extraviáram? Para avaliar e apreciar a extensão do seu genio, e a sublimidade da sua imaginação, bastam as suas odes sacras, a sua traducção magnifica dos Psalmos, e algumas poucas obras sobre assumptos varios, que completam os dous volumes publicados. Que esperanças não promettia porém a cantata do *Homem selvagem*, revestida de côres delicadas, e semeada de pensamentos os mais altivos e vigorosos? Que força de intelligencia e gosto aperfeiçoado appresenta a cantata de *Pygmalião*, escripta segundo a phraseologia mythologica, e coberta de imagens frondosas?

Já da lucida Aurora scintillava
O tremulo fulgor, e a noite fria
Nas mais remotas praias do occidente,
Entre abysmos gélados, se escondia.
Amor impaciente
Dos filhos de Morpheu se acompanhava,
E de Pygmalião a altiva mente,
Com lisongeiros sonhos affagava.
Ora de Galathéa
A estatua airosa e bella,
Obra do seu cinzel, obra divina,
Se lhe avivava na amorosa idéa:
Ora cuidava vê-la
E a marmorea dureza transformar-se
Em suave, vital brandura, dina
D'aquella que em Cythera
Sobre os amores e o prazer domina.

Si não é na verdade o rhythmo tão harmonioso e musical como o da cantata de *Dido* de Garção, inferiores não são-lhe todavia as ideias, e talvêz que no grandioso do pensamento lhe excedam, e muito; consiste a poesia de Garção mais na palavra que é sempre escolhida, maviosa sempre, e sempre terna; prima a de Souza Caldas pela elevação do pensamento : começa assim Garção :

Já no rouxo oriente branqueando
As prenhes velas da troyana frota
Entre as vagas azues do mar deirado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.
A miserrima Dido
Pelos paços reáes vaga ululando,
Có' os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas:

Parece mais artista e mais melodioso na expressão; é da eschola de Camões, e acompanha-o uma doce e melancolica elegia, como os gemidos do amante de Leonor, gemidos que podem-se sómente traduzir n'estes versos deliciosos :

Quando a rouxa manhã, doirada e bella,
Abre as portas ao sol, e cáe o orvalho,
E torna a seus queixumes Philomella :
D'esta arte me figura a phantasia
A vida, com quem morro, desterrado
Do bem, que em outro tempo possuia :
Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará pela memoria
De quem o traz na mente debuxado.

Prefere Souza Caldas porém despegar ideias no-

vas e exaltadas, peripecias soberbas, e pensamentos grandiosos; parece que arde a sua alma em uma labareda, e que rebenta a poesia do seu cerebro espontanea, livre e pomposa : é esta a differença entre uma e a outra cantata, entre uma e a outra poesia.

Quanto enthusiasmo patriotico não encerrou tambem o coração de Souza Caldas? dominava-o a religião; levantava-lhe os seus altares; apparecia-lhe a gloria de Deus, tecia-lhe louvores magestosos; mas fallava-lhe tambem a patria; susurrava-lhe a patria de quando em quando aos ouvidos, e chamava-lhe a inspiração : no meio dos versos admiraveis de sua *Noite melancholica*, dedicada ás *Aves*, que escrevêra quando estudante de Coimbra, e cuja composição fôra uma das causas por que soffrêra os amargores da prisão, e dos exercicios de Rilhafoles, escapam-lhe queixumes patrioticos, que lhe fazem honra : denunciavam esses queixumes o fogo sagrado, que vecejava-lhe n'alma; e manifestava esse fogo o patriotismo vivo e corajoso, por que exaltava-se o poeta, e que, mau grado dos perigos da epocha, folgava de arrancar do peito, traduzir em poesia admiravel, e atirar ao publico; que ousadia era a do estudante imprudente, que sob o governo de Dona Maria I, rainha de Portugal, não temia produzir e mostrar estes versos :

> Nem tua crúa indole se abranda
> Nos climas do Brazil, onde Amor vive
> De exquisitos deleites, de finezas,

E de ternas meiguices rodeiado:
Paiz, aonde as Musas, que risonhas,
Carinhosas o berço me emballáram,
Outra Hipocrêne rebentar fariam,
Outro Parnaso excelso e sublimado,
Aos céos levantariam, si ao ruído
De pesados grilhões jamais podessem
As filhas da Memoria acostumar-se.
Ali a terra com perenne vida
Do seio liberal desaferrolha
Riquezas mil, que o Lusitano avaro
Ou mal conhece, ou mal aproveitando,
Esconde com ciume ao mundo inteiro.
Ali... ó dôr! o minha patria amada!
Á ignorancia firmou seu rude assento,
E com halito inerte tudo damna,
Os erros difundindo, e da verdade
O clarão offuscando luminoso.
Ali servil temor e abatimento
Os corações briosos amortece,
E emquanto a natureza desenhava
De outro Eden as campinas deleitosas,
A estupida ambição com mão mesquinha
Transtornou seu magnifico projecto,
E só parece apparelhar abrigo
As aves, que do dia se arreceiam,
E procuram da noite a sombra triste.
Por isso, ó Nictimêne, te acolheste
Do Brazil aos rochedos e ás florestas,
Aonde o Indio, em seu fallar singelo,
Jacorutú chamou-te, e te conhece
Não só pelas feições, que com na Europa
O bufo das mais aves se apartára;
Mas pela varia côr de branco e fusco,
E de amarello, que te tinge as pennas.

São bellas as descripções, primorosas as côres, e delicado o pensamento do poeta; superior porém ás

descripções, ás côres, ao pensamento, e á poesia do cantico das *Aves*, é a ideia do patriota, e a dôr do homem de bem, que pairam e assoberbam toda a composição, como sóe a aguia real pairar e assoberbar a terra; fallou a patria n'este cantico uma linguagem mais do coração do que a musa mais sublime: estas saudades da patria, e o carpir magoado pelo estado, em que a pinta, espraiam-se tão docemente nos seus versos, e exprimem-se tão energicamente nas suas palavras, que não toma a imaginação o primeiro logar, cede-o porém á alma pura e extremosa do patriota : como transpira entretanto em todas estas composições uma poesia rica e elevada e um enthusiasmo nobre e generoso!

Além de fama de poeta lyrico gozou Souza Caldas de reputação de litterato profundo, e de grande orador sagrado; conta a litteratura portugueza alguns prégadores excellentes. Prima em primeiro logar o jesuita Antonio Vieira; seguem-se-lhe Antonio de Sá, Antonio Pereira de Souza Caldas, Frei Francisco de São Carlos, Diogo de Paiva de Andrade e Luiz de Granada; e como que querendo provar a magnificencia d'esta terra do Brazil, fez a natureza com que, visto como escapára -lhe a gloria de ser a patria do padre Antonio Vieira, fosse ao menos elle educado no Brazil, e passásse no Brazil a maior parte da sua vida.

Quem pode porém conhecer actualmente os escriptos philosophicos, litterarios e religiosos de Souza Caldas, que não viram a luz da publicidade?

Que é dos seus sermões admiraveis, tão reputados em Lisboa e no Rio de Janeiro? Que é d'essas emoções que recebia o povo na egreja, e que admiravam todos, e a todos commoviam? Foi fatalissima a sua perda; e como tão fóra do seu logar e do seu tempo poderemos nós pintar o orador com a sua eloquencia magica, com a maviosidade da sua palavra, e com a fluidez da sua dicção, que eram os encantos dos seus ouvintes?

Deparamos monumentos, que transmittirão aos seculos a grandeza do seu genio e a fertilidade da sua imaginação de poeta; consideramo-lo litterato distincto, porque revelam os seus proprios versos a sua instrucção rara e o seu gosto apurado; jurámos porém na tradicção, que collocou-o como orador sagrado na primeira linha dos prégadores, e que guarda uma lembrança indelevel da sua palavra sonora e maviosa.

XIV.

FREI FRANCISCO DE SÃO CARLOS.

I.

Descende Frei Francisco de São Carlos de uma familia excellente e honráda, que era estabelecida no Rio de Janeiro. Nascido a 13 de agosto de 1763, recebeu na sua mesma patria a educação necessaria e seguio os seus estudos : entrou na edade de treze annos para a ordem seraphica da Immaculada Conceição; cursou as aulas que ella possuia, e que eram dirigidas pelos maiores talentos que existiam no seu seio : comquanto novamente creada cabia-lhe a gloria de haver já produzido alguns theologos importantes e prégadores excellentes, cuja fama repercutia em toda a parte, e cujos nomes as chronicas da ordem, e as diversas historias religiosas, salváram, e transmittiram aos seculos vindouros.

Honrava-se a ordem seraphica da Immaculada Conceição do Rio de Janeiro com os nomes gloriosos de Frei Miguel de São Francisco, de Frei Antonio de Santa Maria, de Frei Christovam de Madre da Deus, de Frei Patricio de Santa Maria e de Frei Manuel do

Desterro, grandes talentos todos, e que ao passo que lográram uma nomeada extensa, estabelecêram e firmáram os creditos do convento a que tinham pertencido.

Mostrou Frei São Carlos desde a sua infancia uma grande vocação para o isolamento e para o estudo solitario; estava tão estreitamente ligado com a sua existencia o espirito religioso, que pode-se predizer desde a puericia que não lograriam as tempestades do mundo abalar os seus fundamentos, e menos modificar as suas crenças profundas e sinceras : era o convento sitio apropriado para o seu genio e os seus desejos; recebeu-o de braços abertos o convento, parecendo advinhar a aureola de gloria que resultar-lhe-ia da acquisição do joven engenho que procurava-o tão espontaneamente.

Foram táes os seus estudos, que conhecêram logo os mestres a intelligencia copiosa que animava o discipulo : foi mandado na edade de dezanove annos para o convento de São Boaventura, que possuia a ordem seraphica na villa de Macacú : era n'essa epocha a villa mais importante da capitania do Rio de Janeiro; estava situada nas margens ferteis e pittorescas do rio que deu-lhe o nome; continha alguns edificios importantes, casas numerosas, commercio extenso, e povo em abundancia; desappareceu tudo d'ali com a epidemia febril que grassou por aquelles logares, e que reduziu a villa a um deserto arruinado, figurando a imagem d'essas cidades da Asia

sobre que passára a colera de Deus, ou parecendo uma necropolis do Egypto, cuja vista é tão dolorosa ao viajante !

Residiu São Carlos durante alguns annos no convento de Macacú devotado aos deveres da religião, e á leitura das obras litterarias antigas e modernas; aprofundou os conhecimentos de theologia e philosophia, e preparou n'essa solidão a sua voz e os seus talentos para o tempo em que fosse-lhe permittido desenvolvê-los : murmurava-lhe já o pensamento apontando-lhe o pulpito como o logar da sua gloria; folgueiava-lhe já a imaginação insinuando-lhe que era a poesia o anjo com quem devia abraçar-se como seu companheiro, amigo e fiel patrono : eram internas todas as suas alegrias, prazeres e esperanças : nasciam da intelligencia, da alma e do coração, que são fontes mais puras de delicias perennes, do que os objectos physicos e exteriores.

Folgava Frei São Carlos de ler e estudar não sómente as obras dos Padres da Egreja latina, grega e oriental, senão tambem os escriptos de Homero, Demosthenes, Platão, Sophocles, Eschylo, Aristoteles e Horacio; conversava com os auctores profanos dos tempos mythologicos, e com os prophetas do christianismo, e os escriptores do catholicismo : foram-lhe tão familiares os philosophos modernos, Malebranche e Descartes, e os poetas Dante Alighieri e Milton, como São João Chrysostomo e

Santo Agostinho, como a Biblia e os Novos Testamentos.

Regressando para o Rio de Janeiro, começou a prégar : ganhou logo o seu nome popularidade estensa; encheu-se de orgulho o ordem seraphica assistindo ao desenvolvimento e gloria do seu filho; correu á egreja o povo em multidão para ouvir a voz melodiosa e encantadora, os gestos perfeitos e nobres, a expressão limpida, corrente e risonha, como o sorriso da aurora, e a eloquencia nobre e apaixonada, que revelou a immensidade do seu genio, a extensão das suas luzes, e o sincero e religioso enthusiasmo que animava e exaltava o novo prégador.

Era bella e vistosa a sua figura; pela elegancia e expressão assemelhava-se a sua physionomia á de São Basilio, como no-lo pintam as gravuras antigas, e no-lo descrevem as velhas chronicas : os seus olhos grandes e negros patenteavam o fogo que ardia-lhe dentro d'alma ; a boca rasgada e fermosa deixava sahir uma voz como que musical, que deslizava de um orgam perfeitamente organisado.

Foi nomeado pela sua ordem em 1801 professor de eloquencia sagrada, confiando ella que das lições de um tão perfeito orador nasceriam outros engenhos, que far-lhe-íam honra e trariam gloria.

Chegando ao Rio de Janeiro em 1808 a rainha, o principe regente, e toda a côrte portugueza, fugindo a furia do vencedor de Austerlitz, e mudando-se assim a séde da monarchia lusitana, foi

escolhido Frei São Carlos para prégar em presença d'aquellas personagens augustas o sermão de graças por este successo faustoso, que saudava o Brazil com a expansão de todo o seu enthusiasmo, e que promettia á esta parte dos estados d'ElRei um futuro lisongeiro. Ficou por tal maneira encantado o principe regente Dom João com a sua eloquencia prodigiosa, que confessou não haver ouvido egual, e nomeou immediatamente a Frei São Carlos para prégador da sua capella real, como prova do apreço que sabia dar aos seus talentos selectos.

Não gostava porém São Carlos nem do mundo e nem da corte : muito poucas vêzes folgava de sahir do seu convento; tinham logar os seus passeios na propria cerca que occupa o morro, e que domina a cidade do Rio de Janeiro. Cifrava-se a sua alegria em descansar algumas horas do dia, debaixo das arvores frondosas, ouvindo o cantar dos passaros e o susurro da brisa. Quando conheceu que iam-lhe faltando as forças, parou nos seus exercicios do pulpito, encerrou-se na sua cella, e descançou na paz e na fé do Senhor os ultimos annos que lhe restavam da existencia terrestre.

Falleceu em 6 de maio de 1829, e foi sepultado na egreja do convento de Santo Antonio.

II.

Escreveu São Carlos muitas e variadas poesias; chegou porém apenas ao nosso tempo um poema dedicado á *Assumpção da Santissima Virgem*, e que foi a unica coisa que elle imprimio, e mais como uma expressão da sua alma, e signal da sua gratidão, do que com o fim de ganhar reputação e nome.

Foram o enthusiasmo, o amor e a adoração da Santissima Virgem os creadores d'este poema admiravel, que é uma das obras mais origináes e religiosas que tem produzido o espirito humano. Citamos as proprias palavras que servem-lhe de prologo.

« A ligeira producção que enceto não é mais que um brinco dá minha phantasia sobre a maior solemnidade da Santa Virgem, á qual solemnidade, desde os primeiros annos, consagrei especial affecto. Porém, para mais espaçar, e lisongeiar melhor a minha devoção, procurei dar-lhe um arremedo, ou sombra de poema epico, admittindo invocação, narração e episodios. »

Parece á primeira vista muito arido o objecto que pretende cantar, quando existem já tantas obras escriptas em louvor e gloria da Santissima Virgem : percorra-se porém o poema posto que ligeiramente, e transformar-se-ha o terreno que se affigurava seco e arido em um jardim matizado das flores mais encantadoras e dos fructos mais

saborosos: descobrir-se-hão sobre esse oceano, que parecia immovel, ondas de poesia magestosa e sublime, digna do objecto elevado por quem tangeo o vate as cordas da sua lyra : ligam-se á imaginação de São Carlos a fé, a consciencia e o enthusiasmo; revolvem-lhe ellas as fibras delicadas; desprendem-lhe os vôos sublimados; e como a aguia, que fere os ares, e paira soberba sobre a nuvem gigantesca, além, muito além do espaço que alcança a vista do homem, descanta hymnos o poeta, que não tem muitos riváes em brilho e magnificencia.

Divide-se em oito cantos o poema : abre o primeiro a invocação, que dirige á Virgem, a cuja presença anceia e supplica o poeta elevar os seus versos.

> Oh! tu, grande signal, raro portento
> Dos sec'los, e do ethereo firmamento,
> Nova ideia brilhante, a mais perfeita
> Do archetypo exemplar; e tão aceita,
> Que chegaste a ser d'elle, ó maravilha!
> Boa mãe, linda esposa e cara filha:
> Aspira os votos meus, e que meu canto
> Cause á terra prazer, e ao Orco espanto.
> Aspira, ó Virgem, por que cante e diga
> Quanto a verdade e a devoção me obriga!
> Pulchros celicultores, que os assentos
> Occupaes dos sidereos aposentos;
> Rubins, d'onde refracta a fermosura,
> Desde o berço da luz, da luz mais pura :
> Vós, que, mil vêzes, n'esta sancta empresa
> Medistes-vos co' a barbara feresa
> Do cháos; e de seus monstros e tyrannos
> Frustrastes as traições e negros planos :

Si por mim celebrada se sublima
Vossa augusta princesa, em doce rima;
Dai tambem novo ardor ao canto nosso
Que sendo por quem é, tambem é vosso!
E tu, Egreja, tu, nunca invocada,
Musa do céo d'estrellas coroada;
N'esta via escabrosa, e tão confusa,
Ah! digna-te de seres minha musa!

Descreve a partida da Virgem de Epheso para o céo, e o recebimento que por ordem do Eterno fazem-lhe os apostolos, sahindo-lhe ao encontro, e saudando-a com hymnos de amor e de alegria : é admiravel a pintura da Virgem collocada no carro do triumpho e cercada de emblemas sagrados.

Sobre um globo de estranha architectura
Ia a unica Phenix, Virgem pura :
Lêda no gosto, angelica, serena,
E da celeste unção tão rica e plena,
Que bem mostrava ser mimosa filha
D'aquelle Pai que é todo maravilha.
Dos olhos columbinos, onde a graça
Thesouros ajuntára em nada escaça,
Mil reverbéros vivos reflectiam,
Que do seu doce culto o orbe enchiam.
O Zephyro, que alguma vêz alçava
O véo aváro e rico, que occultava
Da annelada madeixa os fios d'oiro,
Ria de gosto a expôr tanto thesoiro!

. . . .

. . . .

Eis d'oiro um cherubim mostrava alçada
Na dextra vingadora flammea espada,
Ameaçando os colossos aggressores
De vir colher no vacuo Eden as flores.

. . . .

Tambem se via a angelica pombinha,
Emblema do alto espirito, que tinha
No bico d'oiro um raio, que tocava
Da Virgem o peito, e a Virgem fecundava,
Sem que a prole do céo, não vista empreza,
Desbote a flor da virginal pureza.

. . . .

. . . .

Nunca o prisma ante os olhos applicado
Em lindas côres foi tão variado:
Nunca do velho Cháos a longa edade
Viu formosura tal, tal magestade;
Nem o trino poder a produzíra,
Quando do nada as aguas extraíra.

Tenta, no segundo canto, o Principe das trévas arrastado pela inveja da gloria e do triumpho da Virgem, emquanto vão os anjos levando-a para o paraiso, armar uma conjuração terrivel no conciliabulo infernal : é porém vencido pelo archanjo São Miguel, que corre a destruir-lhe as ciladas. Esboça o terceiro canto o quadro do paraiso : no emprego das côres mais fermosas e delicadas, e no desenho das scenas mais brilhantes e pittorescas, revela-se a inspiração de um poeta dos tropicos, lançado no meio d'este jardim do mundo que chama-se Brazil, aonde nada são as obras do homem, e é a natureza tudo : não enfeitam-se os versos com as ficções do Pindo e do Parnaso; manifesta-se um talento original em cada phrase e em cada palavra; apparece a imagem do Brazil descripta e copiada nos quadros que esboça; e que paiz poder-lhe-ia manifestar melhor a ideia do paraiso, do que esse, em

que nascera, aonde viveu, e vio como o primeiro exhalar-se tambem o ultimo suspiro da existencia?

Ha no seio do immenso uma paragem
Escondida aos mortáes, do céo imagem;
Logar sancto, ditoso, sem pezares,
Onde os prazeres giram a milhares;
Habitação da paz, solar do riso,
E com razão chamado Paraiso.
Acolá se entrelaça com a hera
Co' o rico outono a olente primavera,
Frescos sempre os matizes da campanha
De perenne verdôr, de graça estranha,
Não adulam a vista n'estes prados
Arvoredos por ordem alinhados;
Nem marmoreas columnas soberanas
De varias ordens gregas ou toscanas;
Nem machinas hydraulicas, que as puras
Aguas deitam por varias mil figuras.
Só reina a natural simplicidade,
Que excede a arte sempre em magestade.
. . . .
. . . .
A doce manga, e em cheiro soberana,
Que imita o coração, e no galho ufana,
De um lado a crocêa côr e fulvêa exalta
Do luzente metal. . . . .
. . . .
. . . .
De outro lado porém retrata aquella
Que o pudor chama ás faces da donzella.
Pendendo estão dos ramos verdejantes
Os cajús, á saúde tão prestantes;
Uns amarellos, e outros encarnados,
Das gostosas castanhas coroados:
Do limão virginal, da aurea laranja,
Pomos d'oiro, talvêz, que em vossa granja
Hesperides zelaveis. . . . .
. . . .

Tal a tua, ananaz, rasteiro e baixo,
Mas que tens por corôa alto penaixo,
E vestido de escamas: qual guerreiro,
Um halito bafejas lisongeiro.

Narra a Virgem nos cantos quarto e quinto a prégação gloriosa dos apostolos, e a perseguição que dos hereges soffreu a Egreja nos seus tempos primitivos. Uma alma pura, que enthusiasma-se pelos grandes feitos, e exalta-se pelas acções heroicas dos primeiros esteios da christandade; e uma erudição selecta da historia dos seculos que acompanháram a religião santificada pelo sangue martyr e divino de Jesus Christo, denunciam-se e brilham n'esses dous cantos.

Ha episodios, que podem repoisar a attenção do leitor, e despertar-lhe ao mesmo tempo a curiosidade : primam os da vida sublime e morte dolorosa de Nosso Senhor Jesus Christo, que contem um pathetico admiravel e um sentimento sincero de dôr; é bello tambem o episodio da descripção da cidade do Rio de Janeiro, convertida em um dos emblemas que doiram o quadro magestoso, e que attrahem os olhos e o pensamento.

A cidade que ali vêdes traçada,
E que a mente vos traz tão occupada,
Será nobre colonia, rica e forte,
Fecunda em genios, que assi o quiz a sorte.
Será, pelo seu porto desmarcado,
A feira do oiro, o emporio frequentado,
Aptissimo ao commercio; pois profundo
Pode as frotas conter de todo o mundo.

Será de um povo excelso germe airoso,
Lá de Lysia o logar mais venturoso;
Pois dos Lusos-Brazilicos um dia
O centro deve ser da monarchia.
Alçárão outras no porvir da edade
Os tropheos, que tiverem por vaidade;
Umas nas artes levárão a palma
De aos marmores dar vida, aos bronzes alma:
Outras irão beber sua nobreza
Nos tratos mercantis: tal que se presa
De ver nas suas scenas e tribunas
Maior brazão, mais inclitas columnas;
Aquellas dos Timantes o extremoso
Pincel com estro imitará fogoso.
Muitas serão mais dextras no compasso.
Que as linhas méde do celeste espaço:
Mas cuidar do seu rei, ser sua côrte,
Dar ás outras a lei, eis d'esta a sorte.

. . . .

. . . .

Vêdes na fóz aquelle, que apparece,
Ponti-agudo e escarpado? Pois parece
Que deu-lhe a providente natureza,
Além das obras d'arte, por defeza
Na derrocada penha transformado
Nubigêna membrudo, sempre armado,
De face negra e torva; e mais si o c'rôa
Neve, e trovões, e raios, com que atrôa:
Que co' a fronte no céo, no mar os rastros
Atrevido ameaça o pégo e os astros;
Si os delirios da vã mythologia
Na terra inda vagassem, dir-se-ia
Que era um d'esses Alcides gigante,
Que intentou escalar o céo brilhante;
Que das Deusas do Olympo enamorado,
Foi no mar por audaz precipitado:
E as Deusas por acinte lá de cima
Lhe enxovalham de neve a catadura.

Do seio pois das nuvens, onde a fronte
Esconde, vendo o mar té o horizonte,
Mal que espreita surgir lenho inimigo,
Prompto avisa, e previne-se o perigo.

É descripta no setimo canto uma segunda sublevação dos espiritos infernáes; segunda victoria alcança São Miguel, á frente dos anjos e dos apostolos; perdem-se para sempre os máus espiritos, e abrem-se para devora-los os negros abysmos.

O oitavo e ultimo canto appresenta victoriosa a Santissima Virgem entrando pela cidade de Deus, e sendo recebida pelos divinos braços do seu filho; resoam por todas as abobadas hymnos e canticos de alegria; as constellações, o mar, e a terra, curva-se, e prostra-se tudo aos pés da Virgem purissima, para reconhecerem o seu poderio.

Si bem que peque o plano do poema pela monotonia e simplicidade da concepção, e appareçam alguns defeitos de linguagem e metrificação, devidos á necessidade imperiosa da rima, que foi desgraçadamente a formula adoptada pelo auctor, é todavia este poema um verdadeiro trophéo de gloria levantado á litteratura e á patria : não foi sempre egual e sempre altanado o pensamento geral; scenas ha porém que não duvidariam de aceitar como suas nem Milton, e nem Klopstock, e que nem recusaria admirar o proprio Dante Alighieri. Quando desenham-se as alegrias dos anjos; quando forma-se a descripção fiel, energica e terrivel do cháos, ou

deixa-se ir o poeta pela melodia suave da sua musa, pintando com palheta engraçada e multicôr os risos prazenteiros, e espargindo flores poeticas nos campos amenos e fermosos, aonde são tudo encantos e delicias tudo; dir-se-ia que cobre-se com as vestes do Florentino audaz, toma as armas do soldado de Cromwell, tinge os pinceis nos horrores de Miguel Angelo, ou invocando a tuba altanada de Klopstock, esboça quadros, que não podem ser excedidos em concepção nem em desenho, e nem em colorido.

N'uma horrivel prisão, que fez o Eterno
Na mais interna furna lá do inferno,
Onde em recto juiz sopra inflexivel
Contra os reprobos chamma inextinguivel,
Habita Lucifer: sentindo o peso
De Deus, que ali o supplanta em ira acceso.
É um monstro hediondo e tão disforme,
Na massa colossal do vulto enorme,
Que, si o doce repoiso e a paz gozára,
Deitado duas geiras occupára,
De tão sombria e horrenda catadura,
Que faz pavor á mesma Estyge escura.
No reprobo semblante retratado
Vê-se todo o rancor de um condemnado;
Os olhos se affiguram dous cometas,
Que ardem entre duas nuvens pretas:
A boca era, si abria, internamente
Estuante fornalha. Quando ardente
Do peito o ar pestifero bafeja,
De vivas brazas turbilhões dardeja,
Assim do Etna o gigante, si respira,
Lavras de enxofre acceso a Jove attira;
Todo o monte convulso, si a outro lado
Revira o enorme corpo. . . . . .

Não é tão feia, não, a noite umbrosa,
Que apanha o viajor em matta idosa,
Perdido entre fusís, raios frequentes,
Uivos de tigres, silvos de serpentes,
Como este monstro singular e incrivel,
Quasi sem forma, quasi indefinivel.

Ha sem duvida quem admire, e especialmente nos nossos tempos, que fossem empregadas uma poesia tão bella e uma imaginação tão brilhante em um poema puramente religioso: predomina actualmente em assumptos religiosos a indifferença mais odiosa; estão mortos todos os systemas de philosophia moral: triumpha por toda a parte um materialismo desesperado; não ha fé e nem enthusiasmo por Deus, ou pela patria; é universal a descrença; custa assim a comprehender a inspiração sublime e mystica de um poeta que exalta-se pelas cousas sagradas, espirituáes e mysteriosas; é difficil accreditar-se no extase puro de uma alma candida e elevada, que arroba-se de enthusiasmo, e embebe-se toda nos dogmas do catholicismo.

Fallam e triumpham os factos felizmente.

III.

Muitos oradores sagrados enumera o Brazil entre os seus naturáes : aponta a *Bibliotheca lusitana* do abbade Diogo Barboza Machado os nomes de muitos sujeitos nascidos no Brazil, e que em Portugal, na Hespanha, e na propria Italia, lográram triumphos

extraordinarios do pulpito. Citam-se tambem nas chronicas das diversas ordens monasticas de Portugal varios Brazileiros celebrisados pela eloquencia: era a carreira a que podiam os grandes talentos então dedicar-se livremente; no numero dos prégadores portuguezes dos seculos XVII e XVIII entra o Brazil com pouco menos da metade, que figuram entre os primeiros engenhos. Apóz o celebre jesuita Antonio Vieira, que, comquanto nascido em Lisboa, respirou infante e moço os ares abençoados do Brazil, inspirou-se no Brazil em muitos dos seus melhores sermões, e no Brazil morreu, e sepultou-se; apóz o padre Antonio Vieira, que é sem contestação o primeiro prégador da lingua portugueza, o Bossuet dos sacerdotes lusitanos, primou outro jesuita seu contemporaneo, o padre Antonio de Sá, nascido no Rio de Janeiro, e appellidado em Portugal o principe da oratoria ecclesiastica, com tanta razão mais quanto costumava dizer o proprio padre Vieira que não era sensivel a sua ausencia quando prégava Antonio de Sá: são estes os dous mais celebres oradores sagrados que honram a lingua portugueza; oradores que Roma admirou e applaudiu a Italia.

A tradição dos tempos mais proximos aponta o padre Souza Caldas como um prodigio no pulpito; não logrou porém a fortuna de legar á posteridade um só dos seus sermões, porque escrevia-os e prégava, e depois abandonava-os. Egual

destino deu Frei São Carlos a muitos dos seus sermões que improvisava no pulpito, e não podia reduzir a escripto, porque desappareciam as emoções com as palavras; outros todavia imprimiram-se felizmente, e chegáram assim a nosso tempo, e são na realidade dignos de uma analyse, e da fama que lograva o prégador por entre os seus ouvintes.

Quão diversos porém devem parecer agora estes sermões! Que differença nos tempos! É a mesma linguagem, o mesmo pensamento e as mesmas ideias; mas que é do pulpito que resoava com a sua voz harmoniosa, que os contemporaneos appellidavam de sereia? Que é d'essas abobadas das egrejas, que repercutiam o som dos seus arrebatamentos magicos e eloquentes? Como pintar os gestos e as vozes que traduziam os accentos de puro enthusiasmo e fervor religioso que escapavam-lhe tão espontaneamente? Como descrever essa passagem das ideias do prégador para a intelligencia do povo, as emoções que extasiavam os ouvintes, e os effeitos maravilhosos que sómente consegue a eloquencia verdadeira, que é a eloquencia convencida?

O mais infeliz dos homens de genio é de certo o orador; morre com elle a melhor parte do seu talento; o que lhe sobrevive é uma pallida copia, que não dá perfeita ideia da sua grandeza; para ser bem apreciado, necessita elle da illusão da scena, do movimento do povo, e das impressões do momento, como do incenso, que sobe do thuribulo para o céo!

Dotado de uma inspiração sincera, de uma fé robusta, de crenças verdadeiras e de conhecimentos vastos, improvisava facilmente Frei São Carlos. E como dar ideia de sermões improvisados? A multidão que cercava-o, e anciava ouvi-lo; a presença das imagens; os sons compassados e eternos do orgam; as decorações que ornavam a egreja; as luzes que, como as vozes do peccador, parecem pedir perdão, erguendo-se respeitosamente; todo este espectaculo emfim, que appresenta um templo quando celebra a gloria de Deus, bastava para inspirar-lhe os pensamentos mais bellos, as imagens mais vivas, e a eloquencia mais vibradora e pathetica. Não abandonava-o a palavra; não faltavam-lhe as expressões; natural e abundante corria a sua pratica, e o som agradavel e limpido que lhe escapava dos labios electrisava a multidão; unia e ligava perfeitamente a espontaneidade do genio com as exigencias da arte; levava ás vêzes detida e enfreiada a sua inspiração, e moderado, pacifico e elegante, agradava e extasiava; deixava-lhe outras vêzes o vôo, dava-lhe liberdade; e combinava o brilhantismo da expressão com o pathetico elevado do pensamento, e curvava-se o auditorio perante o prégador, acompanhava-o a seu aceno, chorava si elle mandava-o chorar, e manifestava assim a sua commoção e arrebatamento.

Não ha um canto do seu espirito, uma particula da sua alma, que não possua e não transborde a

eloquencia; não ha uma fibra do seu coração, que ella não vibre. Parece innata n'elle a eloquencia; existe no seu sangue, mescla-se com a sua substancia, penetra-o, inunda-o todo; são eloquentes as suas paixões, as suas crenças e as suas ideias : ou estigmatise os vicios dos homens, cante a gloria de Deus, ou descreva as vidas dos sanctos da Egreja, admirava-o em extase o povo.

Pode-se apreciar ainda hoje, si bem que fóra do seu theatro natural e necessario, a immensidade do engenho oratorio de que fôra dotado São Carlos, lendo-se um dos seus sermões impressos, que é a oração funebre que prégou na capella real do Rio de Janeiro pelas exequias da rainha Dona Maria I. Não são mais patheticos Massillon e São Gregorio; não são mais sublimes Bossuet, Vieira e São Basilio; não exaltam mais o seu auditorio Santo Athanasio e São Jeronimo.

É admiravel este sermão; reunem-se e combinam em proporções eguáes os pensamentos superiores, a elegancia da phrase, a eloquencia das ideias e a vivacidade do estylo; expande-se maravilhosamente a alma do prégador; falla em todas as palavras o seu coração; apparece em todas as expressões uma subtil e cultivada intelligencia.

É completo o exordio, a narração poetica, e cobre-se a peroração de um aspecto de melancolia, que não é a melancolia sem allivio e sem esperança, negra e horrivel como o somno do mo-

ribundo. Não proclama-se ao peccador, que treme, ancia, e curva-se, como exclamava o poeta florentino :

Lasciate ogni speranza voi chi entrate.

Deposita-se porém dentro de sua alma como que um balsamo de consolação succulenta; ha um sentimento inexprimivel de pathetico, que arranca lagrimas dos olhos, mas que deixa-as correr largamente, sem seccar-lhes a fonte. Ha esperança em Deus, fé na sua justiça e misericordia, e convicção intima do prégador : o que se pode encontrar de superior a esta exclamação final?

« Agora que organisados os nossos exercitos, os Portuguezes despertavam do seu lethargo, e começavam a mostrar que não tinham degenerado dos Albuquerques e dos Castros, nem d'aquelles atrevidos argonautas, que arrancavam das mãos do gigante das tormentas as chaves com que fechavam as portas da aurora, e que o vestido de gloria, que os trajava no seculo XVI, ainda se não tinha rompido no seculo XIX; agora que não tendo mais com quem combater dentro do reino, levâram sobre seus hombros a imagem da victoria em soccorro dos alliados visinhos; agora que marchando até as portas do usurpador, derribâram seu throno regicida, e lhe dictâram lei na sua mesma capital; parece que assim como foi necessario que todo o mundo se apaziguasse para nascer o seu redemptor

para a terra, foi tambem necessario que se apaziguasse toda a Europa para ella nascer para o céo. Ella viu formar-se a revolução no seu reinado, sempre intacta no sagrado de sua pessoa; assim como a sancta Igreja vê nascer e morrer em seu seio as heresias, sempre a mesma, e illesa nos seus dogmas. Assim viviamos, quando.... E direi eu, Portuguezes, aquelle susurro triste e pavoroso, que vossos corações presagos regeitavam, como ave de máu agoiro?... Aquella voz surda, que sahia pela boca do povo, e que dizia, como em segredo : Nossa rainha está mal; nossa rainha perece, morre! Oxalá que não fôra! Verificou-se! Morreu! Aqui a tendes morta! Morta? Eu me reporto, não, viva, porque os justos não morrem! Era necessario que se rompesse este muro de divisão, que impedia-lhe ver o seu Deus sem enigmas : era necessario que olhos, que foram sempre inundados de lagrimas, estancassem o pranto, e vissem aquella fermosura sempre antiga, e sempre nova, como diz Santo Agostinho. Bate pois as azas, ó pomba, solta-te das prisões terrestres, do peso da casa de barro! Hoje é o dia dos teus triumphos! Ergue o collo altivo; remonta os vôos, atravessa as portas dos tabernaculos eternos, abysma-te no coração do teu Jesus, cujas ingratidões nos peccadores tanto magoáram o teu. Recebe o sceptro que elle te ha preparado : mas que sceptro? Uma vara arrancada de uma arvore, despojada de suas folhas, privada

de fazer sombra, a quem o artista dando-lhe um verniz de oiro, não lhe tirou a condição de corromper-se? Não. É este sceptro da virtude de Deus, que o Senhor envia de Sião para dominar sobre seus inimigos. Arrecada o reino, em que teu Deus te mette de posse : mas que reino? O de Portugal, que foi fundado em rios de sangue nos campos de Ourique, que no quarto seculo de sua fundação esteve em perigo de ser a herança dos extranhos, que no sexto gemeu na viuvez, e que agora um atrevido repartia sem ser o dono? Não; é este reino que não tem fim; *et regni ejus non erit finis.* Recolhe emfim a corôa que te é reservada pelo justo juiz. Que corôa? D'isto que se chama oiro, a quem um falso brilhantismo dá o merecimento, e a avareza o preço? D'estas pedras chamadas ricas, que brilham com a claridade emprestada do sol, e, para dizer tudo, terra e mais terra? Não : a recompensa e a corôa é o mesmo Deus recompensador! »

Eis-aqui a eloquencia verdadeira! Eis-aqui os pensamentos dignos dos padres primitivos e mais celebrisados da Egreja christã! Eis-aqui as ideias, que se não perdem como o sopro, e não fogem como a palavra, que germinam porém, dão fructos, e transmittem-se de seculos a seculos.

XV.

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA.

I.

Do seu matrimonio com Dona Maria Barbara da Silva teve muitos filhos o coronel Bonifacio José de Andrada, domiciliado na villa de Santos, da actual provincia de São Paulo. Entre todos os seus irmãos (1) primou José Bonifacio de Andrada e Silva, nascido no dia 13 de junho de 1765.

Foram dirigidos os seus primeiros estudos pelo bispo Dom Manuel de Resurreição, que estimava-o e protegia-o : manifestou desde os seus mais verdes annos uma intelligencia superior : correu-lhe rapida a instrucção secundaria; patenteava extrema aptidão pelas linguas estranhas; folgava de saber a historia, de ler os poetas, e de estudar os philosophos. Tentou o bispo inspirar-lhe tendencias para o estado ecclesiastico assegurando-lhe que promettia um futuro mais brilhante que qualquer outra carreira que seguisse : chegou mesmo a redigir um requerimento em seu nome, pedindo as ordens da Egreja.

Outros eram porém os designios da Providencia.

Não conseguio o clero conta-lo no seu seio; foi por seu pai mandado José Bonifacio em 1780 para a cidade do Rio de Janeiro, e poucos mezes depois para Lisboa.

Dirigia-se para Coimbra. Acabava a sua universidade de lograr a reforma de seus estudos. Tinha deliberado seu pai que cursasse as aulas da faculdade de direito, e recebesse n'ella o gráu universitario.

Passou em Coimbra a sua mocidade entre os trabalhos e fadigas do estudo, e os folguedos e brincos d'aquella edade venturosa. Tomou no fim de seis annos o gráu de bacharel formado tanto em direito civil como em philosophia natural.

Retirou-se então para Lisboa, levando recommendações para o duque de Lafões. Foram os seus talentos apreciados por este fidalgo, que tratou de proporcionar-lhe os meios de desenvolvê-los mais proveitosamente. Fê-lo eleger socio da Academia real de Sciencias, e sob proposta d'ella foi nomeado pelo governo portuguez para ir viajar a Europa como naturalista, na qualidade de pensionista do estado, conjunctamente com Manuel Ferreira de Araujo Camara e Joaquim Pedro Fragoso da Siqueira.

Pagou com usura á Academia a sua proposta honrosa. Antes de começar a peregrinação que fôra-lhe destinada, escreveu José Bonifacio algumas memorias acerca da utilidade da pescaria da baleia, e de uma viagem minerographica pela provincia de

Estremadura, que offereceu á Academia real de Sciencias, e que ella aceitou benevolamente, elogiou, e mandou que fosse publicada na collecção de seus trabalhos.

Começou a sua peregrinação em 1790. Seguiram juntos os tres companheiros. França, Inglaterra, Escocia, Allemanha, Suissa, Paizes Baixos, Suecia, Noruega, Dinamarca, Bohemia, Hungria, Turquia e Italia, percorreram tudo. Ouviram em Pariz as lições de Lavoisier, de Chaptal, de Fourcroy, de Lourenço Jussieu e do abbade Haüy; estudáram em Freyberg com Abrahão Werner, o fundador de geognosia; entretiveram relações scientificas com o conde Burgsdorf, monteiro mór das marcas de Brandenburgo, e naturalista distincto; seguiram em Pavia os cursos scientificos de Alexandre Volta; em Hackney os de Priestley, em Londres os de Nicholson, em Copenhagen os de Abilgaerdg, em Upsal os de Bergmann, e em Turim os de Saluccio de Menusiglio.

Ganháram os tres viajantes celebridade merecida; eram estudiosos todos, e dignos da commissão que fôra-lhes incumbida.

Em quanto estremecia a Europa sob o peso dos acontecimentos politicos que tão cruelmente magoáram os ultimos annos do seculo XVIII; emquanto tomava o mundo uma face nova, como que regenerando-se, parecia José Bonifacio de Andrada e Silva ter unicamente olhos e pensamento para o estudo das sciencias; applicava exclusivamente

para elle os seus cuidados, e a sua ambição!

Deixava uma prova dos seus talentos em todos os logares que percorria. Imprimio nos *Annáes de chimica* de Fourcroy duas memorias interessantes, sobre a historia e as qualidades dos diamantes do Brazil uma, e acerca do fluido electrico a outra. Publicou nas gazetas allemães de Dresde uma carta dirigida ao engenheiro Beyer, inspector das minas de Schneiberg, descrevendo os caracteres distinctivos dos mineráes *Akanthikon*, *Spodumena*, *Sahlita*, *Ichthyophthalma*, *Cocoleta*, *Aphrisita*, *Alochroyta*, *Indicolita*, *Wernerita*, *Petalita*, *Chsiolita* e *Schapolita*, que havia descoberto e analysado. Estampou na *Revista scientifica* de Genebra um esboço sobre as minas da Suecia, e com especialidade sobre as minas de Uto, nas quáes descobrira a substancia mineral *petalita*, que contém segundo as opiniões de Berzelius e Arfwidson o alcali appellidado na technologia chimica *lithina*. Enriqueceu o jornal de Freyberg com uma descripção minuciosa das minas da Salha, que foi immediatamente trasladada para as linguas ingleza e franceza.

Grangeava assim uma bella nomeada pelos paizes que visitava: abria relações com os sabios; chamava a attenção dos governos; e lograva entrada nas academias scientificas. Pertenceu ás sociedades reáes de sciencias de Stockholmo, de Turim e de Copenhagen; á mineralogica e á linneanna de Iena, á geologica de Londres, á werneriana de Edimburgo,

á philomatica e dos naturalistas de Pariz, á dos investigadores de natureza de Berlim, e á de physica de Genebra.

Durou dez annos a sua peregrinação scientifica. Foram dez annos criticos da Europa! Dez annos, em que todas as nações levantavam-se para luctar; em que desde o Neva até o Guadalquivir; desde o Dee até o golfo de Tarento, eram tudo levas de soldados, retinir de armas, fogo de combates, e ribombo de artilharia!

Atravessou o viajante incolume em busca da sciencia, sem que fossem-lhe obstaculos as guerras, os combates, as policias e os governos. Nada tinha que julgar como extrangeiro que era no meio de dissensões politicas de povos estranhos. Nada importavam-lhe os acontecimentos que como a tempestade soavam em torno d'elle ás vêzes, e por baixo mesmo de seus passos.

Regressou para Portugal em 1800. Estava fundada a sua reputação de naturalista distincto. De fòra, dos logares por onde viajára, das nações estrangeiras, voára o seu nome para a sua patria, rodeiado de uma aureola brilhante.

Era ministro de estado dos negocios da marinha e ultramar Dom Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, varão de grande illustração litteraria e scientifica, e estadista distincto. Recebeu a José Bonifacio e aos seus dous companheiros com a maior affabilidade : tratou immediatamente de aproveitar

os seus estudos : empregou a todos, tocando a José Bonifacio a cadeira de geognosia, annexa á faculdade de philosophia natural da universidade de Coimbra, e o cargo de intendente geral das minas do reino, que lograva as honras de dezembargador em umas das relações existentes.

Datam d'esta epocha os serviços importantes que prestou José Bonifacio a Portugal. Afóra os seus trabalhos do professorado, que cumpria religiosamente, entregou-se a algumas commissões, em que costumava occupa-lo o governo portuguez. Encarregado da obra difficil do encanamento do rio Mondego, deu d'ella uma conta tal, que mereceu elogios unanimes. Incumbido de dirigir as sementeiras e plantações nos areáes das costas de Portugal, começou pelas do Couto de Lavos, cujas terras de lavoura corriam perigo constante de ser alagadas e submergidas pelas areias do mar. Concluio-se esta sementeira no 1° de janeiro de 1805; teve porém de cessar o trabalho das outras, pois que pela primeira invasão dos Francezes foram arrancados os Portuguezes das empresas pacificas para se atirarem no campo da guerra. Fôra tão sabiamente plantada a sementeira do Couto de Lavos, que prosperou e vingou unica das muitas que executára o governo portuguez em Vieira, Aveiro e Ovar.

Existiam em Portugal minas immensas de chumbo, de ferro e de carvão de pedra, exploradas antigamente pelos Romanos, e entretanto despre-

zadas. inteiramente pelo povo, e desconsideradas pelo governo. Chamou José Bonifacio a attenção do governo e do povo para um meio tão importante e tão necessario de engrandecimento e de riqueza do paiz : percorreu-as uma por uma e analysou-as. Descreveu em uma interessante memoria, que offereceu em 1809 á Academia real de Sciencias de Lisboa, e que publicou-se posteriormente em 1813, as minas de carvão de pedra existentes em Portugal, e com particularidade as do Porto e Buarcos. Leu em sessão publica da mesma academia outro trabalho de não menor importancia sobre a nova mina de ouro do Tejo, chamada Principe Regente, o qual imprimio-se sómente em 1818. Apresentou-lhe ainda duas memorias, uma acerca do terreno metallifero comprehendido entre os rios Zezere e Alva, e relativa a outra aos veios importantes de chumbo que encontram-se em diversos pontos da provincia de Tras-os-Montes. Foram ambas estampadas na collecção publicada em 1815.

No meio d'estes trabalhos interessantes veio encontra-lo a invasão franceza commandada pelo marechal Junot. Ambicionava Napoleão o dominio do mundo, e servia de apoio este canto de Portugal ao seu maior inimigo, que era a Inglaterra; convinha-lhe arranca-lh'o. Marchároam os seus exercitos, e foi da victoria o primeiro impeto, como soe ser continuamente o dos Francezes. Fugiram para o Brazil a rainha, o principe regente e toda a côrte.

Ficou Portugal abandonado aos proprios esforços do povo. Teve desde logo de curvar-se ao governo do marechal Junot.

Não sujeitou-se José Bonifacio ao jugo francez. Unio-se a muitos Portuguezes illustres, que resistiam. Apenas raiou no horizonte uma occasião opportuna de levantar-se e de expellir os invasores do seu paiz, correram todos a seu posto. Em Thomar, aonde estava, reunio José Bonifacio a mocidade portugueza, marchou com ella para Coimbra, annexou a si os estudantes da universidade, e coadjuvou os esforços da tropa aguerrida com o auxilio de um batalhão de moços que organisára, e que commandava na qualidade de chefe.

Derrotados os Francezes e assignada a capitulação de Cintra, recebeu José Bonifacio a nomeação de intendente da policia da cidade do Porto. Era emprego de confiança, e de importancia. Cumpria unir as necessidades da politica com as exigencias da clemencia; não admittir a perseguição como meio de governo; reunir e conciliar as diversas fracções em que dividira-se Portugal com a invasão dos Francezes, e chama-las todas para um centro commum, proveitoso e necessario ao paiz. Logrou conseguir na sua administração estes resultados beneficos.

Acabadas as luctas contra os Francezes, deixou José Bonifacio a cidade do Porto e regressou para Coimbra. Arrendára uma quinta perto d'esta cidade,

fazia aonde ensaios botanicos, e lograva as doçuras de uma vida tranquilla.

Foi eleito secretario da Academia real de sciencias de Lisboa em 1812, succedendo ao sabio abbade José Correia da Serra.

Continuou com os seus estudos e as suas memorias. Publicou em 1812 as excursões geognosticas aos montes Euganeos no territorio de Padua, obra que merece a consideração dos naturalistas, porque apresenta muitos factos novos e observações finissimas acerca da natureza e producção d'aquelles terrenos. Escreveu durante os annos de 1815, 1816 e 1817 algumas memorias differentes; sobre a metallurgia uma; e outra acerca do melhoramento dos paúes para seu aproveitamento e cultura. Publicou tambem uma introducção aos elementos de metallurgia, e uma descripção dos processos e manipulação das minas d'oiro, trabalhos estes que sufficientemente demonstram a sua erudição vasta e os seus profundos conhecimentos scientificos. Ficáram por imprimir um compendio de montanistica, geometria subterranea, e docimasia metallurgica, e um testamento metallurgico, por que pensou o tribunal da censura previa encontrar n'elle opiniões theologicas que não eram orthodoxas.

Havia adquirido já um nome notavel na historia das sciencias; dobrou-o com uma memoria que foi muito appreciada e que escreveu acerca da necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em

Portugal, particularmente de pinhães de beiramar, e do seu methodo de sementeira, costeamento e administração. Apenas publicada foi traduzida logo para diversas linguas estranhas.

Obrigava-o tambem a funcções litterarias o seu emprego de secretario da academia. Escreveu por isso algumas memorias historicas, com o titulo de *Ensaios da historia contemporanea*, e *Elogios dos reis de Portugal*, e varias analyses criticas a respeito dos escriptores que sujeitavam as suas obras ao juizo da Academia.

Viveu José Bonifacio de Andrada e Silva em Portugal até o anno de 1819. Haviam sido sua unica paixão as sciencias e as lettras; dedicára sua vida ás lettras e ás sciencias. Era o seu nome tão illustre e tão glorioso, que Adriano Balbi, escrevendo em 1820 o seu Ensaio estatistico acerca de Portugal, qualifica-o uma das maiores notabilidades scientificas e litterarias do reino.

Avivâram-se-lhe porém as saudades do Brazil, e da sua patria que abandonára na edade de dezoito annos. Requereu e obteve licença para deixar Portugal e dirigir-se para o Brazil, conservando todas as suas honras.

II.

Fixando José Bonifacio o seu domicilio no Brazil, enceta segunda phase a sua existencia : não

já de repoiso e de descanso, como soem ser as occupações scientificas e litterarias; de actividade porém, e de paixões e enthusiasmo.

Occupou-se no primeiro anno de sua residencia na provincia de São Paulo ainda com pesquisas metalliferas. Não apparecia ainda o patriota no naturalista. Descobrio diversos novos minerães, e varias qualidades de ferro magnetico, vermelho, micassio, brunio, octaedrico, hematitico, e especular. Escreveu em francez e em allemão descripções minuciosas d'elles, que remetteu para as academias de Pariz e de Berlim, e que nos jornães da epocha foram publicadas (2).

Foi-lhe porém necessario abandonar de todo a vida do philosopho. Tomáram caracter tão grave os acontecimentos do seu paiz, que nem-um Brazileiro podia esquivar-se á lucta que começava, e nem fugir do posto que pertencia a cada um d'elles.

Organisára-se em Portugal o regimen representativo, correspondendo sympathicamente o paiz com a revolução de 1820 ás ideias liberáes, que começáram a dominar a epocha. Reuniram-se em Lisboa as côrtes constituintes nomeadas pelo povo para a feitura de uma constituição por que fosse governada a nação portugueza. Estava no Brazil a côrte; pretendeu a antiga metropole que voltasse ella para o seu seio, visto como haviam desapparecido as causas que transferiram a séde da monarchia para as suas colonias.

Era Dom João VI homem timorato. Achava além d'isso que gozára no Brazil de mais socego e tranquillidade. Pretendeu e deliberou enviar para Portugal seu filho mais velho, o principe Dom Pedro, herdeiro legitimo do throno. Tantas diligencias porém empregáram os seus conselheiros, que não achando ElRei appoio senão no voto de José Silvestre Pinheiro, resignou-se a partir para Lisboa, deixando no Brazil em seu logar o principe real, na qualidade de regente.

« Pedro, disse ElRei a seu filho na vespera de embarcar-se para a antiga metropole, si o Brazil se ha-de separar, antes seja para ti, que me has-de respeitar do que para algum aventureiro. »

Previra ElRei com a sua sagacidade que ficaria consummada a independencia do Brazil. Talvêz que fosse ossivel retarda-la, si os Portuguezes da Europa appreciássem os acontecimentos como homens prudentes, e não se deixassem arrastar por paixões e prejuizos infundados.

Representavam porém as côrtes portuguezas o enthusiasmo do povo, que concorrêra para a sua eleição. Entendiam que poderia ser o Brazil governado pela Europa como o fôra antes de 1808. Não levavam em conta a modificação, ou antes a metamorphose, que havia na antiga colonia operado a residencia da côrte durante mais de doze annos.

Sem esperar que tomassem assento nas côrtes

todos os deputados que para ellas tinha de enviar o Brazil, ao passo que a pretexto de constituintes, concentráram em si todos os poderes do estado, e exerceram uma plena dictatura, deliberáram ellas, pelos decretos de 29 de septembro de 1821, que ficassem extinctos os tribunáes de chancellaria, thesouro, junta do commercio, e outras repartições centráes, que estabelecêra ElRei quando em 1815 elevára o Brazil á categoria de reino; que desapparecesse a unidade politica e administrativa, que na antiga colonia se fundára, recebendo cada uma provincia o seu governador especial, directamente nomeado pelo governo de Lisboa, e que com elle directamente se correspondesse; e que regressasse emfim para Portugal o principe regente, depois de viajar incognito pela Europa, a fim de aprimorár a sua educação.

Foi geral o descontentamento dos povos do Brazil. Não era possivel que se conservasse José Bonifacio dedicado exclusivamente aos trabalhos scientificos. Chamava-o a patria, e não devia deixar de acudir ao seu reclamo. Deixou pela politica as lettras e as sciencias. Collocou-se na sua provincia á frente do movimento de resistencia ás côrtes de Portugal. Fazia parte da junta provincial; era o seu vice-presidente. Apenas em 24 de dezembro lhe chegáram do Rio de Janeiro as noticias das providencias que haviam tomado as côrtes para que voltasse o Brazil ao jugo colonial, reunio em sua casa os seus

collegas membros da junta, pelas onze horas da noite, e convidou-os a auxilia-lo na empresa de salvar o seu paiz.

Concordáram que convinha dirigir-se ao principe regente, rogando-lhe que não dêsse execução aos decretos das côrtes. Encarregou-se José Bonifacio de redigir esta representação; escreveu-a immediatamente; foi por todos assignada, e remettida para o Rio de Janeiro.

« Como agora esses deputados, dizia a representação, sem esperarem pelos do Brazil, ousam já legislar sobre os interesses mais sagrados de cada provincia, e de um reino inteiro? Como ousam desmembra-lo em porções desatadas, isoladas, sem lhes deixarem um centro commum de força e de união? Como ousam roubar a Vossa Alteza Real a lugartenencia que seu augusto pai, nosso rei, lhe concedêra? Como querem despojar o Brazil do desembargo do paço, e mesa da consciencia e ordens, conselho da fazenda, junta do commercio, casa da supplicação, e de tantos outros estabelecimentos novos, que já promettiam futuras prosperidades? Para onde recorrerão os povos desgraçados a bem dos seus interesses economicos e judiciáes? Irão agora depois de acostumados a recursos promptos, a soffrer outra vêz, como vis colonos, as delongas e trapaças dos tribunáes de Lisboa, atravèz de duas mil leguas do Oceano, onde os suspiros dos veixados perdiam todo o alento e esperança? Quem o crerá, depois de tan-

tas palavras meigas, mas dolosas, da reciproca egualdade e das felicidades futuras?»

Assim praticára tambem a provincia de Minas, cuja população em massa se levantava contra as deliberações das côrtes.

Não deixou-se porém preceder nos actos de patriotismo o povo do Rio de Janeiro, que mais que nem-uma cidade do Brazil perdia si partisse o principe e fossem executados os decretos das côrtes. Juiz de fóra do termo, e n'esta qualidade presidente do senado da camara, appresentou-se José Clemente Pereira no dia 9 de janeiro de 1822 perante o regente, rogando-lhe em nome do paiz que não désse cumprimento ás ordens da metropole, e ficasse no Brazil *para bem de todos e felicidade geral da nação* (3).

Não era ainda a independencia que se proclamava. Corria antes a linguagem de todos favoravelmente á união do Brazil com Portugal.

« Dê-se ao Brazil, dizia José Clemente Pereira, um centro proximo de união e actividade; dê-se-lhe uma parte do corpo legislativo, e um ramo do poder executivo, com poderes amplos e liberáes, tão bem ordenados, que formando um só corpo legislativo, e um só poder executivo, só umas côrtes, e só um rei, possa Portugal e o Brazil fazer sempre uma familia irmãe, um só povo, uma só nação, e um só imperio.»

Ligavam-se os Portuguezes absolutistas com os naturáes do Brazil para o fim de opporem-se aos actos dos côrtes portuguezas. Entre os naturáes do

Brazil consistia unicamente a scissão nas aspirações da maior ou menor somma de liberdade.

Pretenderam as côrtes portuguezas impôr limites ao progresso e desenvolvimento do Brazil. Fôra elle por trezes annos a metropole da monarchia; guardou em seu seio por todo este tempo o soberano, a côrte, o governo e a administração geral. Não podia mais tornar a ser colonia, e sujeitar-se ao dominio caprichoso dos governadores que lhe mandasse a Europa. Em vêz de lograr assim os seus intentos, tão loucamente praticados, não conseguiram as côrtes portuguezas mais do que oppressar a independencia dos dous paizes, que mais tarde ou mais havia de realisar-se.

Com a abertura dos portos do Brazil ao commercio e á civilisação do mundo, havia ElRei Dom João VI dado em 1808 o primeiro passo para esta independencia; existia ella de facto, esperando apenas do tempo a sancção do direito que irremissivelmente deveria chegar: que forças se lhe poderiam antepôr, que fossem não despedaçadas diante de seu curso natural e necessario?

Pretendia o principe obedecer ás côrtes; não pode porém recusar-se ás rogativas e representações do povo e camara do Rio de Janeiro, e das juntas provinciáes de Minas e São Paulo, e do senado da camara d'esta ultima cidade, presidido pelo ouvidor Costa Carvalho (1). Declarou que não compriria as ordens das côrtes, e como encontrasse resistencia

no pequeno numero de militares que instigados pelo general Avilez manifestáram o seu descontentamento, ordenou o seu embarque, e remetteu-o para Portugal. Si continuáram occupados varios pontos do Brazil pelas forças portuguezas, ficou d'elles desassombrado inteiramente o Rio de Janeiro; e os patriotas certos de conseguirem a realisação dos seus intentos.

Chegou no entretanto de São Paulo José Bonifacio de Andrada e Silva; como primeira prova de sua franca adhesão aos adversarios das côrtes, nomeou-o o principe regente ministro do reino e de extrangeiros, dando assim um passo que era a demonstração mais alta e mais evidente de que unia a sua causa á causa d'elles, a sua gloria á gloria d'elles, e a sua historia á historia do Brazil.

Eram difficeis as circumstancias; estava Portugal dominado pelas côrtes, que sujeitavam o proprio rei. Declarava o Brazil a sua resistencia ás côrtes, sem quebrar todavia ainda os laços que prendiam os dous povos da America e da Europa.

Estava o Brazil dividido em provincias: uniram-se e ligáram-se as do sul sob o governo de Dom Pedro; não tardou Pernambuco em reconhecer o principe regente, expellindo do seu territorio as tropas portuguezas que para ali tinha enviado a antiga metropole. Mas na cidade da Bahia sustentava-se o general Ignacio Pinto Madeira com uma força aguerrida, prestando obediencia ás côrtes de Lisboa; no

Maranhão e Pará dominavam tambem estas; na Banda oriental, annexa ao Brazil desde a incorporação decretada em 1821 pelo cabildo de Montevideu, adherio na campanha ás ordens de Dom Pedro, submettendo-se ao general Lecor, que se evadira da capital para a villa de São José; ficou porém de posse da cidade Dom Alvaro da Costa, eleito por seu commandante pelas tropas portuguezas, que reconheciam a soberania das côrtes. Conservavam-se timoratas e assustadas as demais provincias.

Consistia a primeira necessidade em centralisar as forças do paiz inteiro, e chama-lo a uma completa unidade, para dirigi-lo convenientemente.

Ordena o governo do principe que mande cada uma provincia ao Rio de Janeiro um representante para que se forme o seu conselho, e não sejam executadas as ordens das côrtes sem que tenham o seu cumpra-se. Appareceram unicamente representantes de São Paulo, Minas Geráes, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

Provou n'estas circumstancias o principe regente uma actividade superior; visitou a provincia de Minas, e dissolveu o governo provisorio da capital, o qual recusára-se annuir á vontade popular, manifestada em todos os pontos do territorio. Regressando para o Rio de Janeiro, e sabendo que aos consules portuguezes nos portos estrangeiros déra ordem o governo de Lisboa, prohibindo a exportação de armas e munições para o Brazil, nem-uma hesitação

teve de acceder ás novas instancias do senado da Camara, annexando ao seu titulo o de defensor perpetuo do Brazil; e como os membros do conselho enviados pelas provincias que lhe obedeciam, não as representavam legitimamente, lavrou, em data de 3 de junho de 1822, um decreto convocando assembléa constituinte e legislativa do Brazil, composta de deputados das provincias. «Sem côrtes, dizia o principe a seu pai em carta de 21 de maio, o Brazil não pode ser feliz : leis feitas a tão grande distancia por homens que não são Brazileiros, e que não conhecem as necessidades do paiz, não podem ser boas. O Brazil está na adolescencia, e vai desenvolvendo maior vigor.»

Não souberam as côrtes portuguezas que difficultosissimo era, sinão impossivel, destruir factos consumados, quando já enraizados : considerăram que curvariam o Brazil aos seus decretos com as remessas de forças portuguezas. Tornou-se declarada a guerra; soube o principe sustentar o seu posto. Tem porém os acontecimentos politicos causas e resultados necessarios. Proclamou Dom Pedro aos povos do interior da provincia da Bahia, animando-os e incitando-os a continuar a lucta contra o general Madeira, e enviou em auxilio d'elles alguma força commandada pelo general Pedro Labatut; deu as ordens mais positivas à todos os commandantes e tropas portuguezas estacionadas no Brazil para que se retirassem; e publicou um manifesto, escripto por Joa-

quim Gonsalves Ledo, no qual mostrando o seu desejo de manter ainda a união do Brazil com Portugal, deprecava todavia aos Brazileiros que unissem-se e armassem-se para a defesa do paiz; e dirigio emfim aos governos extrangeiros uma circular, justificando o seu comportamento.

Apparecendo porém dissidencia na provincia de São Paulo, entendeu conveniente o principe dirigir-se para lá, a fim de acalma-la, e chamar á união todos os povos. Partio a 14 de agosto de 1822. Antes de chegar á capital da provincia, recebeu despachos de seu pai, communicando-lhe que não arripiariam as côrtes o seu caminho, e estavam tencionadas antes a lançar mão dos meios mais energicos contra o Brazil e Dom Pedro.

Deliberou-se então o principe a proclamar a emancipação politica do Brazil. Ficava assim jogada a ultima carta, e abandonavam-se todas as ideias conciliadoras. Desapparecia a hypocrisia official, e era excusado pretextar mais intuitos a que ou se não propunham na realidade, ou mesmo, quando aceitos, não poderiam resistir ás circumstancias e acontecimentos que se precipitavam.

De reino unido tornou-se o Brazil reino independente. Foi dado pelo principe regente o grito da independencia nos campos de Ipiranga, á vista da cidade de São Paulo, e no dia 7 de septembro de 1822.

Regressou o principe para o Rio de Janeiro imperador já do Brazil. Foi acolhido com todo o enthu-

siasmo. Declarou o novo governo que reconheceria Brazileiros a todos os Portuguezes que adherissem á independencia, marcando prazos para a retirada d'aquelles que preferissem a sua patria europea.

Houve ainda por algum tempo guerra contra Portugal: da Bahia, do Maranhão, do Pará e de Montevideu expelliram-se por fim as tropas portuguezas. Corôou a victoria por toda a parte as armas do imperador, e reconheceu o paiz enteiro desde os limites do Pará, até a margem do Rio da Pratá, o novo governo, e a nova capital do imperio.

Mantinha-se sempre José Bonifacio no seu posto de ministro. Encontrava n'elle Dom Pedro I um conselheiro illustrado, e devotado á causa do seu paiz, e de energia singular. Teve parte em todos os acontecimentos, dirigio com tino e acerto todas as deliberações, e collocou-se á frente do movimento, tomando o primeiro logar logo apóz a figura proeminente do imperador.

Procedeu-se em todo o imperio a eleições de deputados para a assembléa constituinte, que convocára o imperador quando ainda regente, e cuja missão seria a feitura de uma constituição politica destinada a reger o paiz : em paz e socego elegeram as provincias os seus mandatarios, seguindo o numero com que devia ser cada uma representada.

Reunio-se no dia 17 de abril de 1823 esta assembléa, contando cincoenta e tres deputados.

Eram as premicias do systema representativo.

Para o seu regimen passára o Brazil como que inopinadamente. Ao jugo colonial succedêra um como que governo patriarchal, em que influiam os condes de Linhares e da Barca. Pretenderam um impossivel as côrtes de Portugal, como era faze-lo regressar aos tempos coloniáes. Foi a independencia do paiz resultado de tão desarrazoada pretenção. E como corriam então o mundo, e seduziam os animos os principios representativos, anciava o Brazil de abraça-los proclamando a sua independencia. De accordo com o paiz andou Dom Pedro I, que vio fortalecida assim a sua nova realeza com o prestigio e força da representação do povo.

Erros porém, e bem fatáes alguns, deviam de ser as consequencias da falta de educação politica para a verdadeira comprehensão das novas instituições. Erros commetteram todos os homens e todos os partidos ao encetar no Brazil os trabalhos parlamentares.

Não consiste a difficuldade em politica em destruir um governo, e sim porém em constituir outro novo; são bellos por sem duvida os dias do triumpho; succedem-lhes porém depois os embaraços, e é menos difficultoso vencer do que manter-se e sustentar-se : é o successo pela mór parte das vêzes effeito da surpreza; constitúe a duração o que só é vida e o que só é força.

Dividem-se e subdividem-se os animos depois da victoria; pode ser identico o fim a que dirigem-se

todos; importam porém os meios para consegui-lo as differenças e as opposições dos partidos.

Representava José Bonifacio a facção democratica do partido da independencia. Emquanto luctava-se pelo paiz contra o dominio das côrtes portuguezas, não haviam divisões, nem rivalidades, e nem opposições ao ministerio. Marchavam unidos os Brazileiros, almejando todos o mesmo resultado, e applicando cada um na orbita dos seus direitos os meios da resistencia e da força que eram necessarios ás circumstancias.

Conseguida a independencia e acabada a lucta, tornavam-se os meios do governo mais intellectuáes do que materiáes. Tratava-se de dotar o paiz com instituições novas. Não improvisa-se uma organisação politica. Torna-se difficil e critico o dominio de um só em identicas circumstancias. É consequencia infallivel o nascimento de uma opposição que para existir e medrar levanta a bandeira de principios oppostos áquelles que abraçam os seus adversarios.

Abrio-se o parlamento brazileiro, e desenhåram-se divisões e partidos com o enthusiasmo fervoroso e proprio dos climas intertropicáes. O ministerio, a cuja frente se achava José Bonifacio, encontrou opposição decidida e robusta, si bem que representada pela minoria dos deputados.

Exigia esta opposição que na feitura da nova constituição fosse a monarchia forte e centralisada, e

accusava o ministerio de abraçar tendencias democraticas; fallou por vêzes José Bonifacio, e si bem o não dotára a natureza com talentos oratorios, tinha elocução facil, e uma logica serrada e decidida que attrahiam-lhe o respeito e consideração.

Era excessiva a energia do seu caracter; ressentiam-se as medidas do governo d'esta qualidade, que tomando as feições da violencia produz ás vêzes effeitos contrarios aos que se intenta lograr. É uma verdade que prestou á independencia relevantes serviços, e na guerra e lucta d'ella á sua decisão e energia devem-se resultados importantes. Certo todavia é tambem que se não conteve diante dos adversarios internos com a moderação que caracterisa a um homen de estado. Empregando a *populaça*, conseguio obrigar a Dom Pedro a deportar Joaquim Gonsalves Ledo, José Clemente Pereira e Januario da Cunha Barbosa, contra todas as leis, e sem que podesse apparentar uma justificação que o abonasse. Tornou-se a policia mais incommoda e perseguidora do que talvêz nos tempos coloniáes; fez-se pesar um despotismo cruel sobre todos os que não applaudiam os actos e medidas do governo, e quanto mais progredia José Bonifacio na marcha violenta que encetára no interior, mais augmentava, como é a natureza das cousas, o numero dos seus contrarios, e engrossávam-se-lhes as fileiras.

Foi animada a lucta. Descrimiram-se na assembléa constituinte as doutrinas de dous partidos.

Queriam ambos a monarchia; pretendia um rodeia-la de elementos democraticos, concedendo-se ao imperador o que sómente parecia-lhe ser devido : era o partido representado pelo ministerio, que collocava no povo a base de toda a soberania. O que ostentava-se em opposição, considerava preferivel para seguridade e garantia da vida da nação uma ponderação de elementos e poderes, de modo a existir monarchia centralisada, e com prerogativas proprias e indeclinaveis, limitada apenas em certos casos pela demonstração legal do paiz, sendo soberania tanto a corôa como o povo.

Cansou-se o imperador com as exigencias do ministerio, que quanto mais tropeços encontrava, mais fugia da moderação precisa : julgou prudente demitti-lo e organisar outro ministerio que podesse conciliar os animos. Administradores energicos e excellentes haviam sido os homens que deixavam o poder; passados porém os tempos da crise da independencia, julgava o imperador que conviria fazer-lhes succeder a calma e o repoiso, e sanar, harmonisar e consolidar os espiritos, o que não poderiam facilmente conseguir aquelles que haviam-se envolvido nos mais graves acontecimentos : pensou que era chegada a epocha das tendencias medias, que dominariam mais facilmente o paiz no seu pacifico e regular desenvolvimento.

Demettido no dia 17 de julho de 1823, deixou-se José Bonifacio arrastar pelo despeito do amor pro-

prio, e apoiou com a sua influencia uma guerra desesperada e violenta, que contra o novo ministerio dirigio o seu partido immediatamente.

Reunio e absorveu esta opposição todas as fracções democraticas do paiz. A qualquer ligeiro acontecimento, ao mais pequeno acto do novo ministerio, abandonava-se a feitura da constituição, e convertia-se a assembléa em um campo desagradavel de combate e de lucta.

Persuadio-se Dom Pedro I que dissolvendo a assembléa constituinte, que mostrára-se inhabilitada para organisar a nova constituição, deportando para fóra do imperio os principáes oppositores do governo, e concedendo ao Brazil uma constituição politica sem o assenso ou audiencia de assembléas populares, acabaria com os partidos, e levaria o paiz ao engrandecimento e prosperidade que tanto anhelava.

Levou avante o seu plano. Foi com effeito dissolvida a constituinte no dia 12 de novembro de 1823; presos José Bonifacio de Andrada e Silva e seus irmãos e amigos, embarcados na charrua de guerra *Luconia*, e deportados para a França.

Conseguio o imperador organisar uma constituição e outorga-la ao paiz, aceitando n'ella a influencia legitima dos elementos democraticos, que infiltravam-se por todos os poros da nação, e fazendo-a abraçar assim por todo o imperio.

Patenteára José Bonifacio durante a vida politica

qualidades grandes especialmente em occasião de crises arriscadas em que necessitava-se de vigor e energia; em que a sociedade devia mover-se com um só impulso; em tempos bonançosos porém, e desapparecidas as crises, não serviam de certo o seu vigor e energia; faltava-lhe a prudencia para, com o abandono das ideias extremas e exclusivas, aceitar a sociedade com todas as suas bellezas e defeitos, estabelecer um campo intermediario que servisse de refugio a todas as opiniões moderadas que deve aceitar um governo, e não entregar-se o poder todo a um partido extremo, que mais no seu interesse, do que no do paiz, pode abusar da força que é lhe confiada.

Devemos ser justos como historiador, e julgar os homens com imparcialidade. Si commetteu erros graves José Bonifacio, quer entregando-se na qualidade de ministro a um partido extremo, e extremo democratico, quer tornando-se chefe de opposição fóra do poder, combatendo o governo de modo a diluir-lhe os fundamentos e a tirar-lhe a força moral de que carece, e particularmente um governo que nascia de uma revolução, e que guarda portanto em seu seio vestigios de sua origem desorganisadora; commetteu tambem erros o imperador, empregando contra elle, na occasião de dissolver a constituinte, a arma da violencia, que presta apenas força momentanea, e estraga ás mais das vezes a propria mão que serve-se d'ella.

A dissolução da assembléa constituinte, e o exilio

e prisão de muitos dos seus membros, posto que reparados pela outorga da constituição, e pelo caracter benefico e cavalheiroso de Dom Pedro I, trouxeram-lhe comtudo dissabores e fatáes consequencias.

Atrasáram o paiz estes erros todos; guarda elle todavia memoria indelevel do seu primeiro monarcha, e dos seus primeiros homens politicos, porque reconhece que eram animados todos pela ambição de eleva-lo á maior prosperidade e grandeza.

Finda com o seu exilio a segunda phase da vida de José Bonifacio de Andrada e Silva; fôra a primeira dos prazeres e do descanso, das sciencias e do repoiso; foi a segunda phase activa e tormentosa, de emoções e de desassocego.

Voltára para a sua patria na intenção de revê-la; voltára para a sua patria na intenção de respirar ainda o seu ar tão puro, e saudar o seu céo tão magestoso; queria viver os ultimos annos da existencia no meio dos seus, já que tantos dias e tantos annos havia residido em paizes estranhos e distantes.

Precisou porém a patria d'elle; deixou a existencia pacifica do sabio pelo viver desassocegado do politico; collocou-se á frente de uma revolução, e guio-a ao seu destino, logrando inscrever o seu nome nas paginas de ouro do seu paiz.

Havia sido na Europa uma das primeiras notabilidades scientificas; foi no seu paiz a primeira notabilidade politica.

III.

Escolheu para o seu exilio as visinhanças da cidade de Bordeos em França. Procurava os entretenimentos do espirito. Pretendera acabar no seio da patria os dias ultimos da sua vida; e repellindo-a a patria, vagava-lhe sempre o pensamento com as saudades d'ella.

Veio em seu soccorro a poesia encurtar-lhe as horas do tempo. Occupára-o a sciencia na mocidade, quando o viço e as forças o sustentavam. Entreteve-o a poesia na velhice, quando cansado o corpo aspirava o repoisar.

Nada ha como a proscripção para descobrir os mysterios do coração humano; basta que concentre-se em si propria a intelligencia para que vibrem harmoniosas as cordas da harpa celeste que reside n'alma: apparece a poesia magestosa sempre e sempre sublime nas horas amarguradas e solemnes do exilio: é o anjo que esvoaça em torno, alimentando as saudades da patria com o balsamo suave e resignado da religião: é o cysne que solitario e bello, melancolico e amoroso, corta as aguas do lago, e como que prantêa a ausencia da companheira: a agua do rio que corre placidamente, o vento que susurra pelos galhos das arvores, o cantico que echoa a ave agreste das solidões, como echoou nos primeiros dias da vida, na edade infantil: é tudo oesia no exilio, porque perde-se e some-se a ima-

ginação no seio da eternidade, voa o pensamento, e não prende-se o homem á terra senão pelo vinculo da dôr saudosa dos prazeres passados.

Adquirio no exilio um titulo mais de gloria, que é o de poeta, e não poeta mediocre, e de vôos terrestres, poeta porém de estro subido, de imaginação brilhante e de visões doiradas : poeta de força e de riqueza de pensamentos, de doçura e elevação de ideias, e de facilidade e harmonia de metrificação.

Entregava-se ás vêzes aos accentos magicos e melancolicos do amor, e pintava-os na sua velhice como as reminiscencias do pensamento e as saudades do passado : todos os objectos que presenciavam os seus olhos, affiguravam-lhe tantas outras memorias ternas e melodiosas do que vira e sentira. Creava-lhe a imaginação um mundo, com o qual entretinha-se o seu pensamento esquecido da realidade que o cercava.

> Vós me nutrís os ternos pensamentos,
> Quando á sombra das arvores copadas,
>   Sombrios vales frescos,
> A redea inteira solto á phantasia!
> De belleza em belleza divagando
> Sofrega a mente se me vai nos olhos:
>   Depois meiga saudade
> Manso e manso do peito se apodera...
> Tudo o que vejo então me pinta Eulina!...
>
> . . . .
>
> Vês aquella violetta, que goteja
>   Das folhas frio orvalho?...
> Os olhinhos de Eulina maviosos
> Cheios de mil amores, mil feitiços
>   Me pinta lagrimosos,

Quando ella dos meus brinoos se agastava.

. . . .

Os recentes jasmins vivos debuxam
Os dentinhos de Eulina, que sorria
    Aos humildes meus rogos.

. . . .

Então as vivas faces delicadas
Si com os beiços meus os seus tocava,
    Sorrindo pudibunda
Ah! que eram duas rosas orvalhadas!

. . . .

. . . .

Desentrançadas as madeixas de oiro,
Que ondêam sobre o colo cristallino,
Meneando com graça o corpo airoso,
Inda mais bella que as Napeas bellas,
Quando as arestas do ondejante trigo
    No folguedo nocturno
Em rapida carreira apenas tocam!

. . . .

. . . .

    Parece que a estou vendo!
    Qual zefirinho meigo
Que as espigas agita levemente;
Assim lhe vai tremendo o ebumeo collo,
Assim os lacteos pomos buliçosos,
    Brincos dos cupidinhos,
    Docemente vacillam,
Quando entre as flores nova flor passeia!

Dir-se-iam inspirações apaixonadas de Sapho, endeixas doçorosas de Bernardim Ribeiro, ou suspiros melodicos de Thomaz Antonio Gonzaga: ha n'estes versos tanta harmonia de pensamentos, uma suavidade tão deliciosa de ideias, que expande-se o coração do poeta como a flor, e manifesta-se como

o perfume da baunilha : e a travêz das vestes diaphanas do metro, por detraz do colorido poetico, deslumbra-se o carpir da saudade real e profunda, e o gemido doloroso do exilio, que traspassam-lhe cruelmente o peito.

Dirigia as vêzes as suas ideias para o epicureismo; deixava correr a sorte e voar o destino, e tomando vôos anacreonticos, exclamava indifferente :

Moço, bebamos : enche o copo, bebe.
Já novas rosas novo aroma espargem.
Eia, ligeiros, ao jardim desçamos,
De Nise asylo.

Outra vêz quero renovar amores,
A Philoméla acompanhando a lyra.
Que gema Nise, como aquella geme
Entre meus braços.

No canto escuro do rosal cheiroso
A Baccho brinde, como aqui lhe eu brindo;
Brinde aos amores, que co' as rosas voltam,
E com ellas brincam.

A vida acaba; muda-se a fortuna,
Que bens e males sem juizo espalha;
Os que hoje existem, amanhã não vivem;
Amemos hoje.

Dedicava em outras occasiões odes á virtude e á amizade, como as unicas companheiras do seu exilio, e alivio de seus males. Acompanhava-o sempre a tristeza; por cima de seus versos como que esvoaçava uma nuvem melancolica e perpetua que escondia-lhe os pensamentos alegres : descobre-se continua-

mente a dôr que o opprime e suffoca! Comó enganar-nos, quando diz :

O doce paz! sagrada liberdade!
Unicos bens do sabio!
Os idolos da terra
Não vos conhecem. Vós dormís tranquillos
No seio dá amizade.

Si logo apóz accrescenta :

Emquanto na esquentada phantasia
Creando occos phantasmas
Freneticos humanos
Suspiram por privanças e chimeras,
Que os sustos envenenam :
Nos campos innocentes, onde brincas
Zephyro prazenteiro,
O sabio solitario
Ri d'esses doidos, ri do velho mundo
Com o discreto amigo.
Si sisuda tristeza lhe bafeja
Com halito empestado
Beijando a cara amada,
Em quem moram cupidos cento e cento,
Inveja faz aos deuses.
E lá quando do negro throno estende
O plumbeo sceptro a noite,
Sobre o cansado globo,
Sentado com o amigo á parca mesa,
Conversa ledamente.
Umas vêzes sondando altos mysterios,
Vedados á vil turba,
Deixando o peso inerte,
Nada no espaço immenso, os globos pesa,
Milhões de sóes encara.
Outras vêzes baixando á humilde terra,
Contempla a natureza;
As douradas espigas,

Que os prados vestem de formosas coifas,
Observa e enternece.

Si apparecem apenas n'estes canticos uma melodia sonora e um sopro de melancolia; si está n'elles como que preso o poeta, que esforça-se unicamente em achar lenitivo a seus males, com lembranças de um passado que acabára, e não devia voltar mais; outros canticos escreveu elle altivos e enthusiasticos; correu-lhe livre o pensamento, livre e franca a musa, e livre e ousada a inspiração. Quanto é bella a sua ode ao poeta desterrado! Que riqueza de imaginação! que fogo de enthusiasmo! que pureza de linguagem! que poesia maviosa e terna, elevada e sublime!

O lyra brazileira, que inspiravas,
Com teus hymnos, no peito amor de glorias?
Tu que o pranto da esposa suspendias,
Quando ausente o guerreiro;

Ora do triste vate no desterro
Já não accendes de Mavorte o fogo:
Nem cantas os tropheos da patria amada
Com magica harmonia.

Fica pois, lyra inutil, pendurada
De secco ramo; ou temperada agora
Em tom mais brando, vai soar tristonha
Em acanhado estylo.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Si procurando lenitivo á magoa,
Sob a copada rama solitario,
Enseja amor na lyra.

Um mavioso coração afflicto,
Que abandonado em terra estranha geme,
A qual recorrerá propicio nume,
Si não a Venus meiga?

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Si ainda se acolhe de Narcinda ao seio;
Pois no meio do sonho dos amores,
Tambem co'a patria sonha!

Para a moleza não nasceu o vate.
Em ditosos dias chammejava
Sua alma ardente, de heroismo cheia,
Quando uma patria tinha!

A corda, que soava docemente
Sobre a doirada lyra malfadada,
Outr'ora ousou curvar arco guerreiro,
Vibrar rapida seta.

Os labios, que ora movem molles versos,
Já levantar souberam da vingança
Grito tremendo, a despertar a patria
Do somno amadornado.

Mas de todo acabou da patria a gloria!
Da liberdade o brado, que troava
Pelo inteiro Brazil, hoje emmudece,
Entre grilhões e mortes.

Sobre suas ruinas gemem, choram,
Longe da patria os filhos foragidos:
Accusa-os de traição, porque a amavam,
Servil infame bando.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Se aos lares seus não volta socegado;
Subido ferro afogaria o grito
Que pela patria erguesse.

Alli da santa liberdade os filhos,
Esses poucos, que restam, fugidios
Vivem inglorios, pois as honras dão-se
A perjuros escravos.

Almas fracas e vis! e vós não vêdes
Que o facho horrivel, que allumia a senda
Das falsas honras, accendeis no fogo
Que arda o Brazil todo?

Quando mortes fulmina a tyrannia,
E calca aos pés o merito e virtude,
Uma lagrima si-quer não vos arranca
A terra em que nascestes?

Maldição sobre vós, almas damnadas!
A taça do prazer a vós vos saiba
Como o mel venenoso das abelhas
Da Cisplatina plaga.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate
Si á Paphia deusa algum consolo pede,
Si a aguda dór, que pela patria sente,
Sonha abrandar um pouco!

Que um raio de esperança o fado accenda,
Que um relampago só penetre as trevas
Que o Brazil envolvem, n'esse instante
Em pé se alçará forte!

Então seu coração no altar sagrado
Da liberdade, deporá ligeiro
A branda lyra, então com nova murta
Coroará a espada.

Oh! quanto é forte um vate, si nutrido
Entre perigos foi! Si denodado
Da morte os brados retumbar ouvira
Com não mudado rosto!

Que um Thrasybulo novo se levante
C'um punhado de heróes, a tyrannia
No ensanguentado throno já nutante
Cahirá aos pés exàngue.

Mas emquanto o Brazil adormecido
Brilhantes dias renovar não sabe,
Repita ào menos o seu nome amado
A lyra dos amores.

Realçam egual merecimento e bellezas na ode que dedicou aos Gregos, quando luctavam contra os Turcos, para reivindicar a sua independencia e liberdade. Pensamentos os mais elevados, expressão a mais energica, enthusiasmo o mais sagrado, dão-lhe direitos de considerar-se rival dos bellos canticos que escreveram n'aquella épocha pelo mesmo objecto Casimiro Delavigne e Victor Hugo, exaltados tambem pelo grandioso espectaculo que offereciam á Europa os companheiros de Botzaris, de Mavrocordato, de Capo d'Istria e de Byròn, descendentes dignos de Themistocles e Lycurgo.

Outorgava ao Brazil no emtanto o primeiro imperador a constituição que promettera-lhe para fundar no paiz o systema representativo. Si não prevaleceu n'ella a ideia democratica de uma só camara legislativa, vigoráram comtudo os principios democraticos da composição eleitoral do senado, e do subsidio pecuniario aos representantes do paiz, que dão predominio em um systema social ao elemento popular, mas que eram então necessarios e que ca-

sáram-se praticamente com a justa ponderação dos elementos diversos, que devem conservar-se em equilibrio constante, e na mais perfeita egualdade.

Procedera-se ás eleições de senadores e deputados que tinham de formar as duas camaras legislativas. Não esqueceu-se a provincia da Bahia do nome illustre de José Bonifacio, si bem que exilado da patria e vivendo em terras distantes. Nomeou-o entre os seus deputados: pagou-lhe José Bonifacio uma eleição tão honrosa dedicando-lhe uma ode admiravel, que prima entre as suas composições.

Ha um defeito todavia n'esta ode tão ricca de poesia, de sentimento e de metrificação: é o despeito do proscripto, que traduz-se em maldição; é uma dose demasiada de fel que transborda o vaso e descobre o coração amargurado, que vai sorvendo-o de trago em trago até que locuplete-se; é um grito profundo de dôr e de desesperação que parece levar a sonda á chaga que carcome-o e mata-o.

Altiva musa, ó tú, que nunca incenso
Queimaste em nobre altar ao despotismo;
Nem insanos encomios proferiste
De crueis demagogos.

. . . .
. . . .

Duas vêzes, Bahianos, me escolhestes
Para a voz levantar a pró da patria,
Na assembléa geral; nas duas vêzes
Foram baldados votos.

Cingida a fronte de sangrentos louros,
Horror jamais inspirará meu nome;
Nunca a viuva ha de pedir-me o esposo,
Nem seu pai ao infante.

. . . .
. . . .

Morrerei no desterro, em terra estranha...
. . . .

Vales e serras, altas mattas, rios,
Nunca mais vos verei, sonhei outr'ora
Poderia entre vós morrer contente...

. . . .
. . . .

Não verei mais a viração suave
Para o aerio vôo, e de mil flores
Roubar aromas, e brincar travessa
Co' o tremulo raminho.

O paiz sem igual, paiz mimoso,
Si habitassem em ti sabedoria,
Justiça, altivo brio, que ennobrecem
Dos homens a existencia!

De estranha emulação acceso o peito,
Lá me ia formando a phantasia,
Projectos mil para vencer mil ocios,
Para criar prodigios!

Jardins, vergeis, umbrosas alamedas,
Frescas grutas então, piscosos lagos,
E pingues campos, sempre verdes prados,
Um novo Eden fariam.

. . . .
. . . .

Doces visões! fugi, ferinas almas
Querem que em França um desterrado morra!

Já vejo o genio da certeira morte
Ir afiando a foice!

Gallicana donzella, lacrymosa,
Trajando roupas luctuosas, longas,
Do meu pobre sepulchro a tosca loisa
Só cobrirá de flores.

Ao mesmo tempo que mostra-se irritado contra a patria, chora por ella. Finge aborrecê-la como amante adorada, e morre por lançar-se-lhe aos braços. Que colorido engenhoso, e ao mesmo tempo que suavidade melancolica! Quanto sentimento! quanta poesia!

Viveu no exilio até o anno de 1829; foram sete annos de dôr e de magoa; sete annos que lhe pareceram seculos. Comprehenda-os quem tiver coração, e já conheceu o que é uma ausencia da patria!

IV.

Estavam gastas as forças de José Bonifacio, quando findou-se-lhe o exilio. Não quiz aceitar no seu regresso emprego publico, posto que manifestasse-lhe Dom Pedro I as maiores provas de amizade e consideração. Almejou o repoisar, e com esta intenção retirou-se para a ilha pequena e pittoresca do Paquetá, situada na parte interna da bahia do Rio de Janeiro.

Nos acontecimentos politicos que precederam a abdicação do primeiro imperador do Brazil, nem

uma parte teve; deixára de influir nos negocios publicos desde que fôra exilado.

Foram graves, e muito graves estes acontecimentos : passou o paiz por modificações inesperadas, imprevistas e repentinas.

Dividio-se depois da outorga da constituição em tres partidos de tendencias differentes : de principios republicanos um, considerando que mais quadravam elles a uma nação americana; o segundo de opiniões monarchicas mescladas de liberalismo, representando a grande eschola eclectica do seculo; e de ideias da antiga monarchia portugueza o terceiro, que deparava n'ellas a só garantia e estabilidade do throno. Subdividiam-se ainda estes partidos em grupos com maior ou menor desenvolvimento das suas tendencias, com maior ou menor exageração dos seus principios e ideias.

Si era o paiz inexperiente, e inexperientes os partidos, mostrou-se tambem o imperador inexperiente. Caracterisavam-no enthusiasmo, lealdade e generosidade. Consistiria em tão criticas circumstancias o verdadeiro systema de governo em alliar os homens mais moderados dos dous ultimos partidos com exclusão do republicano. Como que constituir-se-ia por este feitio um nucleo conservador com feições liberáes, conciliando a propriedade e a fortuna com a intelligencia e os serviços.

Devia porém este systema ser firmemente execu-

tado, e proseguido constantemente. Convinha aceita-lo, regularisa-lo e desenvolve-lo.

Entregou-se Dom Pedro I aos homens que representavam as tradições da monarchia pura; nem procurou uma combinação dos homens moderados d'esse mesmo partido. Pensava que ministros por elle escolhidos, não formando ás vêzes solidariedade de vistas e pensamento administrativo, bastavam todavia para o regular andamento dos negocios : e quando vinham as difficuldades, fazia concessões ao partido republicano, que é, como partido extremo, insaciavel sempre.

Para maior infelicidade de Dom Pedro I, quando bastavam-lhe já os embaraços do seu governo, vieram complica-los a guerra com Buenos-Ayres e os acontecimentos de Portugal, cujo throno fôra usurpado pelo infante Dom Miguel, seu irmão. Tinha interesses em Portugal pela corôa de sua filha. Não podia abandona-los, dedicando-se ao Brazil unicamente. Poderia conciliar ainda as necessidades de ambos os paizes, si não fossem empregados os recursos do Brazil em gastos com a emigração portugueza e intrigas européas.

Aproveitou-se o partido republicano das concessões feitas e da despopularisação do monarcha, para o fim de organisar uma revolução no paiz. Tendo chegado o imperador de uma viagem á provincia de Minas Geráes, e sendo acolhido enthusiasticamente pelos Portuguezes domiciliados no Rio de Ja-

neiro, promoveram-se desordens que déram em resultado a união do partido liberal com o republicano, e as exigencias populares para que demittisse o imperador o seu ministerio, e fizesse punir os Portuguezes. Conheceu então Dom Pedro a fraqueza do solo em que pisava : poderia, fazendo novas concessões, conservar o throno ainda : conseguiria porém firma-lo ? Lograria fundar a monarchia na America, e transmitti-la aos seus posteros ?

Julgou que melhor era e mais airoso salvar a monarchia do que a si proprio : provou assim, duas vêzes seguidas, o amor que consagrára ao Brazil, quando tornou do acto da independencia um facto monarchico, e quando encaminhou a revolução de 6 de abril de 1831 para a consolidação d'este mesmo facto. Si não ligára Dom Pedro I a sua sorte á sorte do Brazil, e não abraçára com elle a independencia, mais cedo ou mais tarde se faria ella ; predominariam porém de certo os principios republicanos, e as tendencias de separação das provincias. Em vêz de uma nação seria retalhado o Brazil em pequenas republicas, como as colonias hespanholas, e quiçá anarchisadas como estas, e atassalhadas por revoluções continuas. Si não tomasse o imperador a deliberação de abdicar em 1831, poderia sustentar-se ainda no throno por algum tempo, mas por fim venceriam as mesmas ideias, que haviam sido suffocadas na independencia, e que existem quasi sempre ameaçadoras e latentes nos paizes monarchicos modernos.

Preferio Dom Pedro I abdicar a corôa em seu filho, o principe imperial. Como era ainda menor de edade, e pertencia-lhe, como pai, dar-lhe um tutor, lembrou-se de José Bonifacio. Fôra o seu companheiro e amigo na independencia. Obrigáram-no as circumstancias a separar-se d'elle e a desterra-lo do seu paiz. Guardára porém viva lembrança dos seus serviços e dedicação, e considerou que, respeitado como era elle pelo partido democratico, o dominaria de modo que levasse-o a abraçar e sustentar a monarchia, salvando-a assim dos perigos revolucionarios. Entregando ao Brazil os seus filhos queridos, abandonou a terra de Santa Cruz, e foi sacrificar-se pelo paiz do seu nascimento, arrancando-o do despotismo que sobre elle pesava tão cruelmente.

Com a abdicação e retirada do primeiro imperador desappareceu no Brazil o partido da monarchia pura, que á sua pessoa ligára as tradições antigas.

Roubou o partido eclectico a revolução aos seus fautores, e guiou-a em proveito da monarchia ponderada : não tendo cooperado para ella directamente aceitou-a no dia em que vio-a cumprida como um facto consummado, e collocou-se á sua frente para dirigi-la.

Em paiz nem-um logram os auctores das revoluções colher os fructos que d'ellas resultam. E posto que costumam os partidos politicos fundir-se no systema representativo, e dar ás suas proprias ideias vicissitudes innumeras, com maiores ou menores

modificações seguiram os partidos que acabamos de descrever o curso posterior dos acontecimentos, e impregnáram-lhes mais ou menos a sua influencia.

Desamparou José Bonifacio o seu repoiso e a sua ilha querida. Tomou conta dos principes confiados aos seus cuidados pela sollicitude paterna. Entregou-se de coração aos seus nòvos e importantes trabalhos.

Foram-se creando com a marcha dos acontecimentos novos interesses e modificando-se os partidos. A parte do partido eclectico, que tinha ideias conservadoras, recebeu grande reforço com a adjuncção de muitos homens importantes do antigo partido da monarchia pura. Conseguio tambem a outra parte do partido eclectico absorver o partido republicano, com a ideia de federar o Brazil, e organisa-lo provincialmente, como é provincialmente organisada a republica dos Estados-Unidos da America do Norte.

Pertenceu o poder a este derradeiro partido. Nos tempos criticos vence sempre o partido o mais audacioso, ainda que não constitua maioria real do paiz. Subordina-se e soffre a verdadeira maioria.

Com o peso dos annos, com a experiencia dos acontecimentos politicos, com o conhecimento dos homens, com o estudo emfim durante o seu exilio dos usos, pratica e estylos representativos das nações civilisadas, havia José Bonifacio modificado as suas ideias. Queria ainda a liberdade, identificada porém com a ideia de ordem, que era synonymo de monarchia : para que existissem ordem e liberdade,

cumpria que tivesse o throno prerogativas, e direitos o povo. Como casar estas ideias com usos exclusivamente republicanos? como no meio de uma monarchia plantar elementos tão populares, como são os federativos? como salvar-se as prerogativas da corôa dando expansão ás tendencias republicanas?

Persuadia-se no emtanto o partido federalista que podia co-existir monarchia e republica; aquella rodeiada de instituições d'esta, e o throno assentado como que ao nivel do povo; como delegante o povo, e como simples delegado o soberano, não tendo poderes que não fossem os conferidos pela nação, e que eram sujeitos á revogação, porque resumia-se no povo toda a soberania.

Compunha-se dos homens que consideravam realisavel o consorcio de ideias antipodas, e dos homens de tendencias republicanas, que aceitáram o acto da federação como concessão, e explicavam o passo como dado legalmente na via do systema que ambicionavam para o Brazil.

Procurou então José Bonifacio a alliança de todos os homens monarchistas, como meio unico de obstar aos resultados que deveriam produzir estas doutrinas antipodas e inconciliaveis com a existencia da monarchia. Errou porém quando consentio que se olhasse para o primeiro imperador como a salvação do Brazil; e fosse desejado o seu regresso como uma indispensavel necessidade.

Diminuio as suas forças esta ideia apenas propalada.

Reunio os liberáes de todas as fracções. Si fossem contidos na orbita legal os seus partidistas, não seriam attenuadas as violencias que soffreram dos homens da situação.

Olham os verdadeiros estadistas e politicos tanto para os fins como para os meios porque conseguem-se estes. Deconceitua-se a causa mais sancta quando vence com o emprego de meios deshonrosos. Nunca foram meios de governo a perseguição e a violencia. São favoraveis aos seus auctores os resultados mais proximos; faltam-lhes porém as consequencias ultimas.

Plantam-se e germinam os principios e as ideias com o raciocinio e com a illustração; medram com o tempo, e fructificam com a convicção.

Podem os homens violentos ser victoriados na occasião em que servem aos interesses do momento; representam a parte do algoz ao pé do patibulo; nunca porém merecerão na historia os nomes de estadistas e politicos.

Era um nome historico e glorioso o de José Bonifacio, e tributam todos os povos respeito aos seus nomes historicos e gloriosos. Posto que ligado então a elle e partilhando as mesmas politicas ideias, não patenteava todavia o visconde de Cayrú egual actividade, e nem gozava de influencia tão decidida: constituia o outro nome historico e glorioso que honrava o paiz. Em derredor d'elles appareciam alguns homens de serviços antigos e de merecimento incontestavel.

Julgou o ministerio que ferindo de frente a José Bonifacio, ousando derribar a figura mais proeminente do partido que começava a intitular-se restaurador, conseguia amedronta-lo, e ficava-lhe livre o campo então para livrar-se dos perigos inherentes ao regresso de Dom Pedro I, e para realisar a federação do paiz, como entendia-a conveniente e conforme exigiam as circumstancias da epocha para salvar-se a monarchia.

O grande erro do ministerio consistio em não olhar para os meios que o levassem ao fim que desejava. Um decreto do governo, de dezembro de 1833, demittio a José Bonifacio do emprego de tutor de S. M. e de suas augustas irmãs, ordenando-lhe que *sahisse* do paço imperial; e foi outra pessoa nomeada pelo governo para substitui-lo n'aquelle emprego.

Não quiz obedecer José Bonifacio a violação tão manifesta e flagrante dos seus direitos; empregou o ministerio a força para dar cumprimento ao decreto.

Foi então arrancado pela força publica dos paços imperiáes: teve que supportar a formação de um processo criminal; pronunciado, teve que responder a um tribunal de jurados; absolvido, teve que residir na sua antiga ilha do Paquetá, sem que fosse-lhe permittido rever mais os caros e augustos penhores que havia-lhe confiado o primeiro imperador do Brazil!

No hymno das dôres humanas poucas devem de ser as escalas em que seja mais intenso o soffrimento. Não pode José Bonifacio de Andrada e Silva

cumprir e levar ao cabo a grande missão de que fôra incumbido por aquelle que tinha só direito para concede-la.

No anno de 1834 deixou de existir o primeiro imperador, no momento em que acabava de cobrir-se de glorias, combatendo pelo bem do paiz em que nascêra; infiltrou-se na constituição brazileira no mesmo anno o elemento democratico de federação. Esta concessão foi uma necessidade, que ficou assim satisfeita, e que salvou o elemento monarchico, abalado n'aquella epocha pela exaltação das ideias democraticas.

Chegou porém a reacção. Reorganisou-se o partido monarchico, que sustentando as instituições existentes, chamou em prol da monarchia as forças da sociedade, fundou o regimen da ordem, e creou uma epocha notavel no dia 19 de setembro de 1837.

Saudou José Bonifacio a nova aurora que affugentava as trevas e augurava futuro de paz e de engrandecimento para o seu paiz.

Retirado na ilha que o abrigára durante a tormenta, esperou a morte como o philosopho grego com toda a tranquillidade de espirito e liberdade perfeita de animo.

No principio do anno de 1838 sentio que estava proximo o seu dia derradeiro; dirigio-se para Nichtheroy, e terminou ahi no dia 6 de abril a sua carreira mundana, no meio das lagrimas da sua familia e dos seus amigos.

NOTAS.

(1) Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Martim Francisco Ribeiro de Andrada foram oradores parlamentares de importancia, e ministros de estado no Brazil; illustráram-se tambem pelos seus serviços em prol da independencia. Dous outros irmãos, Patricio e Bonifacio, não passáram á mesma celebridade.

(2) *Journal des mines*, Paris, 1821; *Naturalische Annalen*, Berlin, 1821.

(3) Proprias palavras da resposta do principe regente.

(4) José da Costa Carvalho, hoje marquez de Montalegre, senador do imperio e conselheiro de estado.

SUPPLEMENTO BIOGRAPHICO.

SUPPLEMENTO BIOGRAPHICO.

SECULO XVI.

Bento Teixeira Pinto nasceu em Pernambuco em 1545. Foi poeta distincto, e escriptor de gosto. Encontram-se na *Phenix renascida* muitas poesias suas, sonetos, eglogas e cantatas pastoris de algum merecimento. Compoz um poema intitulado *Prosopopeia*, de que falla o abbade Diogo Barbosa Machado com muito elogio na sua *Bibliotheca lusitana*, e que foi dedicado a Jorge de Albuquerque Coelho, seu compatriota e amigo, bem como a relação do naufragio que no anno de 1565 soffreram ambos, indo de Pernambuco para Lisboa, a bordo da náu *Santo Antonio*. Foi publicada esta relação em 1601, e acha-se na *Historia tragica maritima*. Ha duvida si pertencem-lhe os dialogos sobre a grandeza do Brazil, que é obra manuscripta ainda de alguma importancia e merecimento; opinam Diogo Barbosa e varios outros escriptores que pertence a Bento Teixeira Pinto.

Dom Francisco Rolim de Moura, filho de Dom Felipe de Moura, e de Dona Genebra Cavalcanti, nasceu em Pernambuco en 1580. Foi distincto general, e tomou parte em todas as guerras em que entrou Portugal no principio do seculo XVII. Militou na India, em Flandres e no Brazil. Governou este ultimo paiz de 1624 a 1626. Recebeu muitos premios e condecorações do governo portuguez pelos seus serviços importantes, e entre aquelles o senhorio da ilha Graciosa, no archipelago dos Açores : pertenceu ao conselho de estado, e falleceu em Lisboa em 1657, sem deixar successão, conforme o declaram os livros genealogicos das familias distinctas de Pernambuco, manuscriptos curiosos que se conservam no convento de São Francisco em Olinda.

Manuel de Moraes nasceu em São Paulo em 1586. Entrou muito joven para a Companhia de Jesus, e estudou nas suas aulas. Expellido porém por irregularidades de comportamento, deixou o Brazil e Portugal, e estabeleceu-se em Amsterdam, na Hollanda. Ganhou ahi creditos de litterato, e abjurou a religião catholica, abraçando o calvinismo, e casando-se com uma Hollandeza. Sabendo-se em Lisboa d'estes factos, relaxou-o em estatua o tribunal do Santo Officio no auto de fé de 6 de abril de 1642. As saudades da sua patria o arrancáram a Amsterdam, em 1643. Chegando a Portugal, foi preso logo pela inquisição. Abjurando de novo o calvinismo,

protestando sinceramente adoptar a religião catholica, foi solto em 1647, depois de sahir no auto de fé d'esse anno, que teve logar em Lisboa, com as insignias de fogo. Morreu em Lisboa em 1651 sem ter podido regressar para Brazil, como desejava. Publicou na Hollanda memorias importantes sobre Portugal e Brazil, e escreveu uma *Historia da America*, que perdeu-se infelizmente, e da qual falla João de Laet com muito elogio, confessando na sua obra haver d'ella extrahido noticias importantissimas. Zacuto, Nicolau Antonio, Theodoro Spizel e o abbade Barbôa tecem-lhe grandes encomios.

Mathias de Albuquerque. Assevera Rocha Pitta que nascêra no Brazil e no Maranhão. Nem uma nem outra cousa acreditamos. Pode todavia ser que nascesse no Brazil, nunca porém no Maranhão, que começou a ser povoado pelos Portuguezes em 1614, quando expulsáram os Francezes d'ali, os quáes tinham-se apoderado da terra e edificado a cidade de São Luiz, e antes de findar o seculo XVI deveria ter nascido Mathias de Albuquerque. Foi um distincto general nas guerras contra os Hollandezes, quando attacáram e empossáram-se de Pernambuco e capitanías circumvisinhas, das quáes era elle governador. Si bem que tivesse mostrado a sua coragem e denodo, foi mandado retirar para Portugal por El-Rei Felipe, e exilado nas suas terras. Com a revolução de 1640 appareceu offerecendo-se a Dom

João IV, que, conhecendo os seus meritos, aceitou-lhe os serviços : ganhou logo depois como general a batalha de Montijo contra os Castelhanos, a qual assegurou a independencia de Portugal e a casa de Bragança.

André Vidal de Negreiros é nascido da Parahyba do Norte no fim do seculo XVI. Foi um dos mais valentes e briosos generáes que militáram no Brazil contra os Hollandezes. Deve-se-lhe a expulsão d'estes povos de Pernambuco e outras capitanias tanto como a João Fernandes Vieira, a quem entretanto se tributáram as maiores honras. Trouxe Vieira para o campo portuguez quando se apartou dos Hollandezes, com quem estivêra ligado, influencia, dinheiro, dedicação e gente; encontrou um general habil como era Vidal, que aproveitou todos os recursos e combatteu até o fim, e foi quem na qualidade de mestre de campo levou para Lisboa a noticia da inteira expulsão dos Hollandezes. Deu-lhe em premio ElRei Dom João IV a alcaidaria mór de Marialva e Morim, e a commenda de Christo. Governou tres vêzes a capitania do Maranhão e uma a de Pernambuco, mostrando-se habilissimo administrador; foi tambem governador e capitão general de Angola de 1661 a 1666. Morreu em Lisboa conselheiro de guerra.

Antonio Felipe Camarão nasceu na Parahyba do Norte em 1598. Era gentio, e prestou os maiores

serviços aos Portuguezes nas guerras que no Brazil sustentáram contra os Hollandezes : mereceu e conseguio varias recompensas distinctas do governo portuguez, e falleceu em 1648.

SECULO XVII.

Luiz Barbalho Bezerra, filho de Fernão Bezerra Monteiro e de Dona Camilla Barbalho, nasceu em Pernambuco em 1601. Foi denodado guerreiro nas guerras do Brazil contra os Hollandezes : era mestre de campo quando em 1530 teve logar a defesa do forte de São Jorge de Olinda, e em 1635 a victoria que conseguiram os Hollandezes contra o arraial do Bom Jesus ; seu mais brilhante feito d'armas foi quando em 1638, depois de atravessar por terra, com André Vidal de Negreiros, Antonio Felipe Camarão, e cerca de trezentas praças, todo o territorio de Pernambuco occupado pelos Hollandezes, sustentando continuos e repetidos combates, appareceu repentinamente na Bahia, e cooperou muito para expellir os Hollandezes, que ali levára o principe Mauricio de Nassau, e que violentamente attacáram a cidade com 7800 homens. Tomou de assalto um forte, que recebeu d'ahi por diante o seu nome, e por cujo feito o premiou ElRei, fazendo-o fidalgo da sua casa, e commendador de Christo. Estava em 1640 na Bahia, quando chegou a noticia da revo-

lução portugueza. Governava o marquez de Montalvão. Suspeitando ElRei Dom João IV da sua lealdade, pela defecção dos seus dous filhos, que haviam abraçado o partido castelhano, escreveu reservadamente a Barbalho, a Lourenço Correia de Brito, e ao bispo, auctorisando-os a tomar as redeas do governo no caso em que recusasse-se o marquez a reconhecer a independencia de Portugal : si bem que se não desse este caso, entregou o jesuita Francisco de Vilhena as cartas que trouxera, e os tres nomeados prenderam todavia ao marquez, remetteram-no para Lisboa, e cumpriram a ordem regia. Chamou ElRei á côrte os dous primeiros para castiga-los; depois de algum tempo de prisão perdoou a Barbalho, que foi empregado em Portugal nas guerras contra Hespanha. Veio em 1643 para o Rio de Janeiro como governador da capitania. Falleceu porém no anno immediato, antes de findar o termo da sua nomeação. Fallam de suas façanhas os auctores hollandezes, e bem assim os livros genealogicos da nobreza pernambucana.

Manuel de Macedo, nascido em Pernambuco em 1603, descendente de familia distincta, foi tão grande prégador, que o honrava summamente a duquesa de Mantua, e o tinha por seu capellão. Quando teve logar a revolução portugueza de 1640, que elevou ao throno Dom João IV, e fez cahir o jugo hespanhol, foi Manuel do Desterro, pelas suas

relações com o governo da Hespanha, suspeito, preso em Lisboa, e desterrado para a India. Em attenção porém aos seus talentos, e á sua grande nomeada, o mandou Dom João IV pouco tempo depois regressar para Portugal, dando por findo o seu exilio. Arribou infelizmente em Angola o navio em que voltava, e ali falleceu elle em 1645. O conde da Ericeira Dom Luiz, Diogo Barbosa, e Frei Theodoro Monteiro, apreciam muito os seus sermões.

Frei Vicente do Salvador, nascido em 1605 na Bahia, pertenceu á ordem seraphica, e foi reputado um dos mais doutos socios d'ella. Escreveu a sua historia da provincia do Brazil, que não foi publicada, mas que é muito elogiada por Jorge Cardoso, Frei Agostinho Santa Maria, e Diogo Barbosa Machado.

Dom Agostinho Bezerra nasceu na Bahia em 1610 : foi varão de grande nome e virtudes selectas; primava pela philosophia, pela theologia e pela eloquencia do pulpito. Morreu bispo de Angra, depois de ter-lo sido de Ceuta.

João Fernandes Vieira nasceu na ilha de Madeira em 1613. Começou sua vida batendo-se corajosamente contra os Hollandezes em 1630, em defesa do forte de São Jorge de Olinda, aonde ficou prisioneiro e veio com elles para o Recife. Ligou-se

com os Hollandezes, enriqueceu-se, e chegou a ser rendeiro d'elles, quando á instigação de André Vidal de Negreiros, e perseguições dos Hollandezes contra a Egreja catholica, d'elles se separou, levando grandes auxilios de dinheiro e gente para o campo portuguez, e contribuindo muito para todas as victorias que déram em resultado em 1654 a expulsão d'aquelles do solo brazileiro, tomando a 27 de janeiro posse da cidade do Recife. Foi premiado por ElRei Dom João IV com grandes distincções, obtendo commendas e um logar no conselho de guerra, e pelo papa Innocencio X foi-lhe dado o titulo de restaurador da Egreja na America. Governou depois a capitania de Angola por tres annos, de 1658 a 1661, e morreu em Pernambuco, quando, acabando o seu tempo, regressou para esta cidade.

Bernardo Vieira Ravasco nasceu na Bahia em 1617, irmão do celebre padre Antonio Vieira, que na edade de sete annos veio de Lisboa com seus pais Christovam Vieira Ravasco e Dona Maria de Azevedo para a cidade da Bahia, aonde se estabeleceram. Seguio Vieira a carreira da predica; entrou para a Companhia de Jesus. Brilhou em toda a Europa, e no Brazil, aonde falleceu. Conservou-se Ravasco na Bahia, e ahi servio a principio no exercito, praticando como capitão de infantaria bellos feitos d'armas na defesa da cidade contra Mauricio de Nassau em 1638, e na da ilha de Itaparica contra

o general Segismundo : tendo ficado ferido, reformou-se, e exerceu depois o emprego de secretario de estado e guerra do governo, recebendo tambem as honras de uma commenda de Christo e a alcaidaria mór de Cabofrio, o que passou tudo por sua morte para seu filho mais velho Gonsalo Ravasco. Lograva bastante influencia no Brazil a sua familia, e especialmente Bernardo Vieira. Por motivo de desavenças que com elle teve em 1682 o governador Antonio de Souza Menezes, recusando-se o secretario a obedecer-lhe quando quiz suspender o regimento da administração, foi Ravasco obrigado a esconder-se no reconcavo para escapar da prisão a que o mandou recolher o governador. Revogando-se porém a ordem, regressou Ravasco para o seu emprego, e o governador pessoalmente o prendeu em occasião em que o exercia, a pretexto de que com seu filho e irmão o pretendia assassinar. Quando teve noticia ElRei Dom Pedro II d'este acontecimento, mandou que fosse syndicado, e em resultado deu por acabado o tempo do governador, e condemnou Ravasco a uma pena de prisão, que elle cumprio, voltando depois ao exercicio de seu emprego. Era homem generoso e affavel. Compoz excellentes poesias em portuguez e castelhano, as quáes foram muito admiradas pelos seus contemporaneos e publicáram-se em quatro tomos. Escreveu tambem a descripção topographica, ecclesiastica, civil e natural do estado do Brazil, cujo manuscripto vio o

abbade Diogo Barbosa, e que muito elogia. Falleceu em 20 de julho de 1697 dous dias depois da morte de seu irmão, com quem vivera sempre em grande intimidade. Está sepultado no convento do Carmo.

Antonio de Sá, afamadissimo prégador, e reputado pelo proprio Antonio Vieira de modo que dizia que não fazia falta no pulpito quando o occupava Antonio de Sá, nasceu no Rio de Janeiro em 1627. Era no seu tempo appellidado o Principe da oratoria ecclesiastica. Entrou para a Companhia de Jesus na edade de doze annos, e n'ella educou-se e estudou. Empregou-se muito tempo em Roma como secretario do geral dos Jesuitas, cargo que sómente se dava aos mais instruidos dos socios. Voltou para Lisboa, foi prégador regio, e era muito estimado pela côrte. Ha impressos alguns sermões seus, que, pela dicção apurada e selectos conceitos, merecem a fama que lográram no seu tempo. Um exemplar dos de cinza, quaresma e passos possúe a Bibliotheca fluminense do Rio de Janeiro. Na edade de cincoenta annos voltou para o Brazil, renunciando aos applausos, admiração e respeito, que grangeára em Portugal, e dedicou-se á catechisação dos gentios. Morreu em 1678 no Rio de Janeiro.

Padre Francisco de Souza nasceu na Bahia em 1628, e falleceu em Goa em 1713. Foi um jesuita

celebre, theologo excellente, e optimo chronista. Contém importantes noções sobre o Brazil a sua obra intitulada *Oriente conquistado*, publicada em Lisboa em 1710, e que demonstra os seus raros talentos.

Diogo Gomes Carneiro nasceu em 1628 no Rio de Janeiro. Foi secretario do marquez de Aguiar, e pelos seus talentos e licção historica nomeou-o ElRei chronista geral do Brazil com a pensão annual de 300,000 reis. Morreu em Lisboa em 1676, deixando varias obras litterarias e historicas incompletas.

Eusebio de Mattos nasceu na Bahia em 1629. Foi primeiramente jesuita e educou-se e estudou nas aulas da Companhia. Deixou porém o Instituto, e passou-se para o convento dos Carmelitas. Leccionou philosophia, theologia e moral por muitos annos. É um dos maiores talentos que tem produzido o Brazil, por que a muita licção historica, a muitos conhecimentos scientificos, e a grande sciencia theologica e philosophica reunio um gosto apurado de artista, que muito o distingue. Foi musico, pintor, prégador, e poeta latino e portuguez de bastante merito. Dizia o padre Antonio Vieira que Deus se apostára em fazer a Eusebio de Mattos grande em tudo, e o não fôra mais por não querer: ainda hoje podem-se lêr poesias suas de valor,

como o *Ecce Homo*, e varias outras inspirações sagradas, e bem assim sermões excellentes, que fazem-lhe muita honra. Era geralmente estimado pelas suas qualidades honestas e caracter sisudo, muito differente do de seu irmão, o celebre Gregorio de Mattos. Morreu na Bahia em 1692.

Agostinho Barbalho Bezerra seguio como seu pai o general Luiz Barbalho Bezerra a carreira das armas, em que logrou nome excellente, quer nas luctas de terra, quer na perseguição dos corsarios que infestavam as costas do Brazil. Nasceu em 1629 em Pernambuco. Estava no Rio de Janeiro quando levantou-se o povo contra o governador Salvador Correia de Sá e Benavides; foi nomeado governador interino. Recusando e temendo o povo, procurou asilo no convento de São Francisco. Lá foi procurado, e obrigado a aceitar. Si bem que o confirmasse Salvador Correia quando em São Paulo teve a noticia do acontecimento, e pretendeu pacificamente acalmar o motim popular, deixou todavia Barbalho o posto. Quando restabeleceu-se o governo de Salvador Correia, foi por este remettido com os auctores do levante para Lisboa. Reconhecendo porém ElRei a sua innocencia, permittio-lhe a volta para o Rio de Janeiro, e honrou-o com a doação da capitania de Santa Catharina. Pouco tempo depois foi nomeado administrador geral das minas. Falleceu em 1670.

Domingos Barbosa nasceu na Bahia em 1632. Pertenceu á Companhia de Jesus, e esteve em Roma como procurado geral da provincia do Brazil. Ganhou lá celebridade pelas suas poesias latinas, entre as quáes prima o seu poema ou cantata com o titulo *Passio Servatoris Jesu Christi*, na qual, diz o abbade Diogo Barbosa, acha-se reunida a elegancia do metro com a ternura do affecto. Morreu em 1685.

Gonsalo Soares da França nasceu no Espirito Santo em 1632. Escreveu em latim um poema intitulado *Brazilica*, ou *Descobrimento do Brazil*, e em portuguez varias poesias que tem distincto merecimento.

Martinho de Mesquita nasceu no Rio de Janeiro em 1633. Estudou em Roma; lá formou-se em canones e jurisprudencia civil, e tomou ordens sacras. Foi secretario do cardeal Barberini. Escreveu varias memorias e poesias em portuguez e latim, que foram muito appreciadas pelos seus contemporaneos.

Gonsalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque nasceu na Bahia em 1639, filho de Bernardo Vieira Ravasco, e sobrinho do padre Antonio Vieira. Distinguio-se como poeta escrevendo autos sacramentáes. Succedeu a seu pai no cargo de secretario do estado do Brazil, e foi alcaide mór de Cabofrio,

commendador de Christo, e fidalgo da casa real. Morreu em 1725.

MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA nasceu em 1639 na Bahia. Estudou na universidade de Coimbra jurisprudencia, e estabeleceu-se na sua patria como advogado. Morreu em 1711, deixando uma collecção de poesias com o titulo de *Musica do Parnaso*, dividida em quatro choros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas, e um descante comico reduzido a duas comedias, publicado em Lisboa no anno de 1705.

JACOB DE ANDRADE VELLOSINO nasceu em Pernambuco em 1639, descendente de familia hollandeza; passou-se para a Hollanda com seus pais, quando tiveram os seus ascendentes de abandonar Pernambuco. Viveu em Amsterdam, aonde ganhou celebridade como medico e naturalista. Lá publicou importantes memorias, e morreu em 1712.

PADRE ANTONIO PEREIRA, nascido em 1641 no Maranhão, foi jesuita afamado, theologo distincto, prégador de fama, e grande missionario. Escreveu varios tratados sobre as linguas dos gentios, e um vocabulario da lingua brazilica, que perfeitamente conhecia. Morreu em 1702 de uma frexada que lhe atiráram os gentios do Pará em occasião em que os procurava para catechisa-los.

Salvador de Mesquita nasceu em 1646 no Rio de Janeiro. Estudou em Roma, e foi afamado poeta latino, em cuja lingua prezou escrever sempre. Compoz um drama sacro com o titulo *Sacrificium Jephtæ*, que publicou em Roma e creou-lhe reputação. Falla com elogios Diogo Barbosa de tragedias que escrevêra Salvador de Mesquita, mas que não imprimira, e cujo merecimento attesta todavia por conhecimento proprio e leitura, que d'ellas teve. Cita entre outras como as melhores o *Demetrius*, *Perseus*, e *Prusias Bithyniæ*.

José da Natividade, nascido em 1646 no Rio de Janeiro, foi theologo muito afamado, e prégador distincto; morreu provincial do mosteiro de São Sebastião da Bahia em 1705.

Frei Christovam da Madre de Deus Luz pertenceu á ordem seraphica, da qual foi provincial e visitador. Passou por theologo profundo, e bom prégador. Nasceu no Rio de Janeiro em 1650, e falleceu em 1720, deixando varias memorias, e entre ellas as noticias do Brazil, que logram creditos de muito importantes, e que infelizmente se não publicáram.

Nuno Marques Pereira, nascido em 1652 na villa de Cayrú (Bahia), foi sujeito de saber, e theologo de consideração. Escreveu o *Compendio narrativo do peregrino na America*, publicado em Lisboa em 1718,

no qual deparam-se muitas noticias interessantes acerca do Brazil. Morreu em Lisboa pouco tempo depois da impressão da sua obra.

Frei Manuel do Desterro nasceu na Bahia em 1652; foi grande prégador e philosopho, custodio da seraphica provincia da Immaculada Conceição no Rio de Janeiro, e lente de theologia. Fallam do merecimento de seus sermões Frei Apolinario da Conceição, e o abbade Diogo Barbosa. Falleceu no convento de Macacú em 1706.

Gaspar Ribeiro Pereira, nascido no Rio de Janeiro em 1655, deixou memorias historicas acerca do Brazil, de que falla monsenhor Pizarro com muito elogio, mas que infelizmente se não publicáram.

João Mendes da Silva, advogado e jurisconsulto de fama do seu tempo, e poeta muito distincto, foi pai do infeliz poeta comico Antonio José da Silva. Nasceu João Mendes da Silva no Rio de Janeiro em 1656. Formou-se em Coimbra, e advogava no Rio de Janeiro, quando suspeita de judaismo a sua mulher Dona Lourença Coutinho, foi presa pelo tribunal da Inquisição, e remettida para o Santo Officio de Lisboa. Acompanhou-a João Mendes, levando comsigo o resto de sua familia. Em Lisboa estabeleceu-se como advogado, procurando sempre e inutilmente salvar a sua desditosa consorte. Falleceu em 1736

no meio de desgostos, havendo-lhe sido tambem preso o filho, que tanto amava, e que era suspeito de judaismo. Para não soffrer a mesma sorte e destino, procurava João Mendes da Silva fazer bem publicas demonstrações dos seus sentimentos religiosos. Primam as suas fabulas e poesias ligeiras sobre os hymnos sacros que escreveu, e o poema que dedicou a N. S. Jesus Christo.

José Borges de Barros nasceu na Bahia em 1659 : foi poeta estimado no seu tempo, theologo, vigario geral em Lisboa, e desembargador da Relação ecclesiastica. Era formado em theologia na universidade de Coimbra. Dava-se á composição de comedias. A unica que salvou-se do esquecimento, intitulada *Constancia e triumpho*, tem pouco merito.

Frei Antonio da Piedade, grande prégador e missionario elogiado por Frei Manuel de Sá e pelo abbade Diogo Barbosa, nasceu na Bahia em 1660. Foi lente de theologia no Maranhão, prior dos Carmelitas no Pará, governador, provisor e visitador em 1693.

Angelo dos Reis nasceu em 1664 na Bahia. Entrou em 1681 para a Companhia de Jesus, e foi discipulo do padre Antonio Vieira, que prezava muito os seus talentos e sciencia de philosopho, theologo e orador. Foi mestre de humanidades nos collegios da

Bahia e Rio de Janeiro; e socio supranumerario da Academia real da Historia portugueza. Morreu no sertão, empregado na catechese dos gentios, no anno de 1723

João de Brito Lima nasceu na Bahia em 1671 : teve grande nomeada de litterato e poeta : foi um dos fundadores da Academia litteraria que o conde de Sabugosa, vice-rei do Brazil, permittio que se estabelecesse na Bahia. Deixou varios poemas, entre elles um festivo, um elegiaco, um panegyrico, e um heroico de pouco valor e que intitulára *Cesaria*, e dedicára áquelle vice-rei. Morreu na pobreza e miseria.

Prudencio do Amaral, nascido em 1675 no Rio de Janeiro, foi jesuita muito celebrisado pela sua erudição e virtudes. Ganhou foros de grande theologo, litterato distincto, e poeta agradavel. Escreveu um poema intitulado *De opificio sacchario*, em versos heroicos latinos, no qual descreve o modo de construir-se e funccionar um engenho de assucar. Deixou diversas memorias historicas, e entre ellas os elogios dos bispos e arcebispos da Bahia, e um catalogo dos bispos do Brazil, que foram ambos publicados em Lisboa em 1710 e 1711.

João Soares Franca, nascido na Bahia em 1676, seguio a carreira das armas, e chegou ao posto de

mestre de campo. Deu baixa e entrou para a vida ecclesiastica. Deixou sonetos e poesias de algum merecimento.

Simão Alvares, jesuita afamado, nasceu em 1682 em Santos (São Paulo). Era irmão de Alexandre de Gusmão, e muito afamado como philosopho, prégador e theologo.

Frei Francisco Xavier de Santa Theresa nasceu na Bahia em 12 de março de 1686. Foi grande orador sagrado, e poeta distincto. Estudou com os jesuitas, preferio porém entrar para a ordem de Santo Antonio, em Sergipe, de onde passou-se para Pernambuco, e d'ahi para a ilha da Madeira, a fim de leccionar theologia. Foi enviado pela sua ordem para Londres, e de lá percorreu a França, a Hollanda, parte da Allemanha, e regressou para Portugal. Embarcou-se em 1712 na frota que Dom João V, a instancias do papa Clemente XI, expedio contra os Turcos, a libertar a ilha de Corfú. Assistio ao combate naval do archipelago em 1717, e perdeu uma perna com um tiro de bala. Voltando para Portugal, exerceu os cargos de penitenciario geral da ordem seraphica, de examinador das tres ordens militares, e do priorado do Crato, e de consultor da Bulla da Cruzada. Seus sermões grangeáram-lhe tão vasta nomeada, que foi academico do numero da Academia real da Historia portugueza, e dos Arcades de Roma,

com o nome de Elledio. Fallava diversas linguas, e escreveu varias memorias e poesias elogiadas por Diogo Barbosa e varios outros contemporaneos : entre as suas composições nota-se a tragicomedia do martyrio de Santa Felicidade e seus filhos. Morreu em Lisboa em 1737.

Luiz Botelho do Rosario, carmelita distincto, nasceu em Pernambuco em 1695. Doutorou-se em theologia em Coimbra; foi socio do capitulo geral da sua ordem celebrado em Ferrara em 1726 e chronista especial d'ella; logrou fama de grande prégador; foi primeiro definidor residente dos estudos, presidente do capitulo da ordem do Carmo, e qualificador de Santo Officio.

José Pereira de Santa Anna nasceu no Rio de Janeiro em 1696 : pertenceu á ordem do Carmo, da qual foi chronista : passou por excellente theologo, e exerceu em Lisboa empregos de importancia. Deixou varias memorias, e uma excellente chronica da sua ordem, impressa em Lisboa em 1745.

Além dos Brazileiros que deixámos lembrados brilháram no seculo XVII outros, que primáram tambem na eloquencia, na theologia e nas lettras, e cujos nomes seria clamorosa injustica esquecer.

1° Frei Theotonio da Ascensão, nascido em 1631 no Rio de Janeiro, conego regente de Santo Agostinho de Coimbra.

2° Frei Antonio da Silva, nascido em 1639 na Bahia, benedictino.

3° Frei Ruperto de Jesus, nascido em 1644 em Pernambuco, benedictino.

4° Padre Lourenço Ribeiro, jesuita, nascido em Sergipe em 1648.

5° Padre Domingos Ramos, jesuita, nascido na Bahia em 1653, lente de theologia, procurador da sua ordem em Roma, fallecido em 1728.

6° Frei Ignacio Ramos, carmelita, nascido na Bahia em 1658.

7° Frei Manuel da Madre de Deus Bulhões, nascido na Bahia em 1663, prior dos Carmelitas, definidor geral em Roma, provincial, e examinador synodal.

8° Padre Sebastião do Valle Pontes, nascido na Bahia em 1663, doutor em theologia e vigario geral.

9° Padre João Calmon, nascido na Bahia em 1668, e fallecido em 1737. Estudou preparatorios com os Jesuitas, e doutorou-se na universidade de Coimbra; foi commissario do Santo Officio e da bulla da Cruzada, desembargador da Relação ecclesiastica, e promotor do Synodo.

10° Frei Felicianno de Mello, carmelita, nascido em Pernambuco em 1679.

11° Frei João de Seixas, nascido no Rio de Janeiro em 1681, da mesma ordem, e que tanto brilhou em Roma pelos seus talentos que o S. papa Clemente XII o nomeou bispo de Areopoli.

12° Frei Matheus da Encarnação Pinna, nascido no Rio de Janeiro em 1687, benedictino.

13° Frei Antonio de Nossa Senhora, do Carmo, nascido na Bahia em 1689.

14° Padre Valentim Mendes, jesuita, nascido na Bahia em 1689.

15° Frei Miguel de São Francisco, nascido no Rio de Janeiro em 1689, da ordem seraphica da Immaculada Conceição.

16° Padre João Honorato, jesuita, nascido na Bahia em 1690.

17° Frei Patricio de Santa Maria, irmão de Alexandre de Gusmão, da ordem de São Francisco, nascido em 1690 em Santos (São Paulo).

18° Frei João da Nunciação Campelli, nascido em 1691 em Pernambuco, carmelita.

19° Frei Sebastião Moreira Godoy, nascido em São Paulo em 1691, tambem carmelita.

20° José de Oliveira Serpa, nascido na Bahia em 1696, carmelita.

21° Padre Vasco Fernandes Coutinho, nascido na Bahia em 1696, jesuita.

22° Padre Antonio Pereira da Camara, nascido em 1697 na Bahia, da Companhia de Jesus.

23° Padre Caetano Dias de Figueredo, nascido na Bahia em 1697, jesuita.

24° Frei Manuel Angelo de Almeida, carmelita, nascido na Bahia em 1697.

SECULO XVIII.

IGNACIO RODRIGUES, irmão de Alexandre de Gusmão, nascido em Santos (São Paulo) em 1700, foi um jesuita celebrisado pelos seus talentos e grande sciencia.

FREI ANTONIO DE SANTA MARIA nasceu no Rio de Janeiro em 1700 : foi lente de theologia, e prégador afamado do seu tempo. Compoz o sermonario de diversas festividades muito elogiado por todos os contemporaneos. Pertencia á ordem seraphica.

SIMÃO PEREIRA DE SÁ, nascido no Rio de Janeiro em 1701, foi um jesuita celebre. Formou-se em canones e theologia na universidade de Coimbra. Deixou varias memorias interessantes entre as quáes avultam a *topographica e bellica da Colonia do Sacramento*, e as *Noticias chronologicas do bispado do Rio de Janeiro.*

JOSÉ PIRES DE CARVALHO ALBUQUERQUE, de uma familia nobre da Bahia, ali nasceu em 1701 : foi bacharel em canones, capitão mór de Maragogipe, secretario de estado do governo do Brazil, e poeta muito estimado. Publicou em 1757 um poema á Conceição de Nossa Senhora, que encerra algumas bellezas notaveis.

Frei João Alvares de Santa Maria, irmão de Alexandre de Gusmão, nasceu em Santos em 1703 : foi carmelita, e primou como prégador, philosopho e theologo.

Mathias Ayres Ramos da Silva Eça nasceu em São Paulo em 1705 : formado em philosophia na universidade de Coimbra, foi grande naturalista. Morreu em Lisboa provedor da casa da moeda.

Ignacio Manuel da Costa Mascarenhas, formado em theologia em Coimbra, e vigario da freguezia da candellaria no Rio de Janeiro, teve reputação de prégador excellente e philosopho instruido. Nasceu no Rio de Janeiro em 1705.

Frei Ignacio da Conceição, carmelita, prégador, theologo e philosopho distincto do seu tempo, nasceu no Pará em 1706.

Frei Manuel da Santa Ritta de Itaparica, distincto poeta, e auctor do poema *Eustachidos*, ou *Vida de Santo Eustachio*, que tem excellentes descripções. Nasceu na Bahia em 1706.

João de Mello, nascido em Pernambuco em 1706, foi um jesuita illustre pela sua erudição, serviços e lettras. Escreveu poesias em portuguez e passou por grande poeta latino, sendo reputado na

opinião de Diogo Barbosa e de outros pela pureza da lingua e gosto apurado.

ANTONIO DA COSTA foi um jesuita muito instrùido, e prégador distincto da Companhia. Nasceu na Bahia em 1716.

MIGUEL LUIZ TEIXEIRA nasceu em 1717 na Bahia, e adquirio grande fama em Lisboa, aonde viveu, de prégador e philosopho : ensinou theologia, e pertencia á Companhia de Jesus.

ANTONIO DE SANTA MARIA DE JABOATÃO, nascido em Pernambuco, na villa d'este nome, em 1718; pertenceu á ordem seraphica, e foi um ornamento d'ella pela sua erudição. Foi eleito seu chronista, e escreveu *o Orbe seraphico*, que é obra de muito merito, e do qual foi sómente publicada a primeira parte : o manuscripto da segunda parte parece que pára no Instituto historico e geographico brazileiro.

MANUEL RODRIGUES CORREIA DE LACERDA, prégador distincto, e grande theologo, nasceu em Pernambuco em 1719.

PADRE CAETANO LOPES PEREIRA, jesuita celebre, foi tambem grande prégador, e theologo profundo : nasceu no Rio de Janeiro em 1721.

PADRE FRANCISCO DE ALMEIDA, da Companhia de Jesus, nascido na Bahia em 1721, foi auctor de muitas poesias estimadas no seu tempo, e que compoz nas linguas portugueza e latina; escreveu um poema em versos heroicos latinos, intitulado *Orpheus Brazilicus*, em honra do veneravel padre José de Anchietta.

JOÃO PEREIRA RAMOS DE AZEREDO COUTINHO, irmão do bispo de Coimbra Dom Francisco de Lemos. Nasceu em Marapicú, termo do Iguassú, provincia do Rio de Janeiro, em 1722. Depois de formado em leis pela universidade de Coimbra, seguio a carreira da magistratura em Portugal. Ligou-se estreitamente com o marquez de Pombal, que o nomeou um dos reformadores da universidade de Coimbra, quando meditou esta grande providencia, e escolheu uma commissão para executa-la. Foi procurador da Corôa e soberania nacional, desembargador do paço, ministro da junta do exame do estado e melhoramento temporal das ordens regulares, e chronista mór da Torre do Tombo. Passava por grande litterato, jurisconsulto distincto, e politico de valor. Com a morte de Dom José I, e demissão do marquez de Pombal, perdeu grande parte do seu valimento, por que nunca o abandonou, ainda mesmo exilado nas suas terras. Mas não podia o governo de Dona Maria I deixar de lado, e por muito tempo, habilitações como as de João Pereira Ramos, que recon-

quistou a sua importancia, e teve entrada no conselho dos ministros. Morreu em Lisboa em 1799.

Manuel de Macedo, nascido na colonia do Sacramento em 1726, foi jesuita celebrisado pela sua erudição e talentos. Gozou em Portugal de fama de litterato, poeta, e prégador distincto e eloquente. Professou theologia em Lisboa e em Coimbra, em cuja universidade se doutorára. Morreu em Lisboa em 1790, deixando impressos varios sermões importantes e diversos elogios historicos.

Manuel José Cherem nasceu no Rio de Janeiro em 1729, e foi poeta e litterato de muita nomeada.

Dom Thomaz da Encarnação, nascido na Bahia em 1728, foi bispo em Portugal, e muito reputado pelas suas virtudes e erudição. Escreveu uma excellente *Historia ecclesiastica*, que se publicou em Coimbra em quatro volumes. O marquez de Pombal o prezava e consultava muito.

Pedro Taques de Almeida Alvim nasceu em São Paulo em 1729 : é auctor de memorias sobre o estado e a historia d'esta capitania, que provam immenso saber e gosto.

Frei Gaspar da Madre de Deus nasceu em 1730 em Santos (São Paulo). Era socio supranumerario

da Academia real de sciencias de Lisboa. Escreveu a memoria para a Historia da capitania de São Vicente, que, apesar do seu titulo modesto, é uma das obras mais importantes para a historia e geographia do Brazil. Publicou-a a Academia real de sciencias, á qual a dedicou elle. Morreu em 1804.

CLEMENTE DE LEMOS DE AZEREDO COUTINHO nasceu em Marapicú (provincia do Rio de Janeiro) em 1731; é irmão do bispo de Coimbra, Dom Francisco de Lemos. Distinguio-se como militar de conhecimentos e pericia. Governou a provincia do Maranhão. Morreu em Lisboa em 1774.

DOM JOSÉ JOAQUIM JUSTINIANNO CASTELLO BRANCO, bispo do Rio de Janeiro, e varão de immenso saber e virtudes, nasceu no Rio de Janeiro em 1731. Doutorou-se em theologia na universidade de Coimbra. Gozou fama de bom prégador e philosopho erudito. Foi nomeado bispo de Tipassa, e posteriormente do Rio de Janeiro, aonde importantissimos serviços prestou á Egreja e ás suas ovelhas.

IGNACIO DE ANDRADE SOUTO MAIOR RENDON, nascido em Marapicú (Rio de Janeiro) em 1733, era irmão do bispo de Coimbra, Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho. Fez importantes descobrimentos mineralogicos, e passava por muito distincto naturalista. Falleceu em 1815.

Domingos Caldas Barbosa nasceu na Bahia em 1738: foi poeta satyrico e abundante, e logrou nomeada estensa em Lisboa, aonde residio sempre. Morreu em 1800. Foi uma lucta constante a sua vida: vivia em guerra com quasi todos os poetas seus contemporaneos. Tão excellente improvisador era, que o chamavam para suas casas os primeiros fidalgos de Portugal, para que improvisasse nos saráos sobre motivos dados repentinamente, o que fazia de modo que eram os seus versos admirados sempre pelo chiste e graça de que abundavam.

Antonio Caetano Villas Boas, irmão de José Basilio da Gama, e nascido em São João d'ElRei, em Minas, em 1738, foi um prégador de nome, e litterato distincto.

José Marianno da Conceição Velloso nasceu em Minas em 1742. Pertenceu á ordem seraphica, e foi grande naturalista, bom prégador, e lente de philosophia e rhetorica. Esteve emprègado pelo vice-rei Luiz de Vasconcellos em pesquisas de botanica, e escreveu a *Flora fluminense*, que é um verdadeiro monumento de erudição. A Academia real de sciencias de Lisboa começou a publica-la nos ultimos annos do seculo XVIII. Ao primeiro imperador do Brazil cabe a gloria de fazer concluir em Pariz a sua impressão em 1825. Classificou mais de tres mil plantas seguindo o systema de Linneo. Publicou ainda em

1799 diversas memorias, sendo *a Quinographia brazilica* e *o Fazendeiro cultivador do Brazil* das mais importantes.

Antonio Pires da Silva Pontes, nascido em Minas em 1743; foi astronomo afamado, e esteve empregado com o doutor Francisco José de Lacerda e o engenheiro Ricardo de Almeida Serra nas explorações do interior do Brazil.

João Pereira da Silva foi conego da Sé do Rio de Janeiro, professor de rhetorica e philosophia, e poeta muito distincto: o seu cantico ao carnaval prima entre varias poesias. Nasceu no Rio de Janeiro em 1743.

Manuel Cardoso de Abreu nasceu em São Paulo em 1745, e foi um excellente chronista da sua provincia.

Bartholomeu Antonio Cordovil nasceu no Rio de Janeiro em 1746; foi poeta de grande talento e gosto. Andam pelo Parnaso brazileiro espalhadas muitas poesias suas, e entre ellas o dithyrambo ás nymphas goyannas, que demonstram a fecundidade da sua imaginação.

Antonio Mendes Bordalo nasceu no Rio de Janeiro em 1750. Formou-se em leis na universidade de

Coimbra, exerceu a advocacia em Lisboa, e foi muito conceituado e afamado como jurisconsulto e poeta. Deixou varias poesias de merecimento; morreu em 1806.

Domingos Vidal Barbosa, formado em medicina pela faculdade de Pariz, nasceu no Rio de Janeiro em 1751. Voltando para a sua terra natal, foi grandemente considerado pela sua erudição scientifica, e pelo seu gosto poetico. Compoz algumas odes excellentes; prima entre ellas a que dedicou a Affonso de Albuquerque. Concorrendo com Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, na tentativa de levantamento de 1788, foi preso, condemnado a desterro perpetuo para a costa d'Africa, para lá conduzido, e lá acabou os seus dias.

Manuel de Arruda Camara nasceu em 1752 em Pernambuco, estudou medicina na faculdade de Montpellier, em França, e gozou fama de muito versado nas sciencias medicas e naturáes. Escreveu memorias importantes sobre a botanica, e sobre uma especie de algodão, que no interior de Pernambuco descobrira, e que assemelha-se ao que chamam os Chinas de nankim. Pertenceu á Academia real de sciencias de Lisboa, e costumava appresentar-lhe os seus trabalhos, que acham-se publicados na collecção das suas interessantes memorias.

Manuel Ayres de Casal nasceu em 1754 : não sabemos em que logar do Brazil. Foi presbytero secular do grão priorado do Crato. É o auctor da melhor corographia que possue o Brazil, e que foi publicada em dous volumes : mostra esta obra a sua immensa licção historica, e o seu gosto apurado.

Alexandre Rodrigues Ferreira nasceu na Bahia em 1756, um dos mais doutos naturalistas que honrou Portugal. Doutorou-se em Coimbra, teve uma cadeira na universidade, e por proposta d'esta viajou o sertão do Brazil, por ordem do governo portuguez : navegou os rios Amazonas, Branco, Madeira, Guaporé e Mamoré. Foi membro da Academia real de sciencias de Lisboa, que publicou na collecção de suas memorias varios trabalhos importantes de Ferreira. Falleceu em Lisboa em 1815, servindo o emprego de official da secretaria da marinha, e de encarregado da administração do real gabinete de historia natural : ultimamente fez a Academia relacionar por um dos seus dignos socios todas as obras scientificas d'este naturalista, e espanta a lista pela immensidade de objectos sobre que escreveu. Parte d'ellas logrou já publicidade; existem manuscriptas porém ainda muitas outras que não merecem menor attenção. Morreu pobre, quasi na miseria. Além de memorias sobre os mineráes, animáes e plantas americanas, escreveu acerca das nações e usos dos gentios do Brazil.

José Arouche de Toledo Rendon, nascido em São Paulo, em 1756, descendia de excellente familia. Formou-se em direito civil em Coimbra, foi advogado, e servio cargos diversos de magistratura em São Paulo. Deixou a profissão das lettras pelas armas, que eram a sua paixão. Estabeleceu em sua casa aulas para o estudo theorico das manobras de cavallaria e infantaria de milicias, de que fôra commandante. Chegou ao posto de tenente general pelos seus serviços tanto militares, como prestados em importantes commissões que lhe haviam sido incumbidas, e que soube desempenhar satisfactoriamente. Tomou parte na independencia do Brazil; foi deputado á Assembléa constituinte, e o primeiro director do curso juridico de São Paulo, um dos fundadores da fabrica de ferro de Ipanema, e dos primeiros cultivadores do chá. Deixou memorias interessantes sobre as raças dos gentios do Brazil, e morreu em 1834.

João da Silva Feijó nasceu no Rio de Janeiro em 1760. Foi um distincto naturalista e excellente botanico : servio por muitos annos o logar de secretario do governo de Cabo Verde : pertenceu á Academia real de sciencias de Lisboa, e escreveu muitas memorias de merecimento, que se publicáram na sua collecção.

Balthasar da Silva Lisboa, irmão do visconde

de Cayrú, nasceu na Bahia em 1761. Logo depois de estudar preparatorios na sua patria seguio para Portugal e tomou o grau de bacharel em leis na universidade de Coimbra. Servio diversos logares de juiz de fóra e ouvidor na Bahia e Rio de Janeiro. Nesta ultima cidade foi muito perseguido pelo vicerei conde de Rezende, que o prendeu, mas não pode domar-lhe a independencia e o coração. Morreu em 1844 desembargador da relação. Deixou muitos escriptos historicos, e os *Annaes do Rio de Janeiro*, que são dignos de ser consultados pelas noticias miudas que do Brazil offerecem.

Joaquim Francisco de Oliveira, conhecido pelo nome de irmão Joaquim, nasceu em Santa Catharina em 1761. Creou o hospital da caridade na sua ilha, fundou a egreja de Santa Anna no Rio de Janeiro, e o seminario de Jacuecanga em Angra. Foi um dos homens mais virtuosos, e que mais se desveláram em favor de asylos de caridade e de orphãos. Espalhou immensos beneficios por todo o Brazil; morreu em 1826 em Marselha.

José Ferreira Cardoso nasceu na Bahia em 1761. Foi poeta latino de gosto e litterato de reputação merecida. Compoz o poema intitulado *Tripoli*, que traduzio na lingua portugueza Manuel Maria Barbosa du Bocage, e que é admirado pela louçania da linguagem e elevação do pensamento.

José Vieira do Couto nasceu em 1762 no Rio de Janeiro : foi litterato illustre, e mathematico muito distincto de Portugal, tendo sido lente na universidade de Coimbra : suspeito de franc-maçon, foi exilado para a ilha Terceira, nos Açôres, e ahi falleceu em 1811.

Manuel Ferreira da Camara Bittancourt e Sá nasceu em Minas em 1762 : formou-se em philosophia na universidade de Coimbra. Por conta do governo portuguez viajou quasi toda a Europa com José Bonifacio de Andrada e Silva : foi naturalista distincto; publicou em varias revistas allemães importantes memorias sobre o chumbo e a prata, e deixou no norte da Europa uma bella nomeada de seus talentos e erudição scientifica, especialmente em mineralogia. Voltando para Lisboa, entrou para á Academia real de sciencias, e fez publicar na collecção de memorias d'esta sabia corporação trabalhos sobre o carvão de pedra, o linho, o canhamo, e varios outros objectos : imprimio tambem um estudo sobre a comarca dos Ilheos da Bahia. Pertenceu a grande numero de academias scientificas da Europa, e entretinha relações com muitos sabios, seus contemporaneos. Foi mandado de Lisboa para Minas a fim de tomar conta da direcção das minas de ouro e diamantes, com o titulo de intendente geral. Estabeleceu-se na provincia de Minas, conservando por muitos annos este emprego. Tomou parte na

independencia do Brazil; foi deputado á sua primeira assembléa, e morreu senador do imperio.

Frei Leandro do Sacramento, nascido em 1762 no Rio de Janeiro, foi um distincto naturalista e grande botanico, elogiado por Balbi e Augusto de Saint-Hilaire : pertencia á ordem dos Carmelitas : era formado em Coimbra na faculdade de philosophia.

Luiz Paulino Pinto da França, nascido na Bahia em 1764, foi muito distincto guerreiro em Portugal : chegou ao posto de marechal do campo : valerosamente combatteu contra os Francezes, e escreveu admiraveis poesias, entre as quáes prima o seu soneto sobre o tumulo de Affonso Henriques, em Coimbra, e que começa :

A teus pés, fundador da monarchia, etc.

Morreu em Lisboa em 1826.

José Eloy Ottoni nasceu no Serro do Frio (Minas Geráes) em 1764. Foi um poeta distincto, que deixou muitos versos admiraveis, além das bellas traducções dos Psalmos. Morreu no Rio de Janeiro em 1841. Vivia modesta e retiradamente, occupando um emprego publico secundario.

Vicente Coelho de Seabra, nascido em Minas em

1765, formou-se em philosophia na universidade de Coimbra, e adquirio fama de varão muito versado nas sciencias physicas e naturáes. Escreveu e publicou em 1790 os *Elementos de chimica* em dous volumes, e diversas memorias acerca do calor e da fermentação. Pertenceu á Academia real de sciencias de Lisboa, e offereceu-lhe uma memoria sobre a nomenclatura chimica, que ella fez publicar na sua collecção. Morreu lente da universidade em 1804.

Francisco Vilella Barbosa, marquez de Paranaguá, nasceu no Rio de Janeiro em 1769; estudou mathematicas na universidade de Coimbra e foi lente do collegio dos Nobres : publicou varias memorias scientificas, e um tratado de geometria : foi, além d'isto, poeta de gosto e inspirações felizes que primam pela suavidade do estylo, e grandeza da elocução; ganhára grande reputação em Portugal, e tinha bastante importancia ali, quando, sabendo da independencia do Brazil, regressou para a sua patria. Foi conselheiro de estado, ministro de estado nos reinados do primeiro e segundo imperador, e falleceu em 1847 senador do imperio. Era socio da Academia real de sciencias de Lisboa.

Antonio Nola nasceu no Rio de Janeiro em 1771 : foi mathematico e naturalista distincto. Falleceu em Coimbra, lente da universidade.

Marianno José Pereira da Fonseca, marquez de Maricá, auctor de maximas e pensamentos que rivalisam com os melhores de Vauvenargues e de la Rochefoucauld : foi um grande litterato, philosopho profundo, e moralista excellente. Nasceu no Rio de Janeiro em 1773. Tomou na universidade de Coimbra o grau de bacharel em leis : occupou cargos de magistratura em Portugal, e depois estabeleceu-se no Rio de Janeiro advogando. Passava por abalisado jurisconsulto. Foi um dos auctores e signatarios da constituição politica do Brazil, deputado, senador do imperio, ministro de estado do primeiro imperador e conselheiro de estado. Morreu em 1848. Publicou em vida uma collecção de suas maximas moráes e politicas, que prima pelo estylo e elevação do pensamento.

José da Natividade Saldanha nasceu em Pernambuco em 1773. Tomando parte na sedição de 1817, fugio para os Estados-Unidos e lá morreu, sem mais revêr a sua patria. Foi litterato de gosto fino, e poeta brilhante. São geralmente conhecidas e apreciadas as odes que escreveu em honra dos herões pernambucanos que combatteram os Hollandezes no seculo XVII.

Hipolito José da Costa Pereira nasceu na colonia do Sacramento em 13 de agosto de 1774. Estudou preparatorios no Rio de Janeiro, formou-se em

leis na universidade de Coimbra. Foi mandado pelo governo portuguez visitar os Estados-Unidos da America do Norte, e estudar o cultivo do algodão, anil e canna. Voltando para Lisboa no fim de alguns annos, e appresentando ao ministro Dom Rodrigo de Souza Coutinho os relatorios da viagem, foi nomeado director litterario da junta administrativa da impressão regia; e logo depois mandado para uma commissão scientifica em Londres. No seu regresso, foi preso pela inquisição, e apprehendidos todos os seus papeis, resultando d'ahi a perda de muitos que tinham importancia. Dos carceres do Santo Officio conseguio evadir-se, e salvar-se em Londres, aonde estabeleceu-se, vivendo de dar licções de linguas estrangeiras, em que era versado, e de traduzir noticias para os periodicos, até que em 1807 começou a publicação do *Correio brasiliense*, que rendia-lhe sufficientemente para manter-se com decencia. Esta revista mensal, e algumas memorias que publicou, entre as quáes prima a que versa sobre a cultura dos Estados-Unidos, bastou para manifestar os seus elevados talentos e instrucção. Concorreu com os seus escriptos para a independencia do Brazil, e foi por isso dignamente galardoado pelo primeiro imperador com honras e uma pensão pecuniaria. Morreu em 1823 em Londres.

ANTONIO DE MORÁES E SILVA, o auctor do grande e do primeiro diccionario da lingua portugueza, que

ainda é acatado hoje pelas academias scientificas, e pelos mais doutos escriptores e litteratos, nasceu no Rio de Janeiro em 1777. Formou-se em leis na universidade de Coimbra, advogou ao principio em Lisboa, e passou-se depois para a carreira de magistrado, tendo servido diversos logares em Portugal. Veio para o Brazil no cargo de desembargador aggravista da Relação de Bahia, em 1812. Tendo tido questões com o chanceller, abandonou o emprego, aposentou-se e retirou-se para um engenho que possuia na provincia de Pernambuco. Quando teve logar a revolução de 1817, foi Antonio de Moráes nomeado pelo povo para membro do governo provisorio. Nada porém ambicionava elle que não fossem e o descanso e o retiro : vivia sómente para os trabalhos ruráes. Recusou por tanto a eleição, e não tomou parte no movimento. Morreu em 1825 soffrendo symptomas de amolecimento de cerebro. Além do Diccionario, escreveu uma grammatica e varias memorias litterarias, e traduzio em excellente linguagem uma historia de Portugal, originariamente escripta em inglez.

José Felicianno Fernandes Pinheiro, visconde de São Leopoldo, nasceu em Santos (São Paulo) em 1778, formou-se em leis na universidade de Coimbra, e servio em Portugal diversos logares de magistratura. Pertenceu á Academia real de sciencias de Lisboa, e ganhou nome publicando trabalhos

scientificos origináes e traduzidos sobre a cultura e melhoramento interno do reino, e da America e Indias occidentáes. Sendo nomeado deputado pela provincia de São Paulo á Assembléa constituinte de Portugal, tomou assento em côrtes. Não acompanhou porém a Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, Cyprianno Barata, Lino Coutinho, e outros, que se evadiram de Portugal para a Inglaterra, quando decidio a maioria das côrtes annular os actos do principe regente do Brazil, faze-lo retirar para Lisboa, e obrigar o Brazil a curvar-se ao jugo colonial. Entendeu o visconde de São Leopoldo que não podia abandonar o seu posto, e apenas cumpria-lhe protestar contra os actos da maioria, deixando aos seus committentes aquilatar o seu comportamento. Quando porém respondeu o Brazil a estes actos, proclamando a sua independencia, abandonou Portugal São Leopoldo, e regressou para o Brazil a unir-se aos seus compatriotas : foi conselheiro de estado e ministro durante o reinado do primeiro imperador. Morreu senador do imperio em 1846. Coadjuvou muito ao conego Januario da Cunha Barbosa na fundação do Instituto historico e geographico brazileiro, do qual foi o primeiro presidente, e concorreu para varias outras associações litterarias e scientificas. Publicou memorias historicas e litterarias de subido valor a respeito dos limites do imperio, e escreveu os *Annáes da provincia do Rio Grande do Sul,* que é o sen maior titulo de gloria.

Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, pertencente á ordem seraphica, foi um dos maiores e mais eloquentes prégadores da lingua portugueza. Nasceu no Rio de Janeiro em 1778. Litterato politico, cooperou para a independencia do Brazil, fazendo-se notavel pelos seus escriptos e pelos seus discursos nos clubs : acompanhou o partido liberal de José Bonifacio de Andrada e Silva. Falleceu em 1830.

Domingos Borges de Barros, visconde da Pedra Branca, nasceu na Bahia em 1783. Formou-se em leis na universidade de Coimbra, e na sua patria exerceu logares de magistratura. Foi diplomata brazileiro, conselheiro, e senador do imperio : é um dos mais suaves poetas da lingua portugueza : primam suas lyras pelo selecto do pensamento e harmonia da phrase. Falleceu em 1855.

Januario da Cunha Barbosa, conego da capella imperial, e prégador e litterato afamado, nasceu no Rio de Janeiro em 1785. Cooperou muito para a independencia do Brazil, e foi perseguido pelo ministerio dos Andradas, apenas ella realisada. É um dos homens a quem mais devem as lettras brazileiras. Compoz muitas lindas poesias, e entre ellas o bello poema de *Nictheroy*; escreveu artigos importantes litterarios e politicos para os periodicos e revistas do tempo. Creou o Instituto historico e geographico bra-

zileiro, e muitas outras associações importantes. Foi deputado á Assembléa geral por diversas vêzes; pertenceu a muitas sociedades litterarias da Europa, e exerceu immensa influencia na litteratura do seu tempo, que animava e promovia com todo o zelo e dedicação. Morreu em 1846.

Paulo José de Mello Azevedo e Brito, poeta distincto, formado em leis pela universidade de Coimbra, e magistrado de excellentes qualidades, nasceu na Bahia em 1786. Foi tambem homem politico, occupou varios empregos importantes de administração, e falleceu senador do imperio em 1846.

Diogo Arouche de Moráes Lara, nascido em São Paulo em 1789, foi um militar distincto pela sua coragem e pela sua illustração. Pertencia as melhores familias de São Paulo; estudou mathematicas, a alistou-se na artilharia da legião dos voluntarios reáes. Chamado para os campos do sul a combater contra os inimigos da patria, dava constantemente provas do seu merito elevado : teve grande parte na victoria de Catalan, em 1816, e escreveu sobre ella uma memoria de valor. Morreu de uma balla em combate contra Artigas em 1819, diante da antiga reducção gentia de São Nicolau, pretendendo o coronel Arouche com seis centos homens apoderar-se da missão, que estava occupado por aquelle caudilho com mais de mil e duzentos.

NOTAS

PARA UMA BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA.

NOTAS

PARA UMA BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA.

SECULO XVI.

Carta de Vaz Caminha a ElRei Dom Manuel sobre o descobrimento do Brazil, escripta em 1500 do Porto Seguro. Impressa pela primeira vêz por Manuel Ayres do Casal na sua Corographia, em 1812, Rio de Janeiro.

Navegação de Pedro Alvares Cabral, por um piloto portuguez; publicada pela primeira vêz na collecção de Simão Grinneo, em 1532, Veneza.

Carta de mestre João a ElRei Dom Manuel, datada do 1° de maio de 1500, de Porto Seguro; impressa pela primeira vêz pelo Instituto historico e geographico brazileiro em 1840.

Duas cartas de Americo Vespucci sobre suas viagens ao Brazil em 1501 e 1503; publicada pela primeira vêz na collecção de viagens de Ramusio, em Veneza, 1550.

Carta de João Empoli, impressa pela primeira vêz pela Academia real de sciencias de Lisboa, em 1813.

Pigafetta, *Primo viaggio intorno al globo terracqueo negli anni* 1519-1522; impresso pela primeira vêz em Milão em 1800, por Carlos Amoretti.

Pero Lopes de Sousa, *Roteiro da viagem de Martim Affonso de Souza,* em 1531; impresso pela primeira vêz em 1836 pela Academia real de sciencias de Lisboa.

Petrus Martyr, *De orbe novo;* Madrid, 1536.

Ramusio, *Raccolta delle navigazioni e viaggi*; Veneza, de 1550 em diante.

Gomará, *Historia de las Indias*; Sevilha, 1552.

Antonio Galvão, *Tratado dos descobrimentos*; Lisboa, 1552.

Castanheda, *Historia do descobrimento e conquista da India*; Coimbra, 1552.

João de Barros, *Decadas*; Lisboa, 1553.

Cabeça de Vacca, *Relação, naufragios e viagens*; Valhadolid, 1555.

Guillaume le Testu, *le Postulant*; Pariz, 1555.

Jean Temporal, *Collection de voyages*; Lyon, 1556.

Carta de Antonio Blasquez, datada de Bahia de 1557, impressa pela primeira vêz pelo Instituto historico e geographico brazileiro em 1840.

Hans-Stadt, *Véritable histoire et description d'un pays d'hommes sauvages et inconnus*; Hamburgo, 1557.

Villegaignon, *Copie de quelques lettres*; Pariz, 1557.

Pauw, *Recherches philosophiques sur les Américains*, Pariz, 1558.

Thevet, *France antarctique*; Pariz, 1558.

Histoire des choses mémorables advenues en la terre du Brésil sous le gouvernement de Villegaignon; Pariz, 1561.

Brief recueil de l'affliction et dispersion de l'église des fidèles au pays du Brésil; Paris, 1561.

Bento Teixeira Pinto, *Relação do naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo de Pernambuco em* 1565: foi sómente impressa na *Historia tragica maritima*; Lisboa, 1601.

Oviedo, *Relatione della navigatione per il grandissimo fiume Maragnon*; impresso na collecção de Ramusio em 1565.

Damião de Goes, *Chronica d'ElRei Dom Manuel*; Lisboa, 1566.

Schmidel, *Vera historia*, etc.; Francfort, 1567.

Jeronimo Osorio, *De rebus Emmanuelis*, etc.; Lisboa, 1571.

Girolamo Benzoni, *Istoria del mondo nuovo;* Veneza, 1572.

Henrici Francisci, *Epistola de XII sociis pro catholica fide interfectis in mare brasilico;* Napoles, 1572.

Gandavo, *Historia da provincia de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brazil;* Lisboa, 1576.

Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil;* Ruão, 1578.

André de Teive, *Istoria dell' India e America ditta altramente Francia antartica;* Veneza, 1584.

Gabriel Soares, *Roteiro geral e descripção da Costa do Brazil, escripto em* 1587 : foi sómente publicado em 1816 pela Academia real de sciencias de Lisboa.

Fernão Cardim, *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Bahia desde* 1583 *até* 1590 : impressa sómente em 1847 em Lisboa.

Retour de Notre-Dame, accompagné du Saint François et du Bon Jésus de Vianne en Portugal, qui est arrivé du Brésil à Clavelly; Londres, 1592.

Pedro de Mariz, *Dialogos de varia historia;* Coimbra, 1594.

José de Anchietta, *Epistolæ quamplurimarum rerum naturalium,* etc., sómente impressa pela Academia real de sciencias de Lisboa em 1812.—*Arte da grammatica da lingua mais usada na costa do Brazil,* impressa em Coimbra em 1595. —*Cartas ao geral,* sómente impressas de 1848 em diante pelo Instituto historico e geographico brazileiro.

Manuel da Nobrega, Antonio Pires, etc., *Cartas do Brazil para o geral e o provincial dos Jesuitas:* impressas sómente de 1848 em diante pelo Instituto historico e geographico brazileiro.

De Bry, *Collectiones peregrinationum in Indiam orientalem et Indiam occidentalem;* Francfort, 1596.

Lettres du Japon et du Brésil envoyées au général des jésuites; Pariz, 1598.

Pedro Rodriguez, *Anno do Brazil;* Lisboa, 1598.

SECULO XVII.

Fernando de Enciça, *Abridged description of the river of Amazone and of the countries thereabout*; Londres, 1600.

Antonio Herrera, *Historia general de los hechos de los Castellanos en las Indias occidentales*; Madrid, 1601.

Barco Centenero, *La Argentina*; Lisboa, 1602.

San Roman, *Historia general de la India oriental y de los descobrimientos y conquistas que han hecho las armas de Portugal en el Brasil*; Valhadolid, 1603.

Fernando Guerrero, *Relação annual das cousas que fizeram os PP. da Companhia de Jesus na India e Brazil*; Lisboa, 1605.

Garcia, *Origen de los Indios del nuevo mundo e Indias occidentales*; Valença, 1607.

Jarrick, *Histoire des voyages et choses plus mémorables des Portugais*; Bordeos, 1607.

Hugues de Linschott, *Navigation au Brésil*; Amsterdam, 1609.

Francisco de Andrade, *Chronica d'ElRei Dom João III*; Lisboa, 1613.

Claude d'Abbeville, *Histoire de la mission des Capucins dans l'île de Maragnon*; Pariz, 1614.

Jeronimo de Albuquerque, *Jornada do Maranhão em* 1614; impressa sómente em 1812 pela Academia real de sciencias de Lisboa.

Piral de Javal, *Voyages aux Indes orientales et au Brésil*; Pariz, 1615.

Ives d'Evreux, *Histoire des choses plus mémorables advenues au Maragnon ès années* 1613 *et* 1614; Pariz, 1615.

Diogo do Campo, *Jornada ao Maranhão em* 1615; Lisboa, 1615.

Jean Mocquet, *Voyages en Afrique, Asie, Indes orientales et occidentales, depuis* 1601; Pariz, 1616.

Sebastião Beretario, *Josephi Anchiettæ vita*; Colonia, 1617.

Padre Antonio, *Cathecismo na lingua brazilica composto a modo de dialogos por padres doutos e boas linguas da Companhia de Jesus*; Lisboa, 1618.

Mariana, *Historia de España*; Madrid, 1623.

J. B., *Simple et véritable histoire du départ d'une flotte de Hollande pour les côtes du Brésil*; Rotterdam, 1623.

Manuel de Figueredo, *Exame de pilotos com os roteiros de Portugal ao Brazil*; Lisboa, 1624.

Simão Estaço da Silveira, *Relação das cousas do Maranhão*; Lisboa, 1624.

Barbuda, *Empresas militares dos Lusitanos*; Lisboa, 1624.

Davis, *Description of the river Amazones*; Londres, 1625.

Bartholomeu Guerreiro, *Jornada dos Portuguezes á restauração da Bahia*; Lisboa, 1625.

João de Medeiros Correia, *Relação da restauração da Bahia*; Lisboa, 1625. — E mais a *Relação da tomada do Recife, Itamaracá e Parahyba*; impressa em Lisboa, 1654.

Lieuwe van Aitezema, *Historie ofte verhael van saken en oorlogh in ende omtrent des Vereenigte Niederlanden van* 1621; Amsterdam, 1626.

Aldenburgh, *Voyages aux Indes et description de la conquête de Salvador*; Coburgo, 1627.

Pedro Simon, *Noticias historiales de las conquistas de tierra en las Indias occidentales*; Cuenca, 1627.

Lettere annue de l'Etiopia, Brasile, etc.; Roma, 1627.

Tamayo Vargas, *Restauracion de la ciudad del Salvador*; Madrid, 1628.

Witteleschi, *Histoire de ce qui s'est passé en Éthiopie, Chine et Brésil*; Pariz, 1628.

Baers, *Olinda ghelegen in 't land van Brasil;* Amsterdam, 1630.

Louck, *Veroveringh van de stadt Olinda ghelegen in de capitania van Phernambuco*, etc., Amsterdam, 1630.

Weerdenburch, *Oorspronckelijke missive van Ho. M. Heeren Staaten Generael, noopende de veroveringhe van de stadt Olinda de Fernambuco met al hare forten;* Amsterdam, 1630.

Frei Paulo do Rosario, *Relação breve e verdadeira da memoravel victoria que houve o capitão mór da capitania da Parahyba dos rebeldes da Hollanda;* Lisboa, 1632.

Luiz Figueira, *Da lingua geral do Brazil;* Lisboa, 1632.

Joannes de Laet, *Novus orbis, seu descriptio, etc.;* Amsterdam, 1633.

Historie ofte Inerlijck Verhael van de verrichtinghen der Gesetroijeerde West Indische Compagnie; Leyde, 1644.

Hurtado de Mendoza, *Memorial á el rey pidiendo remedio contra los excesos que se comiten en el Brasil;* Madrid, 1638.

Duran, *Relation des insignes progrès de la religion chrétienne faits au Paraguay, Brésil, etc.;* Pariz, 1638.

Antonio Ruiz de Montoya, *Tesoro de la lengua guarani;* Madrid, 1632.— *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Jesus en las provincias del Paraguay, Uruguay, Paraná y Pape;* Madrid, 1639. — *Arte de la lengua guarani;* impressa em Madrid, no anno de 1639.

Ontdeckinghe van Rijckde Mijnem in Brasil; Amsterdam, 1639.

Bernardo Muñoz, *Relacion verdadera de la gran victoria que han hecho las armas castellanas en el sitio del Brasil en* 1638; Madrid, 1639.

Relacion nueva y verdadera de los felices successos que ha hecho el señor Don Fernando de Mascarenhas; Madrid, 1640.

Gueten, *Briefve relation de l'état de Phernambucq dédiée à*

l'Assemblée des XIX de la très-noble Compagnie des Indes occidentales; Amsterdam, 1640.

Acunha, *Nuevo descobrimiento del gran rio de las Amazonas;* Madrid, 1641.

Relacion de los successos de la flota contra los Holandeses, siendo general de ella Don Jerónimo de Sandoval; Madrid, 1641.

Francisco de Andrade Leitão, *Discurso politico sobre se haver de largar a corôa de Portugal Angola, São Thomé, e o Maranhão, exclamado aos Altos Estados da Hollanda;* Lisboa, 1642.

Treguas entre ElRei Dom João IV e os Estados das Provincias-Unidas; Lisboa, 1642.

Teixeira, *Viagem pelo Amazonas em* 1637, 1638 *e* 1639; Lisboa, 1643.

Emmanuel van Metteren, *Commentarien ofte memorien van der Nederlandschen Stadt;* Amsterdam, 1647.

Leis, provisões e ordens regias para o estado do Maranhão e Pará; Lisboa, de 1647 em diante.

Barlæus, *Rerum per octennium in Brasilia;* Amsterdam, 1648.

Marggrafius, *Historia rerum naturalium Brasiliæ;* Amsterdam, 1648.

E. de Moraes, *Dictionariolum nominum et verborum linguæ Brasiliensis maxime communis;* Amsterdam, 1648.

Piso, *De medicina Brasiliense;* Amsterdam, 1648.

Manuel Callado, *Valeroso Lucideno;* Lisboa, 1648.

Raphael de Jesus, *Castrioto lusitano;* Lisboa, 1649.

Padre Antonio Vieira, Cartas publicadas em Lisboa de 1649 em diante. — Sermões *item.*

Pierre Moreau, *Histoire des derniers troubles du Brésil;* Pariz, 1651.

Roulox Baro, *Relation du voyage au Brésil en* 1647; Paris, 1651.

Morisot, *Remarques sur le voyage de Roulox Baro au pays des Tappuyes;* Pariz, 1651.

Mathias Van der Broeck, *Journal des choses qu'il a vues lui-même, et de ce qui s'est véritablement passé depuis le commencement de la révolte des Portugais à Phernambucq;* Amsterdam, 1651.

Albuquerque, *Memorias diarias de la guerra del Brasil desde* 1630; Madrid, 1654.

Francisco Barretto, *Relação diaria do sitio e tomada da forte praça do Recife;* Lisboa, 1654.

Aigremont, *Relations des voyages des Français faits au cap du Nord, en Amérique;* Pariz, 1654.

Pagan, *Description historique et géographique de la grande contrée et rivière des Amazones;* Pariz, 1655.

Jacob Rabbi, *Relation des Tappuyes;* Pariz, 1655.

Pelleprat, *Relation des mémoires de la Compagnie de Jésus dans l'Amérique méridionale;* Pariz, 1655.

Antonius Thisius, *Historia navalis in mare Brasilico;* Lyon, 1657.

Simão de Vasconcellos, *Vida do padre José de Anchietta;* Lisboa, 1658. — *Vida do padre João de Almeida;* Lisboa, 1658. — *Chronica da Companhia de Jesus no estado do Brazil;* Lisboa, 1663. — *Noticias necessarias e curiosas das cousas do Brazil;* Lisboa, 1668.

Francisco Manuel de Mello, *Epanaphoras de varia historia;* Lisboa, 1560. — *Relação dos successos da armada que a companhia geral do commercio expedio ao estado do Brazil em* 1649, Lisboa, 1660.

Don Francisco de Charque, *Vida apostolica del venerable padre Joseph Cataldino;* Saragoça, 1664.

Maffée, *Histoire des Indes orientales et occidentales;* Paris, 1665.

Antonius a Macedo, *Vita patris Joannis Almeidæ;* Padua, 1669.

Aitzema, *Historie ofte verhael van saken van staet en oorlogh, in ende omtrent de Vereenigde Nederlanden van* 1621-1668; Amsterdam, 1669.

Rapport exact de l'étendue du pays situé en Amérique, qui s'étend entre l'Orénoque et l'Amazone; Francfort, 1663.

Arnoldus Montanus, *Die niewe en onbekende wereld ofte beschryving van America en 't Zuidland;* Amsterdam, 1671.

John Gilby, *America;* Londres, 1671.

Nicolau del Techo, *Paraquariæ historia;* Lião, 1673.

Francisco de Brito Freire, *Nova Lusitania;* Lisboa, 1675; — *Relação que fez a armada da Companhia do Brazil;* Lisboa, 1675.

Balthasar Telles, *Chronica da Companhia de Jesus em Portugal e no Brazil;* Lisboa, 1679.

Conde de Ericeyra, *Historia de Portugal restaurado;* Lisboa, 1679.

Noticia y justificacion del titulo con que se fundó la nueva colonia del Sacramento; Madrid, em 1680.

Don Luiz Cerdeño y Monzon, *Manifiesto legal en defensa del derecho del rey sobre la situacion de la nueva colonia del Sacramento;* Madrid, em 1680.

Autos de las conferencias de los consejeros de las coronas de Castilla y Portugal (duque de Jovesano, duque de Cardaval, marquez da Frontera, etc.); Madrid, em 1681.

Luiz Figueira, *Arte da grammatica da lingua do Brazil;* Lisboa, 1681.

Nieuhoff, *Mémorable voyage au Brésil par mer et par terre;* Amsterdam, em 1682.

Leevens en daaden der Doorlinchtigste Zeehelden; Amsterdam, em 1683.

Nicolau Jan Wooght, *Flambeau de la mer, voyages au Brésil,* etc.; Amsterdam, em 1684.

Pieter Boor, *Historie der Nederlanden Oorlogen;* Amsterdam, 1684.

Manuel Rodrigues, *El Marañon y el Amazonas*; Madrid, 1684.

Padre Antonio de Araujo, *Cathecismo brazilico*; Lisboa, em 1686.

João Ferreira da Rosa, *Tratado unico da constituição pestilencial de Pernambuco*; Lisboa, 1694.

San Giuseppe, *Istoria delle guerre degli Ollandesi nel Brasile*; Roma, 1697.

Mamiomi, *Cathecismo de doutrina christãe na lingua brazilica*; Lisboa, 1698.

Manuel Pimentel, *Arte pratica de navegar, e roteiro das viagens, e costas do Brazil e Guiné*; Lisboa, em 1699.

Resposta de Roque Monteiro Paim ao embaixador de França M. de Rouillé sobre as terras do Cabo do Norte em 1622; sómente impresso pelo Instituto historico e geographico brazileiro em 1846.

SECULO XVIII.

Genner, *Relation d'un voyage fait en* 1695, 1696 *et* 1697 *au Brésil*; Pariz, 1700.

Relandi, *Dissertationes miscellaneæ*; Colonia, 1706.

Antonio José Antonil, *Cultura e opulencia do Brazil*; Lisboa, 1711.

José Freire Monteiro Mascarenhas, *Prios conquistados*; Lisboa, 1716.

Wiquefort, *Histoire des Provinces-Unies*; Haya, 1719.

Arcebispo Dom Sebastião Monteiro da Vide, *Catalogo dos bispos que teve o Brazil*; Coimbra, 1720. — *Constituições do arcebispado da Bahia*; Coimbra, 1720.

Sousa, *Catalogo dos arcebispos da Bahia*; Lisboa, 1721.

Neuville, *Lettre qui traite du fleuve des Amazones*; Pariz, 1722.

Correal, *Voyages aux Indes occidentales;* Amsterdam, 1722.

Torquemada, *Monarquia indiana;* Madrid, 1723.

Laffiteau, *Mœurs des sauvages américains;* Pariz, 1724. — *Histoire des voyages et conquêtes des Portugais;* Pariz, 1733.

Le Gentil, *Nouveau voyage autour du monde, Chili, Brésil,* etc.; Pariz, 1725.

Roggers, *Voyages au Brésil,* etc.; Amsterdam, 1726.

Fernandes, *Historia de los Chiquitos y Amazonas;* Madrid, 1726.

La Barbinais, *Voyages autour du monde, Brésil,* etc.; Pariz, 1728.

Frézier, *Reis-Beschryving door de Zuid-Zee langs de Kunsten van Chile, Peru, und Brasil;* Amsterdam, 1728.

Sebastião da Rocha Pitta, *Historia da America portugueza;* Lisboa, 1730.

F. A. da Conceição, *Princesa seraphica na região da America;* Lisboa, 1733.

Oliveira, *Mémoires historiques, politiques, etc., concernant le Portugal et toutes ses dépendances;* Haya, 1743.

Père Beauvais, *La vie du V. père Ignace d'Azevedo;* Pariz, 1744.

Condamine, *Voyage par la rivière des Amazones;* Pariz, 1745.

Historie der Reisen zu Wasser und zu Lande; Leipsic, 1747.

Berredo, *Annáes do estado de Maranhão;* Lisboa, 1749.

João Gonsalves Fonseca, *Navegação até a boca do rio Madeira em* 1749 : sómente impressa em 1812 pela Academia real de sciencias de Lisboa.

Waguenaar, *Vaderlansche Historie;* Amsterdam, 1749.

Simão Marques, *Brasilia Pontificia;* Lisboa, 1749.

Jurado y Requena, *Historia de las demarcaciones de límites en la América entre los dominios de España y Portugal en* 1750 : sómente impresso em Montevideu em 1846.

Tratado de limites entre as corôas de Hespanha e Portugal em 1750; Lisboa, 1750.

Antonio Pedro de Vasconcellos, *Analyse do tratado de limites de* 1750; Lisboa, 1750.

Alexandre de Gusmão, *Reparos sobre as disposições da lei de* 3 *de dezembro de* 1750 *que estabeleceu novo imposto para a cobrança do quinto no Brazil. — Resposta e reflexões contra o que escreveu o brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos sobre o tratado de limites de* 1750; Lisboa, em 1751.

Dom Antonio Rolim, *Relação da viagem que fez em* 1751 *de São Paulo para Cuyabá :* sómente impressa em 1845 pelo Instituto historico e geographico brazileiro.

Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca lusitana;* Lisboa, 1752.

Manuel da Fonseca, *Vida de Belxior de Pontes;* Lisboa, 1752.

Ulloa, *Voyage historique dans l'Amérique méridionale ;* Pariz, 1752. — *Mémoires historiques concernant la découverte de l'Amérique;* Pariz, 1787.

J. Borges de Barros, *Relação panegirica;* Lisboa, 1753.

Instituição da Companhia geral do Maranhão e Grão Pará; Lisboa, 1755.

Duguay-Trouin, *Mémoires;* Pariz, 1756.

Francisco Reis, *Paraguariæ provincia cum adjacentibus novissima descriptio;* Madrid, 1756.

Charlevoix, *Histoire du Paraguay;* Pariz, em 1757.

Muratori, *Christianismo felice;* Madrid, em 1757.

Rodrigues da Cunha, *Diario da expedição de Gomes Freire de Andrade :* sómente impresso em 1850 pelo Instituto historico e geographico brazileiro.

Instituição da Companhia geral de Pernambuco e Parahyba; impresso em Lisboa em 1759.

Simão Pereira de Sá, *Jubilos da America;* Lisboa, 1760. — *Historia topographica e bellica da colonia do Sacramento;* Lisboa, 1761.

Antonio de Santa Maria de Jaboatão, *Orbe seraphico;* Lisboa, 1761.

Viagem e visita ao Sertão do Grão Pará em 1762 *e* 1763 *pelo bispo Dom João de José :* sómente impressa em 1847 pelo Instituto historico e geographico brazileiro.

Anson, *Voyages autour du monde, Brésil;* etc.; Pariz, 1764.

Nuno Marques Pereira, *Compendio do peregrino da America;* Lisboa, 1765.

Histoire de Nicolas Ier, roi des Mameluks et empereur du Paraguay; 1766 : ignora-se aonde foi impressa; a designação de São Paulo na folha é evidentemente falsa.

William Burke, *Histoire des colonies européennes en Amérique;* Pariz, 1767.

Huron, *Histoire générale de l'Amérique;* Pariz, 1768.

Jacob Hartsinck, *Beschryving van Guyana ofte de wilde kuste in Zuid-America;* Amsterdam, 1770.

Raynal, *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce dans les deux Indes;* Pariz, 1770.

F. H. da Veiga e Sampaio, *Diario da viagem que fez ao Rio Negro em* 1774, etc. : sómente impresso em 1825 pela Academia real de sciencias de Lisboa.

Respuesta á la memoria que presentó en 16 *de enero de* 1776 *el excelentísimo señor Don Francisco de Sousa Coutinho sobre los límites de la América meridional;* Madrid, 1777.

Tratado preliminar de paz e limites na America meridional do 1° *de outubro de* 1777 *entre as corôas de Portugal e Hespanha;* Lisboa, 1777.

Capellen-Gedenschriften, Utrecht, 1777.

Robertson, *History of America;* Londres, 1777.

Pedro Taques de Almeida Paes, *Historia da capitania de São Vicente em* 1777 : sómente impressa em 1847 pelo Instituto historico e geographico brazileiro.

Lusac, *Hollands Rykdom;* Leyde, 1780.

Échavari, *Histoire du Paraguay sous les Jésuites;* Amsterdam, 1780.

Santa Ritta Durão, *Caramurú;* Lisboa, 1781.

Braun, *Viagem ao Amazonas em* 1784 : sómente publicado em Lisboa em 1826.

Pedro Cudenas, *Description of Brazil;* Londres, 1785.

Gottlieb von Murr, *Reisen einiger Missionnarien der Gesellschaft Jesu in America;* Nuremberg, 1785.

Basilio da Gama, *Uruguay;* 1786.

Carli, *Lettres américaines;* Pariz, 1788.

Gonsalves da Fonseca, *Navegação feita do Grão Pará até a boca do rio Madeira em* 1789. Publicada sómente no quarto tomo das *Noticias ultramarinas da Academia real de sciencias de Lisboa* em 1815.

Bibliotheca americana, or a chronological catalogue of the most curious and interesting books, etc.; Londres, 1789.

Alexandre Rodrigues Ferreira, *Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte pela coroa de Portugal;* Lisboa, 1792. — *Prospecto da cidade de Belém e Miscellania historica para o explicar;* Lisboa, 1793. — *Noticia historica da ilha de Joannes.* — *Memoria sobre a marinha interior do estado do Grão Pará.* — *Extracto do diario da viagem philosophica.* — *Tratado historico do Rio Branco;* 1795. — *Relação circumstanciada do rio Madeira e seus territorios;* 1796. — E muitas outras importantissimas memorias, cuja lista publicou o doutor Costa e Sá, por ordem da Academia real de sciencias de Lisboa em 1838.

José Marianno da Conceição Velloso, *Quinographia ou collecção de varias memorias sobre vinte e dous especies de quina do Brazil;* Lisboa, 1793. — *Fazendeiro cultivador do Brazil;* Lisboa, 1794. — *Flora brasiliensis.* Foi começada a impressão pela Academia real de sciencias de Lisboa em 1799, e concluida em Pariz em 1825. — *Aviario brazilico;* sómente publicado em Lisboa em 1800.

Malouet, *Voyages dans les forêts de la Guyane française et rives de l'Amazone.* Publicado sómente em 1853 pelo senhor F. Denis.

Smith Barton, *New views of the origin of the tribes and nations of America;* Philadelphia, 1795.

Mentelle, *Mémoires sur les limites entre les possessions françaises et portugaises à la Guyane et Para;* Pariz, 1796.

Frei Gaspar da Madre de Deus, *Memoria sobre a capitania de São Vicente;* Lisboa, 1797.

Ricardo Franco de Almeida, *Descripção geographica da provincia de Matto-Grosso em* 1797; sómente publicada em 1851 pelo Instituto historico e geographico brazileiro.

Padre João Daniel, *Thesouro do maximo rio das Amazonas;* sómente impresso pelo Instituto historico e geographico brazileiro em 1840.

José Arouche de Toledo Rendon, *Memoria sobre as aldeias dos Indios da provincia de São Paulo em* 1798; sómente impressa em 1841 pelo Instituto historico e geographico brazileiro.

SECULO XIX ATÉ 1850.

Hervas, *Catálogo de las lenguas;* Madrid, 1800.

Krusenstern, *Reise in die Welt;* Leipsic, 1805.

Lindley, *Voyage to Brazil;* Londres, 1805.

Depons, *Voyage dans l'Amérique méridionale;* Pariz, 1806.

Gabriel Ribeiro de Almeida, *Memoria da tomadia dos sete povos dos missões em* 1806; publicada sómente pelo Instituto historico e geographico brazileiro em 1841.

Leziansky, *Voyage autour du monde;* Pariz, 1807.

La Richarderie, *Bibliothèque des voyages;* Pariz, 1808.

Lobo da Silveira, *Skirzza von Brasilien;* Stockolmo, 1808.

José da Silva Lisboa, *Observações sobre a abertura dos portos do Brazil;* Rio de Janeiro, 1808. — *Observações sobre a*

franqueza das fabricas e industria; Rio de Janeiro, 1810. — *Refutação das declamações contra o commercio inglez;* Rio de Janeiro, 1810. — *Memorias economicas e politicas desde* 1810 até 1830. — *Roteiro brazilico,* 1822. — *Historia dos principáes acontecimentos do Brazil;* Rio de Janeiro, 1825.

Azara, *Voyages dans l'Amérique méridionale;* Pariz, 1809.

Arruda Camara, *Memoria sobre o algudão de Pernambuco;* Lisboa, 1810. — *Memoria sobre a capitania dos Ilheos;* Lisboa, 1814.

Vater, *Untersuchungen über Amerika's Bevölkerung;* Francfort, 1810.

Silva Belfort, *Roteiro da cidade do Maranhão ao Rio de Janeiro;* Rio de Janeiro, 1810.

Camara Bittancourt, *Dissertação sobre as plantas do Brazil que podem dar linhos;* Lisboa, 1810.

Bispo d'Elvas, *Memoria sobre minas de ferro;* Lisboa, 1810. — Varias outras memorias de 1811 em diante. — *Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias;* Lisboa, 1816.

Southey, *History of Brazil;* Londres, 1810.

Ribeiro dos Santos, *Memoria sobre a typographia em Portugal e no Brazil;* Lisboa, 1810.

Andrew Grant, *Histoire du Brésil;* São Petersburgo, 1811.

Investigador portuguez; desde 1811 em Londres.

Oliveira Bartos, *Roteiro da cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará pelo rio Tocantins;* Rio de Janeiro, 1811.

Memorias da Academia real de sciencias de Lisboa de 1812 em diante.

Correio brasiliense, de 1812 em diante; Londres.

Antonio Alcedo, *Geographical and historical dictionary of America;* Londres, 1812.

Humboldt, *Tableau physique des Andes;* Pariz, 1814. — *Voyages aux régions équinoxiales;* Pariz, 1815.

Elms, *Voyage dans l'Amérique méridionale*, Pariz, 1815.

Mawe, *Voyages in Brazil*; Londres, 1815.

Funez, *Ensayo de la historia civil del Paraguay*; Buenos-Ayres, 1816.

Beauchamp, *Histoire du Brésil*; Pariz, 1817. — *Réfutation de l'écrit Coup d'œil sur l'état politique du Brésil*; Pariz, 1825.

Luiz Gonsales dos Santos, *Memorias historicas*; Rio de Janeiro, de 1817 em diante.

Ayres do Casal, *Corographia brazilica*; Rio de Janeiro, 1817.

Erschwege-Jornal von Brasilien; Weimar, 1818. — *Plut. brasiliensis*, 1819. — *Beiträge zur Gebirgskunde brasiliens*, 1813. — *Brasilien die neue Welt*, Braunschwig, 1824. — *Geognostische gemälde von Brasilien*; Weimar, 1828.

Carneiro da Silva, *Memoria topographica e historica sobre os campos dos Goytacases*; Rio de Janeiro, 1819.

Brakenridge, *Voyage to South-America*; Baltimore, 1819.

Koster, *Voyages to Brazil*; Londres, 1819.

Morse, *The American universal Geography*; Charlestown, 1819.

John Luccok, *Notes on Rio de Janeiro*; Londres, 1820.

Tolenar, *Notes dominicales prises pendant un voyage au Brésil en* 1816, 1817 et 1818; Pariz, 1820.

João Rodrigues de Brito, *Cartas economico-politicas sobre a agricultura e commercio da Bahia*; Lisboa, 1820.

Araujo Pizarro, *Memorias historicas do Rio de Janeiro*; Rio de Janeiro, 1820.

Henderson, *History of Brazil*; Londres, 1821.

Araujo Carmeiro, *O Brazil e Portugal*; Lisboa, 1822.

Adrien Balbi, *Statistique du Portugal et Brésil*; Pariz, 1822. — *Atlas ethnographique*; Pariz, 1826.

Pereira do Lago, *Estatistica historica e geographica do Maranhão*; Lisboa, 1822.

Gayoso, *Memoria sobre o Maranhão;* Lisboa, 1822.

Velloso de Oliveira, *Melhoramento da provincia de São Paulo;* Rio de Janeiro, 1822.

A complete American Atlas historical, chronological and geographical, being a guide to the history of North and South America; Londres, 1822.

Labeaumelle, *Empire du Brésil;* Pariz, 1823.

Spix und Martins, *Reise nach Brasilien;* Munich, 1823. — *Abhandlung von dem Rechtszustande under den ureinwohnern Brasiliens;* Munich, 1832.

Ferdinand Denis, *Scènes sous les tropiques;* Paris, 1823.— *Résumé de la littérature du Portugal et du Brésil,* 1824. — *Histoire du Brésil, Paraguay,* etc.; Pariz, 1825. — *Le Brésil;* Pariz, 1825.— *Histoire du Brésil;* Pariz, 1847. — *Une fête brésilienne;* Pariz, 1848. — *Génie de la navigation;* Pariz, 1848, etc.

New-Neuwied, *Voyages au Brésil;* Pariz, 1824.

Davis, *Relation of Amazone;* Londres, 1824.

Feldner, *Reise nach Brasilien;* Francfort, 1824.

Miss Graham, *Journal of a voyage to Brazil;* Londres, 1824.

Jussieu et Saint-Hilaire, *Flora Brasiliæ meridionalis;* Pariz, 1824.

Schäffer, *Brasilien als unabhängiges Reich in historischer,* etc.; Altona, 1824.

Mathison, *Narrative of a visit to Brasil,* Londres, 1825.

São Leopoldo, *Annáes da provincia do Rio Grande do Sul;* Rio de Janeiro, 1825.

Warden, *Histoire du Brésil;* Paris, 1825.

Navarrete, *Coleccion de viages y descobrimientos;* Madrid, 1825.

Stevenson, *Relation of a voyage to Brazil;* Londres, 1825.

Roussin, *Le Pilote du Brésil;* Pariz, 1826.

Balthasar Lisboa, *Annáes do Rio de Janeiro;* Rio de Janeiro, 1826.

Monglave, *Correspondance de Dom Pedro Ier avec Dom Juan IV;* Pariz, 1826.

Rugendas, *Voyage pittoresque au Brésil;* Strasburgo, 1827.

Freissinet, *Voyages autour du monde;* Pariz, 1826.

Costa e Sá, *Memoria da serra que serve de limite ao Brazil pelo lado das Guyanas e Rio Branco;* Lisboa, 1827. — Varias memorias sobre o mesmo assumpto em 1842 e seguintes.

Gomez de Castro, *Catalogo dos bispos de Maranhão;* Maranhão, 1827.

Lebrecht, *Geschichte von Brasilien;* Gotha, 1827.

Feldner, *Reisen durch mehrere provinzen Brasiliens;* Liegnitz, 1828.

Pohl, *Reise nach Brasil;* Leipsic, 1829.

Munsch, *Geschichte von Brasilien;* Dresde, 1829.

Cullock, *Researches philosophical and antiquarian, concerning the aboriginal history of America;* Londres, 1829.

Delvincourt, *Viagem ao interior do Brazil;* Rio de Janeiro, 1830.

Walsch, *Notices of Brazil;* Londres, 1830.

Auguste de Saint-Hilaire, *Voyages dans les provinces de Rio et Minas;* Pariz, 1830; — *dans les districts des diamants;* 1833; — *dans la province de Goyaz;* 1837; — *dans la province de Saint-Paul;* 1848.

Engelberts Gerrits, *Gedenstuck van Neerlands heldendade ter zee;* Amsterdam, 1831.

Klaussen, *Notes géologiques sur la province de Minas Geraes;* Bruxelles, 1831.

Van Kampen, *De Nederlanders binten Europa;* Harlem, 1831.

Silva e Souza, *Memoria estatistica da provincia de Goyaz;* Rio de Janeiro, 1832.

Jouge, *Geschiedenis van het Nederlandsch Zee-Wezen;* Haya, 1833.

Accioli, *Corographia paraense;* Bahia, 1833. — *Memorias historicas e politicas da Bahia;* 1835. — *Descripção do Rio São Francisco,* 1846. — Varios opusculos.

Costa Pereira, *Diccionario topographico do imperio do Brazil;* Rio de Janeiro, 1834.

Debret, *Voyage pittoresque et historique au Brésil;* Pariz, 1834.

Arsène Isabelle, *Voyage à Buenos-Ayres, Portalegre, etc.;* Havre, 1835.

Poeppig, *Reise in Chile, Peru, und auf Amazonostrom;* Leipsic, 1835.

Cunha Mattos, *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão;* Rio de Janeiro, 1836.

Smith, *Narrative of a journey from Lima to Pará;* Londres, 1836.

Armitage, *History of Brazil;* Londres, 1836.

Valdez y Palacios, *Viagem de Cuzco ao Pará;* Rio de Janeiro, 1836.

Nictheroby, *Revista brazileira;* Pariz, 1836.

Penaud, *Voyage sur la côte méridionale de la Guyane française;* Pariz, 1836.

Ternaux-Compans, *Bibliothèque américaine;* Pariz, 1837. — *Voyages, relations, mémoires, etc.;* Pariz, 1837.

Atkins, *Voyage to Guinea and Brazil;* Londres, 1837.

Baena, *Compendio das Eras do Pará;* Pará, 1838.

Ensaio de um quadro estatistico da provincia de São Paulo; São Paulo, 1838.

Orbigny, *L'Homme américain;* Pariz, 1839. — *Voyages dans l'Amérique méridionale;* Pariz, 1845.

Taunay, *Manual do agricultor brazileiro;* Rio de Janeiro, 1839.

Revista nacional e estrangeira; Rio de Janeiro, 1839 e 1840.

Constancio, *Historia do Brazil;* Pariz, 1839.

Dujarday, *Conquêtes des Portugais;* Pariz, 1839.

Nicolau Dreis, *Noticia descriptiva da provincia do Rio Grande do Sul;* Rio de Janeiro, 1839.

Reynaud, *Mémoire sur la partie de la Guyane qui s'étend entre l'Oyapock et l'Amazone;* Pariz, 1840.

Veeghens-Leven van Joan Mauritz graaf van Nassau Siegen; Harlem, 1840.

Revista do Instituto historico e geographico brazileiro; Rio de Janeiro, de 1840 em diante.

Kerkallet, *Instruction pour attérir et naviguer sur la côte septentrionale du Brésil;* publicado nos *Annáes maritimos* de 1841, Pariz.

Frei Francisco de São Luiz, *Indice chronologico das viagens;* Lisboa, 1841.

J. de Mendoza, *Nueva descripcion del rio Marañon;* Madrid, 1841.

Pereira da Silva, *Parnaso brazileiro, historia da litteratura brazileira;* Rio de Janeiro, 1842.—*Plutarco brazileiro,* 1847.

Pissis, *Mémoire sur la position géographique des terrains de la partie centrale du Brésil;* Pariz, 1842.

Van Lede, *De la colonisation au Brésil;* Bruxelles, 1843.

Pedro de Angelis, *Coleccion de documentos, etc.;* Buenos-Ayres, de 1843 em diante.

Abreu e Lima, *Resumo da historia do Brazil;* Rio de Janeiro, 1843. — *Sinopses da historia do Brazil;* Pernambuco, 1844.

Tardy de Montravel, *Exploration du fleuve Amazone depuis Para jusqu'à Obydos;* Pariz, 1844.

Kenvilly, *Essais sur les délimitations de la Guyane française et du Brésil;* Pariz, 1844.

Belloc, *Histoire de l'Amérique;* Pariz, 1844.

Wedel, *Voyage dans la Bolivie;* Pariz, 1844.

Sigaud, *Du climat et des maladies du Brésil;* Pariz, 1844.

Fernandes Gama, *Memorias historicas de Pernambuco;* Recife, 1844.

Ostensor brazileiro; Rio de Janeiro, 1845.

Gardner, *Travels in the interior of Brazil;* Londres, 1845.

Pazos, *Navigation sur le fleuve des Amazones;* Bruxelles, 1845. — *Projet d'une navigation à vapeur sur la rivière des Amazones;* Bruxelles, 1846.

Kidder, *History of Brazil;* New-York, 1845. — *Notices of Brazil;* New-York, 1846.

Crétineau-Joly, *Histoire des Jésuites;* Pariz, 1845. — *Clément XIV et les Jésuites;* Pariz, 1848.

Suzanet, *Souvenirs de voyages, Brésil, etc.;* Pariz, 1846.

Moke, *Histoire des peuples américains;* Bruxelles, 1847.

Edward, *Voyage of the river Amazon;* Londres, 1847.

Varnhagen, *Memorias diversas sobre a geographia e historia do Brazil;* publicadas pela Academia real de sciencias de Lisboa, e Instituto historico e geographico brazileiro de 1847 em diante.

Aubé, *Notice sur la province de Sainte-Catherine;* Pariz, 1847.

Pott, *Die quinare und vigesimale Zählmethode bey Völkern aller Welttheile;* Halle, 1847.

Parish, *Buenos-Ayres, etc.;* Londres, 1848.

Santarem, *Americo Vespucci;* Pariz, 1848. — *Relações diplomaticas de Portugal,* Pariz, de 1849 em diante.

Delessert, *Voyages dans les deux Océans;* Pariz, 1848.

Castelnau, *Voyage au Brésil;* Pariz, 1849.

Osculati, *Viaggio per il Napo al Pará;* Milão, 1849.

Canning, *Memoirs of the life;* Londres, 1849.

Varella, *Tratados y memorias;* Montevideu, 1849.

Lamas, *Tratados y documentos;* Montevideu, 1849.

Brossard, *Confédération argentine;* Pariz, 1849.

Milliet Saint-Adolphe, *Diccionario geographico, historico e descriptivo do Brazil;* Pariz, 1849.